

James Potter

E A MALDIÇÃO
DO GUARDIÃO



G. NORMAN LIPPERT

BASEADO NOS PERSONAGENS E UNIVERSOS DE J. K. ROWLING

JAMES POTTER

E A MADIÇÃO DO GUARDIÃO



George Norman Lippert

Baseado nos personagens e universos de J. K. Rowling

Tradução para português de



Composta por:
. mafia dos livros . - Brasil
Armada Tradutora - Brasil
LLL - Hispanoamérica e Espanha

James Potter e a Maldição do Guardião (a "Obra") é uma Fan Fiction da série Harry Potter e não foi criado pela autora original da história, J.K. Rowling, nem responde aos seus patrocinadores. Nos casos em que a marca registrada da série (os "Direitos do Autor") são usadas na Obra, tal uso é eventual e não contém propósitos de indicação de fonte. Estes tipos de marcas comerciais são e continuarão sendo propriedade da Sra. Rowling e seus agentes. Pela presente, o autor renuncia a qualquer interesse de ditos Direitos de Propriedade. A obra criada por G. Norman Lippert © 2008, traduzida pela equipe LLL Divisão Luso-Brasileira © 2009.

Um verão de mudanças trás James Sirius Potter de volta a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, com uma nova perspectiva. Confiante de que deixou para trás as aventuras do ano passado, James se prepara para os desafios mais prosaicos de sua carreira estudantil, fazer o teste para entrar no time de quadribol, e manter um olho em seu irmão Alvo e em a sua prima Rosa.

No entanto, o novo ano traz novas aventuras, começando com algumas questões de preocupação crescente a respeito do novo diretor, Merlino Ambrósio, cuja longa viagem fora do tempo pode ter atraído a atenção de uma horrível entidade conhecida lendariamente como “o Guardião”.

Determinado a provar a confiabilidade de Merlim, James encontra-se a imerso numa profunda teia de intriga, decepção e segredos que se alonga de volta no tempo, até a época dos fundadores.

Sob a ameaça do Guardião, que está preparando o seu profetizado médium humano para um reino definitivo de ruína, James, Rosa e Ralf forjam inesperadas alianças num último esforço desesperado para detê-lo antes que seja tarde demais.

Porém, no final, todas as esperanças levam a Merlim, e James deve enfrentar a possibilidade real de que tudo o que sabe sobre o novo diretor é, na verdade, uma fachada cuidadosamente erguida.

Prólogo



A chuva caía em grandes gotas, golpeando o chão com força suficiente para levantar uma suja e pesada neblina. Um homenzinho permanecia de pé num canto, sob a única luz que funcionava, e estudava a rua. Prédios abandonados se alinhavam de um lado, escuros e ameaçadores, como dinossauros mortos. O outro lado estava dominado por uma fábrica igualmente horripilante atrás de uma cerca de arame. No portão, os cartazes de advertência chiavam e tamborilavam com o vento. Havia um carro estacionado na rua, com pinta de estar ali tempo o suficiente para ter se convertido em parte do ecossistema local. O homenzinho moveu os seus pés, sua cabeça careca reluzia pela chuva. Olhou para trás, para as agitadas ruas que tinha acabado de chegar, e soltou um pigarro. Tirou a mão do bolso do casaco e sustentou-a em alto na luz. Quando abriu sua mão, nela tinha um pequeno e maltratado pedaço de pergaminho. Leu as palavras pela décima vez. Letras de tinta azul soletravam o nome da rua e nada mais. O homem sacudiu a cabeça, irritado.

Estava prestes a apertar o pergaminho no punho de novo quando as palavras desapareceram sob a chuva que caía. O homenzinho piscou, olhando fixamente o espaço em branco que as palavras tinham deixado. Lentamente, mais palavras escreveram-se no papel, como se escritas por um lápis invisível: um endereço.

O homenzinho franziu a testa para o pergaminho, e voltou a metê-lo em seu bolso. Olhando de soslaio, localizou um número sobre a porta do apartamento abandonado mais próximo. Suspirou e afastou-se do brilho amarelado da luz, caminhando pela valeta sem importar-se que estivesse inundada. Como saberia a maior parte das pessoas que soubessem como olhar, o homenzinho não era um completamente um homem. Era um duende. Seu nome era Forge e odiava aventurar-se no mundo dos seres humanos. Não é que ninguém nunca tivesse percebido nada diferente em seu tamanho ou em sua estranha face. Ele usava botas com saltos de quatro polegadas e um feitiço *Visum-ineptio* que fazia com que as pessoas lhe vissem como um amável velhinho com uma forte inclinação das costas. Simplesmente ele não gostava dos humanos. Eram sujos, inúteis, e desorganizados. Forge gostava que o seu mundo fosse igual ao seu trabalho: limpo, organizado, e constantemente livre de passos desnecessários. Não é que Forge chegasse a ponto de desejar o desaparecimento da humanidade; simplesmente alegrava-se de que tivessem seu próprio mundo especial em que viver, e que raramente ele tivesse que vir aqui, como uma espécie de jardim zoológico.

Quase tinha decidido não ir esta noite. Algo não encaixava neste encontro. Considerando as habilidades únicas de Forge, não era incomum não conhecer o nome de um cliente, mas estava acostumado a um certo decoro, não só a uma nota e um número. Forge sabia o que significava o número, no entanto. Era o pagamento oferecido por seus serviços, e também muito surpreendente. O suficiente para que Forge deixasse seu trabalho, e procurasse o misterioso endereço nesta vasta extensão do decrepito e antiestético mundo humano, apesar da sua apreensão. Afinal, Forge *era* um duende.

Ele deixou de andar e estudou o número do apartamento que estava em sua frente. Olhou fixamente ao outro lado da rua, franzindo a testa. O portão da fábrica terminava repentinamente antes de chegar ao próximo bloco. Em seu lugar tinha um terreno vazio, bloqueado por ervas daninhas, lixo empurrado pelo vento e garrafas quebradas. Um caminho abandonado encontrava-se inclinado no canto, enterrado entre lama e altas ervas. O cartaz de madeira que tinha no centro do chão estava meio caído. *Futuro Lar de Condomínios e Complexos Recreativos Quimera*, lia-se em letras desbotadas. Forge tirou novamente a mão do bolso e abriu-a. O endereço tinha desaparecido do pergaminho. Uma nova palavra tinha aparecido.

Vire-se.

Deixou cair a mão ao lado do corpo. Olhou o terreno vazio, mordendo os lábios. Estavam advertindo-o que voltasse por onde tinha vindo? Parte dele assim o esperava, mas ele duvidava. Lentamente, virou no ponto onde estava, em pé no meio da rua

deserta, levantando seus olhos para a escura massa do edifício. Uma janela quebrada devolveu-lhe o olhar, como o olho de uma caveira. O vento soprava, levantando as cortinas da janela quebrada, fazendo-as esvoaçar. Forge suspirou e baixou novamente o olhar para o pergaminho.

Caminhe. Para trás.

- Bom - resmungou Forge para si mesmo, - quem tá na chuva é pra se molhar.

Ele começou a andar para trás, alçando as botas cuidadosamente para evitar tropeçar no meio-fio ou nas pilhas de lixo putrefato. Cuidadosamente subiu a calçada e continuou, Tateando a procura de um leito de ervas daninhas no solo do terreno vazio. A calçada parecia mais ampla do que ele tinha esperado. A cada passo que dava para trás encontrava uma sólida e lisa pedra. Forge olhou para baixo. Tinha azulejos de pedra cuidadosamente colocados sob suas botas em vez do áspero concreto da calçada. Levantou os olhos de novo e tomou uma respiração ofegante. Duas formas monstruosas olhavam para ele. Eram gárgulas, cada uma pousada no topo de um pilar de pedra. A chuva golpeava e escorria por seus horríveis rostos. Entre os pilares tinha uma alta grade de ferro forjado. Enquanto Forge observava, esta se fechou com um vibrante e ressonante rangido, trancando-o dentro. Virou-se instantaneamente, com o coração palpitante, e viu que o ferro forjado formava uma cerca ao redor do terreno. Era de seis pés de altura e terminava em bicos ameaçadores. O terreno vazio já não estava cheio de lixo. Tinha um gramado, cuidadosamente aparado, cada folha de erva misteriosamente afiada e exatamente da mesma longitude que suas companheiras. A chuva formava gotas sobre a erva como cristal. Onde antes tinha estado o caminhão abandonado tinha agora uma longa carruagem negra, imaculadamente brilhante e coberta por um estilo gótico. Não haviam juntas para cavalos na carruagem. Forge estremeceu, e depois levantou o olhar para o centro do terreno.

Em vez do cartaz inclinado tinha uma casa. Não era enorme, mas sim estranha e inusitadamente alta. Suas janelas e básculas pareciam ter vinte pés de altura e o teto que a cobria e quase parecia se projetar para fora, como um abutre à espreita. Alguns pilares molduravam a porta principal, que estava pintada de preto e tinha uma enorme aldrava no centro. Forge engoliu saliva, arrastou-se adiante, e aproximou-se à porta. Quando subiu os degraus, Forge não se surpreendeu em ver que a aldrava de latão da porta tinha sido esculpida para se assemelhar a uma serpente enrolada com reluzentes olhos cor esmeralda. Não se surpreendeu ao vê-la voltar à vida ao se aproximar. A cabeça separou-se de seu corpo enrolado de latão e mostrou uma língua dourada.

- Leva o pergaminho - sibilou a serpente.

- Pode apostar. Abra a porta antes que eu pegue alguma doença por estar debaixo desta chuva.

- Mosssstre-nossss.

Forge levantou o olhar para a cabeça da serpente. Esta se balançou ligeiramente, açoitando o ar com a sua língua. Forge tinha crescido com um pai ferreiro e sabia como se faziam os ornamentos encantados. Ainda assim, havia algo na ondeante cabeça de latão e o sibilar da língua dourada que lhe preocupava. Enfiou a mão no bolso do seu casaco e retirou o pergaminho.

- Aqui está. Vê? - disse, tentando esconder o temor em sua voz. - Agora abra a porta.

A serpente esticou-se para o pergaminho que estava na mão de Forge. Alçou-se, e depois cuspiu uma rajada de chamas verdes. Forge afastou a mão com um puxão, gritando enquanto a chama consumia o pergaminho no meio do ar. Os olhos da serpente brilharam ainda mais e se desenrolou ainda mais da porta, se inclinando para o rosto de Forge. Forge não tinha pensado que fosse possível, mas a escultura parecia lhe sorrir.

- Prossssssiga - disse esta. A porta se destrancou e abriu-se pesadamente.

Forge entrou lentamente, olhando ao redor. Encontrava-se num longo vestíbulo, coberto por um rico e bastante desgastado tapete vermelho. Tinha grossas portas de ambos os lados, laqueadas até ficar convertidas em brilhantes espelhos negros. Todas estavam fechadas exceto a do final. Chegavam vozes por trás dela, ressoando tanto que Forge não podia entender direito. Já estava abrindo a boca para se anunciar quando a porta de repente se fechou inesperadamente atrás dele, sobressaltando-lhe. Olhou para trás, com os olhos muito abertos e, em seguida, escutou de novo. As vozes ainda estavam falando. Os mestres da casa deviam ter ouvido o golpe da porta, portanto deviam saber que ele tinha chegado. A água gotejou firmemente pela barra do casaco de Forge enquanto ele avançava silenciosamente pelo vestíbulo, para a porta aberta e as vozes.

Além da porta tinha outra habitação escura. Havia um banco a um lado e um grande espelho de caixilho ornado no outro. Outra porta aberta mostrava parte de uma terceira habitação. Forge pensou que parecia uma biblioteca. A luz do fogo tremeluzia sobre as paredes e as sombras moviam-se. As vozes tinham-se tornado mais perceptíveis.

- Está muito escuro - disse a voz áspera de uma mulher. - Estamos muito longe, meu senhor. É impossível ter certeza.

- Será melhor que não diga isso - replicou a voz de um homem - "Impossível" é uma palavra tão... *definitiva*. Talvez não se importe em enfatizar um pouco mais, senhora.

- Sim - disse rapidamente a mulher. - Um erro, meu senhor. Deixe-me olhar de novo.

Houve um movimento, como se alguém estivesse mexendo numa cadeira grande, e uma voz de homem diferente falou impacientemente.

- Só diga-nos o que você vê, mulher. Nós decidiremos o que é.

A mulher gemeu, não se sabia se de medo ou concentração.

- Há três figuras... pequenas. São... não, não são pequenas. Eles são jovens. Um deles é mais alto, outro tem o cabelo avermelhado. Estão... há uma comoção. Luta.

Forge escutava, sem saber se realmente devia o fazer. Examinou a antecâmara, mais escura que a biblioteca e viu um cabide para casacos junto à seguinte porta. Ele retirou o casaco e pendurou-o ali. A água gotejava dele até o piso de madeira. Aparentemente, teria que esperar até que a atual entrevista em andamento tivesse terminado. Aproximou-se do banco, mas não se sentou nele. No espelho, em frente ao assento, Forge podia ver um reflexo da biblioteca para além da porta. Três grandes cadeiras estavam frente ao fogo. Forge só podia ver seus espaldares.

- Há outra figura. - A voz da mulher soava rouca. - Magra e alta. Um espectro, se posso confiar em meus poderes psíquicos. Os garotos estão lutando com ela. Vejo... vejo uma nuvem de brasas descendo. Receio que estou perdendo a visão...

- Deixe-me olhar - pediu uma voz impaciente.

- Calma, Gregório. A Adivinhação não é seu ponto forte - disse sedosamente a primeira voz. - Deixe que a mulher exercite os seus talentos.

No espelho, Forge viu uma mão movendo-se sobre o braço de uma das cadeiras. Era muito branca e levava um grande anel preto. A sombra da mulher moveu-se sobre a parede da biblioteca. Forge reconheceu a postura encurvada e o chapéu de uma velha. Ela estava inclinada sobre sua bola de cristal.

- Não - ofegou a velha, agora perdida na sua tarefa. - Esta não é o nevoeiro da distância nem nenhuma maldição de confusão. Isto é outra coisa. Algo está descendo sobre o lugar. Algo que está... tomando forma.

Fez-se um tenso silêncio. Forge sentiu-o, e soube que os dois homens estavam escutando muito atenciosamente.

- A luta terminou... - disse a velha com uma voz melodiosa, já completamente imersa na sua adivinhação. - Há um fantasma agora também... está ajudando a espectro... ou talvez seja justamente o oposto. Há muito conflito no Vácuo. Mas o nevoeiro desceu. Está tomando forma... a forma de um... um...

De repente a velha ofegou. Forge viu como a sua sombra recuava cambaleante, apertando as mãos sobre a cabeça. Houve um estrondo e o choque de uma coisa caindo.

- Continue olhando! - gritou a voz impaciente de Gregório. - Olha e conte-me, ou ajude-me...!

- Já chega! - disse a voz do outro homem, quase brincalhona. Tinha um sorriso nela. - Gregório, deixe à pobre mulher em paz. Ela viu, obviamente, algo que a deixou muito transtornada.

A velha estava ofegando, e então, estranha e horrivelmente, falou outra voz. Era muito fina, alta, fria, mas absurda. Forge não pôde ouvir as palavras exatas, mas parecia feliz, de alguma forma. Os poucos cabelos que ficavam na nuca de Forge se arrepiaram.

- O que você viu? - exigiu Gregório, ignorando a voz fina e rabugenta. - O que era?

- Não constranjamos à pobre mulher - disse a primeira voz. - Cumpriu a sua tarefa muito bem.

- Nos ocuparemos de que você receba o pagamento conforme o combinado. Obrigado, senhora.

- Havia um homem - ofegava a velha, com voz trêmula. - Mas então...

- Sim, obrigado - disse a voz do homem tranquilizadamente. - Acho que já ouvimos o suficiente. Gregório, talvez você seja tão amável de mostrar a nossa convidada...

- Horrível - caiu de joelhos, e depois chorou com veemência. Forge observava a sombra afundada da velha, e então outra sombra, a de um homem gordo, adiantou-se, proporcionando-lhe apoio.

- Sim - afirmou a primeira voz, descartando-a. - Era horrível, aquele homem. Obrigado.

- Não! - gritou a bruxa. Forge viu sua sombra avançar, apartar-se da sombra de Gregório. - Não o homem! Ele já era bastante horrível, mas então...

Houve uma pausa na que pareceu que a velha se derrubaria de novo. A mão branca no braço da cadeira alçou-se ligeiramente. O anel preto brilhou intermitentemente à luz do fogo.

- E então?

A velha se estremeceu.

- Algo mais. Algo... *chegou através...* era...

Ela não parecia capaz de continuar. A mão branca no braço da cadeira permaneceu imóvel, fixa num gesto que quase parecia uma bênção. A luz do fogo estalava e tremeluzia. A horrível voz do além zumbiu e gaguejou quedamente para si mesma.

- Fumaça - disse a velha finalmente. A voz tinha-se alçado, quase num falsete. Parecia uma menina. - Fogo negro. Cinzas e... e... olhos... e nada. Uma nada viva.

Houve uma pausa, e então a mão branca fechou-se num punho relaxado.

- Bom - disse a voz do primeiro homem casualmente, - isso muda um pouco as coisas. Talvez você devesse receber seu pagamento, aqui e agora, senhora. Esta noite. Lemuel, por favor, escolte a nossa convidada a... hum... algum outro lugar, não? Você encontrará um lugar apropriado para pagar-lhe, tenho certeza disso.

As sombras moveram-se. Uma figura, até agora invisível, se alçou e conduziu à velha para longe do fogo. Forge sentiu um pânico repentino pensando que entrariam na

antecâmara e lhe descobririam, e então lembrou que se supunha que ele devia estar ali. Eles estavam lhe esperando. Perguntou-se de pressa se não era muito tarde para voltar atrás.

Com ou sem dinheiro, este parecia um mau grupo com o que estar envolvido. Para alívio de Forge, Lemuel conduziu à velha através de outra porta na parte de atrás da biblioteca. Lemuel movia-se como um servo bem treinado, ainda que muito mais velho do que Forge tinha esperado. A velha parecia abobalhada enquanto caminhava, seus olhos cinzentos sem expressão. Nenhum dos dois nem ao menos repararam em Forge.

- Então já é hora - disse Gregório enquanto a porta de atrás da biblioteca se fechava. - Merlino voltou. Seu plano foi concluído.

- O plano está longe de ter-se completado, mas sim, até agora tudo tem procedido como eu esperava. Delacroix será eliminada. O menino Potter terá ficado mortificado ao saber que foi uma ferramenta para alcançar os nossos objetivos. E Merlino Ambrósio está solto pelo mundo de novo. Mas, Gregório, você deveria ter o cuidado em chamá-lo *meu* plano. Você sabe quem planejou tudo isto. Não aceitarei o crédito pelo trabalho do Lorde das Trevas.

Gregório ignorou a repreensão.

- Como podemos ter certeza de que Merlim será um dos nossos?

- Nós não podemos. A lealdade de Merlim nunca pertenceu a ninguém exceto a ele próprio. Por isso, o Lorde das Trevas nunca esteve interessado em semelhante aliança enquanto ele viveu. O próprio Merlim nunca foi o prêmio de conquista, como você já sabe.

Forge ouviu Gregório remover-se de novo em seu assento.

- Nem todo mundo acredita nessas histórias - disse calmamente.

- Só os tolos duvidam da existência do *Outro Mundo*. Mesmo os trouxas acreditam no céu e o inferno. Tudo o que nos deve importar é que o Lorde das Trevas acreditava nisso. Se ele não tivesse caído, jamais teríamos recorrido a isso. Mas mesmo ele viu o valor de ter um seguro à prova de falhas.

- Sim - replicou Gregório. - À prova de falhas. A linhagem.

- Não - disse a primeira voz silenciosamente. - A linhagem ainda não é perfeita. Não sabe quem é. Seu poder não foi descoberto, está dividido e escurecido. A linhagem ainda não foi aguçada pela manopla da morte, como o Lorde das Trevas, o seu criador. Deve ser... refinado.

- E isso será trabalho daquele proveniente do Outro Mundo?

- Entre outras coisas.

Gregório suspirou teatralmente.

- Mesmo assim, a fé é fraca. Muitos estão em Azkaban. Muitos mais ainda, mortos. O cão, Fletcher, está sob custódia do Ministério. A Azaração Trava-Língua

mantém em silêncio, e sua identidade ainda não foi descoberta, mas se nossa conspiração desmoronar, fará as conexões. Potter lhe reconhecerá de seus dias na Ordem. Encontrarão uma forma de se comunicar com ele. Sacarhina e Recreant serão os primeiros incriminados, mas você vai ser o próximo. Afinal, você estava ali com eles na caverna do Trono. Você mesmo executou a maldição. Fletcher trairá você.

- Fletcher não tem nada que o Ministério possa usar contra nós - tranqüilizou a voz sedosa. - Como todos os governos débis, estão muito apaixonados com seus ideais de justiça para serem efetivos contra um inimigo verdadeiramente astuto. Potter nos vigiará, quando e onde possa, mas isso é tudo. Deixe-lhe. Ele acredita que a batalha acabou. Viu o Lorde das Trevas sucumbir sob a sua própria mão astuta. E você fica surpreso, amigo? Talvez fosse o melhor. Afinal, a semente deve morrer para que a flor floresça. Talvez o melhor fosse que nosso Lorde sucumbisse ante o covarde Harry Potter. Ele e seus aliados têm se esbaldado durante anos numa falsa sensação de segurança. Eles acham que nós, como eles, somos uns covardes, que nós não vamos levantar com a vingança em nossos corações, mais fortes do que nunca. E não esqueçamos a lenda, Gregório. Pode ser que de fato, sejamos instrumentos na mão de nosso mais glorioso antepassado. Pode que nossa missão seja fechar o círculo de uma antiga vingança, um círculo que começou quase mil anos atrás. Meu amigo, ousou sugerir que o plano que foi posto em funcionamento depois da morte do Lorde das Trevas pode ser ainda maior do que inicialmente foi sua intenção. Dado o que nós descobrimos, estou certo de que ele concordaria comigo.

A sombra de Gregório inclinou-se para frente.

- Você *tem* certeza, meu amigo?

- Chama-o de um palpite, com algum fundamento. Afinal, eu estava entre seus mais próximos e leais servos. Você sabe tanto quanto eu as... dificuldades que temos enfrentado. Até agora.

Houve um tilintar quando Gregório estendeu a mão a procura de seu copo de vinho.

- Talvez você não devesse dizer mais na frente de nosso convidado.

- Hã, sim - replicou a voz sedosa. - Que terrivelmente grosseiro de minha parte falar como se ele não estivesse aqui. Senhor Forge, junte-se a nós, sim?

Forge pulou. Ele tinha estado tão imerso na conversa que se tinha esquecido que lhe estavam esperando. Atravessou a habitação entrando na biblioteca. A luz do fogo iluminou as bordas das cadeiras de couro.

- Sim, obrigado, senhor Forge - disse frivolumente a voz sedosa. A mão branca fez-lhe sinais. Enquanto fazia-o, duas das três cadeiras começaram a girar. Giraram silenciosamente, como se estivessem montadas sobre eixos, e Forge viu que na realidade flutuavam ligeiramente distantes do solo. - Diga-me, meu bom amigo duende, você ouviu falar alguma vez do *Transitus Nihilo*?

- Não, senhor - disse Forge instantaneamente, se sentindo aliviado de que sua voz não traísse seu nervosismo. - Eu sou apenas um simples duende comerciante. Não sei muito dessas coisas. De fato, estou disposto a apostar a que esquecerei cada palavra do que se disse aqui quando eu estiver a cinquenta passos desta casa. As cadeiras deixaram de girar e Forge viu aos homens sentados nelas. O da esquerda tinha um longo cabelo loiro, quase branco, enquadrando um rosto charmoso, muito maltratado pela idade. Sorria pacificamente, como convidando Forge a compartilhar uma piada. O da direita, Gregório, era mais gordo e de bochechas rosadas, com uma expressão de extrema indulgência que desmentia o lazer de uma confortável e ociosa vida de sangue-puro.

- Não tema, meu amigo - disse o homem pálido. - Precisamos de seus serviços muito mais do que seu sangue. Permita-me ilustrar-lhe. O *Transitus Nihilo* é um lugar de cruzamento. O Vácuo entre nosso mundo e o seguinte. Diga-me, você acredita na outra vida, não é?

- Acreditarei no que você me pedir para acreditar se isso fizer que eu saia por sua porta em menos de duas peças, meu senhor.

O homem riu.

- Isto é o que eu amo nos duendes, Gregório. Eles são honestos como ninguém. - Virou-se outra vez para Forge. - Eu te darei algo mais no que pensar, meu novo amigo. Nossos antigos antepassados acreditavam que tinha mais em nosso mundo do que podemos ver e sentir com os nossos sentidos. Eles acreditavam que existiam entidades invisíveis, seres maiores do que nós, mais poderosos, imortais e desumanos. Existiam não só no além, como no vazio que há no meio. Eles tinham palavras para descrevê-los. Não te importunarei com os nomes, mas havia centenas deles. E houve lá um ser em particular que atraiu o interesse dos homens mais ambiciosos. Algumas vezes lhe chamavam o Guardiã, ou o Ser de Fumaça e Cinzas. Não entrava em nosso mundo, pelo que sabemos. Ele habitava no Vácuo; que é o mundo exatamente oposto ao nosso, por tanto, nem suspeita de nossa existência, nem da existência de qualquer outra coisa. Ele está atado por sua própria ignorância sobre nós. E isto, pensará você, é boa coisa, não é, senhor Forge?

O duende removeu-se, olhando fixamente para os brilhantes olhos do homem. Ele acenou.

- Sim, claro que sim. Porque uma criatura com uma desumanidade tão pouco adulterada, um poder tão irreflexivo, se descesse sobre nós, não seria nada menos do que o Destruidor, certo? Portanto, é boa coisa que ele esteja lá fora... e nós estejamos aqui. Os pequeninos vão dormir cada noite entendendo a verdade por trás desta afirmação: há coisas más espreitando pelo mundo, sim, mas não são as *piores*. Essa não nos conhece. E mesmo assim... - O homem afastou o olhar um momento, semifechando os olhos. - E se algo lhe *fizesse* ser consciente de nós? Afinal, nos movemos entrando e saindo todo o momento por esse lugar de cruzamento, certo? Quando morremos,

passamos através dele. Quando efetuamos algum tipo de magia, quando desaparecemos, não nos deslizamos também pelo Vácuo? Felizmente, o Guardião mora fora do tempo, assim que não percebe nossa pequena existência presa à passagem do tempo. Mas e se forçássemos um pouco as regras? E se um de nós, um particularmente poderoso, saísse do tempo e entrasse no Vácuo? E se um de nós permanecesse ali o suficiente como para que o Guardião *se concentrasse* nele?

O duende não tinha estado prestando muita atenção, porque estava mais preocupado em fazer o que fosse que tinha que se fazer e sair vivo da casa, mas de repente lembrou as palavras da velha: *Fogo preto. Cinzas... olhos... e nada. Uma nada viva.*

- O que você fez? - perguntou Forge sossegadamente.

- Eu? - replicou o homem pálido, alçando as sobrancelhas. - Nada. Só estou passando o momento. O Gregório aqui presente tende a acreditar em histórias fantásticas como esta. Divertem-lhe.

Gregório grunhiu e revirou os olhos. A horrível e choramingante voz chegou novamente. Parecia provir da cadeira que ainda estava em frente ao fogo. Forge sentiu a pele do couro cabeludo arrepiar-se. A voz parecia convidar à loucura. Dava-lhe arrepios.

- Mas vamos ao que interessa - continuou o homem pálido. - Senhor Forge, requeremos os seus serviços. Entendemos que é você algo como um perito em, hum, *restauração*. Estamos certos?

Forge agitou-se.

- Eu sou apenas um simples duende comerciante, senhor...

- É um *falsificador* - disse de repente o homem pálido, com voz tão fria como um pedaço de gelo. - Diga-me que sim. Odiaria pensar que eu lhe trouxe aqui, mas em vão.

- Si... sim, senhor - respondeu Forge rapidamente, tentando não tremer.

- Excelente - replicou jovialmente o homem pálido, reclinando-se confortavelmente para trás em sua cadeira. - E eu entendo que essa habilidade sua se estende à restauração de retratos. Seria isso também correto? Não minta para mim, senhor Forge. Eu o saberia.

Forge engoliu em seco e olhou de relance a Gregório. O homem parecia não estar prestando atenção. Olhava ociosamente ao vinho de seu copo enquanto removia-o.

- Eu... sim - disse Forge. - Isso demora mais tempo, no entanto. Não é uma simples questão de substituir a pintura. Deve-se determinar as poções corretas para cada cor... os pedaços menos importantes têm de ser rascados e reutilizados para conseguir os componentes adequados... é muito delicado, mas tenho conseguido um verdadeiro nível de sucesso.

- Muito fascinante - disse o homem pálido, seus olhos azuis perfuravam ao duende.

Ele está louco, pensou Forge. Completamente louco varrido. Pergunto-me se o outro sabe. Pergunto-me se ambos estão loucos, mas de maneiras diferentes.

O homem pálido pôs-se em pé.

- Temos um trabalho para você, senhor Forge. Será muito difícil, temo isso, mas suspeito que um duende com suas óbvias habilidades considerará um desafio à sua altura. É uma relíquia familiar de valor incalculável, como você verá. Durante muito tempo acreditei estar perdida. Estranho, como as coisas tendem a aparecer quando mais se precisa delas. Foi horivelmente estragada por, hum, vândalos. Mas se há algo que você creia que possa fazer para ajudar seremos eternamente... agradecidos.

A voz fina gaguejava de novo quando o homem pálido começou a girar a cadeira do meio. De repente, Forge desejou não ver em absoluto o que havia nela. Desejou fugir, ou pelo menos afastar o olhar. Ele sabia que se o fizesse, provavelmente lhe matariam. Observou e escutou, e quando a cadeira se girou por fim, a voz finalmente se tornou inteligível.

- *Mostrem-meee para eeeee!* - ofegou com sua feia, pequena e quebrada voz. - *Mostrem-meee!* - E começou a rir com o riso alto, aguda e rompido de um homem conscientemente louco, com um riso fragmentado e distorcido. O retrato não era grande. Estava quase totalmente destruído. Só ficavam uns poucos pedacinhos e farrapos: a comissura da boca, dois dedos de uma magra e pálida mão, um olho reluzente e vermelho. Tinha sido rasgado. O reverso da moldura mostrava dezenas de facadas profundas e fisgadas.

- *Façam que meee repareeee!* - chorou o retrato com sua fina voz de inseto. - *Faça-o, Lúciooo! Faça que meee repareeee...!*

- Será um prazer para ele, meu senhor - sorriu o homem pálido, levantando o olhar para Forge, com os olhos úmidos e resplandecentes.

- Mi... Milorde? - disse Gregório, como surpreendido ao ouvir ao dizimado retrato falar tão claramente. - Ainda está aqui! Mas pensávamos...!

- *Isso nãooo imporrtaa!* - chorou o retrato de Voldemort. - *O Guardião esssstá chegando! O legado de nosso antepassado está ao alcance da nossa mão! Viiiiiingança!*

Gregório parecia desesperadamente perdido ante este súbito giro dos acontecimentos.

- Mas... mas como lhe encontraremos, meu senhor?

- *Nãooo o fareemos...* - sibilou o retrato. O som de sua voz rompida agitou um farrapo da tela do quadro.

Forge temia a visão desta horrível coisa, temia o que iam lhe pedir que fizesse. Mas aquilo que mais temia era o que essa coisa ia dizer a seguir.

A pintura suspirou profundamente e disse, numa exalação:

- *Ele vai nossss encontrar...*

- CAPÍTULO 1 -

Fins e Começos



- **V**amos, James! - gritou Alvo, saltando impientemente. - Deixe-me tentar. Ninguém vai contar!

- Você sabe que não posso, seu explosivim - replicou James calmamente, passando uma perna sobre sua Thunderstreak. - Você é menor. Você terá que aprender na escola, como todo mundo. - Deu uma pontapé, inclinando-se para frente para que a vassoura se lançasse sobre a grama.

- Só porque você quer que eu fique como um idiota sobre uma vassoura como você no *seu* primeiro ano! - berrou Alvo, correndo atrás de seu irmão. - Não vai funcionar! Vou ser brilhante! Eu te darei cem voltas, você vai ver!

James sorriu enquanto o vento açoitava-lhe o cabelo. Atirou para cima e virou, girando de volta para Alvo. Alvo parou, e agachou-se quando James passou voando, alvoroçando o cabelo de seu irmão menor.

James abraçou sua vassoura e ascendeu formando um redemoinho até atingir a abóbada azul do céu. Abaixo, a Toca girava preguiçosamente, lançando a sua sombra sobre o jardim e os campos próximos. James inspirou profunda e rapidamente, e depois baixou sua vassoura, conduzindo-a a uma súbita e bem praticada freiada. Ele sabia que não devia gabar-se na frente de seu irmão, mas estava bastante orgulhoso de suas crescentes habilidades. Seu pai tinha estado praticando com ele durante o verão, e James tinha chegado a sentir-se cautelosamente confiante em que após tudo entraria no time de sua Casa neste ano.

- Então, Potter - gritou Ted, colocando-se junto a James sobre sua velha, mas bem conservada, Nimbus 2000. - Um três contra três é muito difícil, mesmo com jogadores experientes. Você terá que jogar de batedor e apanhador. Mantenha um olho sobre Angelina. Ela te fará achar que é delicada como uma flor até que te bate contra uma árvore. George joga de batedor e goleiro também, assim que estará bastante ocupado, mas seu balaço de longo alcance te encontrará se você não ficar atento. Mas à que você tem que manter vigiada é a...

Algo vermelho e verde passou rugindo entre Ted e James, fazendo com que caissem em direções opostas. James aferrou sua vassoura e se virou, esticando o pescoço para olhar. Gina girou até deter-se e sobrevoou gentilmente sobre ele, sorrindo, com as bochechas coradas e o cabelo colocado para trás como um rabo de cavalo. Usava posta seu túnica das Harpias de Holyhead.

- O que você acha, James? Ainda me serve!

James ouviu um apito apreciativo atrás dele. Olhou e viu a seu pai sorrindo a Gina, puxando sua vassoura para colocar-se em posição a três metros de distância.

- Papai! Mamãe! - explodiu James, contendo um sorriso. Parem! Você estão me envergonhando!

Gina soprou uma mecha de cabelo voando da frente de seu rosto.

- Vigia suas costas, meu amor. Posso ser sua mãe, mas isso não significa que não te derrube para conseguir o pomo. - Sorriu-lhe, e depois virou sua vassoura e saiu chispando para o lado oposto do campo.

- Não fala sério - disse James, virando para Ted.

- Será melhor que não - respondeu Ted, observando a Gina empreender o vôo. - Joguei contra ela antes, e tendo a pensar que sua única esperança é que não golpee por trás da cabeça com um balaço o seu próprio filho.

- Você é uma grande ajuda - disse James, mas Ted já estava voltando para se colocar em formação.

- Derrube James da vassoura, mamãe! - gritou Alvo abaixo. James olhou e viu-lhe de pé na beira do jardim. Perto, Lílian, Rosa e Hugo estavam num enorme cobertor xadrezinho de lã, sorrindo e piscando os olhos para cima contra a luz do sol. Os gêmeos de Carlinhos, Haroldo e Júlio, estavam sentados sobre o velho carvalho nodoso que se alçava junto ao celeiro.

Rosa deu uma cotovelada a Lílian.

- Para eles, tia Gina! Derrube-o! Você sempre pode ter outro filho! Um com melhores modos e pés menos fedorentos!

- Eu te ouvi! - gritou James para baixo.

- Assim espero - disse Rosa melindrosamente, pondo as mãos no quadril e sorrindo coquetemente. Lílian soltou uma risadinha.

- Já chega, Rosa - a admoestou tia Hermione de uma espreguiçadeira ao lado do jardim.

- Jogaria em sua time, Harry, se pudesse - gritou Rony da espreguiçadeira que tinha junto à ela. - Mas, três a três, é a tradição. Talvez alguém se machuque o suficiente para deixar de jogar e poderei lhe substituir, hein?

Hermione fez uma careta e franziu-lhe a testa.

- O quê? Um cara pode ter esperanças, né? - protestou Rony. Voltando a olhar para Harry. - Parece que teremos que rever toda a regra no ano que vem!

Harry acenou.

- Nenhum de nós brincava quando dizíamos que queríamos ter filhos suficientes para formar um time de quadribol, hein? - gritou em resposta. Carlinhos estava de pé no centro do jardim, sob os jogadores. Ele tinha um pé sobre o velho e maltratado baú de quadribol da família. Sustentava uma goles, amarelada pela idade e as manchas de erva, na sua mão direita.

- O Jogo Anual de Quadribol da Família Weasley está prestes a começar! - rugiu, sorrindo. - Quero ver um jogo a sério. Quero ver bastantes travesuras, montões de armadilhas, e uma boa parte de jogo sujo. Qualquer jogador que não esteja sangrando no final do jogo será declarado inadequado para seguir sendo um Weasley e terá que se conformar com ser um Potter. Entendido?

- Atira a goles ou sobe à vassoura, sardento! - gritou Harry, provocando uma rodada de risos e miados. Carlinhos mostrou um sorriso torto.

- Bola ao ar! - gritou, lançando a goles e levantando o pé do baú de quadribol. A tampa abriu-se inesperadamente e as bolas remontaram o vôo.

James engoliu saliva, apertou sua vassoura, e correu para a briga.

Tecnicamente, este não era o primeiro jogo de quadribol de James. Ele tinha jogado vários jogos durante todo o verão com quem quer que estivesse ao redor. Concedido, a maior parte deles tinham sido um dois a dois, algumas vezes utilizando jogadores fantasmas, que Ted tinha proporcionado de uma pequena caixa que tinha comprado na loja do Jorge. Aparentemente, era um produto em fase de testes das Gemialidades Weasley. Quando a pequena caixa de madeira se abria, liberava quatro bichos-papões, todos os quais tinham sido especialmente amaldiçoados para tomar as formas de famosos jogadores de quadribol mortos. Pareciam extremamente convincentes, ainda que fossem um pouco transparentes.

O problema era que os bichos-papões não tinham a menor idéia de como jogar o quadribol, conseqüentemente, apesar de sua impressionante aparência, tendiam a flutuar apenas aleatoriamente sobre o campo, com os braços no ar, emitindo sons fantasmagóricos. Além disso, os balaços voavam através deles.

- Mesmo assim - tinha concluído George - acrescentam algum efeito a um jogo sem o número correto de jogadores, né?

Porém, nenhum dos jogos nos que James tinha participado esse verão se comparava a este. Não só pela tendência dos Weasleys a serem ferozmente competitivos, mas porque todos os jogadores se conheciam preocupantemente bem uns aos outros. Isto algumas vezes era uma vantagem, como quando Jorge se agachava de um balaço e lançava a goles sobre sua cabeça, sabendo que Angelina estaria diretamente sob ele para dar-lhe tacadas para a meta. Também era às vezes uma inconveniente desvantagem, como quando Gina predizia a manobra favorita de Ted e arrancava-lhe a goles do braço ao mesmo tempo em que ele se lançava para fazer. Apesar do fervor do jogo, tinha bastante risadas e bom ânimo de ambos os lados. James sabia que provavelmente ele teria muito pouca influência sobre o resultado do jogo. Estava principalmente preocupado por permanecer sobre sua vassoura e não deixar que sua própria mãe lhe fizesse ficar como um completo idiota na frente de Rosa e o resto. Para sua grande satisfação, porém, deu um jeito de proporcionar uns poucos golpes de sorte ao sua time, enviando o velho balaço enlouquecidamente no meio da briga e inclusive desviando alguns ocasionalmente do seu curso. Um deles quicou na cauda da vassoura

de Jorge, lhe fazendo girar momentâneamente e loucamente. Quando se recuperou, lançou uma olhada a James e lhe dirigiu um enorme e dentuço sorriso.

- Olhem para o James! - gritou aos outros jogadores. Dando um toque de alerta à velha guarda! A próxima será na minha cabeça, né, James? Bom lançamento! - E voltou a mergulhar no tumulto.

Rony não podia evitar saltar acima e abaixo pela borda do campo, gritando instruções e advertências através das mãos sobre a boca.

- Formação dragão! - berrava furiosamente. - Formação dragão, Jorge à asa delta! A esquerda de Harry está fraca desde esse golpe com Angelina! Vocês não têm defesa contra isso! Gina, você está derivando à direita! Arranja seu rabo! Seu rabo! Oh, desça aqui e me dê sua vassoura!

Justo ao seu lado, Alvo igualava-lhe grito por grito, algumas vezes, empurrando a seu tio a um lado com as duas mãos.

- Planejem uma manobra *waterloo* papai! Suba e corte pelo centro! Teddy! Mamãe parou para arranjar a cauda da sua vassoura! Ela está exposta! Esqueça que é uma garota e manda-a um balaço de volta à Idade da Pedra! Hermione tinha-se ido para à manta para se sentar com Fleur. As duas ignoravam descaradamente o jogo, perdidas em sua própria animada conversa. E então, justo quando o sol começava a tingir-se de vermelho, James captou um lampejo dourado tremeluzindo perto do quinto andar da casa. Ele olhou ao redor, abrindo a boca para gritar ao apanhador, e então lembrou que ele jogava de apanhador. Seu coração começou a martelar e lançou-se para frente, tocando com o queixo o cabo da sua vassoura. Saiu disparado, esquivando de Angelina e de um balaço que girava loucamente. As paredes caindo aos pedaços da casa balançavam-se a frente, suas janelas refletiam adagas de vermelha luz solar, meio que cegando-lhe. Alí estava outra vez, o lampejo dourado, atravessando um grupo de ramos de bétula na quina. James inclinou-se, e a Thunderstreak respondeu com um controle perfeito, inclinando-se para baixo e à direita, dirigindo-se para o pomo. James esticou-se para frente, quase pendurando do extremo de sua vassoura, e tentou atingir a desgastada bola dourada.

De repente o pomo oscilou para cima, apenas fora do alcance de James. Ele correu atrás dela, praguejando ruidosamente, e depois teve que agachar a cabeça quando passou através dos ramos das bétulas. Arranharam-lhe, mas ele nem percebeu. Inclinava-se tanto que quase caiu de sua vassoura, se deslizando até o extremo e esticando a cabeça para trás em busca do pomo. O sol poente cegou seus olhos. James os

entrefechou e viu a pequena forma dourada do pomo. Pendurada no meio do ar perto da quina da casa, zumbindo como um abelhão. Uma sombra mais escura apareceu atrás dela, bloqueando o sol. Era Gina. Viu o pomo e depois a James. Sorriu, e inclinou-se sobre sua vassoura, saindo disparada para frente.

- Oh, não, você não o fará! - grunhou James. Lançou-se, obrigando-se a manter seus olhos no pomo e não comprovar para ver onde estava sua mãe. O pomo pareceu pressentir a perseguição. Ziguezagueou sobre o campo, evitando os jogadores. James abraçou sua vassoura, instigando-a para ir ainda mais rápido, e de repente, lembrou que a Thunderstreak estava equipada com a rudimentar capacidade de ler a mente do seu dono. A vassoura saltou em frente, mais rápido do que James nunca tinha ido sobre ela. Mergulhou por embaixo de Ted e seu pai, que tinha visto o lampejo da pomo indo e saindo chispando junto a eles. James ouviu-os aplaudir-lhe ruidosamente. Uma sombra caiu sobre o extremo da sua vassoura e James não pôde evitar olhar para cima. Gina estava diretamente sobre ele, se lançando para o pomo, com a túnica ondeando nas suas costas. James fez o primeiro que pensou. De repente, virou loucamente para a esquerda, *longe* do pomo, ainda se esticando para adiante como se fosse apanhá-lo. Imediatamente, corrigiu-se e lançou-se para frente na sua vassoura. Isso tinha funcionado! Ele sentiu o movimento sobre ele quando Gina fintou para a esquerda, achando que James tinha visto o pomo se desviar para um lado. Ela tinha estado observando ele em vez do próprio pomo! O pomo não se afastou dele esta vez. Esticou-se para frente, roçando-a com os dedos enquanto voava e, em seguida, fechou sua mão sobre ele. As asas zumbiram contra a sua palma por um momento antes de ficar imóveis. O jogo tinha acabado.

James virou-se sobre sua vassoura triunfante, segurando o pomo sobre a sua cabeça. Longe e abaixo dele, Harry e Ted levantavam as mãos no ar. Eles estavam gritando algo para ele. Um segundo depois, James compreendeu que eles não o estavam celebrando. Estavam lhe fazendo sinais. James não tinha parado a sua vassoura. Virou-se para ver onde estava indo justo quando a nodosa e deformada macieira do fundo do campo gravitava em direção dele. Perdeu o fôlego inesperadamente quando um ramo lhe varreu da sua vassoura. Houve uma revoltante sensação de leveza, e depois se espatifou no chão.

- Ooh - gemeu. Aproximavam-se passos nas carreiras, às pressas e um momento após a sua mãe estava ajoelhada sobre ele.

- James! Diga-me que você está bem! - exigiu. Lílian assomou-se ao lado dela, com os olhos bem abertos.

- Ei, pessoal, ele está bem - disse Ted enquanto aterrissava perto, rindo. - Só caiu de dois metros. Além disso, todas essas maçãs podres amorteceram sua queda.

James sentou-se e sentiu a pegajosa massa de uma dúzia de fermentadas maçãs esmagadas em suas costas. Gemeu e balançou a sua cabeça, respingando grudes de polpa de maçã com o cabelo.

- Eca! - chorou Lílian, cuspendo. - Avisa da próxima vez que você fizer isso, seu idiota!

De repente, James lembrou o pomo. Baixou a olhada a sua mão, e depois a mostrou para sua mãe. Um enorme sorriso enfeitava o rosto dele. Gina sorriu-lhe com picaretagem em resposta.

- Muito bem, filho. Mas não espere me enganar duas vezes.

- Vencemos, então? - perguntou James enquanto Gina dava-lhe a mão e lhe colocava em pé.

- Ouço o Alvo e o seu tio discutir o assunto, mesmo enquanto falamos, mas suponho que sim.

A pouca distância, James escutou a Rony e Alvo discutindo acaloradamente a pontuação final.

- Excelente captura, James - disse Harry para seu filho, sacudindo a maçã podre na parte de trás da camisa de James enquanto voltavam à casa.

- Sim - concordou Ted alegremente, - um uso brilhante do velho truque ameaça e finta. Eu tinha certeza que sua mãe iria te dar uma surra em você, mas você realmente esteve esplêndido, não é?

- Se você diz - disse George azedamente, se girando e caminhando para trás para poder olhar fixamente para Gina, com a vassoura pendurada no seu ombro. - Na verdade, se bem me lembro, acho que foi um membro desta família quem *inventou* essa manobra.

Gina olhou inocentemente a seu irmão.

- Não tenho a menor idéia do que você quer dizer, Jorge.

- Não? Hum! Bom, se bem me lembro... e o faço... os comentaristas das Harpias costumavam chamá-la a "Cominação Ginevra". Curioso, que você caia numa manobra que tem o seu nome, certo? Muito suspeito, de fato.

Gina simplesmente encolheu os ombros e sorriu. Jorge continuou caminhando para trás, soltando fumaça para ela. Finalmente, Angelina o fez tropeçar.

- James, por que não vai trazer o seu irmão e seus primos para o jantar? - disse Harry, alvoroçando o cabelo de seu filho. - Seu avô chegará em breve a casa e queremos estar todos ali para a grande surpresa.

- Olha o que você fez, pai - disse James, tentando se esmagar o cabelo para trás. Pareço uma velha foto sua.

- Essas maçãs podres são ainda melhor que essa coisa para o cabelo que Hermione usa - comentou Ted. - Você deveria falar-lhe delas. Rony diz que gasta mais dinheiro em poções trouxas para o cabelo que na comida.

- O quê? - gritou Hermione, empurrando Rony com o seu quadril. Não é verdade!

James não esperou a escutar o resto. Lançou sua Thunderstreak para o seu pai e virou para o som das vozes de seus primos.

- Ei, ta quase na hora do jantar, garotos - chamou enquanto entrava na sombra do pequeno celeiro de pedra da família Weasley. Como sempre, as portas estavam escancaradas. O fresco, moído e familiar cheiro do solo de terra e feno doce rodeou-lhe. Suspirou alegremente.

- Boa captura, James! - gritaram os gêmeos, Haroldo e Júlio, em uníssono quando James se aproximava.

- Obrigado!

- Que pena que você o entregou tudo se chocando carinhoso com uma macieira - disse Rosa de onde estava sentada, dando pontapés ociosamente. - Que deprimente.

- Ei - disse James, ignorando os comentários de Rosa. Esse é o carro de Merlin! O que está fazendo aqui?

Rosa baixou a olhada para capô do carro no que estava sentada.

O velho Anglia tinha sido limpado cuidadosamente e estava meio-repintado, mas um farol ainda pendurava inclinado do seu conector.

- Não é de Merlin, seu tolo - xingou Rosa. - É do avô. Não lembra as histórias do Ford voador? Seu pai e o meu o pegaram para um alegre passeio quando estavam na escola. Acabaram perdendo-o na Floresta Proibida. Tudo o que Merlin fez foi encontrá-lo. Quando ele descobriu de quem era, arranhou as coisas para devolvê-lo aqui. Vovô leva todo o verão colocando-o novamente em forma.

- Ele tem feito algumas modificações bem importantes também! - anunciou Hugo, assomando a cabeça pela janela do motorista. - Olhem isto!

Ele desapareceu de novo e o carro se mexeu um pouco enquanto ele e Alvo se moviam pelo assento dianteiro.

- Provavelmente isso não seja uma boa idéia... - começou James, e depois saltou para trás quando um par de asas de madeira e lona saíram disparadas dos lados do automóvel, chiando e tamborilando enquanto se despregavam. Começaram esvoaçar para cima e para baixo violentamente, fazendo com que o carro inteiro quicasse fora e se mexesse. Um momento depois, chirriaram até parar.

- Ainda bem que vocês sabem como pará-las! - disse James, com os seus olhos bem abertos.

- Não sabemos! - respondeu Alvo, acarretando com os botões e alavancas no painel. - Pararam sozinhas. Parece que ainda não estão totalmente acabadas. Espero que não as tenhamos quebrado. Ouça, Hugo, sobe aí atrás e salte um pouco sobre elas, esta bem?

- Não, deixa agente! - gritaram os gêmeos, trepando para as asas.

- Não! - gritou James, levantando as suas mãos. - Ninguém vai saltar sobre nada! O vovô lhes esfolará com uma maldição se vocês quebrarem suas coisas!

Hugo franziu a testa, ignorando James.

- Muito ruim que tio Percy e tia Audrey não estejam aqui. Lúcia é mecânica. Aposto que ela poderia fazer com que esta coisa decolasse.

- Eu me pergunto por que precisa das asas, de qualquer modo - comentou Rosa. - Achava que voava por si próprio.

- O tio Harry o bateu contra o Salgueiro Lutador em Hogwarts, lembra? - gritou Hugo. Desastre total. Por isso ele fugiu para a Floresta.

- Você entendeu tudo errado - disse Alvo. - O *seu* pai era quem conduzia. Se meu pai tivesse atrás do volante, teriam feito uma aterrissagem perfeita.

- Sim - concordou Rosa, - provavelmente atravessando as janelas do Salão Principal.

Os gêmeos riram às gargalhadas e correram ao redor do carro, fingindo voar e espatifar-se. Haroldo imitava ao Salgueiro Lutador, agitando-se para seu irmão, que fingia ser atingido e virar.

- De todos os modos - continuou Hugo - todo mundo sabe dos Alma Alerons e seus carros voadores. Aposto que o vovô queria ver se podia fazer com que este voasse ainda melhor.

James sorriu abertamente.

- Vamos, garotos. Em breve ele estará na casa. Se não entramos, nos perderemos a surpresa.

- E o bolo - acrescentou Rosa.

Isso conseguiu sua atenção. Júlio e Haroldo giraram sobre seus calcanhares e passaram zumbindo junto a James, gritando e tentando empurrar-se o um ao outro para fora do caminho. Alvo encolheu os ombros e seguiu a Hugo pela porta do condutor do carro. Rosa baixou-se do capô e limpou o pó das nádegas com as mãos.

- O vovô é bastante peculiar, não? - disse ele , olhando ao redor, ao Ford Anglia e a coleção de objetos trouxas espalhados que enchiam as prateleiras próximas. James os tinha visto centenas de vezes, mas sempre tinha umas poucas coisas novas. Seguiu a Rosa enquanto ela se aproximava da coleção e passava a mão ligeiramente sobre alguns dos artigos, traçando linhas no pó com os seus dedos. Ao longo de todo o conjunto de baterias e abridor de latas elétricos, pedaços de fios e pequenos barbeadores para o cabelo do nariz, James viu as novas aquisições. Tinha um velho laptop, um controle de video game, e um despertador digital com a forma de uma personagem de desenhos animados.

- Por que você acha que ele ama tanto tudo isto? - perguntou Rosa.

- Não sei - disse James. - Acho que é em parte porque cresceu como bruxo, não como nós. O meu pai cresceu com trouxas. A sua mãe também. Eles trouxeram um pouco do mundo trouxa com eles, assim isso para nós não é nenhum mistério. Mas para o vovô, o mundo trouxa é tão estranho como seriam os extraterrestres para nós. Simplesmente adora descobrir como funciona tudo, e para que o usam.

- Não poderia fazer um curso de Estudos dos Trouxas hoje em dia? - disse Rosa enquanto os dois giravam-se para a porta. - Eles não tiveram aulas como essa quando ele era criança.

James encolheu os ombros.

- Suponho. Não acho que queira aprender assim, no entanto. Para ele, essa não é a questão. Eu realmente não sei o que ele pensa sobre isso.

Rosa inclinou a cabeça para um lado.

- Simplesmente ele adora o mistério, você não acha?

- Bom, para que serve o mistério se nunca vai resolve-lo? - James franziu a testa.

- Você é apenas um menino, James. No momento em que o mistério é resolvido, deixa de ser um mistério.

- O vovô é um garoto também, você sabe.

- Não, o vovô é um homem.

James pôs os olhos em branco.

- Qual é a diferença?

Rosa resfolegou.

- Bom, um homem pode pegar o pomo e não acabar cheirando como uma casa de sidra.

James a perseguiu o resto do caminho até a porta traseira.

No interior, a vovó Weasley arranjava freneticamente os detalhes finais enquanto a família se remoinhava ao redor, principalmente tentando se manter fora do seu caminho.

- Hugo! Dominique! Os dedos fora desse bolo agora! - advertiu ao passar perto da mesa, com os braços cheios de pratos e talheres. - Fleur, minha querida, quer me ajudar com o pudim? É o favorito de Arthur e quero coloca-lo justo no meio da mesa. Oh, quando se tornou tão grande esta família que não podemos comer dentro sem nos sentar uns nos colos de outros?

- Tudo é sua culpa, mãe - disse Jorge razoavelmente. - Você não pode ter sete filhos e não esperar que todos o vejamos como um desafio ter mais.

- Não *comece* - disse Angelina, fazendo uma careta e lhe lançando um braço ao redor do pescoço.

- Você sabia no que estava se metendo quando você se comprometeu comigo - replicou Jorge frivolamente. - O que mais eu amo de você é o seu quadril largo.

Angelina apertou sua garra ao redor do pescoço de Jorge, arrastando-lhe até a sala, onde todos estavam reunidos.

- Como foi o jogo, James? - perguntou Gui desde seu assento ao lado de seu filho Luís.

James encolheu os ombros e sorriu.

- Muito bem. Ninguém morreu. Peguei o pomo. Luís sorriu zombadoramente.

- Rosa já nos contou tudo.

James pôs os olhos em branco enquanto Gui ria e lhe dava umas palmadinhas no seu ombro.

- Oh! Arthur estará aqui a qualquer momento! - se apressou Molly, retorcendo as suas mãos no avental e olhando ao redor, a sua família reunida. - Sei que eu esqueço algo. É tão terrivelmente difícil surpreendê-lo. James! Você não mudou sua camisa! Não! Não se sente no sofá! É tarde demais para fazer algo a respeito, suponho...

- Mãe - a consolou Carlinhos, - calma. É uma festa de aniversário, e não uma campanha militar.

Ela soltou um rápido suspiro, deixando que Carlinhos lhe massageasse os seus ombros por um momento.

- Tudo o que posso dizer é que ainda bem que ele aceitou esse cargo de consultor no Ministério. Pelo menos mantém-lhe afastado da Toca algumas vezes por semana. Caso contrário, nunca o teria tirado daqui tempo suficiente para preparar algo assim. Especialmente desde que esse tal de Merlim devolveu esse horrível carro... Oh! Isso é o que eu estava esquecendo! Ronald! Você se ocupou de...?

- O jogo de chaves de roda - assentiu Rony cansadamente. - Recém chegados da loja de ferragens trouxe. Todo envolvido e sobre a mesa junto com os outros presentes. Ele vai amá-lo, mãe. Relaxe ou Jorge e eu teremos que pegar o uísque de fogo.

- Shh! - assobiou a mãe de James, olhando com firmeza ao fogo da chaminé. - Aí vem ele! Gina inclinou-se para frente, agarrando o braço de Harry e o atirando para ela. A sala ficou em silêncio enquanto todo mundo segurava o fôlego, preparando-se para gritar.

As cinzas do lar se redemoinharam, e então de repente surgiu uma labareda verde. Chamejou, e uma figura se materializou no meio dela, pulando ao solo em frente da grade com um salto bem praticado.

- Surpresa! - gritaram todos, mas a força do grito decaiu na segunda sílaba. O recém chegado não era Arthur Weasley.

Houve um abrupto e embaraçoso silêncio enquanto todo mundo olhava para a inesperada forma de Kingsley Shacklebolt.

O rosto de Kingsley mostrava-se sério. Percorreu com o olhar a sala, estudando os rostos, até que viu a Molly.

- Oh, não - disse Molly simplesmente.

O rosto de Kingsley não mudou. Juntos, ele e Molly olharam para um lado, para o relógio da família Weasley.

- Oh, não! - disse de novo Molly. Lentamente, levantou a mão direita colocando-a na boca, com os olhos bem abertos e brilhantes.

Todo mundo na sala olhou para o relógio mágico, o relógio que mostrava o paradeiro de todos os membros da família Weasley e seu estado. A maioria dos ponteiros dos membros da família apontava para “A Toca”. O ponteiro de Arthur Weasley apontava diretamente para baixo, para duas pequenas palavras vermelhas.

Já não está.



- Arthur Weasley, foi o mais excepcional, digno e honorável dos homens - dizia Kingsley com sua voz calma e comedida. - Com aqueles aos que ele amava, era impecavelmente gentil, leal, e sábio. Com aqueles que mereceram a sua ira, foi justo, persistente e quando foi necessário, feroz. Poucos dos que crescemos com ele teríamos suposto que este homem de fala suave, até mesmo engraçado, um dia se enfrentaria ao maior inimigo de seu tempo. E ainda assim ele o fez, firmemente, e com o tipo de calada coragem que vem só depois de ter amado bem e ser bem amado em troca.

James estava sentado na segunda fila, entre Alvo e Lílian. Olhava ferozmente o rosto de Kingsley enquanto ele falava, se concentrando nas palavras, tentando muito duramente não olhar para a caixa de madeira polida que estava por trás do homem grande. A tampa estava aberta, mostrando um interior almofadado e um nevado branco. Junto com James, Lílian sorvia pelo nariz silenciosamente e apoiava-se contra o ombro da sua mãe. Alvo se sentava totalmente reto, com o rosto branco e pálido. A pequena igreja de Ottery St. Catchpole estava abarrotada e fazia calor.

- Durante sua vida, Arthur - seguiu Kingsley - viu coisas grandiosas e horríveis. Na sua família, encontrou o mais puro dos prazeres e, mais importante, era o tipo de homem que sabia como se divertir. Também testemunhou a mais horrível das provas e suportou os maiores sacrifícios. E ainda o seu coração foi puro o suficiente como para não amargar-se por isso. O ódio não pertencia a este homem. O vício e o defeito não lhe conheciam. A corrupção não podia subjulgar-lhe.

Fracamente, James estava consciente de que muitos membros da família e amigos tinham vindo de todo o mundo para estar presentes. Ele tinha visto Hagrid entrar, e inclusive agora, podia ouvir ao meio-gigante assoando o nariz uma fila atrás dele. Luna estava ali junto com seu novo e magro namorado, Rolf Scamander, que com seu traje a rigor marrom e seus enormes óculos, a James lhe parecia vagamente uma versão humana de um desses insetos inventivamente disfarçados pela natureza para parecer um ramo seco. Neville Longbottom estava presente também, assim como os Diggory, que viviam nas proximidades do povo. Um surpreendente número de colegas de trabalho de seu avô do Ministério tinham vindo também, a maioria diretamente de Londres.

Bem na frente de James estava sentada sua avó. Os ombros de Molly sacudiam-se, mas não emitia nenhum som. Junto a ela, Gui a rodeava com um braço. Os olhos de Gui brilhavam. Franzia muito ligeiramente a testa enquanto Kingsley continuava.

- Há homens que dedicam suas vidas à justiça, que estudam e planejam, que ocupam grandes cargos. Há homens que procuram poder e influência, que se elevam a posições de grande autoridade e tomam decisões transcendentes. E há homens que dedicam suas vidas a se treinar para a guerra, cujas habilidades com a espada e a varinha são lendárias, que são os primeiros na batalha e os últimos na retirada. Arthur Weasley não era nenhum desses homens. Ele era melhor. Sua benevolência não surgia da culpa. Sua posição não nascia do orgulho. E sua luta não foi uma busca de glória. Com seu forte coração, era sem esforço o que a maioria de nós tentamos ser por pura força de vontade. Era um homem sem malícia. Um homem de dever e lealdade. Um homem com a força da justiça e do amor. Mas, acima de tudo, Arthur Weasley... era um pai... um marido... e um amigo.

Pela primeira vez, Kingsley baixou o olhar. Apertou os lábios, e depois tirou os seus óculos. Ainda olhando para baixo, ao pequeno pódio ante ele, concluiu:

- Arthur Weasley era o melhor da sua raça. E vamos sentir saudades dele.

No silêncio que seguiu, James lutou por conter suas lágrimas. Era tudo tão confuso. No começo ele entendeu o que estava acontecendo essa tarde quando estavam todos em pé na sala olhando o ponteiro do vovô no relógio Weasley, ele tinha se sentido estranhamente abobalhado. Ele sabia que devia sentir vergonha, ou raiva, ou medo, mas em vez disso, não sentia nada. Quando a família tinha se desfeito numa conversa confusa... exigências de explicações, expressões de tristeza... Harry tinha levado a Lílian, Alvo e James para cima, para o quarto que com frequência compartilhavam.

- Entendem o que isso significa? - tinha-lhes perguntado, os olhando um a um aos olhos, com seu rosto sério e triste. Lílian e Alvo tinham concordado em silêncio. James não. Se ele tivesse entendido o que tinha acontecido com o avô, teria sentido algo, não? Harry os tinha apertado aos três num abraço, e James pôde sentir a bochecha do seu pai no seu ombro. Ele a tinha sentido quente.

Agora, enquanto James observava a sua avó e ao tio Gui se aproximar para o caixão, dificilmente podia sentir as bordas desta súbita e monumental tristeza. A garganta doía-lhe de contê-la. Seus olhos ardiam e piscou uma vez mais, obrigando as lágrimas retrocederem. Envergonhava-lhe deixá-las sair, e ainda assim sentia que estava errado contê-las. Estava rasgado no meio das duas opções.

Por que o avô tinha que morrer de um ataque cardíaco, de todas as coisas possíveis? Este era o homem que enfrentou a cobra de Voldemort e tinha sobrevivido para contar a história. Como podia um homem que tinha lutado contra os vilões mais impiedosos de todos os tempos, que tinha feito tão terríveis sacrifícios, ter morrido de forma tão estúpida no fim?

A injustiça disso pesava como uma lousa de pedra sobre o coração de James. Não teria ganho o avô uma recompensa por tudo isso? Não merecia, pelo menos, alguns poucos anos mais para ver crescer a seus netos? Ele ia perder o primeiro ano de James no time de quadribol da Grifinória. Ele não assistiria ao casamento do seu filho Jorge nem saberia os nomes dos filhos dele. Nunca desemburharia seu jogo de chaves de roda trouxa, nunca o usaria para terminar as asas caseiras de seu precioso Ford Anglia. Este ficaria ali no celeiro, pintado pela metade e com um farol ainda pendurando, até que se enferrujasse e perdesse qualquer que fosse a alma que o avô lhe tinha dado. Ninguém mais se preocuparia com ele. Finalmente, seria rebocado para algum lugar, e eliminado. Enterrado.

No final do corredor, Harry se levantou, ajudando Gina. Lílian e Alvo se levantaram também, mas James permaneceu sentado. Ele olhava fixamente para frente, com as bochechas ardendo. Simplesmente não podia. Após um momento, Gina conduziu a Alvo e a Lílian pelo corredor para o caixão. James sentiu seu pai voltar a sentar-se ao lado dele. Nenhum tentou falar com o outro, mas James sentiu uma mão nas costas. Reconfortou-lhe um pouco. Mas só um pouco.

Alguns minutos mais tarde, a sala estava quase completamente vazia. James piscou e olhou ao redor. Ele mal tinha percebido que todos tinham ido pouco a pouco, se dirigindo para fora, ao cegante sol de verão. Harry ainda estava sentado ao lado dele.

James olhou para ele, estudando o rosto de seu pai por um instante, e depois baixou os olhos. Juntos, eles se levantaram e caminharam ao altar.

James nunca antes tinha estado num funeral, mas tinha ouvido falar de um. O do xará de Alvo, Dumbledore o diretor, que tinha significado muito para seu pai. Ele tinha ouvido falar sobre o modo como, durante o funeral de Dumbledore, a fênix Fawkes de repente tinha levantado vôo e a tumba explodiu em chamas durante um breve e glorioso momento. Quando James se aproximou ao caixão de seu avô, desejou que acontecesse algo assim. James não tinha conhecido Dumbledore, mas como podia esse velho ter sido mais nobre do que o seu avô? Por que não acontecia algo igualmente glorioso e bonito para Arthur Weasley? E, no entanto, infelizmente, James sabia que não aconteceria.

Ele subiu os degraus até o caixão e olhou para dentro. Não poderia tê-lo feito se seu pai não tivesse estado ali com ele, com sua grande mão sobre os ombros de James. O avô tinha a mesma aparência de sempre, mas diferente. Seu rosto estava ruim, no entanto. James não podia especificar exatamente o que era, e então ele o compreendeu: o avô estava simplesmente morto. Isso era tudo. De repente, surpreendentemente, uma lembrança saltou à cabeça de James. Nela, viu o avô sentado num banquinho fora do antigo celeiro da família, sujeitando um James muito mais jovem sobre seu joelho, lhe mostrando um avião de brinquedo. Ele o sustentava ante os maravilhados olhos do pequeno James e o fazia voar para frente e para trás sobre o banco de trabalho, imitando os ruídos dos motores. James não sabia quando tinha sido, mas o via agora em sua memória: o avô estava fazendo voar o avião para trás, com a cauda na frente. Ele sorria para o pequeno James, piscando os seus olhos. “É como uma vassoura com centenas de trouxas nela - disse, rindo afogadamente. - Sabe, na realidade nunca vi nenhum voar. Espero ver um dia, James, meu menino. Eu realmente espero que sim”.

James fechou os olhos tão forte quanto pôde, mas não serviu de nada. Deixou escapar um grande soluço seco e se apoiou contra a borda do caixão. Harry Potter colocou um braço ao redor dos ombros de seu filho e abraçou-lhe firmemente, o balaçando lentamente enquanto chorava, desesperado e impotentemente, como a criança que ele ainda era.



- Não era realmente o seu aniversário, é claro - estava dizendo Molly a Audrey, a esposa de Percy, enquanto estavam em pé ao sol no pátio da Toca, com taças de ponche em suas mãos. - Na verdade, ele nasceu em fevereiro. Esta ia ser sua festa de aniversário de setenta e oito e meio, mais ou menos. Mas era a única forma de surpreendê-lo. Claro, eu deveria ter sabido que no fim ele encontraria uma forma de rir por último, que Deus o abençoe. Oh, Audrey.

James serviu para si mesmo um copo de ponche e se afastou da mesa, não desejava ouvir mais. Hagrid estava sentado bastante desconfortavelmente numa das pequenas cadeiras do jardim, pressionando-a contra chão.

- Conheci o Arthur quando ele ainda ia para a escola, sabe - dizia Hagrid a Andrômeda Tonks, que estava sentada na mesa com ele. - Nunca se conheceu um alma mais amável, sem dúvida. Sempre disposto com um sorriso e uma história. E afiado na sua própria maneira. Afiado como uma garra.

James passou se deslizando tão inadvertidamente como lhe foi possível. Ele adorava Hagrid, mas se sentia cansado e desgastado por suas lágrimas lá na igreja. Ele pensava que não podia suportar ouvir mais histórias sobre o seu avô quando era jovem agora. Isso era muito triste.

Ele viu Rosa, Alvo e Luís sentados a uma das mesas portáteis à beira do gramado e foi se unir a eles.

- Ouvi que a vovó poderia vender a Toca - disse Luís quando James tomou uma cadeira.

- Ela não pode fazer isso - disse Rosa, surpreendida. - Tem sido o lar dos Weasley desde... desde... bom, não sei desde quando mas desde antes do que nossos pais nascessem! É parte da família!

Luís encolheu os ombros.

- Pai diz que é grande demais para ela levá-la sozinha. Quero dizer, o lugar tem sete andares de alto, e isso sem contar o porão e o sótão. Além disso, requer uma grande

quantidade de magia só para mantê-la erguida. Agora que os filhos se mudaram, e o vovô já não está, é muito trabalho para ela sozinha.

- Simplesmente ela não parece estar bem - insistiu Rosa, chutando o pé da mesa ao olhá-la, com os olhos bem abertos. - E por que alguém não se muda para cá outra vez com ela? Jorge poderia trazer a Angelina aqui quando se casarem, não?

James olhou ao outro lado do pátio, para o nó de família e amigos que se remoinhavam melancolicamente ao sol.

- Jorge não pode ficar na Toca - disse. - Ele tem que manter as lojas. Além disso, Angelina aceitou um trabalho de tutora em Hogsmeade. Eles estão procurando um apartamento para alugar na mesma rua da loja.

- Eu tenho ouvido que Teddy vai viver na parte superior - disse Luís, alegremente. - Ele quer tentar entrar no time nacional de quadribol, assim que Jorge disse que pode viver com eles e trabalhar na loja enquanto treina.

- Ele não pode falar sério. - Rosa fez uma careta. - Ted joga bem, mas não acho que cria realmente que pode entrar no time nacional.

Luís encolheu os ombros novamente.

- Mamãe diz que é um erro que Jorge lhe deixe viver com ele. Ela diz que simplesmente Ted não sabe o que fazer consigo mesmo e que deveria se apressar e encontrar algum emprego fixo.

- Sua mãe crê isso sobre quase todo mundo - comentou Rosa.

- Vocês dois estão ansiosos por começar a escola na semana que vem? - disse James antes que Luís pudesse replicar.

- O ingrediente principal da poção de *raiz de avelinésia* é a raiz de avelinésia? - disse Rosa, sentando-se erguida excitadamente.

James pestanejou.

- Acho que a resposta é "sim".

- O novo diretor fez algumas mudanças neste ano, você sabe - assinalou Luís. - Acabaram-se os dormitórios compartilhados entre os diferentes anos. Horários de aula muito mais regulados. Nada de aulas secundárias até o seu último ano. Ele tem arrasado completamente com as alterações feitas por esse cara que foi diretor antes que a McGonagall. Tyram Wosname.

- De certa forma eu gostei de ter alguns de outro ano no meu dormitório o ano passado - resmungou James.

- Sim, bom, mamãe diz que foram todas essas idéias reformistas de Tyram que conduziram o Elemento Progressivo e toda essa porcaria revisionista sobre Voldemort até Hogwarts - disse Luís sabiamente, elevando as suas sobrancelhas.

James não tinha resposta para isso. Não lhe surpreendia no mínimo, no entanto, que Merlim tivesse feito algumas escolhas muito conscientes para trazer de volta a Hogwarts às normas e procedimentos prévios a uma batalha.

- Em que Casa você acha que ficaremos, James? - perguntou Rosa. - Papai acha que eu serei uma grifinória, mas o que se pode esperar dele? Pessoalmente, espero ir para Corvinal.

- Não tenho a menor idéia em que Casa serão selecionados - disse James. - O próprio Chapéu Seletor não parece sabê-lo até que repousa sobre a sua cabeça. Não me surpreenderia que te desse uma olhada e te desse onze N.O.M.s instantaneamente.

Rosa arranjou o guardanapo sobre a mesa na frente dela.

- Só porque sou a filha da minha mãe, isso não significa que seja uma espécie de gênio antinatural, você sabe.

- Não - concordou Luís. - Mas o fato de que você tenha lido a enciclopédia inteira de Poções e Antídotos Mágicos e possa lembrar o número da página exato do bálsamo Barglenarf ... sim.

- Na realidade não foi assim! - insistiu Rosa, suas bochechas avermelharam. - Mamãe tem estado contando essa história durante meses e é puro lixo. Eu comprei essa enciclopédia para o meu décimo aniversário, pelas calças de Merlín. A única razão de que eu a lesse é porque queria saber como fazer a beberagem de... er...

Luís sorriu educadamente e levantou suas sobrancelhas.

- A beberagem de...

- Bom, não importa - disse Rosa rapidamente, ainda dobrando o seu guardanapo. - Mas simplesmente não posso evitar ter memória para os detalhes. Além disso, era apenas uma cura para a hera venenosa. E não lembrei a página exata. Apenas o capítulo na que estava.

- Bom, isso é diferente então - replicou Luís. - Não tente essa expressão comigo - disse Rosa, lhe atirando o guardanapo e lhe acertando no rosto. - Ninguém faz isso como a tia Fleur. Ela praticamente nasceu com esse olhar no rosto dela.

- Bom, eu espero ir para Lufa-Lufa - disse Luís, atirando o guardanapo novamente para Rosa e tentando parecer sereno. - É a Casa conhecida principalmente pela sua diligência, empenho e trabalho árduo. Pretendo levar escola muito a sério.

Rosa pôs os olhos em branco e imitou mudamente as palavras de Luís. James sorriu.

- E você, Alvo? - disse Luís, dando cotoveladas ao irmão de James.

Alvo se recostou para trás e olhou ao redor.

- Na realidade, tem importância isso?

- *Tem importância isso?* - repetiu Luís incrédulamente. - É somente a questão mais definitiva da sua vida escolar. Quero dizer, e se seleccionam você para Casa errada?

- E qual Casa seria essa? - perguntou Alvo cortesmente.

- Bom, não sei - respondeu Luís, atirando as suas mãos no ar. - É diferente para todo mundo, certo?

- Alvo Severo Potter - disse Rosa significativamente. - Luís não o pegou ainda. Por muita diligência, empenho e trabalho árduo.

Luís franziu a testa para para Rosa.

- Peguei o nome completo de Alvo poucos anos atrás, obrigado.

- Suas iniciais, seu tonto - disse Rosa melindrosamente. - A.S.P. Asp é o nome em inglês de um tipo de cobra que é *áspide*.

- E o que se supõe que isso quer dizer?

- Alvo teme que lhe acabem enviando com os sonserinos - disse James, colocando os olhos em branco. - Ele leva muito tempo sendo uma espécie de piada familiar. O primeiro Potter que vai com as cobras.

- Oh, você quer calar a boca? - disse Alvo carrancudo.

- O quê? - replicou James. - É possível, você sabe. Eu quase consegui que me enviassem ali.

- Sim, isso é o que você sempre diz - disse Alvo silenciosamente. - Mas então, oh glória, você terminou em Grifinória. O primogênito de Harry Potter vai para a querida velha Casa de seu pai. Quem teria pensado?

- É verdade, Al. Mas vamos lá, os sonserinos não podem ser tão maus - raciocinou James. - Ralf está lá, e é um bom rapaz. Talvez você possa unir forças com ele e contornar todas as velhas lendas sonserinas, hein?

Alvo franziu a testa, se inclinando para frente, e descansando o seu queixo em seu antebraço.

- O verde é realmente a sua cor, Alvo - disse Rosa pensativamente. - Fica perfeito com os seus olhos e seu cabelo mais escuro.

- Sim - interveio Luís, - e tenho ouvido que seus dormitórios têm sangue de dragão fria e quente nas torneiras.

Alvo se levantou de repente e se retirou da mesa enquanto os outros observavam. Rosa olhou desconfiadamente o Luís, com uma sobrancelha arcada.

- O quê? - disse ele na defensiva. - É a melhor idéia que eu tive. Quente e fria... vocês sabem, dizem que as famílias sonserinas caçam dragões. - Pôs os olhos em branco.
- Não importa, provavelmente não o entenderiam.

- Você não deve crer em tudo o que ouça - disse uma voz diretamente atrás deles. James virou-se e olhou o rosto de um homem com a pele pálida e rasgos afiados. Uma mulher de cabelo escuro estava em pé ao seu lado.

O homem sorria tensamente.

- Por favor, perdoem a interrupção. Eu estava a ponto de perguntar se esta era a casa correta, mas vejo a evidência aqui mesmo, na minha frente. Posso assumir que estou falando com o Sr. James Potter, certo?

James assentiu com sua cabeça, olhando uma e outra vez do homem para a mulher de cabelo escuro. Ambos eram atraentes de uma forma bastante fria, e ambos estavam vestidos de preto com muito bom gosto. James estava repentinamente seguro de que se Zane, o seu amigo americano, tivesse estado presente, teria feito qualquer comentário sobre os corajosos que eram por se aventurar na luz do dia, ou perguntado como conseguiam pentear-se tão bem sem poder se ver nos espelhos. Nem precisava dizer, que estava bastante satisfeito de que Zane não estivesse presente.

- Talvez - continuou o homem, - você teria a amabilidade de me conduzir até o seu pai, James. Meu nome é...

- Draco?

James olhou para um lado e viu a sua mãe se aproximando lentamente. Olhava ao recém chegado com uma mistura de incredulidade e precaução.

- Gina - disse o homem. Houve uma longa e embaraçosa pausa, e então a mulher de cabelo escuro falou.

- Nós sentimos muito sua perda, Sra. Potter. - Tentou sorrir, mas foi uma bela tentativa miserável.

- Harry sabe que você está...? - perguntou Gina, ainda olhando o homem.

- Acho que agora sim - disse Draco, levantando seu queixo ligeiramente e olhando para além de Gina.

Harry aproximou-se a sua esposa e olhou o homem de cima abaixo.

- É bom te ver, Draco.

Draco acenou lentamente, sem cruzar do todo o olhar com Harry.

- Sim, muito tempo passou. Quando ouvi do Sr. Weasley, pensei que seria... apropriado... vir a oferecer nossas condolências.

James reconheceu agora o homem pálido, ainda que nunca lhe tinha visto em pessoa. Comparou a este homem adulto com as poucas fotos que tinha visto do jovem Draco Malfoy. Os olhos eram os mesmos, bem como o cabelo loiro platino penteado para trás desde as têmeoras. Ele ainda tinha um traço de gozação ali também, justo como nas velhas fotos da escola, mas enquanto olhava, James pensou que já não parecia particularmente de propósito, ou sequer consciente. Draco simplesmente levava tanto tempo mostrando essa expressão que era parte da topografia do seu rosto.

Harry estudou Draco durante um longo momento, e depois sorriu. James reconheceu o sorriso educado de seu pai.

- Obrigado, Draco. Gina e eu apreciamos isso. Realmente. Esta deve ser a sua esposa.

Draco pôs um braço ao redor da cintura da mulher.

- Claro, desculpem. Esta é Astoria.

Harry se inclinou e Gina apertou ligeiramente a mão da mulher. Sorriu e disse:

- Você quer entrar na casa para tomar uns refrescos?

Astoria meio que virou para Draco, levantando suas sobrancelhas.

- Eu tomarei algo do que *ele* está tomando - disse Draco, olhando para James e mostrando um ligeiro e torto sorriso. - Obrigado, querida.

Gina abriu o caminho entre as mesas e Astoria seguiu-a, voltando-se para olhar uma vez para Harry e Draco.

- Como estão as coisas no Gringotts, Draco? - perguntou Harry, sem fazer nenhum esforço por levar o homem pálido para a multidão que se reunia perto da casa.

- Eu tinha entendido que os humanos são algo extraordinários nos escritórios do banco, e mesmo assim, você está aí, vice-presidente de algo, pelo que ouvi. Nos teríamos rido lá nos dias da escola se alguém nos tivesse dito que você acabaria sendo uma pessoa de influência no banco mágico da Inglaterra.

- Lá nos dias da escola - disse Draco calmamente, ainda sem olhar diretamente a Harry, - nos teríamos rido se alguém nos tivesse dito que estaríamos um dia em pé no mesmo pátio sem apontar as varinhas um para o outro.

O sorriso de Harry diminuiu.

- Sim - admitiu baixinho. - É verdade.

Houve uma longa pausa. James podia ouvir o balbucio de vozes amortecidas mais perto da casa e o gorjeio dos pássaros no quintal. Olhou para Rosa, que também estava observando a cena com absorto interesse. Ela levantou suas sobrancelhas e sacudiu a cabeça atenciosamente.

- Você sabe - disse Draco com um tom de voz diferente, rindo um pouco sem humor, - na realidade, não há uma única coisa sobre o que parece a vida hoje em dia que tivesse predito durante nosso último ano em Hogwarts.

O sorriso de Harry tinha desaparecido completamente. Ele manteve-se em pé e estudou ao homem pálido com olhos ilegíveis.

- A todos se nos ensinam coisas, crescemos - continuou Draco, - e raramente temos a audácia de questioná-las. Crescemos para tomar a forma com a que nossas famílias nos definiram. O peso de gerações de crenças nos esmaga, e nos faz à sua imagem e semelhança. E a maior parte das vezes isso é uma coisa boa. - Draco finalmente olhou aos olhos de Harry, e pela primeira vez desde a sua chegada, seu sorriso escarninho desapareceu do seu rosto. - A maior parte das vezes, é realmente bom, Harry. Mas às vezes nós crescemos, o tempo passa, e muito, muito depois de qualquer esperança de rejeitar essas crenças decisivas olhamos para trás. E nos fazemos perguntas.

James olhava de Draco para o seu pai. O rosto de seu pai era ainda ilegível. Após um longo momento, Harry virou-se para olhar a casa e suspirou.

- Olhe, Draco, seja o que for que você tem a dizer, seja o que for que você acha que tem que acontecer aqui...

Draco balançou a cabeça.

- Não tem nada a acontecer aqui. Eu não vim aqui para pedir seu *perdão*, Harry. Só vim dizer a você e sua família que lamento a sua perda. Apesar do que você possa acreditar, sei que Arthur Weasley era um homem forte. Era um homem honorável. Meu pai não concordaria comigo, mas é como eu disse. Nos tornamos velhos. As vezes olhamos para trás, e nos fazemos perguntas.

Harry assentiu ligeiramente.

- Obrigado, Draco.

Draco deu um passo se aproximando a Harry.

- Havia outra razão para vir aqui hoje. Acho que deveria admiti-lo a você. Eu vim para provar algo de mim mesmo.

Harry não pestanejou.

- O que você espera provar?

Draco sorriu um ligeiramente, sem afastar o olhar dos olhos de Harry.

- Queria provar a mim mesmo que eu podia vir e falar com você. É mais importante ainda, que você me escutaria.

Draco estendeu sua mão direita. Sem baixar o olhar, Harry a apertou lentamente. James mal podia acreditar o que ele estava vendo, conhecendo a história desses dois homens. Dificilmente podia se considerar uma delicada reconciliação, e James tinha a forte impressão de que se Draco achasse que alguém da sua família pudesse considerá-lo assim, nunca o teria feito. Mas era incrível, apesar de tudo. O aperto de mão terminou em segundos, e menos de cinco minutos depois, Draco e Astoria tinham saído, se afastando em seu enorme e nigérrimo carro. Mas a imagem desse aperto de mão, de qualquer forma atrevido, intrépito e vulnerável, tênue como uma borbulha de sabão, permaneceu na mente de James por muito tempo.



A maior parte da família passou a noite na Toca, e James sentia uma tristeza particular sabendo que esta poderia ser a última vez que a família se reuniria na velha casa. Uma sensação de perda e frieza palpável enchia as salas apesar do barulho de actividade da noite. Era quase como se todo mundo estivesse lançando mentalmente guarda-pós sobre o mobiliário, despendurando os quadros, e empacotando os pratos. James sentia uma vadia raiva sem objetivo a respeito. Já era mau o suficiente que o vovô tivesse morrido. Agora parecia que a Toca estava morrendo também. Nada parecia normal ou confortável. Mesmo o quarto que tinha compartilhado com Alvo e Lílian por tantos anos parecia frio e vazio. Nem uma vez lhe tinha passado pela cabeça que este quarto poderia pertencer um dia a outra pessoa, alguém a quem ele não conhecesse. Pior ainda, e se os novos proprietários simplesmente demolissem a casa e construíssem uma nova? E se eles foram trouxas, que não saberiam como manter semelhante lugar?

Ele não podia suportar a idéia. Furiosamente, fechou inesperadamente a porta e começou a colocar o pijama.

- Humm! - resmungou Lílian, dando volta na cama e cobrindo a cabeça com um travesseiro.

- Não importa - se queixou Alvo da cama grande no canto. - Só estávamos tentando dormir. Diganos se tivermos te incomodando.

- Sinto muito - resmungou James, se deixando cair na cama e tirando os sapatos de um chute.

Alvo se sentou e olhou para a porta do quarto. James olhou de soslaio para onde Alvo estava olhando. Eles o tinham visto milhares de vezes antes. O interior da porta estava coberto por talhas desgastadas e palavras arranhadas. Esse quarto tinha pertencido a muitas pessoas ao longo dos anos, e a maioria delas tinham feito algum tipo de marca nessa porta para constante frustração da avó Weasley. Ainda assim, ela não tinha feito nenhum esforço por arranjar a porta, coisa que não teria sido nada difícil para uma bruxa. James acredita saber porquê. No mesmo centro da porta, muito mais antiga que o resto das talhas, havia uma série de marcas, do tipo que se utilizavam para marcar nos dias. Sobre as marcas que eram muito grandes, a mesma mão tinha rabiscado "Fred e Jorge até HOGWARTS e MAIS ALÉM! Longa vida a Fred e Jorge!".

- Você acha que a vovó realmente venderá a casa? - perguntou James.

Alvo não respondeu. Após um momento, virou, olhando à parede e levando a maior parte do cobertor com ele.

James tirou a camisa e colocou seu pijama. Escorregou até o chão e caminhou descalço até a porta do banheiro para escovar os dentes.

O banheiro era compartilhado, com acesso a três dormitórios e o corredor do terceiro andar. Lúcia, a filha de Percy, estava sentada no borde da antiga banheira de patas, escovando o seu cabelo aplicadamente.

- Olá, James - disse, levantando o olhar por alguns instantes.

- Oi, Lúcia.

- Prazer em vê-lo. Senti saudades de todo mundo este verão - disse Lúcia, passando escova sobre uma mecha do seu longo cabelo preto. - Papai diz que no ano que vem poderemos passar mais tempo em casa. Fiquei muito feliz por isso até hoje. Ou seja, no ano que vem...

James assentiu.

- Sim.

- Você gostou do seu primeiro ano na escola? - perguntou Lúcia, levantando o olhar- Você está ansioso para voltar?

James assentiu e pegou o copo que estava em um lado da pia. Estava cheio das escovas de dentes da família. Ele fez uma careta e girou o copo, tentando encontrar o o dele.

- Eu mau posso esperar para começar a escola - disse Lúcia, voltando a escovar o cabelo. - Papai diz que deveria desfrutar da liberdade enquanto posso, mas viver com ele e com mamãe em quartos de hotel durante semanas não parece liberdade. Mamãe diz que é melhor para nós ir com ele em todas suas viagens internacionais, para que possamos ficar todos juntos como uma família. Ela gosta de viajar. Sempre arrasta a Molly e a mim a alguma ou outra coisa histórica, nos dizendo para sorrirmos enquanto ela nos tira fotos em frente desta estátua ou aquela rocha que alguma pessoa famosa de alguma grande batalha pôs em pé ou algo. Escrevo um montão de cartas, mas quase ninguém me responde, ou pelo menos não tão frequentemente quanto eu gostaria.

Olhou significativamente para James. Ele a viu no espelho enquanto escova os dentes.

- O que está errado com o Alvo? - perguntou Lúcia, se levantando e deixando a escova.

James enxaguou sua escova de dentes.

- O que você quer dizer?

- Ele estava terrivelmente calado esta noite. Não é próprio dele.

- Bom, suponho que todos estão um pouco mais calado do que o normal - replicou James. Olhou de soslaio a Lúcia e sorriu zombadoramente. - Bom, quase todos.

Ela o golpeou divertidamente ao passar ao seu lado. Na porta, ela parou e olhou sobre seu ombro.

- Provavelmente tenhamos ido quando você acordar pela manhã - disse ela simplesmente. - Temos de voltar a Dinamarca pela madrugada, o papai diz.

- Oh - disse James. - Bom, boa viagem, Lúcia. Lamento tudo isso. O tio Percy é bastante importante no Ministério, de acordo com papai. As coisas nem sempre serão assim, não?

Lúcia sorriu.

- Será diferente no ano que vem, certo? Estarei com você, Alvo, Luís, Rosa e Hugo em Hogwarts. Não vai ser divertido?

James assentiu. Havia algo muito perturbador em falar com a prima Lúcia. Não que ele não se dava bem com ela. De certa forma, ela gostava mais do que muitos de seus outros primos, particularmente Luís. Simplesmente era diferente. Fazia sentido que assim fora, já que ela tinha sido adotada por tio Percy e tia Audrey quando achavam que não poderiam ter filhos próprios. Falar com Lúcia se parecia muito como falar com Luna Lovegood, era uma questão bastante literal. Ela era extremamente, quase misteriosamente, inteligente, mas diferente da maioria das pessoas, Lúcia não brincava muito nem zombava. Sempre dizia exatamente aquilo que estava pensando.

- Me escreve uma carta ou duas neste ano, está bem, James? - disse, com seus olhos pretos sérios. - Me conta como é a escola. Me faça rir. Você é bom nisso.

James assentiu de novo.

- Tá bem, Lúcia. Eu o farei. Eu prometo isso.

Gentilmente, Lúcia fechou a porta do dormitório que compartilhava com sua irmã. James virava-se para a porta de seu próprio dormitório quando um movimento captou sua atenção. Ele deteve-se e olhou para um lado, seguindo o movimento. Tinha sido no corredor adjacente. A porta estava ligeiramente entreaberta, mas o corredor além estava escuro. Provavelmente tivesse alguém lá fora esperando a que ele terminasse. Abriu a porta e assomou-se.

- Acabei - anunciou. - O banheiro é todo seu.

O corredor estava vazio. James olhou em ambas as direções. As escadas ao fundo do corredor eram notavelmente barulhentas; seguramente ele teria ouvido alguém nelas. Franziu a testa, e estava prestes a virar-se quando o movimento chegou de novo. Tremeluziu nos raios de lua lançados pela janela grande do patamar. Uma sombra dançou por um momento e depois ficou imóvel.

James saiu do banheiro, mantendo os olhos na pálida forma que a janela projetava sobre o chão e a parede. Ele já não podia ver se tinha movido. Deu uns poucos passos para o patamar, e suas pisadas rangeram sobre o tablado do solo. Ante o som, uma sombra saltou no meio do feixe de luz da lua. Escapou sobre a silhueta da janela como uma espécie de lagarto, porém muito maior, com muitas articulações nos braços e pernas. Houve uma sugestão de uma cabeça grande e orelhas pontudas, e depois, de repente, a forma desapareceu.

James deteve-se no corredor, com o pêlo dos braços eriçado. A sombra tinha feito um som ao mover-se, como folhas mortas sopradas sobre uma pedra. Se ele aguçasse o

ouvido, ainda podia ouvi-lo. Uma fraca correria chegava das escadas do patamar abaixo. Sem pensar, James seguiu-o.

Como sempre, as escadas foram insuportavelmente barulhentas. James tinha perdido completamente o ruído quando ele atingiu o primeiro andar. O relógio da família Weasley marcava o tempo na escuridão da sala quando James se arrastou através dela, se dirigindo para a cozinha. Uma vela ardia inconstantemente num vulcão de cera no peitoril da janela. A luz da lua brincava através da habitação, quicando em dezenas de utensílios de cozinha, frigideiras e panelas que penduravam sobre no balcão. James parou e inclinou a sua cabeça, escutando.

A correria chegou de novo, e James viu-o. A pequena sombra tremeluzia e pulava na frente dos guarda-comida, entrando e saindo do feixe de lua. Parecia correr para a despensa. James olhou ao redor rapidamente, tentando localizar à figura que lançava a sombra, mas ele não pôde encontrá-la.

A sombra deteve-se em um canto do teto e pareceu baixar o olhar para James por um momento. Era uma forma muito pequena um pouco parecida a um elfo doméstico exceto pelas proporções e o invulgar número de articulações nos braços e pernas. Então saltou de novo, fora das sombras. James lançou-se atrás da criatura, presentindo que a coisa se dirigia à porta traseira. Para surpresa de James, a porta traseira estava escancarada.

Ele saltou para fora, ao fresco ar noturno. Ele olhou freneticamente ao redor, aguçando o ouvido a procura da pequena correria. Não havia sinal da diminuta forma.

- Boa noite, James - disse uma voz atrás dele, e James quase latiu na surpresa. Virou-se e viu seu pai sentado numa pilha de madeira, com um copo na sua mão. Harry riu.

- Sinto muito, filho. Não pretendia te assustar. Por que você está tão nervoso?

James olhou ao redor de novo, com a testa franzido.

- Pensei... pensei ter visto algo.

Harry olhou ao redor também.

- Bom, há um montão de coisas para ver nesta casa, você sabe. tem o vampiro do sótão, e os gnomos do jardim. Normalmente ficam fora da casa, mas sempre há algum corajoso que entra às escondidas pela noite e rouba um nabo ou dois. Acreditam que colher a horta é o mesmo que roubar-lhes, assim eles ficam com algo da mercadoria, de vez em quando.

James aproximou-se descalço à pilha de madeira e subiu ao lado do seu pai.

- O que você está bebendo? - perguntou, debruçando-se para o copo do seu pai.
Harry riu de novo, silenciosamente.

- A pergunta seria, mais exatamente, que não estou bebendo. É uísque de fogo.
Nunca gostei muito do sabor desta coisa, mas uma tradição é uma tradição.

- Qual tradição?

Harry suspirou.

- É apenas uma maneira de lembrar. Um gole para comemorar o seu avô e tudo o que ele significava para nós. Eu fiz isto com o avô e Jorge quando enterrámos ao seu tio Fred.

James ficou em silêncio um momento. Olhou através do pátio e a escura horta. Justo para além do morro da colina, um pico do celeiro familiar podia ver-se na luz da lua. Os grilos entoavam sua constante canção de verão.

- Eu estou feliz que você esteja aqui fora comigo, James - disse Harry.

James levantou os olhos para ele.

- Por que você não veio me buscar, certo?

Os ombros de Harry se levantaram uma vez.

- Eu não sabia que queria que você estivesse aqui até que apareceu.

James se recostou para trás contra a pedra lisa dos alicerces da casa. Estava agradavelmente fresca depois da calidez do dia. O céu estava invulgarmente aberto e limpo. A faixa nebulosa da Via Láctea se estendia como um braço através do céu, baixando para o resplendor da vila para além da horta.

- Seu avô era como um pai para mim, você sabe - disse Harry. - Eu estava sentado aqui pensando nisso. Costumava chama-lhe assim o tempo todo, é claro, mas nunca tinha pensado realmente nisso. Nunca compreendi a verdade que era. Suponho que não precisei fazê-lo, até agora.

James elevou seu olhar para a lua.

- Bom, isso faria sentido. Quero dizer, seu próprio pai morreu quando você era apenas um bebê. Você nunca o conheceu.

Harry assentiu com sua cabeça.

- E o meu tio Valter... bom, desejaria poder dizer que ele fez o que pôde para ser um pai para mim, mas você já ouviu o suficiente sobre como eram as coisas com eles para saber que isso que não é verdade. Honestamente, eu nunca soube o que perdia. Só sabia que as coisas eram como supostamente tinham de ser.

- Até que você se casou com mamãe e se tornou num Weasley honorário?

Harry sorriu para James e assentiu.

- Suponho.

- Você supõe?

O sorriso desapareceu lentamente do rosto de seu pai. Apartou a olhada de novo, para a escuridão do pátio.

- Teve o Sirius - disse Harry. - Ele foi o primeiro pai que conheci. Tecnicamente, era meu padrinho, mas não me importava. Pediu-me que fora viver com ele, formar uma família. Não funcionou. Ele terminou fugindo do Ministério, movendo-se de um lugar para outro, sempre se escondendo. Ainda assim, ele fez o que pôde. Ele me comprou minha Firebolt, que ainda é minha vassoura favorita.

Harry parou. Subiu a mão e tirou-se os seus óculos. James permaneceu em silêncio.

- Então eu estava sentado aqui pensando sobre como o vovô é na verdade o terceiro pai que perdi, e isso me faz retornar ao início. Se eu te disser a verdade, filho, estava aqui sentado sentindo pena de mim mesmo. Sirius foi assassinado antes de que tivéssemos oportunidade de ter sequer uma única foto familiar para lembrá-lo. Às vezes, mal posso lembrar que aspecto ele tinha, à exceção do seu pôster de detenção. Mas o buraco que ele deixou no meu coração nunca foi preenchido. Tentei preenche-lo com meu velho diretor Dumbledore durante um tempo, mas depois o mataram também. O vovô me fez esquecer isso durante muito, muito tempo, mas agora, inclusive ele se foi. Ou seja, para ser honesto, isto deveria ser um pouco mais fácil para mim. Tenho... tenho prática. E, no entanto, se você quiser saber a verdade, acho que sua mãe está levando melhor do que eu. Estou furioso, James. Quero recuperar as pessoas que tenho perdido. Não parece justo seguir adiante com o resto. Agora mesmo, estava sentado aqui pensando em que o seu avô era apenas um de muitos. Não queria seguir aceitando. Mas o que posso fazer? Não há nenhuma maneira de trazê-los de volta, e o desejar só conseguiria nos amargarar. Estava pensando em todas essas coisas, e você sabe o que aconteceu então?

James levantou o olhar de novo para o seu pai, com a testa franzida.

- O quê?

Harry sorriu lentamente.

- Você saltou por essa porta como o boneco de uma caixa surpresa e me assustou tanto que quase me caiu o meu copo.

James lhe devolveu o sorriso, e depois riu.

- Por isso que, quando você me assustou, só estava me devolvendo o favor, hein?

- Talvez - admitiu Harry, ainda sorrindo. - Mas compreendi algo nesse momento, e por isso estou feliz que você tenha vindo, que você esteja sentado aqui comigo. Me lembrei que tinha outra chance na relação pai-filho, mas do outro lado. Tenho você, o Alvo e a Lílian. Posso tentar fazer o que possa por dar a vocês três o que eu tanto tive saudades na minha vida. E você sabe o que é realmente mágico? Quando o faço, sinto um pouco a mudança, como um reflexo de vocês três.

James olhou fixamente o seu pai, franzindo ligeiramente a testa. Ele acredita entendê-lo, mas só muito sutilmente. Finalmente, baixou o olhar para o copo nas mãos de seu pai.

- Então, você vai beber isso?

Harry baixou os olhos ao copo de uísque de fogo, e depois o levantou.

- Você sabe, filho - disse, examinando a lua através do líquido âmbar. - Acho que é o momento de começar algumas tradições novas. Não acha? - Sustentou o copo um pouco mais alto, em toda a longitude do seu braço.

- Por você, Arthur - disse firmemente. - Pelo pai que você foi para todos nós, e não menos para mim. E por você, Dumbledore, por fazer um formidável esforço no final... e por meu verdadeiro pai, o primeiro James, que nunca conheci mas sempre amei...

James olhou o copo na mão de seu pai quando Harry se deteve. Finalmente, com uma voz mais suave, ele terminou:

- E por você, Sirius Black, onde quer que esteja. Sinto saudades de você. Sinto saudades de todos.

Quase casualmente, Harry lançou o uísque de fogo do copo. Este formou um arco à luz da lua, salpicando e cintilando, e se desvaneceu na penumbra do pátio. Harry inalou uma respiração profunda e suspirou, estremeando-se um pouco enquanto o deixava escapar. Se recostou para trás e passou um braço ao redor de seu filho. Eles ficaram sentados assim algum tempo, observando a lua e escutando os grilos na horta. Finalmente, James adormeceu. Seu pai o levou nos braços para a cama.

- CAPÍTULO 2 -

O Borlim



- **V**ocê vai ficar bem, James - disse Gina enquanto estacionava o carro cuidadosamente em um espaço vazio junto à calçada. - Sabe que não vai doer. Seu pai os usa desde que tinha seis anos. Você tem sorte de ter ficado tanto tempo sem precisar deles.

James soltava fumaça pelas ventas no assento dianteiro. Atrás dele, Lílian se queixava pela décima vez.

- Eu também quero usar óculos!

Gina tirou o cabelo da cara e desligou o motor.

- Lílian, se você tiver sorte, nunca precisará usar nada mais que óculos de sol, mas esses, você pode usar quando quiser, querida.

- Eu não *quero* usar óculos escuros - Lílian fechou a cara. - Quero óculos de verdade iguais aos de James. Por que só ele pode usar óculos de verdade?

- Meus olhos não estão tão mal assim - insistiu James sem sequer se mover para sair do carro. - Posso ler meus livros sem nenhum problema. Não vejo por quê...

- Não estão tão mal assim *ainda* - disse Gina firmemente - Além dos mais, são óculos corretores. Com sorte, evitarão que sua vista piore. Por que você está se mostrando tão difícil em relação a isso?

James franziu o cenho.

- Simplesmente não quero usá-los. Parecerei um belo idiota.

- Não diga essa palavra. - disse Gina automaticamente. - Vamos. Lílian fique aqui com o Monstro e sua merenda. Estarei te olhando pela janela e volto em poucos minutos. Você manterá um olho nela, não é, Monstro?

No assento traseiro, Monstro se retorcia em sua cadeirinha infantil azul-elétrico.

- Seria uma tarefa mais fácil, ama, se Monstro não permanecesse encarcerado neste dispositivo de tortura trouxa, ama, porém como desejar.

- Já falamos disso, Monstro. De acordo com o que os trouxas acreditam que vêm quando te olham, as crianças estão obrigadas a usar assentos de segurança. E já é bastante ruim que você se recuse a usar apenas um guardanapo. As pessoas não estão acostumadas a ver crianças de oito anos nos tecidos.

- Foi o melhor disfarce que Monstro pôde conseguir - grasnou ele, taciturno. - Monstro nunca se acostumou à sociedade trouxa, mas Monstro faz o que pode com a pouca magia que está à sua disposição.

Gina revirou os olhos enquanto saía do carro.

- Toque a buzina se precisar de alguma coisa, tudo bem? Sua "pouca magia" te permitirá fazer isso, estou bastante segura.

Gina conduziu James ao consultório.

- Por que temos que ir a um oculista trouxa? - queixou-se James - Não há oculistas bruxos que tenham, digamos, óculos invisíveis? Ou feitiços que ajustam seus olhos automaticamente?

Gina sorriu.

- Nem tudo se consegue com magia, James. Um oculista trouxa é tão bom quanto um bruxo. Você já esteve aqui para sua revisão. Não vejo por que você tem tanto medo.

- Não tenho medo - disse James desgostoso enquanto cruzavam a entrada do consultório. Correu o olhar pela pequena sala de entrada. Tinha exatamente a mesma aparência de quando ele havia estado ali na última vez, o mesmo número de peixes no sebo aquário e as mesmas revistas na mesinha do canto.

- James Potter - disse Gina a mulher gorda atrás do balcão de cristal. - Temos consulta às duas com o doutor Prendergast.

James se derrubou na mesma cadeira que havia sentado na última vez que havia estado ali. Golpeou a delgada almofada com o cotovelo, resmungando para si mesmo.

Minutos mais tarde, o doutor Prendergast emergiu sorrindo, magrelo e de bochechas rosadas. Levava seus próprios óculos em um bolso de sua bata branca.

- Lá vamos novamente, James - disse jovialmente. - Sua mãe também pode entrar se quiser.

Gina fixou seu olhar em James.

- Quer que eu entre? Posso buscar Lílian e trazê-la conosco.

James suspirou e se pôs em pé.

- Não. Vá em frente, vá dar uma olhada nela. Provavelmente Monstro voltou a alegrá-la ficando em cima outra vez.

Gina dirigiu um sorriso ao doutor Prendergast e logo lançou um olhar de advertência a James.

- Os óculos já estão pagos. Venha ao carro assim que puder, sim?

- Monstro é algum tipo de mascote familiar? - perguntou o doutor Prendergast a James enquanto o conduzia à consulta.

- É meu meio-irmão - respondeu James - Vive no sótão. O alimentamos com uma balde de cabeças de peixe duas vezes por semana.

O doutor Prendergast pestanejou para James uma vez, e seu sorriso se alargou ainda mais.

- Isso é bem, hum, divertido, James. Que imaginação mais interessante!

James se sentou na borda da cama enquanto o doutor remexia uma estante. Tirou uma caixa e a abriu sobre a mesa.

- Aqui estão - disse felizmente, extraindo um par de óculos negros. James achou que fossem maiores que sua cabeça. Sentiu-se desanimado.

- Deixe-me ajudar-te a colocá-los, e colocaremos a receita médica à prova. Não levará mais de um minuto.

Mostrou-os a James e logo os deslizou por sua cara. James fechou os olhos enquanto os óculos se assentavam sobre suas orelhas. Quando abriu os olhos novamente, o mundo lhe pareceu ligeiramente menor e um pouco deformado nas bordas. Olhou ao redor, tentando acostumar-se à sensação.

- E aí está! - disse o doutor alegremente - Como se sente?

James suspirou novamente.

- Bem, suponho. Mas é meio estranho.

- Isso é perfeitamente natural. Você se acostumará com eles com o tempo.

James já estava decidido a não permitir que isso acontecesse. Tinha a intenção de usar esses óculos horríveis apenas para que sua mãe os visse durante os próximos dias,

e os meteria em seu malão assim que subisse ao Expresso de Hogwarts. Na realidade não necessitava deles. Estava seguro de si.

O doutor Prendergast sentou James em um banquinho do consultório e girou-o até a tábua com letras da parede oposta. James cobriu um dos olhos enquanto lia a tábua em um tom abatido e monótono. O doutor assentiu alegremente, tirando seus próprios óculos novamente e abrindo as persianas da pequena sala, deixando entrar a luz do sol da tarde.

- Muito bem, James - disse, abrindo a porta do consultório. - Já está quase pronto. Só me deixe marcar sua próxima consulta e poderá ir.

Quando James ficou sozinho, se levantou e se aproximou ao espelho junto à porta. Os óculos não lhe caíam tão mal, depois de tudo, mas ainda assim não era suficiente, sentia-os pesados e toscos em sua cara. Franziu o cenho e tirou-os.

No espelho, algo se moveu atrás de seu reflexo. James levantou o olhar e rapidamente virou-se. A luz solar se derramava por todo o consultório. James via sua própria sombra na parede, projetada por cima de um grande pôster que mostrava o diagrama de um globo ocular. Outra sombra passou junto a sua. James a reconheceu imediatamente como a mesma forma que havia visto algumas noites antes no corredor da Toca. Sem pensar, buscou sua varinha no bolso traseiro, porém ela não estava ali, obviamente. Ainda não era permitido fazer magia fora da escola, e sua mãe sempre proibía levá-la consigo quando saíam ao mundo trouxa.

A misteriosa figura se sacudiu parede acima e saltou. James abriu os olhos, surpreendido e desconcertado, enquanto a sombra parecia desprender-se da parede, se distanciando do raio de luz. A figura ficava ligeiramente mais escura dentro do consultório, quase invisível. A sombra não estava sendo projetada pela criatura; de algum modo, a criatura *era* a sombra. Aterrissou sobre a pequena mesa junto à cama. Para surpresa de James, começou a pegar algumas ferramentas do Doutor Prendergast e atirá-las pelo consultório. Elas repicavam e ricocheteavam contra as paredes. James meteu os óculos no bolso das calças e correu para parar alguns dos instrumentos que voavam pelos ares.

- Pare! - sussurrou severamente para a diabólica sombra. - O que você está fazendo? Vai me meter em confusão!

James se agachou rapidamente abaixo da cama, recolhendo as ferramentas dispersas. Entretanto, logo que colocou as ferramentas na mesa, a sombra passou rapidamente e subiu as paredes. Chegou como um raio à estante e se lançou atrás de uma fila de grossos livros. Um por um, os livros começaram a sair disparados da estante. James tirou uma de suas mãos das ferramentas e com a outra, se esticou para pegar os livros. Como não podia recolher todos, se abaixou para pegá-los do solo. Um grande volume, em particular, acertou-o na cabeça, fazendo-o soltar todos os outros livros que havia reunido. Raivosamente, girou sobre seus calcanhares, visando agarrar a

criatura se pudesse. Esta saltou da estante à parede, agarrando o canto do pôster. O pôster se soltou e caiu como uma vela, cobrindo a cabeça de James. Tirou-o com dificuldade e o arremessou até a criatura. Esta saltou ao ventilador de teto e sentou em um dos braços do ventilador. Parecia que estava ficando irritada com James.

- É um lugar trouxa! - sussurrou James à criatura - Mas *eu* sou um bruxo! E pode agradecer sua sorte que eu não trouxe minha varinha comigo!

A criatura retrocedeu ao ouvir isso, como se houvesse entendido. Deu a volta e saltou até a janela. James, no entanto, envolvido pelo pôster caído, se lançou sobre a cama, tentando alcançar a criatura. Aterrissou tão forte sobre ela, que a moveu. Esta rodou pelas suas rodinhas, cruzando o chão e indo bater na parede logo abaixo da janela justo quando a porta se abria.

James buscou o rosto do doutor Prendergast, que tinha os olhos arregalados de surpresa.

- Olhe - disse James rapidamente, descendo da cama - Não sei o que era isso, mas não fui eu! Não fiz nenhuma magia, não derrubei seus livros da estante, não arranquei seu pôster da parede e nem montei toda essa desordem. Tudo isso foi feito por um estranho monstrinho sombra. Provavelmente você não acredita em monstros sombra, e eu te entendo, porque nem eu sabia que existiam até agora, assim, está bem, porque provavelmente terminaremos ambos *Desmemoriados*, e isso que importa, não?

O olhar do doutor Prendergast permanecia fixo em James. Seus olhos se viam muito arregalados atrás de seus próprios óculos. James deteve-se para observar a grande bagunça que havia feito em seu consultório. Para sua grande surpresa, não havia bagunça alguma. Os livros estavam cuidadosamente colocados na estante. O pôster estava colado na parede, perfeitamente intacto. As diferentes ferramentas do doutor Prendergast estavam, de modo sofisticado, colocadas em um pano sobre a mesinha de canto.

- Rá, rá, rá - disse o doutor Prendergast, rindo um pouco nervoso. - Esta é como a história de seu irmão comendo uma balde de cabeças de peixe por semana. Como eu te disse antes, senhor Potter, você tem uma imaginação muito interessante. Aqui temos um lembrete para sua próxima consulta. Creio que sua mãe, anham, te espera no carro.



Na manhã de primeiro de setembro, James se sentia estranhamente tosco. O tempo parecia coincidir com seu humor, voltando-se frio e nebuloso, cobrindo a cidade como um manto úmido. James olhava fixamente através de seu reflexo na janelinha do carro enquanto sua família ziguezagueava pela cidade até a estação de King's Cross. Ele havia feito uma tentativa de contar a sua mãe sobre a misteriosa sombra, porém, ela estava irritada, e lhe havia dito para guardar as criaturas imaginárias para Luna Lovegood, que era a especialista no tema. James estava decidido a perguntar para Luna da próxima vez que a visse, porém por agora, preparar-se para seu regresso a Hogwarts e controlar seu irmão estranhamente intratável, Alvo, era suficiente para mantê-lo ocupado. Logo, ele havia tirado a maliciosa sombra da cabeça.

As coisas haviam começado mal aquela manhã. James, emocionado por voltar à escola, tinha seu malão repleto e pronto, esperando junto à porta da família Potter. Quando voltou a correr as escadas para recolher sua coruja, Nobby, seu irmão Alvo, entretanto, se encontrava sentado em sua cama, amarrando seus sapatos. Seu malão estava aberto junto à escrivaninha, não completamente pronto.

- Vamos, Al - disse James, pondo a gaiola de Nobby em cima da escrivaninha. - Papai já está manobrando o carro. Se não nos apressarmos e pegarmos a estrada, chegaremos tarde.

Alvo não fez a menor tentativa de se apressar. Saltou de sua cama e saiu irado de seu quarto. James viu-o marchar, revirou os olhos, e começou a amontoar os livros de Alvo em seu malão. A nova coruja de Alvo, que ainda não tinha nome, estava em sua jaula ao lado da de Nobby, piando nervosamente.

- Pelo menos *vocês* não têm nada para empacotar - resmungou para as corujas - E *nem* um irmãozinho problemático.

- Alvo, - chamou a voz de Gina pelas escadas abaixo - James. Já está na hora de irmos.

James agarrou as vestes novas de Alvo e um punhado de roupa do armário, jogou tudo no malão, e fechou a tampa com um empurrão. Se Alvo chegasse a Hogwarts sem cuecas limpas, seria sua própria culpa. James pegou o passaporte e arrastou o malão até a porta, encontrando-se com Alvo que voltava.

- Esse é o meu malão? - exigiu Alvo.

James passou ao seu lado, apoiando o malão no chão, até o corredor.

- Recolha as corujas, você quer? Vamos chegar tarde.

- Eu ainda não havia terminado de empacotar!

- Bem, suponho que agora já, não? - disse James, sentindo-se de repente exasperado. - Papai e mamãe já estão esperando. Quê? Decidiu que depois de tudo, não quer ir à escola?

Sem responder, Alvo recolheu bastante ruidosamente as corujas e seguiu James até o carro.

Quando a família chegava à estação de King's Cross, James tentou alegrar o ânimo.

- Pense nisso, Alvo, esta noite você estará instalado, sentando diante da chaminé de uma cabeça de serpente gigantesca e bebendo uma garrafa de cerveja amanteigada com seus amigos.

Alvo franziu o cenho e abriu a porta do carro, saindo à neblina do estacionamento. James seguiu-o.

- Posso empurrar um carrinho, pelo menos? - perguntou LÍlian, fazendo seu melhor biquinho.

- Desculpe, LÍlian - disse Harry, empilhando os malões e as gaiolas das corujas sobre dois carrinhos de mão. - São bem pesados e estamos com pressa. Porém, você verá Hugo em alguns minutos. Se tudo correr bem, a tia Hermione e o tio Rony virão comer com a gente assim que o trem sair. Não te parece divertido?

- Não *quero* comer - disse LÍlian, petulante.

A família atravessou as grandes portas da estação e juntou-se aos viajantes habituais, atraindo a curiosidade de alguns quando as corujas ululavam e agitavam as asas. LÍlian seguiu seus pais, queixando-se de seu desejo de ir a Hogwarts com seus irmãos *este* ano, e não de esperar mais alguns anos.

- Eu estive na sala comunal da Sonserina - disse James a Alvo enquanto se aproximavam da plataforma. - Ralf me mostrou. Zane, inclusive, esteve no dormitório das garotas. É algo como um hotel da Idade Média cinco estrelas na Transilvânia, se é que me entende. Você vai ficar encantado.

Alvo se virou para olhar James.

- Não quero ir! Não quero ir para Sonserina!

- James, dá um tempo - pediu Gina.

- Eu só disse que ele *talvez* fosse - disse James, dando um risinho para Alvo - Não vejo problema nisso. Ele *talvez* vá para Sonse...

Viu a expressão de aviso de sua mãe e calou-se. Sentindo-se um pouco contrariado, pegou seu carrinho de mão, olhou para Alvo por cima do ombro e logo o empurrou em frente, até a parede. Igual ao ano passado, a parede pareceu dissolver-se. Lançou-se através dela, e parou o carrinho para manter-se na plataforma nove e três quartos. Estava tão abarrotado quanto da última vez, apesar de que a mescla de neblina e vapor tornava quase impossível ver alguém. Saindo na densa neblina, pôde ouvir o silvo do Expresso de Hogwarts, e pela primeira vez em toda a manhã, sentiu-se um pouco melhor. Sem esperar pela família, empurrou o carrinho através da multidão, até o som do trem.

- James! - chamou uma voz. James olhou em volta e viu Lúcia de pé junto ao tio Percy, que aparentemente levava uma conversa animada com um homem que levava

uma capa listrada. A esposa de Percy, Audrey, estava perto, segurando a mão da irmã de Lúcia e revisando um horário de saídas.

- Olá, Lúcia - disse James, empurrando o carrinho até ela. - Não esperava te ver aqui. O que aconteceu?

- Já estamos de volta - encolheu os ombros. - Papai recebeu uma ligação. Algo aconteceu no Ministério e precisam dele. Pelo menos estaremos em casa por um tempo. Onde está Alvo?

James gesticulou para a direção de onde havia chegado.

- Alvo está mal-humorado. Está parecendo um resmungão desde a Toca.

Lúcia assentiu de forma compreensiva, porém não disse nada.

- Bem, é melhor eu guardar meu malão. Já chegamos tarde. Nos vemos, Lúcia.

- Adeus, James - respondeu Lúcia, e logo adicionou: - E não perca Alvo de vista, tá bem?

James sentiu um golpe de culpa ante a isso.

- Claro, Lúcia. Sou seu irmão mais velho.

Lúcia sorriu e acenou com a mão. James deu a volta e correu até o trem, empurrando seu carrinho. Quando chegou ao carregador, viu Teddy Lupin movendo-se através da neblina com Victoire a seu lado, perdidos em uma conversa sussurrada. Satisfeito por ter deixado suas coisas a salvo no trem, James trotou até alcançá-los.

- Ei! Teddy! Vitória! Chamou-os.

Eles se detiveram perto da estação, porém Vitória seguiu falando, sua cabeça perto da de Ted.

- Já é hora - disse com cara séria - Não quero passar o ano escolar com esse segredo entre nós.

- Não é entre nós, Vic - disse Ted racionalmente - Você sabe que seus pais não estão preparados para inteirar-se do nosso. Sua mãe já acha que sou um vagabundo em flores. Me dê um tempo para arrumar as coisas em Hogsmeade. Uma vez que eu tenha demonstrado que estou sério...

- A quem você tem que demonstrar isso? - perguntou Vitória, retrocedendo e colocando as mãos nos quadris. - A meus pais ou a você mesmo?

Ted revirou os olhos. Lançou um olhar para James.

- Assim é sair com uma mulher cuja família te conhece a vida inteira. Me conhecem demasiado bem para que meus encantos funcionem com eles.

- Seus encantos funcionam muito bem - replicou Vitória - De fato, se não fosse por seus encantos, nem sequer *teríamos* este problema.

- Sinto interromper - disse James, emergindo da neblina com as palmas da mão para cima. "Eu só queria lhes cumprimentar. Me desvanecerei entre a neblina outra vez.

- Espera um momento - disse Ted, seu rosto se voltava cada vez mais pensativo.

- Tenho uma idéia.

De repente, agarrou Vitória e a abraçou. Ela resistiu por um momento, porém ele a beijou e ela relaxou. Pouco a pouco, deixou cair a mochila que levava e pôs os braços em volta do pescoço de Ted. James deu um passo para trás e olhou em volta nervosamente.

- Humm, como dizia... - começou, mas se deteve enquanto Ted levantou um dedo, entretanto ainda beijando Vitória. Finalmente, se separou dela e olhou de rabo de olho a James, sorrindo sarcasticamente.

- Você viu isso, né? - perguntou.

- Não creio que tenha visto *algo mais* que isso - respondeu James, incômodo.

- Bem. Agora me fará um favor.

Vitória olhou Ted, os braços, todavia, ainda ao redor de seu pescoço.

- Teddy, não...

O sorriso de Ted não titubeou.

- Vá e conte a eles tudo o que você viu.

- Quê? - pasmou James.

- Conte a eles. Diga que eu vim me despedir de Vitória, e que viu a gente se beijando aqui na plataforma. Diga que nos interrompeu e que nos separamos. Será a fofoca mais quente desta manhã na plataforma, e terá que ser você que a faça circular. Saberão que estamos juntos e nem se quer tivemos que dizer uma palavra sobre isso - voltou-se para Vitória - Feliz agora?

Ela inclinou a cabeça com arrogância para ele, porém sorriu.

- Você é um malandro.

Ted encolheu os ombros.

- Simplesmente sou bom para encontrar razões para te beijar. E então, o que te parece, James? Atreve-se a fazer essa tarefa?

James sorriu maliciosamente.

- Aprendi a mentir com Zane. Farei isso do modo mais suculento que eu puder.

- Excelente - disse Ted - Mas o faça também do modo mais realista possível - Pôs seu rosto severo e olhou James. - Agora vá, quer? Estou ocupado.

Com isso, beijou Vitória de novo. Ela sorriu e soltou uma risadinha, empurrando-o teatralmente. James girou sobre seus calcanhares e trotou novamente até a multidão. Depois de um momento, viu sua família reunida com o Tio Rony e a Tia Hermione perto do trem. Todos voltavam seu olhar para mais atrás, para a estação. James seguiu a direção de seus olhares e viu Draco Malfoy com sua esposa e seu filho perto da repartição. Draco assentiu rapidamente em sua direção, depois se voltou ao filho. Ele tinha o mesmo rosto anguloso e os mesmos cabelos platinados do pai. Olhou rapidamente para James, parecendo reconhecê-lo. Depois de um momento, ele desviou o olhar, como se estivesse chateado.

James recordou as novidades que supostamente deveria compartilhar. Correu para sua família, esquivando-se e ziguezagueando através da multidão. Quando se aproximava, ouviu o tio Rony dizer a Rosa com um tom mordaz:

- Mas não fique *muito* amiga dele, Rosinha. Vovô Weasley nunca perdoaria se você casasse com um sangue-puro.

James se alegrou de interromper a pausa incômoda que se seguiu.

- Ei! - gritou enquanto se aproximava. Rosa o viu primeiro e sorriu. O resto da família virou-se com curiosidade - Teddy está lá atrás. Acabei de ver. E adivinhe o que ele está fazendo? Se agarrando com a Vitória!

Os adultos olharam-no bastante inexpressivamente. James arqueou as sobrancelhas, ante a falta de resposta.

- O Nosso Teddy! Teddy *Lupin!* Agarrando a *nossa* Vitória! Nossa prima! E perguntei a Teddy que é que ele estava fazendo...

- Você interrompeu os dois? - disse Gina, incrédula - Você é igualzinho ao Rony...

James insistiu, comprometido a dizer o que Ted havia indicado.

- ... e ele disse que tinha vindo se despedir dela! E depois me disse para dar o fora. Ele está *agarrando* ela!

Lílian falou alto Harry:

- Ah, seria ótimo se os dois se casassem.

James revirou os olhos e ignorou o resto da conversa. Bom, ao menos ele fez correr a notícia. Ted estaria satisfeito. Depois de um momento, ouviu seu pai dizendo - Por que não o convidamos para morar conosco de uma vez?

- É! - concordou James no mesmo instante - Eu não me importo de dividir o quarto com o Alvo. Teddy poderia ficar com o meu!

- Não - interveio Harry - Você e Al só dividirão um quarto quando eu quiser ter a casa demolida - olhou o relógio e sorriu - São quase onze horas. É melhor embarcar.

James abraçou seu pai e sua mãe, e um minuto depois estava a bordo do trem, deixando o ruído e vapor atrás dele. Meteu-se no compartimento mais perto com Rosa, o que ficava as suas costas. Ela abriu a janela e acenava com a mão para fora. Alvo estava, todavia, ainda na plataforma, com Harry ajoelhado junto a ele. James recordou-se de Harry fazendo o mesmo com ele ano passado, e não teve dúvida que eles estavam tendo uma conversa bem parecida. Gina viu James e acenou para ele. Lílian sacudia a mão livre de sua mãe.

Alvo se separou de seu pai, abraçou sua mãe e logo embarcou no trem. Um momento depois, entrou no mesmo compartimento onde estavam James e Rosa. Houve uma comoção atrás deles quando vários estudantes se acercaram e entraram no compartimento, olhando a janela e murmurando nervosamente.

- Por que eles estão todos nos encarando? - perguntou Alvo enquanto ele e Rosa viravam-se.

Na plataforma, Rony deu de ombros e gritou:

- Não se preocupe! É comigo. Sou excepcionalmente famoso.

Alvo sorriu, e depois riu um pouco. Rosa riu entre dentes para seu pai. Com grande barulho e uma sacudida, o trem começou a mover-se. James não pôde deixar de notar que seu irmão parecia se sentir um pouco melhor. Alvo sorriu, deixando que algo de excitação aparecesse em seu rosto enquanto se despedia. Junto ao trem, seu pai caminhava, com uma mão levantada e um sorriso nostálgico no rosto. Rosa inclinou-se pela janela e acenou para Rony e Hermione. Depois, retardou-se, fechando a janela com um suspiro.

- Bem - disse, deixando-se cair no assento em frente a James - Lá vamos nós!

James assentiu. Alvo olhou pela janela até que a plataforma se perdeu de vista, e logo se juntou a Rosa no assento. Recostou-se e observou como Londres começava a ficar pela trás pela janela.

- No que está pensando, Al? - perguntou James, lembrando da advertência de Lúcia na plataforma - Esperando com ansiedade seu primeiro ano?

Alvo olhou para James durante um longo momento, depois suspirou.

- Estaria esperando com muito mais ansiedade se você tivesse posto algumas meias em meu malão.

James ficou surpreso por um momento, sorriu um pouco, e chutou o pé de seu irmão.

- De qualquer jeito, você nunca os troca. Não achei que precisaria de mais alguma além das que já estão em seus pés.

- Que repugnante - comentou Rosa.

Houve um forte golpe na porta do compartimento e os três levantaram o olhar. Ralf salientou-se, a cara corada e risonha.

- Olá a todos. Há espaço para mais um?



- Então Zane irá a Alma Aleron este ano, né? - perguntou Rosa, fingindo desinteresse.

- Sabia que ele iria desde que nos visitou com seus pais em julho passado - disse Alvo.

- Bom, ele não estava *completamente* seguro então, não é? Disse que havia uma oportunidade que seu pai conseguisse que seu contrato fosse prolongado.

- Não - insistiu Alvo. - Disse, inclusive, que se isso acontecesse, acabaria voltando aos Estados Unidos com sua irmã e sua mãe. Você está louca por ele, e não consegue evitar pensar que um simples piscar de olhos seus foram suficientes para que ele escalasse montanhas e atravessasse rios para estar em Hogwarts com você este ano.

Rosa revirou os olhos teatralmente.

- Isso é totalmente ridículo. Apenas o conheço, e pelo que *sei* dele, ele é terrivelmente insuportável.

- O bastante insuportável para você tratar de querer lhe dar uma Poção de Amor?
- sorriu Alvo abertamente.

Rosa girou a cabeça e olhou-o boquiaberta.

- Eu nunca...

Alvo encolheu os ombros, todavia sorrindo.

- Você tem que aprender a proteger seu diário com algo mais do que o simples Feitiço da Desilusão que ele tem. Você mais que ninguém deve saber como é fácil abri-lo com um feitiço.

- Mas que canalha você é! - gritou Rosa, a voz tão mais aguda que se tornava inaudível. - Se eu soubesse alguma maldição, transformaria sua cabeça em um *marshmallow*.

- É assim que as coisas são sempre na sua família? - perguntou Ralf a James, mascarando uma varinha de alcaçuz.

- Quase sempre - assentiu James - Menos mal que Luís não nos encontrou, todavia. É o que realmente saca o pior de Rosa.

- Isto não é o pior?

James remexeu sua bolsa e encontrou sua varinha. Finalmente, agora que estava no trem, se permitia voltar a usá-la. Estivera tentado a desafiar Ralf para um jogo de Arranques e Brocas, porém sabia que Ralf o derrotaria facilmente com sua varinha pouco ortodoxa e de ponta verde. A James seria bom acreditar que as habilidades de Ralf só se deviam ao fato de sua varinha ter pertencido a Merlim, porém era mais que isso. Ralf tinha talento, e provavelmente nem ele mesmo conhecia os limites desse talento. Ser derrotado por Ralf em Arranques e Brocas era particularmente mortificante porque Ralf tendia a querer pedir desculpas por ele.

- É uma pena que Zane não possa voltar a Hogwarts conosco este ano - disse James. - Será um pouco raro estar sem ele.

- Bem, sempre foi um pouco raro estar *com* ele - disse Ralf - Assim, talvez uma coisa compense a outra. Mas pode ser que ainda assim o vejamos este ano. Ele me disse que Alma Alerons tem alguns novos métodos de comunicação. Está na equipe de prova.

James assentiu.

- Parece que o velho reitor Franklyn vem trabalhando duro nisso desde que se foi.

- É o que eu diria - concordou Ralf - Papai os visitou durante o verão e o mostraram a escola e os terrenos. Todo o campus está contido em um único pátio de pedra rodeado por um muro de pedra em um antigo bairro da Filadélfia. Você nunca repararia nele ainda que passasse ao lado dele. E falando de espaços intracáveis! Eles têm uma Cápsula do Tempo, inclusive!

James franziu a testa.

- O que é uma Cápsula do Tempo?

- Oh, é algo realmente incrível - Ralf empolgou-se - É o único jeito de entrar na escola. É algo como uma Cápsula de descompressão. Sabe, quando os foguetes se conectam a uma estação espacial, eles têm que manter ligadas as câmaras entre eles.

James arqueou as sobrancelhas sarcasticamente.

- Ah, é - disse Ralf - Me esqueço que você foi criado por bruxos. Está bem, uma Cápsula de descompressão é uma espécie de câmara fechada entre dois lugares com atmosferas bem diferentes. Tem portas dos dois lados. Quando entra numa delas de seu lado, levas a atmosfera contigo. Logo, as portas se fecham e a atmosfera é substituída por uma nova. Essa é a única forma que um astronauta pode ficar dentro do meio respirável de uma estação espacial.

A expressão de James não mudou.

- Ora, vamos - disse Ralf na defensiva - Cresci vendo filmes de ficção científica. Que foi? Nem todos nascemos com uma varinha de prata colada na boca, sabia disso?

James riu.

- Vamos, Ralfidilo. Então o que é uma Cápsula do Tempo?

- Bem, é exatamente isso! Uma Cápsula para o Tempo! Não só o campus de Alma Aleron está escondido dentro de algum muro de pedra mágico que faz sua massa parecer bem menor do que é, também está oculta no tempo! Você tem que atravessar a Cápsula do Tempo para substituir seu tempo por qualquer momento que o campus esteja em um dia determinado.

- Isso é impossível - interveio Rosa, baixando o livro que estava lendo. - Viajar no tempo não é só terrivelmente instável, como também altamente arriscado. O Ministério inclusive determinou os vira-tempos porque muitas pessoas estavam fazendo traquinagens com o fluxo temporal, desequilibrando a história.

- Fluxo temporal? - disse Ralf, pestanejando.

- Desequilibrando? - sorriu Alvo maliciosamente.

- Leva um tempo para se acostumar com Rosa - disse James - Porém ela é a pessoa ideal se você busca uma cura para alguma planta venenosa.

- Ou uma poção de amor ocasional - acrescentou Alvo.

- Haveria funcionado se eu sequer tivesse conseguido feito ele beber - Assinalou Rosa sombriamente - E eu estava só *experimentando* com ele. Apenas o encontrei um pouco menos antipático do que qualquer um de vocês.

- Que tipo de varinha você comprou, Rosinha? - disse James, mudando de assunto.

- Só meu pai me chama assim, *Jameson* - respondeu Rosa, remexendo sua mochila. James sorriu.

- Jameson nem sequer é meu verdadeiro nome.

- Salgueiro - disse Rosa, delicadamente disparando flores com sua varinha e mantendo-as no alto. - Vinte centímetros com núcleo de pêlo de Pégaso.

- E a sua, Alvo? - perguntou Ralf, metendo o último pedaço de varinha de alcaçuz na boca.

As feições de Alvo mudaram um pouco e ele encolheu os ombros.

- É uma varinha. Vinte centímetros. De teixo.

Ralf assentiu.

- E de que é o núcleo?

Alvo olhou de lado para a janela, com o rosto escurecido.

- De que é o núcleo de *sua* varinha, Ralf?

Ralf piscou. Buscou em sua mochila e sacou sua varinha. James olhou-a, lembrando-se bem. Tinha quase trinta centímetros de largura e era tão grossa como um cabo de vassoura. Na extremidade era pintada de verde limão. Era tão ridícula como sempre havia sido, porém James sabia talvez melhor que qualquer um o que ela era capaz de fazer quando Ralf a tinha em mãos. Havia salvado a vida dele por pelo menos uma vez.

- Bem - admitiu Ralf - Eu acreditava que é de um bigode de um iéti do Himalaia.

- Bigode de iéti? - Alvo disse, inclinando-se para frente e sorrindo.

- Já passamos por isso - suspirou Rosa - Ninguém sabe do que é feita a varinha de Ralf, a não ser, quem sabe, Merlim. E definitivamente não vou perguntar a ele. Esse homem me dá calafrios.

James olhou para Rosa.

- Sério? Por quê?

Rosa dirigiu a James uma expressão de desdém exasperado.

- Ele só é o mago mais famoso e egoísta da história do mundo mágico, cê sabe.

- Sim, suponho, mas ele não é *malvado*.

- Já te ocorreu que um mago como Merlim não poderia ser, todavia, mais perigoso porque é malvado, senão simplesmente porque é egoísta?

James franziu o cenho incredulamente.

- De onde você tirou isso? Seus próprios pais fizeram parte do comitê que conseguiu nomeá-lo diretor.

Rosa devolveu sua varinha à mochila e pôs esta embaixo de seu assento.

- Digamos que seus mais fortes partidários crêem que há muitas coisas sobre ele que não sabemos.

- Como o quê? - exigiu James.

- Como coisas que não sabemos - repetiu Rosa. - É sobre isso que se trata, mais ou menos: coisas que não sabemos.

James bufou e girou sobre si mesmo, batendo sua varinha.

O céu fora da janela do trem seguia num cinza ardósia, prometendo chuva. Os campos passavam monotonamente. James decidiu ver se encontrava algum de seus amigos. Pôs-se de pé e abriu a porta.

- Ei - disse Ralf, sem levantar o olhar do jornal sensacionalista que estava folheando - se encontrar a moça do carrinho de comida, traga-a aqui, certo? Estou morto de fome.

James assentiu e saiu. Estava a ponto de fechar a porta novamente quando Alvo a atravessou, se juntando a James no corredor.

- Porque não contou a Ralf de que era o núcleo de sua varinha? - perguntou James enquanto caminhavam.

- Não é da sua conta - respondeu Alvo, como se desafiasse James a responder.

James encolheu os ombros, e depois de um momento Alvo suspirou.

- Olhe, já é bastante ruim que façam essas piadas com meu nome. ASP, uma espécie de serpente venenosa, rá, rá. Se soubessem que minha varinha tem o núcleo de fibra do coração de dragão...

- Eu acho legal - disse James - Ninguém se mete com um dragão.

- À exceção do tio Carlinhos, e de Haroldo e de Júlio - disse Alvo, permitindo-se um pequeno sorriso.

- Sim, mas esses estão totalmente loucos, são tão loucos quanto Hagrid quando se trata de dragões - James deteve-se no corredor e olhou para Alvo. - Na verdade, não é para tanto. Me chateei com você por isso, porém de verdade, foi só porque quando fui selecionado realmente considere...

Um clarão passou no corredor ao lado deles. James viu e deu a volta, arfando.

- Que foi? - disse Alvo, olhando ao redor.

James sacudiu a cabeça, todavia estudando as sombras no corredor.

- Não sei. Algo. Acho que vi antes, mas não sei o que é ainda...

- Vejo que seu primeiro ano de escola o deixou transbordante de conhecimentos - disse Alvo.

James lançou sua mão para Alvo, silenciando-o. A luz do corredor era intimidadora e indiferente, cheia de sombras esvoaçando enquanto o trem passava por extensões de bosque, porém James estava seguro de haver reconhecido a figura e o movimento da pequena sombra maliciosa. Tinha intenção de entrá-la.

Houve um ruído repentino e uma rajada de ar, fazendo James saltar. Levantou o olhar quando um homem grande com o cabelo muito curto entrou no corredor partindo desde o vagão adjacente. O homem fechou a porta de conexão com facilidade, colocando-a bruscamente em seu lugar.

- Um dia glacial o de lá fora, hein, meninos - bradou, avançando a passadas largas até eles pelo corredor. - Seria melhor que fossem aos seus compartimentos. Não parece muito prudente ficar perambulando por um trem em movimento.

- Só estávamos, hum, procurando nossos amigos - respondeu James.

- Como eu, então - o homem sorriu de modo maroto, passando ao seu lado. - Espero que vocês tenham mais sorte que eu, hã?

O homem alto avançou até o final do corredor e abriu a porta, deixando entrar outra rajada de ar e ruído do aceso entre vagões. Depois de um momento fechou a porta num golpe.

- Era um professor? - disse Alvo, seguindo o homem com o olhar.

- Eu nunca o tinha visto antes - disse James, distraído. Havia notado que a porta por aonde o homem chegara não estava totalmente fechada. Havia deslizado ligeiramente para trás quando o homem a havia fechado de um golpe. Um zumbido de ar frio se ouvia, um passo atrás dela.

A sombra maliciosa aterrissou bruscamente em frente a ela, examinando a pequena abertura. James a viu e seus olhos saíram de órbita. A criatura voltou-se para ele, como o desafiando a segui-lo. A abertura era estreita demais, inclusive para a sombra. Porém então se retorceu e se espremeu através dela, passando através do buraco como se fosse fumaça.

James saltou para ela.

- O que é isso? - disse Alvo, seguindo-o.

- Você o viu? - disse James, tratando de manter o equilíbrio sobre o solo bamboleante.

- Sim! Parecia uma sombra, porém mantendo-se por si mesma!

James alcançou a porta e a empurrou para abri-la. O ar denso e o ruído ensurdecedor das rodas do trem encheram o interior do corredor. O pequeno acesso se sacudia de modo desconcertante, porém a criatura ainda estava ali, brincando com o lugar da entrada que dava ao vagão adjacente. James estendeu o braço para ela, mas ela deslizou por baixo da porta, ficando tão delgada que praticamente desapareceu.

- Vamos! - disse James, abrindo a porta de um empurrão. - Quero ver o que é essa coisa! Lhe devo um soco!

O próximo vagão era exatamente igual ao próximo. Todos os vagões à direita estavam apinhados de estudantes de Hogwarts, conversando e rindo. James os ignorou enquanto perseguia a criatura pelo corredor. Esta cabriolava dentro e fora da luz que mudava sem parar, brincando nas paredes e saltando no solo. James se deu conta que

ainda tinha sua varinha em mãos. Rapidamente, tentou recordar-se de todos os feitiços que o professor Franklyn havia lhe ensinado em Defesa Contra As Artes Das Trevas no ano passado.

- Ela está ali! - disse Alvo, parando e apontando. - Se dirige ao vagão da locomotiva. Não podemos entrar ali, verdade?

James estava decidido a seguir a criatura sombra. Corria em frente enquanto esta vibrava entre a parte iluminada entre a porta e a parede. James podia ver através da pequena janela da porta. O seguinte vagão não era um vagão de passageiros, sim o vagão do carvão que alimentava a máquina. O ruído da locomotora carmesim notavelmente era mais alto aqui. Estendeu a mão para a maçaneta da porta, porém esta estava trancada.

- Está segura de que essa é uma boa idéia? - disse Alvo quando James apontou sua varinha para a porta.

- *Alohomora!* - disse James em voz alta. Houve um "clique" e a porta se abriu parcialmente. James pegou a maçaneta e empurrou a porta para o lado.

Um ar brumoso e frio, e pedaços de fuligem voaram do interior do compartimento. O vagão do carvão era um muro negro metálico do outro lado de uma conexão. Embaixo da gigantesca junta, os trilhos da via do trem passavam. A criatura bailava sobre a junta, mantendo um equilíbrio vertiginoso entre o vento e o ruído variantes.

James apontou sua varinha.

- Quem é você? - gritou. - O que faz aqui?

A criatura se inclinou de repente, fechando seus braços de múltiplas articulações ao redor do parafuso que a mantinha unida à engrenagem. Começou a puxar furiosamente, tentando tirar o parafuso e desconectar o trem.

- Alto! - ordenou James, tentando manter sua varinha firme contra a força do vento e a densa neblina. - Detenha-se ou eu mesmo o farei! Sei como fazê-lo!

A criatura aumentou sua ferocidade; puxando os parafusos das tarraxas que mantinham unidos os vagões do trem de modo selvagem.

- *Estupefaça!* - gritou no exato momento que uma grande mão agarrava seu pulso, empurrando-o acima. O feitiço ricocheteou na parede metálica do vagão do carvão e se desvaneceu na neblina.

- Essa não seria uma boa idéia - disse Merlin com sua voz tranqüila e retumbante. Estava bem atrás de James, resplandecente com sua túnica e barba embaraçada, olhando fixamente a criatura sombra. Libertou a mão de James, porém não retrocedeu.

James foi para um dos lados enquanto o mago avançava. Alvo estava de pé por perto, de olhos bem abertos. Merlin falou com a criatura. James não reconheceu as palavras, porém reconheceu a língua com que ele havia falado com a diretora

McGonagall na torre Sylvven, na noite após sua chegada. Tratava-se de uma linguagem densa, cheia de mudanças e voltas, e mundos de consoantes.

A figura deixou de tentar tirar o parafuso da conexão e se ergueu lentamente, quase como tivesse sido enfeitiçada. Entrou no compartimento, quase por entre os pés de Merlim, e se deteve, bamboleando-se quando o trem sacudia. Merlim fechou a porta, bloqueando o vento e o ruído das rodas do trem, e retrocedeu, ainda com os olhos fixos na criatura escura e misteriosa.

- Senhor Potter - disse com calma - Você seria amável para vigiar isto durante um momento? Preciso recuperar algo de meu compartimento. Temo que eu não estivesse absolutamente preparado quando o vi sair correndo em perseguição do *borlim*.

- O borlim? - perguntou James, levando seu olhar lentamente para a criatura bamboleante. - Huum, sim, claro. O que tenho que fazer para vigiá-lo?

- Absolutamente nada - contestou Merlim. - O coloquei em transe, mas as palavras não durarão muito. Não o perca de vista se ele chegar a despertar.

- O que devemos fazer se ele despertar? - disse Alvo, pondo-se entre James e Merlim.

Merlim olhou-o.

- Digam-me por onde ele foi - retumbou. Virou-se e voltou ao corredor a passadas largas. - Ah, e meus queridos... - disse, voltando a olhá-los por sobre o ombro... - aconteça o que acontecer, não usem magia na presença do borlim.

Um momento depois, a porta de conexão abriu-se e fechou-se de um golpe quando Merlim passou por ela.

- Que diabos é um borlim? - perguntou Alvo, baixando o olhar para a criatura em transe.

- Não tenho idéia.

- Bem, esse era o Merlim, não?

- James assentiu.

- Ele é bastante difícil de confundir.

Na metade do caminho do corredor, uma porta se abriu. Ambos os Potter observaram como um garoto saía para o corredor. Ele olhou na direção em que Merlim havia tomado, e logo se voltou para James e Alvo. Seu rosto era frio, desinteressado, e muito pálido. James reconheceu o filho de Draco Malfoy.

- Fazendo travessuras, já? - comentou o garoto - E por sinal já foram pegos pelo novo diretor.

- Não é da sua conta - disse James, tentando permanecer na frente da criatura sombra.

- Os conheço - disse o garoto, sorrindo e estreitando os olhos. - Os dois Potter. Não consigo lembrar seus nomes. Aliás, pra que servirá, na realidade?

- O que você quer? - disse James, tentando impor alguma autoridade em sua voz. Apesar de tudo, estava no segundo ano. Não era muito, mas era alguma coisa.

- Primeiramente, eu queria ver se eram tão chatos como ouvi dizer que eram. Se conta entre os sonserinos que o primeiro dos Potter tem delírios de ser um grande herói, como supostamente seu pai foi. Porém agora que os vejo, me dei conta que não são nada mais que duas crias assustadas, e quero ver o que você tem encurralado aí - disse, gesticulando para o chão aos pés de James.

Alvo deu um passo à frente.

- Repito, isso não é da sua conta. Porque você não vai embora, *Escórpio*?

- De fato, não planejo fazê-lo - disse o garoto pálido, ainda sorrindo indolentemente. - Sou do tipo curioso, já vocês podem ver. Demos uma olhada, porque não?

- Eu vi sua mãe semana passada - disse James. Deu-se conta que ainda tinha a varinha em mãos.

- Sim- disse *Escórpio*, revirando os olhos. - No enterro do velho. Pensou que era o mais nobre a se fazer. Mamãe não estava de acordo, porém se pregou às vontades de Papai como toda boa esposa deve fazer. Pessoalmente, não vi a necessidade. É difícil sentir-se mal pela morte de um Weasley quando há tantos outros para tomar o seu lugar.

James sentiu algo passar ao seu lado e baixou o olhar, segura que a sombra havia se reanimado. Só se tornou consciente do que realmente havia ocorrido quando ouviu o estrondo que se seguiu. Alvo havia se lançado sobre *Escórpio*, golpeando-o contra a parede forte o suficiente para que ele cambaleasse. Caíram ao solo.

- Como se atreve? Tire as mãos de cima de mim! - gritava *Escórpio*, oferecendo resistência enquanto Alvo lutava para mantê-lo embaixo.

- Retire o que disse! - gritou Alvo furiosamente - Retire agora mesmo!

Mais portas se abriram ao longo do corredor. Estudantes curiosos reuniam-se, alguns rindo e apontando.

- James - disse Sabrina Hildegard, uma companheira da Grifinória. - Primeiro a porta de conexão se abre, e agora...

Houve um estampido repentino e um clarão vermelho. *Escórpio* se levantou cambaleante, e apontava sua varinha de modo selvagem, porém Alvo arremessou-se contra ele.

- Não - gritou James - Alvo, pára!

Havia um furor de vozes e figuras clamando enquanto *Escórpio* retrocedia cambaleando, tentando livrar-se dos braços de Alvo. Outro feitiço rebateu na parede, e James lembrou-se do borlim. Virou-se buscando-o, mas a criatura já tinha ido. Desesperado, esquadrinhou o corredor.

- Nada de feitiços! - gritou, levantando as mãos, mas ninguém lhe fazia caso. James foi empurrado quando mais estudantes se amontoaram no estreito espaço para ver a briga. Virou-se, buscando a criatura, e logo a avistou. O borlim pulava dentro das sombras dos estudantes aglomerados. Era muito maior do que era inicialmente, e parecia bem mais sólido. Saltou e James ouviu um golpe quando aterrissou. Sem pensar, apontou a varinha. O borlim viu e investiu como que para atacar. James desviou a varinha e se agachou. A criatura passou por cima de sua cabeça e desapareceu por entre a multidão que enchia o corredor.

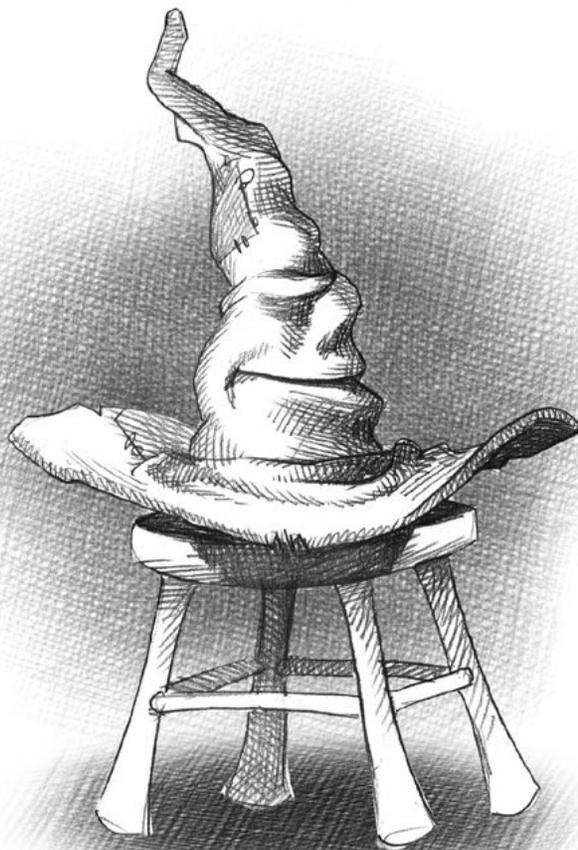
- Quietos! - retumbou uma voz muito alta, e James não teve que adivinhar para reconhecer a quem pertencia. Fez uma careta e derrubou-se contra a parede.

A multidão de espectadores silenciou imediatamente. Um momento depois, o corredor estava novamente vazio, enquanto os estudantes voltavam rapidamente a seus compartimentos, deixando a James, Alvo e Escórpio. Alvo tinha arrancado um pequeno pedaço da túnica de Escórpio. Escórpio ainda tinha sua varinha em mãos. Tentou escondê-la em sua túnica.

- Então - disse Merlin, movendo os olhos lentamente - algum de vocês podem me dizer em qual direção foi ele?

- CAPÍTULO 3 -

A Seleção



- **N**ão pode tirar dez pontos da Grifinória sem ainda termos chegado à escola! - insistiu James, trotando para acompanhar o passo largo de Merlim. Alvo os seguia, olhando para trás raivosamente.

- A redução de pontos da Casa do infrator é o método de disciplina preferido em Hogwarts, senhor Potter - disse Merlim distraidamente. - Lhe pedi que vigiasse o Borlim. *E* que não permitisse que nenhuma magia fosse utilizada em sua presença. Fracassou nisso, porém pelo menos soube me dizer em que direção ele havia fugido. Eu não estaria cumprindo adequadamente meus deveres de diretor se não lhe impusesse nenhuma forma de disciplina por sua completa desatenção às minhas ordens.

- Mas foi Escórpio quem fez magia! - disse James, saltando em frente ao diretor, obrigando-o a parar. - Não é culpa minha que ele seja um imbecil impulsivo. Fiz tudo o que podia para detê-lo!

Merlim examinava o corredor lentamente.

- Realmente fez *tudo* o que podia, senhor Potter?

James lançou as mãos para o alto.

- Bem, suponho que poderia ter me sentado em cima de Alvo para impedi-lo de atacar esse maldito babaca!

Merlim assentiu com a cabeça, e depois baixou seu olhar para James, dando-lhe toda sua atenção pela primeira vez.

- Está certo o que dizem sobre mim, senhor Potter. Provenho de uma época muito diferente. Quando *dou* uma ordem, não o faço sem motivo. Convém recordar que para mim, é mais lamentável falta de esforço do que excesso de esforço. Entende?

James revisou a frase em sua mente, assentindo ligeiramente. Olhou fixamente o diretor e logo negou com a cabeça.

- Quero dizer - disse Merlim lentamente. - Que espero que faça tudo o que esteja em seu poder para dar cabo de minhas exigências. Se sentar sobre seu irmão poderia ter ajudado, da próxima vez espero que você faça exatamente isso. O Borlim escapou, e o que é mais importante: sua negligência permitiu que ele ganhasse poder. E você deveria ser consciente que, pelo menos até alguns minutos atrás, ele era relativamente inofensivo.

O cenho de Merlim abaixou e seus brilhantes olhos deixaram a questão muito clara. James sentia-se injustamente acusado, porém assentiu de acordo.

- O que é? - Perguntou Alvo - Esse Borlim.

Merlim deu a volta, meio que despachando os garotos.

- São uma espécie de fantasmas: criaturas das sombras. São seres puramente mágicos, e como tais, alimentam-se de magia. Enganam mágicos jovens e tolos para que estes usem magia sobre eles para assim poderem se alimentar e crescer. São inofensivos enquanto pequenos. Quando crescem...

James olhou em volta, seguindo Merlim.

- O que acontece quando eles crescem?

- Creio - disse Merlim gravemente - Que vocês os chamam de dementadores.

James e Alvo sabiam o que eram dementadores. James estremeceu.

- Acho que vi esse mesmo Borlim faz uma semana, na casa de meus avós - comentou James. - E depois disso, no oculista. Armou uma grande bagunça, porém poucos minutos depois, quando o médico entrou no consultório, toda a bagunça estava desfeita. Tudo estava como sempre esteve. Achei que tinha imaginado isso.

- Não o imaginou - disse Merlim, detendo-se ao final do corredor e girando-se - Os Borlins provêm de um mundo alheio ao tempo... Podem controlar espaços diminutos de tempo, e agrupá-los como uma ruga numa almofada. Você viu suas ações, e assim que o lembrou, ele saltou atrás do tempo e o desfez.

Alvo tinha o rosto franzido em concentração. Sacudiu a cabeça.

- Mas porque ele faria isso?

- É um reflexo defensivo - disse Merlim bruscamente - Se acostumaram a apagar seu rastro. É algo similar à tinta que uma lula usa para confundir seu inimigo.

- Ele me confundiu - concordou James.

- Então, se não podemos capturá-los usando magia - perguntou Alvo - Como faremos? O que fazemos com ele depois de, hum, detê-lo? Disse que precisava pegar uma coisa. Está nesta bolsa?

- Por favor, voltem a seus compartimentos, meninos. - ordenou Merlim, girando-se e abrindo seu próprio compartimento. Jogou a grande bolsa negra em seus ombros. - Logo chegaremos à estação. Devem pôr suas vestes.

- Sim, mas... - começou Alvo, mas foi silenciado pela porta do compartimento ao fechar-se. As janelas estavam com a cortina fechada, bloqueando toda a vista do interior.

- Bem, *isso* realmente não foi educado - comentou Alvo enquanto voltavam a passos largos pelos corredores do trem.

James não disse nada. Sentia-se irritado pela forma que foi responsabilizado pela escapada do Borlim. Como pôde Merlim culpar-lhe e permitir que Escórpio escapasse sem nem mesmo um olhar severo? James estivera ansioso para começar o ano escolar porque acreditava que tinha uma espécie de entendimento com Merlim, o novo diretor. Depois de tudo, James havia sido inadvertidamente o responsável pelo retorno do famoso mago do distante passado. Além do mais, haviam trabalhado juntos no final do ano letivo anterior, para frustrar um esquema astuto para provocar uma guerra entre os mundos Bruxo e Trouxa. E ainda assim, inclusive antes de sua chegada a Hogwarts, James parecia ter iluminado o lado ruim de Merlim.

Enquanto ele e Alvo retornavam a seu compartimento, James recordava as palavras que Rosa havia dito no começo da viagem: *um mago como Merlim não poderia ser, todavia, mais perigoso porque é malvado, senão simplesmente porque é egoísta.*

Supostamente isso era ridículo, não? Merlim não era egoísta, só diferente. James conhecia Merlim tão bem quanto qualquer um. Até lhe haviam consultado sobre se o mago seria um bom diretor ou não. Não era perigoso. Só provinha de um tempo muito diferente. O próprio Merlim havia dito. Vinha de uma época muito mais séria e severa. Não era importante que apenas James entendesse esse fato, era importante que os outros estudantes entendessem também.

Quando Alvo abriu a porta do compartimento de um puxão, começava a chover de verdade. A janela estava salpicada por enormes gotas de água. Ralf estava adormecido em seu assento com seu jornal sensacionalista aberto sobre seu peito. Rosa estava enterrada em um livro, apenas notou seu regresso. James começou a acreditar que este ano talvez não fosse tão divertido como antes havia acreditado.



Quando o dia já estava acabando e a chuva finalmente diminuiu, James, Alvo e Ralf tiraram suas vestes de seus malões. As de James e Alvo estavam lamentavelmente amassadas.

Rosa levantou os olhos de seu livro.

- Vocês não aprenderam nem a dobrar suas roupas?

- Os garotos não aprendem essas coisas - disse Alvo, tentando alisar sua túnica com as mãos. - Aprendemos coisas úteis. Coisas secretas de garotos que nem sequer me permitem te contar. As garotas se conformam com aprender a guardar a roupa para que seu marido tenha um bom aspecto no trabalho.

- Nem sequer vou responder isso - disse Rosa, sacudindo a cabeça tristemente. - Só espero que sua irmã esteja tendo melhores lições do que você. O filho de uma famosa jogadora de quadribol deveria ser mais preparado.

Ralf levantou as sobrancelhas.

- Creio que conheço um feitiço Antiamassos. Querem que eu tente?

- Não, obrigado, Ralf - disse James rapidamente - Sem ofender, mas me lembro de você queimando o cabelo bem na cabeça de Vitória no ano passado.

- Isso foi um feitiço de Desarme - disse Ralf na defensiva. - Minha varinha é um pouco sensível a esses. O problema não é conseguir que funcionem, mas que não funcionem bem *demais*.

- Huum! - disse Rosa, amargurada. - Me pergunto porque será!

- Então, realmente o derrubou, né? - disse Ralf a Alvo, voltando a um tema anterior.

- O tombou pelo traseiro - disse James, golpeando seu irmão. - Eu estava bastante bem até que ele me metesse em problemas.

- Você tem que aprender algo de autocontrole, Alvo - disse Rosa, finalmente largando o livro. - Você pode não gostar dele, mas está em Hogwarts agora. Não pode sair por aí pegando as pessoas que dizem coisas que você não goste.

- Coisas que eu não goste? - disse Alvo, fulminando Rosa com o olhar. - Você perdeu a parte que ele insultou nosso falecido avô? Existe algo chamado *honra*, sabia? Farei de novo se ele fizer algo mais que me olhar feio.

- Eu não disse que não era pra você *revidar*, Alvo - disse Rosa significativamente. - Só disse que está em Hogwarts agora. Revide usando *magia*.

- Caramba! - disse James, rindo um pouco nervosamente. - Você não puxou nem um pouquinho pra sua mãe, Rosinha.

Rosa pareceu ofendida.

- Pode ser que não tenha puxado minha mãe, mas lembre-se que sou uma Weasley também.

Alvo fez uma careta.

- Bom, não posso fazer nada realmente mágico ainda. Além do mais, me proporcionou muita satisfação derrubá-lo.

Rosa lançou a James um olhar sério.

- Bem, então espero que tenha o traseiro em forma. Parece que vai passar grande parte deste ano sentado sobre seu irmão pequeno.

- Isso é problema dele de agora em diante - disse James - Além do mais, Escórcpio merecia. Esse estúpido cretino tentou Amaldiçoar Alvo. Seus pais estavam ensinando-lhes maldições já. Menos mal que Alvo tenha um bom alcance.

- Bem, tudo o que posso dizer é que vou investigar um pouco sobre essa criatura, o Borlim - disse Rosa enquanto o trem freava, parando na estação de Hogsmeade.

Alvo levantou as sobrancelhas com uma falsa surpresa.

- Quer dizer que existe uma criatura mágica que você não já *sabe*?

- A mim, soa a problemas - admitiu Ralf - Se Merlin disse que a coisa voltou-se perigosa, definitivamente é algo que precisamos vigiar.

James fechou o zíper de sua mochila e a deslizou pelos ombros.

- Eu só quero saber porque estive me seguindo por aí. Porque me *escolheu*?

Obviamente, acreditou que podia te enganar para usar magia sobre ela - raciocinou Rosa. - Quase funcionou.

- Por isso que fugiu quando a ameaçou na consulta médica - acrescentou Ralf, arqueando as sobrancelhas. - Disse que havia dito a ela que era um bruxo, mas que não tinha a varinha

contigo. Compreendeu que não havia motivo para armar confusão se não iria alimentá-la, e assim, cobriu suas faltas voltando no tempo alguns minutos e desfez tudo.

- Sim, bom, vocês não são todos brilhantes? - grunhiu James - Adoraria ver o que teriam feitos se fossem *vocês* ali. Além do mais, foram Alvo e Escórpio os que finalmente deixaram que as coisas dessem um pequeno atracãozinho mágico e que tudo terminasse mal.

- Não me culpe - disse Alvo, todavia tentando desamassar sua túnica com as mãos. - Se você tivesse atacado Escórpio comigo, poderíamos tê-lo desarmado antes que nada acontecesse. Aposto que o velho Merlim haveria aprovado *isso*.

Alguns minutos depois, o trem sacudiu ao parar. Ao seu redor ouviu-se o som de portas se abrindo, pisadas, conversas, e vozes excitadas enquanto os ocupantes do trem enchiam os corredores, fluindo para as saídas. James, Alvo, Rosa e Ralf recolheram suas coisas e uniram-se à multidão. Quando saíram à úmida plataforma da estação de Hogsmeade, James captou uma rápida visão de Hagrid de pé sob a luz dum poste próximo, mal cabendo nela.

- Alunos do primeiro ano! - gritava com sua voz grave e brusca. - Primeiranistas, por aqui. O resto vá em direção às carruagens. Se não sabem aonde ir, sigam os que sabem. Andando, já.

James puxou Alvo pela túnica, detendo-o.

- Ei - disse pausadamente - Agora falo sério. Não se preocupe com a Seleção, irmãozinho.

- Na realidade, não ligo - disse Alvo, dando de ombros - Me lembrei de algo que papai me disse na plataforma Nove e Três Quartos.

James ficou pasmo.

- Bem, que bom. E o que ele te disse?

- Disse que o Chapéu Seletor levaria em conta meus desejos. Disse que se eu *realmente* não queria, ele não me obrigaria a ser um sonserino.

- Você, um sonserino? - soou a voz de Escórpio atrás deles. James revirou os olhos. Deveria saber que essa peste estaria espiando.

- Nos deixe em paz, Escórpio - disse Alvo através dos dentes.

- O quê? - sorriu. - Vai arriscar por seu irmão em perigo lançando-se sobre mim de novo? Isso só vai funcionar uma vez, Potter.

Alvo assentiu com a cabeça.

- Farei isso e mais se não tiver cuidado.

- Por isso nunca será um sonserino - disse Escórpio, dando a volta e distanciando-se. - Como viu no trem, os sonserinos lutam com o cérebro e a varinha. Mas o que se pode esperar de um filho de Harry Potter?

Alvo se preparou para lançar-se sobre Escórpio, porém James agarrou-o pelo ombro.

- Não se atreva a cair nele outra vez, seu idiota. Isso é justamente o que ele quer que você faça.

- Ele está se metendo com papai! - sussurrou Alvo.

- Ele está tentando *te provocar*. Deixe pra depois. Você tem todo o ano letivo para odiá-lo.

- Isso é certo, Potter - disse Escórpio enquanto se afastava, todavia sorrindo. - Escute seu irmão. Sabe o que acontece quando enfrenta um sonserino. Ele te contou o que aconteceu quando tentou roubar a vassoura da capitã da equipe de quadribol da Sonserina no ano passado? Um assunto feio, sim. Ouvi que terminou de cabeça para baixo no barro.

James soltou os ombros de Alvo, a cara vermelha de raiva.

- Quer ver só, Malfoy? Não temos medo dos sonserinos.

- Então você é realmente tão bobo quanto parece - disse Escórpio, seu sorriso desapareceu. - Volta a ter um Malfoy na Casa da Sonserina. *Nós* não brincamos com a política. É melhor ter cuidado.

Fulminou os dois irmãos com o olhar, e depois girou, com a capa esvoaçando, e desapareceu entre a multidão.

- Pequeno bastardo arrogante, não? - disse Alvo. James olhou para ele e sorriu.

- Te vejo no Salão Principal, Al.

- Sim - replicou Alvo, assentindo para as carruagens.

- Divirta-se com os testrálios. Não deixe que lhe assustem demais.

- Era você que tinha pesadelos com eles, não eu - disse James, revirando os olhos. - Como eu te disse, são invisíveis.

Alvo simplesmente fitou James, uma expressão curiosa na cara.

- Quê? - perguntou James.

- Nada - disse Alvo rapidamente - Só estava me lembrando de outra coisa que papai me disse na plataforma, justo antes que eu subisse no trem.

James se deteve e franziu o cenho.

- O que ele disse?

Alvo encolheu os ombros.

- Disse "*Pode ser que James tenha uma pequena surpresa com os testrálios*".

Com isso, Alvo se girou, colocou sua mochila, e caminhou até Hagrid ao final da plataforma.



Não eram invisíveis; pelo menos não completamente. James ficou atrás, sinceramente relutante a aproximar-se demais das horríveis e semitransparentes criaturas atadas às carruagens. O mais próximo batia suas asas lentamente como se fossem feitas de couro. Virou-se para olhar-lhe, com seus gigantes olhos vazios grotescamente saltados.

- Pode vê-los, eh? - perguntou uma voz. James levantou o olhar, sobressaltado, e viu o rosto sorridente e as bochechas rosadas de seu amigo Damian Damasco. Damien também estava olhando os testrálios, com o rosto ligeiramente franzido.

- Comecei a vê-los no início de meu quarto ano. Me surpreendeu bastante, te digo. Eu acreditava que as carruagens eram simplesmente mágicas, que propulsavam elas mesmas até o castelo. Noah me levou pra um canto e me falou dos testrálios. Ele os vê desde o seu segundo

ano. Vamos, são inofensivos. Na realidade, são até bastante interessantes quando você se acostuma com eles.

James lançou sua mochila no interior da carruagem e subiu para o assento traseiro.

- Olá, James - disse Sabrina enquanto se elevava para o assento dianteiro. Porém levava uma pluma em seu cabelo vermelho e ondulado. A pena ricocheteou vistosamente enquanto a garota olhava por sobre o ombro. - Porque todo aquele drama no trem? Parecia que Merlim estava prestes a soltar raios mortais pelos olhos.

James passou a mão pelo cabelo, cansado.

Nem me lembre. Já consegui que tirassem dez pontos da Grifinória.

- Não é a melhor forma de começar o ano - disse Petra Morganstern, juntando-se a Sabrina no assento dianteiro. - Esse tipo de coisa pode fazer com que seus colegas da Grifinória se irrite um pouco. Afortunadamente, nós, os alunos do sétimo ano, já estamos por cima de todas as coisas mesquinhas.

- Sabrina e eu somos do sexto - assinalou Damian - E não falo por ela, mas eu continuo tão mesquinho quanto antes. Não os perdoei por nos fazer perder as Copas das Casas no ano passado. Para *Lufa-Lufa*, quem diria.

- Perdoar por tentar salvar o mundo - disse Petra ligeiramente, pondo a túnica sobre o assento - Além do mais, me lembro que você também estava implicado nesta aventura.

- Pode ser, mas ao contrário do resto de vocês, meu envolvimento não está comprovada. Por isso nosso querido ex-companheiro Teddy me nomeou bode expiatório oficial Maligno. As acusações simplesmente escorregaram para mim.

Sabrina assentiu seriamente.

- Me alegro que tenha arranjado um bom uso para essa sua pele oleosa.

Produziu-se um puxão súbito e a carruagem rodou para frente. James olhou e viu o testrálho fantasmagórico trotando. Semicerrou o olhar para ele, tentando vê-lo mais claramente.

Damian se inclinou e perguntou em voz baixa: - Quem morreu?

- Quê? - balbuciou James, virando-se para encarar o garoto maior. Baixou sua própria voz e perguntou: - Como você sabe?

- Minha tia morreu quando eu estava no terceiro ano - replicou Damian - Foi uma estupidez, na verdade. Um acidente de vassoura quando voltava de visita aos meus avós. Mamãe a advertiu para que não voasse com um dementador no caminho, mas tia Aggie sempre acreditou ser indestrutível. Manteve-se viva no St. Mungus tempo suficiente para que todos chegássemos a vê-la. Morreu enquanto eu ainda estava ali, no quarto. Quando voltei para cá no ano seguinte, vi os testrálhos pela primeira vez. Achei que tinha enlouquecido até que Noé me puxou para um canto e me contou sobre eles.

James se recostou em seu assento e suspirou profundamente.

- Meu avô Weasley - disse com voz suave - Teve um ataque no coração.

Damian arqueou as sobrancelhas.

- O velho Arthur Weasley?

- Você o conhecia?

- Bem, não em pessoa, - replicou ele - mas era o sogro de seu pai, e, verdade seja dita, seu pai era uma celebridade. Além disso, Arthur Weasley enfrentou a cobra de Voldy, não é? Ele não estava nada mal pra um simples funcionário do Ministério! Muita gente sabe disso. Dizem que isso prova que sua coragem é mais importante que a magia quando chega o momento.

James olhou Damian, surpreso.

- Mesmo?

- Claro - disse Damian - Quero dizer, as pessoas que dizem isso são a mesma classe que compra encantamentos Crescepelo e lê *O Pasquim*, mas sim, é o que dizem.

James voltou a olhar a forma nebulosa do testrálho. Trotava para a frente, levando a carruagem facilmente, apesar do fato, de que parecia frágil a ponto de se quebrar pela metade.

- Porque só é parcialmente visível? - perguntou James finalmente.

- Quê? - disse Damien, inclinando-se para frente - Para mim parece bastante concreto.

- Posso ver a calçada através dele - disse James, estremeando.

- Bom, como eu já disse, - disse Damien, recostando-se em seu assento enquanto o grande castelo se alçava sobre as árvores próximas - os testrálhos se tornam visíveis para qualquer um que tenha visto e aceitado uma morte. Não me parece que você tenha visto seu avô morrer com seus próprios olhos como foi com minha tia, porém parece que o que passou significou bastante a ti para te impressionar igualmente.

- Estávamos esperando que voltasse para casa - disse James secamente - Estávamos esperando que voltasse pela rede de Flu. Alguém o fez, porém não era meu avô. Era o mensageiro dizendo que ele tinha morrido.

- Assim, passou a acreditar que estava ali mesmo com você pra saber de sua morte, em questão de segundos - disse Damien, assentindo com a cabeça - perto o bastante para proporcionar-lhe uma olhada para os Testrálhos. Mas acho que isso não é tudo. Parece que você não aceitou tudo ainda, não?

James suspirou, sem responder. Em vez disso, contemplou a descomunal e monstruosa forma do castelo que se erguia em frente. Suas inúmeras janelas estavam iluminadas contra a nublada noite. James acreditou reconhecer a Torre da Grifinória, onde sua cama esperava por ele. Era agradável voltar inclusive se as coisas pareciam diferentes. Havia se sentindo assim desde o funeral, sabendo que o avô não estava aí fora em algum lugar como sempre estivera. Não, compreendeu James. Não havia *aceitado* a morte do avô. Ainda não. Além do mais, não queria fazê-lo. Não parecia justo com o avô. Aceitar sua morte parecia-lhe como esquecer dele.

Durante um minuto, James se perguntou se Alvo se sentia igual, e depois se lembrou de como Alvo havia atacado Escópio no corredor do trem, derrubando-o e gritando "*Retire o que*

disse! Retire o que disse!". Alvo não havia aceitado a morte do avô tampouco. Só que para ele era diferente, principalmente porque Alvo havia encontrado alguém sobre quem descarregar sua raiva e pena. Provavelmente não foi a forma mais sã de levar as coisas, porém para James não lhe ocorria outra melhor. Estava claro, foi muito fácil para Alvo fazer com que Escórpio o odiasse. James havia crescido com Alvo, e sabia o quanto apaixonado o menino podia ser. Pensando nisso, James não soube se deveria odiar Escórpio ou ter pena dele.



James se maravilhou com a capacidade do tempo para alterar a percepção de alguém. Apenas um ano antes, havia entrado no Salão Principal, apreensivo e preocupado. Agora, se lançou alegremente à algazarra da assembléia dos estudantes, saudando a amigos que não tinha visto o verão inteiro e sendo recebido na mesa saudável da Grifinória. As velas flutuantes enchiam o Salão Principal de luz e calor, formando um excitante contraste contra o cinza oco das nuvens noturnas que o teto do Salão representava. James sentou à mesa e agarrou um punhado de Feijõezinhos de Todos os Sabores de uma travessa próxima. Valentemente, pôs uma na boca sem comprovar a cor. Momentos depois, retorceu-se, sem atrever-se a cuspir a guloseima.

- Você deveria ser particularmente cuidadoso com essas, James - gritou um companheiro segundalista, Graham Warton. - Foram doadas gratuitamente pelos seus colegas Weasley. Eles se associaram a Bertie Bott para uma nova linha completa de sabores mais modernos, e estão fazendo provas de mercado.

- De que é? - disse James, engolindo a horrível guloseima e agarrando uma jarra de suco.

- A julgar pela cor de sua língua, eu diria que esse era de feijão-lima-limão - disse Graham, estudando seu rosto detalhadamente. - Também há de menta-chocolate-esquilo e amendoim-pepino-quebra-queixo.

- Damian acaba de comer um feijão de pedra-com-carne-e-fígado! - gritou Noé do outro lado da mesa, apontando. - Agachem-se todo mundo! Acho que irá explodir!

James não pôde evitar rir enquanto Damien lutava para engolir a guloseima. Petra batia-lhe duramente nas costas até que Damian a cuspiu, balançando-se.

Um silêncio baixou-se sobre os sussurrantes estudantes e James levantou o olhar para ver Merlim se aproximar, para o pódio no palco do Salão Principal. Vestia uma resplandecente túnica vermelha com o pescoço dourado e alto, e James reconheceu a versão bastante antiquada

de Merlim com uma túnica de gala. As mangas e o pescoço tinham, incrustados, adornos que reluziam com ouro e jóias autênticas. O gigantesco homem tinha a barba ofuscante por causa do óleo e levava consigo seu cajado, golpeando-o sonoramente enquanto passava. Era tão alto que fazia com que o palco parecesse pequeno. Inclinou-se sobre ele, seus olhos eram ilegíveis enquanto perscrutava a gigantesca assembléia.

- Saudações, estudantes e pessoal da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts - disse, sua voz profunda ressonou por todas as partes. - Meu nome é Merlino Ambrósio, e como pode ser que já saibam pela rádio ou pelos jornais, eu sou o novo diretor desta instituição. Como tal, espero não voltar a ouvir a inquietante tendência verbal desta era de usar meu nome como expressão de assombro. Deveriam saber que nem eu *nem* minhas calças achamos isso divertido.

James sabia que o comentário teria sido uma piada se Merlim não tivesse dito isso com essa penetrante gravidade. Olhava a assembléia de estudantes, desafiando alguém a tentar mais que um riso sufocado. Aparentemente satisfeito, se endireitou e sorriu de modo apaziguador.

- Muito bem, então. Como diretor, sucedo Minerva McGonagall que, como podem ver, se dignou a permanecer nesta escola, para exercer papel de minha conselheira e continuar suas tarefas de professora de Transformação.

Houve uma salva de palmas, que pareceu pegar Merlim de surpresa. Dirigiu o olhar para a multidão, depois sorriu ligeiramente, compreendendo o que estava ocorrendo. O aplauso cresceu a uma ovação mantida, e Merlim recuou um passo do pódio, reconhecendo a antiga diretora. Sobre o solo antes do pódio, os alunos do primeiro ano estavam em fila atrás do professor Longbottom. James viu Alvo e Rosa, que olhavam ao redor com um temor reverencial.

Rosa lançou seu olhar para até o estrado pequeno, quando a recentemente renomeada professora McGonagall empurrava sua cadeira para trás. Pôs-se de pé e acenou com uma das mãos, sorrindo de modo tenso. No solo, Rosa encontrou Alvo e apontou.

- Obrigada - gritou McGonagall sobre o som do aplauso, tentando afogá-lo. - Obrigada, são muito amáveis, mas os conheço demasiado bem para saber que pelo menos alguns de vocês estão aplaudindo minha largamente esperada partida por razões próprias. Ainda assim, aprecia-se o sentimento.

Risadas substituíram o aplauso enquanto a professora McGonagall voltava a sentar-se em sua cadeira. Merlim se aproximou ao palco de novo.

- Além de encontrarem-se com um novo diretor, os que regressam esse ano encontraram várias mudanças a mais. O menor deles será a instauração de nossa nova professora de Literatura Mágica, Julieta Revalvier, que é por si mesma uma grande escritora, como pode ser que muitos de vocês saibam. Finalmente, permita-me apresentar-lhes a nosso novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, o professor Quêndrico Debellows.

Uma onda de sussurros respeitosos caiu sobre o Salão quando um homem alto se levantou até a metade em sua cadeira na mesa dos professores. Seu sorriso era enorme e

disposto, e ele acenou com uma mão. Era o homem que havia passado junto dele e de Alvo quando eles buscavam o Borlim. James antes não o havia reconhecido antes, porém agora, ele o fez. Seu cabelo, todavia, era negro e severamente curto, porém havia ganhado muito peso desde sua famosa cruzada com os Harriers, o esquadrão de forças especiais do mundo mágico. No outro lado do salão, na mesa da Sonserina, viu Ralf com uma expressão assombrada. Seu amigo Trenton estava inclinado sobre ele, explicando quem era Quêndrico Debbelows. Sobre o chão abaixo do pódio, James viu Escópio dar-se a volta, com a expressão desgostosa.

- Tenho a coleção completa de figuras de ação de Quêndrico Debbelows em casa - James ouviu alguém a Noé sussurrar significativamente. - As coleciono desde que era pequeno. Eu costumava aticá-las contra o gato de Steven até que una delas quase lhe fiz un nó na cauda.

- Vejo que muitos já estão familiarizados com o professor Debellows - comentou Merlim no palco - Confio que encontrarão suas matérias preferidas assim que o desafiarem. E agora presenciaremos uma das mais antigas e importantes tradições da escola: a Seleção de nossos estudantes mais recentes para suas casas. Professora McGonagall, se nos dá a honra...?

Exatamente como no ano passado, um banquinho de madeira foi colocado sobre o estrado, e acima dele o antigo e gasto Chapéu Seletor estava, sem parecer nada mais que um trapo poeirento de um armário esquecido. James sabia que nos tempos de seus pais, e durante séculos antes disso, o Chapéu Seletor havia cantado uma canção antes de cada Seleção. No ano passado, no entanto, não havia tido canção. James não havia pensando muito nisso; simplesmente havia assumido que depois de séculos disso, o Chapéu Seletor merecia um descanso ocasional. Agora, o Chapéu se remexeu em seu banquinho, aparentemente preparando a canção. A ruga que formava a boca pareceu abrir-se, respirar fundo, e então a voz alta e rítmica do Chapéu Seletor preencheu o silêncio.

Mil anos e mais eu resisti em meu posto

E observei a maré de anos ir e vir

A justa Hogwarts não se altera apesar do peso dos anos que se passam

Pois Hogwarts sabe que o tempo dá voltas, enquanto ela somente envelhece.

O aparecimento de vilões ocorre, para manter o correto equilíbrio

Com bravos heróis, cujos olhos refletem a bondade brilhantemente

No passado recente, o temível Voldemort se levantou, atemorizante

E o destino enviou um herói, o órfão Potter, Harry

E assim se desenrola o drama eterno dos tempos

Os jogadores mudam, as localizações variam, mas o tema é constante.

A raiz do mal sempre encontra um novo e forte jardim,

Porém um coração de valor é sempre bom para nos trazer um bom perdão do destino.

*E isso, já vêm, nos leva até mim, o Chapéu Seletor, que realiza a Seleção.
Porque minha tarefa é manter o equilíbrio do bem que frustra o mal
Porque eu presenciei o amanhecer desta longa batalha que perdura
E por maior que seja essa dura e velha luta, minha esperança resiste
Vejo a semente que garante o papel de cada estudante
E os coloco na Casa em que a semente crescerá mais prudente.
Em Lufa- Lufa, a semente da lealdade e da diligência.
Para Corvinal, as vigas do conhecimento crescem sem sentido comum.
A Brava Grifinória alimenta o valor e a coragem do coração
E Sonserina dá àqueles que amam a ambição um bom começo.
Vejam portanto sua Casa como sinal de vocação.
Porque muita importância é dada a um indício de motivação mais profunda
Não cometa um erro, não julgue ninguém pela Casa de sua Seleção.
Em vez disso, observe sempre para medir seu comportamento.
Porque o Bem pode vir de qualquer Casa, apesar de seu estandarte.
E o Mal, também, pode infiltrar-se na raiz mais fina.
Abaixo de mim sente-se agora para ouvir minha declaração
Porém tranqüilo, confia na inclinação de seu próprio coração
Não importa o que aconteça quando está sentado nesta cadeira
O verdadeiro julgamento de seu futuro está no que se reside abaixo seu cabelo.*

Quando o Chapéu Seletor terminou sua canção, o Salão Principal estalou em aplausos. James sorriu, esticando o pescoço até o outro lado para olhar Ralf, que sorria de volta timidamente. Se alguém precisava ouvir a canção do Chapéu, esse alguém era Ralf, cuja designação para a Sonserina causara uma fonte constante de consternação no ano anterior. Quando o aplauso morreu, a professora McGonagall se aproximou do Chapéu, tirando um largo pergaminho da sua túnica. O desenrolou e os observou através dos seus óculos de meia-lua. Assentiu para si mesma, abaixou o pergaminho, e suspendeu o Chapéu Seletor pela ponta.

- Cameron Creevey - anunciou ruidosamente. - Por favor, suba ao palco.

Um menino muito pequeno e de aspecto nervoso subiu as escadas e trepou por cima do banquinho. “*Não pode ser que eu tenha parecido tão jovem e assustado quando me sentei neste banco*”. Pensou James consigo mesmo, sorrindo. Lembrava-se muito bem. A voz do Chapéu mágico em sua cabeça, avaliando-o, debatendo em que Casa cairia melhor. Havia sido uma decisão apertada. Momentos antes de subir ao palco, e assim que a professora McGonagall havia chamado seu nome, a mesa da Sonserina estourou em aplausos. Uma garota atraente de cabelo escuro e aspecto severo, chamada Tábita Violeta Corsica, havia liderado o aplauso, e enquanto James evocava a lembrança, pensou pela primeira vez que aquele aplauso era completamente um truque, uma tentativa de convertê-lo em um sonserino. Do quanto assustado havia estado, e preocupado em seguir os passos de seu pai famoso, James quase havia caído nele. Debaixo do Chapéu Seletor, James por um momento fugaz havia

considerado ser um sonserino, e o Chapéu Seletor haveria cedido. Somente no último segundo James havia reafirmado sua resolução, pretendendo ser um grifinório como o pai antes dele.

- Grifinória - proclamou o Chapéu Seletor. A professora McGonagall levantava o Chapéu da cabeça de Creevey enquanto a mesa da Grifinória explodia em algazarras. Cameron Creevey sorriu com patente alívio enquanto descia correndo as escadas. Sentou-se disposto na parte dianteira da mesa, sentando entre Damien e um setimanista chamado Hugo Paulson.

- Tomás Danforth - chamou a professora McGonagall, lendo de seu pergaminho. Um momento depois, a mesa da Corvinal animou o menino com óculos que sorria timidamente unindo-se aos novos companheiros de Casa. Enquanto a Seleção continuava, James percorria o Salão com o olhar, divisando todas as caras que conhecia dali. Ali estava Vitória, sentada resplandecente entre suas amigas de sétimo ano. Gennifer Tellus e Horácio Birch sussurravam um para o outro no final da mesa da Corvinal, e James recordou-se de Zane contando-lhe que haviam começado a se ver no verão. Do outro lado do salão, Tábita Corsica se sentava sorrindo de modo cortês, com as mãos veladamente cruzadas sobre a mesa diante dela. A sua esquerda se sentava Filia Goyle, cuja cara de ladrilho se encontrava tão inexpressiva como sempre. Tom Squallus se sentava à direita de Tábita, o cabelo ruivo penteado cuidadosamente e os olhos quase falsamente brilhantes e alertas. Quase parecia que estavam tramando algo, mas James recordou-se que os sonserinos sempre tinham essa pinta. Provavelmente só esperavam a Seleção de seu novo colega...

- Escórpio Malfoy - disse a Professora McGonagall, baixando o pergaminho e olhando ao que restava da fila dos alunos de primeiro ano. O garoto fez uma careta com a boca enquanto se girava. Subiu as escadas e se sentou graciosamente no banquinho, balançando uma perna antes dele. O Chapéu lançou uma sombra sobre ele quando repousou em sua cabeça.

Vários segundos se passaram. O Salão estava ficando alvoroçado enquanto os mais velhos se chateavam com a cerimônia, mas ficaram em silêncio novamente quando a pausa se estendeu. O Chapéu estava perfeitamente imóvel sobre a cabeça de Escórpio. O próprio Escórpio não se movia. James olhou ao seu redor, surpreso com o atraso. Todo o mundo sabia que os Malfoy eram sonserinos. Sua família era conhecida por ter estado entre os maiores seguidores de Voldemort. Sobre Lúcio Malfoy, o avô de Escórpio, dizia-se que estava foragido por crimes que havia cometido como assassino, apesar do pai de James haver negado. “Ele apenas gostava de acreditar que é o homem mais procurado do mundo”. Havia brincado com Gina certo dia no café da manhã. “Seu pior castigo é viver num mundo onde seu ídolo está morto”. Pois assim, não havia dúvida sobre a Casa de Malfoy, certo? Eles quase definiam o que era *ser* um sonserino, não? Talvez algo corria mal para o Chapéu Seletor. James procurou Graham, que olhou-o e deu de ombros com curiosidade.

- Grifinória! - cantou o Chapéu Seletor, levantando sua ponta para o teto.

Um absoluto e atônito silêncio preenchia o Salão quando o Chapéu foi tirado da cabeça de Escórpio. A mesa da Grifinória permaneceu absolutamente em silêncio enquanto Escórpio se aproximava. Passou a parte dianteira da mesa, onde os recém – nomeados grifinórios estavam com os olhos arregalados de par em par. James observou como Escórpio percorria o comprimento da mesa sem levantar o olhar. Quando alcançou o final, se deteve por um momento, como se em dúvida se sentava realmente. Finalmente se deixou cair sobre um banco na extremidade. Levantou os olhos, e James viu

que esses estavam coloridos de vermelho. Fulminou James com o olhar. Depois de um longo momento, apertou os olhos e levantou o olhar até a parte dianteira do Salão Principal.

- Alvo Potter - chamou McGonagall, em meio ao silêncio. James não pôde evitar dar uma olhadela de rabo de olho para a mesa da Sonserina. Tábita não estava se levantando para aplaudir desta vez. No entanto, estranhamente, mantinha seu sorriso cortês, parecendo completamente impassível à seleção de Malfoy.

Alvo olhou por cima do ombro enquanto subia a escada do palco. James assumiu que o olhava. Sorriu calorosamente e assentiu com a cabeça. Alvo não demonstrou sinal de tê-lo visto. Aproximou-se do banquinho e ficou com a cabeça baixa por um momento. A professora McGonagall assentiu bruscamente com a cabeça. Alvo enquadrou os ombros, e se sentou.

Não houve conversa substancial enquanto o Chapéu Seletor repousava sobre a cabeça de Alvo. Cada olho do salão observava. Todo o mundo sabia que Alvo seria um grifinório. James só havia brincado a respeito porque sabia que não *era* mais que uma brincadeira. Um Potter nunca seria enviado realmente a Sonserina. Porém enquanto pensava nisso, James recordou-se do olhar de ódio que Alvo lançou a Escórpio na estação de Hogsmeade. Alvo sempre havia sido um garoto muito apaixonado. Isso podia ser algo muito bom, encantador. Porém como James começara a pensar recentemente, também podia ser algo ruim. Tarde demais, James compreendeu que Alvo não se virou para olhar para ele, James, enquanto subia as escadas do palco. Virou-se para olhar para Escórpio, para assegurar que este estava observando-o. Queria se assegurar que Escórpio não perderia o que estava a ponto de acontecer.

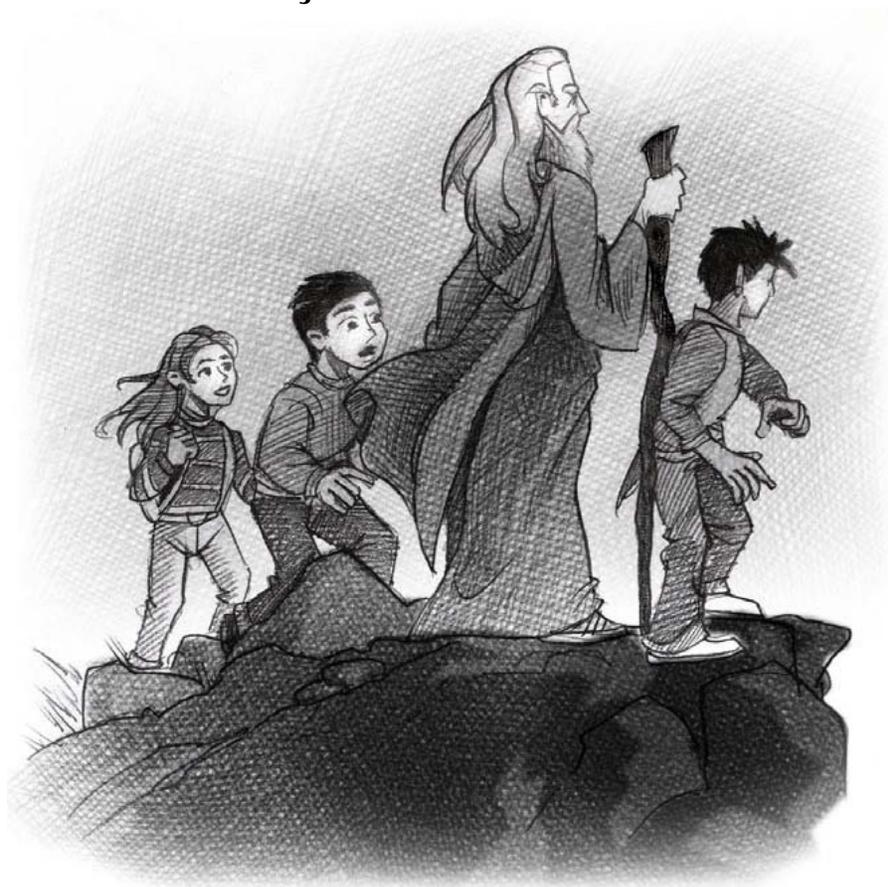
- Sonserina! - proclamou o Chapéu Seletor ruidosamente. Produziu-se uma comemoração coletiva e sustentada que preencheu o Salão Principal. A Professora McGonagall tirou o Chapéu da cabeça de Alvo, e inclusive ela parecia surpresa com o anúncio.

Alvo sorria alegremente, porém não estava olhando a mesa que pertencia a sua nova Casa, que havia irrompido num aplauso selvagem. Alvo estava olhando o outro extremo da mesa da Grifinória. James não necessitava seguir o olhar de seu irmão para saber o que ele estava olhando, mas de todos os modos, o fez.

Escórpio Malfoy devolvia o olhar para Alvo, com os olhos malévolos, e sua boca era uma linha sombria e branca de puro ódio.

- CAPÍTULO 4 -

A Provação do Cordão de Ouro



Quando o jantar apareceu nas mesas e a assembléia começou a comer, James não pode evitar esticar o pescoço para ver o que estava acontecendo na mesa sonserina. Alvo estava sentado ao lado de Ralf, mas estava imerso numa animada conversa com Trenton Bloch, o melhor amigo sonserino de Ralf. Enquanto James observava, os dois garotos estalaram em gargalhadas estridentes. Também Ralf estava sorrindo e acenando que sim com a cabeça enquanto mordiscava uma perna de frango.

- Você tem algum problema no pescoço, James? - perguntou Graham com a boca cheia de ensopado.

- Só estava tentando ver o que acontece - disse James. - Simplesmente não está certo! Alvo não *pode* ser um sonserino!

Rosa, sorrindo por trás da sua própria seleção da na Casa Grifinória, inclinou-se em direção a James.

- Você continua dizendo isso, mas se bem me lembro, foi você quem o esteve chateando todo o verão para que se tornasse em um.

- Bom, sim, mas eu não estava falando a sério!

Graham seguiu o olhar de James, espiando através do comedior até a mesa debaixo do estandarte verde.

- Parece que ele se está divertindo. Até a Córscica está falando com ele.

- Bom - exclamou James estridentemente, - ela deveria, não? Também tentou fazer-se de simpática *comigo* no ano passado, até que ela chamou de mentiroso ao meu pai em frente de toda a escola. Provavelmente ele está muito contente por ter um Potter em Sonserina. Quem sabe com que tipo de propaganda lhe vai encher a cabeça dele? Esse seria o seu maior e melhor feito.

- Alvo pode tomar conta de si mesmo, James - disse Noé em tom depreciativo. - Além disso, você mesmo disse que quase fez que lhe enviassem você para Sonserina no ano passado.

- Eu deveria ir a ver se ele está bem - disse James, mexendo-se para levantar-se. Damian esticou o braço e empurrou-o de volta ao seu lugar.

- Deixe-o - disse Damian. - Parece estar bastante bem.

- Mas está em *Sonserina!* - gritou James, exasperado. - Ele não *pode* estar na Sonserina! É um Potter!

- Falando em *surpresas* - disse Rosa, baixando a voz, - neste mesmo momento, um *Malfoy* está sentado em uma ponta da mesa da Grifinória.

James quase se tinha esquecido de Escórpio. Virou-se, seguindo o olhar de Rosa. Escórpio não estava comendo. Os grifinórios que estavam ao seu lado o ignoravam estudiosamente, rindo e brincando ruidosamente. Escórpio notou que James estava olhando para ele. Ele semicerrou os olhos e sorriu grotescamente, fazendo uma paródia dos que o rodeavam. Depois revirou os olhos e virou-se de costas.

- Isso é o que realmente me confunde - murmurou Graham. - Como é que um escorregadio como *ele* acaba em Grifinória?

Rosa esticou-se para apanhar outro rolinho.

- Você não sabe o que ele tem no coração - ela disse. - O Chapéu Seletor vê quem realmente é você, não o que sua família sempre viu. Talvez haja mais no Escórpio Malfoy do que se vê à primeira vista.

James abanou a cabeça.

- Nem pensar. Ouvi-o falar do avô. É horrível. Além disso, ele estava tão orgulhoso da sua herança Sonserina como um pavão.

- Nada disso faz dele um sonserino - comentou Rosa cuidadosamente.

- Isso é verdade - apoiou Damian. - Ser sórdido não é necessariamente um bilhete para Sonserina. Como disse o Chapéu, os sonserinos são conhecidos normalmente pela ambição. Talvez depois de umas quantas décadas de apoiar o cavalo perdedor, os tipos

como Malfoy acabem descobrindo que a pura ambição tem um preço alto demais.

- E isso faz dele material para *Grifinória*? - perguntou Graham desgostoso. - Mal posso suportar olhá-lo. O que tem *ele* de Grifinória?

Ninguém tinha resposta para isso. James não pode evitar olhar de soslaio novamente ao outro lado da mesa, onde Escórpio estava sentado. O garoto parecia completamente desinteressado, distante e esnobe, mas James sabia que era uma fachada. Ele tinha visto a expressão de Escórpio quando se tinha sentado pela primeira vez na mesa da Grifinória. James recordou os seus próprios medos na noite da sua Seleção, preocupado por não entrar em Grifinória, de decepcionar a sua família e de não cumprir com as expectativas do filho de Harry Potter. Estaria o Escórpio enfrentando-se ao mesmo tipo de situação ao contrário? James suspeitava que sim, mas que o seu orgulho não lhe permitia demonstrá-lo. E ali estava Alvo, que, para completa estupefação de James, aparentemente tinha permitido que o Chapéu Seletor o enviasse para Sonserina só para chatear o Escórpio.

Sem pensar, James levantou-se do banco. Aproximou-se da ponta da mesa e parou perto de Escórpio. O garoto pálido fingiu não reparar nele.

- Bom - começou James, sem estar completamente seguro do que dizer, - parece que vamos ser colegas de Casa.

Escórpio não olhou para James. Ele parecia estar olhando para além das outras mesas, com os olhos semicerrados, como se estivesse aborrecido.

- Suponho que não começamos bem, lá no trem - continuou James. Ele sentia os olhos do resto da mesa sobre ele, e esperou que isto fosse uma boa idéia. - Mas já que vamos viver nas mesmas instalações durante o resto do ano, pensam que talvez seja melhor começar de novo. Bem-vindo a Grifinória, Escórpio.

James estendeu a mão, como tinha visto fazer o pai de Escórpio quando tinha falado com Harry no funeral. Escórpio ainda estava olhando fixamente para o outro lado do comedor. Lentamente, ele girou a cabeça, olhando desdenhosamente a mão estendida de James.

- Bom, isso foi muito simpático, Potter, mas não desperdice suas boas maneiras comigo - disse Escórpio, deixando que um sorriso se desenha-se nos seus lábios. - Podemos ter que partilhar a Casa, mas isso não faz de nós amigos. Você acha que estou com o coração partido por não ter sido selecionado para Sonserina? Bom, você está enganado. Estou muito satisfeito de ser um grifinório. De fato, me parece uma oportunidade de ouro. Pretendo demonstrar a vocês o que realmente *significa* ser um grifinório. Depois de todos estes anos de heróis desleixados, trapalhões e golpes de sorte, eu poderia mostrar vocês o autêntico aspecto da *coragem*.

James compreendeu que ainda tinha a sua mão estendida.

- Sim - replicou ele, deixando cair a mão a um dos lados do corpo. - Bom, então boa sorte com isso. Faça do seu jeito. - Virou-se de costas, mas Escórpio falou de novo,

fazendo-o parar.

- No entanto, não estou tão seguro sobre o Alvinho como sonserino - disse a modo de conversa. - Ao principio, eu estava preocupado de que pudessem comê-lo vivo. Mas agora parece que eu estava enganado. Potterzinho pode ter mais de Sonserina nele do que eu pensava. *ÁSP... pide*, certamente.

James voltou a olhar para Escórpio, que ainda sorria fazendo troça.

- Eu pensava que nem sequer você sabia nossos nomes.

Escórpio encolheu os ombros languidamente.

- Suponho que estava mentindo - replicou ele. - Isso foi quando pensava que eu ia ser um sonserino. Agora que sou um membro de escarlata e ouro, tenho que me esforçar por ser sempre sincero, não tenho?

Assombrosamente, uns quantos grifinórios riram furtivamente disso. Escórpio estendeu a mão para o copo e levantou-o, em um brinde.

- Aos novos legados - anunciou, levantando sardonicamente uma sobrancelha. - *Algo* com o que você pode estar de acordo, não, Potter?



James apanhou finalmente Alvo quando este abandonava o Salão Principal na companhia dos seus novos colegas de Casa. Alvo parecia ser bastante popular entre os sonserinos que se reuniam à sua volta, rindo asperamente.

- Realmente, não é para tanto - estava dizendo Alvo. - Quer dizer, claro, crescer como filho do mago mais famoso de todos os tempos tem suas vantagens, mas não me dá nenhum privilégio especial aqui em Hogwarts. Especialmente com *seu* grupo, hein?

Houve outra ronda de risos. Obviamente, Alvo estava aproveitando bem a sua surpreendente nomeação de Casa. James abriu caminho a empurrões através da multidão e agarrou o cotovelo de Alvo.

- Ei, calma, irmãozão - gritou Albus quando James puxou por ele. - Este é meu irmão, James, garotos. Seu lado mandão vem da parte da família da mãe. Não comecem a festa sem mim, hein?

Alvo voltou-se para James perto do fundo da escada. Ele tirou o cotovelo da garra de James, o seu rosto tinha uma expressão zangada.

- O que acontece, James? Queria ver meus novos aposentos.

- Sonserina! - disse entre dentes James, voltando a olhar sobre o ombro ao grupo

de estudantes que esperavam. Tábita Corsica sorriu burlonamente e inclinou a cabeça na sua direção.

- Sim, Sonserina. - Albus encolheu os ombros. - O mesmo que você repetiu todo o verão.

James virou-se.

- Não finja que fui eu que convenci você disso, Al. Você sabia no que se estava metendo. Diga-me a verdade. Você o fez só para chatear o Escórpio?

Albus revirou os olhos.

- Deixe-me em paz, James. Como eu podia saber que Malfoy ia ser selecionado para Grifinória?

- Vi como você o olhava quando ele subia a escada. Você queria gabar-se em frente dele! Essa é uma razão estúpida para ir para Sonserina. Vamos, Al! Isto afetará toda sua vida escolar! Agora você é um *sonserino*!

- Eu não *escolhi* isto, você sabe? - disse Alvo, baixando a voz e olhando nos olhos de James. - O Chapéu fez a Seleção. É para isso que serve, James.

- Mas o pai disse...

- Sim, pois, talvez as coisas tenham mudado. Ou talvez o Chapéu não pensasse que eu desejava o suficiente ser um grifinório. Seja como for, quando pensei nisso, o único que me veio à cabeça foi uma visão de mim na Casa de verde e prata. E a verdade é que, pela primeira vez, parece que gosto disso.

James ergueu as sobrancelhas.

- Mas você passou todo o verão completamente obcecado com isto. Quero dizer, Al, eu não teria insistido tanto se você não estivesse tão frenético.

Alvo encolheu os ombros e olhou ao redor, percorrendo a escadaria e o corredor de entrada com o olhar.

- Então talvez eu o tenha feito para chatear a você, isso ensinará você a não zombar de mim em algumas coisas. Afinal de contas, sempre irei e o farei, eh?

James fez uma careta, exasperado.

- Não pense mais nisso, James - disse Alvo, dando palmadinhas no ombro de James. - Os tempos mudam, não? A outra coisa que o pai me disse na plataforma da estação foi que se eu acabasse *sendo* um sonserino, estes terão ganhado um novo membro brilhante. Você pode ser o rei da Casa Grifinória, certo? Eu vou pôr em ação a minha magia em Sonserina e teremos a todo Hogwarts comendo nas mãos.

James sacudiu a cabeça, mas sorriu um pouco.

- Você é o mesmo pequeno verme atrevido de sempre, Al. Quase acredito em você. Você tem a certeza do que está fazendo?

- Nem um pouco - Alvo assentiu gravemente. - Mas desde quando isso me deteve? Escute, não conte isto ainda à mãe e ao pai. Quero dizer-lhes eu mesmo, tá bem?

James fez uma careta.

- O que você acha que sou, um dedo-duro?
- Bom, você dedurou o do Teddy e Vitória na estação, esta manhã.
- Eu já disse a você...

Albus levantou as mãos, retrocedendo.

- Isso fica entre você e sua consciência, irmãozão. Será melhor que volte com meus novos colegas de Casa. Ralf diz que têm bolos vassoura doces e autênticas manjares turcos ali embaixo na primeira noite. Não posso esperar para desfrutar dessa jarra de cerveja amanteigada em frente da chaminé em forma de cabeça de serpente, hein?

James suspirou enquanto Alvo reunia-se com seus novos amigos de Casa no caminho para as masmorras. Quando se virou para subir as escadas, encontrou-se com Rosa.

- Ralf diz que manterá um olho sobre Alvo - disse Rosa tranqüilizadamente. - Francamente, a Sonserina provavelmente vá tratá-lo bem. Ele sempre tem sido um pouco selvagem, você já sabe.

- Sei, sim - concordou James. - Só realmente eu não esperava que isso acontecesse. É uma sensação estranha de ter um Potter na Sonserina.

- Você está com ciúmes?

- Quê? - exclamou James, olhando Rosa de soslaio enquanto alcançaram o patamar. - Por que diabos eu ia estar com ciúmes?

Rosa encolheu-se de ombros sem comprometer-se.

- Ouvi dizer que os Malignos têm algo preparado para esta noite.

- Como você já sabe isso?

- Bom - replicou Rosa com um sorriso de auto desaprovação, - foi parcialmente a minha idéia. Eles gostaram tanto dela que me pediram que eu participasse. No entanto, sinceramente, não teria sido possível sem você.

James lembrou a sua primeira noite do ano passado, quando os Malignos lhe tinham enfeitiçado até lhe fazer parecer um alienígena verde e lhe tinham convencido de subir a um disco voador improvisado, para o espanto de um trouxa fazendeiro local.

- Ainda erguendo o Foguetim?

- Não, aparentemente, eles aposentaram o Foguetim quando o Teddy se formou. Na realidade, enganar os trouxas não tem graça e, além disso, não é tão bom agora que o diretor o viu e sabe onde se esconde.

- Você sabe um monte de coisas sobre isso, Rosa.

- Aparentemente, ser uma Weasley tem muito peso em certos círculos - replicou ela alegremente.

Quando entraram na sala comunal, James não pôde evitar sorrir. Um balbucio familiar de risos e conversa enchia a sala como um caldeirão. O busto de Godrico Grifinória flutuava perigosamente no alto, enquanto um grupo de alunos quintanistas e

sextanistas jogavam a Arranques e Brocas com ele. Cameron Creevey já tinha chegado e estava sentado com alguns novos grifinórios mais em um divã perto do fogo crepitante. Cameron reparou em James e seus olhos abriram-se um pouco. Ele cotovelou a menina que estava junto a ele.

- Ei, James - Heth Thomas, um dos batedores grifinórios, chamou-o do outro lado da sala, - você vai fazer os teste para entrar no time de quadribol nesse ano? Estamos fazendo apostas sobre o tamanho que terá o buraco que você abrirá no campo.

- Eu seria cuidadoso quanto a isso - replicou James, sorrindo abertamente. - Venho praticando este verão.

- Bem - interveio Graham, - quando você não estava sendo derrubado de sua vassoura por seu pai, pelo que ouvi.

Isso foi saudado com uivos de riso amigável. James fez uma imitação de um riso sarcástico também. A verdade é que ele desfrutava das piadas. Ele ansiava que chegassem os testes. Quanto mais tempo eles esperassem que repetisse a atuação do ano passado, melhor ficaria.

Noé, Petra, Damian e Sabrina estavam lotados ao redor de uma mesa no canto da movimentada sala comunal. Damian e Sabrina estavam ativamente encurvados sobre uma longa folha de pergaminho, com canetas em suas mãos. Eles pareciam estar discutindo em tom apagado, indicando pedaços no pergaminho. Noé e Petra levantaram o olhar e chamaram com sinais James e Rosa.

- Nós não temos muito tempo - Noé disse. - Mas felizmente, esse é problema de Damian e Sabrina. Além do mais, o que pode dar errado? Temos um Weasley outra vez em Hogwarts. Está tudo bem com o mundo.

- Como você soletra "verdadeiramente"? - perguntou Sabrina sem levantar o olhar.

- Não importa - disse Damian tensamente, - se *nós* não o sabemos, *ninguém* o saberá.

- Qual é o plano? - perguntou James, deixando-se cair numa cadeira próxima. Noé olhou para Rosa, depois outra vez para James.

- Achamos que é melhor que você não o saiba. Por agora.

- Você nos agradecerá depois, James - concordou Rosa.

- O quê? - disse James, franzindo a testa. - Por que diabos não eu deveria saber?

- Confie em nós, James - disse Petra. - Será muito melhor que você possa reclamar ignorância honestamente.

- Isso foi o que Teddy disse no debate do ano passado - grunhiu James. Ele abriu a boca para seguir protestando, mas uma súbita mudança na atmosfera lhe distraiu. Alguém mais tinha entrado no salão comunal. James virou-se para ver quem era.

Escórpio Malfoy escalou desajeitadamente através do buraco do retrato, conseguindo que sua roupa ficasse enganchada nos tijolos irregulares. Ele endereçou-se

e puxou sua túnica, irritado. Finalmente, virou-se e entrou na sala, com o rosto pálido e carrancudo.

- Exótico - ele falou arrastadamente. - Que perfeitamente extravagante e imprevisível. Eu esperava que estivéssemos assando marshmallows na chaminé e cantando alegremente canções até a meia-noite, não? Talvez alguém pudesse me indicar o endereço dos dormitórios.

- Lá! - respondeu Graham, lançando um polegar sobre o seu ombro. - Por essas escadas, Malfoy. Vamos guardar um pouco de marshmallow pra você.

James observou Escórpio levantar sua mochila e atravessar o salão, passando entre os estudantes repentinamente silenciosos que enchiam a sala. Hugo Paulson, um enorme aluno setimanista, estava tombado em uma cadeira de encosto alto com as pernas esticadas ante ele, bloqueando o caminho de Escórpio. Escórpio deteve-se, esperando que Hugo se movesse. Hugo fingiu não reparar em Malfoy à primeira vista. Ele sorriu e moveu as suas pernas. Escórpio revirou os olhos e continuou andando.

James sabia que deveria advertir Escórpio, mas não pôde se obrigar fazê-lo. O resto dos grifinórios observou com olhos brilhantes e ávidos como o garoto pálido franzia a testa mais uma vez sobre seu ombro, e depois desaparecia na penumbra das escadas.

Ele chegou ao quarto degrau antes que soasse o alarme. Os degraus se achataram, transformando-se em um áspero tobogã de pedra. Escórpio lutou para permanecer sobre a superfície lisa, mas isso não serviu de nada. Escorregou para abaixo de volta à sala comunal e se espatifou contra o chão. Houve um rugido de riso. Hugo levantou-se de um salto, zurrando ruidosamente, e agarrou o ombro de Escórpio, levantando-o com um puxão.

- A velha troca do dormitório das garotas. Realmente tínhamos que ter cartazes, certo? Foi apenas uma brincadeira, Malfoy - anunciou Hugo, dando umas palmadinhas nas costas do garoto. - Nós tínhamos que te iniciar de algum modo, não?

Escórpio recuperou sua mochila e disparou um olhar de fria fúria para Graham. Sem uma palavra, cruzou a sala para as escadas opostas.

- Isso foi malvado - disse Rosa suavemente após que Escórpio se teve marchado.

- Ele aceitou melhor do que eu esperava, na realidade - comentou Noé. Conhecendo os de seu tipo, eu teria pensado que lançaria alguém um *Avada Kedavra* só por rancor.

- Provavelmente está lançando maldições *Cruciatus* sobre alguma aranha agora mesmo - replicou Graham.

- Já chega, todos vocês - disse Petra. - Vocês são tão maus quanto eles são. Deve haver uma razão muito boa para que o Chapéu Seletor lhe mandasse aqui. Vamos dar uma chance para ele provar isso.

- Foi só uma piada, Petra - resmungou Graham. - Hugo fazia-me uma pior pelo menos uma vez por semana no ano passado.

Gradualmente, o balbucio de vozes voltou ao salão. Damian e Sabrina voltaram no seu estranho e apressado trabalho. Rosa inclinou-se em direção para James.

- Você acha que Petra tem razão? - perguntou tranqüilamente. - Você acha que ele pertence realmente a Grifinória?

James voltou a pensar no ano passado, quando Ralf tinha sido selecionado para ir a Sonserina. James tinha tido a certeza de que se tinha cometido um erro. Agora, sabendo mais sobre Ralf, ele via que o Chapéu podia ter feito o melhor depois de tudo.

Ele respondeu para Rosa.

- Hagrid diz que o Chapéu sabe o que faz. Quero dizer, você não pode enganar o Chapéu Seletor, né?

Rosa não parecia convencida.

- Alguém enganou o Cálice de Fogo, nos tempos de seu pai. Tudo é possível.

- Mas por que ele ia querer entrar na Grifinória?

Rosa encolheu os ombros.

- Só espero que seja verdadeiramente autêntico. Porque se não for, as coisas irão ficar muito ruins. Especialmente depois desta noite.

- O que você quer dizer com isso? - perguntou James duvidosamente.

Rosa o ignorou.

- Por que não você sobe e verifica como está ele?

- Caramba, Rosa! Primeiro a prima Lúcia me lembra que devo cuidar de Alvo, e agora você quer que eu faça de babá com Escórpio-Sangrento-Malfoy?

- Só faça, James. Para quando você voltar, aposto que Damian e Sabrina terão acabado e será hora de ir embora.

- Diacho! - disse James, pondo-se em pé. - Até agora nunca teria suposto que você gostasse do tipo "garoto mau".

- Eu não *gosto* dele - Rosa franziu a testa. Só certifique-se de que esteja ocupado aí acima por um tempo, quer ir?

James rosnou para si próprio enquanto cruzava para as escadas do dormitório dos garotos.

- Sou só eu James. Não me estupore nem nada - gritou para acima enquanto subia os degraus. Para sua surpresa, encontrou Escórpio no dormitório dos de segundo em vez no dos de primeiro. - Ouça! Essa é minha cama!

James deteve-se na parte superior da escada, imóvel. Escórpio tinha empurrado descuidadamente para um lado o baú de James e tinha posto seu próprio baú ao pé da cama dele. Ele lhe dirigiu um olhar depreciativo enquanto desempacotava suas coisas.

- Sério? - replicou Escórpio indolentemente. - Não vi seu nome nela.

- É um fato, como você sabe endemoninhadamente bem - exclamou James. - Eu o entalhei justo aí no cabeceira tão claro como o nariz no seu descorado rosto branco!

- Onde? - disse Escórpio, semicerrando os olhos para a cabeceira. Ele sacou sua varinha de sua túnica e apontou preguiçosamente com o pulso. Um lampejo de luz púrpura estalou para a cabeceira da cama. Quando desapareceu, o nome de James tinha desvanecido, enterrado sob a feia marca negra de uma queimadura. - Eu não vejo isso. Talvez você esteja um pouco confuso.

Escórpio virou-se, olhando pelo dormitório. Ele apontou de novo com sua varinha, produzindo outro clarão de luz púrpura.

- Aí - disse, voltando outra vez para seu baú. - Agora essa cama tem seu nome. Contente?

- James aproximou-se até a cama no lado oposto da habitação. Brilhantes letras púrpuras estavam entalhadas através da cabeceira. Em uma caligrafia gótica, diziam "ESTÚPIDO POTTER CHORÃO".

- Olhe, você não pode... - começou James, depois deteve-se, inclinando-se para as letras. - E como você fez isso? Foi um feitiço não verbal!

- É isso melhor? - perguntou Escórpio, apontando a sua varinha novamente. - *Mobiliarcha*.

O baú de James atravessou disparado o chão, evitando apenas suas pernas. Golpeou a cama e abriu-se, médio expelindo as coisas de James. Escórpio sorriu zombadoramente enquanto levitava seus livros fora de seu próprio baú. Ele o fez flutuar organizadamente até o parapeito da janela. James balbuciou.

- Olhe, Malfoy, este nem sequer é seu dormitório! Você é primeiranista! - Você não pode se mudar aqui sem mais quando quiser!

- Parece que o dormitório dos primeiranistas está excepcionalmente cheio este ano - replicou Malfoy sem olhar para James. - Meus colegas primeiranistas grifinórios me informaram que eu teria que encontrar alojamento temporário em algum outro lugar. Francamente, não me importa onde me hospede nesta primitiva torre, mas se eu estiver aqui o incomodando, então acho que ficarei mesmo. Se você não gosta, fale com o diretor. Depois de tudo, ele é seu colega, né?

- Eles só estão dando corda a você, seu tolo - exclamou James sem esperança.

- Já é a hora das canções? - perguntou Escórpio olhando James finalmente e guardando sua varinha. - Ou você veio pra ver como um *mag* desfaz as malas?

James virou sobre seus calcanhares e desceu airadamente as escadas.

- Se o que vocês têm em mente tem algo a ver com Malfoy - disse enquanto esparramava-se novamente na cadeira perto da mesa, - provavelmente seja ótimo.

- Esse é o espírito - replicou Damian sem levantar o olhar de seu pergaminho.

James espreitou.

Ele podia ver que Damian e Sabrina estavam desenhando algo, mas estava coberto de setas, rabiscos geométricos e notas escritas e desordenadas.

- Nós podemos agradecer isto ao velho professor Cara de Pedra - sorriu Noé. - Quem disse que a Tecnomancia não tinha aplicações práticas? Vamos, chegou a hora.



- Se ainda tivéssemos a Capa de seu pai, não *precisaríamos* um vigia - explicou Damian razoavelmente. - Mas já que não a temos, esse é seu trabalho.

Sabrina virtualmente quicava de excitação. A pluma que ela tinha no seu espesso cabelo se bamboleava.

- Vou baixar para o patamar - anunciou quietamente. - Segui-me tão cedo quanto puder. Tenho que fazer a parte escrita.

Damian assentiu com a sua cabeça. Noé, Rosa, Petra e Sabrina lançaram-se para baixo as escadas do final do corredor.

James suspirou.

- Valeu, sou o vigia. Que é o suposto que tenho que fazer se alguém vem?

- Tudo bem, esta é sua história: você estava indo para o banheiro e ficou perdido - replicou Damian. - Finja que você tem diarreia por ir correndo ou algo assim. Geme muito, realmente alto. Te ouviremos e saberemos que vem alguém.

James estava chocado.

- Isso seria patético por diversos motivos! Acima de tudo por que eu sou segundanista! Como vou ficar *perdido* de caminho para o banheiro?

- Use sua imaginação - disse Damian insipidamente. - Talvez que estivesse tão interessado por ir para o banheiro que você estava delirando ou algo assim. Mas não se esqueça de gemer muito alto, para que possamos ouvi-lo.

James abriu a sua boca para protestar, mas Damian já estava trotando escadas abaixo tão ligeiramente quanto possível. Resignando-se a sua tarefa, James apoiou-se contra a parede e vigiou. Ainda ele não sabia o que tramavam os Malignos, mas sabia que tinha algo a ver com a nova janela de Héracles. Isso era o que Rosa tinha querido dizer quando tinha dito que não poderiam tê-lo feito sem ele. Ele tinha quebrado essa janela no ano passado, empurrando a um intruso trouxa através dela, durante uma perseguição a meia-noite. Filch tinha-se queixado de que não tinha forma de substituir a janela, e ele tinha tido razão. Felizmente, para isso existia a magia, não era necessário

fabricar um perfeito duplicado. A escola tinha conseguido simplesmente um tipo de janela de vidro pintado com o cristal magicamente impresso. Petra tinha explicado que a janela podia ser encantada para que o cristal representasse qualquer padrão desejado. Filch, sendo como era bastante tradicional, se tinha ocupado de que a janela representasse a velha janela Héracles inclusive na fenda no mindinho direito de Héracles.

James decidiu dar uma olhadela para o que faziam os Malignos na janela. Cuidadosamente, endereçou-se e ficou na ponta dos pés na beira da escada. Ele podia ouvir Sabrina e Damian sussurrando animadamente, mas não conseguiu ver nada. James virou-se para voltar a seu esconderijo e deu de bruços com a barba de Merlin.

- Puxa! - espetou James, retrocedendo. - O que está tentando fazer se aproximando assim às escondidas?

A face de Merlin estava tão impassível e como sempre.

- Devo assumir que cumpre você com a tarefa de sentinela, Sr. Potter?

James murchou.

- Eu fazia *isso* até que dei em plena cara com uma barba? Que coisa é essa que se põe nela? Cheira como algo que utiliza minha mãe para limpar a louça da cozinha.

- Não tema, Sr. Potter. Garantirei a qualquer um que pergunte que você está certamente afetado com problemas intestinais. Tenho vindo a pedir um favor a você. Você não tem que fazê-lo, mas se o fizer, considerarei compensá-lo aqueles pontos deduzidos de sua Casa.

James esfregou sua cara, estremeando-se, tentando livrar-se do azeite da barba de Merlin.

- Sim, claro, o que é que você que tem em mente?

- Preciso que convença o Sr. Deedle e a uma terceira pessoa da sua escolha para ajudar a recuperar alguns artigos para meu escritório. São essenciais para o meu trabalho, mas requer alguma ajuda para adquiri-los. Poderíamos dizer que têm estado armazenados durante algum tempo.

- Uns mil anos mais ou menos? - replicou James, sentindo-se arrebatado. - Não sabia que tinham porta-volumes por tanto tempo. Como você sabe que suas coisas ainda estão ali?

- Isso é o meu assunto, Sr. Potter, não é o seu. Posso contar com a sua ajuda?

- Parece que não precisa de nós - resmungou James. - Por que não pede ajuda a qualquer um dos outros professores?

- Porque sou um homem cauteloso - respondeu Merlin, sorrindo ligeiramente. - Eu preferiria manter meu inventário em privado, já que algumas pessoas poderiam questionar a origem de algumas das minhas ferramentas. É por isso que tenho escolhido especificamente você e o Sr. Deedle. Vocês dois já têm provado, talvez por defeito, que sabem como gerenciar segredos.

- Então, poderei recuperar dez pontos para Grifinória se eu ajudá-lo a conseguir suas coisas? Parece justo demais. Suponho que o trato só serve se não lhe contamos nada a ninguém, certo? - disse James, levantando o seu olhar para o grande homem.

Merlim assentiu com a sua cabeça.

- Além do mais, você deve escolher o seu terceiro ajudante cuidadosamente. Sairemos amanhã à tarde. Encontre-se comigo na entrada da velha rotunda, e estejam dispostos a caminhar. - Merlim virou-se para sair, com a sua grande túnica oscilando no seu ao redor.

- Hmm, diretor? - chamou James, mantendo sua voz baixa para não alertar os Malignos do patamar de embaixo. Merlim deteve-se e meio virou-se em direção James, arqueando uma sobrancelha. James perguntou. - Algum sinal do borlim?

Merlim negou com a sua cabeça.

- Mas não tema, Sr. Potter. Tenho boas razões para acreditar que não tenha acabado com você. Se deixará ver no tempo oportuno. Talvez a próxima vez, você estará melhor equipado para controlá-lo.

Um momento depois, o grande homem tinha desaparecido, fundindo-se de alguma forma com as sombras do corredor, seus passos não faziam nenhum ruído. Havia algo definitivamente assustador no velho mago. Ele parecia carregar uma sensação de natureza selvagem e ar noturno, inclusive dentro das paredes da escola. Obviamente, Merlim tinha formas secretas de saber o que estava acontecendo entre esses muros. Afinal, ele tinha sabido exatamente onde encontrar James e o que estava tramando. James ocorreu-se que provavelmente seria todo um desafio passar despercebido para Merlim até mesmo com a Capa da Invisibilidade.

Um momento depois, os Malignos subiram as escadas, andando na ponta dos pés. Rosa foi a última, e cobria a boca para abafar uma risadinha.

Enquanto eles dirigiam-se de volta para sala comunal grifinória, Petra perguntou:

- Você viu alguém, James?

James fitou para ela, considerando-o. Após um momento, negou com a cabeça.

- Ninguém quem valha a pena mencionar.

Foi o mais próximo da verdade que pôde ter pensado.

Na manhã seguinte, quando baixava com dificuldades pelas escadas para o café da manhã, foi detido por uma barulhenta multidão abarrotado ao redor do patamar. Filch estava de pé no meio, olhando para a janela. Suas bochechas eram de um vermelho lívido e suas sobrancelhas trabalhavam raivosamente. James podia ver a janela Hércules claramente, desde sua posição de vantagem, a metade do trecho de escadas. A imagem de Hércules tinha ido embora. Em seu lugar havia uma muito boa representação de Salazar Sonserina. Estranhamente, parecia estar sorrindo estupidamente e descendo por uma estrada sinuosa. Ele andava agarrado do braço com um garoto de cabelo escuro alvorotado: Alvo. Um estandarte flutuava sobre suas cabeças com as palavras “¿FEITOS

UM PARA O OUTRO?”. Pior ainda, por trás delas, jazendo afligido no meio da estrada, havia um garoto pálido de rasgos afiados e cabelo loiro platino. A caricatura de Escópio tinha um balão de fala saindo da boca. Lia-se “VERDADEIRAMENTE, SALAZAR! EIS MEU CORAÇÃO QUEBRADO!”.

- É uma frase de um soneto clássico de amor mágico - disse Damian presumidamente enquanto aproximava-se para James. - Provavelmente só o captará um da cada dez, mas a mim agrada-me de alguma maneira.

- Você é um sabichão, Damian - disse Sabrina carinhosamente.



O sol se destacava numa tarde excepcionalmente quente quando James se encontrou com Ralf perto do grande arco da velha rotunda. Raios de luz dourada formavam bandas sobre o piso de mármore e subiam parcialmente pelos restos das estátuas dos fundadores originais. Nada exceto seus pés e parte de suas pernas ficavam depois de todos esses anos. Os pedaços quebrados estavam lisos pelo desgaste de séculos de mãos curiosas.

- Ela já vem - disse James enquanto trotava até se deter perto de seu amigo. - Ela demora muito tempo ficar pronta. O que as meninas têm contra ficarem prontas rápido? Ralf encolheu os ombros.

- Fiera Hutchins diz que as meninas demoram mais tempo pra ficar prontas porque elas têm realmente que se preparar. Ela diz que os garotos simplesmente esmagam seu cabelo com cuspe, se perfumam com alguma colônia e já o dizem estarem prontos.

- Então, o que há de errado com isso? - resmungou James.

Rosa aproximou-se para eles de trás. Ela parecia muito legal, James teve que admitir, bem mais preparada do que estava ele.

- Eu disse que eu iria logo atrás de você - lhe censurou.

- O que está no saco? - perguntou Ralf, apontando com a sua cabeça para a pequena mochila que pendurava do ombro de Rosa.

- Vamos ver, hmm - disse Rosa, inclinando seu quadril. - Minha varinha, um pouco de água, algumas biscoitos, um encantamento Repelente-de-Insetos, uma faca de campo, um par de onióculos, um par extra de meias e uns óculos de sol. - Olhou uma e outra vez a Ralf e James.

- Quê? Você disse que viesse preparada para uma caminhada!

James balançou a cabeça.

- Como você pode te parecer tanto a sua mãe e seu pai ao mesmo tempo?

- Questão de sorte, suponho - cafungou Rosa.

- Era suposto que tínhamos que estar prontos para uma caminhada? - perguntou Ralf, franzindo a testa. - Isso é algo bem como excursionismo?

James pôs-se a andar pelo andar da rotunda.

- Vamos, Merlin disse que nos encontraria na entrada, e quando ele dá ordens, ele realmente dá.

- Eu nem sequer tenho sapatos de excursionismo apropriados - lamentou-se Ralf, seguindo-lhe.

Os três saíram para o calor da tarde. Houve um tempo, há séculos atrás, em que a entrada da rotunda tinha sido a entrada principal para entrar no castelo de Hogwarts. Agora estava praticamente em desuso. O pórtico estava quase sempre aberto, olhando para os longos campos de ervas e urzes, que terminavam na Floresta.

- São assustadores - disse Rosa, olhando de volta para penumbra da rotunda e os restos das estátuas. - Devem ter sido enormes antes que se quebrassem.

- O que lhes terá acontecido?

- As estátuas dos fundadores? - replicou James. - Foram destruídas. Há muito tempo atrás. Em uma batalha ou algo assim.

- Você não o sabe, né? - desafiou Rosa, elevando as suas sobrancelhas.

James não o sabia, mas não ia admiti-lo. Ele fingiu procurar Merlin.

- Ralf franziu pensativamente o testa.

- Eu me pergunto o que aconteceu com os pedaços. Vocês acreditam que ainda estão por aí, guardados em algum sótão ou algo parecido?

- Isso não me surpreenderia - concordou Rosa. - Aqui há espaço suficiente para guardar todo o tipo de coisas. Dizem que os próprios fundadores estão enterrados aqui em algum lugar, ainda que ninguém saiba onde. Todos exceto Salazar Sonserina.

Ralf piscou para ela.

- Por que ele não está enterrado aqui?

- Pensei que você disse que tinha lido *Hogwarts: Uma História*.

Ralf virou-se para James.

- Ela é sempre é assim? Se a resposta é sim, lembre-me lhe perguntar nunca nada mais.

- Ele não está enterrado aqui - respondeu James, - porque houve uma grande briga com os outros fundadores e o enxotaram da escola.

Ralf fez uma careta.

- Provavelmente eu não queira saber por que razão foi, certo?

- Tenho certeza que você pode imaginá-lo - replicou James. - Menos mal que os tempos mudaram, hein?

- Os tempos nunca mudam - disse uma voz profunda. James levantou o olhar e viu Merlim subindo os degraus desde o campo abaixo. - Mas as pessoas sim mudam. Saudações, meus amigos. Prontos para desembarcar?

- Se isso significa que se estamos prontos para caminhar - disse Ralf tentativamente, - não tenho certeza de eu estar preparado para responder a isso.

Merlim virou-se nos degraus e começou descer novamente até os matos de abaixo. James olhou para Rosa e Ralf, depois encolheu os ombros e começou a correr escadas abaixo.

- Então, como é vamos chegar lá, diretor? - chamou Rosa. - Chave de portal? Vassoura? Aparatação Acompanhada?

- Eu pensei que o Sr. Potter já lhes teria informado - replicou Merlim sem olhar para trás. Vamos caminhar.

- O caminho todo? - disse Ralf, tropeçando inesperadamente com uma grande raiz de urze. Merlim parecia estar desfrutando tudo aquilo.

- Vai ser mais fácil à medida que avancemos, Sr. Deedle. Nos meus dias... e eu tenho que admitir que nesses dias foram faz muito tempo, certamente... as pessoas caminhavam virtualmente por todos lados. É bom para as bruxas e os bruxos movimentar-se na natureza. Ela recorda-nos quem somos.

- Sei quem eu sou - grunhiu Ralf. - Sou um cara com sapatos feios e que tem preferência pela comida que vem embalado.

Alcançaram a margem da Floresta e Merlim entrou nele sem diminuir o passo. Não havia caminho nenhum, mas ele parecia saber onde pisava. Ele mal fazia ruído, deixava uma pegada ou o dobrava um ramo de grama. James parou por um momento no linde do bosque. Merlim não tinha reduzido a velocidade e James sabia que se não se apressava perderia rapidamente o grande mago na densidade das árvores. Lançou-se depois dele, tentando igualar as gigantescas pernadas de Merlim tão bem como podia.

- Esperem só um instante - chamou Rosa, arrancando carrapichos das calças enquanto caminhava. - Nem todos nós podemos comungar com a natureza e tudo isso.

Enquanto eles progrediam, no entanto, James notou algo estranho. De uma maneira sutil, ele parecia conectar-se com as árvores ao seu redor. Era como se a Floresta se fundisse com Merlim enquanto ele se movia, se abrindo para ele e se fechando novamente após sua passagem. Se James, Ralf e Rosa mantinham-se perto o suficiente, viajavam na esteira dessa abertura. As sarças afastavam deles, os regatos brotavam suavemente, secando as pedras, e até mesmo a grama e moitas se aplanavam, suavizando o terreno para seus pés. Nenhum ramo arranhava-lhes apesar de que os bosques eram excessivamente densos. Inclusive a avermelhada luz solar parecia

preceder o seu caminho através das espessas copas das árvores, traçando uma vereda de luz para eles.

- Ora, James - disse Ralf calmamente, - quanto você acha que avançamos?

- Nós só estamos nisso há meia hora mais ou menos - replicou James, dando uma olhadinha para o sol. Não devemos estar muito distante de Hogsmeade, dependendo da direção que pegamos. É difícil dizer, né?

Ralf assentiu.

- É, sim. Eu juro que parece como se tivéssemos caminhando apenas alguns minutos e ao redor de uma semana, ao mesmo tempo.

- A mente engana você - disse Rosa. - Acontece em viagens muito longas. A monotonia o domina. Provavelmente mal tenhamos perdido de vista o castelo. Se pelo menos as árvores se espalhassem um pouco.

Enquanto Rosa falava, Merlim entrou num feixe de luz laranja. James entrefechou os olhos enquanto avançava e, em seguida, ofegou, detendo-se e esticando as mãos para prender e deter Ralf e Rosa. Eles lhe golpearam por detrás.

- Ei! - replicou Rosa, deixando cair a sua mochila, - qual é o grande pro...?

Sua voz desvaneceu-se quando levantou o olhar. Um pôr-do-sol cegante e formoso enchia a vista ante eles, resplandecendo com laranjas, rosas e profundos tons de lavanda, mas isso era apenas a metade. Por cinco metros à frente dos pés de James, a terra pedregosa caía, mergulhando-se vertiginosamente até uma praia rochosa golpeada pela arrebentação. Uma névoa rugia e era levada pelo vento, umedecendo os seus rostos e molhando seus cílios.

- Isso é o oceano? - perguntou Rosa, sem fôlego. É impossível!

Uma indistinta voz chamou. James puxou seus olhos da visão que estava debaixo deles e viu Merlim a certa distância. Ele estava de pé na estreita trilha que atravessava a o topo do penhasco. Ele acenava com as mãos para que lhe seguissem. Após alguns momentos de terror, eles o fizeram.

O bramido do oceano e o açoite do vento enchiam seus ouvidos enquanto beiravam o penhasco, alcançado a Merlim. Enquanto ainda eles estavam um pouco distante dele, Rosa se deslizou junto a James.

Mantendo a voz baixinha, disse ela:

- James, por que você me pediu pra eu vir a esta viagem?

- É fácil - replicou James, movimentando-se tão rapidamente quanto podia sobre o desnivelado caminho ao longo do penhasco. - Eu tinha que escolher alguém que pudesse manter um segredo. Além disso, eu sabia que você tinha algumas dúvidas sobre Merlim. Queria que você o visse de perto e pessoalmente.

- Tenho que te dizer que por agora, não me sinto muito melhor ao respeito dele - lhe confiou Rosa. - De alguma forma, ele nos fez caminhar ao redor de cem quilômetros

em meia hora. Mas, mesmo assim, tenho de perguntar, James, por que você não pediu para que *Alvo* que viesse?

James fitou Rosa sobre o ombro.

- Não sei. Você foi a primeira pessoa que pensei.

- Só que penso que resulta curioso, isso é tudo.

Ralf os tinha atingido.

- E por que você me pediu pra *mim* que viesse? - perguntou, arfando um pouco.

- Merlim solicitou especificamente você, Ralf. Ele disse que sabia que você e eu éramos bons mantendo segredos.

Rosa franziu a testa.

- Gostaria de saber de quem está protegendo esses segredos.

- Shh - silvou James enquanto aproximavam-se para Merlim.

Este se tinha detido no cume de um escarpado e rochoso promontório. Quando os três treparam para se encontrar com ele, compreenderam que estavam à beira de uma estreita península. Só quando juntaram a Merlim no cume, viram que a península se estendia ante eles, formando uma ponte natural sobre o fluxo das ondas que batia muito abaixo, no próprio fundo. A península era apenas mais ampla que uma trilha, com uma quedas escarpadas em ambos os lados. No final, conectava com um enorme e íngreme monólito, quase do mesmo tamanho e forma que uma torre de Hogwarts. A parte alta parecia apenas plana e estava coberta de gramínea erva agitada pelo vento.

- Nós não vamos nisso aí, - Ralf declarou rotundamente. - Quer dizer, não vamos, certo? Isso seria loucura total.

Quando terminava de falar, Merlim avançou sobre o caminho pedregoso.

- Sigam-me atentamente, meus amigos. É menos perigoso do que parece, mas não inofensivo. Pegá-los-ei se caírem, mas vamos evitar essa necessidade, mas tentemos evitar essa necessidade.

Felizmente, James não tinha particular medo de alturas. Mantendo os olhos no homem grande que percorria a passo largo a estreita trilha de terra, James avançou lhe seguindo.

- Caramba! - balbuciou Ralf atrás dele, sua voz quase se perdeu no salgado e açoitante do vento.

Na realidade era bastante emocionante, de um jeito vertiginoso e assustador. O vento mudava inquietantemente, puxando as mangas e as pernas da calças de James. Ele sabia que não devia olhar para baixo, e mesmo assim não podia evitar estudar a trilha, procurando os mais firmes apoios. Ocasionalmente, James viu indícios de construções e grandes tijolos incrustados na trilha, como se este tivesse sido reforçado em um passado distante, talvez repetidamente. Matos secos cresciam esparsamente entre as rochas, silvando no incessante e instável vento. Em ambos os lados, a marulha palpitava, esmurrava e explodia contra as rochas de muito abaixo.

- Isso é insano - gritou Ralf com uma voz aguda e hesitante. - O que fazemos se nos cairmos em um lado? Gritar: "Oh, diretor, despenquei pelo lado direito, uma ajudinha não vai mal"?

James pensou em como Merlim e Ihe tinham encontrado na noite anterior e em como tinha sabido exatamente que ele estava fazendo.

- Acho que ele tem maneiras de saber o que está acontecendo. Não se preocupe, Ralf.

Rosa, diretamente por trás de James, disse:

- Isso é fabulosamente tranquilizador.

Finalmente, a trilha começou acentuar-se. Os penhascos escureceram-se enquanto caminhavam através de uma espécie de portão formado por uma massa de rochas desgastadas e desmoronadas. James permitiu-se por fim olhar ao redor quando entravam na clareira, sobre o monstruoso monólito. Estava certamente coberto de longa relva e pastagem, mas não era completamente plana. Em seu lugar, havia vagamente uma forma de sifão, afundando-se até uma depressão escondida no meio. Merlim ficava em pé em uma estreita trilha que conduzia até o centro.

- Estimulante - gritou entusiasticamente. Ele parecia desagradavelmente feliz, sua capa batia livremente contra suas pernas e sua barba flutuava vento.

- Na realidade, - respondeu James - sim, foi mesmo!

Rosa e Ralf os atingiram e reuniram-se por detrás do mago.

- Já chegamos? - perguntou Ralf, apartando-se com os dedos o cabelo dos olhos. Merlim virou-se e olhou para o centro do planalto, que se afundava desaparecendo da vista.

- Temos chegado. Vigiem seus passos a partir deste ponto. Fica mais um pouco traiçoeiro a partir daqui.

- Oh, bem - resmungou Ralf impotente.

- Coragem, Ralf - disse Rosa, recolhendo-se o cabelo com um pequeno pedaço de fita. - Esta é a melhor aventura que você nunca poderá contar ninguém.

- Não sei por que todo mundo parece pensar que gosto de aventuras. Nem sequer li nunca histórias de aventuras.

- Fiquem perto - disse de novo Merlim enquanto começava a descer pela trilha.

À medida que os quatro abriam passagem em direção ao centro do planalto afunilado, a erva seca começou ceder terreno. James deteve-se um momento quando a autêntica natureza do monólito se fez aparente. O centro se tornava mais e mais acentuado, caindo profundamente em um poço natural de quinze metros de diâmetro. A trilha abria espaço a enormes degraus de pedra, e depois a uma estreita escadaria escavada no interior do poço. As escadas eram obviamente antigas, arredondas e escorregadias pelo bolor. O coração do poço estava preenchido com água do oceano,

girando, e entrando e saindo por centenas de fissuras desgastadas através da pedra. O retumbar das ondas era quase ensurdecedor.

Finalmente, justo sobre o nível do fluxo das ondas, a escadaria encontrava-se com uma grande caverna. Merlim conduziu-os os três para penumbra. Ele deteve-se e golpeou com seu cajado o solo rochoso, alumando-o. Uma luz roxa encheu o espaço, produzindo duras sombras sobre todos os montículos e fenda.

- Bonito esconderijo - disse James, assobiando.

- É mesmo, com certeza - concordou Rosa, - considerando que está debaixo da água metade do dia. Até agora a maré está pela metade.

- É aí onde esconde suas coisas? - perguntou Ralf, apontando para um grande buraco com forma de portal na parede traseira da gruta. - Há algo escrito na porta, eu não posso lê-lo.

Rosa olhou fixamente, aproximando-se mais.

- É galês, não é?

- É uma forma arcaica do que vocês chamariam de galês, suponho - disse Merlim, aproximando-se da porta. - Traduzido rapidamente, lê-se: "Este é o esconderijo de Merlino Ambrósio; não entrar sob pena de morte".

Ralf semicerrou os olhos para as letras pouco legíveis.

- Às favas com as charadas, adivinhações e as senhas mágicas.

- Não acredito em brincar com a vida de caçadores de tesouros - replicou Merlim. - A menção de meu nome era repelente o suficiente para os que chegavam até aqui. Os que se aventuram para além merecem uma advertência justa.

- Não há algum tipo de chave ou algo assim? - perguntou Rosa.

- Não, Srta. Weasley. A questão não é entrar. De fato, é todo o contrário. Por isso você e o Sr. Deedle esperarão aqui.

Ralf animou-se.

- Esta é a primeira boa notícia que eu tive desde que começamos esta viagem. Mas por quê?

- Sua varinha é um fragmento de meu cajado. - Merlim sorriu, de forma desagradável. - Além disso, é o único outro instrumento mágico na face da Terra que pode reverter a entrada.

Ralf assentiu, acenando com a mão.

- Bom suficiente para mim. Só me diga o que fazer quando chegar o momento. Feliz exploração subterrânea.

Rosa perguntou:

- E eu?

Merlim tirou algo das profundidades de sua túnica e o ofereceu a Rosa. Era um pequeno espelho com uma moldura de ouro ornada.

- Você sabe como fazer um Raio Ócido?

James viu Rosa lutar por não revirar os olhos.

- Sei mesmo como refletir a luz do sol com um espelho, sim.

- Merlin acenou e olhou para James.

- Siga-me, Sr. Potter, e fique perto.

Com isso, virou-se e atravessou a soleira. Seu cajado iluminava o interior da caverna com sua luz roxa. James olhou para Ralf e Rosa, encolheu os ombros, e seguiu Merlin para interior da caverna.

Imediatamente, suas pegadas rangeram desagradavelmente.

- Eca! - exclamou ele. - Ossos!

O solo estava pesadamente coberto de minúsculos esqueletos. Os restos de pássaros, aves, peixes e roedores empilhavam-se com vários centímetros de profundidade. Merlin não lhes prestou nenhuma atenção.

- Um custo desafortunado - disse, adentrando-se mais profundamente na caverna. - A Pedra de Sentido Único é bastante inclemente. Minhas advertências-rúnicas são bem menos efetivas agora do que eram há poucos séculos.

- Você colocou advertências para os pássaros e os ratos? - perguntou James.

Merlin virou seu olhar para ele.

- Evidentemente, Sr. Potter. As criaturas não entram para roubar, senão simplesmente em procura de refúgio e alimento. Embuti uma Azaração do Medo na pedra deste lugar. Eu dizia-lhes às mentes pequenas que não havia nada bom que encontrar aqui, e que ficassem longe. No entanto, subestimei a longevidade dessas azarações. Não estou feliz por ser responsável da perda destas criaturas. Compensarei a terra por o seu sacrifício.

O que você quer dizer com Pedra de Sentido Único? - perguntou James, mas quando virou novamente para a ombreira, o viu por si mesmo. A entrada tinha desaparecido, substituída por áspera e lisa rocha. Em toda aparência, James e Merlin estavam pegos dentro de uma caverna selada. Ele estremeceu-se e abraçou a si mesmo, olhando ao redor do escuro e escarpado espaço. Algo capturou a sua atenção.

- Hmm - disse James, tentando manter a voz tranqüila, - isso não é um pássaro nem um rato, não?

Merlin seguiu o olhar de James e viu o esqueleto humano apoiado contra a alcova escura. O esqueleto estava envolvido numa armadura áspera. Uma espada enferrujada jazia perto de sua mão.

- Eu não me aproximaria muito, Sr. Potter - advertiu Merlin suavemente quando James deu um passo para o esqueleto, morbidamente fascinado.

- Uau - ofegou James, - ainda há anéis em seus dedos. E cabelo sobre seu crânio. Oh, há vestígios de um bigode! Quem você acha que...?

De repente, o esqueleto inclinou-se na frente, levantando os braços e ondeando os restos da decrépita espada. James retrocedeu de um salto, tropeçando com Merlin.

- Avante! - choramingou o esqueleto, agitando os seus braços e girando a sua cabeça. Revelai-vos ou atravessar-vos-ei por diversão!

- Tudo vai estar bem, James - disse Merlim secamente, ajudando James a se pôr de pé. - Só fique longe dele - e se dirigindo para esqueleto disse: - Não podes nos ver porque não tens olhos, Farrigan.

- Merlino! - o esqueleto chilreou. Onde estás, cria do demônio? Como te atreves a me reter?

- Como te atreveste *tu* a transpassar a minha fronteira e tentardes roubar meu depósito, velho amigo meu?

- *Amigo*, hã! - exclamou o esqueleto. Sua mandíbula chirriava ao falar. - Abandonaste o mundo. Morto! De que te serviria isto a ti?

- Tu *esperavas* que eu estivesse morto, mas *sabias* o oposto que era. Meu esconderijo estava destinado para nenhum outro além de mim, de qualquer maneira. Austramaddux informou-te bem disso.

- Austramaddux é um vira-lata sarnento - grunhiu o esqueleto de Farrigan. - Porei a cabeça dele na minha parede por este ardil. E o que queres dizer por não tenho olhos? Simplesmente está escuro. Alumia o teu cajado se és Merlino, maldito.

Merlim olhou para James, com duros olhos.

- Ele será liberado de seu vínculo com este mundo quando nos marchemos. Faz parte da maldição que recai sobre qualquer que se atreva irromper neste local, que irá permanecer aqui até meu regresso. Agora que chegou o momento, a maldição terminará. Você pode suportar esperar com ele? É bastante inofensivo enquanto você mantenha as distâncias.

James olhou para o esqueleto. Recostado contra a parede, lutando por unir os ossos de sua perna e fazê-los trabalhar. Resmungava rangentemente para si próprio. James engoliu em seco.

- Sim, suponho. - Quanto você demorará?

- Poucos minutos - replicou Merlim, depois levantou a voz. - Srta. Weasley, você pode me ouvir?

A voz de Rosa chegou claramente através da entrada invisível.

- Estou mesmo aqui. Estou vendo-lhe através da porta. O que está acontecendo aí?

- Nada significativo. Você pode produzir o Raio Ocido agora? A luz decrescente deveria encontrar seu caminho através da grande rachadura à esquerda da boca da caverna.

James ouviu os passos de Rosa enquanto afastava-se. Um momento depois, um estreito raio de luz solar atravessava o ar empoeirado da caverna, penetrando pela ombreira da Pedra de Sentido Único.

- Muito bem, Srta. Weasley - disse Merlim. - Um pouco mais acima, por favor.

O raio de luz solar penetrou as profundezas da caverna. Oscilou e vagou enquanto Merlim dirigia a Rosa, alinhando cuidadosamente o feixe.

Finalmente, relampejou sobre um brilhante símbolo dourado brilhante numa parede distante. Flamejou brilhantemente e de repente, assombrosamente, um longo cordão áureo despreendeu-se do raio de sol.

- Obrigado, Srta. Weasley - disse Merlim, estendendo o braço para apanhar o extremo do cordão. - Você o tem feito excepcionalmente bem. Não importa o que você ou o Sr. Deedle façam a partir deste ponto, sob nenhuma circunstância devem entrar na caverna, não importa o que ouçam. James sentiu um arrepio quando Merlim virou para ele.

- Sua tarefa é muito simples, Sr. Potter, mas absolutamente essencial. Você deve segurar o extremo deste cordão.

James tomou o cordão em suas mãos quando Merlim o ofereceu. Era estreito, finamente tecido de brilhantes fibras douradas.

- Tudo o que tenho a fazer é segurá-lo?

Merlim acenou com a cabeça, mantendo o olhar de James.

- Mas que fique claro, James Potter, enquanto você sustente este cordão, segura minha vida em suas mãos. Você não pode soltá-lo sob nenhuma circunstância até que eu voltar. Entendeu?

James franziu a testa, assombrado. Assentiu com a cabeça. Sem outra palavra, Merlim deu-se a volta e aventurou-se nas profundezas da caverna, segurando seu cajado ante ele. A caverna era aparentemente mais profunda do que James tinha pensado inicialmente. Quando o mago se afastou lentamente, seu cajado alumiu uma gruta muito maior conectada com aquela na que estava James. O solo era muito escuro, quase preto. Estranhamente, Merlim estava caminhando sobre o cordão dourado, colocando cuidadosamente cada pé ao longo dele. O cordão esticava-se até as profundidades da caverna, desaparecendo na escuridão. Com um sobressalto, James viu que o solo da caverna maior não era simplesmente escuro, como tinha pensado inicialmente. Não existia em absoluto. Merlim estava andando só sobre o cordão, suspenso sobre um abismo aparentemente sem fundo.

Ouviu-se um cacarejo seco e James olhou para o esqueleto, que parecia estar rindo.

- Saiu em busca do tesouro, foi? - ele disse. - Largou-te para trás, penso eu. Compraz-me com o teu nome, oh, demônio.

- Não sou um demônio - disse James. - Meu nome é James.

- Ah, um magnífico nome, este é. Diz-me, mestre James, se não és um serviçal do demônio, por que seguras o cordão do filho do diabo?

James negou com a cabeça. Ele sabia que não devia falar com o patético Farrigan. Este riu entre dentes mais uma vez, cansado, e deixou cair sua espada. A lâmina

enferrujada quebrou-se pela empunhadura e o esqueleto deixou escapar um grande suspiro, que fez ranger suas costelas.

- Tenho adivinhado já meu estado - disse Farrigan. - Austramaddux tinha razão sobre a armadilha. Estou aqui por eras, não? Há muito que morri, unido a esta terra só pela maldição dessa abominação. E por quê? Eu não vim para roubar, senão para destruir. Podes entender isso, oh, James, que seguras o cordão desse mesmo homem? Vim para terminar isso de uma vez por todas. Mas falhei, e agora começou. Ainda bem que estou morto afinal, e não terei de ver, certo? - riu entre dentes.

A curiosidade de James o venceu.

- O quê? Que começa?

- Não me digas que és tão estúpido como para estar cego à velhacaria de Merlim - replicou o esqueleto, virando a cabeça em direção ao som da voz de James. - Tu, que inclusive agora ajudas-lhe a alcançar seus objetivos. Não me digas que não ouviste falar da Maldição, jovem amigo meu.

- Não sei de que estás a falar - respondeu James. - Merlim não é quem você acredita que é. Não sei o que ele era no seu tempo, mas agora é diferente. Ele é bom.

O esqueleto lançou-se para frente, cacarejando e batendo com as palmas as coxas ósseas com as mãos. As articulações dos dedos quebraram-se e estes se espalharam entre os ossos dos animais.

- Se cries isso, talvez o teu mundo mereça o mal que vai assolá-lo.

- O quê? - perguntou James, sentindo-se simultaneamente temeroso e contrariado.

O esqueleto de Farrigan parou de cacarejar. Retorceu sua cabeça para James de novo, com os olhos vazios e penetrantes.

- Como podes não saber que a Porta se está a abrir? Merlino tem rasgado a cortina. O seu retorno ao mundo dos homens é uma brecha que conecta os reinos. Certas coisas têm atravessado através, e agora mesmo andam soltas entre a humanidade.

- Os borlins - disse James a si próprio, considerando-o.

O esqueleto acenou.

- Mas isso não é tudo. *Está* chegando. O Guardiã. A Sentinela dos Mundos! Merlino é o seu Embaixador. Estúpido! Mesmo agora, seguras o cordão nas tuas mãos! Solta-o! Talvez a Porta ainda possa ser fechada! Solta o cordão e livra o mundo da Maldição, antes de que se complete! Não creias em falsas verdades! Solta-o e envia-lhe a sua merecida condenação!

- Não - disse James, aferrando o cordão firmemente, como se seus dedos pudessem traí-lo. Olhou ao longo do extenso comprimento do cordão, mas ele já não podia ver Merlino. Não podia sentir nenhum peso sobre o cordão. Ele sabia que não devia prestar atenção ao pirado esqueleto. Obviamente, Farrigan era um inimigo antigo

de Merlin. Provavelmente, ele tinha irrompido na caverna para roubar o depósito, como alegava Merlim, e tinha ficado preso pela Pedra de Sentido Único. O esqueleto estava a mentindo. Não havia nenhuma Maldição. E mesmo assim...

E se o esqueleto estava dizendo a verdade? James tinha sido o responsável de trazer Merlim de volta ao mundo, ludibriado pela horrível Madame Delacroix e seus cúmplices. Ele, James, tinha sido consultado sobre se Merlim devia ou não se tornar no novo diretor de Hogwarts. Se havia alguma verdade no que dizia o esqueleto, seria inteiramente a sua responsabilidade. Talvez fosse o destino, então, o que tinha colocado o cordão em suas mãos, o cordão que isolaria Merlim novamente, desfazendo todo o que James involuntariamente tinha feito. Talvez esta era a sua única chance de solucionar as coisas de novo.

- Sinto a tua luta e esforço, rapaz - disse o esqueleto calmamente. - Sabes qual é o teu propósito, não sabes? Fá-lo. Não pode ser tão difícil. Não requererá nenhum esforço em absoluto. Basta soltá-lo. Os teus amigos esperam aí fora, prontos para tirar-te deste lugar. Eles não iram saber o que tinha ocorrido com o mago. Conta-lhes simplesmente que ele caiu e nada mais. Só tu saberás que salvaste o mundo. Fá-lo agora. Embora ainda seja possível.

James olhou de novo. Podia ver a Merlim agora. Ele estava voltando ao longo do cordão, com uma caixinha numa mão, e seu cajado levantado na outra. O cordão estava perfeitamente imóvel enquanto o homem grande pisava nele. James ainda não podia sentir a mais ligeira tensão no cordão. Ele apertou-o entre suas mãos, pensando com força. Podia fazê-lo? Ele devia? Alguma vez se lhe voltaria apresentar semelhante oportunidade?

- Faz isso, rapaz! - sussurrou de novo asperamente o esqueleto de Farrigan, inclinando-se para frente. - Fecha os olhos, não olhes e solta!

O cordão estava escorregadio na mão suada de James. Quase ele o fez. Seus dedos contraíam-se. E então, lembrou algo que Merlim tinha dito no ano anterior, pouco depois de voltar ao mundo. *Você tem um pouco de talento para ver além do óbvio, James Potter*, ele lhe tinha dito. Tinha sido um elogio, assumiu James, e queria dizer que não se lhe enganava facilmente. É claro, Madame Delacroix tinha-lhe enganado, mas isso tinha requerido o uso cuidadoso de um boneco vodu enfeitado. Merlim tinha insinuado que as palavras simplesmente não eram suficientes para ludibriar James.

Pensando nisso, James virou-se para o esqueleto uma última vez.

- Como é que eu sei que me está dizendo a verdade?

O esqueleto pareceu gaguejar.

- O sabes pela evidência da tua própria alma! Sentes a verdade das minhas alegações! Agora deixa cair o cordão! Termina com isso!

James estreitou os olhos.

- Você sabe, acho que não o farei. Não sei como eram as coisas no seu tempo, mas no meu mundo, não matamos as pessoas só porque alguém diz que eles são problemáticos.

- Então, o teu mundo merece sua própria condenação - replicou o esqueleto, chocalhando novamente contra a parede da caverna. - Lavo-me as minhas mãos contigo. O Expurgador está chegando.

James decidiu que era melhor não discutir com o esqueleto. Agora que tinha tomado uma decisão, sabia que não serviria de nada. Ele olhou ao longo do cordão e viu que Merlim quase estava de volta. Seu rosto ainda se mostrava sinistra, mas havia uma faísca em seus escuros olhos.

- Nossa tarefa foi completa, Sr. Potter - disse enquanto pisava a pedra do solo da caverna. - Pode soltar o cordão. Já não o precisaremos.

James deixou cair o cordão ao solo. Este se afastou reptando e caiu silenciosamente no escuro abismo. Suspirando, James olhou para o esqueleto, mas este não se moveu.

- Espero não ouvir nada mais dele - disse Merlim calmamente. Ele fez o que lhe restava fazer.

- O que você quer dizer? - James disse, virando-se para o mago. - Por que eu tinha que segurar esse cordão?

- Confiança, Sr. Potter - replicou Merlim, sorrindo um pouco pesarosamente. - Esse é uma utilidade escassa entre aqueles cujo coração se inclina para o mal. Por isso a confiança é a provação final antes de chegar ao meu esconderijo.

- Você sabia que ele estaria aqui? - James apontou com a cabeça para o esqueleto.

- Ele, ou alguém como ele. Sua tarefa é desafiar a sua confiança. Depois de tudo, não há autêntica confiança se não há dúvida.

James olhou para a face de Merlim.

- Quase o soltei - disse calmamente. - Tudo o que eu tinha que fazer era segurar o cordão, e quase deixei de fazê-lo.

Merlim assentiu gravemente.

- Fazer o correto quase sempre é simples, Sr. Potter. Mas quase nunca é fácil.

Não parecia ter mais nada a dizer. James e Merlim voltaram até a pedra áspera que agüentava e mascarava a porta escondida.

- Senhor Deedle - chamou Merlim, - com o perdão, nós quereríamos sair agora.

James ouviu a voz de Ralf claramente através da aparentemente impenetrável pedra, como se ele estivesse a poucos passos de distância.

- Hmm, beleza então. O que faço?

- Aponte a sua varinha para a entrada e diga "*Braut Tir*".

Houve uma pausa. James ouviu Ralf sussurrar.

- Que foi isso? Eu perdi o acento!

- Faça-o sem mais nem menos, Ralf - Rosa esganiçou impacientemente, - eles estão de pé aqui mesmo. Que é o pior que poderia acontecer?

Ralf pronunciou o encantamento. Houve um ligeiro estalo/estalido e a entrada de pedra apareceu. A luz do pôr-do-sol entrou na gruta. James semicerrou os seus olhos para Ralf e Rosa enquanto Merlim apagava seu cajado.

- O que eu fiz? - exclamou Ralf, tropeçando quando deu um passo para trás. - Eu os selei dentro! A entrada desapareceu! - Até os olhos de Rosa ficavam bem abertos com medo.

- O que acontece com vocês dois? - James perguntou, atravessando a soleira com Merlim justo por trás dele.

Os olhos de Ralf abriram-se ainda mais.

- Uau - disse, com reverência. - É como se vocês tivessem atravessado diretamente uma parede de pedra. Você não está, hum, morto, não está?

- Eles estão bem, seu imbecil - sorriu Rosa, golpeando divertidamente no ombro de Ralf.

- A Pedra de Sentido Único. - James encolheu os ombros, virando os olhos para a agora sólida parede da caverna. A porta era completamente invisível. - Foi fechada para sempre?

Merlim assentiu com a cabeça.

- Já não a preciso. Voltemos. A luz do dia desaparecerá logo e a maré sobe enquanto falamos.

James olhou e viu que as ondas espirravam no borde da boca da caverna. A cada onda empurrava mais água sobre o agreste solo. Merlim ainda carregava a pequena caixa debaixo do braço quando voltou conduzi-los para acima pela estreita e curvada escadaria.

- Foi isso tudo? - gritou Ralf desde a retaguarda. - Todas suas coisas estão nessa caixinha?

- Você está surpreso, Sr. Deedle? - replicou Merlim. - Você preferiria transportar uma pilha de baús?

Ralf riu sem humor

- Você teria que dar um jeito por sua conta, se fosse esse o caso. Mal posso senão dar um jeito para me largar a mim mesmo fora daqui.

A viagem de volta através da ponte da península foi mais fácil do que tinha sido na primeira vinda. As falésias da costa resultavam uma visão aconchegante e o vento era menor do que tinha sido uma hora atrás. Merlim foi o último em atravessar. Quando ele juntou James, Rosa e Ralf, no topo do promontório que coroava a península, olhou para trás novamente. Quase casualmente, ele empurrou seu cajado com um gesto sobre a ponte.

- *Discordium* - ele disse tranqüilamente. Não houve lampejo, luz, nem explosão mágica óbvia de poder, o centro da ponte estremeceu-se visivelmente. Como em câmara lenta, a coluna de rocha desintegrou-se e desmoronou maciçamente sobre o oceano de embaixo, provocando enormes gêiseres colidindo contra a água.

- Bom, isso é tudo, não é? - disse Rosa, impressionada.

Merlim lhe sorriu. Finalmente, justo quando o sol tocava seu reflexo dourado no horizonte do oceano. Eles voltaram-se para partir.

Enquanto eles começaram voltar sobre seus passos, seguindo a trilha encantada de Merlim, Rosa aproximou-se James de novo.

- Ralf e eu ouvimos falar você lá atrás - disse calmamente. - Mas não soava como se você estivesse falando com Merlim. Havia alguém ali que não podíamos ver desde a soleira?

James não respondeu diretamente. Por alguma razão, ele sentia reticência a contar Rosa e Ralf o do esqueleto de Farrigan. Olhou de relance para Rosa.

- Era eu - disse ele, encolhendo os ombros. - Eu só estava... falando sozinho. Dava arrepios estar ali enquanto Merlim ia pela sua caixa.

Rosa pressionou os lábios e olhou-o atenciosamente enquanto ela caminhava. James soube que ela sabia que estava mentindo. Apartou os olhos e aproximou-se trotando até Merlim.

- Diretor - disse depois de um momento, - que *são* os borlins?

Merlim estava andando diretamente em frente de James, sua longa pernada cortando através da Floresta como uma faca. Os últimos restos do crepúsculo sobre sua túnica davam-lhe um ar vago e fantasmagórico.

- Como expliquei a você no trem, Sr. Potter, os borlins são criaturas da sombra.

- Me lembro, sim, mas de onde eles vêm?

A voz normalmente profunda de Merlim baixou um pouco mais.

- Seu acompanhante na caverna mostrou-se tagarela, não?

James seguia Merlim de perto. Ele desejou poder ver a cara do mago, que se movimentava rapidamente através dos bosques escurecidos, fazendo muito pouco ruído. O vento mudava caprichosamente entre as árvores, fazendo-lhes sussurrar, quase como para cobrir a voz de Merlim. James continuou.

- Você disse que os borlins tinham vindo com você de entre os mundos quando tinha retornado. A voz de Merlim ainda era baixa e estrondosa.

- Há um grão de verdade em todas as ficções, Sr. Potter. Talvez você sabe o que são as cracas? Criaturas asquerosas que se acumulam nos cascos dos navios quando passaram já bastante tempo no mar. Carregam o barco com seu peso e finalmente devem ser eliminados e destruídos. Você pode pensar nos borlins como seu equivalente mágico.

- Assim que *vieram* com você?

- Assim é. Venho tentando com muito esforço caçá-los desde o meu regresso. A maioria deles permanece perto de mim e são fáceis de capturar. Dois seguiram ao Sr. Deedle e ao Sr. Walker. A esses fui capaz de rastreá-los e capturá-los antes que qualquer dos garotos reparasse neles. O seu, Sr. Potter, tinha boa vontade e era bastante mais caprichoso. Acredito que é o último que fica.

James tinha sentido curiosidade por algo desde aquele dia no trem.

- Como você os captura se não pode utilizar magia com eles?

- Antigos elementos, James Potter - replicou Merlim, e sua voz tinha essa estranha qualidade hipnótica que James tinha ouvido pela última vez enquanto o mago tirava uma confissão Dêniston Dolohov, o pai de Ralf, na primavera passada. A Floresta tinha se tornado bastante escura, e James desejou outra vez poder ver o rosto de Merlim. Ele tinha a arrepiante sensação que Merlim estava falando com ele sem utilizar uma voz audível. Merlim continuou. - Antigos elementos que na minha época poucos conheciam sequer, e muitos menos entendiam. Velhos elementos que poucos em minha época conheciam sequer, e muitos menos compreendiam. Tenho um saco muito curioso, um Saco Sombrio, que não tem nada em seu interior. Quando digo que não contém nada, Sr. Potter, não quero dizer que esteja simplesmente vazio. O saco está cheio, mesmo transbordante, com a última relíquia que fica de pura escuridão, surgida da aurora dos tempos. É dentro deste saco é onde ficam os borlins, porque só há uma coisa que uma criatura de sombra precisa para existir, e isso é a luz.

- Você os mata? - perguntou James baixinho.

- Nada mata uma sombra, Sr. Potter. Só podem ser contidas. Eles permanecem encerrados no Saco Sombrio, famintos de magia, desesperados por fugir, mas completamente diminuídos sem nenhuma luz que os defina. O Ministério de Magia utiliza um método semelhante, embora mais crus e grosseiros para conter os dementadores desde que se mostraram tão pouco fiáveis como guardas de Azkaban. Estão selados nos sótãos do seu antigo feudo, o próprio Azkaban, cativos em câmaras privadas magicamente de luz. Bom, ali os seus poderes estão drasticamente diminuídos, ainda que não minguados. Eles uivam, Sr. Potter. Fui informado de que é um som atroz, e eu acredito que sim.

James estremeceu-se. Após um minuto, ele perguntou.

- Então o que acontece se o Saco Sombrio é rasgado e se quebra?

Pela primeira vez, Merlim virou-se. James viu que um olho do mago olhava por cima do ombro. Mesmo assim, não interrompeu sua perna.

- Naturalmente, os borlins escapariam como um enxame, Sr. Potter. Com fome de magia, atacariam à primeira fonte de magia que encontrassem e a devorariam.

- De... devorariam? - disse James. - Mas você disse que eram inofensivos. Como as cracas.

- Eu disse que esse borlim, na sua condição inicial, era *principalmente* inofensivo. Muitos borlins, alguns em estado avançado, e desesperados atrás seu aprisionamento, seriam qualquer coisa exceto inofensivos. Nesse caso, as cracas se tornariam em piranhas. Mas isso é impossível, Sr. Potter. Eu sou o responsável e cuidador do Saco Sombrio, e isso significa que está completamente seguro.

James suspirou.

- É esse o famoso capricho de Merlim do qual me falou no ano passado?

Merlim deteve-se finalmente. Virou-se e agachou, até que seus olhos ficaram ao nível dos de James. Sorriu e seus olhos cintilaram à nascente luar.

- Não, Sr. Potter - ele disse com sua voz normal. - Esse é o famoso juramento de Merlim que você ainda não tem conhecido. Você pode contar com ele.

- Por fim - disse Ralf quando ele e Rosa lhes atingiram. - Um respiro. Rosa, você tem aqueles biscoitos ainda? Que tal um lanche?

Quando finalmente alcançaram o castelo, Merlim lhes conduziu diretamente através dos corredores e pelas escadas de caracol até seu escritório. Aparte da enorme escrivaninha e as dezenas de retratos que penduravam nas paredes do escritório do diretor, a sala estava extraordinariamente vazia. James olhou ao redor e viu os retratos de Severo Snape e Alvo Dumbledore, os dois xarás de seu irmão. Ambas as molduras estavam, no momento, desocupados.

- Eu queria agradecer vocês três sua ajuda esta tarde - Merlim disse, e soava quase entusiasmado agora que eles tinham voltado. - Além disso, penso que vocês poderiam querer ver meu esconderijo aberto.

Rosa abriu os olhos com interesse.

- Você vai nos mostrar o que está nele?

- Não isso exatamente, Srta. Weasley, ainda que indubitavelmente vocês verão seu conteúdo no momento certo. Não, eu quis dizer que talvez vocês gostariam de ver como se abre. É, se perdoam que eu mesmo diga, é algo digno de ver.

James sorriu enigmaticamente.

- Bom, é claro. Se colocá-lo. Vamos dar uma olhadinha.

Merlim parecia contente. Ele inclinou-se cuidadosamente e colocou a pequena caixa de madeira no chão. Ela tinha um broche na frente, segurando a tampa. Merlim levantou o fecho e retrocedeu.

Lentamente, a tampa começou a elevar-se. Pareceu alçar-se como uma gaveta saindo da caixa, se deslizando para cima bem mais do que a profundidade da caixa deveria ter permitido. Havia outra gaveta embutida na frente da primeira gaveta. James rodeou a caixa e viu que tinha, de fato, gavetas nos quatro custados da principal gaveta. A gaveta vertical alcançou a estatura de um homem e deteve-se com um estremecimento. Com um suave clique, as gavetas dos quatro custados começaram rolar para fora. Os lados da cada novo gaveta encobriam mais gavetas ainda. Devagar,

desenrolaram-se, em cada superfície, revelando mais e mais compartimentos. Era bonito de se observar, e mesmo assim aturdiu a mente. Os olhos de James pareciam resistir-se no que estavam vendo. Lacrimavam um pouco enquanto a caixa se expandia, enchendo o centro da sala. Finalmente, após o redor de um minuto aproximadamente, as gavetas pararam. James, Rosa e Ralf rodearam a massa de gavetas, portas e complicadas fechaduras, ferrolhos e dobradiças.

- Isso foi definitivamente legal - disse James, impressionado.

- Muito melhor que uma pilha de baús - concordou Rosa.

- Maravilhoso - suspirou Ralf. - Mistérios e enigmas em abundância. - Olhou suplicante para James. - Podemos ir comer agora?

James sorriu. Os três estudantes dirigiram-se para a porta que conduzia fora do escritório do diretor. James foi o último em traspassá-la, mas justo estava saindo, quando Merlim pronunciou seu nome. James deteve-se e virou enquanto Ralf e Rosa começavam baixar pela escada de caracol.

- Devolvi os dez pontos subtraídos, Sr. Potter, e adicionei mais dez também - disse Merlim. - Você o fez muito bem na caverna. Você lembrará, naturalmente, que o sigilo é essencial.

- É claro - replicou James. - Nem uma palavra a ninguém.

Merlim acenou com a cabeça, acompanhando a James até a porta.

- Claro - ele disse, baixando a voz. - Não sei exatamente o que Farrigan lhe disse enquanto eu recuperava a caixa, mas espero que suas palavras também não sejam repetidas a ninguém dentro destas paredes. Isso inclui o Sr. Deedle e a Srta. Weasley. Como você já sabe, os mortos podem ser muito... persuasivos. Eu odiaria ver como se arraiga qualquer conspiração.

James levantou o olhar para o diretor. O homem parecia um gigante junto a ele. James acenou que sim lentamente. Merlim pareceu satisfeito.

- Obrigado, Sr. Potter - disse ele. - Desfrute o seu jantar. Você o tem merecido.

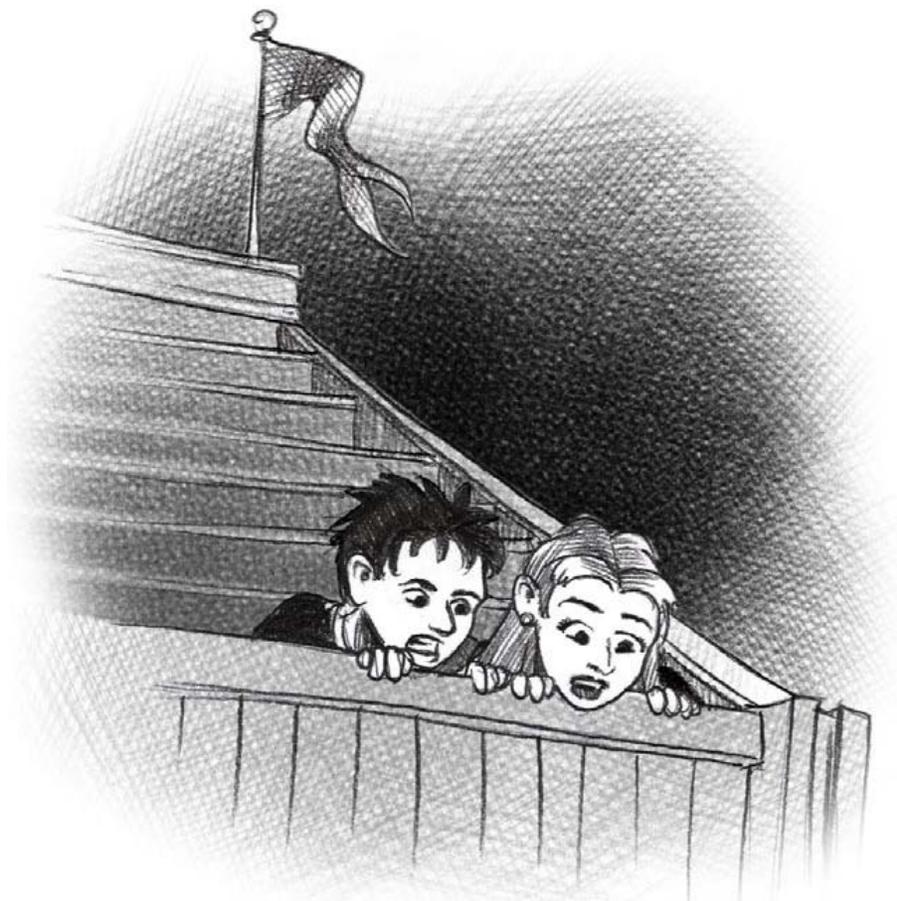
Após um momento, James estava em pé junto à porta fechada do escritório do diretor. Ele olhou-o pensativamente, com a testa ligeiramente franzida.

- Vamos lá, James! - gritou Rosa. - A gárgula diz que há musse de cereja com cereais e iogurte como sobremesa! Nunca consigo doces como aqueles em casa!

James negou com a cabeça ligeiramente. Se Merlim não queria que James lhes contasse a Rosa e Ralf o que tinha dito o esqueleto, então certamente havia uma boa razão. Mas só ele tinha dito que não devia contá-lo a ninguém dentro dos muros de Hogwarts. Portanto, tecnicamente não havia nenhuma razão para que James não pudesse contá-lo aos seus pais, e eles poderiam contá-lo a quem quisessem, não poderiam? Satisfeito com isso, James virou-se e desceu as escadas de caracol para juntar-se aos seus amigos.

- CAPÍTULO 5 -

Alvo e a Vassoura



James se encontrou com Ralf pé da base das escadas na segunda-feira pela manhã. Os salões e corredores já estavam dominados pelo barulho e a confusão do começo das aulas, e mesmo que James soubesse que provavelmente sentiria falta da liberdade do verão até o fim dessa primeira semana, por agora ele ainda estava ansioso por aulas.

- Já tenho todos os horários preenchidos - proclamou Ralf alegremente enquanto entravam no Salão Principal para o café da manhã. - Tenho Defesa Contra as Artes das Trevas com o tal Debellows agora de manhã.

- Imagina só! - disse James. - Eu também. Estranho que ele não peça um livro. O cara deve saber tanto sobre isso que nem precisa de um. Acho que vai ser excelente.

- São as regras de Debellows! - disse Graham no momento em que James e Ralf se atiraram à mesa. - Vocês sabem, um dia ele enfrentou dois vampiros de uma vez só e apenas com um bastão e um lápis trouxe.

- Um lápis? - Ralf franziu a sobancelha.

- Para apunhalá-los, com certeza. Era a coisa mais parecida com a estaca de madeira que ele tinha.

Ralf contorceu o rosto, pensando.

- Deve ter sido um lápis endiabradamente afiado.

Rosa já tinha acabado de tomar café, pois tinha chegado mais cedo.

- Eu ouvi falar que vai ser uma aula bem prática de Defesa Contra as Artes das Trevas, até mesmo para os primeiranistas. Parece que Debellows prefere uma abordagem mais prática.

- Bem, só tem que olhar pro cara - disse Noé, fitando o homem que ainda estava terminando de tomar seu café da manhã na mesa dos professores. - Parece que está pronto para atacar até quando está calmo.

Sabrina se aproximou da mesa e disse num sussurro alto:

- Acho que Noé tem uma "quedinha" por ele.

- Oh! Cale a boca! - replicou Noé. - Não foi você quem cresceu colecionando figurinhas de ação de *Debellows, o Harrier*. Nem posso acreditar que ele vai nos ensinar a batalhar contra as Artes das Trevas. Espero que ele nos ensine a usar a tática da manobra aperto-perseo.

- Eu tinha uma figura de ação que fazia isso - falou Graham, assentindo com a cabeça. - Eu tentei usar na minha mãe, uma vez. Só faltou me matar.

- Eu tenho que esperar até quarta-feira para minha primeira aula com ele - queixou-se Rosa. - Vão me dizer como foi hoje à noite, né?

James assentiu, com a boca cheia de torrada. Através do salão, James podia ver Alvo sentando no meio da mesa da Sonserina, sorrindo e se divertindo com seus novos amigos. Estranhamente, porém, a maioria dos estudantes ao seu redor eram mais velhos. Tábita Corsica e Filia Goyle sorriam e balançavam a cabeça enquanto Alvo falava.

- Vamos - disse Ralf, puxando James pela gola. - Vamos para a aula um pouco mais cedo. Quero ver qual a desse Debellows.

- Espere - disse James, juntando sua bolsa. Ele se levantou do banco onde estava e andou pelas laterais do salão, sempre olhando para a mesa da Sonserina.

- Ei, Al - chamou ele.

Alvo levantou o olhar, seguindo o som da voz de James.

- Oi, James! Não te vi o final de semana inteiro. O que tá fazendo?

- Pode reservar um minuto pra acompanhar o seu irmão até a primeira aula? Quero saber de suas novas aventuras em sua nova casa.

- Que doce - Tábita disse calorosamente. - Vá Alvo. Conversaremos no almoço e planejaremos tudo para a quarta.

- Ótimo! - Alvo assentiu alegremente. - Tudo bem, vamos, irmãozão. Eu tenho Herbologia com o Neville por primeiro.

Enquanto se afastavam da mesa da Sonserina, Alvo estava explodindo de excitação.

- Eu já tenho o meu anel-chave, vê? Eu passei o fim de semana inteiro numa grande excursão com *Colmilho e Garras*. Você sabia que os aposentos da Sonserina têm espaços exclusivos para pratica de feitiços? A gente pode praticar praticamente quase todos os feitiços e azarações que quisermos nos bonecos encantados. Se você acertar a azaração, o boneco cai no chão e faz uma imitação hilária do efeito. Não que eu seja bom com a varinha ainda, mas Tabby diz que não deveria me apressar.

James quase se engasgou.

- Tabby?

- Sim - Alvo assentiu. - Tábita Corsica. Ela é a líder extra-oficial do Colmilho e Garras. Quer dizer, ninguém é oficialmente nada no clube. É apenas uma brincadeira com os Sonserinos.

James olhou para Ralf de novo, suas sobrancelhas se levantaram.

- Tábita tentou me colocar ano passado, antes do debate. É um tipo de sociedade secreta, acho, embora não haja tanto segredo se você é um sonserino.

- Tábita diz que tudo bem se eu falar disso com você, James - afirmou Alvo. - Mas eu não diria um piu se fosse você. Digo, não queremos que *qualquer* um saiba disso. Que graça teria?

- Então, o que você vai fazer com Tábita na quarta? - perguntou James.

- O quê?

- Nessa quarta - disse James, parando assim que chegaram aos arcos que levavam às estufas próximas. - Tábita disse que faria preparativos para alguma coisa com você.

- Ah, aquilo - disse Alvo, desviando o olhar até as construções de vidro reluzentes com o sol matinal. - Era só os testes de quadribol. Ela disse que adoraria se eu entrasse para o time.

James sorriu desconfortavelmente.

- Mas você nem tem uma vassoura. Confie em mim, essas vassouras das casas são inúteis. Eu não podia nem sequer voar em linha reta até ter a Thunderstreak.

- Não vai ter problema - disse Alvo, colocando a mochila nos ombros e sorrindo forçadamente. - Tabby disse que vai me emprestar a vassoura dela pros testes.

James ficou boquiaberto, mas Alvo se afastou antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

- Tenho que ir, irmãozão - gritou por sobre os ombros. - Não posso me atrasar para primeira aula do ano! - Ele trotou para a luz solar e se juntou a um grupo de sonserinos que estiveram bisbilhotando ali perto. James se virou para Ralf, ainda de boca aberta.

- Isso é novidade pra mim - Ralf disse, levantando as mãos como se tivesse sido surpreendido. - Não sou da turma da Tábita, você sabe.

- Mas aquela vassoura... - bradou James, - ela... ela é má!

- Anda - disse Ralf. - Deixa isso pra lá por enquanto. A aula começa daqui a cinco minutos.

No momento que James se virou para seguir Ralf, deparou com Escórpio no caminho para as estufas. Escórpio deu um sorriso malicioso e um escorão com seus ombros. James quase disse alguma coisa, mas um sonserino próximo o fez antes.

- Verdadeiramente, eis meu coração quebrado, Malfoy! - gritou o garoto, apertando o peito. Houve um coro de risos. Escórpio simplesmente ignorou.

- Por que Debellows não dá aula na sala de Defesa Contra as Artes das Trevas? - perguntou Ralf, revisando o horário enquanto caminhavam através dos corredores lotados. - Isto está nos dirigindo para o outro lado do castelo!

James deu de ombros, distraído.

- Como eu ia saber?

Eles chegaram à sala designada e a encheram juntamente com o resto dos outros segundanistas. A sala de aula era enorme, com um teto muito alto e janelas altas ao longo das paredes. Não havia cadeiras ou mesas. No lugar disso, havia tapetes acolchoados no chão, halteres antiquados dispostos em uma longa prateleira, e um sortimento de manequins de corda e aparelhos complicados cobertos por almofadas e cavalos de ginástica.

Morgana Patonia, a lufa-lufana, entrou e se deteve, observando ao redor do lugar.

- Hmph. Bem vindos ao ginásio de Hogwarts - ela disse numa voz desconcertada. - Eu nem sabia que tínhamos um desses.

A turma circulou nervosamente ao redor do espaço, sem saber com certeza o que fazer. Kevin Murdock, o sonserino com quem James teve Tecnomancia no ano anterior, pegou um par dos halteres e os suspendeu, gabando-se para um par de garotas da corvinalinas que reviraram os olhos.

- Saudações, turma! - uma voz ressoou energicamente. James se virou para ver o Prof. Debellows entrando a passo largo na sala por uma porta dos fundos. Estava vestindo uma túnica curta e sandálias e uma toalha enrolada no pescoço. - Como vocês sabem, eu sou seu novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, Quêndrico Debellows. Eu odeio ser chamado de "professor" alguma coisa, então se sintam à vontade para me chamar pelo meu primeiro nome. Não vamos seguir o protocolo nessa aula. Quero que todos aqui pensem em mim como um amigo e parceiro. Arranjem um assento, todos vocês.

James viu Ralph olhar ao redor, como se esperasse que uma fila de cadeiras tivesse aparecido repentinamente. O resto da turma estava fazendo o mesmo, seus rostos vagamente confusos.

- Nos tapetes! - Debellows riu. - Dou minha palavra de que essa será uma nova experiência produtiva para todos nós, sem dúvida. Nos tapetes, alunos. Onde preferirem. Esse é o espírito.

James acocorou-se de costas para um dos bonecos. Enquanto se apoiava nele, este emitira um “clique” e um zumbido. O braço do boneco disparou para cima e sua mão se transformou em um enorme e acolchoado punho. James se jogou para trás e esbarrou em Ralf. Ralph parecia definitivamente preocupado enquanto se sentava incomodamente no pequeno tapete.

- Não sei a que tipo de aulas vocês eram acostumados no passado, alunos - disse Debellows, apertando as mãos pelas costas e girando em seus calcanhares. - Na verdade, eu preferi não saber quais métodos os seus antigos professores de Defesa Contra as Artes das Trevas usavam. Eu tenho meu próprio jeito de fazer as coisas, que se provou bastante eficiente durante os anos que eu era líder dos Harriers, e eu pretendo aplicar os mesmos métodos aqui. Muitos de vocês se sentirão familiarizados com meus feitos e missões, mas me deixem tranqüilizar você e avisar que isso não é aula expositiva nem teórica. Nós não vamos discutir de minhas aventuras em longo prazo detalhadamente, embora de vez em quando possam ser bem instrutivas e ilustrativas. Não, vai ser uma aula bem prática e *faremos* coisas. Aprender é praticar e fazer! E isso é o que vocês farão! Provavelmente muitos de vocês sairão doloridos e exaustos. Talvez voltem das aulas machucados, com manchas-roxas, suados e desarrumados. Mas se tornarão fortes! Farei o meu melhor para lhes ensinar tudo que aprendi em todos esses anos lutando contra as artes das trevas. Agora, pedirei um voluntário.

O olhar penetrante de Debellows perpassou avidamente a massa de segundanistas. Um corvinal chamado José Torrance levantou as mãos hesitantemente.

- Excelente, isso mesmo, não sejam tímidos - gritou Debellows energicamente. - Venha até aqui, meu jovem. Não sei seu nome, mas vou lhe chamar de Inácio.

- Meu nome é José - o garoto disse, trotando para se juntar a Debellows na frente da sala.

- Zé, então. Bom, bom. O que eu quero que você faça, Zé, é fingir ser um lobisomem. Eu quero que você me ataque.

- Atacar o senhor? - disse Joseph, um pouco hesitante.

- Sim, sim, como um lobisomem. Apenas pule sobre mim, e vá para a garganta. Não fique com medo de me machucar.

José engoliu em seco, olhando para a sala e então se virou para Debellows. Corajosamente, ele se agachou, levantou as mãos com os dedos curvados como garras, encarou, e fez uma tentativa de uivo enfurecido. No momento em que ele pulou, Debellows girou. Em um borrão de movimento, enrolou uma perna no garoto o girou para cima no ar, sacou sua varinha do nada, e gritou um comando ininteligível. José

ficou congelado no meio do ar um momento antes de se espatifar sobre o colchonete. Seu rosto ainda estava contorcido em uma careta cômica.

A turma não teve nem tempo de ofegar antes que tudo estivesse acabado. Houve um momento de silêncio temeroso e respeitoso, e então um estrondo de aplausos estourou. Graham cutucou Morgana, acenando excitadamente e apontando.

- Ele está perfeitamente bem - gritou Debellows, abaixando as mangas de sua túnica. - Ele nem está paralisado, apenas suspenso. Não está tudo bem, Inácio? - Deu uma tapinha nos pés levantados do garoto.

- É José, senhor - respondeu o garoto, se balançando e olhando nervosamente para o chão.

- Zé, sim, certamente. O objetivo, com certeza, não é machucar a pobre criatura, mas simplesmente tirar os pés dela do chão. Se não conseguir tocar o chão, não consegue atacar. Se não pode atacar... bem, o resto é elementar, como podem ver. Prepare-se, Zé.

José mal teve tempo de colocar as mãos para frente antes que Debellows o cutucasse com sua varinha. O garoto caiu sobre o tapete.

Debellows olhou vivamente para a multidão de estudantes.

- Alguma pergunta?

Graham atirou sua mão no ar.

- Qual foi o encantamento, senhor?

- Tsk, tsk, tsk - Debellows desaprovou, balançando o dedo para Graham. - Não vamos nos precipitar, Sr. Hum... rapaz. "Preparação física antes de Feitiços" é meu lema. Vocês observaram a manobra que eu utilizei para lançar o lobisomem no ar? Essa é a chave para todo o negócio. O encantamento é meramente a cobertura do bolo. Não, nessa matéria, nós vamos nos dedicar à disciplina que nos ensinará a nos prepararmos física e mentalmente para os desafios que podemos enfrentar como defensores do bem. Vocês sabiam, turma, que um bruxo bem preparado e em boa forma pode até resistir à Maldição Imperius se tiver força física e mental suficiente? É verdade. Por muito tempo, o foco da Defesa Contra as Artes das Trevas civil foi encantamentos rápidos e desprezíveis, feitiços de proteção, e azarações fúteis. Aqui, eu não vou lhes transformar meramente proficientes na teoria. Aqui, eu vou lhes transformar em guerreiros!

Ele sorriu para a sala, seu corte militar se eriçando. Depois de um tempo, Kevin Murdock começou a aplaudir. O resto da turma se juntou a ele desanimadamente.

- Eu sei que vocês provavelmente não estão excitados com a minha abordagem - disse Debellows, levantando uma mão. - Há aqueles que não utilizam os mesmos métodos que eu; aqueles que não respeitam a importância das proezas físicas, que acreditam que feitiços Expelliarmus ou encantamentos Patronos são mais do que suficiente para combater os mais terríveis adversários. Nos Harriers, nós chamamos estas pessoas de "aurores". - Ele riu, e houve uma ligeira onda de risos. Kevin Murdock

sorriu maliciosamente para James, cutucando um companheiro sonserino. Debellows continuou. - Mas acho que vocês verificarão que minha abordagem é bem efetiva com o tempo. E eu prometo: não lhes pedirei para fazer alguma coisa que não esteja planejando fazer eu mesmo bem ao seu lado. E agora! - Ele bateu as palmas das mãos avidamente. - Vamos ver onde estamos. Quantos de vocês já ouviram falar do Circuito da Morte?

James olhou de relance ao redor da sala. Ninguém levantou a mão dessa vez. Debellows pareceu não perder o ânimo.

- O Circuito da Morte, também conhecido como “corredor polonês”, é um método arcaico usado por aqueles que treinavam para a batalha. É um tipo de percurso com obstáculos mecânicos acionados por polias. Embora seja verdade que, sendo bruxos, nós equipamos nossa disposição com certas, er, capacidades especializadas. Não há outro objetivo para o Circuito da Morte a não ser a superação. Certamente, vocês todos já ouviram falar da expressão “passar pelo corredor polonês”? Estou prestes a lhes elucidar o que isso realmente significa.

Debellows marchou rapidamente pela sala e parou no fim da linha de aparatos mecânicos. Ele levou as mãos aos cotovelos e girou na cintura, pulando de pé em pé meia dúzia de vezes, e finalmente se agachou. Ele estendeu um braço, apontando sua varinha para a linha de aparelhos.

- *Defendendum!* - ele bradou.

Imediatamente, os aparatos se engrenaram, zuniram e ganharam vida. Debellows lançou-se para frente, acaçapando-se, se enfiando e rolando abaixo do primeiro dispositivo enquanto este jogava uma poltrona acolchoada para trás em seu caminho. Com um gemido, o homem saltou por sobre as engrenagens que restavam. Ele se movia em algo como um balé muscular, disparando, se agachando, e saltando através da zoadá mecânica. Ele se esquivava de rodas de punho almofadado, mergulhava para se livrar de feitiços estuporantes disparados por um grupo de varinhas recém surgidas, saltitava por cima de ruidosos cavalos de ginástica e pinças acolchoadas, e finalmente mergulhou, pulou e pousou primorosamente de pé próximo ao final do corredor polonês.

Não houve aplauso algum dessa vez. James fitou, horrorizado, para a monstruosidade da maquinaria que espancava selvagememente.

- Bem mesmo! - Debellows gritou por cima do barulho do corredor polonês, enfiando seus punhos em seu quadril. - Quem será o primeiro, então?



- Ele é completamente maluco! - Graham exclamou enquanto mancava para a aula de História da Magia. - Deve ter pegado muitos *Estupefaças* no cérebro quando era um Harrier ou algo assim!

- Sem feitiços até o quarto ano - disse Ralf, balançando a cabeça. - E o que foi aquilo no final? Quem é *Artis Decerto*?

- Não é uma pessoa, é uma coisa - disse Rosa, andando ao lado de Ralf. - É como um estilo de versão mágica do caratê.

James cuidava do ferimento no cotovelo, onde fora esmurrado no desafio de Debellows.

- Aonde você vai Rosa?

- História da Magia - ela respondeu afetadamente.

Ralph a fitou.

- *Nossa* História da Magia?

- Não sei o que você quer dizer com isso - disse Rosa, se esticando o máximo que podia, o que a deixava à altura do pomo de Adão de Ralf. - Meus horários me levam à História da Magia, segundo tempo, Prof. Binns. Não posso fazer nada se meu orientador sugeriu que eu pulasse para aulas de nível mais elevado. Então, as coisas não se saíram bem com o professor Debellows?

- Nós não devemos chamá-lo de "professor" - disse Graham acidamente. - Ele quer ser nosso amigo, não sabia?

- O tipo de amigo que te faz fazer cinquenta abdominais e flexões se não conseguir evitar ser esmurrado por um gigante e almofadado punho - disse Ralf pesarosamente.

- Eu odeio dizer, mas ele vai provavelmente fazê-los bons - disse Rosa, olhando de esguelha os dois garotos avaliativamente.

- Espere só você ter *sua* primeira aula com ele - grunhiu James. - Aí verá o quanto *você* é petulante.

Enquanto entravam na sala de História da Magia, o professor fantasma Binns parecia estar no meio de uma lição de aula. Estava de costas enquanto escrevia no quadro-negro com um pedaço fantasmal de giz. Estranhamente, ele parecia estar escrevendo notas por cima de outras velhas notas, criando uma confusão absurda. Havia uma distinta impressão de que o quadro-negro continha anos de anotações

fantasmagóricas do professor, camada após camada esvanecendo na penumbra. Como James sabia, Binns tinha apenas uma frágil conexão com a realidade temporal. No ano passado, Ted tinha contado a James que a escola tinha tentado realocar a sala de aula de História da Magia para outra sala do outro lado do castelo para ceder espaço aos visitantes de Alma Alerons. Infelizmente, o professor Binns continuava pontualmente aparecendo na velha sala todos os dias para dar aula apesar do fato de a sala ter sido transformada temporariamente em um dormitório para garotas de Alma Alerons. Ninguém com sua persuasão conseguiu convencer o fantasma a realocar suas aulas, e a sala foi prontamente reconvertida em uma sala de aula de novo.

Desajeitadamente, os estudantes encontraram seus assentos e começaram a conjurar pergaminhos e penas. Depois de um minuto, Rosa limpou sua garganta ruidosamente e chamou o nome do professor. Binns parou de escrever no quadro-negro e se virou, olhando vagamente para Rosa através de seus óculos.

- Sim, Srta. Granger?

Houve uma onda de risos e Rosa corou.

- Não sou a Srta. Granger, senhor. Sou Rosa Weasley, sua filha. Eu, hmm, acho que perdemos a primeira parte de sua aula.

- Outra geração já - Binns resmungou a si mesmo. - Muito bem, então.

O fantasma estendeu a mão, pegando um apagador ilusório e começou a passá-lo sobre o quadro-negro, sem produzir efeito algum.

- Você nunca entenderá as anotações dele. Tem apenas que prestar atenção à explicação dele. - sussurrou Graham. - É um desafio, mas o bom é que ele vem aplicando os mesmos testes há quarenta anos. As respostas estão gravadas na parte de cima das mesas. Vê?

James tivera aulas com o Prof. Binns no ano anterior, mas não soubera dessa lenda particular. Ele abaixou o olhar para as desbotadas inscrições e grafites gravados no tampo de sua mesa. Claramente, cravada no centro, estava uma lista de termos e frases enumeradas. No topo, como uma manchete, estava a frase, "EM CASO DE DÚVIDA, APENAS DIGA "REBELIÃO DUENDE".

- Isso é colar - disse Rosa sem muita convicção. - Hmm, tecnicamente.

- Vocês irão recordar - disse Binns, tirando seus óculos e limpando-os distraidamente em sua antiga e fantasmagórica lapela, - que ano passado nós completamos nossos estudos com o final a Idade das Trevas Mágica na qual homens e bruxos finalmente tomaram caminhos diferentes depois de séculos de intranqüilidade e conflitos. O mundo mágico permitiu que os reinos trouxas pensassem que havíamos nos dispersado e, com o tempo, extinguido. Pelo contrário, é claro, o mundo mágico se desenvolveu em segredo, como tem feito desde então, contornando os atritos naturais e as típicas fricções inerentes da interação entre o mágico e o não-mágico. Isso nos leva direto ao início da era moderna na história bruxa, na qual instituições mágicas e

estatutos rígidos passaram a existir. Nesse ano vamos estudar as histórias desses estatutos, de governos à economia e educação. Inicialmente, quase todos estes detalhes foram arranjados e decididos entre estas mesmas paredes, e pelas mesmas pessoas. Vocês devem estar conscientes que esse mesmo castelo foi o centro do mundo mágico por um bom período de tempo antes de ser classificado exclusivamente como lugar de aprendizado.

Rosa atenciosamente garatujava notas em seu pergaminho. Ralph a observava com curiosa fascinação, tanto por causa de sua persistência em tomar notas quanto por sua caligrafia ser meticulosamente precisa. James desejou que Zane estivesse aí para fazer uma caricatura divertida do professor Binns. Ociosamente, rabiscou seu pergaminho.

- Fotografia mágica - continuou Binns, - embora muito mais antiga que a equivalente trouxa, ainda estava em sua infância quando Hogwarts foi fundada. Aqui, no que era, nessa época, um meio experimental ainda, vemos a única representação fotográfica restante dos fundadores originais de Hogwarts.

James levantou o olhar para ver o professor apontando sua varinha fantasmal para uma pequena figura enquadrada na parede. James a semicerrou os olhos, mas não conseguiu compreendê-la. Ele não soubera que havia alguma foto dos fundadores e estava bastante curioso para saber a real aparência deles. Olhou ao redor da sala, mas ninguém mais aparentava estar tendo dificuldade para compreender a antiga foto. James apertou os lábios. Tinha que acontecer cedo ou tarde. Tão silenciosamente quanto podia, pegou sua bolsa e encontrou o estojo que guardava seus novos óculos. Os retirou e, tão sorrateiramente quanto ele pôde, os colocou. Imediatamente, a antiga foto se tornou nítida.

- Tecnicamente, isso não é uma fotografia como nós conhecemos hoje em dia, mas um tipo de quadro animado criada com pinturas especialmente encantadas. Em todo caso, o resultado é uma imagem fiel, ainda que crua e tosca. Aqui vemos todos os quatro fundadores originais de pé em frente às suas estátuas na rotunda original. Essa foi tirada bem tarde em suas carreiras, durante a ocasião de nomeação e dedicação de Hogwarts como escola de magia e bruxaria há mais de dez séculos.

James estudou a antiga imagem. Era realmente muito granulada e somente em preto e branco. Mas ainda assim, podiam se distinguir bem as quatro figuras, duas bruxas e dois bruxos. O rosto alongado de Godrico Gryffindor ostentava seu famoso bigode e cavanhaque pontudo. Os traços de Salazar Slytherin eram frios e impassíveis, com bochechas e queixo acentuados. Ele era totalmente careca. Helga Hufflepuff era alta e de aparência severa, com seu longo cabelo trançado. Rowena Ravenclaw estava com seu longo cabelo grisalho e solto, mostrando um belo e risonho rosto com grandes olhos negros. Atrás deles podia-se ver suas estátuas, mas apenas da cintura para baixo. As estátuas tinham sido indubitavelmente muito altas.

- Olhem - sussurrou Graham, apontando para a foto. - Tem um fantasma no pedestal! Pode-se vê-lo bem ao lado, próximo à estátua da ponta direita, igual como no livro da Rita Skeeter!

Ralf pareceu perplexo.

- O fantasma no pedestal?

Rosa fez uma feição atormentada

- É só um mito, Ralf - sussurrou ela. - Estava em um livro que foi lançado uns anos atrás: *O Códice dos Fundadores*. Dizia que havia segredos escondidos num grupo de quadros e pinturas e tudo mais. Supostamente, há um rosto fantasmagórico escondido nas sombras no pedestal da estátua na foto dos fundadores.

- Está bem ali - esganiçou Graham. - Skeeter diz que foi posto na foto por um malefício do próprio Salazar Slytherin como anúncio e adiantamento de sua maldição final. É suposto que era o rosto do herdeiro de Slytherin. De certo, isso é notícia velha agora. *A Câmara Secreta* é bem conhecida. Estava na excursão de Hogwarts até uns anos atrás quando eles a fecharam por ser insegura.

Uma aluna lufa-lufana chamada Asla Doone, na fila detrás de James, adicionou, sussurrando:

- Eu também posso ver o fantasma aí! Parece... parece que está usando óculos! Ora, James - disse ela conspiratoriamente - eu acho que o fantasma no pedestal é você!

James girou e a fitou furiosamente. Ela riu, cobrindo a boca. Quando se virou de volta, Ralf e Rosa estavam olhando para ele também.

- Desde quando você usa óculos? - perguntou Ralf num sussurro.

- Não uso! - lamuriou James. - Eu só preciso deles para ver... coisas. Ao longe. Às vezes. Quase nunca!

- Eles são uma gracinha, James - Rosa sorriu. - De um jeito, fica bem intelectual.

James puxou os óculos e os colocou de volta na mochila de supetão. Rosa olhou novamente para a antiga foto enquanto o Prof. Binns balbuciava absortamente.

- E Asla está certa - sussurrou Rosa, sorrindo divertidamente. - O fantasma do pedestal realmente parece um pouquinho com você. Eu não tinha reparado a princípio.

- Vai se catar - James resmungou, retomando seus rabiscos.



Naquela noite, depois do jantar, James e Rosa sentaram em meio a uma pilha de livros e pergaminhos no canto de uma mesa no salão comunal da Grifinória.

- É só nosso primeiro dia de aula após o retorno - reclamou James. - Nem acredito que já estou cansado de tarefas.

Rosa mergulhou sua pena.

- Se você reclamasse menos e fizesse mais, não iria parecer tanto assim.

- Obrigado pelo consolo - resmungou James, folheando aleatoriamente um enorme e empoeirado livro preto. - Aliás, quantas matérias temos em conjunto este ano mesmo? Digo, além de História da Magia e Transfiguração. É meio embaraçoso, você sabe.

- Não posso imaginar por quê - disse Rosa, sem tirar os olhos de seu pergaminho, - nem passa pela sua cabeça que eu herdei a compreensão de princípios mágicos básicos que minha mãe tem. Você, por outro lado, herdou a capacidade de seu pai de adiar os estudos sempre para a última hora. É simples genética!

James se ajeitou na cadeira.

- Você já acabou seu dever de Transfiguração, então? Talvez você possa me dar uma mão com o meu já que é tão esperta. Afinal, somos da mesma família.

- Você, obviamente, me confundiu com outra pessoa - Rosa disse, colocando seus livros na mochila e fechando-a. - Deve ter sido assim com a minha mãe nos velhos tempos, mas somente porque ela tinha um super-desenvolvido senso de responsabilidade. Minha herança Weasley contrabalança isso perfeitamente. A propósito, você não deveria estar usando seus óculos para fazer a lição de casa?

James lançou um olhar seco a ela.

- Só preciso deles para olhar a grandes distâncias, muito obrigado. Apreciaria se deixasse a questão dos óculos de fora.

- Nada a ver. Muitas pessoas usam óculos.

- Um bando de "nerds" completos, você quer dizer - James choramingou sombriamente.

- Damian usa - ressaltou Rosa - E a Prof. McGonagall. Fiera Hutchins usa também e eles ficam muito bonitos nela, mesmo sendo uma sonserina. E Clarêncio Templeton, e Escórpio...

James quase deixou cair seus livros.

- *Escórpio* usa óculos? Como você sabe?

Rosa girou os olhos.

- Eu o vi usando em Herbologia. Ele os precisa para ler, eu suponho. Ao contrário de você, ele parecia perfeitamente confortável usando os óculos em sala de aula. Parecem bem esportivos, de fato. Não possuem aros, com laterais de couraça de tartaruga...

- Tá, tá - disse James, agitando as mãos desinteressadamente. - Isso não melhora nada.

- E apesar do que você pensa - disse Rosa, se inclinando e abaixando a voz, - ele *não* é estúpido. Pode não ser o garoto mais legal da escola, mas dá conta dos seus afazeres.

- Ele sabe como lançar uns poucos feitiços, grande coisa - disse James, cruzando os braços. - Os pais deles devem ter contratado, seguramente, um daqueles tutores duendes só para ter certeza de que ele se sairia melhor que os outros.

Rosa deu de ombros e olhou sutilmente pela sala.

- Parece que também já acabou os deveres dele, de qualquer maneira.

James seguiu o olhar de sua prima. Escórpio sentara desengonçadamente em uma cadeira com encosto alto perto da lareira. Ele estava agitando sua varinha preguiçosamente, fazendo um pedaço de papel dobrado flutuar para que parecesse com um morcego. O papel bamboleava, então se balançava e caía sossegadamente.

- Que metido - James resmungou, baixinho.

Cameron Creevey viu James olhando. Ele se levantou e se aproximou da mesa vacilantemente. - E aí, James! Como foi seu primeiro dia?

- Péssimo - queixou-se James. - Você foi bom em Transfiguração, Cameron?

Cameron negou com a cabeça.

- Eu ainda nem tive aula disso, desculpe. Eu só queria perguntar uma coisa: é verdade o que dizem sobre o ano passado? Sobre o alinhamento dos planetas e que você estava lá para o retorno de Merlim e tudo aquilo sobre você zombar daquele repórter trouxa?

- Bem - começou James, e depois encolheu os ombros cansativamente, - é, sim, acho. É provavelmente tudo verdade, mas não é como falam por aí. Eu estava tentando *evitar* o retorno de Merlim, entende? Então foi tudo um grande mal-entendido, na realidade.

Cameron sorriu parcamente, revelando um monte de chicletes rosa.

- Isso é totalmente excelente! - exclamou ele. Meu pai é Dênis Creevey, ele veio pra escola junto com seu pai, Harry Potter, certo?

- Certamente, se você diz - concordou James, sorrindo. O entusiasmo do garoto era muito contagioso. - Mas não sou como ele, Cameron, de verdade. Sou apenas um garoto. Vê? Sem cicatriz em forma de raio. Além do mais, eu tive bastante ajuda.

- É, eu ouvi - assentiu Cameron. - Ralf Deedle, cujo nome verdadeiro do pai é Dolohov! Ninguém viu aquilo vindo, viu? Ainda faz sentido em retrospecto. Pelo menos é isso o que o meu pai diz.

Rosa mostrava um sorriso forçado e fingia ler um dos livros de James. James balançou a cabeça com perplexidade.

- Aonde soube de tudo isso, Cameron?

- Ah, todos os primeiranistas estão falando disso. Mal podemos esperar pra ver o que você tem pra esse ano!

James franziu a testa.

- Esse ano?

- Claro! - Cameron entusiasmou-se. - Digo, é exatamente como na época do seu pai! Todo ano, ele tinha uma aventura nova, não tinha? Temos todos os artigos do *Profeta Diário* antigos em casa, assim como todas as novelizações. Eu sei que os livros exageram um pouco, mas meu pai estava lá quando algumas coisas aconteceram, como ele diz, eles nem fazem justiça às autênticas histórias. Minha favorita é a do Torneio Tribuxo, especialmente a parte do dragão!

James levantou as mãos, interrompendo Cameron. - Olhe, esses livros falam do meu pai. Não de mim. As coisas são diferentes hoje em dia, não são? Não há mais Voldemort nenhum, não há mais temor de sociedades horripilantes do mal dispostas venham tentar dominar o mundo. Ano passado foi um acaso, certo? Além do mais, não fui tão heróico quanto meu pai. Se não fosse por Ralf e Zane...

- Zane? - interrompeu Cameron. - Ele é o americano?

- Sim - riu James, exasperado. - Ele...

James pulou no momento em que algo bateu contra a janela atrás dele. Ele se virou, olhando ao redor, com os olhos bem abertos. A janela estava perfeitamente escura e vazia. Ele não tirou os olhos de seu reflexo no velho vidro.

- Que diab...?

A batida chegou de novo, dessa vez mais forte, fazendo a janela tremer em sua vidraça. Um pequeno objeto tinha se atirado contra a janela pelo lado de fora. Parecia com uma mariposa, mas possuía brilhantes asas verdes. James focou atentamente na coisa, franzindo as sobrancelhas.

- O que é isso? - perguntou Rosa, se juntando a James na mesa.

James indicou com a cabeça. A mariposa se atirou contra a janela novamente, batendo no vidro com suas asas, era notavelmente forte considerando seu tamanho.

- É uma mariposinha - disse Rosa, reconhecendo a forma voadora. - Deixe-a entrar antes que se bata sem saber. São inofensivas.

James destrancou a janela, a abriu e imediatamente a mariposa mergulhou mais uma vez. Atirou-se disparada pela janela aberta e perpassou James. Cameron se agachou enquanto a mariposa cintilante dardejava pelo ar da sala. Precipitou-se desvairadamente, voando rapidamente através dos estudantes dispersos pelo cômodo, deixando um rastro de poeira levemente brilhante para trás. Escórpio se ajeitou na cadeira onde estava, e perscrutou, semicerrando os olhos, enquanto a mariposa ondulava e arqueava pelo ar, desenhando linhas de pó esverdeado no ar. Finalmente, como se estivesse exausta, a mariposa voou de súbito até aterrissar na mesa, pousando sobre a pilha de livros de James. Dobrou as asas e agitou suas antenas para James.

- Ooopa! - Cameron disse excitadamente. James levantou os olhos.

As linhas de poeira brilhante tinham se condensado até tomar uma só forma. Esta flutuava no meio do ar, deslocando-se lentamente em direção ao chão. James reconheceu a figura. Deu um sorriso largo.

- Cameron, encontre o Zane - disse James, gesticulando para o rosto familiar formado pela poeira brilhante. - Zane, nós estávamos exatamente falando de você. Como você soube?

A representação poeirenta do rosto de Zane sorriu.

- Funciona! Oi, James! Espere um segundo. Rafael, Ana, digam ao Prof. Franklyn que funciona. Eu estou conseguindo! Eles podem me ver! Tudo bem, de qualquer jeito. Oi, pessoal. Oi, Rosa! Onde é que o Ralfidilo tá?

- Ele e Alvo estão nas masmorras abaixo com os sonserinos - respondeu James. - Zane, o que é isso?

A face trêmula de Zane fez uma careta como querendo dizer "é uma longa estória".

- Vocês já ouviram aquela história do Efeito Borboleta? Uma daquelas que bate as asas em Paris e causa um furacão em Los Angeles? Bem, esta é essa borboleta. Na verdade, é uma mariposa, mas a questão é que ela não causa furacões, somente sabe quando eles vão acontecer. Franklyn diz que ela tem uma forma de conexão com o cosmos. De qualquer jeito, pode sintonizar com qualquer coisa a milhas de distância. O truque foi só conseguir a frequência na coisa certa. No momento, ela está sintonizada no meu rosto aqui em Alma Aleron. Então, como estou parecendo?

James inclinou-se para frente, estudando o estranho e brilhante fenômeno.

- Como um fantasma mareado.

- É o melhor que conseguimos até agora - Zane assentiu. - Mas ainda assim, é um grande salto para o Departamento de Comunicações Mágicas Experimentais. Rafael diz que nós provavelmente vamos obter alguma subvenção por isso. De qualquer modo, eu só tenho um minuto antes de o pó assentar. Como vocês todos estão?

- Bem - respondeu James. - Diga ao Cameron aqui que não haverá mais aventuras emocionantes esse ano.

- É melhor não mesmo - concordou Zane. - James jurou ano passado nunca mais se envolver numa, Cam. Foi essa a única razão pela que eu deixei meus pais me trazerem de volta para América. Aliás, tô desaparecendo, posso sentir. Vou entrar em contato com a gente. Temos umas outras técnicas pra testar. Será divertido!

- Tudo bem, Zane - James falou no momento que o rosto brilhante começava a se desintegrar. - Até mais!

- Espere aí! - Zane gritou, enquanto sua voz enfraquecia. - Será que eu ouvi que seu irmão está com os sonse...? - A voz dele se extinguiu assim que o pó brilhante da

mariposa se desvaneceu no ar. Na mesa, em frente a James, a mariposa flexionou as asas. Decolou outra vez e voou silenciosamente através da janela aberta. James a fechou.

- Foi completamente estupendo! - Cameron exclamou repentinamente. James sorriu, balançou a cabeça, e afugentou o garoto com um ademã. O resto dos grifinórios no salão comunal voltaram à fazer seus deveres.

- Isso é completamente insano - disse Rosa, sentando de volta em seu assento. - Não existe Efeito Borboleta nenhum. É só uma metáfora!

James arreganhou os dentes picaramente para Rosa.

- Você realmente está louca por ele!

Rosa olhou de cara feia pra ele.

- Agora por que diabos vocêalaria isso?

- Porque - James disse sem se afetar, - você esperou até ele ir embora pra dizer aquilo.

Rosa se enrubescou e desviou o olhar, se enfurecendo.

- Vê? - disse James, cutucando-a. - Não sou tão lerdo com *coisas* deste tipo, sou?

Rosa limpou a garganta e pegou sua mochila.

- Desfrute seu dever de Transfiguração - disse ela, se levantando. - E a propósito, eu dei uma olhada nas suas respostas das tarefas de História da Magia. Você errou três delas, e *não* vou lhe dizer quais são. - Ela piscou os olhos e sorriu docemente. - Boa noite, então!

James se afundou em sua cadeira, observando-a subir os degraus para o dormitório das garotas. Do outro lado da sala, Cameron sorriu para ele.

Sem mais aventuras esse ano, James pensou. Isso era uma boa, não? Com certeza que sim. Além disso, o trio estava partido. Zane se fora, estava do outro lado do oceano e num fuso horário completamente diferente. *Isso* nunca tinha acontecido com Harry Potter. Sempre tinham sido Harry, Rony e Hermione, o trio mágico, inseparáveis até mesmo hoje em dia. Mas não era assim com James, e isso, ele disse para si mesmo, estava tudo bem. Deixemos que Alvo tenha uma aventura se houver uma para se ter. Afinal, ele era o que todos diziam se parecer mais com seu pai quando jovem.

A testa de James coçava. Sem pensar, ele a esfregou, puxando seu cabelo rebelde para cima. Assim como ele tinha dito para Cameron, não havia cicatriz alguma ali em forma de raio. James não era seu pai.

Quando James abaixou a mão, ele viu Escórpio Malfoy olhando fixamente para ele do outro lado da sala. Sua face inescrutável. Depois de um momento, Escórpio desviou o olhar, como se estivesse entediado. Se houvesse alguma prova de que a era das aventuras estilo Harry Potter estava acabada, ela estava bem ali: Escórpio Malfoy com uma insígnia da Grifinória bordada em sua túnica.

James suspirou, abriu seu livro de Transfiguração, e começou a fazer sua tarefa.



Os primeiros dias de aula na escola passaram rapidamente, como de supetão. James assistiu a todas as suas aulas e fez um esforço concentrado para tomar notas e concluir todos seus deveres. Seu zelo e diligência se deviam em parte a sua própria determinação de não ficar atrasado logo no início do ano, mas também pelo fato de que Rosa agora freqüentava muitas de suas aulas. Ela servia como uma fonte constante e desapontadora de competição uma vez que James estava decidido a não permitir que sua prima primeiranista o superasse apesar de sua inteligência natural.

Rosa não participava de uma aula com James, essa era Trato das Criaturas Mágicas, a qual ainda era lecionada por Hagrid. Hagrid constrangeu James quando o saudou com um abraço de urso e lhe quebrou os ossos no princípio da aula.

- Eu não tive a oportunidade de lhe falar no funeral, James - disse Hagrid, no que pensava ser uma voz confidencial, - mas sinto muito por seu avô. Arthur era um grande homem, era sim.

James assentiu com a cabeça, um pouco chateado por ter sido lembrado da morte de seu avô. Havia passado alguns dias desde a última vez que ele pensara nisso. Hagrid convidou a turma a se sentar na multidão de abóboras amadurecendo em seu jardim. Ele passou a o período explicando o que era a aula e descrevendo os animais que apresentaria aos estudantes no decorrer do ano. James não prestava particularmente atenção, ao invés, ficava observando o lago com seus pensamentos ao longe e com melancolia.

Durante o seu período livre da quarta-feira, James sentou com Ralf e Rosa em uma mesa na biblioteca. Ele aproveitou a chance para escrever uma breve carta para seus pais. Quando acabou, ocorreu-lhe de escrever um bilhete para sua prima Lúcia também, como prometera. Ele mergulhou sua pena e escreveu o que primeiro lhe veio à mente.

Querida Lúcia,

Oi! Espero que o tio P. e tia A. não estejam te levando para todo canto, mas se estiverem, espero que esteja se divertindo muito e vendo algumas coisas legais. O ano escolar começou bem. O novo professor de Defesa é Quêndrico Debellows, o famoso Harrier. Pergunte ao seu pai se você não souber quem ele é. Ele é bem direto,

e não tem muito de bom pra falar dos aurores, então essa aula parece que vai ser uma bagunça. Al diria “oi” se soubesse que estou te escrevendo. Ele acabou na Sonserina afinal! Eu prometi que deixaria que ele falasse primeiro pra mamãe e papai disso, mas ele não disse que não poderia te contar. Rosa está bem aqui e está dizendo “oi” e pra você tirar uma foto de alguma coisa legal que você veja se estiver em algum lugar interessante, mesmo se estiver cansada de ver tudo isso. Diga a Mol que dissemos “oi”. Mande uma carta e qualquer foto com Nobby em resposta, tudo bem?

*Sinceramente,
James*

James deixou Rosa assinar a carta também. Quando acabaram, pegou a carta de volta e a releu. Então, ponderadamente, ele adicionou:

P.S. Se você ficar entediada, você bem que poderia me fazer um favor. Consulte qualquer coisa que puder encontrar sobre algo chamado o Guardião ou a Sentinela dos Mundos. Poderia ser que seja um pouco difícil de descobrir, mas sei que você gosta de desvendar as coisas, e seria de grande ajuda. Mas não diga nada a ninguém sobre isso. Eu prometi manter segredo. Obrigado.

James terminou de escrever, e depois selou rapidamente ambas as cartas e as pôs em sua bolsa. Naquela tarde, depois da última deles, Rosa e Ralf acompanharam James ao corujal. Ali, James enrolou as cartas na perna de Nobby enquanto Rosa e Ralf ficavam perto à porta.

- Ainda bem que trouxe um gato - disse Rosa enrugando o nariz. - Esse lugar é muito rançoso.

- Os gatos não podem entregar cartas - replicou James.

- Bom, uma coruja não pode agasalhar-se no seu colo à lareira.

Ralf acenou.

- Ou vomitar uma bola de pêlo no seu sapato.

Rosa o cotovelou. James acabou de enrolar as cartas a Nobby e deu um passo para trás.

- Leve a carta para mamãe e papai primeiro, Nobby. Lúcia poderia mandar algo de volta.

Nobby piou em consentimento. Estendeu as asas, balançou no poleiro por um momento, e então voou. James suspendeu a cabeça no momento em que Nobby tomava impulso para cima, passando pelas filas de suas companheiras corujas e desaparecia através de uma janela no topo do corujal.

Enquanto os três estudantes abriam caminho de volta para o castelo para jantar, James perguntou explicitamente para Rosa.

- Como foi a sua primeira aula de Defesa Contra as Artes das Trevas?

Rosa cerrou os lábios e levantou sua mochila.

- Ele não me deixou passar pelo corredor polonês.

Ralph a fitou.

- Bem, é uma coisa boa, né?

- Não, Ralf, não é. Todos os garotos tiveram que passar. Debellows disse que as garotas são “delicadas demais” para isso. Ele nos deixou treinando uma com as outras. Além disso, nenhuma das outras garotas leva a sério. Foi uma absoluta perda de tempo.

- Eu nem tinha notado, na verdade - disse James, - mas agora que você menciona, ele também não deixou que nenhuma garota passasse o corredor polonês na nossa aula.

- *Ou* que encarasse o ogro mecânico - adicionou Ralf. - Aquela clava pode ser acolchoada, mas dói bastante, dando estas batidas.

- Você deveria estar feliz em ser uma garota, Rosa - disse James ferventemente. - É seu salvo-conduto naquela fábrica de manchas-roxas.

Rosa sacudiu a cabeça, irritada.

- Vocês dois não estão entendendo a questão principal! Garotas não são menos capazes que garotos. Aposto que eu poderia derrotar a maioria de vocês se tivesse a chance de passar o Circuito da Morte.

James a olhou incredulamente.

- Você *quer* passar aquela coisa?

- Bom - respondeu ela, se apaziguando um pouco, - não realmente. Quer dizer, parece muito brutal. Mas é o propósito dele.

Ralf balançou a cabeça.

- Essa é a primeira vez na vida que desejaria ter nascido uma garota.

- Vou escrever para mamãe e papai sobre isso - declarou Rosa firmemente. - Quando a mamãe souber disso...

A voz de Rosa se dissipou quando uma forte rajada de ar frio repentinamente agitou suas vestes. James e Ralf também sentiram. Os três pararam no corredor, olhando ao redor.

James franziu a testa.

- O que foi aquilo?

Nenhum dos outros respondeu. Não parecia haver uma fonte óbvia para a brisa. Não havia janela alguma nessa seção do castelo. Portas fechadas apinhavam as paredes, iluminadas por uma série de lâmpões que penduravam em cadeias. Enquanto James olhava, o lâmpão no final do corredor piscou e apagou. James cutucou Ralf e apontou.

A voz de Ralf fraquejou.

- Aquilo já estava apagado, ou acabou de...

O seguinte lampião tremeluziu e morreu, como se alguém tivesse assoprado a chama.

- Talvez seja só o vento - disse Rosa incerta. - Vamos, vamos...

Dois outros lampiões também se apagaram em súbita sucessão. James olhou de relance para Rosa, depois para Ralf, com os olhos bem abertos. Repentinamente, muito mais forte do que antes, um vento frio percorreu pelo corredor, esvoaçando suas vestes e bagunçando seus cabelos. Isso fez com que o resto dos lampiões se apagasse, atirando o corredor no meio de uma sombria escuridão.

- Olhem! - chorou Rosa sem fôlego, sua voz estava anormalmente alta. James e Ralf seguiram o que sua mão trepidante apontava. Havia uma figura se movimentando pelo corredor. Flutuava sobre o chão com a cabeça baixa, obscurecendo sua face. A figura deslizava até eles veloz e silenciosamente. James segurou firmemente as mangas de Rosa e Ralf, empurrando-os para trás na intenção de se afastar, mas sentia suas pernas se congelarem. A figura estava se movendo rápido demais. Estava quase em cima deles. De repente, no preciso momento quando se atirava diretamente na frente deles, levantou a cabeça.

Ralf arfou. Rosa deixou escapar um pequeno grito. James piscou.

- *Cedrico?* - exclamou ele, com o coração palpitando. - O que você tá *fazendo*?!

O fantasma de Cedrico Diggory se endireitou e riu deles.

- Tenho estado praticando - disse em sua voz distante e fantasmagórica.

- Vo... você o conhece? - tartamudeou Rosa, um pouco recuperada.

- Sim, nós o conhecemos - respondeu Ralf. - Não foi legal, Ced. Aliás, o que foi aquilo mesmo?

Cedrico pareceu pego de surpresa.

- Sou o "Espectro do Silêncio". Fiquei praticando durante o verão todo, tentando criar um pouco de ambiente místico. Quê? Foi exagerado?

James acenou.

- Sim, digo que foi muito exagerado! Você poderia, tipo, consertar as luzes?

O fantasma olhou para os lampiões apagados.

- Na realidade, elas são bem mais fáceis de ser apagadas que reacendidas. Esperem aí.

Cedrico fechou os olhos e fez uma careta. Depois de um tempo, dois dos lampiões tremeluziram e acenderam novamente.

- Assim está um pouco melhor - suspirou Rosa. - Mas ainda. Não faça isso de novo, tá bem? Pelo menos não comigo.

Cedrico sorriu.

- Você deve ser a filha de Hermione. Tem o cabelo dela, embora um pouco mais vermelho.

- Eu prefiro o termo “castanho-ruivo” - disse Rosa. - De qualquer jeito, sim. Prazer em te conhecer, hum, Cedrico. Eu me lembro de ter ouvido falar de você. Quer nos acompanhar ao jantar?

Cedrico pareceu pensativo.

- Acho que não. Não é bom para a mística, flutuando por aí no Salão Principal como todo mundo lá.

- Todos os outros fantasmas fazem isso - Ralf comentou. - O Barão Sangrento fica lá em quase todas as refeições, ondulando sua espada e ensinando palavões aos primeiranistas.

- Sim... - Cedrico concordou em tom duvidoso. - Isso é legal pra ele. Ele tem estado aqui desde sempre...

James estreitou os olhos.

- Quantas pessoas te viram, Cedrico? Digo, sem contar conosco?

O fantasma flutuava nervosamente.

- Além de vocês? Hmm... o retrato do Snape também conta?

James negou com a cabeça.

- E o intruso trouxe?

- Não.

- Bem - admitiu Cedrico, - é isso mesmo, então.

- Espere um pouco - disse Rosa levantando a mão. - Você é um fantasma tímido?

Cedrico fez uma careta.

- Não “tímido”. Nunca fui tímido. Eu somente tem estado... ocupado.

- Ocupado aprendendo como fazer lampiões explodirem e praticando como ser o “Espectro do Silêncio”? - esclareceu James, inclinando a cabeça.

- Olhe, é diferente, e ponto final - disse o fantasma. - Nunca estive em um jantar no Salão Principal desde a noite em que morri, há mais de vinte anos atrás.

Ralf falou alto.

- Então? Muita coisa não mudou, acho. Tal como o aspecto das coisas lá embaixo, eles estão mantendo do mesmo jeito desde os tempos dos próprios fundadores. Vamos lá, vai ser divertido, mesmo se você não puder comer exatamente a comida.

Cedrico sacudiu a cabeça tristemente.

- Não consigo. Ainda não. - Ele lançou um suspiro fantasmagórico. - Na última vez que eu estive ali, eu estava sentado com meus amigos. Estava indo para o que esperava ser uma vitória no desafio final do Torneio Tribuxo. Todo mundo me brindou com seus sucos de abóbora e me desejou boa sorte. Eu prometi a eles que contaria no jantar do próximo dia todas minhas aventuras que acontecessem, com ou sem a taça da vitória... - Os olhos fantasmais de Cedrico se tinham tornado pensativos. - Cho Chang me encontrou à porta no caminho para fora do salão. Ela queria me desejar sorte no labirinto. Eu queria beijá-la, mas não o fiz, não lá mesmo na entrada do Salão Principal

com todos olhando. Eu prometi para mim mesmo que a beijaria depois. Na verdade, acho que estava mais preocupado com aquilo que ganhar a taça. Beijar a Cho seria o prêmio autêntico... - Cedrico pausou, e então piscou, sacudindo-se. Olhou para James, Rosa, e Ralf, como se agora lembrasse que eles estavam lá. - Mas isso nunca aconteceu, é claro. Parece que fosse ontem. Parece que se eu descer para o jantar, agora ela fosse estar lá, me esperando. Também estariam lá Stebbins, e Cadwallader, e Muriel, todos ansiosos para eu presentear-lhes todos os detalhes de minha viagem através do labirinto. É assim que parece para mim, mas não é real. Eles não estarão lá embaixo. Não mesmo. Eles todos têm crescido e seguido adiante. Sou somente uma lembrança distante. Ao invés disso, minha antiga mesa estará cheia de pessoas que eu não conheço. Eles nem mesmo me reconheceriam. - Balançou a cabeça novamente. - Talvez algum dia consiga descer. Mas ainda não. Não consigo agora.

Rosa se inclinou para dar uma tapinha no braço de Cedrico, mas sua mão o perpassou diretamente.

- Sinto muito, Cedrico - disse ela. - Você pode vir conosco quando quiser. Seus velhos amigos não estarão lá, mas poderia haver novos amigos esperando.

Cedrico acenou e sorriu, mas James não pensou que o fantasma acreditasse nas palavras de Rosa.

- Vamos te ver por aí? - perguntou James.

- Claro - concordou Cedrico. - Talvez esse assunto do Espectro do Silêncio seja demais. Da próxima vez vou pegar mais leve.

Os três estudantes se viraram e desceram o corredor. No momento em que viraram a esquina, James olhou para trás. Não havia sinal algum do fantasma de Cedrico, mas James tinha o pressentimento que ele ainda estava ali, de alguma forma. James balançou a mão em sinal de "tchau", e depois se apressou para alcançar Ralf e Rosa.

Enquanto passavam pelo corredor principal olhando para o pátio, James parou. Um pequeno grupo de estudantes estava lá fora reunidos ao portão sob a obscuridade azulada do anoitecer. James percebeu que eram todos sonserinos, e Alvo ficava de pé no centro deles. Com um sobressalto, James se deu conta de que era a noite de quarta-feira, a noite que Tábita havia separado para "tomar providências" com Alvo.

- Esperem - disse James calmamente, detendo Ralf e Rosa. Tão casualmente quanto pôde, ele vagueou para a porta e deslizou entre as sombras, observando o grupo de sonserinos.

- O que está acontecendo lá fora? - questionou Rosa, se juntando a James. James a silenciou.

Tábita estava conversando com Alvo, sorrindo radiantemente, acenando com a cabeça. Filia Goyle e Tom Squallus permaneciam perto e os rodearam com outros poucos sonserinos que James não conhecia. Ele não podia ouvir o que estavam dizendo.

Quando a multidão se moveu, James pôde ver que Tábita Corsica segurava algo longo e fino, embrulhado com um pano preto.

- É a maioria do time de quadribol da Sonserina - explicou Ralf numa voz baixa. - Ali está o Beetlebrick. Ele é o goleiro. Fiera e Abílio são os batedores.

James apertou os olhos.

- Acho que já sei o que Tábita tem naquela capa preta.

Os sonserinos repentinamente se viraram e começaram a sair do pátio. Alvo estava na frente, sorrindo e gesticulando alegremente. James deslizou através do vão de entrada, seguindo-os.

- Aonde você está indo? - perguntou Ralf.

- O que parece para você? Vou segui-los. Corsica está planejando pôr Alvo naquela coisa amaldiçoada dela.

Ralph gaifonou.

- O que você está planejando fazer, detê-los?

- Eu sei que você não pode me ajudar, Ralf - disse James rapidamente, - visto que eles são seus companheiros de casa e tal. Mas vou ver o que eles planejam, pelo menos.

- Não é isso - replicou Ralf. - É só que penso que é escolha de Alvo. Meio que acho que talvez você... não deveria se envolver nisso.

- Levarei isso em consideração - resmungou James sombriamente. Ele pulou para o pátio que rapidamente escurecia. Um momento depois, ele ouviu passos de alguém que o seguia.

- Você não tem que vir, Rosa - disse James, parando ao portão do pátio.

- Que coisa pra se falar? - sussurrou ela asperamente. - Eu ia espioná-los de qualquer jeito, mesmo se você fosse ou não.

James lhe lançou um sorriso. Juntos, se acocaram e avançaram furtivamente até a beira do portão, observando os sonserinos que saíam. A penumbra da noite que se aproximava tornava a visão dificultosa. Depois de um tempo, Rosa apontou. James seguiu a direção e viu que figuras vestidas chegando ao topo de uma colina a jardas de distância. Eles estavam se dirigindo ao campo de quadribol, era claro. Mantendo-se o mais agachados quanto possível, Rosa e James os seguiram.

No momento em que se aproximaram do campo, James fez menção para Rosa segui-lo. Ele a conduziu por um caminho curvo e sinuoso ao redor do lado da arquibancada grifinória. Tão silenciosamente quanto eles podiam, subiram ao nível mais baixo dos degraus de madeira. Ali, agachados na cerca de segurança debruçaram-se no campo escuro.

O grupo de sonserinos estava de pé na linha central. James podia ouvir suas vozes pouco claramente. Tábita parecia ser a que falava. Havia certo impulso enquanto as figuras se afastavam, e James silenciosamente se amaldiçoou por ter deixado os óculos na mochila.

- O que está acontecendo? - sussurrou ele sem se conter. - Eu mal posso ver quem é quem.

- Tábita acabou de retirar a capa de uma vassoura - sussurrou Rosa em resposta. - Parece que ela está explicando como ela funciona para Alvo. Ele parece bem ansioso para voar nela. Ele mal consegue ficar quieto. Parece até que quer ir ao banheiro.

James pôde ver o que aconteceu a seguir. Tábita ofereceu a vassoura a Alvo. Ele a pegou com ambas as mãos e a avaliou, então olhou para a garota de novo. James não podia ver sua feição, mas sabia que Alvo estava sorrindo aquele riso contagiante, despreocupado e temerário dele. Finalmente, os outros Sonserinos recuaram um passo dele, deixando-o no centro de um círculo desigual. Alvo levantou a vassoura com uma mão, como se estivesse testando seu peso e equilíbrio com sua palma. Então, habilidosamente, ele a lançou no ar. A vassoura se abaixou e oscilou junto a ele na altura de sua cintura. James lutou contra o impulso de gritar, para avisar Alvo. James já tinha montado aquela vassoura uma vez, e tinha sido um tremendo desastre. Havia algo extremamente incomum na magia daquilo. Ela tinha lutado com James e quase o matara. Quando Tábita a montava durante as partidas de quadribol, parecia que ela tinha uma influência suspeitosa sobre as vassouras ao redor dela, e até mesmo, James suspeitava, sobre o próprio pomo de ouro. Rosa pôs a mão na gola de James e o puxou para baixo. James não tinha percebido que começara a se levantar, preparando-se para gritar uma advertência para seu irmão. Ele a olhou fixamente, com os olhos desorbitados.

- Não - gesticulou com os lábios, negando com a cabeça.

James olhou o campo novamente. Alvo tinha alcançado e enroscado sua mão no cabo da vassoura que flutuava. Rapidamente, como se nem tivesse pensado propositadamente, passou uma perna sobre ela, escanchou e chutando, levantou vôo. A vassoura saiu disparada diretamente para adiante, girando lentamente e levando Alvo para o alto nas profundezas da noite. Alcançou o topo das arquibancadas e parou gentilmente. Alvo era meramente uma forma negra destacada contra o céu escuro. Enquanto James observava, ele se agachou sobre o cabo da vassoura. Esta tomou impulso para a frente, perfeitamente em controle. Ao longe, Alvo se exibia felizmente, sua voz ecoando sobre as colinas próximas.

Rosa foi em direção de James.

- Eu tive aulas de vôo com Alvo à terça - sussurrou ela. - Ele não podia voar assim então.

James pressionou seus lábios em uma linha fina. Ele olhou para o ajuntamento de sonserinos no campo, mas não pôde decifrar o que estavam fazendo. Se algum deles estava influenciando diretamente o vôo de Alvo com suas varinhas, James não conseguia dizer.

No silêncio da noite que caía, James podia ouvir o vai e vem, e o assobio do vôo inaugural de seu irmão. Alvo flutuava e dardejava sobre o campo e as colinas próximas, gritando com contento. Finalmente, depois de uns minutos de vôo aleatório, ele mergulhou numa longa volta por todas as quatro arquibancadas das casas, ganhando velocidade. James e Rosa se agacharam tão baixo quanto puderam quando Alvo passou sobre os corredores da parte grifinória. Ele virou o cabo da vassoura suavemente e o deixou pairando perto das bandeiras que encimavam as arquibancadas. James prendeu a respiração, torcendo para que as sombras dos assentos fossem suficientes para esconder a ele e Rosa. Alvo respirou fundo, guinou a vassoura de volta para o campo, e repentinamente se deteve. Parecia que estava olhando diretamente para James, mas na escuridão, era muito difícil de dizer. Ele estava provavelmente olhando por sobre James, para os sonserinos reunidos no centro do campo abaixo. Finalmente, Alvo se inclinou à frente. A vassoura lançou-se num mergulho profundo e enérgico, se arrastando por sobre a fila de assentos. James se agachou o mais baixo possível, temendo que Alvo pudesse realmente esfolá-lo quando passasse sobre a grade de segurança. Quando James abaixou a cabeça, uma mão o alcançou e desgrenhou seu cabelo fugazmente. A esteira do vento de Alvo passando aclamou, e James ouviu seu irmão rindo enquanto se adentrava para a escuridão absoluta do campo.

- Aquele pequeno imbecil! - irritou-se James. Rosa o silenciou.

Alvo desceu em apertado círculo, finalmente fazendo aterrissar a vassoura tão suavemente quanto uma semente de dente-de-leão. Os sonserinos aplaudiram e se abarrotaram ao redor de Alvo, parabenizando-o.

- Um talento natural - a voz de Tábita rasgou a brisa. - Assim como seu pai.

- "Talento natural" nada! - James assoviou baixinho. Rosa puxava suas vestes, empurrando-o para as sombras novamente. Juntos, observaram o grupo de sonserinos voltarem pelo campo, suas vozes se perdendo no crescente vento. Enquanto James observava, viu Alvo erguer o olhar para ele e lançar-lhe um sorriso.

Depois de um minuto, James e Rosa saíram das arquibancadas e também andaram sobre seus passos de volta ao castelo.

- Você viu o jeito que ele manobrou aquela vassoura - exclamou James, se esforçando para manter a voz baixa. - Ou para ser mais preciso, o jeito que ela o manobrou!

Rosa respondeu pensativamente.

- Admito que pareceu um pouco suspeito. Mas você mesmo disse que não podia manobrar uma vassoura direito até ter sua Thunderstreak. Talvez Alvo só precisasse ter o tipo de vassoura certa para ele se destacar.

James balançou a cabeça, exasperado.

- Você não entende. Eu mesmo tentei montar aquela vassoura, uma vez. Ela quase me matou!

- Bem, supostamente você não devia ter montado nela, não é? Algumas dessas vassouras modernas são meio inteligentes. Até a sua tem a opção de “Otimização Extra-Gestual”, não tem? Uma vez que ela se adere a você, qualquer outra pessoa que tentar montá-la teria sérios problemas.

- Olhe - disse James, levantando as mãos no ar, - você terá que confiar em mim nisso, Rosa. Aquela vassoura é amaldiçoada de algum jeito. E Tábita provavelmente foi quem a amaldiçoou.

Rosa olhou de soslaio a ele.

- Por que você diria isso?

James balançou a cabeça.

- É uma longa estória. Mas escuta o que eu te digo, há algo especialmente malvado nela. Você não acreditaria em mim mesmo se te contasse. Ninguém mais acredita mesmo.

- Bom - respondeu Rosa, mantendo sua voz tão uniforme quanto possível, - talvez haja uma boa razão para isso.

- De que lado você está, a propósito?

- Com licença - disse Rosa, se aborrecendo. - Você quer dizer se estou do lado do James ou do Alvo? Porque eu não sabia que tinha que escolher.

James bufou profundamente.

- Esquece. Desculpe, Rosa.

Rosa o olhou por um longo tempo enquanto se aproximavam do portão do pátio.

- Voar está no sangue dos Potter, James. Você não tem como saber se Alvo não é tão bom assim por natureza. A única razão pela qual os primeiranistas têm permissão para fazer os testes de quadribol é porque seu pai foi muito bom quando estava no primeiro ano. Mas se há algo errado com aquela vassoura, ou com a própria Tábita Corsica, serei a primeira a te ajudar a advertir Alvo sobre isso. Tudo bem?

James sorriu fracamente.

- Você promete?

Rosa assentiu com a cabeça. Juntos, entraram no pátio e foram em direção da luz no salão principal.

Ralf estava sentado ao pé da escadaria principal, esperando por eles. James sorriu.

- Ele voou nela, aposto - disse Ralf, levantando-se para juntar-se a eles.

- Como você sabe? - perguntou Rosa.

- Alvo e o resto passaram por mim no caminho para o jantar - disse Ralf. - Alvo veio até mim e me pediu para lhe dizer uma coisa quando você viesse, James. Ele disse que poderia roubar seu lugar na próxima partida de quadribol familiar.

James revirou os olhos e olhou para Rosa.

- Não ria - disse ele, apontando um dedo para ela.

- Não dei um piu - replicou ela, cobrindo a boca com a mão. - Vamos. Vamos entrar para jantar antes que fechem as portas na nossa cara.

- CAPÍTULO 6 -

O Rei dos Gatos



Na quinta-feira pela manhã, a primeira aula de James e Ralf era Literatura Mágica. A classe consistia numa sala semicircular anexa à parte traseira da biblioteca. As janelas estavam alinhadas na parede curva, enchendo a sala com a luz solar da manhã. A nova professora de Literatura Mágica, Julieta Revalvier, estava sentada na sua escrivaninha, folheando um grande livro enquanto os estudantes encontravam seus assentos. Em comparação com a maioria do corpo docente de Hogwarts, a professora Revalvier era uma mulher relativamente jovem e miúda. Seu cabelo louro escuro chegava-lhe à altura do seu ombro, moldurando um rosto aberto e amigável. Com seus óculos de leitura colocados, James pensou que se parecia um pouco com um diabrete astuto e esperto.

- Não você de novo - sussurrou Ralf quando Rosa deslizou no assento ao lado dele.

- Pedi pra entrar especificamente nesta classe - explicou Rosa, tirando seu livro texto de Literatura Mágica da sua mochila. - Tenho todos os livros que pede Revalvier nos clássicos da literatura mágica. Inclusive ela mesma escreveu alguns romances, há um par de décadas, a maior parte foi comercializada entre os trouxas sob um pseudônimo. Tudo foi um pouco controverso.

- Sim, acho que ouvi falar disso - disse James, lembrando a Cameron Creevey e a sua romantização das aventuras de Harry Potter. - Era ela, né?

- Bom, ela e algumas outras pessoas. Foi um projeto de prova, liderado por uma das grandes casas editoras do mundo mágico. Penso que o problema foi, contudo, sucesso demais. O Ministério terminou envolvendo-se e teve muito alvoroço. Aparentemente, publicar versões reais do mundo mágico como ficção no mundo trouxa é uma violação da Lei do Sigilo, ainda que a Suprema Corte dos Bruxos nunca a condenasse por nada. Foi despojada da maior parte de seus direitos de autor, o qual explica por que terminou aqui, ensinando.

Nesse preciso momento, a professora Revalvier fechou seu livro e levantou-se, metendo os seus óculos de leitura na sua túnica. Consultou o relógio da parede traseira da sala e limpou a sua garganta.

- Olhem, eis aqui, de que maneira estes mundos - disse ela, sorrindo um pouco e deixando vagar seu olhar em frente por toda a sala, - evocam nas almas dos homens tão facilmente as mais primordiais pedras angulares do coração? Como se forjaram estes reinos que nenhuma mão pode tocar, ainda que lacerem os alicerces de tudo o que é mais genuíno? Atrevo-me a declarar o pedestal sobre o que surgem estes reinos e compõem os tijolos das suas paredes? Nem pedra nem madeira nem jóias preciosas podem suportar os julgamentos do tempo, para além dos reinos engendrados pelas palavras, os pensamentos e a rima.

A professora deu um suspiro profundo, e depois, com uma voz diferente, disse:

- Era uma citação de uma das mais antigas e veneradas baladas do mundo mágico, *O Herald*. Não há registro do autor desse trabalho, nem nenhuma data confiável de quando foi escrito. Não sabemos nada da época em que se escreveu: quem era o rei, em que cidade se originou, ou mesmo a língua que se utilizava. E, no entanto, a balada se persiste. Se existe algo que prove o tema da balada... que não existe um reino mais belo, eficiente e duradouro que o reino das palavras... então essa prova é *O Herald* mesmo, que tem perdurado bem mais tempo do que a civilização na que se engendrou.

Pelo rabo do olho, James via a Rosa rabiscar anotações febrilmente. Isso, sabia ele, era exatamente o tipo de coisas para a qual Rosa vivia. Olhou para baixo, para seu próprio pergaminho, que estava ainda em branco, e se perguntou se valia a pena o esforço de tentar fazer as suas próprias anotações, ou se havia alguma esperança de que Rosa lhe deixasse copiar as suas.

- O mundo mágico é muito antigo, e, portanto, tem uma história literária muito rica - continuou Revalvier, gesticulando para as prateleiras de livros no fundo da sala. - Não temos nenhuma esperança de explorar sequer uma décima parte dessa história. No entanto, iremos escolher as principais obras representativas da cada época, e nos submergiremos nelas tão profundamente quanto possível, a fim de entender melhor os tempos de onde provem. Muitas pessoas acham que a literatura é chata. Estas pessoas desafortunadas simplesmente nunca tiveram as histórias bem abertas para eles. Farei todo o possível para abrir estas histórias para vocês, alunos. Com alguma sorte, veremos estas histórias vir à vida. E não só às da seção *especial* da biblioteca onde os livros devem ser encadeados às prateleiras para impedir que fujam.

Houve uma breve onda de riso educado. Revalvier aceitou-a com um sorriso de desculpa.

- Começaremos a nossa exploração da literatura do mundo mágico com um desafio. Em vez de um clássico famoso ou de uma venerável balada, vamos começar com algo um pouco mais acessível. Peçamos alguns voluntários. Alguém me diga, por favor, qual foi o seu conto favorito enquanto crescia?

James percorreu a classe com um olhar. Uma garota corvinalina chamada Kendra Corner levantou a mão. Revalvier acenou para ela animadoramente.

- A história que seja? - perguntou Kendra. - Mesmo se é curta?

Revalvier sorriu.

- *Especialmente se for curta*, Srta. Corner.

- Bom - disse Kendra, suas bochechas se ruborizaram um pouco, - minha história favorita quando eu era menina era *As Três Velhas Tolas e Resmungonas*.

- Muito bem, Srta. Corner - disse Revalvier. - Imagino que muitos de nós já ouvimos a versão das três anciãs levando seus produtos para o mercado. Uma história muito antiga, essa, e um excelente exemplo. Mais alguém?

Graham foi o seguinte.

- A história que lembro mais é a do Gigante e o Pé de feijão. Onde um menino trouxa encontra alguns feijões mágicos, e depois sobe a árvore mágica que surge delas. Um gigante mora na parte superior, e o garoto trouxa tenta pegar as coisas do gigante, mas o gigante captura a criança e o faz de picadinho. A moral da história trata de como a magia negligente causa problemas a todos.

- Outro exemplo clássico, Sr. Warton - concordou Revalvier, - embora a sua ilustre como as histórias tendem a evoluir ao longo do tempo, baseadas na mudança cultural. Vários outros descreveram seus contos favoritos, terminando com Rosa, cujo conto favorito, não foi uma surpresa, acabou por ser um dos Contos de Beedle, O Bardo.

- *Babbitty, a Coelha, e seu Toco Gargalhante*. Minha mãe me o lia de uma antiga versão do livro que herdou de um diretor anterior, Alvo Dumbledore - disse com certo orgulho.

- Certamente, a maioria de nós está muito familiarizada com Os Contos de Beedle, *O Bardo* - disse a professora Revalvier, se apoiando confortavelmente em sua escrivaninha, - embora nem todos nós fôssemos tão afortunados como para tê-los lido de tão ilustre fonte. De fato, todos estes são muito bons exemplos da literatura mágica clássica. Todos eles têm algumas coisas em comum muito importante. Todos são muito antigos. Todos foram principalmente transmitidos de boca em boca. E todos pretendem ensinar importantes lições de vida. Não tão óbvio, estas histórias nos ensinam coisas subtis sobre os tempos que foram criados. Por exemplo, os dias que uma frágil e velha mulher empurrava carrinhos de mercadorias para o mercado ficaram no passado e, no entanto, nos parece familiar porque todos nós crescemos com a história das *Três Velhas Tolas e Resmungonas*. A beleza da grande literatura, mesmo sob a forma de contos infantis, é que nos ensina coisas sobre a vida, a história, o mundo em que vivemos, e até mesmo sobre nós, até sem que nós o saibamos. A questão é que as melhores lições de vida são aquelas de cuja aprendizagem não tem conhecimento. Essas são as lições que a literatura pode nos ensinar. Vejamos outro exemplo, um que não tenha sido mencionado até agora. Quando eu era menina, minha história favorita à hora de me deitar era um conto chamado *O Rei dos Gatos*. Algum de vocês conhece essa história?

Timidamente, Ralf levantou a sua mão.

- Acho que eu, mas minha versão poderia ser um pouco diferente. Eu cresci com trouxas. Ou isso pensava.

- Muitas histórias com origens mágicas encontraram seu caminho até o mito e a lenda trouxa, Sr. Deedle. Você se atreveria a nos contar a versão com a que você está familiarizado?

Ralf se lambeu o lábio superior por um momento, pensando.

- Bom, tudo bem - concordou ele. Tomou uma respiração profunda e começou. - Um homem saiu para passear pelo campo um dia, realmente muito longe de onde ele morava. Não havia mais ninguém por ali e não encontrou casas durante dias em qualquer direção. De repente, viu um monte de ratos. Inicialmente, achou que devia espantá-los, mas depois percebeu que não estavam agindo como ratos comuns. Pareciam estar caminhando numa espécie de procissão, e levavam algo. O homem se protegeu de forma aconchegante por trás de alguns arbustos porque não queria assustar os ratos, mas estava curioso pra saber o que estavam levando. Quando passaram em frente dele, viu que carregavam outro rato numa maca minúscula. O homem deu-se conta de que o rato da maca estava morto, e que isso era algo parecido a um cortejo funerário ratonil. Tão silenciosamente como ele pôde, seguiu à procissão para as profundezas da floresta até que chegaram a um clarão grande e vasto, que brilhava ao sol. No centro do clarão havia uma pequena escada de pedra que conduzia a lugar nenhum. Só subia e terminava. Havia um grande gato sentado na parte inferior das escadas, bloqueando-as. Era dourado e parecia muito sério e solene. O gato observava a

procissão ratonil enquanto esta cruzava o clarão, se aproximando cada vez mais e mais. O homem quase chamou os ratos porque tinha certeza que o gato ia comê-los, funeral ou não. Mas, em seguida, os ratos finalmente chegaram até o gato e detiveram-se bem na frente de suas patas. Soltaram a pequena maca e retrocederam. O grande gato dourado esteve observando o tempo todo com seus enormes olhos verde. Por último, inclinou-se e disse algo ao rato morto. O rato levantou-se de um pulo, vivo e dançando. Lançou-se como uma seta entre as pernas douradas do gato e correu até a pequena escada de pedra. O homem olhava, ainda escondido, enquanto o rato chegava justo ao final das escadas de pedra, ainda subindo. O rato subiu para o céu, como se houvesse escadas invisíveis, até que ficou completamente fora da vista. O homem não podia acreditar no que estava vendo. Quando olhou de novo para baixo, o resto dos ratos tinha desaparecido. Só o grande gato dourado seguia ali, e lhe estava olhando diretamente com seus grandes olhos verdes. O homem estava com medo do gato, assim que virou sobre seus calcanhares e correu tão rápido como pôde saindo da floresta. Não parou de correr até que ele estivesse de volta na senda, e correu pela senda todo o caminho de volta a seu próprio país e a sua própria casa. Naquela noite, o homem sentou-se para jantar com sua família. Contou-lhes todo o que ele tinha visto nesse dia, e o último que disse foi *“jEsse gato era, sem dúvida, o Rei dos Ratos!”*. Justo então, o grande velho gato familiar, que até então tinha estado dormindo na frente do fogo, saltou sobre suas patas e disse, claro como o dia, *“jEntão eu sou o Rei dos Gatos!”* E lançou-se para cima pela chaminé e nunca foi visto novamente.

Ralf terminou a história e o sala ficou estranhamente silencioso. A professora Revalvier tinha fechado os olhos, como embutida na história. A brilhante luz do sol da manhã fazia que a classe parecesse estranhamente sonolenta e apática. Parecia zumbir com calidez, em um transe, como se o tempo se tivesse reduzido enquanto Ralf falava.

- Uma maravilhosa narração, Sr. Deedle - disse a professora Revalvier, abrindo os olhos lentamente. - Foi na realidade um pouco diferente da versão que me lembro da minha juventude, mas muito interessante. Algum de vocês tinha ouvido essa história antes?

Não houve mãos levantadas na sala. Ralf deu uma olhada ao redor, aparentemente bastante surpreso.

- O que tem de curioso nessa história? - perguntou Revalvier para a aula - Alguém pode apontar uma diferença específica entre este conto e os outros que já mencionamos?

Murdock levantou a sua mão.

- Primeiro de tudo, não faz nenhum sentido.

A professora inclinou sua cabeça ligeiramente.

- Isso é verdade? Ninguém irá concordar com a opinião do Sr. Murdock?

Houve assentamentos em toda a sala de aula.

- Não é que eu não tenha gostado - acrescentou Morgana Patonia, levantando a sua mão. - Foi legal. Mas também é um pouco horripilante.

Revalvier entrefechou os olhos.

- E ao contrário do que se poderia esperar, o terrível é algo atraente, certo?

Mais assentamentos, apesar de terem sido acompanhados de olhares desconcertados e perplexos.

- Por que supõem que os seus pais poderiam não lhes ter contado esta história, além do Sr. Deedle, naturalmente?

Houve uma longa pausa. Finalmente, Rosa levantou a sua mão.

- Todas as histórias que me contavam quando eu era menina eram histórias bonitas - disse ela. - Às vezes havia bruxas e magos nelas, mas nenhuma tinha ratos mortos ou qualquer coisa assim. E todas tinham um final feliz ou, ou pelo menos tinham uma moral que os faziam parecer felizes, embora os personagens principais fossem azarados ou fizessem uma coisa errada.

- Revalvier parecia pensativa.

- E essa história não é feliz? Não têm alguma moral?

James não sabia o que responder a uma pergunta tão óbvia quanto isso. As respostas óbvias nunca eram as corretas. Revalvier pareceu aprovar o silêncio.

- A tarefa desta noite, estudantes, é escrever a história d'*O Rei dos Gatos* - disse, colocando-se por trás da sua escrivãzinha. - Eu preferiria que não se consultassem mutuamente sobre como era a história. O objetivo deste exercício não é repetir perfeitamente a história tal como a contou o Sr. Deedle, senão escrevê-la como vocês se lembram. Se suas versões forem um pouco diferentes, melhor ainda. Examinar como as histórias mágicas mudam ao recontá-las é uma maneira muito interessante para descobrir coisas sobre o narrador. Neste caso, o narrador serão vocês mesmos. Veremos depois de terem terminado esta tarefa se vocês ainda acham que a história não tem moral.

Revalvier se sentou por trás da sua escrivãzinha e colocou novamente os seus óculos de leitura.

- Você está isento, obviamente, Sr. Deedle. Uma recompensa por sua deliciosa narração da história. E agora turma, por favor, se dirija a seus livros de texto no capítulo um.

O resto da turma ficou numa conferência sobre os antecedentes históricos da Era Dourada da literatura mágica, a partir da qual surgiram alguns dos mais conhecidos, famosos (e menos lidos) clássicos mágicos. Revalvier assegurou aos estudantes que faria "todo o possível" para fazer que fizessem conexão com as histórias, e James tinha alguma esperança de que ela pudesse ter realmente êxito nesse empreendimento. Ele estava muito curioso por ver como ela pretendia fazê-lo, e ansiava descobri-lo.

Quando saíam da sala de aula, James disse a Ralf:

- Bom trabalho, com a narração. Você se salvou do ensaio.

Rosa perguntou:

- O seu pai realmente te contou essa história quando era menino?

- Na realidade, não - admitiu Ralf. - Foi minha avó, sempre que ficava com ela.

James deu uma olhada para Ralf.

- Eu também achei que tinha sido teu pai. Afinal, ele tinha antecedentes mágicos, na sua infância.

Rosa comentou:

- Bom, é exatamente o que a Prof. Revalvier disse. Um monte de histórias mágicas filtradas na cultura trouxe como lendas e mitos. Obviamente, *O Rei dos Gatos* é uma delas. Assim foi como a avó de Ralf a conheceu.

Ralf assentiu com a sua cabeça.

- Ela sabia muitas histórias como essa. Todas eram um pouco raras e perturbadoras, mas eu gostava da maneira como elas eram. Tinham... bom, eram de tipo mágico. Eu tinha sonhos realmente disparatados quando ela me contava essas histórias. Não sonhos maus exatamente, senão... - Sacudiu a sua cabeça, incapaz de encontrar a palavra adequada.

- Isso acontecia comigo a cada vez que comia a páprica especial do tio Demétrio - interveio Graham. - Ele o faz a cada Natal. Diz que o ingrediente mágico é raiz de mandrágora pulverizada, mas mãe diz que o ingrediente mágico é uma caneca de rum de duende.



James esperava que o ensaio de Literatura Mágica fosse relativamente fácil, mas quando se sentou na biblioteca essa noite com caneta e pergaminho, se encontrou olhando para a lua através da janela, dando golpinhos com sua caneta sua ociosamente. Finalmente, sacudiu a sua cabeça como para clareá-la.

- É muito estranho - comentou para Ralf, que estava concentrado nos seus problemas de Aritmancia. - Posso te lembrar nos contando a história na sala de aula. Provavelmente poderia me sentar aqui e contá-la a você de novo neste momento. Mas quando tento anotá-la, todo se turva na minha cabeça.

Ralf se colocou para trás e se esticou.

- O que você quer dizer? Se você pode contá-la, porque não pode escrever?

- Se me vai. Quero dizer, sei que começa com um cara passeando pela floresta. Anoto tudo isso, e de repente, não posso lembrar se era de dia ou de noite quando ele caminhava. Começo imaginar aonde ele poderia estar caminhando. Por que está tão longe da sua própria casa? E como é que ninguém mais vive por ali em quilômetros e quilômetros ao redor? São ratos o que ele vê, certo? Justo quando começo escrever, ainda estou imaginando esquilos. Ou lêmingues.

- Lêmingues? - repetiu Ralf, fazendo uma careta. - Que diabos é um lêmingue?

- Eu não sei - disse James, alçando as suas mãos. - Algum tipo de animal pequeno, eu acho. Mas essa é a questão. Esta história me escorre a cada vez que tento escrevê-la. É como se quisesse se tornar outra coisa completamente diferente.

Ralf pensou nisso e, finalmente, balançou a sua cabeça.

- Isso não faz muito sentido. Você quer que te conte outra vez?

James suspirou.

- Não. Revalvier disse que era suposto que não devíamos fazê-lo dessa forma. Ela o disse como se fosse assumido que tínhamos de escrever o que seja que lembrássemos. Só que não esperava ter que me esforçar tanto. Quero dizer, é só um conto.

Ralf encolheu os ombros.

- Bom, é um conto mágico.

- Não a sua versão - respondeu James. - Sua avó trouxe contou para você. Imaginei que tinha que ser a mãe da sua mãe, porque pelo que eu saiba, seu pai era órfão.

Ralf assentiu, mas permaneceu em silêncio.

James estava prestes a fazer outra tentativa em sua versão d'*O Rei dos Gatos* quando Petra Morganstern rodeou lentamente o extremo de uma prateleira próxima.

- Oi, Petra, - disse James, tentando manter a voz baixa o suficiente como para não se ganhar um olhar severo da bibliotecária.

Petra varria languidamente a prateleira, sua mochila pendurava suspensa de uma mão. Parecia não tê-lo ouvido.

- Eu disse "oi, Petra"! - repetiu James, encaixilhando sua boca com as mãos.

Petra virou-se e levantou os olhos. Ela viu James e pestanejou, com seus grandes e distantes olhos azuis.

- Oh - disse ela. Olá, James. Desculpe. Não te vi - Se virou de novo para as prateleiras de livros. - Não sei ao certo o que estou procurando...

James observou Petra enquanto ela percorria o corredor, arrastando a sua mochila.

- O que acontece com ela? - sussurrou para Ralf, quando Petra esteve suficientemente longe como para não ser ouvido.

Ralf chacoalhou a sua cabeça.

- Não sei.

Rosa plantou uma pilha de livros sobre a mesa e se sentou.

- Não faz dano se adiantar em Literatura Mágica - proclamou alegremente. - Estes são os dez livros que o livro de texto diz que devem ser lidos por todo bruxa e mago pensante. Eu já tinha lido quatro deles, mas nunca é demais repassar um pouco.

- Ei, Rosa - interrompeu James, se esticando em frente. O que acontece com a Petra?

- Petra? - repetiu Rosa, distraída. - Porque deveria acontecer alguma coisa com ela?

- Ela acaba de passar a um minuto atrás e parecia uma coruja morta.

Rosa pensou por um momento.

- Não tenho idéia. Ela parecia estar bem durante o almoço de hoje, embora tenha ido rápido, quando o pacote chegou.

- Qual pacote? - perguntou Ralf.

- Oh, vocês dois já se tinham ido - explicou Rosa, tirando o livro que estava mais alto na sua pilha e abrindo-o. - Uma coruja do Ministério trouxe-lhe uma caixa. Aparentemente, era de seu pai. Ela saiu após isso. Eu supus que ela gostaria de abri-la em particular.

James inclinou a sua cabeça.

- Por que lhe iriam enviar um pacote de seu pai com uma coruja do Ministério?

Rosa arqueou as sobrancelhas.

- Suponho que seu pai trabalha lá. Muitas pessoas enviam correio pessoal utilizando o correio da empresa. Pai o faz por vezes, ainda que mãe diga que não deveria. Coisas assim lhe põem um pouco nervosa.

- Talvez fossem más notícias da sua casa - cismou Ralf.

- Parecia mais do que apenas uma simples carta - respondeu Rosa. - Eu supus que seriam doces de sua mãe ou um presente de aniversário ou algo assim.

James franziu a testa, olhando na direção em que Petra tinha perambulado.

- Se os doces de sua mãe a deixam assim, a mãe de Petra deve ser uma cozinheira terrível.

Rosa se animou subitamente. Inclinou-se e sussurrou:

- Me topei com Fiona Fourcompass na seção de referências, e ela disse que sabia por que nesta semana as aulas de Estudos dos Trouxas tinham adiado tanto!

Ralf disse:

- Eu pensava que era só porque a Prof. Curry não tinha voltado de algum tipo de viagem de investigação. Para mim, o melhor. A investigação pode ficar todo o ano.

- Isso tem alguma verdade - acenou Rosa. - Mas a chave é que tem estado investigando. - Ela voltou ontem, e amanhã ao entardecer haverá uma grande reunião de todas as aulas de Estudos dos Truxas de todos os anos. Ela fará um anúncio sobre as aulas deste ano, e o que quer que seja, afetaré todos nós!

James parecia cético.

- Fiona Fourcompass te disse isso? Como ela sabia?

- Ela viu à Prof. Curry cedo hoje, fora do seu escritório - explicou Rosa com grande seriedade. - Ela estava desempacotando depois da sua viagem e falou com Fiona da assembléia. Ela disse que as aulas da tarde terminariam cedo para que todos possam participar dela.

- Ela mencionou-lhe do que coisa estava indo? - perguntou Ralf. Rosa balançou a sua cabeça.

- Não disse, e Fiona não perguntou. Mas me sinto muito curiosa sobre isso.

- Bom - respondeu James, - ela nos fez jogar futebol no ano passado, e na realidade foi bastante divertido. Talvez seja algo assim. Mas, por que razão toda a escola ao de uma vez?

- Para uma partida de futebol é demais - concordo Ralf.

Um momento depois, James, Ralf e Rosa perceberem que era muito tarde. A maioria dos estudantes tinham ido e a bibliotecária apagava as luzes perto das mesas desertas. Os três guardaram seus livros, canetas e pergaminhos nas suas mochilas e se colaram entre as prateleiras.

- Ei, Rosa - perguntou James, você já começou as suas tarefas de Literatura Mágica?

- O ensaio d'*O Rei dos Gatos*? Essa foi a primeira coisa que fiz. Por quê?

James olhou-a fixamente.

- Só curiosidade, só isso. Não foi... difícil?

Rosa pendurou ao ombro a sua mochila de livros.

- Um homem caminha pela floresta, vê um monte de ratos num cortejo fúnebre, segue-os, etcétera, etcétera. Foram os deveres mais fáceis em toda a noite.

James franziu a testa pensativamente.

- Oh. Bom, ótimo.

- Fiquei um pouco confusa quando cheguei à parte do gambá - acrescentou Rosa, se dirigindo para as portas da biblioteca.

- O gambá? - perguntou Ralf, pestanejando.

- Sim. Eu não podia lembrar se estava na frente das escadas ou sentado sobre elas. Eu tinha esquecido também a cor das suas listras. Eram verdes, né?

Ralf olhou-a fixamente, e depois olhou de novo para James.

James encolheu os ombros e agitou sua cabeça.

Ao sair da biblioteca, James viu que havia outra pessoa ainda ali. Sentada numa mesa na sala do fundo, sozinha numa uma poça de luz de uma lâmpada, estava Petra. Ela tinha sua cabeça baixa, o seu longo cabelo preto pendurava-lhe em ambos os lados da face como uma cortina.

Em cima da mesa, adiante dela, havia um simples pedaço de pergaminho. James esperou para ver se ela levantava seus olhos, mas ela nem sequer se moveu. Doía-lhe

um pouco ver Petra tão subitamente melancólica. Ele considerou chamá-la, mas decidiu não fazê-lo. De qualquer forma, era mais provável que a visse mais tarde no salão comunal. Talvez ela estivesse então com bom humor.

James deu boa-noite a Ralf quando se separaram nas escadas. Rosa acompanhou-lhe ao salão comunal onde se sentaram ao lado da chaminé e jogaram uma escandalosa partida de Arranques e Brocas por um tempo. Finalmente, dirigiram-se para as escadas em direção aos seus respectivos dormitórios. Escórpio já estava na cama. Ele estava sentado, lendo um livro chamado *Histórias Verídicas de Dragões e Caçadores de Dragões*. Ele colocou os seus óculos sem armação, e estes, de fato, conseguiam torná-lo mais elegante do que desajeitado. Deu uma olhada acima delas quando James entrou na habitação.

- Bela história para dormir - resmungou James.

- Você preferiria ler a história de *As Três Velhas Tolas e Resmungonas*? - disse Escórpio languidamente, passando uma página. - Ou talvez um dos velhos contos de Revalvier sobre o seu pai?

James colocou para trás os cobertores de sua nova cama. As palavras "ESTÚPIDO POTTER CHORÃO" ainda brilhavam na cabeceira com uma ligeira luz cor púrpura. Os esforços de James por eliminá-las tinham sido totalmente infrutíferos. Ele pôs seu pijama e se meteu sob os cobertores, lançando uma olhada descontente a Escórpio.

- Ouvi dizer que o seu irmão está tentando entrar no time de quadribol da Sonserina - comentou Escórpio, com os olhos ainda sobre seu livro.

James se sentou de novo.

- Você mantém laços estreitos com a casa de seu pai, Escórpio? Ele pretende vir aos jogos? Pergunto-me quem irá apoiar. É todo um compromisso, né?

- Eu entendo que Alvo está montando a vassoura da Corsica - disse Escórpio, olhando para James finalmente nos olhos.

James sustentou a olhada penetrante de Escórpio, sem saber o que dizer. Zombava Escórpio dele? Ou era talvez um tipo de aviso?

- Sim, eu sei - admitiu James finalmente. - Eu vi ele. Algum problema?

- Eu estive voando muito com o prezado Alvo no início da semana, junto com a sua prima Rosa. Ele melhorou desde então, não?

James se virou.

- Afinal você não se importa?

- Na verdade, não - disse Escórpio. - Só tentava ter alguma conversa. Suponho que você pretende entrar no time da grifinória, certo?

- Talvez o faça - admitiu James. - E você?

Escórpio não respondeu imediatamente. James olhou por sobre o seu ombro. Escórpio tirou novamente o olhar do seu livro.

- Não, Potter - disse, suspirando. - O esporte organizado é tão... provincial. Digamos que utilizarei os meus talentos de maneira menos óbvia.

James arregalou os olhos e rolou sobre as costas de novo. Escórpio só tentava incomodá-lo. Esse era o seu único talento e, aparentemente, James era seu alvo favorito. Não foi senão até pouco antes de se adormecer que lhe ocorreu que não tinha visto a Petra aparecer pelo salão comunal depois de tudo.



James mal estava terminando seu café da manhã a manhã seguinte quando Nobby se abateu sobre ele e deixou cair uma carta em seu prato. Rapidamente agarrou-a e cumprimentou a Nobby, que se inclinou e esvoaçou subindo entre as vigas, desaparecendo através de uma janela, juntamente com o resto das corujas matinais.

A carta era de Lúcia, e era surpreendente grossa.

- O que é isso? - perguntou Rosa, se inclinando para James.

- Uma resposta da Lúcia - respondeu James, metendo rapidamente a carta na sua mochila.

- Então a leia já - disse Rosa, pegando outro pedaço de torrada.

James se levantou do banco.

- Eu não posso. Tenho de ir à aula. Tenho que chegar à Torre Norte. Vou ter Adivinhação hoje de manhã.

- Eu estou na mesma aula, James. Temos o tempo suficiente.

- Eu, uh, deixei as tarefas no dormitório. Melhor procurá-las.

Rosa olhou-o com suspeita, mas ele se virou, trotou e se afastou antes que ela pudesse discutir. Tomou um caminho muito sinuoso em direção à Torre Norte, e deteve-se numa escada vazia. Ele se sentou na parte inferior e pegou a carta de Lucia, na sua mochila. Rasgou-a para abri-la e viu que o pergaminho estava envolvido em um recorte de jornal dobrado. Leu a carta primeiro.

Querido James:

Obrigado por escrever. Agora nós estamos em casa, o que me agrada muito, mas não está fácil conseguir fotos interessantes para Rosa, sinto muito. Eu tinha um pressentimento sobre o Alvo. Na verdade, não acho que alguém ficaria surpreso que ele ficasse na Sonserina. Gostaria de saber se eu poderia acabar ali também. Seria tão horrível? Espero que não.

Papai me o contou tudo sobre o seu Prof. Debellows. Parece muito impressionado com ele, e está muito orgulhoso de ter encontrado com ele várias vezes.

Procurei informação sobre o Guardiã como me pediu você. Realmente havia o suficiente. Só tinha de saber aonde procurar. Felizmente, desde que estamos em casa tenho acesso à biblioteca mágica de Notting Hill. Mamãe me leva ali uma vez por semana, ainda que morresse se soubesse das secções nas que eu fiz esta investigação. O Guardiã tem um monte de nomes, e todos dão medo demais, o qual faz sentido uma vez que você sabe o que é. De acordo com mitos antigos, o Guardiã é o vigia entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Ele vive em algo chamado de Transitus Nihilum –o vácuo entre os mundos– e é um ser meramente mágico. Basicamente, é só uma enorme entidade ao espreito porque não tem corpo nem fronteiras já que vive no puro Nada. Supostamente, não conhece ainda a Terra ou aos seres humanos porque é muito arrogante para assumir que possa haver alguma coisa viva além dele mesmo. Mas o que dá mais medo é algo chamado de “A Maldição do Guardiã”. Salazar Slytherin falava muito disso. Ele disse que seria o “Juízo Final” para aqueles que o tinham traído. Basicamente, a maldição diz que um dia o Guardiã será convocado por uma pessoa chamada de Embaixador, que é um mago poderoso o suficiente para viajar no Vácuo. O Guardiã segue ao Embaixador no seu regresso, e sua aparição será um prenúncio de morte e destruição total.

Assim que chegar o Guardiã se manterá de horror e dor, alimentando-se das pessoas como um vampiro suga sangue. As lendas dizem que estudará os humanos, aprendendo a melhor forma de aterrorizá-los, na maior quantidade possível. Ainda que aparentemente, ele precisará se associar a um hospedeiro humano disposto, um médium que deverá estar disposto a matar para provar a sua coragem. Todas as profecias dizem que este médium será o filho de uma tragédia... provavelmente queiram dizer um órfão, alguém com nada a perder. Coisa muito, muito horripilante.

Estou muito curiosa, James: por que você pergunta por isto? Surpreenderia-me que você estivesse estudando algo assim na escola. Por que você precisa mantê-lo em segredo? Isto é uma séria e antiga magia tenebrosa. O livro aonde eu li isso quase me arrancou o polegar. Escreve-me, tá bem?

*Com amor,
Lúcia*

P.S.: Isso é um anexo de um jornal trouxa que eu vi no caminho da biblioteca para casa. Provavelmente não é nada, mas eu não consegui evitar notá-lo assim que o li. Não há conexão, não concorda?

James dobrou lentamente a carta, com seus olhos bem abertos. Um suor frio tinha embebido a sua testa. As palavras de Lúcia eram sinistramente semelhantes a algumas das coisas que Farrigan, o esqueleto da gruta, tinha dito. Mas, sem dúvida, Merlin não podia realmente ser o Embaixador dessa horrível criatura, não poderia? Pelo menos não intencionalmente. Mas de qualquer modo, e se a sua longa caminhada pelo Vácuo tinha convocado essa coisa chamada de Guardiã? James sacudiu a sua cabeça, preocupado. O anexo do jornal escorregou do seu colo e caiu ao chão. James olhou para ele. Ele podia ver pelas cores e o tipo de letra que era de um jornal trouxa sensacionalista. Relutantemente, ele o recolheu e desdobrou. Leu a manchete, fez uma careta e, em seguida, mergulhou no artigo.

FAMÍLIA INTEIRA ATERRORIZADA POR “DEMÔNIO ALIENÍGENA FANTASMA”; DOIS LEVADOS À LOCUCURA.

O pitoresco povoado costeiro de Kensington Flats viu-se abalado este verão por rumores de uma criatura fantasmagórica à que os moradores têm vindo a chamar de “criatura de fumaça e cinza”. Reconhecida por sua aparência fantástica, a entidade mostrou-se em várias ocasiões durante a terceira semana de maio. Numa destas instâncias, nada menos de uma dúzia de aldeões alegaram ter visto à entidade no Potro e Frangote, um pequeno pub na periferia da aldeia. Embora ninguém estivesse disposto a falar diretamente com Enfoque Interior, reportagens prévias afirmam que a entidade exalava um “palpável ar de horror e pânico, dando como resultado a sensação de estender e até mesmo espalhar a loucura”. Estas visitas culminaram na noite de 17 de Maio quando o lar de Herberto Bleeker foi assombrado durante três longas horas por essa entidade.

Vizinhos afirmam ter ouvido sons sobrenaturais provenientes da casa igual a todo tipo de gritos e luzes estranhas. O Sr. Bleeker, verdureiro, juntamente com sua mulher e um filho adulto, Carlos, estavam dentro da casa nesse momento, ainda que os vizinhos estivessem aparentemente muito assustados para ir comprová-lo.

Na manhã seguinte, os três Bleekers foram encontrados em seu gramado da frente, com aspecto, como foi descrito uma das testemunhas, “de ter os cérebros feitos pedacinhos”. Após serem examinados no hospício vizinho de Dunfield, os Bleekers foram declarados insensíveis e delirantes.

Vinte e quatro horas mais tarde, Carlos Bleeker, começou a responder aos doutores. Ele descreveu a visita da entidade como uma noite de absoluto terror. “Foi como se isso estivesse dissecando nossos cérebros do interior”, se ouviu dizer a Bleeker. “Era como se nós fôssemos rádios, e isso estivesse nos sintonizando, tentando nos fazer sentir os piores horrores imagináveis! Foi monstruoso! Terrível!

Como se nem sequer isso soubesse o que nós éramos, mas não fosse parar até descobri-lo!”.

O Sr. Bleeker deslizou-se novamente até a incoerência após este curto acesso, embora pareça estar respondendo moderadamente bem aos tratamentos. Seus pais, porém, permanecem praticamente em estado de coma. O Prof. Liam Kirkwood, do Departamento de Pesquisas Paranormais da Universidade do Norte de Heatherdown diz que esses acontecimentos estão aumentando. “Reportagens semelhantes surgiram em todo o país e além. Principalmente, parece ser uma espécie de alienígena, investigando a humanidade por suas próprias razões insondáveis. Podemos apenas dizer que, qualquer que seja o seu objetivo, não seja tão apavorante como parecia inicialmente”.

Enfoque Interior seguirá estes eventos, proporcionando atualizações quando os acontecimentos precisarem de avaliação.

Lentamente, James dobrou o anexo. Meteu isso e a carta de Lúcia de novo no envelope. Não pode haver uma conexão, ele disse a si próprio. É apenas uma história. Muitas delas são bastante sensacionalistas, não? Extraterrestres, monstros e rostos de santos em torradas. Ainda assim, a idéia da “criatura de fumaça e cinzas” lhe fez estremecer. E se isso era o Guardião? E se já andava solto na Terra e Merlin nem sequer o sabia? Ou pior, e se ele o sabia e era o responsável por isso? Simplesmente não podia ser. Era muito horrível. James decidiu que, de uma forma ou de outra, teria que descobri-lo. Ele não sabia como fazê-lo, mas encontraria um modo. Tendo decidido isso, ele se sentiu um pouquinho melhor. Ele colocou a carta de novo na sua mochila, a pendurou no seu ombro, e correu o resto do caminho até a Torre Norte.



- Vão, vão, estudantes! - gritava Quêndrico Debellows com entusiasmo, passeando ao longo do cais em frente ao lago. - Não é outubro ainda! A água ainda está tépida. Melhor se pularem de vez. Façam isso de supetão e vocês se acostumarão imediatamente.

James estava em pé entre Ralf e Graham, com os dedos dos pés encolhidos sobre a borda do cais. A água abaixo parecia fria e lamacenta. Seu rosto refletido lhe devolvia a olhada, tensa e preocupada.

- Não sei o que é pior - resmungou Graham através de seus dentes apertados, - a idéia de saltar para essa água, ou que me vejam vestido com este traje estúpido.

Nenhum dos estudantes tinha trazido sungas à escola, obviamente. Debellows, sendo insuportavelmente persistente em seus objetivos, tinha encontrado de algum modo um armário com calções de banho muito velhos usados alguma vez para uma equipe de luta livre aquática oficial de Hogwarts. O traje de uma peça se estendia dos cotovelos para os joelhos e tinha listras desbotadas bege e cinza. Tinha um escudo de Hogwarts bordado no centro do peito.

- Quem ouviu falar alguma vez de luta livre aquática, já que estamos nisso? - disse Ralf.

- Oh, estive na moda por um tempo, lá nos velhos tempos - replicou Graham. - As sereias tinham uma equipe. Qualquer pessoa pensaria que não seriam muito fortes, vendo-as, mas suponho que realmente são magras, mas fortes.

- Os estudantes colocavam isto para combater contra as sereias? - disse James, olhando para baixo o calção com dois números muito grandes.

- Sim, mas as sereias faziam batota às vezes - explicou Graham. - Todo o evento foi descartado quando encontraram o capitão das sereias com um grindylow no cinto. Aparentemente utilizava-o para aticá-lo contra seus oponentes e se livrar deles.

Sobre a grama que beirava a borda do lago, as garotas secundaristas supostamente estavam fazendo flexões, golpeando com lanças de ponta romba umas às outras. A maioria delas parecia ter abandonado a atividade, escolhendo em vez disso se agrupar e observar aos garotos, sorrindo zombadoramente ou aborrecidas. Debellows ignorava-as.

- Isto é muito simples, estudantes - gritou Debellows. - Pular, nadar para a bóia, rodeá-la, e nadar de volta para o cais. Pode parecer longe, mas garanto vocês que podem fazer isso. Eu mesmo o fiz seis vezes esta mesma manhã. Revigorante, tenho certeza! Agora, há alguém mais que não saiba nadar?

Os garotos olharam-se seriamente, ninguém se atreveu a levantar a sua mão. Poucos minutos antes o amigo de Ralf, Trenton Bloch, tinha admitido que ainda não tivesse aprendido a nadar. Esta lhe tinha parecido a James uma forma potencialmente inspirada para se livrar de mergulhar no escuro e feio lago. Em vez de escusar a Trenton, no entanto, Debellows tinha conjurado um par de bóias de braço de borracha. Para o horror de Trenton, o próprio Debellows tinha inflado as bóias, e depois as tinham cravado nos braços do garoto. Trenton tinha um aspecto miserável no final do cais, com as mãos no quadril. Um par de garotas da orla zombava dele.

- Isto é um teste da vontade, meus amigos! - berrou Debellows. - Com os Harriers, não só tínhamos que aprender a nadar longas distâncias, mas também treinávamos para lutar na água, enfrentando todos os tipos de animais e bestas aquáticas, desde esnarracudas até enguias berradoras. Vocês não enfrentarão nenhum combate aqui, mas

podemos introduzir o curso de *pantanoerva* mais tarde na primavera se o Prof. Longbottom for capaz de produzir um híbrido suficientemente domesticado. Por agora, considere isso natação por prazer. E agora, é um... dois... - Debellows levantou sua varinha, apontando para o céu. Sorriu alegremente. - Três! - gritou, disparando um forte estrondo da sua varinha.

Atropeladamente, os garotos bateram-se e se resvalaram até a água através de métodos muito variados. Seus salpicos iam acompanhados por coros de gemidos, queixas e reclamações.

- Ainda há sereianos aqui? - sibilou Ralf entre dentes, baixando-se à água fria e negra.

James assentiu com sua cabeça.

- Mas o meu pai diz que as sereias são o que menos deve te preocupar.

- Que maravilha - ofegou Ralf, descendo até o queixo e tentando não respingar água. Corajosamente, se entregou a um espasmódico nado de peito, se dirigindo à bóia laranja a uns cinquenta metros de distância. James o seguiu.

Ralf era surpreendentemente um bom nadador. Para quando James estava rodeando a bóia, finalmente se tendo acostumado mais ou menos à água, Ralf já estava subindo as escadas do cais. Debellows pegou a sua a mão e puxou dele para cima, assentindo aprovadamente com a sua cabeça.

James completou sua volta e agarrou a escorregadia escadinha coberta com algas marinhas. Engoliu acidentalmente um gole de água do lago e esta se remexeu nauseante no seu estômago enquanto ele saía. Cambaleou-se no píer e se uniu a Ralf e Graham.

Os três ficaram em pé tremendo, jorrando água de suas sungas muito grandes.

- Vamos dobrar a velocidade, Bloch! - berrou Debellows, formando uma buzina com as mãos na boca. - Finja que um pancescória te persegue. Além disso, pode ser verdade! Ouvi que eles foram vistos no outro extremo do lago. E eu entendo que eles são atraídos pelos salpicos.

- Professor Debellows - chamou uma voz. James virou-se, com os seus dentes rangendo. A professora McGonagall estava de pé em direção ao castelo no final do cais. Ela olhou rapidamente ao redor, mas manteve seu rosto neutro. - Esperam-se os estudantes, no anfiteatro, em quinze minutos. Lembre que hoje as aulas terminam cedo.

- Estamos quase terminando, senhora - Debellows gritou, batendo no ombro de Ralf. - Eu ousaria dizer que chegaremos antes de você à assembléia se não se apressar. - Virou-se, falando para os meninos do cais. - Vocês ouviram à professora! Peguem seus sapatos e formem uma fila. Secarei vocês ao passar, depois desfrutarão de uma agradável caminhada até o anfiteatro. Podem trocar-se depois.

Debellows tirou sua varinha e apontou para James, que era o mais próximo.

Uma lufada de ar quente saiu da ponta, empurrando James um passo para trás. Um momento depois, estava quase seco. Tinha o cabelo arrepiado na cabeça, como se fosse uma coroa.

- Temos que ir com estas estúpidas e feias roupas de banho à assembléia? - perguntou James incrédulo.

- Elas são perfeitamente decentes, Sr. Potter - replicou Debellows desdenhosamente. - Inclusive elegantes, em minha opinião. Não temos tempo a perder alunos. O anfiteatro fica do outro lado da muralha leste. Mostremo-nos exemplares e precedamos ao resto das aulas até lá, certo? Agora, correndo, meus amigos! E Sr. Bloch, terminará sua volta neste ano, ou terei que enviar o Sr. Deedle para te procurar?!

Para quando James chegou ao exterior da entrada do anfiteatro, estava suando e sem respiração. A maioria das outras turmas já estava reunida e suas vozes ressoavam na acústica natural do espaço. James fez uma careta, assistindo as centenas de figuras vestidas com túnicas remoinhando-se. Era quase impossível não notar os enormes calções de banho listrados. James e Ralf se encolheram de forma aconchegante na parte de atrás, tentando sem sucesso se esconder um atrás do outro. Foi o primeiro em reparar neles. Ele passou andando com um grupo de alunos de primeiranista grifinório, sorrindo zombadoramente.

Cameron viu James e sorriu-lhe e acenou com a sua mão. Seu sorriso se tornou ligeiramente surpreso quando viu a vestimenta de James.

- Vejo que nenhuma das *garotas* secundaristas leva maiô - comentou Rosa, se deslizando ao lado de James. - Defesa Contra as Artes das Trevas, assumo.

James acenou.

- Boa suposição. Debellows diz que, na realidade, são bastante elegantes. Vamos lá, procuremos um assento.

A última vez que James tinha estado no anfiteatro havia sido no ano anterior, a noite do primeiro debate estudantil. Tinha sido uma ocasião bastante desagradável, na qual Tábita Corsica tinha proclamado desde o palco que Harry Potter era um impostor e um mentiroso. Tinha-se evitado por pouco um distúrbio com toda a força graças à oportuna interrupção dos absurdos fogos de artifício, produzidos por Ted Lupin e os Malignos. Agora, à luz do dia, o anfiteatro estava muito alegre. O enorme cenário estava quase vazio; enquanto James olhava, um par de garotos maiores corvinais escalara até ele desde o fundo da orquestra. Fizeram uma profunda reverência na borda do cenário, e começaram a fazer caretas e soltar zombarias à multidão. Houve alguns aplausos e espaçados uivos até que a professora McGonagall os afugentou de volta para seus lugares.

Quando James, Ralf e Rosa avançaram até uma fila de assentos, Noé Metzker os chamou para perto.

- Interessante eleição de uniforme, vocês dois. As listras dizem “Azkaban”, mas o tribunal grita “pátio de exercícios”.

- Hã, hã - reclamou James. Você será o próximo, Metzker.

- Na realidade, já fizemos o percurso do lago - replicou Noé seriamente. - Espera até o sexto curso. Debellows dispara uma Azaração Ferreteante para você desde a orla. Supõe-se que isso te ensina “disciplina mental para superar a dor”.

Damian assentiu gravemente com sua cabeça.

- Tudo o que pude superar foi o ardente desejo de lhe cortar a parte superior da orelha.

James reparou que Petra não estava sentada com o resto dos Malignos. Em vez disso, estavam ao final do corredor, várias linhas mais abaixo. Cravava seu olhar sem expressão no cenário.

Finalmente, a professora Tina Curry subiu os degraus até o palco. Vestia um casaco azul esportivo sobre a túnica. Seu cabelo encaracolado tinha sido moldado num laço solto.

- Saudações, estudantes - chamou, levantando a mão para sua garganta. Sua voz ressoou amplificada pelo anfiteatro. O balbucio de vozes se apaziguou.

- Obrigado por terem vindo a esta bastante incomum primeira aula - continuou Curry. - Já que quase todos vocês estão cursando Estudos dos Trouxas neste ano, seguindo o novo currículo de estudos específico deste ano, pensei que seria muito interessante para todos começar o curso juntos. Como a maioria de vocês já sabe, sou Tina Curry, a Prof. de Estudos dos Trouxas, e o objetivo desta aula é nos ensinar a compreender os métodos e hábitos do mundo trouxa. Fazemos isso por uma série de razões, mas principalmente porque, sendo bruxos e bruxas, temos o benefício de conhecer o mundo trouxa, enquanto eles não sabem nada sobre nós. Cabe a nós, portanto, estudar o mundo trouxa, compreendê-lo tão bem quanto possível, a fim de, se fosse necessário, nos misturar nesse mundo e trabalhar confortavelmente dentro dele. Além disso, não devemos esquecer nossa humanidade compartilhada, valorizando sempre as nossas diferenças, sem preconceitos sobre elas. Assim, como um exercício, esta aula incentiva-nos a afundar-nos no mundo trouxa, usando algumas das engenhosas ferramentas e métodos que desenvolveram para compensar sua natureza não-mágica. No ano passado, muitos de vocês lembrarão que jogamos um esporte trouxa chamado de “futebol”, usando apenas os pés e uma simples bola não-encantada. Neste curso, tentaremos algo a uma escala muito ampla. Este projeto requererá a cooperação de todas as aulas. Cada um de nós terá uma tarefa específica e resolveremos estas tarefas sem utilizar feitiços, poções e encantamentos. Neste curso, alunos, iremos realizar uma representação teatral da famosa obra mágica, *O Triunvirato*.

Uma onda de falar atravessou à assembléia. James não podia dizer se a resposta geral era positiva ou negativa.

- Do que se trata? - perguntou Ralf.

Rosa sussurrou:

- É uma história sobre um triângulo amoroso entre uma jovem princesa bruxa chamada de Astra e dois magos, Treus e Donovan. Donovan é o mais velho e mais rico, e Treus é jovem, um capitão do exército do rei. Vi-a com minha mãe uma vez quando era menina. Há ali um enorme elenco. Devera ser interessante.

Perto da frente da assembléia, Abílio Baumgarten, um dos batedores da Sonserina, se levantou, alçando a mão peremptoriamente.

- Professora Curry, *O Triunvirato* é uma produção classicamente mágica - disse com sua voz culta e muito bajuladora. Devido à sua natureza, depende de elementos mágicos cruciais. A seqüência do sonho, por exemplo, exige que a heroína voe, imaginando exércitos fantasma, e que presencie a predição do colapso do galeão de Treus em um furacão. Como é que podemos esperar para ser fiéis à história se insistimos em métodos estritamente trouxas?

- Uma preocupação legítima, Sr. Baumgarten replicou Curry. - No entanto, acabei de regressar de uma visita por algumas das melhores produções teatrais trouxas, e devo dizer que a mera engenhosidade e criatividade destes espetáculos me deixaram perplexa. De fato, você pode estar interessado em saber que até mesmo os trouxas se referem a isso como a "magia" do teatro.

Desde a multidão, falou Vitória.

- Mas como pode voar Astra sem levitação?

- Você se surpreenderia o que pode ser feito com cordas e polias, Srta. Weasley - disse Curry, sorrindo. - De fato, acho que todos ficarão bastante impressionados pela quantidade de "magia" mundana que pode ser feita simplesmente com pintura, vestuário, suportes, luzes e um aparente interminável número de pessoal nos bastidores. Por isso, pedi a toda a escola que envolva a todas suas aulas nesta produção bastante extensa. O grande número de equipes e habilidades requeridas garantirá que todos nós teremos uma função vital na produção. Eu servirei de diretora, é claro. A produção se representará uma única noite, neste anfiteatro, na última semana do curso. Seus pais e familiares serão todos convidados a assistir. Será, tenho muita certeza, uma noite que nunca esqueceremos.

Invadiu um calado balbúcio na assembléia novamente, enquanto todo mundo considerava este plano bastante incomum. A professora Curry limpou sua garganta.

- Concluindo - disse, levantando sua voz sobre a falar da multidão, - coleí várias folhas de inscrição no corredor imediatamente adjacente ao anfiteatro. Quem desejar pode solicitar um papel. As audições serão em horário de aula, e os papéis serão outorgados no final da próxima semana. Aqueles que não desejem atuar no palco podem se inscrever para a orquestra, no departamento de figurino, para a equipe de iluminação, como tramoieiro, para a equipe de contra-regras, etc. Tenho a certeza que

todos encontrarão uma área no qual possam desfrutar trabalhando. E agora, permitam-me ser a primeira a dar a todos as boas-vindas ao mundo do teatro! A assembléia está agora concluída, permitindo que todos vocês tenham o tempo suficiente para considerar as suas opções e se inscrever naquilo que vocês desejem. Obrigado, estudantes, e boa noite.

Enquanto a assembléia dispersava-se e gotejava para o enorme arco abobadado que dava ao castelo, Rosa disse:

- Você deveria se inscrever para um papel, James. Você é alto para a sua idade. Aposto que você poderia atuar como Treus.

James fez uma careta.

- De jeito nenhum.

- Por que não? - insistiu Rosa. - Não me diga que você está com medo de montar um palco na frente de todo o mundo.

- Não - disse James, enquanto o seu rosto se ruborizava um pouco. - Simplesmente é uma bobeira. Quero dizer, se estivéssemos no *O Último Ataque a Keirkengard*, me poderia inscrever. Pelo menos nessa história há lutas com espadas e explosões. Estava pensando em me inscrever na equipe de contra-regras.

- Sim - concordou Ralf. - Vou assinar nesse ou como tramoieiro. Até poderia ser divertido. Vi uma obra em Londres quando era menino. Foi irado. Eu sempre pensei que seria legal trabalhar nos bastidores.

- Eu assino para Donovan - proclamou Noé. - Já me vejo com essa aparência de pilantra maior e misterioso. Deveria encaixar bem comigo.

- Que pena que Teddy não esteja neste ano - comentou Sabrina. - Ele adoraria isto. Pergunto-me como ele vai com seu treinamento.

Damian disse:

- O veremos em Hogsmeade no fim de semana. Temos planejado nos encontrar com ele nesse Três Palitos.

- Enquanto ele estiver trabalhando com os Weasleys - interveio Noé. - Ouvi que Jorge lhe faz trabalhar como um cão. Mesmo assim Teddy não se queixa. Pagam-lhe como comissão, e ele parece um cartaz ambulante, não é?

A multidão de estudantes se engarrafou perto do arco enquanto todos se remoinhavam ao redor das fichas de inscrição. Rosa afastou-se, pressionando para o final do corredor.

- Vou me inscrever para interpretar Astra. - gritou. - Provavelmente é uma tentativa louca, mas eu sempre posso ser figurinista se não der certo.

Ralf também abriu passagem a empurrões entre a multidão, se dirigindo para a ficha de inscrição dos tramoieiros. James observou o seu amigo marchar, e depois estudou as fichas próximas. A multidão finalmente tinha diminuído um pouco, pois a maioria dos estudantes tinha encontrado com sucesso o seu caminho para um jantar.

James olhou ao redor, ainda vadiando junto às fichas de inscrição. Convencido de que ninguém estava olhando, deslizou-se rapidamente para as fichas dos atores. Ele as repassou, encontrando a que estava procurando. Agarrando a caneta que pendurava em um pedaço de corda, colocou seu nome no pergaminho intitulado 'TREUS'.

Era um completo disparate, tranqüilizou-se a si próprio. Ele nunca conseguiria o papel. Só era um capricho, um desafio pessoal. Ainda assim, havia algo emocionante e frívolo na idéia de atuar como o elegante protagonista masculino. Não se resignava admiti-lo na frente de Rosa ou Ralf. Se devido a uma sorte monumental ele conseguisse o papel, provavelmente reconheceria que secretamente ele desejava atuar. Caso contrário, ninguém iria saber, e isso seria tudo. Antes de se afastar, James leu o resto dos nomes da ficha de inscrição. Ele quase tinha tido a certeza de que o nome de Escópio estaria na lista. Não estava, e se sentiu um pouco tonto por procurá-lo.

James andou tão casualmente quanto possível para o grupo ainda reunido ao redor da ficha de tramoieiros. Ralf estava apenas terminando de pôr seu nome nela.

- Estou em tramoieiros e contra-regra - disse Ralf. - Espero poder entrar em ambos. Você em qual tem assinado, James?

James terminou de colocar seu nome na ficha de tramoieiros. Virou-se, e manteve o seu rosto inexpressivo, e gesticulou com a caneta antes de deixá-la cair de volta em sua cadeia.

Ralf assentiu e sorriu.

- Talvez trabalhemos juntos. Trenton se inscreveu em tramoieiros também, e Beetlebrick. Ele não é tão ruim se esquiva o tema do quadribol. Você viu onde o Alvo se inscreveu?

James balançou sua cabeça. De fato, ele não tinha visto seu irmão em toda a assembléia.

- Podemos lhe perguntar no jantar - replicou James, - vamos lá.



Não era a primeira vez que James se sentava à mesa sonserina. No ano anterior, tinha-se unido freqüentemente a Ralf e Zane para as refeições na mesa, sob a bandeira verde e prata. Só agora, porém, James compreendeu o aconchegante que tinha sido ter o seu travesso amigo americano, que tinha sido um corvinalino, ao lado dele nesses casos. Não havia lugar perto de Alvo, que insistia em ser um personagem muito popular em

sua nova Casa. James sentou-se relutantemente com Ralf e Trenton Bloch perto do final da mesa. James esteve distraído durante a refeição. Ele estava chateado por ter que ir tão longe para atrair a atenção de seu irmão menor. Supunha-se que tinha que ser o contrário, não? Alvo estava sendo simplesmente ingênuo. Ele acreditava que os sonserinos sentiam-se atraídos por ele por seu talento e personalidade, mas James sabia que só o estavam usando. Ter um Potter entre os sonserinos era uma espécie de vitória moral para Tábita Corsica e seu estúpido clube Colmilho e Garras. James queria avisar a Alvo que as amizades sonserinas não eram sinceras, mas também estava um pouco irritado com ele por se deixar enganar tão facilmente.

Finalmente Alvo levantou-se da mesa, juntamente com o grupo de sonserinos maiores que sempre pareciam lhe acompanhar.

James apartou seu prato e levantou-se também, com intenção de alcançar Alvo perto da porta. Queria avisar-lhe sobre a vassoura de Tábita, mas não era isso tudo o que queria lhe dizer. Alvo estava aceitando tudo isto da designação à Sonserina com muita facilidade, e James não podia evitar sentir que isso parecia uma traição a sua família. Pressionou sua mandíbula enquanto virava-se para alcançar os sonserinos junto à porta.

- James - soou uma voz. James olhou para trás e se deteve. Tábita Corsica aproximava-se a ele por atrás, sorrindo agradavelmente. Aparentemente tinha-se separado do persistente cortejo de Alvo. James simplesmente olhou-a.

- Estou contente por ver que você ainda se sente confortável jantando na mesa sonserina - disse Tábita, com um sorriso caloroso. - Sei que houve alguns... desentendimentos no ano passado. Fico feliz por ver que isto não levou desavenças nas relações entre as Casas.

James balançou a cabeça, sua raiva alçava-se.

- Deixa isso pra lá, Corsica. Não existem "as relações entre as Casas". Só porque Ralf seja meu amigo isso não significa que irei mostrar todos meus sorrisos contigo e sua quadrilha. Eu não esqueci o debate.

- Nem eu te perdôo por você tentar roubar a minha vassoura antes do jogo do campeonato do ano passado - disse Tábita, batendo as pestanas faceiramente. - Mas decidi deixar o passado no passado. Eu pensei que você poderia se sentir igual, considerando tudo.

- Considerando que Alvo acabou entrando na Sonserina somente por rancor ao Escópio? - alfinetou James. - Ele não sabe o que está fazendo. E você se aproveita dele.

Tábita franziu ligeiramente a testa.

- Lamento que você se sinta assim, James. Pois acontece que acreditamos que Alvo se encaixa muito bem conosco. Ele me contou que você testemunhou sua notável prática de vôo na outra noite, e queria que você soubesse que estou muito feliz que você o fez. Não houve trapaça lá. Alvo tem talento. Será uma valiosa adição ao time de

quadribol da Sonserina. E já que você menciona o Escórpio Malfoy, eu pensava que sua Seleção lhe provaria exatamente aquilo que tenho dito o tempo todo.

James olhou para a porta. Alvo marchava-se sem um pouco mais do que um olhar para trás.

- O que tem a ver Escórpio com tudo isso? - ele perguntou.

- Bom - replicou Tábita, arqueando as sobrancelhas. - Escórpio tem quebrado também com a tradição de seu pai, escolhendo a coragem e a lealdade ao invés da ambição, isso prova sua valentia como grifinório. Ou os sonserinos têm mudado, já não somos a casa da avareza e corrupção, como era o caso nos dias do pai de Escórpio. Enfim... - sorriu, esperando a que James lhe dedicasse toda sua atenção, - isso prova que o Chapéu Seletor sabe o que ele faz. O seu irmão é um sonserino porque, James, é lá onde ele pertence. Sinceramente espero que você não sinta a necessidade constante de interferir nisso.

- É o meu irmão - replicou James. - Interferirei sempre que o considere adequado.

- Não estou ameaçando você, James - disse Tábita, o sorriso desapareceu de sua voz. - Estou te fazendo o favor de adverti-lo. O seu irmão é especial. Poderia muito bem ser que nós, os sonserinos, fôssemos a única Casa que possa reconhecer isso. Alvo tem um destino. Digo isso como amiga: se alguém tenta obstruir o caminho desse destino, mesmo se for você, o fará por sua própria conta e risco.

James estudou o rosto de Tábita. Ela parecia notavelmente sincera, ainda que fosse difícil confiar em qualquer coisa que ela dissesse.

- O que *você* acredita saber sobre o destino do Alvo?

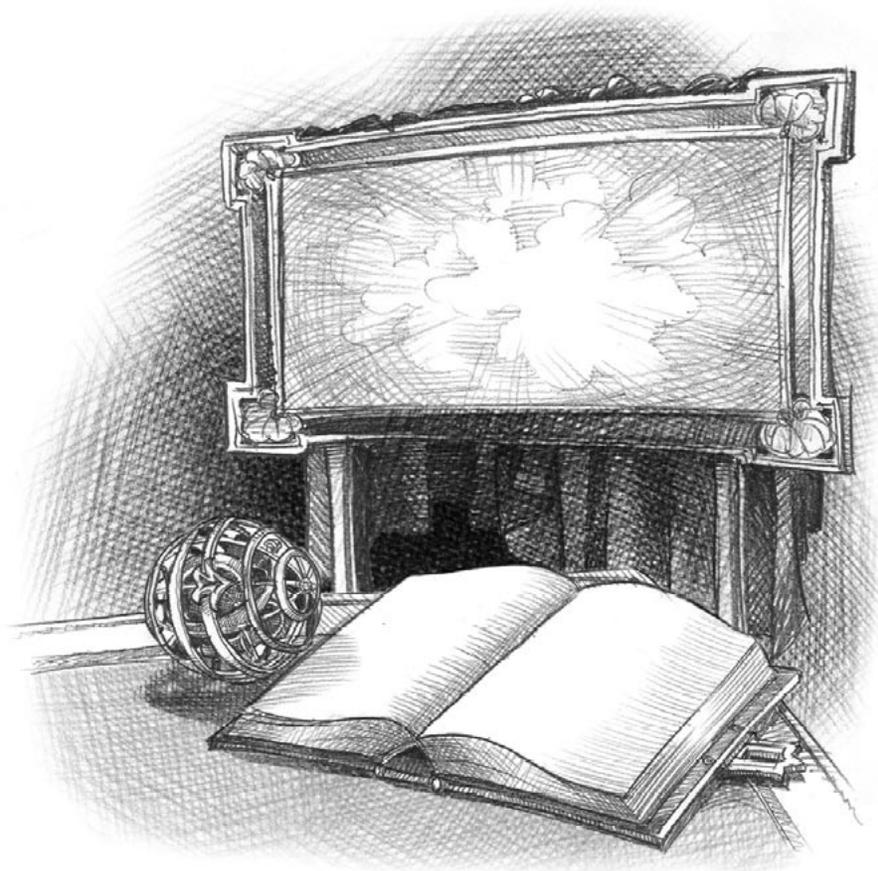
Tábita sorriu-lhe um pouco outra vez.

- Isso cabe a ele te contar se ele quiser Embora eu suspeite que tampouco ele o tenha compreendido ainda. O meu conselho, James, é: observar e esperar. E desfrute do sucesso do seu irmão. Isso é o que ele faria por você.

Com isso, Tábita virou-se, com sua túnica se balançando delicadamente, e abandonou o Salão Principal.

- CAPÍTULO 7 -

Amsera Certh



Após o jantar, Ralf e Rosa acompanharam James à sala comunal da Grifinória. No caminho, James falou-lhes de sua conversa com Tábita, mas nenhum deles pareceu particularmente impressionado.

- Assim é como ela fala sempre - disse Ralf descartando a questão. - Mesmo alguns dos sonserinos tendem vê-la como uma rainha do drama.

- Você quer dizer outros além de Trenton e você? - perguntou James, arqueando uma sobrancelha.

- Parece que gostam sinceramente de Alvo - comentou Rosa, atravessando o buraco do retrato. Talvez seja verdade. Talvez Alvo é o menino do destino. Aparentemente, essas coisas são levadas no sangue, tais como cabelo escuro ou a habilidade para o quadribol.

- Não é engraçado - disse James, mas não pôde evitar sorrir um pouco. - Você deveria vir comigo para a sala comunal da sonserina alguma noite destas - sugeriu Ralf. - Ver por si mesmo como se desenvolve Alvo com todo ali. Sinceramente, parece encaixar muito bem. Não vai mais se preocupar com isso.

Os três abriram caminho através da lotada sala comunal, unindo-se a Noé, Damian e Sabrina em um par de sofás em um canto escuro. - Precisamente falávamos de você, James - proclamou Noé, dando palmadas ao acolchoado do sofá ao lado dele. James deixou-se cair no sofá, feliz por estar entre amigos.

- Tivemos uma idéia - disse Sabrina sabiamente, golpeando-se ligeiramente na lateral de seu nariz.

- Tem algo a ver com a janela de Hércules outra vez? - perguntou Ralf, sorrindo. - Isso foi um grande sucesso, inclusive entre os sonserinos. Filch ainda não foi capaz de arranjá-lo por completo. O rosto de Hércules ainda se revertendo ao rosto de Malfoy repentinamente.

- Tudo está no luva de mão - disse Damian orgulhosamente, flexionando a sua mão.

- Não, isto é ainda melhor - replicou Noé, se inclinando para frente no sofá e baixando a voz. - É este desastre de Debellows que tem o mundo inteiro deitando espuma pela boca. Aparentemente, as pessoas não se importam muito um pouco de treinamento físico; quero dizer, esse cara tem razão em que lutar contra as Artes das Trevas às vezes requer um pouco de autêntica luta. Mas tudo isso de sem-feitiços para os primeiranistas é demais. E isso levou-nos a pensar...

- Isto já aconteceu antes! - disse Sabrina, batendo no ombro de James. James olhou para os Malignos.

- Estou viajando na maionese - ele admitiu.

- Nos tempos de seu pai - replicou Damian, revirando os seus olhos. - O reinado de Umbridge a Terrível. Não venha me dizer que nós sabemos mais das aventuras de teu pai na escola do que *você*.

- Isso não me surpreenderia nada - disse James, com um sorriso tosco. - Ao que parece, não tenho lido os livros adequados.

Rosa soltou um ruído molesto.

- Umbridge era a professora de D.C.A.T - explicou. - Ela recusava lhes ensinar qualquer técnica defensiva útil, pois era um fantoche do Ministério, quando o Ministério estava tentando reprimir quaisquer rumores do regresso de "Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado". - Pronunciou o eufemismo com óbvio sarcasmo.

- Lembro-me - disse James finalmente, acenando com a sua cabeça. - Mas isso não é o que acontece com Debellows.

Sabrina interrompeu a James.

- Em soma é o mesmo. Então é o seu plano resolvê-lo pelo mesmo caminho.

- Oh, não. - disse James, agitando sua cabeça - De jeito nenhum. Não vou iniciar outra Armada de Dumbledore. Eu lhe disse a Cameron Creevey na outra noite que não sou meu pai. Não quero que as pessoas acreditem que estou tentando reviver todas suas antigas aventuras.

- Você não tema - disse Noé, passando o braço ao redor dos ombros de James. - Ninguém pensará isso. Por uma razão, não podemos usar esse nome.

- Eu concordo - replicou Damian. Antiquado demais. Talvez "Armada de Merlim"?

Sabrina balançou a cabeça dela.

- Cópia demais. Que tal "Autêntico D.C.A.T."?

- Longo demais e comercial demais - replicou Damian.

- Olhem - interrompeu Noé, - o nome não importa. A questão é que você precisa saber um monte de coisas. Se não as aprende até que você seja tão maior e excelente como nós, será pouco e tarde demais. Você tem que levar o assunto em suas próprias mãos.

- Mas eu não posso ensinar nada! - exclamou James - Eu mesmo não sei nada!

- Então suponho que você tem que encontrar alguém para te ensinar - respondeu Noé, encolhendo os ombros.

- Por que não vocês três? - disparou James na resposta.

- Isso nunca cai acontecer - disse Damien claramente. - Por brilhantes e inspiradores que possamos parecer, não somos professores. Você já ouviu da memória muscular? Isso significa que minhas mãos sabem como lançar um feitiço *Expelliarmus*, mas meu cérebro já não lhes segue a pegada. Seria como tentar explicar como caminhar. É já uma segunda natureza. A questão é que você precisa de um professor nato, alguém como o seu pai com a Armada de Dumbledore original.

James virou-se para Ralf e Rosa.

- Vocês dois não deveriam estar falando, me dizendo o quão estúpida e irresponsável que é esta idéia?

- Na verdade - disse Rosa pensativamente, - acho que faz bastante sentido. Quero dizer, é verdade que, na realidade, não estamos aprendendo alguma coisa útil nas aulas de Debellows. *Especialmente* as garotas.

- E sinceramente - acrescentou Ralf, - eu preciso de toda a ajuda que possa conseguir em magia defensiva. Essa é uma área da qual nunca fui capaz de tratar muito bem.

- Eu posso atestar disso - concordou com relutância. - Mas, mesmo assim, isto poderia nos meter em um monte de problemas!

- Não vejo por que - argumentou Rosa. - Há uma série de aulas extracurriculares e clubes. Não é como nos dias de nossos pais quando Umbridge proibia que qualquer um praticasse feitiços defensivos. Poderia ser um clube escolar completamente legítimo.

Tudo o que temos que fazer é obter a permissão do diretor. Você poderia lhe perguntar. Afinal de contas, Merlim te deve um favor.

James olhou fixamente para Rosa. Ela encolheu os ombros.

- Isso só deixa um problema - comentou Ralf. - Quem irá nos ensinar? - Vocês precisam a alguém com bons conhecimentos básicos das artes defensivas - disse Sabrina.
- Alguém que seja um líder nato, com alguma experiência em batalhas reais.

James teve subitamente uma idéia. Ele afundou-se lentamente em seu assento.

- O quê? - perguntou Rosa, franzindo a testa.

- Acho que tive a idéia de quem seria o professor perfeito - replicou James pesarosamente.

Ralf disse: - Então qual é o problema?

- É que - disse James rindo torcidamente, - não acho que ele concorde e vai aceitar.

Rosa entrefechou os olhos. Após um momento, sorriu sabedoramente.

- Quem? - indagou Noé.

- Não posso dizê-lo - respondeu James. - Mas se podemos lhe convencer, Vou deixar você saber.

Os Malignos pareceram um pouco incomodados pelo segredo de James, mas, em geral, satisfeitos de que sua idéia tivesse sido aprovada. Depois de um dado momento, o grupo separou-se, deixando só a James, Ralf e Rosa no canto escuro.

- Você acha que Cedrico aceitará fazê-lo? - perguntou Rosa ansiosamente, mantendo a voz baixinha.

- Oh! - exclamou Ralf, batendo sua testa. - Eu sabia que teria que ter sabido de quem vocês estavam falando.

- Tudo o que podemos fazer é lhe perguntar - respondeu James. - As pessoas dizem que era um líder natural. Ele foi bom o suficiente para entrar no Torneio Tribuxo, e ele superou todos os desafios, por isso tem experiência suficiente.

- E a partir de sua perspectiva, tem tudo fresquinho - concordou Rosa.

Ralf perguntou: - Mas onde podemos encontrá-lo? No ano passado, simplesmente aparecia quando ele queria. Não sabemos realmente por onde anda.

James olhou fixamente para Ralf, pensando.

- Posso ter uma boa idéia, a este respeito.

- Deveríamos perguntar ao diretor em primeiro lugar - disse Rosa. De modo que não perturbaremos a Cedrico à toa. Vamos juntos amanhã após o almoço. Isso nos dará a oportunidade de pensar na melhor forma de apresentar a idéia. James assentiu.

- Parece bom, suponho.

- Você não acha que seja uma boa idéia? - Rosa perguntou, inclinando a sua cabeça para um lado.

- Não, suponho que é boa idéia - admitiu James. - Só que odeio a idéia de que pareça que estou tentando muito isso. Vocês sabem, fazer tudo como o fez meu pai. Como eu disse a Cameron, eu não sou aquele com o raio relâmpago na testa. Rosa estudou a James.

- Então por que você ainda está esfregando-a?

James deixou cair a sua mão, percebendo de repente que tinha estado tocando sua testa.

- O que você quer dizer?

- Você tem estado esfregando sua testa desde há alguns dias atrás - replicou Rosa.

- Você parece uma Propaganda do Chapéu Relaxacuca para a Dor de Cabeça.

- É verdade - acrescentou Ralf, assentindo com sua cabeça. Talvez você deveria usar mais seus óculos se não colocar te faz doer sua cabeça.

James estava um pouco chato.

- Não são os meus malditos óculos. Não sei o que é. Só é que minha testa está coçando, nada mais.

- Você tem uma constante coceira na testa? - Ralf piscou.

- Não é "constante" - disse James. Olhou de Ralf para Rosa. - É?

Rosa parecia um pouco preocupada.

- Talvez você devesse ir ver madame Curio à ala hospitalar, James.

- Essa é a última coisa que precisamos - disse James, rindo afogadamente. - Não é nada, realmente. Mal o percebo. No entanto, parece um pouco estranho.

- Você tem estado pensando muito nisso - disse Rosa razoavelmente. - Ninguém espera que você seja o seu pai. Não seja obsessivo.

James concordava com isso, e esperava que Rosa tivesse razão. Quando ele se despediu e subiu as escadas, se perguntou pela fantasmática coceira de sua testa. Na realidade, ele não tinha pensado sequer nisso, até agora, mas era um pouco estranho, não era? Sentir uma dor persistente no local onde seu pai exibia a famosa cicatriz. De qualquer forma, ele não iria perguntar sobre isso para madame Curio. As coisas já estavam bastante ruins com Cameron Creevey esperando que disparasse fogos de artifício pelo traseiro, por um lado, e Escórpio Malfoy lhe acusando de delírios de grandeza, por outro. A última coisa que ele precisava era que se estendessem os rumores de que a James Potter lhe estava a saindo uma cicatriz fantasmal com forma de relâmpago. Especialmente tendo em conta o fato de que muito bem poderia estar começando um clube semelhante à Armada de Dumbledore de seu pai.

Quando ele se estava já metendo na cama, teve a idéia que, de não ter sido pela conversa que tinha tido com Tábita Corsica e por ter saído dela preocupado e irritado, poderia não ter acedido tão facilmente à criação do novo clube de D.C.A.T. depois de tudo. Suas palavras tinham-lhe feito sentir pequeno e ridículo, mas a idéia de iniciar um novo Clube de Defesa lhe dava importancia novamente. Era esse o motivo pelo que

tinha aceitado isso? Ele esperava que fosse uma boa idéia, mas na verdade, estava muito preocupado. Havia dois pequenos obstáculos que deviam ser superados para alcançar a criação do clube. O primeiro era conseguir a aprovação de Merlim, o segundo era encontrar Cedrico e pedir-lhe que lhes ensinasse. Se qualquer um dos dois se recusasse, o clube nunca iria ver a luz. James pensava que ele tinha bastantes chances. Mantendo isso em mente, fechou os olhos e cochilou até ele adormecer.



Uma tarde cinza e úmida cumprimentou James, Rosa e Ralf quando terminaram seu almoço no sábado e saíram aos terrenos da escola. Era um daqueles dias estranhos no início do Outono, demasiado quente para usar um casaco, mas com demasiada umidade e ventoso para ir sem ele. Rosa estava embolada dentro de um grosso suéter enquanto James e Ralf atiravam pedras no lago, admirando os salpicos.

- Acho que deveríamos lhe perguntar diretamente - disse Ralf, levantando uma pedra e esticando o seu braço. - Como você disse ontem à noite, Rosa, não há razão nenhuma para ele dizer que não.

- Isso é o que eu pensava então - replicou Rosa. - Mas isso foi ontem à noite.

James virou-se para olhá-la.

- Mudou muito desde então, hein?

- Ontem à noite fiquei acordada até tarde lendo - disse Rosa. - Eu queria ler antecipadamente um dos livros sugeridos em nosso livro de texto de literatura, como eu disse vocês na biblioteca.

- É claro que você não está desperdiçando o seu tempo - comentou Ralf.

- Acontece que gosto de ler. Além disso, como era esperado, nosso diretor aparece ocasionalmente em alguns destes livros e pensei que valeria a pena dar uma olhada a sua história antes de que falássemos com ele.

Ralf baixou o braço de lançar e levantou o seu olhar para o céu, piscando os olhos.

- É tão estranho. Eu estava ali quando isso aconteceu, mas continuo esquecendo que nosso diretor é o famoso Merlim de todas essas velhas lendas e mitos. É um pouco difícil acostumar sua mente a isso, né?

- Eu te direi que muitas pessoas acham um pouco perturbador que Merlino Ambrósio seja diretor de Hogwarts - disse Rosa significativamente. - E tenho

averiguado por que motivo, um pouco. Há um monte de histórias sobre ele em antigos livros de reis. É quase impossível comprovar o que é inventado e o que poderia ser real, mas, inclusive se a história teve um minúsculo vestígio da verdade, é bastante preocupante.

- Como o quê? - perguntou James, tirando uma grande pedra da orla do lago.

- O fato de que os reis costumavam contratá-lo para amaldiçoar exércitos. Não necessariamente os *maus* exércitos, apenas qualquer exército do que a qualquer rei com o ouro suficiente lhe desagradasse. Mais de uma vez, quando Merlim chegava até o exército ao que lhe tinham pagado para amaldiçoar, eles mandavam as pessoas lhe pagar mais a mudança e que ele amaldiçoasse o rei que inicialmente o tinha contratado. E ele o fazia!

- Isso me soa prático demais - disse Ralf, sopesando uma pedra com ambas as mãos. Esta salpicou perto, molhando os sapatos de James e Ralf.

- Isso não é engraçado, Ralf - admoestou Rosa. - Era um mercenário mágico. ;Um homem assim não teria qualquer lealdade de modo algum! Alguns desses exércitos aos que amaldiçoou... foram completamente massacrados, às vezes inclusive antes de ir para a batalha. Havia inundações, ciclones, inclusive terremotos nos que a terra se abria diretamente baixo o acampamento do exército, engolindo a todos.

- Isso não pode ser verdade - comentou James. - Quero dizer, Merlim é poderoso, mas *ninguém* pode fazer isso.

- Você esquece onde Merlim obtém sua magia - replicou Rosa como se tivesse estado preparada para tal argumento. - Segundo as lendas, Merlim pode conectar-se ao poder da natureza. O vimos fazê-lo na noite em que nos levou para recuperar suas coisas. A natureza é enorme, e era enormíssima por aquele então, com menos civilização. Quem sabe o que um mago assim poderia ser capaz de fazer?

Ralf limpou-se as mãos em suas calças.

- Não creio que "enormíssima" seja uma palavra.

- Não comece a me corrigir - disse Rosa, olhando de James a Ralf. - Por que nenhum de vocês dois não vão levar isto a sério?

- Porque como você disse, estivemos ali, Rosa - replicou Ralf. Vimos esse homem reeparatar da Idade das Trevas. Trabalhamos com ele nos dias seguintes. Ele nos ajudou a livrar-nos desse repórter trouxa, que estava prestes a desvendar todo o mundo mágico. Ele esteve absolutamente legal com isso. Pode que ele fosse um canhão perdido no passado, mas agora ele é diferente, não? Está tentando ser bom, e parece que isso está saindo bem.

- Bom - disse Rosa, - não é só que fosse um canhão perdido.

James deixou-se cair na grama ao lado dela.

- O quê? Ele punha ketchup em ovos? Desenhava bigodes aos retratos?

Rosa olhou-lhe, e depois apartou a vista.

- Segundo algumas lendas, supunha-se que era o portador da mais horrível das maldições. Seu retorno seria o prenúncio do fim do mundo.

James sentiu uma pontada de preocupação quanto a isso, mas a sua voz manteve-se firme.

- Esta é a parte onde é difícil separar os fatos da invenção maluca, né?

- Rir se quiser - disse Rosa, - mas a profecia aparece em um monte de lugares. Alguns chamam-lhe o Emissário da Destruição. Outros só lhe chamam seu Embaixador, do quê? Nunca o dizem. É absolutamente chocante - ela admitiu, se estremecendo. - Especialmente quando você está lendo no meio da noite.

- Até agora, ele só tem sido o embaixador de dez pontos extras para Grifinória e Sonserina por lhe ter ajudado a recuperar uma caixa mágica - disse Ralf, encolhendo seus ombros. Vamos lá, são quase dois. Ele estará à espera.

- Você vem, James? - perguntou Rosa, pondo-se em pé.

James levantou os olhos.

- O quê? Ah. Certo.

Os três caminharam pesadamente através da nebulosa tarde, dirigindo-se para o pátio. À distância, o trovão retumbou como uma ameaça velada e o vento começou a lufar. James estava pensando bastante nervosamente no esqueleto da caverna, Farrigan, o longamente perdido colega de Merlim, e na carta de a prima Lúcia sobre o Guardião. À luz destas coisas, a história de Rosa sobre a lendária maldição de Merlim soava desconfortavelmente familiar. James não podia se lembrar exatamente, mas o esqueleto tinha dito alguma coisa sobre uma porta, e sobre coisas que a tinham atravessado, todo por causa do retorno de Merlim. Pelo menos os borlins tinham passado. Merlim tinha-o reconhecido. Mas ele afirmava tê-los capturado a todos, exceto ao último, o que tinha seguido a James desde aquela noite na Fortaleza da Gruta. Merlim tinha-os pegos em seu misterioso Saco Sombrio.

Mas o esqueleto tinha avisado sobre uma outra, algo pior. Como as lendas, também ele tinha chamado a Merlim o Embaixador, mas Farrigan tinha identificado à coisa à que supostamente Merlim precedia: *o Vigilante, a Sentinela de Mundos, o Guardião*. A carta de Lucy tinha corroborado essas lendas e, agora, o inquérito da Rosa as confirmava também. James estremeceu-se enquanto Ralf e Rosa o seguiam no interior do castelo.

Eles dirigiram-se através dos corredores vazios do fim de semana, passando salas de aula e corredores escuros. Finalmente, atingiram a gárgula que custodiava a entrada das escadas em espiral.

- Você se lembra da senha, Rosa? - perguntou Ralf. - Eu nem sequer poderia pronunciá-la, e você já sabe como são sobre escrever coisas como essas.

Rosa enrugou o cenho, pensando. Finalmente, pronunciou cuidadosamente.

- *In ois oisou.*

A gárgula moveu-se com o som de pedras rangendo. Ficou de um lado, revelando a entrada. - O que significa isso? - perguntou James enquanto saltavam à escada que subia.

Rosa balançou a sua cabeça.

- Mais desse galês antigo, suponho. Quem sabe o que significará?

Eles chegaram ao vestíbulo fora do escritório do diretor e James estendeu sua mão para fazer soar o batedor da porta.

- Espere - disse Rosa, segurando o braço de James. - Vocês lembram esta manhã? Ele nos disse esperássemos fora. Ele disse que tinha outro compromisso antes de nós.

James lembrou-o. Ele baixou cuidadosamente o batedor e os três colocaram-se em um banco longo localizado na frente à porta do diretor.

Na parede mais próxima à porta, entre uma série de retratos e pinturas antigas, tinha um rosto que James reconheceu.

- Olhe - James deu cotoveladas a Ralf, apontando. Eu me lembro dele. O velho Cara de Pedra o utilizou em Tecnomancia no ano passado para nos ensinar sobre retratos mágicos.

O retrato de Cornélio Yarrow, ex-tesoureiro de Hogwarts, estudou a James sobre seus óculos.

- Também me lembro de você, juvenzinho. Você fez um número bastante impróprio de perguntas referentes a este tema. Espero que você ficasse satisfeito.

- Fiquei, sim - respondeu James. - Gostei especialmente da parte sobre a forma como o artista original só pode destruir um mágico retrato. Foi muito ruim quando o Cara de Pedra derreteu sua pintura desse horrível palhaço. tufou Yarrow, irritado ante a lembrança. - Existe uma outra pessoa que pode destruir um retrato, ainda que nunca se tem sabido que acontecesse.

- Parece um detalhe importante demais para que um o esqueça - James franziu a testa duvidosamente. - Francamente, com todo o devido respeito, nesta questão confio muito mais nele do que...

Dois coisas ocorreram simultaneamente, interrompendo a James. A porta do escritório do diretor foi aberta e destrancou, e uma punhalada de dor disparou-se através da testa de James. Ele levou-se uma mão à sua cabeça e fechou os olhos vigorosamente, vaiando pela surpresa.

- James? - perguntou Rosa, preocupada.

Quase tão rapidamente quanto veio, a dor sumiu. James manteve sua mão sobre a testa, mas arriscou-se abrir os olhos. A primeira coisa que viu foi a imagem através da porta aberta do diretor. Merlim estava de pé atrás de sua escrivaninha, com seu rosto sério e os olhos penetrantes. Ele estava olhando fixamente para James através da entrada, mas sua expressão não era de preocupado ou alarmado. Se alguma coisa, ele parecia intensamente vigilante, talvez até cauteloso.

- Você está bem, James? - perguntou outra voz. James baixou sua mão e olhou ao redor. Petra Morganstern estava de pé no vestibulo, justo tendo saído do escritório do diretor. Ela parecia ruborizada, e seus olhos estavam vermelhos como se tivesse estado chorando.

- Estou bem - respondeu James. - Eu de... deveria usar óculos. - Olhou fixamente para Rosa e Ralf, alertando-os que não dissessem nada.

- Oh - disse Petra, afastando a olhada. - Bom, vejo você depois. Tenho... coisas para fazer.

James observou-a afastar-se, perguntando-se uma vez mais por que razão Petra parecia tão melancólica de repente. E o que diabos tinha-lhe dito Merlim para contrariá-la ainda mais? James levantou-se, dirigindo o olhar novamente ao escritório de Merlim. Merlim já não lhe dirigia essa olhada dura e vigilante. Ele estava virado/girado de lado, estudando um complicado dispositivo de latão que tinha nas mãos.

- Adiante, meus amigos - chamou Merlim sem lhes olhar.

Quando os três estudantes entraram no escritório, James não pôde evitar olhar ao redor com espanto. Exceto pelos retratos dos antigos diretores e a escrivaninha, a sala era virtualmente irreconhecível em comparação com o mesmo espaço que McGonagall tinha ocupado no ano anterior. Um enorme crocodilo empalhado pendurava do teto, em que parecia a exibição de um museu. Havia prateleiras abarrotado/atestados do solo/chão ao teto, cheias de enormes volumes de espessas capas de pele.

Além destas, havia ferramentas arcanas e utensílios, não menores que um gabinete, e todos assombrosos. Junto à parede, por trás da escrivaninha de Merlim, tinha uma redoma de vidro que abrigava um grosso saco escuro, pendurando de ganchos de prata. James reconheceu-o como a misterioso Saco Sombrio.

A peça central da sala, no entanto, era um enorme e longo espelho com um marco dourado retangular. A superfície prateada do espelho apenas refletia a metade da sala. Além do reflito, um redemoinhado e plúmbeo nevoeiro girava e movia-se. Era ao mesmo tempo belo e vagamente repugnante. O espelho repousava sobre um longo suporte de latão no centro da sala, de frente para escrivaninha do diretor.

- Como eu prometi - disse o diretor, - o conteúdo de meu depósito. Nem tudo, claro, mas o suficiente para fazer o meu trabalho mais fácil.

Havia apenas uma cadeira ante a escrivaninha do diretor. James, Ralf e Rosa se apinharam ao redor, mas nenhum escolheu se sentar nela. Eles continuaram estudando o aposento com assombro.

- Você se tem fixado em meu espelho, Sr. Potter - disse Merlim casualmente, ainda sem levantar o olhar do estranho artefato que estava sujeitando. - Muito curioso, certo? Vejo que deseja me perguntar por ele. Por favor, Sinta-se livre para fazê-lo.

- O que isso faz? - replicou James sem rodeios.

- A verdadeira pergunta, Sr. Potter, é o que não faz - disse Merlim, deixando finalmente o artefato sobre sua escrivaninha e levantando os olhos. - É o lendário *Amsera Certh*, a quintessência do espelho mágico desde tempos imemoriais. Com a ajuda de seu Livro de Concentração, pode mostrar você o passado e o futuro. Pode mostrar você lugares onde você tem estado e reproduzir antigas lembranças. Pode te dizer, se desejá-lo, quem está na terra mais longínqua. Não vejo o propósito prático de semelhante informação, mas o criador do espelho era um pouco excêntrico.

Merlim pôs-se em pé e rodeou lentamente sua escrivaninha, aproximando-se ao espelho.

- Fizeram-se só dois espelhos semelhantes. Seu irmão deste pertencia a um colega meu que, como todos meus colegas, morreu há muito tempo. Este espelho, portanto, também se perdeu nas brumas do tempo.

Rosa olhou fixamente à redemoinhada névoa prateada no espelho.

- Por que só foram feitos dois?

Merlim estendeu a sua mão em direção ao espelho e puxou um cordão. Uma espessa cortina preta caiu sobre a face do espelho.

- Tais peças são difíceis de criar, Srta. Weasley. E o que é mais importante, o mundo só pode conter certo número de artefatos mágicos poderosos. Seu peso desequilibra o cosmos. Demasiados ao mesmo tempo podem causar... rugas. Antes do meu retorno, eu vivia em um tempo muito mais escuro onde tais rugas eram bastante comuns. Felizmente, a época que agora ocupamos está muito melhor ajustada. Ainda assim, ficam umas poucas relíquias dessa época de extraordinários artifícios mágicos. - Merlim olhou ao redor com algo de orgulho. - A maioria deles está nesta mesma sala.

Ralf engoliu saliva e disse: - É, você sabe, seguro?

- Claro que não, Sr. Deedle - replicou Merlim singelamente, voltando à sua mesa.

- Pouco mais de uma varinha mágica é seguro. Mas é controlável, e isso é o mais importante.

- Você mostrou algo a Petra nesse espelho? - James perguntou de repente, olhando para o rosto do diretor.

Merlim não vacilou.

- Eu *diria* que não é de sua incumbência, Sr Potter, mas eu tenho vivido nesta era o suficiente para saber que isso só aumentaria sua curiosidade. Sim, fiz isso.

- E foi por isso que ela estava tão chateada quando ela saiu? Pelo que você mostrou a ela?

- Mostrei-lhe o que me pediu ver - respondeu Merlim cruamente, se sentando ele mesmo. - Nada mais, nada menos. Se você deseja saber mais, terá que consultar diretamente com a Srta. Morganstern, ainda que ela poderia encontrar tal interrogatório um pouco menos do que bem-vindo. Agora, o que posso fazer por vocês três? - Enquanto ele falava, estendeu a mão sobre sua escrivaninha e cuidadosamente fechou

um grande livro perto cerca da borda: o Livro da Concentração do espelho, assumiu James.

Rosa manobrou para colocar-se ligeiramente à frente de James.

- Nós, hmm, vimos a lhe pedir autorização para fundar um clube, diretor.

- Que tipo de clube? - perguntou Merlim vigorosamente.

- Bom, um, hmm, clube de... prática -gaguejou Rosa. - Quero dizer, um clube para praticar. Feitiços. Técnicas defensivas e coisas desse tipo.

Ralf interrompeu.

- Não é que não gostemos do professor Debellows ou algo assim. Ele é legal. Nós só queremos... praticar.

- Eu entendo que o bom professor prefere não ser *chamado* professor - disse Merlim, permitindo-se mostrar um sorrisinho.

- Er, é verdade - concordou Ralf, o seu rosto sua enrubesceu. - Quêndrico então.

- Que tipo de feitiços vocês pretendem praticar? E quem esperam que estejam envolvidos?

- Quem quiser se envolver - respondeu James. - E só praticaremos técnicas defensivas básicas. Coisas que aprendemos em nossas aulas no ano passado. Só praticaremos com bonecos e alvos, nunca uns contra os outros. Qualquer professor que queira supervisionar pode assistir, é claro. Ainda que acreditamos que será um pouco... hmm, aborrecido.

James deteve-se, pressentindo que isto último tinha sido demasiado. Ele contava com o fato de que nenhum professor desejasse se oferecer voluntário para horas extras de aulas só para assistir a um bando de estudantes lançando feitiços *Expelliarmus* a bonecos de madeira, mas Merlim era o rápido o suficiente como para ver através de semelhante astúcia. Conhecendo-lhe, poderia atribuir uma rotatividade de professores acompanhante, e provavelmente Debellows encabeçaria a lista.

Merlim abria a sua boca para responder quando, subitamente, o aparelho de latão sobre sua escrivaninha moveu-se. Todos na sala olharam para baixo para ele. Era algo bem como um globo oco formado por anéis de latão interconectados, assinalando as latitudes e longitudes do globo. No interior, uma complexa rede de engrenagem e roquetes operavam um ponteiro de prata. O ponteiro tinha começado a girar, fazendo que o globo rodasse ligeiramente sobre a mesa. Após um momento, o ponteiro deixou de girar, moveu-se para cima uns poucos graus, e permaneceu em silêncio. Merlim olhou-o fixamente.

- O que é...? - começou Ralf, mas Merlim interrompeu-lhe.

- Podem proceder com o seu clube, meus jovens amigos. Por favor, enviem-me uma notificação de quando e onde pretendem se reunir, bem como uma lista dos estudantes que decidiram se envolver. Depois de tudo, qual tipo de diretor seria eu se não estivesse a par de tais coisas? - Merlim tinha feito aparecer um pergaminho oficial

com o emblema do Hogwarts no topo. Ele rabiscou umas quantas notas nele e o assinou com um arabesco. - Isto deveria ser suficiente em termos de aprovação oficial. Desejamos todo o sucesso.

Ralf olhou para James, abriu muito os olhos e sorriu com alívio.

- Mas diretor... - começou Rosa.

- Se me perdoam - disse Merlim, levantando-se, - tenho alguns assuntos imprevistos para atender. Odiaria lhes entreter, quando vocês têm de fazer preparativos. Por favor, encontrem vocês mesmos as escadas e fechem a porta ao sair, obrigado.

- Obrigado, senhor - disse Ralf, dirigindo a James e Rosa para a porta. Você não se arrependerá!

- Ralf! - silvou Rosa.

Os três quase tropeçaram uns contra os outros enquanto se apinhavam para atravessar a ombreira.

- "Você não se arrependerá"? - sussurrou Rosa a Ralf, rodeando-lhe no corredor.

Come você se atreveu a dizer isso? Você *quer* fazê-lo suspeitar?

Ralf fez uma careta.

- Eu estava nervoso! Me processe! Vamos, salgamos daqui antes que ele mude de opinião.

James estava fechando a porta quando se deteve de repente, abrindo os seus olhos.

- O pergaminho com a permissão! - exclamou, olhando de Ralf a Rosa. - Algum de vocês o pegou?

- Eu não - disse Ralf. - Pensei que o pegou Rosa. Ela estava mais perto.

- Você nos empurrou para fora antes que pudesse pegá-lo, seu belo estúpido!

- Eu o pegarei - disse James, virando-se. A porta não se tinha fechado ainda. Ele empurrou-a ligeiramente, debruçando no escritório.

- Diretor? - chamou. - Esquecemos o pergaminho que você nos assinou. Poderíamos...?

James franziu o cenho e empurrou a porta para abri-la mais. A escrivaninha do diretor estava vazia. O aposento parecia estar completamente deserto e quase anormalmente silencioso. Talvez Merlim tivesse ido a algum lugar por meio da Rede de Flu. O aparelho de latão de sua escrivaninha devia ser um alarme ou um lembrete, avisando de uma reunião à que tinha que assistir imediatamente. James cruzou o escritório e agarrou o pergaminho da escrivaninha do diretor. Quando ele virava-se para a porta, lhe sobreveio um estranho pressentimento. Com um súbito arrepio, lembrou a estranha pontada de dor que se tinha baleado por sua de sua testa quando ele tinha estado aguardando no vestíbulo do escritório, pouco antes de ver que Merlim lhe estava olhando através da porta. James podia ver agora por que o escritório tinha parecido anormalmente silencioso um momento dantes. Na parede mais afastada da

sala, do solo ao teto, havia dezenas de retratos de antigos diretores. Entre eles, naturalmente, estavam os retratos Alvo Dumbledore e Severo Snape, ainda que como costumava acontecer, o retrato de Dumbledore estava vazio. Cada retrato estava perfeitamente imóvel e silencioso.

Ralf e Rosa tinham entrado gradualmente no aposento seguindo a James. Rosa estava olhando os retratos, nervosa e com seus olhos abertos.

- Isto é realmente estranho - ele disse baixinho. - Este é o único lugar na terra onde uma parede cheia de pinturas que não se movem é um *mau* presságio - disse Ralf. - Concordo plenamente com você, Rosa. O que está acontecendo aqui? Onde está Merlim?

James cruzou a sala e permaneceu de pé na frente do retrato de Severo Snape. Ele tinha falado com ele várias vezes no ano passado, e também tinha sido insultado por este mais de uma ocasião. Cautelosamente, ele estendeu sua mão e tocou o rosto do retrato. James pôde sentir a textura da pintura seca, sentir a pincelada que tinha dado forma ao nariz aquilino do homem. O rosto não fez mais do que pestanejar.

Rosa arquejou.

- Olham - disse, sua voz era pouco mais do que um sussurro.

James virou-se. A cortina preta uma vez mais tinha sido levantada no espelho mágico, mas a superfície do espelho já não mostrava simplesmente um redemoinho ou a turbilhão de fumaça plúmbea. Mostrava uma cena. A visão era obscura, nebulosa e turva, como vista através de uma janela muito suja e muito imperfeita. James e Ralf juntaram-se a Rosa ao lado do espelho e espiaram para além de seus reflexos, na tentativa de fazer sentido à cena nublada.

A vista parecia atravessar um grupo de árvores nodosas no meio de um bosque espesso. Era muito nebuloso, e as árvores eram densas o suficiente para bloquear a maior parte da tempestuosa luz diurna. Havia uma pequena clareira para além das árvores mais próximas, e no centro da clareira uma espécie de monumento, coberto de musgo e videiras. Era alto, magro e esbelto. Enquanto a cena movia-se para dentro e para fora do nevoeiro, James podia ver que o monumento era a estátua de um homem.

A figura de pedra era bastante charmosa, vestida com um terno antiquado. Na base da estátua tinha estampado linhas de letras de gravura, mas James não podia vê-las ver bem.

Subitamente, Rosa seu cobriu a boca, amortecendo um ofego.

- Conheço esse lugar! - ela sussurrou. - Mas por que o espelho mostraria *isso*?

James tinha o terrível pressentimento de que conhecia o lugar também. Ele já tinha ouvido falar dele, mas nunca o tinha visto. Muitas poucas pessoas que ele conhecia o tinham feito. Na base da estátua, apenas sob as palavras ilegíveis, estavam esculpidas três grandes letras: T.S.R.

- T.S.R. - disse Ralf interrogativamente, depois ofegou. - Tom Servolo Riddle! É verdadeira tumba de *Voldemort*? Quem enterrou a um monstro como ele?

- Ninguém sabe - disse Rosa rapidamente, ainda estudando a fantasmagórica cena. - Houve uma doação anônima para os custos do enterro e do monumento, especificando que fosse sepultado como Tom Riddle e não como Voldemort. Embora nenhum cemitério mágico aceitou os restos. Ele finalmente foi sepultado em uma localização secreta num bosque intracável. Quase ninguém sabe onde está.

No espelho, moveu-se uma figura. Os três estudantes ofegaram em uníssono. A figura não tinha entrado na cena, não tinha aparecido. Era como se tivesse estado ali o tempo todo, mas ninguém o tivesse notado. Só quando se moveu ligeiramente sua presença se fez conhecer. Vestia uma longa túnica preta que escurecia seu rosto, mas havia algo muito perturbador no tecido da túnica. Parecia mais um buraco no espaço, cheio de redemoinhada e agitada fumaça escura. A borda esfarrapada da túnica não chegava a atingir o chão, e mesmo assim não se via nenhum pé sob ela.

James estremeceu-se ante a visão da horrenda figura, pensando no recorte de jornal que Lúcia lhe tinha enviado. Este fazia referência a uma “criatura de fumaça e cinza”. Podia ser esta entidade? Podia ser este o Guardião? A figura levantou um braço, rebelando uma fina mão branca. A mão parecia estar acenando e fazendo sinais. Um momento depois, a estátua do jovem Voldemort estremeceu-se. A expressão orgulhosa abandonou sua face e os seus braços caíram como uma marionete, como se tivesse os fios cortados. E então, como na distância, uma voz falou. Chegou através do espelho muito fracamente, um pouco audível sobre o som do vento e do ranger das árvores.

- Você é o eco que me chamou? - perguntou a voz da entidade encapuzada. - Aquele cujos motivos, mais do que qualquer outro neste esfera, uma vez estiveram em consonância com os meus? Revele-se.

A estátua falou, e sua voz era muito aguda e enevado, quase perdida.

- Sou Tom Servolo Riddle, também conhecido como Lorde Voldemort, que morreu neste mundo há muitos anos, reclamado pelo pó e que passou ao reino do tormento.

- E ainda assim - disse a entidade da túnica, - seu estigma é suficientemente forte como para me atrair. Seus restos mortais não me são de nenhuma utilidade, portanto, você deve ter intenção de dizer-me quem lhe superou você, para que eu possa lhe procurar a *ele* para meus os propósitos.

- Aquele que me superou não é o seu amigo - declarou a estátua claramente, sua voz quase perdida entre o vento que aumentava nesse lugar longínquo. - Ele era um menino então, mas, inclusive naquele momento, forte demais para ser tentado por alguém como você. Ele não te ajudará. Mas há outros...

A visão do vidro (no espelho) fazia-se mais fraca. James estendeu o seu braço para tocar o espelho, inclinando-se para o interior, mas Rosa deteve-lhe.

- Inclusive agora, eles estão esperando por você - disse a voz morta de Tom Riddle. - É como você diz: Sou um mero eco, uma lembrança, uma onda murchada de

uma vida passada. Mas eles podem te trazer outro... Aquele em cujo coração bate minha própria essência. Eles estão preparados para você... esperando por você aqui, esta mesma noite...

Com isso, outra figura atravessou os ramos, emergindo das sombras das árvores. James não podia ver o rosto da figura, mas ele pôde dizer que era um homem. Como a primeira figura, estava vestido com um roupão com capuz, mas devido à sua posição, James podia ver seu rosto. Ele estava pálido e mostrava cautela, mas seus olhos pareciam resolutos. As árvores tinham começado a inclinar-se e gemer com o aumento do vento. Os sons do lugar começaram a abafar as vozes distantes. James mal conseguia distinguir as palavras do homem pálido.

- Estamos preparadas para você, oh, Mestre do Vácuo - disse, estendendo a sua mão. - Temos estado esperando por você, como o mundo inteiro fez. Seu tempo está chegando.

Subitamente, uma terceira figura emergiu da floresta, em direção oposta ao homem pálido. Esta figura estava também vestida de preto, mas era mais alta do que o homem pálido. Esta não apareceu com dificuldade da floresta, como o homem pálido tinha feito, senão que se movia com uma espécie de graça malévola, entrando na clareira para encarar à forma amortalhada do Guardiã. James estava totalmente desencorajado. Algo nessa andadura orgulhosa e sem esforço da figura mais alta lhe fez pensar em Merlim. O homem pálido não parecia surpreso de ver à terceira figura, ainda que sua prudência se incrementou. Ele sorriu fracamente. O homem alto e o Guardiã trocaram palavras, mas o estalo um trovão as afogou. O vento cresceu até tornar-se num constante uivo preenchido com a promessa de uma tempestade. Gordas gotas de chuva começaram a cair, e a imagem começou a embaçar. Repentinamente, o homem pálido olhou em volta e depois apontou para cima e para fora, e James arquejou. Ele apontava diretamente a James, como se lhe estivesse vendo através do espelho. O homem de face pálida olhou-lhe direto nos seus olhos. O homem mais alto virou-se também, mas se era Merlim, James não pôde vê-lo por causa da sombra do capuz. Pior ainda, o rosto da estátua também se tinha virado. A representação de pedra de Tom Servolo Riddle olhou através do espelho para James, sorrindo com seu rosto vazio e afiado, e arreganhando todos seus dentes.

James se cambaleou para trás, afastando-se do espelho, e tropeçou com a escrivaninha. Ele mal ouviu a Ralf e Rosa lhe chamando, lhe agarrando, tentando puxar dele para a porta.

- Vamos lá! - chorou Rosa freneticamente. - Temos de sair daqui! Eles nos viram! E parece como se viessem para aqui! Aqui vêm eles!

Os olhos de James abriram-se escancarados. De repente virou-se, baixando a olhada à escrivaninha atrás dele. Ou Livro da Concentração estava aberto. Só tinha uma anotação na página, escrita pela própria mão de Merlim: "TUMBA DO HOSPEDEIRO

PROCURADO". Sem pensar, James usou ambas as mãos para fechar com violência ou livro. Instantaneamente, um trovão ressoou apenas fora da janela do escritório. O relâmpago cintilou e uma rajada de vento frio percorreu o aposento, alçando as cortinas.

- Potter! - retumbou com uma voz estridente. James virou sobre seus calcanhares. Os retratos estavam todos vivos novamente. A maioria deles olhava ao redor, piscando. Remoinhavam-se pergaminhos no ar enquanto o vento percorria selvagemmente pelo aposento, assobiando através das cortinas. O retrato de Snape fulminava a James com o seu olhar, com os olhos muito abertos e muito negros. - *O que* você acha que você está fazendo? Isto é magia antiga! Magia como você nunca imaginou! Você deve abandonar este lugar. Agora! Depressa!

Ralf agarrou a James e puxou-o, arrastando-lhe para a porta, que se abriu por si mesma escancaradamente.

- Vamos! - chamou Rosa, correndo através da ombreira e olhando para trás. A porta começou a fechar-se de novo, separando a Rosa dos outros garotos. James pulou para a frente, seguido por Ralf. A face de Snape estava tensa, temível, quando James passou correndo ante ele, se deslizando através da ombreira um momento antes que a pesada porta se fechasse com um rangido ressonante.

James e Ralf precipitaram-se contra Rosa, e os três derrubaram-se sobre o banco do vestíbulo, com os seus corações latejantes e sem respiração. Como um, se levantaram do chão e correram para a escada de caracol, baixando ao corredor de abaixo. Eles continuaram correndo até que atingiram um grande e amplo balcão onde finalmente fizeram uma embaraçosa e malfeita parada, respirando profundo e olhando-se freneticamente uns aos outros.

- Espero - Ralf respirava com dificuldade, inclinando-se com as suas mãos nos joelhos, - que um de nós... tenha-se lembrado... do pergaminho esta vez.



Depois de uma noite de tempestade e trovões, a manhã do domingo amanheceu como uma flor exuberante, salpicando de um rosa reluzente a erva molhada e as árvores. Após o café da manhã, James, Ralf e Rosa caminharam com muito cuidadosamente através da relva úmida até a cabana de Hagrid, onde espancaram ruidosamente à porta. Quando o meio-gigante não respondeu, os três estudantes seguiram o caminho de pedra até a parte de atrás. Ali, eles encontraram a Hagrid e seu

bullmastiff, Trifino, movendo-se entre as encaracoladas enredadeiras e amplas folhas do campo de abóboras. Hagrid cantarolava alegremente, empapado até os joelhos enquanto girava e umedecia suas abóboras.

- Bom dia, galera! Que estranho vos ver vocês três cá fora tão cedo em fim de semana!

- Bom dia, Hagrid - disse Rosa, limpando as gotas de água de uma das enormes abóboras. Satisfeita quando esteve quase seca, se sentou sobre ela. - Vimos a conversar com você sobre algo.

- É mesmo? - replicou Hagrid - com vocês aqui, jovem Rosa, me sento realmente como nos velhos tempos. Vai, vai, entremos. Eu acabava de dizer-lhe ao Trifino que tínhamos que preparar um chá matinal. Podemos falar todo o quanto quiser ao lado do fogão.

Fizeram o seu caminho até dentro e Hagrid pendurou um enorme bule de um gancho acima do fogo. James, Rosa e Ralf escalaram às enormes cadeiras ao redor da mesa.

- Hagrid - começou Ralf, olhando fixamente para Rosa, - nós vimos algo quando entramos no escritório do diretor ontem. Rosa acredita que talvez devêssemos falar com alguém disso, pois poderia causar problemas.

James chutou a perna da mesa futilmente e olhou pela janela fora.

- Nem todos concordam com Rosa, vejam só.

- Como você pode dizer que aquilo que vimos não é motivo para alarme, James? - exigiu Rosa. - Mesmo Ralf concorda...

- Eu não estou dizendo que não seja motivo para alarme - interrompeu James, olhando a Rosa. - Só que não acredito que o diretor seja como você ainda está querendo acreditar.

- Não *quero* acreditar nisso. Mas existem coisas tais como a evidência. Foi visto no espelho a um homem que parece e se move suspeitamente como o diretor. Você mesmo o disse! E estava confraternizando com... com inimigos conhecidos e pessoas categoricamente chocantes. E pelo menos um deles, não penso que nem sequer era humano! Por não mencionar a estátua de Você-Sabe-Quem!

- Chega! Esperem um minuto os três - disse Hagrid, franzindo a testa e deslizando-se em seu velho cadeirão. - Não sei o que vocês viram, mas não trouxe a lume dessa besta velha. Contem-me o que aconteceu, tá bom?

Rosa começou a explicar o que tinha acontecido no dia anterior, começando por sua entrevista com o diretor. Enquanto a história avançava, James e Ralf aderiram-se a ela, acrescentando seus próprios pontos de vista e correções, de modo que quando estavam explicando como os retratos tinham voltado à vida e a pintura de Snape lhes tinha advertido que fugissem, os três estavam falando ao mesmo tempo. Finalmente, eles terminaram e ficaram em silêncio, virando-se para ver a resposta de Hagrid.

O meio-gigante ficou sentado em sua enorme e velha cadeira ao lado do fogo, com um olhar distante e tenso em seu rosto. Ele olhava na direção aos três estudantes, mas não diretamente para qualquer um deles. James estava confiante em que Hagrid simplesmente descartaria a história como uma disparatada exageração, e que Lhes diria que o que eles tinham visto no espelho tinham apenas sido uma bobeira sem importância, tramadas por homens que se recusaram a aceitar o fato de que eles tinham perdido a guerra há muito tempo atrás. James sabia por seu pai, que ainda que pode que a Hagrid não tivesse gostado sempre da liderança de Hogwarts, ele era leal até a raiz (no inglês: he was loyal to the core. Ou seja, que ele é muitíssimo leal ao diretores). Ele defenderia a Merlim, e Lhes asseguraria que não havia absolutamente nada para se preocupar. Por isso, parcialmente ele tinha sugerido que fossem à cabana para conversar com o homem. Agora, enquanto Hagrid se sentava silencioso com essa estranha e tensa olhada no rosto dele, James se perguntou se tinha sido tão boa idéia ao fim de tudo.

Subitamente, a chaleira começou a apitar, provocando que todos no aposento saltassem. Hagrid agitou-se a si mesmo e, em seguida, estendeu o seu braço para sacá-la do gancho. Ele levou-a para a mesa e colocou-a sobre um suporte metálico com um tamborilado.

- Hmm - disse James, espicaçando. - O que você acha sobre isso, Hagrid? Hagrid olhou-lhe fixamente, esfregando as suas mãos em um enorme pano.

- Bom, é um pouco difícil, né? Quem sou eu pra dizê-lo? Poderia não ser nada, suponho. O diretor tem alguns aparelhos terrivelmente poderosos e tudo isso. Provavelmente o velho professor Snape tivesse razão ao dizer que se mantivessem afastados.

- Mas Rosa diz que acredita que era Merlim o que apareceu na tumba de Voldemort - esclareceu James, gesticulando para sua prima. - Diga-lhe que é uma néscia se ela crê nisso! Quero dizer, ele é o diretor, Hagrid!

A porcelana repenicou enquanto Hagrid reunia os pires e xícaras, voltando à mesa com os seus braços cheios.

- É mesmo, James. É o diretor e tudo o que posso dizer é que se ele apareceu nesse espelho, conversando com quem quer que vocês vissem, deve ter uma razão muito boa.

- Mas ele não *poderia* ter sido! - insistiu James, procurando o apoio de Ralf. - Quero dizer, a coisa da túnica serpenteante obviamente era algum tipo de mal, e esse sujeito que apareceu primeiro tinha que ser um velho Comensal da Morte. Vamos, era a maldita tumba de Voldemort!

- Eu apreciaria que você não pronunciasse esse nome em minha mesa, James - disse Hagrid gentilmente, colocando uma xícara e um prato na frente dele. As suas mãos tremiam-lhe ligeiramente. - Sei que a batalha terminou há muito tempo, mas os velhos hábitos morrem lento, você entende.

Rosa mexeu-se no seu lugar.

- Hagrid, você acredita que poderia ter sido Merlim ao que vimos?

Hagrid derramou água fumegante nas xícaras antes de responder. Finalmente, ele sentou-se numa das cadeiras, produzindo um forçado guincho. Olhou com dureza para Rosa, e depois removeu seu chá com surpreendente delicadeza.

- Dizem que o diretor é um bom jardineiro - disse Hagrid, como mudando de assunto. - Ele não faz todo o trabalho sozinho, é claro, mas todos sabem que Merlim o Grande tem um bom olho para a natureza, as plantas e essas coisas. Desde que eu era um rapaz pequenino ouvi histórias sobre como ele fala com os pássaros e as árvores. Então, quando ele veio aqui como diretor deste verão, pensei que iríamos combinar. Convidei-lhe a baixar para cabana a fim de mostrar-lhe o meu próprio pequeno jardim. No dia seguinte, efetivamente, ele aceitou a oferta. Ele perambulou por todo o jardim, sem dizer nem a mínima coisa. Apenas caminhou para cima e para baixo, para dentro e para fora, batendo com seu grande cajado minhas abóboras, abobrinhas e repolhos. Finalmente, ele levantou o seu olhar, dirigindo-o ao Bosque. Eu olhei também, porque havia algo se elevando dentre as árvores.

Hagrid ainda tinha a colher de chá em sua enorme mão. Gentilmente, colocou-a ao lado do seu pires. Ele olhou para James, Ralf e Rosa um por um.

- Era um Djinn, como um corvo, mas maior, preto como a noite com cintilantes olhos vermelhos que podia ver desde onde eu estava. Na realidade nunca antes eu tinha visto um, mas sabia deles. São criaturas escuras e misteriosas. Elas trazem presságios, de acordo com a lenda. São misantropos, muito enrustidos e esquivos. Eu sempre tinha pensado que só saíam de noite, e que se vocês os viam no seu caminho, era um sinal certo de que você precisa se virar e correr a casa, porque se supõe que os Djinn advertem de horríveis perigos para aqueles que vocês amam. Bom, quando eu vi essa criatura preta saindo das árvores, estive prestes a chamar ao diretor. Mas eu sabia que ele já o tinha visto, mas e não parecia demasiado preocupado a este respeito. Assim que simplesmente observei. Esse pássaro preto voou diretamente, girando uma vez sobre o jardim e tomando terra um pouco acima de uma de minhas abóboras, ao lado do diretor. E Merlim, só observava. O mais estranho era a forma como os dois se olhavam um ao outro. Eles não produziam qualquer som, mas para mim, parecia claro como o dia que eles estavam conversando entre si, de alguma maneira. Após um minuto, o Djinn me olhou dessa forma curiosa que têm os pássaros, com a cabeça inclinada para um lado, de forma que um olho fique apontando-lhe a você diretamente. Esse brilhante olho vermelho olhava-me para cima e para baixo, e tive que me conter para não lhe atirar uma pedra como um menino assustado.

Hagrid olhou de modo suplicante para os três estudantes em sua mesa.

- Eu amo as criaturas mágicas - ele declarou. - De dragões a explosivins. Vocês sabem disso melhor que ninguém! Ensino Trato das Criaturas Mágicas, pelo amor de Deus! Mas assim é como me fez sentir aquele pássaro horrível. Esse olho vermelho

brilhante olhava para mim, e tudo o que eu queria era tirá-lo (o olho da ave), fazer que nunca mais olhasse a ninguém assim. Deu-me arrepios. Ainda o faz.

Hagrid deteve-se e finalmente tomou gole de chá. Ele limpou a sua garganta e continuou.

- Finalmente, a coisa alçou o vôo de novo, adejando com suas grandes e oleosas asas pretas. Voou de volta para a Floresta e desapareceu. O diretor observou-a marchar e depois virou para mim, ainda batendo com o seu cajado no solo. Quando ele veio ao meu lado se virou de costas para abóboras, olhando ao canto oeste. “Você tem um feitiço mortal naquele canto”, me disse. Bom, isso é verdade, não vou negar. Nesse canto oeste não tenham crescido mais que espinhos e cardos desde há cinco ou seis anos. “É mesmo”, eu lhe disse. Ele olhou-me nos olhos e disse. “Há uma raposa que morreu com toda sua ninhada, enterrada sob esse canto de seu jardim, Sr. Hagrid. O feitiço mortal surgiu de seus ossos, clamando por um amanhã que nunca chegará. Desenterre-los, enterre-los novamente na Floresta, e polvilhe a terra com *Pó da Agonia*. A Prof. Heretofore pode fornecer alguns, com as minhas bênçãos. Isso terminará com o seu problema”.

A boca de Rosa tinha-se torcido num trejeito de consternação.

- Você o fez, Hagrid?

Hagrid levantou os olhos para ela, alçando as suas sobrancelhas.

- Bom, claro que sim! Encontrei os ossos, sem dúvida! Assim como o diretor tinha dito, e procedi com o *Pó da Agonia*. E vocês podem ver claramente como o dia deu conta do recado. Esse canto tem minhas maiores *abobrinha endiabradas*. Uma bela variedade com listras verdes trigradas. Vocês o teriam visto, é claro. Mas a questão é...

Hagrid deteve-se de novo e manuseou nervosamente sua xícara de chá e seu pires. Tomou outro rápido gole, como para se silenciar a si próprio.

- O quê, Hagrid? - perguntou Ralf, exasperado. - Qual é a questão?

Hagrid olhou-lhe, como lutando contra a idéia de falar. Finalmente, inclinou-se ligeiramente sobre a mesa e disse baixinho:

- A questão é que parece que é claro como o dia que o Djinn *falou* ao diretor da raposa morta e suas crias! A questão é, que não só todas as velhas histórias sobre como Merlim o Grande falava com as árvores e os pássaros são verdadeiras, até mesmo ele fala com criaturas sobrenaturais da noite! Se esse grande pássaro preto tivesse aparecido posando seus olhos vermelhos diante de mim em qualquer outro momento, eu teria virado sobre meus calcanhares e fugido! Mas o Merlim observou a essa coisa chegar voando quase como se a tivesse chamado, quase como se o conhecesse por seu maldito nome de batismo!

James escutava com a boca pressionada em uma linha fina. Finalmente, endireitou-se em sua cadeira e disse tão claramente quanto ele ousou.

- Isso não significa que seja malvado. Hagrid piscou para ele.

- Bom, lógico que não! Quem diz que seja malvado?

James estava perplexo.

- Mas você acabou de dizer...

- Espere um instantinho, James, e o resto de vocês. Deixe-me ser claro - disse Hagrid seriamente. - Tudo o que eu estou dizendo é que o diretor vem de uma época muito diferente, uma época onde provavelmente a maioria de nós arrepiaria os cabelos. Ele viveu nessa época e trabalhou nela. Isso é o que ele conhece. As coisas que nós chamaríamos malvadas e más neste momento e época... digamos que as coisas não eram tão pretas ou brancas no tempo de onde ele vem. Não é que eu diga que o diretor seja mau. Tenho muito bons motivos para confiar nele, e confio nele! Só que é um pouco... bom, selvagem. Se vocês sabem o que quero dizer. Isso é tudo.

- Mas Hagrid - Rosa exclamou, - no espelho! Nós vimos-lo com essa... essa terrível coisa da voadora capa preta!

- Se era o diretor - replicou Hagrid teimosamente, - então ele teria uma muito boa razão para estar ali. Você mesma disse, Rosa, nenhum pôde ouvir o que disse esse homem. Talvez ele se estava enfrentando a eles. Talvez estava... bom, não sei, mas a questão é que vocês também não sabem.

- Isso é o que eu tenho estado dizendo o tempo todo - disse James petulantemente, fulminando com um olhar a Rosa, do outro lado da mesa.

- A verdade é - continuou Hagrid, - que nenhum de nós sabe no mais mínimo o que vocês viram. Vocês disseram que Merlim tinha dito que o espelho mostrava o passado e o futuro, bem como que lugares remotos, não disseram? Talvez o que vocês viram nem sequer era o *aqui* e o *agora*. Vocês não pensaram nisso?

- Na realidade - disse Ralf pensativamente, - não, não tínhamos pensado nisso.

- Mas a tumba - insistiu Rosa - não é muito antiga! Volde... er, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado não leva morrido muito tempo! Mas seu túmulo estava coberto com musgo e enredadeiras, de modo que isso não pode ter sido o passado.

- Deixe disso, Rosa. - Ralf encolheu os ombros. - Pode que você esteja certa, mas que poderíamos fazer nós afinal? Tudo o que podemos fazer é esperar que Merlim seja tão bom como sua palavra, como diz Hagrid. Se ele for, não temos nada com que nos preocupar. Se não... bom, o que é que vamos fazer contra um cara que pode fazer que a terra abrir e engolir um exército inteiro?

Rosa estava enfurecida, mas não respondeu.

Pouco momento depois, o trio terminou seu chá, e despediram-se de Hagrid. Quando partia, James debruçou-se ao canto oeste do jardim. Sem dúvida, uma enorme abóbora com listras laranja e roxo repousava em seu leito de folhas, ainda cintilando pela chuva da noite anterior.

- Eu não me importo o que ninguém diga - disse Rosa gravemente enquanto margeavam o Salgueiro Lutador, - eu não confio nele. Ele não é o que diz ser.

- Mesmo que eu não concorde com Rosa - respondeu Ralf, - todo este assunto faz que nosso novo Clube de Defesa pareça ainda mais importante.

- Como? - perguntou James.

- Bom, é óbvio, né? Se o que vimos no espelho é verdade e era o presente, então isso significa que se aproximam coisas realmente ruins. Poderíamos ter já um inimigo contra o qual lutar. Eu, por minha parte, quero estar pronto para isso.

- Ralf - disse Rosa com uma voz diferente, - se eu não soubesse que você é sempre burro como uma porta, eu ficaria impressionada com isso.

Ralf corou um pouco.

- Obrigado, suponho.

Quando rodeavam um grupo de arbustos no lado mais afastado do Salgueiro Lutador, se toparam com Noé, Damian e Gennifer Tellus, a Maligna corvinalina. Os três estavam agachados apenas fora do alcance dos ramos, estudando a nodosa e deformada árvore. Os ramos do Salgueiro moviam-se e retorciam-se, presentindo sua presença, mas sem ser capaz de chegar a eles (no inglês: sensing their presence but not quite able to reach them).

- Oie! - chamou Ralf enquanto aproximavam-se aos Malignos acorados, - temos permissão para começar o novo Clube de Defesa...

- Shh! - vaiou Noé, levantando uma mão. - Espere um minuto.

James, Rosa e Ralf agacharam-se por trás dos três Malignos, que se falavam uns a outros tensamente.

- Um pouco mais baixo - silvou Damien. - É o grande que parece o gogó de um cara realmente magro.

Noé balançou a sua cabeça.

- Tentamos com essa a última vez! Eu estive te dizendo que é pelo outro lado, em frente ao castelo. Lembro-me do ano passado, com o Teddy.

Gennifer sustentava uma vara longa, mordendo-se a língua com concentração, sustentando-a no alto, esticando a ponta do graveto em direção ao tronco da árvore. A árvore curvou-se ligeiramente e, quase preguiçosamente, chicoteou com um ramo até o graveto. Gennifer exclamou de dor quando o graveto lhe foi arrancado de sua mão. O graveto girou e deu voltas até os matagais e o Salgueiro se relaxou de novo, quase com ar satisfeito e como presumido.

- Eu disse você para sujeitá-lo mais baixo! - exclamou Noé, afastando-se da árvore e endireitando-se.

- Olhe, você gostaria de tentar? - replicou Gennifer, voltando-se para olhar sobre seu ombro. - À vontade. Mas você mesmo terá que encontrar um *outro* graveto.

- Não posso evitar que você tenha seus braços mais longos que eu - proclamou Noé. - Não é minha culpa que você tenha o raio de alcance de um gorila.

- Já tenho outro graveto - disse Damian pacientemente. - Aqui, tente outra vez, Gen. Cedo ou tarde teremos êxito.

James observou como Gennifer se estendia outra vez para a árvore cuidadosamente. O salgueiro balançava os seus ramos, pressentindo o graveto, mas sem alcançá-lo completamente desta vez.

James perguntou a Noé: Do que se trata tudo isto?

- Passagem secreta, possivelmente - respondeu Noé, limpando-se a umidade e pedaços de erva de suas mãos. - Viemos aqui para testar todos os anos desde que eu era primeiranista. Foi idéia de Teddy. Bate o nó correto do tronco e a árvore se torna dócil o suficiente como para te deixar entrar.

Os olhos de Rosa alumiam-se.

- Leva a uma passagem secreta? Mas eu achava que as velhas passagens tinham sido seladas, certo?

- Bom, há selados e bloqueados - replicou Noé. - A questão é, que sendo Hogwarts mágico, as passagens têm formas de se abrir novamente por si mesmos após algum tempo. Ou isso ou é descoberto alguma nova perto.

Petra descobriu a passagem de Lokimagus mais abaixo no mesmo corredor da estátua da Bruxa Caolha, e *essa* estátua supunha-se que conduzia a uma passagem secreta nos tempos de seus pais.

- Eu me lembro que minha mãe me falou desse - concordou Rosa. - Ela disse que conduzia a Hogsmeade. Eu estava esperando que funcionasse ainda. Queria ver Hogsmeade por mim mesma neste ano, ainda que os primeiranistas não estejam autorizados ir ali nos fins de semana.

- Ahh, Hogsmeade - suspirou Noé. - Se tornando vilões safados e mal-feitores de estudantes modelos desde que eu posso lembrar. Teddy trabalha ali, na loja Weasley. Pretendemos conseguir que nos convide a cerveja amanteigada nesses Três Palitos quando vamos lá nós. Todos exceto Petra, naturalmente.

- O que acontece com Petra? - perguntou James subitamente. Noé olhou fixamente a James.

- Oh, não é grande coisa. Só que ela não quer ir porque ela e Teddy eram como unha e carne. Aparentemente, tudo isso se terminou quando Teddy começou a namorar a Vitória.

Eles o mantiveram em segredo a maior parte do verão, mas agora o mundo inteiro sabe disso.

Alguém os dedurou lá em King's Cross.

- Não os dedurei! - exclamou James antes de poder evitá-lo. - Teddy disse-me que o contasse! Ele queria que se inteirasse todo o mundo, mas que não se armasse muita confusão e barulho!

- Foi você? - disse Gennifer, olhando a James sobre o seu ombro.

James revirou os seus olhos.

- Então é por isso que Petra está tão chateada?

- Não o disse - disse Noé, suspirando. - Quem sabe? Ela e Teddy nunca foram a sério, você quiser que minha opinião. No entanto, tenho que admitir que eu esperava que fosse ela quem terminasse com ele. Teddy é um bocado selvagem a mais para uma garota como Petra. Ela precisa outro tipo de homem.

- Um homem cujas iniciais são N.M., né? - interveio Damian, sorrindo amplamente.

James sentiu seu rosto enrubescer. Ele sentia-se incomodado por ter podido provocar inadvertidamente a melancolia de Petra revelando o relacionamento de Ted e Vitória, ainda que Ted tivesse-lhe pedido que o fizesse. Por alguma razão, também lhe incomodava que Noé pudesse estar interessado em ocupar o lugar de Ted. Mostrando indiferença, James perguntou a Noé:

- Qual tipo de homem quer uma garota como Petra?

Noé encolheu os ombros.

- Bom, Petra é uma espertalhã. Mais espertalhã do que acredita a maioria das pessoas. Ela está destinada a ter sucesso. Ela precisa de um cara que possa se manter na retaguarda e se tomar a vida a sério com ela. Teddy é legal e todos nós o amamos, mas não é um cara do tipo leva-a-vida-a-sério.

Rosa interveio.

- Ouvi dizer que Petra poderia conseguir o papel de Astra na obra. Ela seria ótima para o papel com seu longo cabelo escuro e seus olhos azuis.

Noé assentiu com a sua cabeça.

- Se ela conseguir concentrar-se. Está entre ela e Josefina Bartlett, e Josefina *realmente* quer esse papel.

- Tudo o que Petra precisa é manter sua mente afastada de Teddy Lupin - disse Rosa enfaticamente. - Ela é mais bonita do que Josefina qualquer dia da semana. Eu a ajudarei para se preparar, se eu puder. Tem uma audição mais, certo?

- Mais tarde nesta semana - concordou Noé. - Espero que ela consiga o papel. Eu ainda espero conseguir o de Donovan.

- E Donovan e Astra têm um dance - cantou Damian embaçadamente.

- Isso não é nada - replicou Noé. - Astra e Treus *se beijam* no final da obra, e o manuscrito o descreve como "o beijo do amor verdadeiro e eterno".

- Não se beijam *realmente* - disse Rosa, agitando sua cabeça. - Na peça, basta juntar as bochechas com as cabeças viradas. A audiência só acha que se estão beijando.

- Perto de mim o suficiente - resmungou Noé. - Como é que vamos com esse nó secreto, Tellus?

- Não chateie a maestrina ela está trabalhando... - disse Damien, ainda estava de cócoras ao lado Gennifer. O salgueiro rosnava e bamboleava agitado. Seu tronco

guinchou ameaçadoramente ao inclinar-se, tentando baixar ainda mais seus ramos para bater contundentemente na distância. O graveto de Gennifer tremulava nervosamente perto do tronco inclinado.

Ralf observava com apreensível para a enorme e balançante árvore.

- Então você já tenha caído pelo passadiço secreto sob o Salgueiro Lutador? Onde é que conduz?

- Até o ano passado, a nenhuma parte - admitiu Noé. - Ficava totalmente bloqueado em uma caverna depois de um momento. Por isso, nunca se tivemos a idéia de marcar o nó secreto. Ainda assim, sempre parece uma boa idéia quando voltamos ao ano seguinte.

- Não podemos marcar o nó - disse Gennifer através dos dentes rilhados. - Do contrário, todo o mundo poderia utilizá-lo. Só... temos... que lembrar que está... aqui! Gennifer espetou o tronco com o graveto, batendo um grande nó perto de uma das três contorcidas raízes da árvore. A árvore endireitou-se subitamente e ficou quieto.

- Vamos lá! - gritou Noé, saltitando para a árvore. - Não temos muito tempo! James lançou um olhar sobre Rosa, depois ao Ralf. Simultaneamente, os três viraram-se e correram para a árvore, seguindo aos três Malignos. Gennifer foi a primeira a chegar ao o tronco. Ela curvou-se e lançou-se em frente, desaparecendo em uma profunda fenda entres duas enormes raízes. Damian e Noé a seguiram. James esperava que ali dentro houvesse espaço para os seis, já que era o último. Enquanto Ralf esbarrou ao interior do apertado lugar, James olhou para cima.

Ele nunca antes tinha estado tão perto do Salgueiro Lutador e parecia enorme e mortífero quando se avultava e se erguia sobre ele. Enquanto ele observava, seus ramos começaram a mover-se de novo. O tronco gemeu agourentamente como reanimado, furioso e procurando algo para estapear.

James curvou-se e jogou na fenda entre os ramos, justo quando um ramo passava a seu lado, batendo no seu caminho.

- Uau - disse Gennifer, trepando de gatinhas - seis pessoas de uma só vez! Eu diria que é um novo recorde. Estão todos bem?

- Estarei bem quando James descer de minhas costas - reclamou Rosa, grunhindo.

- Desculpe-me, Rosa. Não tive tempo de olhar para onde eu aterrissava.

Noé iluminou sua varinha e segurou-a bem alto. O espaço era baixo, com o teto estucado com maciças raízes do Salgueiro Lutador. Um corredor com paredes de pedra conduzia para abaixo na escuridão. Os Malignos começaram a descer por ele, seguidos de perto por James, Rosa e Ralf. Após uns trinta passos, o grupo fez uma parada.

Na liderança, Noé sustentou sua varinha mais alto, assobiando entre dentes.

- Eureka! - disse Damian empolgadamente.

- O quê? - exclamou Rosa, colocando-se na ponta dos pés para ver sobre o ombro de James. - Não posso ver! O que é?

- Hogwarts encontra um caminho - replicou Gennifer. - Parece que houve uma enchente aqui na primavera passada. Levou-se com ela um monte de terra e cascalho. Olhem, há espaço para avançar apertado, vocês não se importam sujar-se. - Excelente! - proclamou Noé, sua voz ressoou vindo de mais adiante. Ouviu-se um respingo distante. - A passagem de abaixo está completamente intato! Há um pouco de água estancada, e está gravemente superlotada de aranhas, mas a luz da varinha as espanta. Suponho que está desimpedido a partir daqui.

- Vamos ir agora? - perguntou Ralf. - Na realidade eu não vim preparado para qualquer, hmm, viagens.

- Não fique nervoso, Ralfidilo - respondeu Noé, se afastando do derrubamento. - Exploraremos o resto mais tarde. É simplesmente bom saber que a passagem está aberta novamente.

- E que nós somos os primeiros em encontrá-lo - Gennifer acrescentou.

- Assim que não o contem a ninguém - terminou Damian, assinalando com um dedo ao no e olhando severamente a James, Rosa e Ralf. - Especialmente você, senhor sonserino.

- Tranqüilo, Damascus - disse Noé. - Ralf é fiel à causa Maligna. Vamos, vamos ficar fora daqui.

- Então aonde a passagem leva? - perguntou Rosa enquanto retomavam o caminho.

- Nosso melhor palpite é que leva a Hogsmeade - respondeu Gennifer. Assim que você pode começar a cumprir seu desejo de desfrutar de uma visita neste ano.

A passagem leva a Hogsmeade? - replicou Ralf, e se chateou um pouco pela falta de confiança de Damian - Onde sai à superfície? Não poderia alguém segui-lo de volta até Hogwarts?

- Preocupado porque seu papainho se lhe tenha passado um ponto fraco no "perímetro de segurança" da escola? - perguntou Damian, sorrindo trefegamente. - Não se preocupe. O perímetro defensivo de Papai Dolohov está a salvo. Ninguém entrará desde o outro lado. Exceto nós, com um pouco de sorte.

- A passagem não leva a Hogsmeade diretamente, Ralf - disse Noé.

Atingiram a gruta sob o Salgueiro Lutador. Cautelosamente, Gennifer estendeu a sua mão e encontrou o nó secreto. A árvore ficou imóvel e ela se arrastou fora.

- Então aonde leva? - perguntou James enquanto o grupo trepava rapidamente saindo pela abertura secreta.

- Nosso melhor palpite é que vai a um lugar delicioso chamado "A Casa dos Gritos" - disse Damian, se detendo fora do perímetro da árvore. - Ninguém vai ali.

- Posso imaginar por quê - assentiu Ralf. Há, você sabe, gritos?

- Não, é só um nome, Ralf - disse Gennifer, dando palmadinhas no ombro do garoto. Não houve gritos durante décadas. Embora aparentemente costumava ter muita

barulho, certo? Supostamente, todo o lugar tremia com os gritos. Ninguém nunca descobriu que os causava, ou se o fizeram, não viveram para contá-lo.

Ralf virou-se a olhar a James e Rosa.

- Estão zombando eles de mim?

- Sim, Ralf - assentiu James. - Mas carinhosamente. Não se preocupe.

Ralf aceitou-o e os três começaram a seguir aos Malignos de volta à relva molhada. Quando eles chegaram ao castelo, perguntou ele:

- Então, a Casa dos Gritos não é usada realmente para gritar?

James sacudiu a sua cabeça.

- Eu não diria isso, Ralf... Basta dizer que estavam se divertindo um pouco à sua custa. É melhor não perguntar mais por isso.

Rosa concordou

- Sério, Ralf. Confiem em nós.

Ralf abriu a sua boca, considerando-o, e depois fechou-a de novo. Ele suspirou e os três subiram os degraus até o castelo, seguindo os aromas do almoço.

- CAPÍTULO 8 -

A Audição



A aula de Defesa Contra as Artes Das Trevas do dia seguinte foi mais suportável do que as anteriores, só porque tinham como convidado um professor ajudante. Ele era possivelmente mais famoso que o próprio Debellows já que não era somente o novo líder do esquadrão de forças especiais Harriers, mas também um antigo jogador da seleção Búlgara de Quadribol na Copa Mundial. Vítor Krum entrou com passadas fortes no ginásio enquanto Debellows o apresentava e o grupo de estudantes o aplaudia. James conhecia Krum muito vagamente, viu-o em uma ou duas vezes há alguns anos. Vítor Krum competiu no Torneio Tribuxo junto com o pai de James e com Tia Fleur. Naquela época, também teve uma curta e romântica relação com Tia Hermione, razão pela qual nas poucas ocasiões que Vítor esteve na mesma casa que a família Weasley, Tia Hermione tendia a olhar para os lados, enquanto Tio Rony enchia o peito e assumia uma postura ameaçadora.

Vítor falou com a turma com seu sotaque irrepreensível, contando a eles como havia treinado com Kendrick Debellows nos seus primeiros anos como Harrier, e assegurou a todos, que se não fosse pela liderança e pelo exemplo de Debellows, ele não estaria onde estava naquele momento. Imediatamente James começou a se chatear. Ele gostava bastante de Vítor, mas detestava tanto Debellows que o simples fato de ver o homem absorvendo as bajulações de seu protegido, deixou-o enjoado. O bom foi que não houve Corridas da Morte naquele dia, embora Debellows tenha desafiado Krum a um “desafio de homens” para ver qual dos dois o atravessaria primeiro. Vítor recusou o desafio, e James preferiu acreditar que ele fez isso para não envergonhar o seu professor.

Enquanto a aula transcorria, James viu que Ralf, que era um pouco mais criativo que James, punha em prática suas idéias para a folha de alistamento para o novo Clube de Defesa. Enquanto saíam em fila do ginásio e iam em direção à aula de História da Magia, James disse a Ralf:

- Sabe, nós não deveríamos divulgar isso até termos um professor.

- Esse é o seu trabalho - disse Ralf encolhendo os ombros - Eu estou fazendo o meu. Além de quê, você vai convencê-lo. Você é bom nisso.

- É, bem, eu não o convenci ainda.

- Então é melhor que já o convença - disse Rosa encontrando-se com eles em uma interseção - A primeira reunião é amanhã à noite.

James quase deixou cair seus livros.

- Amanhã? Desde quando?

- Desde que eu comecei a falar sobre isso no Salão Principal no café da manhã - respondeu Rosa. - Pretendia contar somente para Henrietta Littleby e Fiona Fourcompass, mas vocês sabem como Fiona é. Toda a mesa da Corvinal estava falando sobre o assunto quando saí. Eles estavam bem animados a respeito disso. Não gostam nem um pouco do jeito que Debellows está conduzindo as aulas de D.C.A.T. mesmo que tenha sido muito agradável ver Vítor nos corredores esta manhã.

- Mas nem sabemos ainda onde iremos no reunir! - exclamou James - Pensei que tivéssemos conversado sobre começar com tudo no próximo final de semana.

- Isso foi antes de falarmos com o diretor e antes de ver o que vimos. Ralf tem razão. As coisas parecem um pouco mais urgentes agora. Além de quê - Rosa suspirou, parando na porta da sala de História da Magia - nós concordamos que eu estaria em cargo da agenda.

- Sim, eu acho, mas... Toda a mesa da Corvinal?

Rosa assentiu com a cabeça.

- E Luís está espalhando a notícia entre os lufa-lufanos.

- Luís! - resmungou James aumentando seu tom de voz de novo - Você envolveu Luís nisso?

- Ele me ouviu, então eu pensei que podia colocá-lo pra trabalhar. Qual é o problema? Eu pensei que você tivesse dito que todos que quisessem poderiam se envolver.

- É, bem... - disse James, abaixando a voz - Todos que nós quiséssemos que se envolvessem.

- Eu não acho que as coisas funcionem desse jeito - retrucou Ralf - Além disso, a notícia já deve ter se espalhado por toda escola, à essa hora.

James suspirou de frustração, mas já era tarde demais para fazer alguma coisa a respeito. Ele tinha que encontrar Cedrico essa noite, se pudesse. Pensando nisso, ele se virou e abriu caminho empurrando com os ombros até a sala de aula cheia, onde o professor Binns já balbuciava algo de costas para os alunos, enquanto tomava notas fantasmagóricas na lousa ilegível.

James finalmente teve a oportunidade que esperava para aquela noite depois do jantar. Ralf disse boa noite nas escadas e Rosa estava na biblioteca fazendo algumas tarefas. Assim que Ralf desceu para os porões, James se virou e andou através da sala principal em direção ao portal. Ele tinha uma forte sensação de que teria que fazer aquilo sozinho. Ele virou no corredor da vitrine de troféus, diminuiu o passo, olhando ao redor. Não havia ninguém por ali, e os corredores estavam bastante silenciosos, já que a maioria dos alunos haviam ido para suas salas comunais para passar o resto da tarde.

James caminhou ligeiramente ao longo das estantes, passando por fotos de antigos times de quadribol e por exposições de bolas, placas e troféus. Se deteve por um instante diante do troféu de quadribol com uma lista de nomes gravados nele. Estava bem velho e sem brilho, mas o nome perto do fim da lista era perfeitamente legível: "James Potter – Artilheiro" lia-se em uma caligrafia fluída. Era o nome do avô de James, que nunca conhecera. Se sentiu muito triste, porque isso lembrou-o de que já não tinha nenhum avô. A placa estava bem empoeirada, provavelmente esquecida por quase todo mundo que passava diariamente por aquela sala. James sentiu urgência em pôr a mão pela vitrine e tocar a placa, para ter certeza que aquilo era real. Era como uma âncora, que conectava ele à uma pessoa e à uma época que ele nunca vira. James deu uma olhada pelo corredor, assegurando-se de que ninguém estava olhando e então aproximou-se da vitrine. A porta de vidro chiou baixinho quando ele a abriu. Estendeu a mão, e passou um dedo sobre o nome que estava perto do fundo, deixando um rastro no pó. Ele mal podia sentir o relevo das letras.

Repentinamente, sem razão aparente, James pensou a respeito das palavras que seu pai lhe dissera na noite do funeral do avô: *o seu vovô é na verdade o terceiro pai que perdi... e isso me faz retornar ao início.* Este nome no troféu era onde tudo tinha começado. *Este troféu é daqueles últimos anos antes de tudo mudar,* pensou James, *antes que vovó e vovô fossem assassinados por Voldemort; antes que Sirius, padrinho do papai, se perdesse no*

Departamento de Mistérios; antes que o velho Dumbledore fosse jogado de cima de uma das torres desse mesmo castelo; esse troféu é de antes de tudo isso acontecer, quando todo mundo era feliz e ninguém havia morrido ainda. Se ao menos... Se ao menos...

- Me lembro de ver seu pai aí, em pé diante dessa mesma placa - disse uma voz silenciosa.

James não se assustou. Antes de se virar, disse:

- Vim aqui procurando por você. Tive a impressão que era aqui que você viria, quando não soubesse mais pra onde ir.

- Esse é o primeiro lugar que eu me lembro de estar depois que eu morri - disse a voz fantasmagórica de Cedrico Diggory - Muito, muito tempo de nada se passara, embora parecesse que foram apenas alguns minutos. Finalmente, aqui estava eu, olhando minha própria foto do Torneio Tribruxo. Passei muito tempo fazendo isso. De certo modo... era reconfortante. Eu não podia me ver refletido nos espelhos, você sabe. É um dos detalhes de ser um fantasma.

James fechou a porta da estante e se virou para Cedrico.

- Você viu meu pai aqui, olhando para o nome do vovô nesta placa?

Cedrico sorriu ao lembrar.

- Não só ele. Os três estavam aqui. Rony, Hermione e Harry. Era o primeiro ano deles. Eu não os conhecia na época, mas eu sabia quem o seu pai era, todo mundo sabia.

James olhou para a placa novamente. Ajudava saber que seu pai olhava para o mesmo nome, na mesma placa, e de certo modo, sentia o mesmo que ele. Suspirou.

- O passado é uma armadilha dura - Cedrico disse - Acredite em mim a respeito disso, James.

James levantou o olhar, surpreso.

- O quê? Não foi tão profundo assim, foi?

James balançou a cabeça.

- Não. Aliás, sim, eu acho... Mas não era nisso que eu estava pensando. É que eu acabei de ter uma sensação muito forte e estranha de que isso já tinha acontecido antes. E de repente me lembrei da história de Ralf.

Cedrico pareceu confuso. James continuou, fazendo movimentos com as mãos.

- É uma história que aprendemos em Literatura Mágica. A professora Revalvier diz que todas as histórias de magia foram feitas para serem transmitidas pela fala, porque as palavras escritas as prendem e as domam. As histórias sobre magia têm que continuar vivas. Elas vão mudando à medida que são contadas dependendo da pessoa que a conta. Eu não sei por quê; eu pensei apenas na última linha da história que Ralf nos contou na aula. É a única linha que eu consigo escrever exatamente igual quando eu tento.

- O que ela diz?

James pareceu pensativo.

- Então eu sou o Rei dos Gatos - disse James, sentindo o gosto de cada palavra. O fantasma de Cedrico ficou em silêncio. Depois de um momento, perguntou:

- Bem... O que significa?

- Esse é o problema - James falou, sacudindo a cabeça. - Não parece significar mais nada a não ser que eu não esteja pensando nisso. Daí, de repente ela vai aparecer na minha mente, como acabou de acontecer, e irá me parecer que ela é muito importante. Mas não consigo descobrir mais nada. É como ver alguma coisa pelo canto do olho, que some quando você se vira pra vê-la.

- Bom, eu acho que se isso é mesmo importante, você vai descobrir o que significa, quando precisar - Cedrico falou, encolhendo os ombros - Você disse que estava me procurando?

- Ah - James falou, se sacudindo - Bem, é... - suspirou, e depois olhou bem nos olhos semi-transparentes de Cedrico - Precisamos de sua ajuda, Ced. Não sei como dizer isso de outra forma. Nós estamos fundando um clube, Ralf, Rosa e eu. Na verdade, foi idéia de Noé, Sabrina e Damian, mas fomos nós que pedimos a Merlin e obtivemos permissão para pôr em prática e tudo mais. Bom, não somos os primeiros a fazer isso, pra ser sincero. Meu pai tinha um clube como esse, na época dele, embora tenha começado depois que você, sabe, é... Enfim, nós precisamos aprender feitiços de defesa e técnicas e o nosso novo professor se recusa a nos ensinar qualquer coisa a não ser como distender tendões. Temos permissão para começar com o clube, e à essa hora, toda a escola já está sabendo. A nossa primeira reunião é amanhã, mas sequer temos um professor. Por isso vim falar com você. Quando falamos sobre isso na primeira vez, você foi a primeira pessoa que Ralf, Rosa e eu achamos que poderia nos ensinar mágica defensiva.

- Você só pode estar brincando - falou Cedrico, dando um sorrisinho torto - Eu sou um fantasma, caso não tenha notado. Não somente não tenho uma varinha que funcione, mas também, tecnicamente, não tenho nem mesmo dedos. Não poderia nem mesmo atordoar um coelhinho. Já passo um tempo ruim o suficiente, apagando as luzes na minha rotina de "O Espectro do Silêncio". E você acha que eu posso ensinar técnicas e mágicas defensivas?

- Bom, é claro! - disse James, ficando mais entusiasmado sobre o rumo que a conversa estava tomando - Quer dizer, você foi um grande bruxo, mesmo na época que ainda era somente um aluno de Hogwarts! É o que todo mundo fala! Até mesmo Viktor Krum fala sobre como você enganou um dragão e superou os sereianos. Você tinha um talento nato pra essas coisas! Além do mais, você tem experiência em batalhas, porque participou de um Torneio Tribruxo. E você aprendeu com Dumbledore, que todo mundo diz, que foram os anos dourados de Hogwarts. Vamos, Cedrico! Você é a pessoa perfeita!

- Eu acho que não, James - disse Cedrico, seu sorriso se desfazendo - É muito legal que você tenha pensado em pedir isso a mim e tudo, mas...

- Olha, Cedrico, isso não é somente pra nós - disse James, chegando mais perto do fantasma - Você disse que pensava não haver mais um lugar pra você aqui. Todos os seus amigos e colegas de classe foram embora. Mas existem muitos de nós, e realmente precisamos de você, aqui e agora. Meu pai disse que você era excelente com seus feitiços e encantamentos. Eu sei que você ainda se lembra de tudo porque fantasmas não experimentam o tempo como os vivos. Vamos lá, o que você me diz?

O fantasma de Cedrico se afastava rapidamente, com o rosto abatido, enquanto sacudia a cabeça.

- Eu não posso, James. Parte de mim realmente quer fazer isso, mas eu não posso. Você não entenderia.

- Ora, Ced, tente apenas por uma ou duas semanas. Vai ser o máximo! Todo mundo vai gostar de você e eu tenho certeza que você vai estar apto a nos ensinar um monte de coisas novas. Além de...

James hesitou, não sabendo se devia continuar. Cedrico parou e olhou de volta para ele. James respirou fundo e continuou.

- Se lembra do ano passado, da noite em que conversamos no salão comunal da Grifinória? Você me disse que acreditava que Voldemort continuava nesses salões aqui, mesmo que estivesse morto. Bem, Rosa, Ralf e eu, nós vimos uma coisa. E... Eu venho sentindo coisas. Alguma coisa está acontecendo, e tem alguma coisa a ver com os antigos Comensais da Morte, e com a tumba de Voldemort, e uma criatura realmente assustadora com uma capa, que parece ser feita de fumaça e cinzas. Rosa pesa, inclusive, que o diretor possa estar envolvido, embora eu não concorde. O que eu estou tentando dizer é que, uma batalha pode estar se aproximando. Debellows não está nos ensinando nada que valha a pena usar em uma batalha de verdade. Nós só queremos estar precavidos. Queremos estar prontos. Você é da época que Voldemort ainda era vivo. Você sabe qual a melhor maneira de lutar contra essas pessoas. Você é perfeito pra isso, e nós precisamos de você.

Cedrico olhou James por um momento longo e tenso. Ele parecia estar em uma batalha consigo mesmo. Finalmente ele fechou seus olhos e olhou para longe. Depois disse, sarcasticamente:

- Você está certo sobre uma coisa, James. Eu tenho experiência em batalhas. Eu fui morto na minha primeira. Eu durei no máximo dez segundos.

James ficou boquiaberto.

- Ced, você não pode estar falando sério. Aquela noite, no cemitério... não foi uma batalha. Já ouvi papai falar sobre isso. Ele estava lá, se lembra? Pettigrew pegou você desprevenido. Você não pode realmente pensar que...

- Sério, James - disse Cedrico, levantando o olhar. Os olhos do fantasma eram muito graves - Não me pergunte sobre isso de novo. Eu tenho meus motivos. Eu não posso, tá bem?

James continuou olhando para o fantasma. Depois de um momento, suspirou profundamente e disse:

- Certo, Cedrico. Esqueça. Desculpe te incomodar. Até mais.

James se virou e começou a se afastar. Ele já estava na metade do caminho do corredor quando a voz de Cedrico falou:

- Dói?

James parou e fechou os olhos. Olhou sobre os ombros e perguntou:

- O quê?

Cedrico não havia se mexido. Ele estava parado perto da estante de troféus, olhando solenemente a James.

- A cicatriz na sua testa.

O coração de James parou de bater por um instante. Sem pensar, ele tocou o lugar onde tinha sentido a coceira e a dor estranha fora do escritório do diretor.

- Você pode vê-la? - Ele sussurrou fracamente.

Cedrico assentiu com um movimento da cabeça.

- Como... - James começou, mas sua voz falhou. Ele limpou a garganta e continuou - Como ela é?

A expressão de Cedrico não mudou. Ele sabia que James sabia.

- Ela parece com um raio, James. Igual a de seu pai. Só que a sua é verde. E brilha um pouco.

Os olhos de James estavam arregalados e seu coração estava acelerado. Aquele lugar em sua testa ficou quente. Sentia um formigamento ali, agora que pensava nela. Olhou para Cedrico, se sentindo impotente.

- Não se preocupe - disse Cedrico, prevendo a pergunta de James - Eu não acho que mais alguém possa vê-la. Além dos outros fantasmas, talvez. Ela está aí faz apenas uma semana ou duas. De começo ela era pouco visível. Agora... Bom, foi por isso que perguntei se dói.

A mente de James dava voltas. O que poderia significar? Porque estava acontecendo?

- Dói algumas vezes - admitiu - Mas só um pouco. Na maioria do tempo, só coça. Exceto uma vez, do lado de fora do escritório do diretos. Merlin olhou pra mim e... doeu. Mas só por um segundo.

Cedrico assentiu, solenemente.

- Preste atenção nisso, James. Ela deve estar aí por um motivo. Mas tenha cuidado. Pode ser que não seja confiável.

James assentiu, mal escutando. Ele olhou ao redor atentamente para se assegurar de que ninguém tinha se aproximado para ouvir a conversa. O corredor continuava vazio. Quando ele olhou de volta, o fantasma de Cedrico havia desaparecido.

- Cedrico? - sussurrou. Não houve resposta. James não tinha certeza se ele tinha realmente ido embora ou só se tornou invisível - Cedrico, se você ainda está aí, se mudar de idéia... Bom, você sabe aonde me encontrar, certo?

O corredor estava completamente em silêncio e tranqüilo. James tocou sua testa novamente, imaginando o que poderia significar, e se preocupando com isso. Finalmente, suspirou, se virou, e começou seu caminho de volta para as escadarias e para a sala comunal da Grifinória.



Assim que James entrou na sala comunal, ele contou à Rosa sobre sua conversa com Cedrico. Ela surpreendentemente compreendeu a posição do fantasma, sobre não querer dar as aulas, se lembrando da conversa que eles tiveram no corredor uma semana antes.

- Ele vai vir, provavelmente - disse Rosa, assentindo - A gente só tem que achar outra pessoa, enquanto isso não acontece. Isso é bom, sério. Nenhum dos alunos com que falamos hoje sabia sobre Cedrico mesmo.

- Mas quem mais nós poderíamos chamar para dar essas aulas enquanto isso? - James alarmou-se - As pessoas virão amanhã com expectativas, Rosa! A gente não pode simplesmente dizer pra eles abrirem os livros de D.C.A.T. e tentarem qualquer feitiço que quiserem! Seria uma bagunça total!

Rosa parecia pensativa.

- Nós poderíamos pedir a Vítor, talvez. Ele vai estar por aqui até o próximo final de semana. Ele sabe de muita coisa, com certeza.

- Ele é muito próximo de Debellows - disse James - Viktor contaria à ele na primeira oportunidade que tivesse e nós nunca saberíamos o fim disso tudo.

Rosa estava sondando a sala ociosamente. De repente, arregalou os olhos. Ela olhou de volta para James com um sorrisinho torto começando a aparecer em seus lábios.

- Bem, você tem alguém que já está entre nós que parece saber bastante sobre D.C.A.T.

- Os mais velhos não querem - James sussurrou - Nós já passamos por isso com eles, Rosa.

- Na verdade - disse Rosa, olhando pelo canto do olho - Essa pessoa de quem eu estava falando, é um ano mais novo que você.

James seguiu o olhar da prima. Escórpio Malfoy se sentava em uma mesa do outro lado da sala, folheando sem vontade as páginas de um livro. Ele olhou, notando o olhar de James e suspirou ligeiramente.

- Nem em mil anos, Rosa - James falou irritado, se virando de volta e cruzando os braços - Nem em um milhão de anos.

- Eu só estou dizendo - Rosa disse inocentemente- Você disse que viu ele usando o feitiço paralisante em Alvo no trem. E todos os outros do segundo ano têm falado sobre o que ele fez com a sua cabeceira de cama, que, você tem que admitir, foi bem impressionante. Ele já sabe levitação, e...

- Não, Rosa! - gritou James, interrompendo - Prefiro ter todo um curso com Debellows e o seu corredor polonês a pedir a ele que me ensine alguma coisa.

- Você está querendo falar em nome do resto do clube também?

- Ele não é um professor! É um imbecil! Ele provavelmente nem faria isso se nós pedíssemos! Pessoas como ele, não gostam de compartilhar o que têm.

Rosa alisou sua roupa elegantemente.

- Bem, você não vai saber, se não tentar. Sério, James. Nós queremos um professor ou não?

James sacudiu a cabeça.

- Nós queremos um professor, não um pequeno idiota que sabe alguns truques. Se você quer que ele ensine, vá você pedir a ele.

- Talvez eu faça isso mesmo - replicou Rosa alegremente. Ela pegou suas bolsas e saiu andando. James observou-a, mas ela simplesmente subiu as escadas para o dormitório feminino. Se ela falava sério sobre convidar Escórpio para ensinar o novo clube de D.C.A.T., aparentemente ela não estava pensando em fazer isso nessa noite. Depois de um tempo, James subiu as escadas no lado oposto da sala.

Assim que ele se arrumou para dormir, ele pensou cuidadosamente sobre a conversa que tivera com o fantasma de Cedrico. Ele deveria ter imaginado que Cedrico recusaria a sua proposta de dar as aulas ao clube ainda que parte dele parecesse mesmo querer dar essas aulas. E o que poderia significar que Cedrico estava vendo uma cicatriz verde e brilhante na testa de James? Depois que James terminou de escovar os dentes no banheiro, ele se inclinou para a frente, se olhando no espelho. Até onde ele podia ver, a sua testa estava sem cicatriz nenhuma. E ainda, agora, ele podia sentir aquele formigamento estranho. Com frequência, ele tinha visto pessoas apontando para seu pai, reconhecendo-o pela sua famosa cicatriz, e James tinha pensado que seria legal ter uma como aquela. Na época, James não entendia o preço que seu pai tinha pago por

aquela cicatriz. Mesmo agora, ele não poderia entender completamente, mas entendia o bastante. Sabia o bastante para não querer uma coisa daquela para si mesmo. Por um tempo, no último ano, James tinha lutado com as expectativas de seguir os passos do famoso pai. Agora, James sabia que esses passos eram demasiado grandes para ele. E mais importante, James tinha seu próprio caminho por trilhar, e esse caminho era exclusivamente seu. Não era somente uma cópia do que seu pai tinha feito. Ele tinha aprendido essa lição, não tinha? Então o que estaria acontecendo com essa “cicatriz fantasma”? O que ela estava tentando dizer a ele? E ele poderia confiar nela?

Não tinha sentido se preocupar sobre aquilo. Mas ainda assim era difícil de esquecer. Eventualmente, quando subia para sua cama, James se distraiu tentando pensar em alguém que poderia servir como professor do novo clube de D.C.A.T.. Ele não conseguiu pensar em ninguém, e com certeza ele não iria pedir a Escópio, mas isso afastou de sua mente os pensamentos sobre o misterioso formigamento na sua testa. Enfim, eventualmente, James pegou no sono.



Havia vozes, ecoando confusamente, ou talvez fosse apenas uma voz, mas os ecos faziam com que parecesse mais. James não conseguia entender nenhuma das palavras, mas o som da voz era ao mesmo tempo consolador e enlouquecedor, como se arranhar numa era venenosa. Estava escuro, mas havia lampejos de alguma coisa como reflexos de luz em uma espada, rasgando o ar. Abaixo da voz, havia um estrondo, um retumbar de maquinaria antiga e um gotejo de água, tudo ecoando, desorientadamente. Se podia ouvir passos andando sobre pedras, e a voz ficou mais próxima. James podia escutar as palavras, mas elas eram desconexas e estranhas. Apareceu uma luz, como se fosse através da água. Era verde, e havia rostos nela. Um homem e uma mulher, fazendo sinais, sorrindo tristemente, esperançosamente...

- James, você está sonhando, seu grande idiota. Acorde!

Uma bolsa bateu na cabeça de James e ele se levantou com susto, piscando.

- Já estava na hora - disse Graham, sonolento - Estou tentando te acordar já faz quase um minuto. Você sempre fala dormindo?

James olhou, com muito sono, para Graham.

- Como eu poderia saber - resmungou - Se eu estou dormindo?

O sonho passou pela sua memória como um bando de mosquitos, mas ele não conseguia se lembrar de muita coisa. A luz do amanhecer entrou no quarto assim que Graham saiu de sua cama.

- Bem, nós tínhamos que acordar, de qualquer forma - disse Graham - Eu sinto o cheiro de bacon daqui. Vamos logo nos servir antes que Hugo acorde e acabe com toda a comida.

O dia se transformou numa tarde de outono maravilhosamente quente. As turmas da manhã passaram, e James apenas olhou, distraído, pensando em parte sobre o sonho da noite passada, em parte sobre quem poderia presidir as aulas do clube de D.C.A.T. daquela tarde, e em parte sobre as palavras preocupantes de Cedrico sobre a cicatriz fantasma na sua testa. Em algum ponto, James conectou os pensamentos sobre sua cicatriz com os sobre o sonho, lembrando que a cicatriz de seu pai uma vez servira como uma ponte até os pensamentos de Voldemort. Mas Voldemort estava morto fazia muito tempo. A cicatriz do seu pai não doía há mais de vinte anos. O que quer que a cicatriz fantasma na testa de James significasse, não poderia ser uma ligação com algum lorde das trevas em processo de ressurreição, senão seu pai teria sentido muito antes.

A menos, James pensou de início, que isso esteja conectando ele a linhagem, o sucessor secreto de Voldemort que o espírito da árvore lhe falou no ano passado. James tremeu deitado na grama na aula de Trato das Criaturas Mágicas de Hagrid. Como ele poderia estar ligado com a linhagem? Seu pai, Harry Potter, era o que tinha cicatriz, não ele. Por que ele?

A batalha de seu pai terminou, o espírito da árvore tinha dito, A sua começa.

- James - disse Hagrid, olhando para ele por cima dos outros alunos - algo errado com a toca da enguia?

James olhou pra baixo, para a bagunça de lama amarelada na frente de seus joelhos. Enfiou uma mão na lama, procurando pela *enguia mucosa* que ele tinha acabado de plantar.

- Não, não, tudo certo, Hagrid. Tão enlameado quanto poderia estar. Sério, está tudo certo.

- Isto é completamente repulsivo - Ralf disse, enfiando sua mão na sua própria escavação. Ela afundou com um barulho nojento. De repente, ele suspirou, e puxou a cauda balançante de sua enguia mucosa para fora da lama.

- Muito bom! - disse Hagrid, alegre - Ralf conseguiu colocar a sua em posição vertical. O quão logo a enguia estiver virado para baixo, ela crescerá torto. Só acaricie sua barriga devagar e com carinho. Isso vai fazê-la hibernar. Então poderemos coletar o lodo. Um item muito útil, o lodo de uma enguia mucosa.

Graham se sacudiu, e porções enormes de lama saíram de seus dedos.

- Afinal, isso é uma planta ou um animal, Hagrid?

- Bem, em que aula vocês estão, Sr. Warton? - Hagrid perguntou em resposta.

- Trato das Criaturas Mágicas - Graham respondeu monotonamente.

- Então, já que não é aula de Herbologia do Prof. Longbottom - disse Hagrid sorrindo - Eu suponho que nós podemos afirmar que a *enguia lodosa* é uma criatura mágica com algumas tendências vegetais não-usuais, não podemos?

- Hagrid! - Morgana Patonia chamou de repente, lutando para manter sua voz audível - Eu acho que puxei minha enguia muito forte!

Todos olharam. Morgana tinha se levantado de uma vez e estava segurando sua enguia mucosa à distância de um braço, encolhida de medo da criatura repugnante de um metro de comprimento. Pedacos de limo verde caíam da enguia, espalhando-se pela blusa de Morgana e pelo chão abaixo.

- Não solte! - gritou Hagrid, levantando as mãos - Ponha-a dentro de sua cova novamente, mas não a solte! Ela vai se arrastar até o lago, e nós nunca mais a veremos de novo e essas enguias são muito valiosas! Apenas abaixe-a com cuidado, primeiro a cabeça pra dentro da cova, é isso mesmo, Srta. Patonia.

Ralf assistiu Morgana colocar sua enguia de volta à sua bagunça lamacenta. A sua cara era de desgosto total. A cabeça em formato de flecha da enguia encostou na lama e o corpo se adiantou, tentando entrar na cova.

- Aí vamos nós, então - Hagrid suspirou, relaxando - Nenhum dano causado. Uma boa lição para todos nós, na verdade. Deixe a cabeça na cova. Melhor prevenir do que remediar, não é, senhorita Patonia?

Morgan sorriu animada, com o aspecto de quem lamentava algum erro, e ela realmente lamentava muito. O limo brilhava em algumas partes de sua roupa.

- Antes de eu descobrir que era um bruxo - Ralf disse melancolicamente, olhando para a blusa de Morgana - Eu planejava ir para a Escola Byron Bruggman para Garotos. Eu aposto que eles nem sequer trabalham com enguias mucosas ali.

- Apenas pense no que você estaria perdendo - disse Graham, sorrindo compassivamente. Jogou um pouco de limo em Ralf com seus dedos.

Mais tarde naquele dia, James estava em seu caminho através dos corredores lotados, olhando ao redor supersticiosamente, como se estivesse sendo seguido. O período livre da tarde tinha sido escolhida pela professora Curry para as audições, e James estava indo para a aula de Estudo dos Trouxas. Numa encruzilhada de corredores, James encontrou-se com Rosa e Ralf, que estavam conversando animadamente.

- O que vocês dois estão fazendo? - James perguntou, parando e olhando de um para o outro.

- Bem, eu estava indo assistir a audição de Petra para o papel de Astra - respondeu Rosa - se estiver tudo bem pra você, primo.

- E eu estou indo junto porque a outra alternativa era começar o meu trabalho de Poções - Ralf respondeu - Rosa disse que me ajudaria se eu esperasse até a noite. Uma escolha fácil. E você?

- Eu? - James disse, sua voz soando culpada - Nada. Sério. Eu só... A mesma razão. Tudo bem, vamos indo então.

Assim que entraram a sala de Estudo dos Trouxas, James sentiu seu rosto ficar vermelho. Ele andou rapidamente até a frente da sala, torcendo para que Ralf e Rosa não o seguissem. Ele sentou na primeira fileira, e ficou irritado ao ver que os dois se sentaram atrás dele.

- O que está acontecendo com você, James? - perguntou Rosa, sentando e franzindo o cenho, curiosa.

- Você encontrou já um lugar para as aulas do Clube de Defesa? - respondeu James, mudando de assunto.

- Siiiiiiim - disse Rosa lentamente, ainda estudando a expressão de James - O ginásio não está sendo usado na parte da noite, então eu consegui permissão pra nós nos encontrarmos lá. Já cuidei de tudo.

- O ginásio? - gemeu Ralf - Eu odeio aquele lugar. É onde o Prof. Debellows dá a aula dele. Foi o único lugar que você conseguiu achar?

- É o lugar perfeito pras reuniões - replicou Rosa rigidamente - Não tem mesas nem cadeiras para atrapalhar e já tem vários alvos para a prática de feitiços. E, eventualmente, quando começarmos a praticar duelos, o chão acolchoado nos será muito útil.

- Você tem certeza que praticar duelos é uma boa idéia? - Ralf perguntou - Eu quero dizer, James falou para o diretor que nós não praticaríamos uns nos outros.

- Os duelos são essenciais para aprender as técnicas defensivas apropriadamente, Ralf - disse Rosa, virando os olhos - Você não vai conseguir ter uma boa mira treinando feitiços em objetos imóveis. Além disso, eu prefiro que o diretor não fique sabendo da extensão do nosso treinamento. Ele poderia querer fazer com que nós fechássemos o clube.

James franziu a testa.

- Isso é ridículo, Rosa. Merlin provavelmente ficaria feliz em saber que estamos aprendendo técnicas reais de batalha.

- Ah é? Então pra quê ele contratou Debellows? - perguntou Rosa, erguendo as sobrancelhas.

- Esse tipo de decisão não cabe a ele - James respondeu, não muito certo do que tinha acabado de falar.

- Minha mãe e seu pai trabalham no Ministério, James. Nós dois sabemos que quem tem a palavra final quanto à contratação de professores é o diretor. Além disso,

Merlin não é o tipo de pessoa que deixa os outros tomarem decisões em seu nome. Debellows está aqui por que Merlin quer ele aqui.

Ralf falou:

- Isso não significa que ele está nos impedindo de aprender alguma coisa útil.

- Não - concordou Rosa - Mas se ele estivesse, Debellows seria uma boa maneira para que nós não aprendêssemos. E depois do que vimos no espelho, prefiro não me arriscar.

James abriu a boca para discutir com Rosa, mas naquele exato momento, a professora Curry se levantou e limpou a garganta.

- Muito obrigado a todos por terem vindo - Ela pronunciou, vibrante - Essas audições não estão acontecendo em horários de aula obrigatórios, então entenderei a presença de vocês aqui como um interesse saudável na nossa produção que muitos de vocês vieram observar. Claro que não é assim que as audições são feitas nos teatros dos Trouxas, mas pelo interesse de ensino, escolhemos um sistema de escolha mais público. Hoje, completaremos as audições para Astra, Treus, o Rei Julian e a Bruxa Verruguenta. As decisões finais serão tomadas por mim mesma e pelos representantes eleitos dos maiores departamentos teatrais. Mostremos agradecimento ao chefe de departamento de palco, Sr. Jason Smith, à figurinista, Srta. Gennifer Tellus, ao diretor de elenco, Sr. Hugo Paulson, e finalmente, à minha diretora associada e assistente oficial de produção, Sra. Tábita Corsica.

Os quatro representantes estavam sentados em uma longa mesa colocada na parte da frente, posicionada em um ângulo em que poderia encarar ambos, a sala e a área designada para servir de palco para as audições. Os quatro alunos aceitaram os aplausos pouco entusiasmados, acenando com a cabeça e sorrindo. Hugo se levantou e abriu os braços como se estivesse recebendo um prêmio. Ele fez uma enorme reverência, e Gennifer puxou-o de volta para o seu assento, revirando os olhos. No fim da mesa, Tábita sorriu. Por um momento, ela cruzou olhares com James e piscou. James franziu o rosto pra ela.

- Primeiro de tudo - disse a professora Curry, consultando um rolo de pergaminho na sua mão - Nós veremos as duas últimas candidatas ao papel de Astra. Srta. Josefina Bartlett, sétimo ano, Corvinal, vai ser a primeira. Por favor, como sempre, o silêncio do público é bem vindo. Isso significa, sem aplausos, obrigada. Srta. Bartlett, quando quiser.

Josefina Bartlett andou graciosamente até a parte da frente da sala, suas vestes balançando ao seu redor e seus compridos cabelos loiros refletindo os raios de sol vindos da janela.

- Muito obrigado, todos vocês, e principalmente, aos membros do comitê - disse Josefina, sorrindo triunfantemente - Independentemente de quem escolherem, essa será uma oportunidade maravilhosa para mim e para todos os outros candidatos.

- Apenas leia, Josefina - disse Gennifer, arqueando as sobrancelhas.

O sorriso de Josefina diminuiu um pouco, ela fulminou Gennifer com os olhos, e, de repente, deixou seus braços e sua cabeça caírem como se tivesse sido desligada. Ela respirou profundo, aparentemente encarando o chão entre seus pés. Então, lentamente, ela levantou a cabeça. Seus olhos estavam brilhando. Ela olhava para além do grupo de alunos, com uma expressão de angústia no rosto.

- Eis aqui! - ela exclamou, levantando seus braços tão rápido que suas mangas ondularam. Ela apontou diretamente para a frente. Sentado na mesa do comitê, Hugo olhava, de fato, para ver o que Josefina estava apontando. Gennifer cutucou-o com seu cotovelo. Josefina deu um enorme e trêmulo suspiro - Que a luz do sol fenecente ilumine a vela do meu amado que retorna, ou meu cerne sedento está a enganar meus olhos? Se jaz agora na mais profunda tumba do oceano, então não permita que minh'alma acorde, nem que os sonhos ferventes passem: está melhor jazendo em uma cripta de sonhos do que andando morta-viva, o mundo, meu inferno, sem meu amado Treus! Escutai, coração meu, a ponto de te romper, deves fazê-lo! Ó Treus, és tu? Declarai tua chegada agora, ou deixai-me unir-me a ti na morte lúgubre. Mas não te atreavai a manter minh'alma nesta espera angustiante. Treus, façai a resposta ser sabida, ou permitai que minh'alma parta.... parta! Para fugir ao sono eterno... à morte.

Josefina ficou-se em silêncio, e uma única lágrima rolou pela sua face. Seus lábios tremiam. Então, de repente, sua face voltou ao normal. Limpou a lágrima com a manga e sorriu para a galeria. Houve um arquejar coletivo. Até mesmo James estava segurando sua respiração. Rosa olhou para ele, incomodada. James deu de ombros, e Rosa revirou os olhos.

- Muito bem, senhorita Bartlett - disse Curry de seu assento na mesa - Talvez um pouco... melodramático, mas com certeza bem invocativo. Algum comentário da mesa?

A face de Hugo estava cheia de rugas de concentração.

- O que significa "ferventes"?

Gennifer suspirou, e se virou para Josefina.

- Você obviamente tem praticado, Jo, isso se pode ver. Boa preparação.

- Me diga - falou Tábita, baixando seu olhar para o tampo da mesa, e franzindo a testa - Você tinha a intenção de representar Astra assim tão triste e desamparada, ou teremos que acreditar que ela passou por uma lobotomia frontal completa?

O sorriso de Josefina se esvaiu.

- Veja como quiser, Tábita. Eu não acho que mais alguém aqui compartilhe de sua interpretação... *profissional*.

- Não acredito que seja exatamente assim - disse Tábita docemente, sustentando o olhar no olhar de Josefina.

- Se você queria esse papel - disse Josefina, desfazendo seu sorriso - Então deveria ter se inscrito para as audições. De outra maneira, deixe os que sabem atuar fazerem seu trabalho.

- Observação anotada, Srta. Bartlett - disse Curry rapidamente - Sinta-se livre para voltar a seu assento. Agora, a outra candidata para o papel de Astra, Srta. Petra Morganstern, sétimo ano, Grifinória. Srta. Morganstern, está preparada?

Petra se levantou de seu assento nos fundos da sala. James se virou para vê-la se aproximar do palco. Ela tinha o roteiro com ela, e quando se virou para encarar a galeria, deu uma olhada nele. Os seus lábios começaram a se mover, quando ela leu as primeiras linhas.

- Eu tentei praticar com ela - sussurrou Rosa para James - Mas ela disse que queria improvisar, sem praticar. Eu juro, provavelmente ela nem leu todo o roteiro ainda.

Petra baixou o roteiro, e tossiu no punho. Finalmente, ela olhou para cima, para a multidão de alunos, com seu rosto quase sem expressão, a não ser por uma ligeira franzida perto da sobrancelha. Foram quase dez segundos de silêncio, e James estava preocupado, achando que Petra tinha esquecido de suas falas logo na primeira linha.

Finalmente, quase em um sussurro, Petra disse a primeira palavra da alínea:

- Escutai.

A sala inteira pareceu inclinar-se um pouco para frente enquanto Petra lia sua fala, silenciosa, concentrada, como se estivesse lendo pra si mesma. A sua voz aumentou para um tom normal, quando ela terminou de ler.

- Ó, Treus, és tu? - ela disse, e sua voz estava repleta de dúvidas, como se ela soubesse que a esperança de Astra estava mesmo por um fio - Declarai tua chegada agora, ou deixai-me unir-me a ti na morte lúgubre... - ela pausou, e sua voz baixou novamente, para um quase-sussurro - Treus, façai a resposta ser sabida, ou permitai que minh'alma parta.... parta! Para fugir ao sono eterno... à morte.

Petra parou, sua face ainda tinha a mesma expressão. Ela parecia olhar para além das paredes do fundo, para alguma coisa muito longe, como se fosse uma miragem. Então, sem olhar para o comitê, ela colocou seu roteiro embaixo do braço, e começou a andar de volta para o seu lugar no fundo. James observou-a até que ela sentasse no seu assento.

- Muito bom, Srta. Morganstern - disse a Professora Curry - Um pouco suave demais para o palco, mas nós podemos trabalhar nisso, quando o momento chegar.

- Ela não leu o segundo "partir"! - Josefina reclamou de seu assento.

Não houve nenhum comentário do comitê a respeito disso. Curry se levantou, pegando seu rolo de pergaminhos novamente e ajustando seus óculos.

- A seguir, teremos os últimos candidatos para o papel de Treus. Nós restringimos as candidaturas aos alunos dos primeiros anos, já que Treus tem que ser mais novo do que os dois pretendentes de Astra.

O rosto de James corou. Ele não tinha contado ainda para Rosa e Ralf que ele tinha se candidatado para o papel. A primeira audição de James, tinha corrido realmente bem, embora tenha sido apenas a Professora Curry e alguns primeiranistas que serviram de platéia. Ele nem sabia quem seriam os outros candidatos. Ele olhou para Rosa e Ralf.

- Eu tenho que contar uma coisa pra vocês - ele sussurrou.

- Shhh! - Rosa tentou silenciá-lo.

- Apenas dois candidatos continuam disputando pelo papel - disse Curry - Um sonserino e um grifinório. Mas, ironicamente, os dois da mesma família. Primeiramente, em ordem alfabética do primeiro nome, já que os sobrenomes são iguais - ela falou, com um sorriso - Primeiro ano, Sonserina, Alvo Potter.

Simultaneamente, as bocas de James, Ralf e Rosa se abriram. Rosa e Ralf olharam para James, mas ele se girou no assento para olhar o seu irmão. Alvo se levantou de seu lugar, e correu para a frente da sala, sorrindo e dando de ombros para James. James não conseguia acreditar. Alvo, num teatro? Claro, não era muito mais surpreendente do que James ter se candidatado também, mas mesmo assim ainda continuava sendo. Então era isso que tinha significado a piscada de Josefina para a mesa do comitê, provavelmente ela botou essa idéia na cabeça de Alvo, somente para implantar discórdia entre os irmãos. E Alvo deu a vitória pra ela nessa tentativa. James respirou ruidosamente.

- Seu pequeno idiota! - Rosa falou, cutucando James com seu cotovelo - Porque não nos disse nada?

- Eu tentei! - respondeu James, ainda olhando seu irmão trotar até o palco - É... Há uns dez segundos.

Alvo aparentemente tinha decorado suas falas. Ele pigarreou, e olhou para a mesa do comitê.

- Eu tenho que falar alguma coisa? - ele perguntou brevemente - Essa é somente a minha segunda vez tentando um papel. Eu tenho que agradecer a academia, ou alguma coisa assim?

- Isso vem bem depois, Sr. Potter - falou Curry, sorrindo - Apenas leia suas falas, por favor. Quando quiser.

Alvo assentiu. Ao olhar de James, o irmão não parecia nem um pouco nervoso. Saltou nas pontas dos pés, rapidamente, e depois abriu os braços, como se abraçasse a sala inteira.

- Maldito Donovan! - chorou, sua face se obscurecendo - Traidor infeliz! Se houvesse algum espaço em meus pensamentos para mais di que os feitiços de Eros e a vaidade, eu teria visto o maléfico complô se formando. Meu orgulho espevitado e

sinistro deixou-me levar por aquela língua nojenta, e meus sonhos de fama aceitar essa missão da danação; e agora estou muito longe de obstruir tua vitória vil e viciosa. Ó Astra, esposa minha até o coração, revertai minhas velas e mandai vento para levar-nos ao norte; nós ainda podemos destruir a tempestade vilanídea! Nos braços nós levaremos, ó homens, para sustentar a força da verdade justa; a lança para perfurar aquele coração mentiroso! Mas tomai cuidado, suas nuvens bloquearam o sol, e o tempo tornou-se nosso inimigo! Bruxos e homens, empunhai vossas varinhas e sagacidade para lutar contra os mares violentos esta noite, que ao amanhecer teremos nossa vitória, ou deitaremos nas camas arenosas do oceano: o templo da nossa glória combatida!

Alvo terminou seu comovente discurso com um grito triunfante, sacudindo uma varinha invisível ao céu. Houve mais algumas risadinhas, e alguns sussurros encorajadores. Esse discurso foi, afinal, um clássico grito de batalha do mundo mágico. Alguns espectadores corajosos recitaram a última linha com Alvo, sorrindo e sacudindo suas próprias varinhas invisíveis.

- Muito obrigado, Sr. Potter - Curry falou, num tom de voz alto, calando os sussurros da sala - Bem animador, mas não exatamente tão grave quanto era de se esperar. Os soldados não estão indo para um jogo de Quadribol; eles estão encarando a possibilidade de sua própria morte. Era de se esperar que seu líder fosse um pouco menos frívolo. Ainda assim, foi uma performance bem entusiasmada. Por favor, volte para o seu lugar.

Curry não precisou olhar seus pergaminhos. Quando Alvo se retirou, sorrindo e aceitando os aplausos de alguns de seus amigos, Curry olhou diretamente para James.

- E agora, também candidato ao papel de Treus, o Potter mais velho, James. Segundo ano, Grifinória. Quando estiver pronto, senhor Potter, o palco é seu.

James se sentiu grudado a seu assento. Ele tentou se levantar, e passou rapidamente por Ralf e Rosa. Na hora que ele chegou ao palco, sentiu sua mente ficar em branco. Ele tinha decorado todas as suas falas, mas agora, distraído por causa da apresentação surpresa de Alvo, ele não conseguia lembrar nem mesmo da primeira palavra. Ele olhou para o comitê, e sorriu timidamente. A Professora Curry sorriu, encorajadora. Tábita sorria presunçosa, obviamente gostando da situação desconfortante em que James estava. Um choque de raiva percorreu o corpo de James quando ele viu aquele sorriso, e com aquela raiva, ele lembrou das duas primeiras palavras das suas falas.

- Maldito Donovan! - disse James, voltando a olhar para a galeria. O seu olhar encontrou-se com o de Alvo, e sua raiva aumentou. Queimava a fogo lento em suas palavras, enquanto as pronunciava entre dentes cerrados - Traidor infeliz! Se houvesse algum espaço em meus pensamentos para mais di que os feitiços de Eros e a vaidade, eu teria visto o maléfico complô se formando... - Assim que as palavras continuavam vindo-lhe à mente, James permitiu que seu próprio ressentimento lhe servisse de

combustível. Sua voz subiu de tom, e ele permitiu-se olhar para Tábita pelo canto dos olhos. Ele estava enormemente satisfeito ao ver que ela já não estava mais sorrindo - Bruxos e homens, empunhai vossas varinhas e sagacidade - James disse, remoendo a idéia de uma luta real, - para lutar contra os mares violentos esta noite, que ao amanhecer teremos nossa vitória, ou deitaremos nas camas arenosas do oceano: o templo da nossa glória combalida!

Rosa logo começou a aplaudir. Ralf e alguns outros alunos juntaram-se à ela, mas forma logo interrompidos por apenas um olhar da professora Curry.

- Muito apaixonante, eu devo dizer, Sr. Potter - ela disse, apreciando - Não tenho certeza de onde tirou tanta motivação, mas foi bem real. Pode voltar a seu lugar. A seguir, teremos a Srta. Asla Doone, segundo ano, Grifinória, candidata ao papel da Bruxa Verruguenta. Srta. Doone, o palco é seu.

Asla se aproximou do palco, já em seu personagem, curvada e cambaleante. Ela chegou no palco, parou, e virou-se, chiando e dobrando seus dedos como garras. James, sentando-se na primeira fileira triunfantemente, teve que suprimir um sorriso.

- Aquilo foi espetacular! - sussurrou Rosa na orelha dele - Eu nunca teria imaginado que você fosse capaz daquilo!

- Mas você foi a pessoa que me disse que eu deveria me candidatar para o papel - James sussurrou de volta.

- É, bem, eu estava apenas sendo educada - ela admitiu - Mas agora estou feliz que o tenha feito. Foi realmente incrível. Eu me arrepiei.

Vinte minutos depois, a multidão se enfileirou na saída da sala de aula de Estudos dos Trouxas. James seguiu Rosa e Ralf pelo corredor e parou, com os olhos arregalados.

- Não se faça de surpreso - disse Rosa, dando tapinhas nos seus ombros - Você estava brilhante. Você merece o papel.

- Mas eu não sou um ator - James falou, olhando-a.

- É um pouco tarde para se preocupar com esse pequeno detalhe - disse Ralf sorrindo.

Alvo abriu espaço pela multidão com seus ombros, se aproximando do irmão.

- É, eu não queria estar no palco mesmo - ele disse, abrindo os braços - Se divirta mandando olhares amáveis para Josefina.

- Nem me lembre disso - disse Rosa - Eu não acredito que eles escolheram ela e não Petra.

- Eu acho que ela fez uma apresentação maravilhosa - disse Ralf, olhando o teto.

- Você acha que ela estava maravilhosa na hora da apresentação - retrucou Rosa, balançando a cabeça - Eu conheço você, Sr. Ralf Deedle.

- Isso não é verdade - disse ele defensivamente - Bem, quer dizer, é verdade, mas não é por isso que eu acho que ela mereça o papel.

Tábita saiu da sala de aula e olhou para Alvo. Ela sorriu e veio andando até o grupo.

- Meus parabéns, James. Atuação inspiradora. É bom ver que você e Alvo não são tão competitivos em algumas coisas, pelo menos.

- Por favor, Corsica - James disse, virando-lhe as costas - Não tente parecer feliz, já que nós não estamos pulando um na garganta do outro.

Tábita olhou tristemente para James, mas a face de Alvo obscureceu.

- O que diabos você tem de errado, James? Você age como se Tábita tivesse alguma coisa contra nós. Eu aposto que você não sabe que ela votou em você para o papel! E eu concordei com ela! Então porque você não cede um pouco, hein?

James estava para responder seu irmão, quando uma outra voz impediu-o.

- Tábita não votou em *mim*, e mesmo assim eu ganhei o papel - disse Josefina. Ela sorriu para Tábita de onde estava, cercada por um bando de meninas da Corvinal - Placar: um para "lobotomia frontal completa", zero para "interpretação profissional".

As garotas riram e logo depois se afastaram, junto com Josefina. Tábita parecia tão calma como sempre, mas ela tinha esquecido que James estava ali. Andou pelo meio da multidão sem olhar para trás, aparentemente seguindo Josefina e sua gangue. Alvo olhou para James de um jeito nervoso e foi embora também.

- Eu vou procurar Petra - disse Rosa, sacudindo a cabeça em sinal de desgosto - Ela com certeza está desapontada por não ter conseguido o papel. Eu vejo vocês dois no ginásio depois da janta. Não esqueçam.

- Não esqueceremos - Ralf respondeu, entediado.

- Na última meia hora eu tinha esquecido completamente sobre essa reunião - James queixou-se, se virando para seguir a multidão pelos corredores até o Salão Principal para o jantar.

- Não se preocupe com isso - Ralf falou rindo - O que é uma pequena reunião do Clube de Defesa para Treus, o conquistador do Mar Cáspio?

- CAPÍTULO 9 -

A Dama do Lago



James se sentou com Graham e Hugo no jantar, deixando de escutar a maior parte da conversa, enquanto se concentrava na melhor forma de dirigir a reunião do Clube de Defesa. Rosa tinha comido rapidamente e foi adiante de todos para se certificar que o ginásio estivesse pronto para eles, e Ralf estava ocupado anotando os nomes de todos que tinham tido interesse em se envolver. A lista tinha crescido bastante e a agitação de James sobre as aulas crescia também proporcionalmente à medida que a lista aumentava. Mesmo ele compartilhava a responsabilidade com Ralf e Rosa, ele não podia evitar sentir que os membros iriam fazer dele o líder simbólico do clube. Finalmente, tendo apenas comido, James se levantou da mesa. Não haveria problema em chegar ao ginásio um pouco mais cedo também, e sabia que, de qualquer modo, seria reconfortante estar perto de Rosa. Ela parecia despreocupada sobre todo o assunto. James suspeitava que sua descendência Weasley a fazia “gostar” da constante e frívola incerteza e do desastre potencial.

Logo quando abandonava o Salão Principal, James sentiu uma lancinante e anônima preocupação. Era como se tivesse esquecido algo importante, mas era impossível se lembrar o que seria. Até mesmo enquanto se movia pelos salões e corredores, havia uma sensação de ansiedade antecipada no ar. Estudantes moviam-se em grupo, obviamente absortos em suas conversas animadas, esperando pelos

acontecimentos da noite. James suspirou nervosamente num canto e virou-se para a entrada do ginásio.

- Aí está você! - disse Rosa como se estivesse esperando James há horas - O ginásio está quase pronto. Já tem algumas pessoas esperando do lado de fora. Só precisamos espalhar as almofadas e trazer algum dos quadros-negros.

- Por que precisamos de um quadro-negro? - perguntou James.

Rosa deu um olhar impaciente e respondeu-lhe:

- Para podermos escrever os feitiços e maldições que praticamos. Vai ser muito mais fácil para as pessoas se concentrarem se não tiverem que memorizar todos os feitiços na hora. Tem um quadro-negro com rodas perto da sala de Feitiços, no próximo corredor. Vá e traga-a aqui e assim poderemos começar.

Irritado por ter sido mandado fazer algo, mas agradecido pela distração proporcionada a ele, James virou-se e saiu do ginásio. Efetivamente, os estudantes estavam se reunindo no salão anterior. Apoiavam-se na parede e sentavam no chão em grupos distintos, todos olhando para James enquanto este passava.

- Nós vamos, ah, começar em alguns minutos. -disse James, tentando colocar alguma autoridade em sua voz. Ali perto, Cameron Creevey sorriu abertamente e o saudou com a mão. Alguns primeiranistas por ali, ficaram com os olhos bem abertos e excitados. James se surpreendeu com o numero de alunos. Havia muitos deles, porém não tanto quanto James tinha esperado. Ele devia ter se sentido aliviado, mas não se sentia assim. Aquela preocupação se instalou sigilosamente nele de novo. O que ele estava esquecendo?

James caminhou para o próximo corredor, que estava mais escuro e completamente vazio. Ele aproximou-se à sala de Feitiços e a encontrou destrancada. O quadro-negro estava em uma armação de madeira, e estava localizado em um canto da sala. Pequenas rodas de metal estavam presas nas pontas de baixo da lousa. James agarrou um extremo do marco e começou a empurrar o quadro-negro, mas as rodas estavam enferrujadas. Elas avançaram e arranharam o chão enquanto ele empurrava.

- Precisa de alguma ajuda Sr. Potter? - perguntou uma voz vinda da porta.

James virou rapidamente, como se estivesse sendo pego fazendo algo ilegal. Merlim ficou parado à porta, quase bloqueando-a completamente. Sua silhueta estava muito escura devido à baixa luminosidade na sala.

- Eu... - começou James, sentindo-se surpreso por estar nervoso. Afinal, eles tinham conseguido permissão para começar o Clube de Defesa, não tinham? E ainda assim ele sentia uma extrema dificuldade em contar ao diretor o que estava fazendo. - Só estou tentando mover o quadro-negro. Nós, eh, queremos pegá-lo emprestado. Para fazer algumas anotações.

Merlim assentiu com a cabeça inescrutavelmente.

- E como vão os preparativos para as suas aulas práticas do clube de defesa, James?

O coração de James acelerou.

- Ah, bom. Bem! Como sabe, temos estado muito ocupados. Mas... bem!

- Você gostaria de ajuda com isso?! - disse Merlim com sua voz baixa e retumbante. - Eu ficaria feliz de colocar o quadro-negro em qualquer lugar que você desejar. Se alguém desconfiasse do que está fazendo, eu poderia comprovar que você está realmente "o pegando emprestado".

- Não, obrigado - disse James rapidamente, soltando o quadro-negro. - Na realidade, acho que não precisamos de verdade. Foi só uma idéia, mas acho que não vale a pena arriscar. Verdade.

Merlim não se moveu durante um longo tempo. Finalmente, pareceu relaxar e sorriu.

- Como desejar James.

O grande homem se virou para ir embora, e James sentiu uma grande sensação de alívio, quando o olhar fixo e ténue de Merlim o deixou. O clube ia ter que ser feito sem o quadro-negro, James disse a si mesmo. Ele atravessou a escura sala e estava perto da porta quando Merlim virou-se, com os olhos dele piscando no sombrio corredor.

- Honestamente, eu não esperava vê-lo aqui essa noite, James - disse o grande bruxo, curiosamente.

James não sabia muito bem o que responder.

- Er... não? Aonde você esperava que eu estivesse?

- Hoje à noite, e muito importante para muitos alunos. Entendo que mesmo aqueles que não desejam participar têm a intenção de assistir e ver todo o procedimento. E por isso eles geralmente querem saber como vai ser a temporada.

Uma súbita sensação de perda e afundamento encheu James. As bochechas dele de repente ficaram frias.

- Oooh, não... - disse ele abrindo muito os olhos - É hoje à noite! Por isso tem menos gente do que eu esperava no corredor! Já começou!

- Será possível que você esqueceu? - disse Merlim, com um estranho sorriso percorrendo levemente no seu rosto. - Eu assumia que você era um típico torcedor de quadribol. Se você correr e apressar, vai conseguir assistir o final dos testes para as casas.

James mal o ouviu. Ele girou nos tornozelos e saiu em disparada no corredor, amaldiçoando sua falta de memória. Se ele não estivesse tão obcecado com o idiota Clube de Defesa, ele teria percebido que a primeira reunião iria coincidir com os testes para as casas no quadribol. Nem Rosa nem Ralf iriam fazer os testes, então não teriam checado se as datas bateriam. James tinha praticado o verão todo para ter uma chance de entrar para o time da Grifinória. Ele queria desesperadamente mudar a impressão

que deixou nos testes do ano passado. Além disso, até o Alvo estaria lá fora, fazendo os testes para pertencer ao time da Sonserina na vassoura amaldiçoada de Tábita Corsica. James sentia um impulso obsessivo de estar ali quando isso acontecer, mas ele realmente não sabia se era para proteger o seu irmão ou sabotá-lo.

James subiu a toda a pressa pelas escadas, já gritando a senha para entrar à sala comunal.

A Dama Gorda o xingou duramente por divulgar a senha ao corredor inteiro, mas James mal a ouviu, se deslizando pelo buraco do retrato no momento em que a pintura começava a se balançar para se abrir. Ele agarrou sua vassoura debaixo da cama, baixou as escadas de dois em dois até a sala comunal, e sentiu outra pontada de pânico, enquanto atravessava a sala vazia. Todo mundo estava já abaixo no campo, torcendo e aplaudindo, observando as provas, apoiando ao time. Supunha-se que James devia estar ali.

A Dama Gorda ainda o repreendia quando James abriu o caminho pelo buraco do retrato e desceu pelas escadas abaixo. Como ele podia ter esquecido? Se ele acreditasse que era possível, quase pensaria que Tabitha Corsica de alguma maneira o tinha planejado para que ele estivesse ausente, de modo que simplesmente não pudesse interferir com o teste de Alvo. Ao mesmo tempo, uma parte distante dele lhe preocupava se perder a primeira reunião do Clube de Defesa. Rosa provavelmente se daria conta para onde ele tinha ido tão como percebesse sua ausência, mas mesmo assim, seria uma decepção e um revés. Tinha aparecido Merlim nesse exato momento apenas para sabotar a primeira reunião do Clube de Defesa? Depois de tudo, ficou evidente que o diretor tinha estranhas formas de saber o que acontecia na escola. Merlim sabia o importante que era o quadribol para James. Era possível que ele tivesse enfeitiçado a James para que esquecesse os testes, só para se lembrá-lo a ele estrategicamente no último momento, mantendo-lhe assim afastado da reunião do clube?

Frustrado e irritado, saiu depressa para fora pela porta principal do castelo e atravessou rapidamente o pátio. Enquanto ele se virava para o campo de quadribol, ouviu o som enlouquecedor de aplausos e o assobiar. Era quase noite, mas James podia distinguir as silhuetas dos jogadores de quadribol sobrevoando o campo, suas capas ondeando alegremente ao vento. Era muito tarde, mas James não podia se forçar a voltar. Ele amaldiçoou sua sorte outra vez. Como *podia* ter esquecido os testes de quadribol? Ele não teria acreditado que fosse possível. O que ele ia dizer a sua mãe e a seu pai? Como poderia conviver com seus colegas de Casa?

Com certeza, Escórpio Malfoy bem o aproveitaria. *Vejo, Potter, diria, você esqueceu os testes, certo? Estranho. E estávamos todos ansiosos para sermos assombrados e impressionados com sua atuação. Talvez você se lembre ano que vem.*

A multidão já estava indo quando James chegava ao campo. Ele encontrou-se passando laboriosamente através dela, sem saber realmente o que eu estava procurando, mas recusando a não desistir. Considerou o subir-se na sua vassoura e simplesmente sobrevoar o campo, mas resistia-se chamar muita atenção sobre si. Finalmente chegou a grama do campo e se apresentou ao capitão de quadribol da Grifinória, Devindar Dás, recolhendo as vassoura da Casa.

- Dev! - chamou James, ofegando -, diga-me que não é tarde demais!

Devindar parou e virou o olhar para trás.

- Onde você estava, James? Já terminou. Estava desejando ver o que você podia fazer este ano.

- Esqueci completamente... de algum modo... - admitiu James desesperadamente - Deixe-me fazer o teste de qualquer jeito! Estou pronto!

Devindar negou com a sua cabeça.

- Não posso, James. Já foram preenchidas todas as posições. Honestamente, temos um time muito forte esse ano. Nós precisamos de você mais no próximo ano, uma vez Hugo e Tara saírem da escola.

James ficou pasmo e sem fala. Deteve-se no ato, respirando cansadamente depois da corrida em direção ao campo. Ele olhou ao redor impotentemente, aos estudantes e jogadores que estavam indo. Luís Weasley estava se aproximando da arquibancada de Lufa-Lufa.

- O que aconteceu com você, James? - disse-lhe Luís - Alvo estava procurando você.

James passou uma mão por seu cabelo, frustrado.

- Não quero nem falar sobre isso. Como Alvo foi?

- Oh, ele esteve absolutamente brilhante - contestou Luís com entusiasmo. - Vitória diz que foi o melhor teste de um primeiranista que ela já viu. Até mesmo, aposto que foi o melhor desde seu pai! Será o apanhador da Sonserina. É perfeito, em um modo, não acha? Digo, seu pai foi apanhador de Grifinória no seu primeiro...

- Sim, sim, já entendi, Luís - interrompeu James amargamente - Ele já foi?

- Sim, todo o time voltou junto. Alvo disse que te dissesse que baixe com Ralf se você pode. Está muito emocionado por tudo isto. Ele ia escrever a seus pais antes de mais nada. Aposto a que estarão absolutamente orgulhosos.

- Sim - James murmurou, arrastando sua vassoura e dirigindo-se para a parte de trás do campo. - Maravilha. Até mais, Luís.



- Realmente sinto muito, James - disse Rosa enquanto subiam as escadas para a sala comunal - Nunca eu tive a idéia de comprová-lo. E Ralf não é precisamente muito fã do quadribol, assim que ele nem se tivesse dado conta. O imagine e imediatamente assumi que você tinha ido correndo para o campo. Então, tive sorte?

- Foi um fracasso total - queixou-se James. - Me perdi de tudo. E acima de tudo, porque esta noite eram também os testes de Sonserina e, parece como se Al tivesse dado mil voltas e tivesse encantado ao mundo inteiro. Vai ser o apanhador da Sonserina.

- Oh - contestou Rosa alegremente, - bom, isso é muito legal, né? Ele ficará muito elegante com seu equipamento de proteção e sua capa verde. Aposto a que sua mãe e seu pai estarão muito contentes.

- Realmente desejaria que as pessoas deixassem de dizer isso - disse James sombriamente.

- Não culpo você de estar furioso por ter perdido os testes, James, mas que você fique com ciúmes de Alvo...

- Não estou enciumado, Rosa! - exclamou James - Todo é um truque! Tem que sê-lo! Os sonserinos simplesmente estão lhe pondo uma armadilha!

- E por que eles fariam isso? - perguntou Rosa simplesmente. - Se tivessem o coração tão negro como você diz, não estaria tentando enterrá-lo ao invés de apoiá-lo?

- Já eles não trabalham desse modo. Agora todos são uns sorrateiros e têm duas caras. O clube Colmilho e Garras de Tábita é só a versão deste ano do Elemento Progressivo. Foram aqueles que apoiaram o debate onde ela disse que meu pai era um mentiroso e uma fraude. Na realidade acreditam que Voldemort era um grande homem e que as pessoas como nossos pais tinham mentido sobre isso durante todos esses anos.

- Ninguém realmente acredita nesse disparate - respondeu Rosa. - Está na moda entornar o caldo. De qualquer maneira, Alvo pode cuidar de si mesmo. Não é uma marionete.

James franziu a testa.

- Ele não conhece a Tabitha como eu.

- Bom - disse Rosa, mudando deliberadamente de tema - o Clube de Defesa foi bem. Nós tivemos vinte e seis pessoas, que é muito boa coisa, considerando que os testes de quadribol eram esta noite. Em sua maior parte, só falamos dos objetivos do clube e

definimos as regras. Vou te pôr em dia mais tarde. Depois repassamos alguns feitiços para Desarmar fundamentais, só para que começássemos todos ao mesmo nível.

- Quem dirigiu a classe? Você? - perguntou James enquanto acercavam-se ao retrato da Dama Gorda. - Não posso imaginar que Ralf deixasse você convencê-lo de mostrar a ninguém como realizar o feitiço *Expelliarmus*. Ele não confia muito em sua própria varinha com esse tipo de coisas, ainda que é melhor do que costumava ser.

- Não - Rosa respondeu lentamente - Ralf não o fez. E nem eu. Porém, foi muito bem.

Rosa disse a senha e o retrato abriu-se. A Dama Gorda cravou os olhos em James, lembrando do seu comportamento anterior. O som estridente de risos e música derramou-se através do buraco do retrato.

- Então, quem? - perguntou James, subitamente desconfiado. Seguiu a Rosa até a lotada sala. Escórpio Malfoy borboleteava no sofá cerca perto da lareira. Levantou o seu olhar e sorriu zombadamente quando James e Rosa entraram.

- Que bem que você apareça, Potter - falou arrastadamente. - Eu entendo que você encontrou a forma de deixar passar dois compromissos ao mesmo tempo esta noite. Não é que sentíssemos saudades de você, exatamente.

- Calma aí, Escórpio - disse Rosa, sentando-se na outra ponta do sofá. - Na realidade, deveríamos discutir planos para a próxima reunião do clube. Eu apreciaria que vocês dois pudessem encontrar a forma de ser considerados um com o outro.

- Realmente você lhe pediu que desse a aula? - disse James, apontando para Malfoy. Você deve estar brincando!

Malfoy tirou seus óculos de um bolso e os colocou.

- Esta não é realmente sua noite, hein, Potter? Anime-se. Você deveria te considerar afortunado de que não esteja interessado em estar no time de quadribol; caso contrário, não teria estado disponível.

- Olhem vocês dois - exclamou Rosa antes que James pudesse contestar, - temos vários assuntos importantes a discutir do que ver quando podem se incomodar um ao outro. Se vocês não o notaram, o Clube de Defesa serve para um propósito mais importante que simplesmente dar-nos alguma coisa para fazer uma noite por semana.

- Quanto você lhe contou? - exigiu James. - E se você não tenha notado, na sua família são todos comensais da morte! Você poderia querer pensar nisso duas vezes antes que confiar nele.

- Tecnicamente, o meu pai nunca foi recrutado, de fato. Eu pensei que você soubesse - disse Escórpio, mantendo o olhar de James. - Mas se você quer dizer a se me falou de suas suspeitas a respeito do diretor, não, ela não o fez. Eu já estava bem consciente delas. Por muito duro que possa resultar para você crê-lo, estou do mesmo lado que de você, Potter.

- Hã! - James cuspiu. - Lá é onde você está errado! Não concordo com o que os dois pensam de Merlim. Mesmo se há algum malévolo complô em movimento, eu suspeitaria que a sua família estava envolvida antes de assinalar a Merlim. Ele *salvou* a nossa escola no ano passado!

- Já discutimos tudo isto, James - disse Rosa, fazendo um gesto a James para que mantivesse a sua voz baixa. Escórpio não tolera algumas das coisas que sua família tem feito no passado. Isso é parte da razão pela que ele está aqui na Grifinória. E você já sabe o que vimos no espelho. Não há dúvida de que temos que ser cautelosos quanto ao diretor. Por agora, tudo prova que está aliado com...

- Tudo prova que *you* tem suspeitado dele desde o começo - exclamou James. - Mas você está errado. Ambos estão errados, e vou prová-lo.

Escórpio entrefechou os olhos fitando James.

- Bom, eu *sim* espero que você *o faça*. Suspeito que muitos de nós encontraríamos certo consolo nessa prova. Até então, porém ... - Escórpio apontou sua varinha em uma cadeira ao lado do sofá - ... pode ser uma boa idéia fazer aquilo que diz Rosa. Temos um Clube de Defesa para preparar. E ela parece muito empenhada em que você e Ralf Deedle sejam parte dele. Mesmo assim, se sentar-se na mesma sala que Malfoy é demais para você, por mim pode ir para outro lugar. Há uma cama acima com seu nome nela.

James rangeu os dentes. Nada tinha ido bem a toda a noite. E agora ele não podia ver nenhuma outra opção que se sentar e planejar o que Escórpio Malfoy ia ensinar na próxima reunião do Clube de Defesa. Era singularmente humilhante. Ele mal podia tolerar isso e fazê-lo. Ainda tinha a sua vassoura com ele, lembrando-lhe seu segundo fracasso em fazer parte do time de quadribol. Tudo o que ele queria fazer era voltar para cima, colocá-la de volta sob a cama, e tentar esquecer toda esta bagunça. Mas Rosa estava a olhando-lhe suplicante, obviamente esperando que James pudesse superar sua aversão inata ao menino pálido o suficiente como para lhes dar uma oportunidade de pôr em funcionamento o Clube de Defesa.

Suspirando resignado, James apoiou sua vassoura ao lado da lareira e atirou-se na cadeira.

- Bem - ele disse, - que precisamos fazer a seguir?

Rosa aplaudiu com entusiasmo.

- Obrigado, James! Eu sabia que podia confiar em você. Escórpio é, na realidade, um muito bom professor, mas é difícil para alguns grifinórios escutá-lo. Existem ainda muitos preconceitos contra a qual haja um Malfoy na Grifinória, e tê-lo dirigindo a turma só torna as coisas piores. De qualquer maneira, se você estiver ali, isso realmente ajudará a dar Escórpio a credibilidade que ele precisa.

- Ei, galera, vocês estão esperando alguém? - disse Graham quando entrou na sala. - Encontrei a este cara rondando fora do buraco do retrato. Ele diz que você o convidou, Rosa.

Ralf sorriu envergonhadamente quando Rosa se levantou de um salto.

- Sinto muito, Ralf. Eu não tinha informado James sobre Escórpio, e então... bom, de qualquer maneira, estamos todos aqui, assim que começemos!

Escórpio parecia incomodado quando Ralf se apertou no sofá entre ele e Rosa. O garoto grande arrancou os seus tênis e colocou os pés no escabelo super acolchoado.

- Boa reunião esta noite. Pode que aqui Escórpio seja um cara magrelo, mas sabe alguns truques. Pode que alguns de vocês, os grifinórios, tenham um pequeno problema de atitude com ele, mas eu preciso de toda a ajuda que eu possa obter - disse Ralf jovialmente. - Oh, James?

James levantou os olhos para Ralf, arqueando uma sobrancelha.

Ralf sorriu timidamente.

- Alvo quer que te diga que você será melhor como Treus que ele como apanhador da Sonserina. Ele esperava ver você hoje à noite. Até Tábita pediu mesmo que você viesse.

James não soube o que dizer. Após um momento, Escórpio quebrou a tensão.

- Tudo isso é muito comovente - disse secamente, - mas reconheço a melosa e água-com-açúcar conversa sonserina quando a ouço. Sou especialista demais no assunto, como já mostrou James. Podemos falar sobre o Clube de Defesa já?

Os quatro falaram durante a próxima hora. Relutantemente, James ficou convencido de que Escórpio poderia certamente ser capaz de ensinar-lhes alguns feitiços defensivos dignos. Resultou que, de fato, ele tinha sido treinando desde pequeno por seu avô, Lúcio Malfoy, que estava escondido e não falava com a sua família. Escórpio admitiu que não tinha visto a seu avô desde há mais de um ano, desde que ele e seu pai tinham tido uma briga bastante séria.

O fogo havia sido reduzido a carvões acendidos e os quatro estudantes estavam começando guardar todo para a noite quando Deirdre Finnigan, uma das amigas primeiranistas de Cameron Creevey, entrou como uma bola de canhão na sala comunal, ofegando e com o rosto vermelho. Ela olhou freneticamente ao redor da sala e, em seguida, empurrou através da multidão, dirigindo-se diretamente para um canto traseiro.

- O que acontece com ele? - resmungou Escórpio.

Rosa disse:

- Dirigi-se para a mesa de Petra.

Toda a sala silenciou quando souberam do conteúdo do aviso de Deirdre.

- É verdade! - dizia ela - Os vi conduzindo-a para a enfermaria! Mal podia ela ficar em pé!

Petra simplesmente olhou Deirdre, com sua boca ligeiramente aberta.

- Quem? - gritou Hugo do o outro lado da sala. - O que aconteceu?

- Josefina Bartlett! - chorou Deirdre sem fôlego, voltando para a sala - Ela comeu uma balinha de hortelã amaldiçoada que a deixou com um terrível medo de alturas! Foi encontrada ajoelhada no solo da varanda fora da sala comunal corvinal. Ela nem podia se puser em pé! Seus amigos disseram que a bala de hortelã havia vindo numa caixa de chocolates de um admirador secreto, ao invés disso, era obviamente de algum inimigo. Madame Curio diz que ela estará um pouco melhor pela manhã, mas os efeitos não sumirão até dentro de alguns meses!

- Uma de hortelã de medo das alturas? - disse Graham, enrugando o rosto. - Os Weasleys não fazem desses?

- Acho que não - disse Sabrina. - Parece uma maldição sob medida. Damian entrefechou os olhos.

- Pode supor-se quem é o “admirador secreto” de Josefina. Todos nós ouvimos como ficaram ela e Corsica durante a audição.

- Vocês estão esquecendo a coisa mais importante - disse Deirdre, quase quicando - Josefina foi amaldiçoada com medo das *alturas*! Ela dificilmente poderá escalar um *meio-fio* durante meses!

Os olhos de Sabrina alargaram-se.

- Não pode subir ao palco no anfiteatro! Se ele não pode se subir ao palco...

- Não pode fazer o papel de Astra - terminou Damian, sorrindo abertamente - Por muito que odeie ver a alguém tirar proveito do infortúnio de outro, deixem-me ser o primeiro em dar os parabéns a nossa boa amiga Petra... a nova e melhorada Astra de Beaugois!

Petra olhou ao redor, com uma expressão de surpresa e incredulidade na cara.

- Bom, eu não gostaria de ter obtido o papel desta forma - disse. - Mas suponho que também não o rejeitarei.

Sabrina uivou de alegria. Um alvoroço surgiu dentre os estudantes congregados e James viu a Petra sorrir pela primeira vez em semanas.

De repente, ele lembrou que ele fazia o papel de Treus, o apaixonado mais jovem de Astra. Seu rosto avermelhou consideravelmente quando olhou através da sala para Petra. Percebeu que Rosa lhe sorria conscientemente.

- O quê? - disse, dando tapinhas nas suas bochechas. - Estou quente. Estou sentado justo ao lado da lareira.

- Mmmm - sorriu arrastadamente Rosa, acenando com a cabeça. - Oh, isto vai ser muito divertido, primo. Suponho que será melhor que você comece a praticar. Petra vai ter expectativas bastante altas para este “o beijo do amor verdadeiro e eterno”.



Durante toda a semana seguinte, por fim o outono desceu completamente, deixando um ar frio revigorante e pintando as árvores de cores vibrantes laranjas, vermelhas e amarelas. Hagrid deu sua aula de Trato das Criaturas Mágicas na sala de aula de inverno: um enorme e antigo celeiro com muros de pedra e grossas vigas cobertas de teias de aranha. Ali, tinha empilhado uma impressionante variedade de criaturas fantásticas, todas organizadas por tamanhos. Junto à parede da entrada havia uma série de jaulas, gaiolas e currais, dos que emanavam amigáveis resfôlegos, bufados, grunhidos, chiados e ladridos. No solo de terra, havia uma linha de estábulos, cada um maior que o anterior. O mais próximo acolhia um hipogrifo cujo nome, segundo o letreiro pintado na porta, era Flancudo. A criatura estalava o bico contra as jaulas próximas, e aparentemente faminta por aquilo que havia ali. O mais distante estábulo tinha grandes e grossos portões, impedindo qualquer espiada dos seus ocupantes. As duas últimas portas estavam chapeadas com ferro e cercadas com enormes batentes. Mediam facilmente vinte pés altura. Ocasionalmente, ressoava um rosnado inquietante ou uma explosão de bramidos e rugidos sacudia o celeiro.

James tirou o seu casaco dos ombros enquanto atravessava a grande porta principal, surpreendido pelo calor do espaço, apesar do frio e revigorante do dia.

- Como Hagrid aquece um lugar como esse? - Ralf perguntou, inclinando o pescoço para trás para examinar o alto teto de madeira. - Está bem quentinho aqui dentro.

Os estudantes enfileiraram-se no celeiro, observando curiosamente as jaulas e gaiolas ou apertando-se hesitantemente ao estábulo do hipogrifo. A grande besta chutava com suas patas dianteiras e arremessava bicadas.

- Mantenham distância - chamou Hagrid. - O conheceremos um pouco mais tarde este ano. Antes disso, melhor que lhes veja do outro lado da sala, ao invés na frente dele. Começemos a estação aprendendo algo sobre algumas das mais pequenas bestas das jaulas.

Hagrid levou a turma até as jaulas mais pequenas alinhadas na parede. Apalpou uma das fechaduras enquanto ele falava.

- Temos sido muito afortunados nestes anos ao fazer-nos com tantos exemplares das mais incomuns criaturas do mundo mágico. Uma ex-aluna minha tornou-se algo bem como numa perita seguindo o rasto de bestas e animais, e me traz qualquer criatura

que ela considere que acabou ferida ou está doente. Eu faço o que posso para cumprir com a sua recuperação, mas poucas voltam a ser capazes de sobreviver em liberdade de novo. Claro, dou-lhes o melhor lar que posso. O resultado final foi que agora somos reconhecidos em todo o mundo mágico por nossa coleção de animais selvagens. - Hagrid virou, ninando uma pequena massa de pêlo marrom que respirava em seu braço. - Ora, especialistas vêm de todo o mundo para conhecer e estudar nossa pequena família. Você está bem, Punkin?

Ralf inclinou-se para James e sussurrou para ele:

- Falei com Rosa esta manhã. Ela acha que descobriu algo importante sobre Merlim.

James também lhe sussurrou.

- Seja o que for, não quero ouvir. Sempre está desenterrando novo lixo de alguma antiga lenda ou de um empoeirado livro de história. Sabemos que a maioria dessas coisas não é verdade.

- Não sei seja *verdade* - murmurou Ralf. - Só sei que ele já não *parece* ser assim. De qualquer forma, ela disse que você queria ouvir. Explica um pouco de onde provem as histórias sobre a razão pela qual ele não amava o mundo trouxa. Ela disse que “o colocará tudo em contexto”, seja lá o que isso significa que.

James pressionou os seus lábios dubitativamente. Ele tinha dito a Rosa e Escópio que pretendia demonstrar que Merlim não estava envolvido na conspiração que eles tinham testemunhado no espelho, mas ainda ele não o tinha feito. De fato, a idéia de fazê-lo assustava-lhe bastante. Não era que ele não tivesse um plano. Ele o tinha, e era muito simples. Seria preciso alguma coragem e a ajuda do fantasma de Cedrico, e poderia entrar em um monte de problemas se ele era capturado, mas nenhuma dessas coisas era o que lhe preocupava. Ele sentia uma estranha e opressiva relutância em avançar com isso, sobretudo porque secretamente ele temia o que poderia descobrir. Se ele tinha razão, então Merlim não estava envolvido, e James poderia demonstrar a Rosa e a todos os outros. Mas, e se ele estava errado? Apesar de sua negativa, James estava preocupado. E se ele seguia adiante com seu plano e descobria que o diretor estava, de fato, aliado com antigos comensais da morte e essa horrível entidade? Pior, e se a entidade era aquela coisa da que o esqueleto da caverna, Farrigan, tinha falado: o Guardiã, cuja vinda ao mundo Merlim supostamente era o responsável? O diretor tinha estado agindo de forma secreta e suspeita. Ele tinha proibido a James contar a ninguém o que o esqueleto de Farrigan tinha dito, e isso, por si só, já era perturbador. Se aquilo que o esqueleto tinha dito não era verdade, por que ele lhe ia importar que James o contasse alguém?

Sacudiu cabeça dele. Certamente, Merlim teria suas razões. Merlim tinha que ser bom. Ele havia retornado para ajudar quando a escola tinha sido ameaçada pelo repórter trouxa, não tinha? E tudo porque James lhe tinha pedido.

E essa, compreendeu James com uma frieza vazia, era a razão pela qual ele não podia enfrentar a idéia de que Merlim poderia não ser quem alegava ser. Porque James tinha sido o responsável, em duas ocasiões, de ter trazido o grande mago aqui: em primeiro lugar, sendo manipulado por Madame Delacroix para facilitar o regresso de Merlim aos nossos dias; e em segundo lugar, enviando uma mensagem para Merlim de ajuda através dos espíritos das árvores, com quem ele estava em comunhão. Inclusive havia sido o conselho de James o que tinha conduzido o seu pai e seu tio à campanha para que Merlim se tornasse no novo diretor da escola. Se Merlim estava envolvido em algo mau, então James seria o culpável. Ele seria o responsável, em última instância, de tudo o que aconteça. Reconhecendo isso, James sabia que *tinha* que descobrir quais eram as verdadeiras intenções de Merlim, aconteça o que acontecer. E se, por alguma coincidência horrível, Merlim estava aliado com o mal, então James teria de frustrar seus planos, custasse o que custasse.

- Agora então, - Hagrid estava dizendo, irradiando alegria para os estudantes, - quem quer se aproximar e me dar uma mão alimentando a Punkin, o *estreptofaringeo*?

Trenton Bloch levantou uma mão e Hagrid acenou para que se adiantasse.

- Vai lá, Sr. Bloch. Só segure este pedacinho de *matovivo* no ar, mas não demasiado perto. Mantenha-o acima e deixe-me aproximar-lhe a Punkin.

Trenton parecia perturbado pelas precauções que Hagrid estava tomando com a pequena bola de pêlo ofegante. Parecia-se bastante a um gatinho, mas sem uma cabeça, cauda ou membros aparentes.

- O que vou fazer, Hagrid? - perguntou Trenton, segurando no alto o pedaço de planta gomosa. - Ronronar até morrer?

A última palavra de Trenton tornou-se num pequeno grito de surpresa quando algo enorme e peludo surgiu da bola entre os braços de Hagrid. Era uma enorme e babante boca sem dentes e fechou-se sobre a mão inteira de Trenton. Com um forte som de sucção, sugou o pedaço de *matovivo* da mão de Trenton e recuou, desaparecendo no interior da pequena e ofegante bola de pêlo nos braços de Hagrid. Trenton tirou com força a sua mão, sacudindo-a e estremeando-se visivelmente.

- Muito bem feito, Sr. Bloch - exclamou Hagrid, rindo. - Punkin gosta de você! Ou mesmo pensa que é um sapo com um pouco mais de *matovivo* em seu traseiro. Normalmente, os *estreptofaringeos* vivem no pântano onde sugam as pequenas criaturinhas anfíbias e, em seguida, as cospem de novo, alimentando-se das plantas aderidas a elas. Não muito agradável para os sapos, mas totalmente inofensivo.

Trenton observou fixamente a sua mão, que estava recoberta de sebo e de um limo verde viscoso. Ele olhou indefeso e inutilmente para Hagrid.

- Você poderia querer lavar isso, Sr. Bloch. A pele de sapo é imune aos sucos digestivos do *estreptofaringeo*, mas poderia causar-lhe comichão se você deixá-la ali. Há uma bomba de água e uma bacia ao lado dos grandes estábulos. Bom rapaz.

Hagrid colocou ao Punkin de volta em sua gaiola e a fechou. El já estava explicando as expectativas de vida do estreptofaríngeo quando um grande rugido cirandou os alicerces da construção. James olhou para o rugido, com os olhos muito abertos e o coração de repente palpitante. Trenton afastava-se rapidamente da enorme porta de ferro, suas mãos ainda gotejavam água da bacia.

- Ah, captou seu odor, Sr. Bloch! Seu tonto, me esqueci disso, ele adora um bom lanche de estreptofaríngeo. Afaste-se agora, assim está bem. Ela está prestes a espirrar!

Subitamente, um ruído enorme encheu o celeiro. Para James, soou um pouco como um trem de carga misturado com um ciclone. O celeiro se aqueceu consideravelmente e o centro da porta de ferro começou fulgurar de um pálido vermelho.

- Perdoe-me, Sr. Bloch - disse Hagrid. - A velha Norberta não consegue muitos estreptofaríngeos ultimamente, mas ela pode cheirar quando há um perto. Eu deveria lhe ter advertido a você.

- Então, é assim como ele mantém o celeiro quente - disse Ralf nervosamente, com os olhos bem abertos. - Guarda um dragão! Um autêntico, um dragão vivo!

- Esse não é qualquer dragão - disse James, sorrindo, - é uma velha amiga da família. O tio Carlinhos esteve cuidando-a durante anos. Ela machucou uma asa há alguns anos e agora não pode voar. Não ser capaz de voar é uma sentença de morte no mundo dos dragões. Comem-se entre eles, você já sabe.

- Na realidade, é uma garota muito fofa - disse Hagrid carinhosamente. - Eu a conheço desde que era bebê. Ainda assim, não há que ficar bem perto de suas portas quando está de um humor flamejante. A conheceremos neste inverno, lhe proporcionaremos um pouco de exercício. Gosta de um bom pulo na neve, doce velhinha.

- Excelente! - disse Asla Doone por trás de James. - Talvez Trenton se ofereça para *alimentá-la* também! Sonserinos e dragões devem ter um ótimo relacionamento.

- De jeito nenhum - disse Trenton enquanto unia-se ao resto dos estudantes, seu rosto mostrava-se enrubescido e irado. - Pergunto-me se meus pais sabem que este grande bronco guarda um dragão nos terrenos da escola. Foi um maníaco por anos, mas isto já é uma absoluta loucura.

- Cale essa boca, Trenton - disse James amigavelmente, - Norberta é inofensiva. Mais inofensiva do que você com um estreptofaríngeo, pelo menos.

- Já o veremos - resmungou Trenton aborrecidamente.

James passou a maior parte de Estudos dos Trouxas suportando o processo bastante desconfortável de que lhe tomassem as medidas para a vestimenta de Treus. A própria Gennifer Tellus, responsável pelo departamento de figurinistas, efetuou a tarefa, com uma pena por trás de sua orelha e um par de alfinetes apertados entre os seus lábios.

- Não se mova! - ela disse, falando entre os alfinetes. - Você não me está deixando medir corretamente o comprimento deveria ser. Você quer que seus calções fiquem folgados?

- Faz cócegas! - respondeu James, e depois perguntou com suspicácia - O que são uns calções?

- Não me peça o que explique. É melhor você não pensar nisso. Conforme-se com saber que você é sortudo, em comparação com o que Petra tem usar.

James queria perguntar, mas decidiu não fazê-lo. Ele não tinha falado com Petra desde o incidente da bala de hortelã de Josefina. Ele estava um pouco aturdido e entusiasmado pela idéia de representar Treus com Petra fazendo de Astra, mas tentava muito duramente não deixar isso entrever.

Gennifer pôs a fita métrica ao redor da cintura de James.

- Você já leu o roteiro inteiro? - perguntou ela.

- Não - admitiu James. - Embora eu conheço um pouco a história. Um garoto apaixonou-se por uma garota. Um cara mais velho apaixonou-se pela mesma garota. O cara velho envia o garoto para uma missão suicida para se livrar dele. O garoto volta e eles duelam. E todos viveram felizes para sempre. Fim.

Gennifer olhou a James sarcasticamente.

- Acho que melhor você ler o roteiro - falou ela entre seus alfinetes.

- O farei - disse James, aborrecido. - Tenho de aprender minhas frases/linhas, não?

- Sim, mas você também deveria saber que não "viveram felizes para sempre". O

Triunvirato é uma tragédia, seu estúpido.

James olhou-se a si mesmo em um espelho próximo.

- E que é que isso significa?

- Bom - Gennifer gaguejou, - geralmente, significa que o mundo todo acaba morto.

Quando James saía de Estudos dos Trouxas, Rosa lhe alcançou.

- Ralf contou você o que averigüei ontem pela noite? - perguntou ela baixinho.

- Ele me disse que você descobriu por que algumas pessoas acreditavam que Merlim odiava os trouxas - respondeu James, - mas ele não me deu nenhum outro detalhe.

- Você estará interessado nisto - disse Rosa ansiosamente. - Alguma vez você já ouviu sobre a Dama do Lago?

James pensou por um momento. Soava-lhe vagamente familiar, mas não podia localizá-lo.

Ele encolheu os ombros e negou com a sua cabeça.

- Bem, segundo todas as lendas, presumia-se que ela tinha estado implicada na queda de Merlim. A maioria das histórias a retrata como uma ninfa, uma dríade ou uma fada, mas quase todas são só fantasias e provavelmente não mais do que exageros da

verdade. A Prof. Revalvier falou disso na última aula de Literatura Mágica, lembra? Ela disse que se as lendas tivessem sido verdadeiras, evidentemente Merlim não estaria aqui como diretor.

- Sim - disse James, lembrando essa aula. - Ela disse que as histórias da Dama do Lago davam a entender que era uma espécie de criatura mágica que pretendia ser muito inocente e o resto. Essa dama faz que Merlim se apaixone por ela, e depois, quando ele lhe ensina tudo o que sabe, a pega com sua própria magia. Obviamente, essas são somente histórias. Provavelmente, foi apenas uma forma de explicar o desaparecimento de Merlim. Embora nós sabemos a verdade, como disse ela.

- Sabemos um pouco *mais* da verdade agora - disse Rosa enigmaticamente. - A Dama do Lago não foi uma invenção maquiada, mas não era o que as lendas diziam que ela era. Era uma trouxa, e quase foi a esposa de Merlim.

- O quê? - disse James, parando no corredor. - Onde você conseguiu isso?

- Do livro de Austramaddux - disse Rosa, levantando as sobrancelhas. - O mesmo livro no que Zane encontrou a explicação do Desaparecimento de Merlim no ano passado. Morgana Patonia deixou-me tomá-lo emprestado da biblioteca corvinalina. Austramaddux conhecia Merlim melhor do que ninguém, ainda que me parecesse que Merlim não gostava muito dele.

- Com certeza, Merlim não desperdiçou tempo com ele quando Reapareceu - disse James, acenando. - Foi o fantasma de Austramaddux o que era suposto que procuraria o momento oportuno para o regresso de Merlim. Ele estava amarrado a esse serviço para sempre. Eu tinha a impressão que Merlim achou que Austramaddux tinha apressado seu regresso só para terminar com suas obrigações. As coisas não lhe foram muito bem depois disso.

- O que fez Merlim? - perguntou Rosa ansiosamente. - Como você pode punir um fantasma?

James negou com a cabeça.

- Sei lá, mas Austramaddux estava aterrorizado o que quer que fosse. Gritou como um espírito agourento, mas Merlim simplesmente lhe... lhe fez explodir.

- Assustador demais - disse Rosa, pensando.

- Sim, o que for. Já passou à história. Qual é a história da Dama do Lago?

- Bom, segundo Austramaddux, era uma camponesa trouxa chamada de Judite. Ela morava em uma pequena fazenda com um pequeno lago primaveril nela. Daí é aonde vem seu nome. A fazenda era administrada por Judite e sua mãe até que ela morreu. O senhor do feudo era um cara chamado de Hadyn. Ele tinha planejado banir a Judite da fazenda porque não podia administrá-la ela sozinha, mas Merlim a protegeu por algum motivo. Ele afastou aos brutos criminosos que vinham para expulsá-la. Aparentemente, Merlim lhes colocou orelhas de burro e lhes disse que, se voltavam, terminaria o trabalho.

- Você está vendo? - disse James. - Esses não parecem as ações de um mago que odeia os trouxas. Ele estava a ajudando, não estava?

- Sim, mas só porque ele a amava. O livro diz que Judite era realmente bela, e Merlim estava loucamente encantado por ela. A verdade é que Austramaddux diz que Merlim estava “sob o seu feitiço dela”. Palavras muito fortes para que as utilize um mago descrevendo uma mulher trouxa.

- Então, o que aconteceu? - perguntou James. - Sabemos que eles não terminaram juntos por alguma razão. Talvez ela traiu ele. É daí onde as lendas foram buscar a base sobre ela tê-lo prendido de alguma maneira.

Rosa sacudiu sua cabeça, seus olhos cintilaram.

- Não! Austramaddux pensava que ela o amava também! Isso foi o suficiente para cessar o convênio de Merlim com os reinos trouxas. Ele deixou de ser mercenário mágico e abandonou seu trono como Mediador entre os reinos trouxa e mágico. Muitas pessoas ficaram zangadas por isso, e outros estavam desejosos por tomar o lugar de Merlim. Enquanto isso, Merlim salvaguardava a fazenda onde vivia Judite. Ele fez crescer autênticos acúleos, espinhos e grossas urzes ao redor de todo perímetro, mantendo afastados os valentões de Hadyn. Merlim inclusive pagou pela propriedade, dez vezes mais do que teria custado a fazenda. E depois, só para ter certeza, começou a ensinar Judite algo de magia.

- Você não pode ensinar magia a um trouxa e não mais, Rosa - interrompeu James. - Ou nasce com ela ou não. Rosa abanou a cabeça.

- A magia de Merlim é diferente, né? Ele consegue-a tanto da natureza como de sua linhagem mágica. Não podia lhe ensinar como encontrar a magia em seu interior porque ali não havia nada. Judite não era bruxa de sangue. Mas ele *podia* ensinar-lhe como usar a magia da natureza. Pelo menos um pouco. Tudo aquilo que ela precisava era saber o suficiente como para poder se proteger, assim que Merlim lhe ensinou como alterar sua aparência. Desta forma, podia passar despercebida no mercado. Ela tinha que fazê-lo assim, já que Hadyn tinha posto um preço pela sua cabeça. As coisas pareciam ir muito bem, e, aparentemente, Merlim ia se casar com ela. Mas então... bom, na realidade, foi realmente horrível.

- O quê? - James insistiu, cativado pela história.

- Bom, eles a capturaram obviamente - disse Rosa sem fôlego. - Foi negligenciada. O disfarce mágico era perfeito. Ninguém sabia que ela estava no mercado do feudo. Mas alguém a viu usar um pouco da magia de Merlim. Ela arranjou a roda rompida do carrinho de um menino, só sujeitando unidas as peças e pronunciando um conjuro que Merlim lhe tinha ensinado. A madeira se soldou de novo, consertando a roda, mas alguém viu fazer isso. Eles lhe contaram aos bandidos, que se encontravam no mercado naquele dia. Eles capturaram a Judite e a levaram perante Hadyn em seu castelo.

- Aposto a que Merlim queria matar todos eles - disse James taxativamente. Digo, ela estava apenas tentando ajudar. E o que ele fez?

- No princípio ele não sabia onde estava, mas a localizou. Aparentemente, ele era muito bom nisso, sendo capaz de falar com os pássaros, os animais e árvores. Hadyn sabia que Merlim apareceria. E ele disse-lhes aos guardas que lhe deixassem passar, direito ao salão do lorde. Ainda que Merlim nem sequer perdeu o tempo com os guardas. Ele os colocou a todos a dormir e se dirigiu diretamente para Hadyn, exigindo a libertação de Judite. Hadyn era muito escorregadio e astuto. Ele disse-lhe a Merlim que tinha intenção de devolvê-la, mas só se concordava em devolver a fazenda, eliminar o muro de espinhos, e como um sinal de respeito, duplicar as terras do feudo.

James franziu a testa.

- Duplicar suas terras?

- Tudo se tratava de terras naquela época. Quanto maior for o feudo do lorde, mais abastado ele era. O plano de Hadyn era utilizar Merlim para roubar a terra dos feudos vizinhos. Também ele fez Merlim prometer que abandonaria o feudo para sempre e outorgaria sua proteção ao castelo, o que incluía proteção contra Merlin próprio! Hadyn era realmente malvado e tinha astúcia. Ele sabia que assim que Merlin tivesse Judite com ele, provavelmente ele destruiria o castelo e tudo que estivesse nele. Mas com seu feitiço de proteção, não só o castelo nunca poderia ser conquistado, senão que também não o próprio Merlim poderia tocar um só tijolo nem danar um só cabelo de qualquer pessoa que houvesse dentro.

- Ele não o fez, ou o fez? - perguntou James.

Rosa acenou com a cabeça.

- Ele o fez. Estava loucamente apaixonado de Judite. Marchou-se e foi para os feudos vizinhos. Não há nenhum registro de como ele fez isso, mas quando ele voltou, se apresentou ante Hadyn com as escrituras de suficientes terras para duplicar seu feudo. Me dá arrepios pensar em como Merlim conseguiu todas essas terras, mas teve que ter sido arrepiante. Os lordes não cederiam suas terras sem lutar.

James ergueu as sobrancelhas pensativamente.

- Mas Hadyn liberou Judite?

- Bem, aí é onde a história se perde - disse Rosa incomodada - Austramaddux escreve como se seus leitores já conhecessem o resto da história. Eu imagino que tudo o que aconteceu era lenda nessa parte do mundo desde há algum tempo.

Lamentavelmente, a lenda perdeu-se entre todos esses mitos e exageros durante o transcurso dos séculos. De qualquer maneira, parece que terminou mal. Quero dizer que, como a Prof. Revalvier disse, Merlim está aqui conosco agora, mas não a Dama do Lago. O importante é que isso poderia explicar porque as pessoas sempre acreditaram que Merlim poderia estar ressentido contra o mundo trouxa. Ele foi enganado por esse

lorde trouxa, Hadyn, humilhado por ele, e nem sequer pôde se vingar. Para um bruxo como Merlim, isso tem de ser o suficiente para se afogar de ódio.

- Sim, não o poderia lhe culpar por estar tão zangado - concordou James, - mas isso não significa que ele odiasse todo mundo trouxa. Só porque ele conheceu a um trouxa imbecil, essa não é razão para ir à guerra contra todos eles.

- Bom, isso é o que alguns acreditaram - disse Rosa, encolhendo os ombros. - Mas o próprio Merlim nunca o disse. Pra dizer a verdade, ele nunca mais disse nada de novo. Nunca mais foi visto em público, e foi justo depois disso que Austramaddux falou de Merlino "abandonando a sociedade dos homens até que o tempo fosse oportuno para ele". E por isso não é de estranhar que as pessoas têm desconfiado ao longo de todos estes séculos.

- E ainda hoje em dia - disse James, bruscamente.

- Isto não significa que eu concorde com todo o que as pessoas disseram dele - respondeu Rosa tranquilamente. - Mas, sem dúvida, faz-lhe a um compreender como Merlim poderia ter desenvolvido algo de seu grande ressentimento. O amor faz que as pessoas cometam coisas loucas.

James suspirou.

- Tenho um plano, Rosa - admitiu ele baixinho. - Não tinha certeza de se eu o ia fazer, mas agora tenho. Preciso limpar o nome de Merlim, se eu puder. Vou descobrir a verdade sobre se ele está envolvido ou não com as pessoas que vimos, e essa horrível, hmm, coisa da capa cheia de fumaça.

Rosa entrefechou os olhos em direção a James.

- Sabe algo dessa coisa, não? - perguntou ela. Você está escondendo algo. Tem a ver com essa estranha dor que você tem na testa por vezes?

- O quê? - disse James, assustado. - Não! Eu.... hmm, já não o sinto.

- Claro - acenou Rosa. - Você tocou sua testa e gritou de dor naquele dia, fora do escritório do diretor porque você lembrou de repente a resposta à pergunta de pontos extras de seu exame de Aritmancia.

James desanimou-se.

- Olhe, sim, ainda o sinto às vezes. Não sei de onde vem. Mas não tem nada a ver com Merlim, tá bem?

- Escópio disse que você tem pesadelos - disse Rosa, examinando atentamente James.

- Diabos, Rosa! O que você está fazendo, talvez ele permanece acordado todas as noites tomando notas?

- Ele disse que você tem estado falando em seu sono e que você os acorda a todos. Ele não pode ouvir o que você diz, mas sempre parece ser o mesmo. E acontece um par de vezes por semana.

James olhou furioso para Rosa e, em seguida, olhou para outra parte.

- Sim, e daí? Quase nunca posso lembrar esses sonhos. E ainda quando o faço, não fazem sentido nenhum. Há sempre uma voz falando, espadas cintilando, e o som de algumas antigas máquinas. Alguém caminha e eu o sigo, mas nunca posso ver de quem se trata. E depois há água e muitos rostos estranhos. O que está errado com isso? É apenas um sonho. Não significa nada.

Rosa rolou os olhos para cima.

- Eu te conheço bem o suficiente para saber que você não o acredita assim.

James sacudiu a cabeça.

- Olhe, não sei do que trata tudo isto. Talvez tenha algo a ver com a estranha dor que tenho na testa às vezes. Cedrico... Cedrico disse que podia ver uma cicatriz ali. Ele diz que brilha de cor verde.

- Não! - exclamou Rosa, como se ela pensasse que isso era o mais genial que nunca tinha ouvido. Inclinou-se para diante, estudando a testa de James. - Você pode vê-la quando olha no espelho? Brilha quando você desliga as luzes?

- Não é engraçado, Rosa! - disse James, jogando-se para trás. - Mas, pelo menos, significa que não estou pirado. Se Cedrico a vê, então não está só em minha cabeça.

- Sim - concordou Rosa. - Tecnicamente está em sua cabeça.

James fez careta para sua prima.

- Mas o ponto é que não tem nada a ver com minha intenção de descobrir a verdade sobre Merlim.

- Como, James? - perguntou Rosa seriamente. - Quero dizer, Ralf tem razão sobre uma coisa: se Merlim está envolvido nesse malvado complô, é uma personagem aterrador com o que se enfrentar. Ele não hesitaria em te tirar de seu caminho. Pelo menos, deixe que Ralf e eu ajudemos você...

James negou com a cabeça.

- Não preciso ajuda, Rosa. Desculpe. Eu só meteria vocês dois também em problemas se chegassem nos pegar.

Rosa sempre tinha sido muito prática. Acenou solenemente.

- Quando vai fazê-lo?

O rosto de James se tornou determinado.

- Hoje à noite, se eu puder. Se tudo correr bem, saberemos a verdade amanhã de manhã. Deseje-me sorte.

- Você precisará algo mais do que sorte, seu idiota - disse Rosa. - Claro que espero que você saiba o que está fazendo.

James pensou na forma em que Merlim lhe tinha encontrado nos corredores, tanto quando tinha permanecido de plantão para os Malignos, como quando ele tinha ido procurar o quadro-negro. Merlim sabia tudo o que acontecia na escola, e saberia o que James estava tramando se não era muito cuidadoso.

- Também eu, Rosa - concordou enquanto ele e sua prima baixavam pelo corredor para o Salão Principal, - também eu.



James tinha um plano simples. Ele havia pedido ajuda ao fantasma de Cedrico, embora tenha sido muito sucinto. Cedrico não gostava de entrar no escritório do diretor, agora que Merlim o ocupava, e havia algum tipo de limite que impedia que os fantasmas entrassem ao gabinete pessoal do diretor. Mesmo assim, Cedrico podia pairar fora das janelas e ver quando eram desligadas. Presumivelmente, Merlim dormia em algum momento. Quando as luzes de seus aposentos estivessem desligadas durante uma hora, Cedrico iria acordar James.

James se tinha ido para cama naquela noite com a certeza de que não pregaria os olhos. Ele estava nervoso por seu plano, em parte porque pensava que poderia ser capturado, sem importar o astuto que ele fosse e em parte porque tinha medo do que podia descobrir se o plano era bem sucedido. Cada vez que começava a conciliar o sono, se imaginava estar ouvindo Cedrico que vinha a lhe acordar. Era ridículo, porque o fantasma não fazia o menor dos ruídos a menos que quisesse fazê-lo, assim que James nunca ouviria quando ele aproximava-se. No entanto, cada movimento e rangido captavam a atenção de James até que, finalmente, tinha conciliado um sono intermitente.

Ele teve o sonho de novo, mas desta vez foi diferente. Como sempre, começava com o rangido e a luz trêmula de lâminas de metal, terrivelmente próximas, e o estrondo de uma antiga maquinaria. Havia uma voz, sedosa e alta, um pouco exasperante. Havia tanto eco que James não podia entender, exceto por alguma frase ocasional. "Ainda não chegou a hora...", dizia a voz, e "A tarefa colocada ante nós..." e "... portador de redenção...". No sonho, James estremeceu-se.

Havia uma figura caminhando com ele, mas tudo o que James podia ver na escuridão era uma silhueta sem rosto. James parecia flutuar com a figura, como se fosse transportado por ela de alguma maneira. Ele sentia a cicatriz em sua cabeça como um peso. E então, pela primeira vez, floresceu uma luz naquele estranho espaço. Emanava do tanque verde e piscante, lançando ondas dançantes por toda a superfície. As paredes eram de pedra, velhas e repletas de musgo. James tinha o pressentimento de estar no subsolo, longe da luz do dia. A voz continuou falando enquanto moviam-se figuras na

água radiante e trêmula, como se fossem reflexos de outro mundo. A voz provia de uma figura no escuro canto, vestida de preto. Enquanto falava, as duas faces formaram-se no água novamente, as duas tinham expressões tristes, esperançosas e suplicantes. Eram mais claras desta vez, ondulando justo embaixo da superfície da água: um homem e uma mulher, mais jovens do que os pais de James. O companheiro de James arquejou e deixou-se cair de joelhos, rastejando em direção a orla da água, esticando uma mão para tocar a ondeante superfície.

- Pare - ordenou a voz. - A hora ainda não chegou. Você se juntaria a eles nesse mundo, você não os traria a este. Seu sangue servirá de pagamento. Só então eles poderão cruzar. Mas você pode efetuar esse pagamento. Você é aquele que traz a redenção, não só para eles, senão para todos os que resistiram à vontade dos opressores. Você é a mão do equilíbrio. Seu dever é duro e seu ônus pesado, mas não ficará sem recompensa. Você os terá de volta. Você viverá para ver o dia da mudança. Se desejá-lo.

- Desejo - sussurrou a voz do companheiro de James, e James sussurrou também, incapaz de fazer o contrário. Sua voz não produziu nenhum som em absoluto.

Ele acordou, chocado por algum ruído. O sonho se mantinha vívido em sua memória, de tal forma que ele sentia quase como se estivesse ainda sonhando. Sentou-se na cama e pôde ver, pelo luar, já viu que a noite estava bastante avançada. Perto dali, Graham dormia com um braço pendurando da cama. O dormitório estava cheio com o silêncio do sono profundo.

- Cedrico? - sussurrou James muito calmamente, tendo cuidado para não acordar ninguém.

Ele tirou-se os cobertores da cima e escorregou para fora da cama. Não havia nenhum sinal do fantasma. Talvez ele estava abaixo no salão comunal.

James sacou sua varinha e seus óculos de sua mochila e abriu o caminho para as escadas. Ele se deteve perto da entrada, percebendo algo estranho. A cama de Escórpio estava enrugada, mas vazia. James entrecerrou os olhos. Onde estava aquela viborinha? Ele pensou em Escórpio lhe contando Rosa que tinha ouvido falar a James no sono. Por que Escórpio estava acordado nessas horas? Certamente, ele estava levantado por algo. Relutantemente, James decidiu que pensaria sobre isso mais tarde. Ele tinha coisas mais importantes para fazer agora. Virou-se e desceu as escadas discretamente para a sala comunal.

A sala estava completamente vazia e escura, exceto pelo pálido brilho vermelho da lareira. Ainda não havia nenhum sinal do fantasma de Cedrico. James sussurrou o nome dele de novo, um pouco mais alto desta vez, mas não houve resposta. Ele suspirou e aproximou-se da lareira.

Quando se deixava cair na cadeira de encosto alto, uma voz forte falou alegremente, causando um susto.

- Ei, James! - disse a voz. - Onde estão todos, pessoal?

James resfolegou, olhando ao redor.

- Quê? Quem... Zane!?

Zane estava em pé ao lado da lareira, aparentemente apoiado na prateleira, ainda que não parecia estar tocando-a totalmente. Sorria maliciosamente.

- Quem mais seria? Você meu pato, pelo que vejo.

- Seu... - começou James, ainda se recuperando do choque. - Não. O quê? Seu pato? O que você está fazendo aqui?

- Eu mandei para você uma mensagem pelo pato alguns minutos atrás - disse Zane, referindo-se aos patos de borracha que eles costumavam usar para se enviar mensagens uns aos outros. James tinha esquecido por completo o seu. - Eu presumi que você tinha recebido a mensagem. Eu disse a você e a Ralf que nos víamos na lareira em cinco minutos. Então, onde estão os outros? Este lugar está tão morto como um cemitério.

James revirou os olhos.

- Assim que foi isso o que me despertou! Zane, estamos no meio da noite - exclamou ele, contendo um sorriso. O total descaramento de Zane sempre lhe assombrava - Ralf está dormindo nos dormitórios da Sonserina. Você esqueceu a diferença horária outra vez!

- Ah, sim- disse Zane, fazendo uma careta. - Mal são as oito horas aqui. Digo, lá. Onde realmente estou. Então, o que acha desse? Muito melhor do que o pó de alvenilha. Eu pareço bem?

James estreitou os olhos.

- Bom, era há um minuto. Você está começando a desvanecer um pouco nas bordas. Como você faz?

- Tá muito legal, né? - respondeu Zane. - Outra idéia brilhante do professor Franklin. A beleza disto é sua simplicidade. Já você ouviu falar de um *Doppelgänger*?

James franziu a testa.

- Hmm, ouvi, sim, na verdade. É um mítico duplo de você próprio. Parece te advertir de sua própria morte, não é certo?

Zane acenou alegremente.

- Sim, exatamente. Franklin imaginou e calculou que se fingíamos as circunstâncias de uma morte prematura, o *Doppelgänger* poderia aparecer. Então, quando o fizer, poderíamos aproveitar e enviá-lo para transmitir mensagens pessoais, como esse.

- Então você está em perigo mortal ali? - indagou James, enrugando sua testa.

- Sim e não. O *Doppelgänger* tem que pensar isso, mas o Prof. Franklin tem tudo calculado. Há um monte de sistemas de segurança. Estou apenas tecnicamente em perigo mortal. Quando terminarmos de falar, estarei fora de perigo de novo. Tudo é um

pouco complicado, mas o Departamento resolveu a maioria dos problemas. Você traz sua varinha com você?

- Hmm, trago, sim - respondeu James.

- Dispare-me com ela, você quer? Não importa como. Uma Azaração Ferreteante ou algo assim. Estou começando a me desvanecer.

- O quê? Quero dizer, tem certeza?

- Totalmente. Faça-o rápido. Vai ver, o problema com este método de comunicação é manter a magia ao longo de grandes distâncias. Precisamos um estímulo de seu extremo para continuar, caso contrário, me desvanecerei.

James sacou sua varinha e, de má vontade, apontou para a figura que se desvanecia de Zane.

- *Acervespa* - pronunciou ele. Um estreito lampejo afiado atirou para fora de sua varinha. A figura de Zane pareceu absorver o feixe lançado. Subitamente se tornou sólida de novamente.

- Acertou exatamente no alvo - disse Zane. - Então, como estão as coisas no outro lado do Atlântico?

- Ufa! - disse James, derrubando-se na cadeira. - Complicado. Alvo é um sonserino, eu estou recebendo emissões fantasmiais através de alguma espécie de cicatriz fantasma, o filho do inimigo mortal de meu pai roubou minha cama, e todo mundo está preocupado que Merlin tenha se tornado malvado.

Zane fez uma careta.

- Uau! É demais, né? Uma coisa de cada vez. Você não acredita que aquele grande cara se tornou malvado, não acredita?

James sacudiu a cabeça com fadiga.

- Não, mas algumas pessoas fazem. A mesma Rosa acredita. Especialmente após a outra noite.

James contou Zane a cena no espelho Amsera Certh. Zane escutava criticamente, com um canto de sua boca tenso para acima em sua característica expressão pensativa.

- E o que aconteceu então? - perguntou Zane quando James terminou de falar.

- E o que você quer dizer? Isso foi tudo. Não é suficiente?

- Quero dizer, como regressou Merlin se você fechou o Livro da Concentração?

- Não sei - editou James. - Sinceramente eu não tinha pensado nisso. Mas ele sim pôde regressar. Suponho que tem outras maneiras de viajar. Se ele realmente era.

- Ele era - disse Zane, acenando com a cabeça. - Só que você não quer admiti-lo.

James ergue as sobrancelhas, mas antes de poder objetar, Zane continuou.

- Mas a boa notícia é que ele deve ter estado ali por boas razões. Caso contrário, você estaria frito, né?

- O que você quer dizer? - questionou James cautelosamente.

- Quero dizer que ele viu você, não? Você disse que esse cara pálido do espelho apontou diretamente para você, e todos se giraram para ver. Isso significa que Merlim viu você. Se estivesse aliado com aqueles caras, ele deveria ter ido por vocês três no instante em que voltou. Você estaria completamente banido no Mundo dos Mortos ou sei lá o que é um cara como Merlim, faça a seus inimigos.

James franziu a testa.

- Eu não o pensei dessa maneira.

- Claro que não - Zane encolheu os ombros. - Eu sempre fui o cérebro da equipe.

James fez careta.

- Bem, de qualquer forma, saberei mais depois desta noite. De fato, pensei que você era meu despertador. Tenho que me esgueirar em torno um pouco e estou algo nervoso por isso. Eu nem sequer tenho a Capa da Invisibilidade desta vez. Bom, pois... E como está você? Como estão as coisas em Alma Aleron?

- Você não acreditaria - disse Zane, sacudindo a cabeça. - As salas de aula são realmente enormes, e a comunidade mágica aqui é muito diferente. Há peções reais em algumas de minhas aulas. Pé-grande! E me deixa que te dizer que eles são muito mais inteligentes do que aparentam, inclusive ainda que só falem em grunhidos. Além disso, o Elemento Progressivo está por todos os lugares aqui, só que não se chamam assim. Simplesmente falam muito a respeito de como a antiga elite dirigente sempre tem interrompido a mudança e reprimido o progresso, coisa que soa ótimo até você se lembra que a mudança e o progresso é o a mesma coisa faz que o leite se torne azedo. De qualquer maneira, muitos deles me olham com desprezo, porque acham que sabem o que aconteceu aí no ano passado. Madame Delacroix está na prisão, você sabe. Muitíssimas pessoas falam dela como se ela fosse uma heroína, em uma espécie de exílio político. É completamente quântica pra mim.

- A rainha vodu em cárcere? - perguntou James, seus olhos escancararam-se. - Vocês têm prisões mágicas?

- Bom, antes é mais um manicômio, mas ela está totalmente encerrada. Na realidade, nunca voltou a ser a mesma após aquela noite na Fortaleza da Gruta.

Ela ficou com os parafusos um pouco desapertados, se você sabe o que quero dizer. Tecnicamente, ela está só em observação. De fato, está aqui mesmo no campus, no edifício médico. Ei, Cedrico. Como vai você, garoto fantasma?

James levantou os olhos e viu Cedrico deslocando-se através da sala, sorrindo, sem muito entusiasmo.

- É a hora - disse o fantasma, dirigindo-se a James.

- Que bom - disse Zane, - seu grande plano é espionar o diretor. Olhe, tem certeza que é uma boa idéia? Esse cara deve ter armadilhas anti-espiã em todo o lugar. Você não pode entrar de penetra sem mais nem menos em seu escritório, até mesmo se você tivesse a Capa de Invisibilidade.

- Tenho um plano - disse James, tencionando a mandíbula.

- Ah - respondeu Zane, revirando os olhos. Bom, se é tão sólido como os planos que nos ocorreram ter no ano passado, então me sinto *muito* melhor.

- Você está se desvanecendo de novo, parceiro - disse James, pulando de sua cadeira e unindo-se a Cedrico. Pipoque por aqui quando você quiser.

- Você pode contar com isso. Boa sorte. E, James?

James parou e virou-se. Zane quase tinha desvanecido por completo. Parecia inclusive mais fantasmagórico do que Cedrico.

- Mantenha-me informado tá bem? Eu estava lá quando Merlim apareceu. Se ele passou para o lado escuro, quero sabê-lo. Talvez eu possa ajudar.

- Não está do lado escuro - disse James. - Não se preocupe com isso.

Zane forçou um riso.

- Eu não disse que estivesse *preocupado* .

Um momento depois, a figura de Zane se evaporou como uma nuvem de fumaça. Enquanto deslizavam-se através do buraco de retrato, Cedrico perguntou:

- O que foi tudo aquilo?

James sacudiu a cabeça.

- Simplesmente era Zane sendo Zane. Vamos lá, acabemos com isto.

- Então, o que você precisa que eu fizer?

James respirou fundo e olhou para o imensamente silencioso e escuro corredor.

- Só me leva ao escritório do diretor - sussurrou. - Após isso, como diria Zane, tudo é mera quântica.



James tinha a esperança de que a senha da escada do diretor não tivesse mudado desde que ele, Ralf, e Rosa tinham ido para pedir permissão para iniciar o Clube de Defesa. Quando chegou à gárgula que custodiava a entrada, quase tinha esquecido a antiga frase em galês, mas quando a lembrou e a pronunciou em voz alta, a gárgula se jogou para um lado cansadamente.

- Nada bom traz uma vista como esta tão tarde - bichanou a gárgula enquanto James e Cedrico passavam. - Mas uma vez mais, o que vou saber eu? Minha cabeça é feita de mármore.

No topo da escada, Cedrico atravessou silenciosamente a porta do escritório. Pouco momento depois, o ferrolho girou desde o interior e a porta rangeu abrindo-se lentamente.

- Estão todos dormidos - sussurrou Cedrico, apontando para os retratos dos diretores. Inclusive Dumbledore e Snape estavam dormindo.

James assentiu e entrou discretamente na sala. O escritório estava muito escuro e ameaçante apesar do som da mistura de roncos dos retratos. Um único raio de luar luz tendia uma linha pelo solo até a parte da frente da maciça e enorme escrivaninha, e sobre o Livro da Concentração de Merlim. James arrastou-se furtivamente até a escrivaninha, não desejando olhar o Amsera Certh, mas incapaz de evitá-lo. A superfície do cristal estava densa com uma fumaça prateada e ondulante, projetando sua própria luz pálida nos mobiliário próximo.

- Pre... preciso só de uns mi... minutinhos - sussurrou James batendo os dentes. O escritório do diretor estava anormalmente frio. James podia ver seu hálito formando uma nuvem enquanto falava. - Só preciso que... que você tranque a porta depois que...

Não houve resposta. Cedrico já tinha ido para o corredor esperar. Ele tinha dito a James que odiava ficar no escritório de Merlim. "Armadilhas demais", ele tinha explicado simplesmente, "até mesmo para um fantasma".

Algo branco e ondulante se estendeu preguiçosamente em direção a James. James pulou, e seu coração subiu para a garganta, palpitando selvagemmente. Foram apenas cortinas de linho que penduravam da janela, sussurrando e ondeando com uma súbita brisa. Não era de se que o escritório estivesse tão frio. Merlim tinha deixado a janela aberta, permitindo que o frio vento noturno jogasse com as cortinas. Através da janela, James só podia ver o arco da lua. Estava pendura no céu como uma foice de cor óssea. Ele tiritou e obrigou seu coração parar de bater. Tremendo, virou-se para a escrivaninha.

O Livro de Concentração parecia brilhar a luz do luar. A capa fechada era grossa, encadernada em madeira polida e dobradiças de latão. Tinha um trinco, mas não estava trancado. James tocou o livro, e depois o abriu rapidamente, desejando terminar sua missão o mais cedo possível. As páginas eram pesadas, feitas de um rico e cremoso papel que se deslizava facilmente sob as polpas dos dedos de James. Cada página estava quase totalmente em branco, exceto por uma única linha escrita à mão com tinta: eram um lugar e uma data. James folheou tão rápida e cuidadosamente quanto possível, lendo cada uma das linhas. Após alguns minutos, ele teve inesperadamente uma idéia. Folheou até o final do livro e encontrou páginas em branco. Rapidamente, retrocedeu, passando as pesadas páginas em branco até que ele atingiu à última escrita. Ele se deteve, furou a ponta do dedo e leu: "TÚMULO DO ANSIADO MESTRE, OUTUBRO".

Isso era. Ele esperava que funcionasse e mesmo assim, inclusive agora, parte dele também esperava que não. Afastou-se do livro com os olhos bem abertos e o coração ainda martelando. Ele podia ver pela mudança na iluminação da sala o espelho se tinha

focalizado. Ele ouvia o som do vento sussurrando nas árvores e alvoroando as folhas. Lentamente, James tirou seus óculos do bolso do pijama e os colocou. Não queria perder nada dessa vez. Finalmente se virou.

A cena estava exatamente como ele lembrava. Ali estava o túmulo de Tom Riddle, coberta de hera e coroada pela sorridente e bela estátua. A luz do dia se filtrava através das árvores cinza e enevoadas. Agora que James sabia o que procurava, podia ver a criatura de fumaça e cinza de pé em frente ao túmulo. Tal como antes, a esfarrapada borda do manto voava ao vento sem pés saindo dela. Algo na figura desafiava o olho, o repelia, mas James se obrigou a olhar. Era esse o Guardiã do que Farrigan tinha falado? James sentia a vaga certeza de que ele era. Ao igual que antes, parecia cada vez menos uma figura encoberta por um manto e mais um oco cortado no espaço, revelando uma terrível infinidade de negrura formigante e vertiginosa e um enxame de cinzas James aguardava e observava, tremendo pelo frio do escritório do diretor. Lá fora, o vento parecia estar aumentando. Empurrava através da janela inquietantemente, ondulando as cortinas. Finalmente, enquanto James observava, o Guardiã levantou o braço, deixando que a manga se redobrasse. Sua mão era magra e pálida, como tinha sido a primeira vez que James a tinha visto, e James pensou que aquilo não era realmente uma mão humana, mas algo criado para parecer com uma. Desta vez, a mão não estava acenando. Manteve-se levantada no alto por um longo tempo. E então a figura girou a cabeça. O capuz da capa estava vazia, mas evidentemente, olhava para James através do espelho. James arfou e jogou para trás. Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo: uma rajada de vento rugiu através da janela, fazendo ondear as cortinas e sacudindo as páginas do Livro da Concentração, a porta do escritório do diretor escancarou-se de supetão, golpeando contra a parede interior, e uma luz inundou a sala desde o corredor, revelando uma grande silhueta à espreita. James deixou-se cair bruscamente para adiante, tentando se ocultar nas sombras do Espelho Mágico.

Ante o rosto de James, a superfície do espelho mudava à medida que as páginas do Livro de Concentração tremulavam. As cenas sucediam-se num piscar de olhos, alçando-se e desvanecendo-se na fumaça prateada. Em algum outro lugar do escritório, os retratos dos anteriores diretores estavam agora acordados, ainda que nenhum falava. A silhueta escrutava a sala, procurando. James fora descoberto. Quem quer que fosse, iria vê-lo a qualquer momento. James se agachou, arfante e aterrorizado, pressionando as mãos contra o cristal. Desejou poder estar em qualquer outro lugar naquele momento.

E então, repentinamente, ele estava.

Houve uma horrível e desorientadora sensação de giro, como se todo seu o corpo tivesse sido colocado de cabeça para baixo. Estava ali quase antes de saber o que estava acontecendo. De repente, a cena do espelho já não era fumaça prateada, era o escritório do diretor, mas distante, de alguma forma. James podia ver claramente a sombra de um

grande homem movendo-se sobre o solo no outro lado do espelho e então, o homem ficou à vista, muito perto. Era Merlim, com seus olhos muito abertos e penetrantes.

Sem pensar, James agachou-se baixo o espelho. Desesperadamente, olhou com curiosidade acima, esticando o pescoço para ver se tinha sido descoberto. Desde esta nova perspectiva, a cena do espelho parecia diferente. De fato, o espelho em si era diferente. Era muito mais pequeno, com uma moldura prateada, e pendurava em uma parede de pedra em vez de sobre uma moldura de madeira. James franziu a testa, confuso e assustado. Agora que olhava para seu ao redor, pôde ver que estava em um lugar totalmente diferente. De alguma maneira, ele tinha atravessado o espelho. Quando tinha desejado estar em outro lugar, ele tinha estado tocando o Amsera Certh, e o espelho aparentemente tinha tornado seu desejo em realidade. Como podia ele ter sido tão negligenciado? As páginas do Livro da Concentração tinham estado volteando com o vento, por isso não havia maneira de saber para qual página do livro ele tinha sido enviado.

James tentou examinar ao redor. Ainda estava aninhado por embaixo do novo espelho, acocado num lugar estreito entre a parede e uma espécie de bloco de pedra. Havia vozes perto. Com muito cuidado, James levantou a cabeça. O bloco tinha aproximadamente um metro de altura com uma enorme e complexa forma que surgia dele. Com um susto, James compreendeu que era uma estátua. Parecia vagamente familiar, embora fosse difícil saber vista deste ângulo. James olhou ao redor do monstruoso pé esculpido, tentando com todas as suas forças não respirar. As vozes estavam por perto, e quando James finalmente olhou, viu os donos delas. Havia quatro pessoas, todas vestidas com mantos e capas de cores variadas. Eles davam as costas para James, formando uma linha irregular. De repente, produziu-se um lampejo ofuscante e uma explosão de fumaça ácida.

- Uma para a posteridade, creio eu - chorou uma voz animada. - É uma pena que não vai ser a cores.

- A cor chegará cedo, Godrico - garganteou felizmente a voz de uma mulher. - E talvez inclusive movimento, como pequenas pinturas vivas.

- Já *temos* pinturas em movimento - disse uma segunda voz de homem com um sotaque aviltante e depreciativo. - Não posso pensar como é que este processo possa ser de alguma maneira superior.

- Tu sempre tão cético, Salazar - comentou uma voz diferente de mulher. - A inventividade de Rowena deveria ser elogiado, não criticada. Deixa que os aprendizes que trabalham nisso aperfeiçoem sua técnica.

Os olhos de James quase se saíam de suas órbitas. Agora que a fotografia tinha sido tirada, os quatro indivíduos gravitavam em torno da rotunda primeiramente. Perto de ali, um pequeno e cinzento duende estava desligando o mecanismo do flash enquanto outro desmontava uma gigantesca e antiga câmera. Enquanto as duas

mulheres e os dois homens saíam ao corredor alumiado pelo sol, James olhou para o alto corredor abobadado. Ali, na arcada superior cuidadosamente entalhadas em pedra, com letras tão definidas como o cinzel com o que tinham sido medidas, se liam as palavras:

« SCHOLA HOGVARTENSIS ARTIUM MAGICARUM ET FASCINATIONUS »

James desabou contra a parede enquanto as vozes se desbotavam. Não havia dúvida. De alguma maneira, incrivelmente, ele tinha sido atirado de volta aos tempos da fundação de Hogwarts. Ele estava na antiga rotunda, escondido baixo a intata estátua dos fundadores, enquanto os mesmíssimos fundadores saíam à luz de um pôr-do-sol um milhar de anos atrás. Mas o que assombrou a James foi que o mais absurdo de todo era que Asla Doone tinha tido razão naquele dia em História da Magia.

James *era* o fantasma do pedestal.

- CAPÍTULO 10 -

A Pedra Guia



James esperou até os duendes acabarem de desmontar o equipamento caseiro da câmera, carregarem as peças até uma carruagem desengonçada, e a conduzirem para longe, conversando o tempo todo em uma estranha língua duende. Quando já eles tinham ido e a rotunda estava vazia, James pulou. Ele pousou em frente ao espelho de moldura prateada, perguntando-se por que alguém poria um espelho atrás de uma estátua. O espelho meramente mostrava as partes sombreadas de trás da estátua e o próprio rosto de James, que agora estava com olhos muito mais abertos. E seus óculos estavam tortos. Ele os tirou com um puxão e colocou no bolso do pijama. Por um momento, ele estava repleto de um horrível pânico. O portal no espelho havia se fechado! Como ele voltaria? Mas então, enquanto passava as mãos sobre a superfície do vidro do espelho, a reflexão mudou. O escritório de Merlim tornou-se visível, como se tivesse sido invocado pelo toque de James. Velas haviam sido acesas e Merlim permanecia em sua escrivaninha, de costas para o espelho. Estava folheando o Livro da

Concentração. Pareceu perceber que James o olhava, pois repentinamente virou a cabeça, fitando o espelho, com os olhos cerrados. James pulou para o lado, se atirando contra um muro de pedra próximo ao espelho. No momento em que seus dedos abandonaram a superfície, no entanto, a reflexão voltou ao normal; o escritório do diretor piscou, e foi substituído pela reflexão da enorme estátua e da rotunda.

James suspirou profundamente de alívio. Tudo que tinha de fazer era esperar até que Merlim deixasse o seu escritório outra vez. Então, James podia simplesmente tocar o espelho nesse lado e desejar voltar para sua própria época. Com um pouco de sorte, seria mandado de volta através do Amsera Certh de Merlim novamente. Uma vez que ele voltasse, ele ainda teria que escapar do escritório do diretor sem ser detectado, mas só resolveria isso na hora que precisasse. Quietamente, James acocorou-se atrás do pedestal da estátua e encostou-se ao muro.

Agora que ele tinha se acalmado um pouco, James começou a notar os ruídos e odores dessa versão de Hogwarts antiga. A rotunda estava vazia, mas o resto do castelo parecia uma colméia em atividade. Vozes ecoavam sobrepostas e atarefadas. Havia sons de passos e do estrépito de cascos na pedra. Retinidos e assovios indicavam que havia uma cozinha por perto. Os cheiros eram mesclados em um pot-pourri de guisado e terra recém lavrada, serragem e esterco. James se achou curioso. Se ele tinha que esperar de qualquer jeito, havia um motivo pelo que não deveria explorar a Hogwarts original um pouquinho? Rosa certamente o bateria se não tivesse aproveitado a oportunidade. James escalou e espreitou por entre os enormes pés da estátua de Helga Hufflepuff. A rotunda ainda parecia vazia e silenciosa. Cautelosamente, James saiu detrás da estátua e cruzou a estância. Era exatamente como a velha rotunda na Hogwarts que ele conhecia, exceto que ela não era tão velha; cada bloco na parede era reto e tinha pontas afiadas, perfeitamente encaixados em seus lugares. À arcada James se virou e olhou para as estátuas. Ele se tinha perguntado com freqüência como tinham sido elas antes de se quebrar. As figuras de pedra dos fundadores tinham uma altura de mais de seis metros, todas sorriam amigavelmente, exceto a estátua de Salazar Slytherin, que parecia estar forçando um sorriso com os olhos estreitos. No muro atrás deles, acima do espelho com moldura prateada, estava um gigantesco brasão de Hogwarts esculpida em madeira, e pintada brilhantemente. A visão geral era bem imponente.

- Rapaz! - gritou alguém próximo. James pulou, girando tão rápido que quase caiu no chão.

Um homem vestido com uma longa capa estava de pé na entrada da rotunda. Suas vastas sobranceiras estavam franzidas sobre olhos brilhantes e profundos. Ele tomava as rédeas de um régio cavalo branco.

- Aloja o cavalo de carga no estábulo e diz ao teu amo que seus hóspedes aqui se encontram. Podemos nós mesmos encontrar os nossos aposentos se ninguém se incomodar em nos saudar.

James estava completamente desorientado. Sem saber o que mais fazer, ele correu em direção ao homem e hesitantemente alcançou as rédeas com as mãos. O homem o olhou da cabeça aos pés suspeitosamente, e James lembrou-se que estava vestido com um pijama de listras azuis e brancas.

- Não este corcel, rapaz - rosnou o homem. - Ninguém mais doma essa fera a não ser eu. O *teu* fardo é aquele cavalo de carga. - Ele apontou para além dos degraus do pórtico, lhe mostrando um grande cavalo carregado com pesados fardos lona. Fixo a ele estava uma carroça com grossas rodas de madeira. O homem se inclinou para James ameaçadoramente. - És tu o cavaliço ou um truão? Que modos de recepção são esses?

- Eeh, perdão senhor, sem problema - gaguejou James. - Eu posso domar seu cavalo, hum, Majestade. Mestre. Er, Vossa Alteza.

O rosto do homem repentinamente se abriu num sorriso cheio de dentes, como se pensasse que James o estava ridicularizando e como se estivesse feliz em planejar lhe dar a punição merecida.

- Encantador, meu rapaz. O teu amo vai certamente apreciar o gracejo tanto quanto eu. Certifica-te que a nossa bagagem seja levada aos nossos aposentos, castigarei pessoalmente o carregador que se provar desatento. Espalhe o boato.

Com isso, o homem amarrou as rédeas de seu cavalo sobre um o poste mais próximo e adentrou a passos largos para a obscuridade do castelo, com sua capa de pele oscilando. Ele deixou um cheiro estranho e picante para trás. James deu as costas para o enorme cavalo de carga e para a carroça. Ele até considerou em fugira agora que não havia ninguém observando, mas então pensou melhor. Com certeza, ele poderia, ao menos, guiar o cavalo aos estábulos. Tudo que tinha a fazer era seguir seu olfato. Além do mais, a tarefa podia permiti-lo dar uma olhada no castelo original sem chamar atenção. Primeiramente, ele pensou, precisava de outra coisa para vestir. Ele olhou ao redor rapidamente. Em vez do topo ermo e cheio de mato da época de James, a entrada da rotunda dava vista a um pátio cuidadosamente aparado, cercado por um muro de pedra tosca. Correndo através do centro do pátio estava um riacho ruidoso, cercado por portões de pedra em ambos os lados. Ali, apoiadas em uma larga rocha estavam as cestas de roupas. James correu em direção, desejando que quem estivesse lavando as roupas ficasse longe por um bom tempo.

O conteúdo das cestas eram túnicas ásperas, muito mais largas que o necessário para James poder vesti-las confortavelmente. Ele lutou por se enfiou numa de qualquer jeito, tentando enrolar as enormes mangas. A barra da túnica se acumulava ao redor dos pés comicamente. A túnica era melhor que seu pijama listrado, mas não muito. Talvez encontrasse algo melhor mais tarde. Ele se virou e correu de volta ao cavalo de carga, segurando a túnica com as mãos para não tropeçar sobre ela.

Ele pegou as rédeas do cavalo, o qual era duas vezes mais alto do que ele. O cavalo continuava pastando a grama do pátio, mastigando metodicamente, mas seguiu

James afavelmente assim que este puxou as rédeas. As rodas da carroça rangeram quando o cavalo as puxou. James não sabia onde estava indo, mas presumiu que se andasse ao redor do castelo acabaria achando os estábulos. Aproveitaria a oportunidade para dar uma olhada.

O castelo de Hogwarts era muito menor que aquele que conhecia em sua época. Amontoava-se ao redor da rotunda, que fora adornada com uma porta levadiça de ferro, recentemente suspensa. Os torreões cintilavam ao pôr-do-sol, seus telhados cônicos pareciam afiados o suficiente para furar o dedo de James. Mais alta que os outros torreões, estava a Torre Sylvven, que James conhecia bem. Estava exatamente como ele se lembrava, embora agora dominasse a silhueta inteira do castelo. Enquanto circulava o castelo, guiando o cavalo por um portão tosco de pedra, percebeu que a terra aos redores do castelo estava salpicada com fazendas e cabanas. James estava um pouco surpreso. Em sua época, o castelo de Hogwarts estava isolado em meio de uma imensa e arborizada vastidão, solitário e escondido. Aqui, contudo, o castelo dava vista a uma tumultuada comunidade. Pessoas se moviam ocupadas em todo canto, obviamente absorvidas com os assuntos de uma vida rural. Enquanto James dirigia o cavalo e a carroça, tentando olhar como se soubesse onde estava indo, cruzou com pessoas carregando cestas e potes, arrebanhando carneiros e vacas, ou puxando carrinhos de mão de madeira carregados de vegetais. Várias pessoas lançaram a James olhares suspicazes, e ao menos uma mulher riu dele, mas pelo menos ninguém o estava saudando ou querendo saber o que estava fazendo.

Finalmente, ele captou o cheiro de adubo animal fresco na brisa inconstante. Olhou e viu um amplo celeiro de pedra. Sorriu, o reconhecendo; era o mesmo celeiro no qual Hagrid, em seu tempo, lecionava normalmente Trato das Criaturas Mágicas. O telhado era diferente, e havia algo como uma oficina de ferreiro ao lado, mas fora isso estava inalterado. Enquanto James se aproximava, podia ouvir os estampidos e relinchos dos cavalos e o baque e assobio do ferreiro.

- O que se passa? - exclamou um homem musculoso de braços desnudos, saindo pela porta principal do celeiro e encarando James.

- Err, esse cavalo de carga precisa de um estábulo - replicou James, segurando mais firmemente as rédeas. - O dono me mandou aqui. Eu não sou bem um cavaliço.

- É de se notar - disse o homem grosseiramente, olhando carrancudo, - pois trouxeste aquele cavalo sem, ao menos, retirar-lhe a carroça. Porventura também desejas que eu o aloje no estábulo?

- Não! - contestou James. - Se supõe que o cavalo deve ser descarregado e levado aos aposentos de seu dono. Ele disse que... err, *castigaria* pessoalmente quem fosse desatento com seus pertences.

- Não me digas como fazer o trabalho de porteiro, rapaz - disse o homem, girando os olhos cansadamente. - Eu mesmo te açoitaria se dispusesse de tempo. Tomás! Mandar

buscar o pajem. Precisamos descarregar esta carroça antes que Lorde Maarten se aborreça.

O homem baixou o olhar para James novamente, suspirando.

- Ou és um gatuno ou o clérigo mais jovem que já vi. A tua ama te chicoteará bastante quando vir o que fizeste com esta túnica. Como te chamas?

O coração de James disparou, mas não pôde pensar em uma mentira tão rápido o suficiente.

- Hmm, James, senhor. James Potter.

- O filho do Potter, é? Pois bem, então, seria melhor correr de volta ao mercado. E diz ao teu papai que o pilão que negociamos tem uma fenda na orla. Enviarei minha mulher com ele ao alvorecer.

O homem pareceu se despedir de James com isso, se virou e caminhou de volta no interior das sombras do celeiro, chamando Tomás outra vez. James suspirou em alívio. Obviamente, o homem tinha pensado que James era o filho do oleiro da aldeia. Ele girou e olhou para o caminho por onde tinha vindo. A paisagem entre o castelo e o celeiro era completamente diferente nesta época. James só podia ver a ponta plana da Torre Sylvven debruçando-se nas resistentes bétulas. Começou a desandar, acocorando-se e caminhando por entre as carroças e animais de fazenda.

Uma espécie de mercado parecia ter se erguido ao redor da parte detrás do castelo. Tendas de madeira, bancos, e carroças foram dispostas aleatoriamente, todas cobertas com todos os tipos de mercadoria. A multidão lotava-se perto das barracas, gritando e acenando, comerciando e discutindo. Animais agrários se misturavam aos camponeses, adicionando seus próprios cheiros e vozes à cena. James se lançou pelas rixas, tentando não ficar no caminho das pessoas e evitando pisar em estrume. Fragmentos de conversas amontoavam de toda parte enquanto caminhava, e James começou a ter o pressentimento que eram em sua maioria trouxas, embora parecessem estar cientes da natureza mágica do castelo e de seus habitantes.

- Este em minhas mãos é um garfo encantado verídico - um homem dizia a uma camponesa de aparência cética. - Faz qualquer refeição ter sabor como se tivesse sido cozinhada para um rei. Meu Lars o encontrou na relva após um clã mágico fizesse um piquenique. Duas galinhas e isto pode ser teu.

A mulher escarneceu, se virou e foi embora. O homem pareceu não se perturbar, e viu que James o olhava.

- O que tu achas, moço? Te fascinas um pouco de magia autêntica? Diz a tua mãe que passe por aqui, vá?

James deu de ombros e se virou para ir embora.

Quando entrou nas sombras do castelo, espionou uma larga entrada. Retinires metálicos e assobios emanavam do espaço mais além, e James supôs pelo cheiro que ali deveria ser a cozinha. Ele se lembrou que tinha ouvido a cozinha da rotunda e decidiu

que esse caminho seria provavelmente a melhor opção para seu regresso à estátua e ao espelho. Ele vagueou sem pressas em direção à porta, tentando parecer discreto. Ocorreu-lhe que pareceria mais apropriado se ele estivesse carregando alguma coisa. Perto da porta, uma pilha de painéis de cobre repousava próxima a um imenso caldeirão fervente, acima de um fogo. James olhou ao redor, certificando-se de que ninguém o olhava, então seqüestrou a panela do topo. Enquanto se virava, agarrando a panela ao braço, ele ouviu uma batida metálica estrondosa. Ele olhou de volta. O resto das painéis haviam desmoronado a mais alta derramou água no fogo, o qual chiou e emitiu faíscas.

- O que se passa? - gritou uma voz de mulher, estridentemente. - Surrupindo as mercadorias, não? Esse é o lote do caldeireiro. Ladrão!

James jogou a panela e saiu correndo. Ele ouviu a desordem atrás dele enquanto a mulher berrava e começou a persegui-lo, mas não deu a volta para olhar. Ele mergulhou na escuridão da cozinha, passou ziguezagueando por um homem com colete de couro e escorou em uma mulher carregando uma bandeja. A cozinha estava muito escura, exceto pelo ardente forno de tijolo. James foi em direção dele e viu outra porta.

- Ladrão! - clamou outra voz, se juntando ao coro lá fora. - Detenham-no!

Um homem robusto sem camisa e com um avental manchado pendurado na cintura pulou na frente de James, sorrindo maliciosamente debaixo de seu enorme e preto bigode. Segurava uma faca de açougueiro em sua mão, dedilhando-a como se fosse um sabre.

James tentou parar, mas ele se movendo muito rápido e o chão de pedra estava molhado. Ele escorregou, caiu de costas, e deslizou exatamente por entre as pernas abertas do homem, quem olhou para James enquanto ele passava abaixo dele.

- Não se rendam! - gritou o homem, girando. James bateu no muro do lado oposto do corredor. Mantendo-se o mais agachado possível, ele fugiu corredor abaixo. O homem rugiu, levantando a faca, mas outra pessoa agarrou seu punho por trás.

- Acalma-te, Larkin! Se trata apenas de um mancebo. Deixou cair a panela lá fora, inclusive.

- Reprovou uma voz. - Planejas partir-lhe o crânio apenas por ter-te feito de bobo? Se isso foi uma ofensa mortal, terias que executar todos na cozinha.

James pressentiu que a perseguição tinha terminado, mas não podia deixar de correr. Ele chegou a um cruzamento no corredor e estava atravessando-o por ele quando uma mão enganchou seu punho como si fosse um grilhão. James girou, momentaneamente arpoado pela inércia, e se derrubou no chão, erguendo seu olhar para a figura que o havia parado.

- Nós não admitimos que corram nos corredores - disse Salazar Slytherin, olhando fixamente por sobre seu nariz para James. Seus dedos continuavam ao redor do punho de James. Eram bem frios. - Que tipo de rebelião é essa? De um garoto só?

- Não faço parte de nenhuma rebelião - disse James ofegando. - Eu estava somente... hmm...

- Estás deveras *rebelando* - rosnou Slytherin, semicerrando os olhos, - mas unicamente por causa do teu sangue ruim. Como ousas cruzar estes corredores, trouxa?

James sentiu uma reação furiosa lhe subindo até a boca e dominando-o, mas com esforço de força de vontade, ela a dominou.

- Perdão, senhor. Eu estava... perdido.

Slytherin se inclinou para James, usando o aperto em seu punho para trazê-lo para perto.

- Ousas olhar em meus olhos como se acreditasses que fosses meu igual? - falou Salazar num silvo. - Os corações gentis dos meus companheiros têm gerado insolência na tua laia, mas não tolerarei isto. Terás que se referir a mim como “mestre”, e desviarás os teus olhos, ou os *ficarei* com eles para minha *coleção*. Está claro, filho da lama?

James usou o aperto de Slytherin como se fosse uma alavanca para se levantar. Quando estive de pé, puxou tão forte quanto pôde, retorcendo o punho para se livrar do aperto do bruxo.

- Caramba! - disse James furiosamente, - os livros de história estão certos sobre *você*.

Os olhos de Slytherin flamejaram e sua expressão se tornou desconfiada. Ele alcançou sua varinha mágica com um movimento rápido e suave. James se embaralhou para encontrar a sua, mas esta estava enterrada debaixo daquela ridícula túnica.

- Salazar - chamou uma voz repentinamente. Slytherin ficou congelado. James se virou, agradecido pela interrupção. A mulher, que James reconheceu como Rowena Ravenclaw, apenas havia virado uma curva no corredor. Seus olhos estavam suspeitos quando olharam por sobre a cabeça de James para Slytherin. - Estávamos te esperando. A audiência com lorde Maarten já se iniciou. Por quanto tempo pretendes conferenciar com esse, hmm, jovem clérigo?

Rowena baixou os olhos para James e piscou a olhar, sem sorrir.

James deu as costas a Slytherin, que o olhava furioso. Então, de repente, seu rosto mudou. Ele sorriu indulgentemente e deu uma tapinha na cabeça de James.

- Vá, rapaz - disse em uma voz melodiosa. - Tenho certeza que poderemos finalizar nossa “conferência” mais tarde.

James contemplou Slytherin, pensando que o bruxo podia simplesmente amaldiçoá-lo nas costas assim que ele se afastasse. A expressão de Slytherin não mudou, mas seus olhos se endureceram. *Vá agora ou afronta as conseqüências*, os olhos pareciam dizer. James se arriscou, se virou e caminhou o mais rápido que podia, pegando um corredor perpendicular àquele em que Slytherin e Rowena Ravenclaw ocupavam. Curvou-se para a direita e encontrou um pequeno lance de escadas. Quando James as

alcançou, ele olhou para trás. Slytherin não estava mais visível. Dando mais um suspiro de alívio, subiu pela escada de dois em dois degraus por vez.

Enquanto navegava pelos corredores, ele ainda podia ouvir os ecoantes barulhos da cozinha. Ele tinha de estar bem perto da rotunda. Nada parecia familiar, contudo. Tochas tremeluziam e chiavam em grandes suportes de ferro, fazendo sombras dançar nas paredes, desorientando James. Ele passou por mais pessoas, algumas não mais velhas que ele, e assumiu que estava encontrando com alguns dos estudantes originais de Hogwarts. Eles se viravam enquanto ele passava, seus olhos curiosos ou abertamente suspeitosos. Ele começou a entrar em pânico. Finalmente, no momento em que passava por dois garotos mais velhos vestindo túnicas verdes, ele virou, encarando os olhares dos dois.

- Desculpem-me, sou novo aqui - se aventurou ele, tentando manter a voz uniforme. - Alguém de vocês sabe onde fica a rotunda?

- O que poderias fazer na rotunda, rapaz? - o mais alto respondeu, mostrando seus dentes numa paródia de sorriso charmoso. - *Deverias* saber que está na hora da aula de Alquimia.

- Possivelmente ele não *sabe* - disse o segundo garoto, abaixando as sobrancelhas. - As suas vestimentas me dizem que é um forasteiro trouxa. Estás perdido?

- Ou quiçá não - o garoto mais moreno sugeriu, se aproximando de James. - Quiçá estás para fazer algo mais vil? Minha fé me faz acreditar que o diretor das casas o julgará.

- Não, não, - gritou James, levantando as mãos - acho que já o encontrei! Ele, er, me disse "oi!"

James girou em seu calcanhar, tropeçando sobre suas vestes super-grandes. Os dois garotos avançaram para ele. Um dos dois o alcançou pelo capuz do manto, mas James finalmente conseguiu recuperar o equilíbrio investiu, atirando-se fora do aperto do garoto.

- Capturem-no! - ordenou o garoto moreno, perseguindo-o.

James saltou pelo corredor abaixo, com seu coração palpitando. Ele virou em corredores ao acaso, saltando curtos lances de escadas e se agachando embaixo de alguns arcos. Depois de um giro, ele encontrou uma alcova com uma estátua. Para o assombro de James, era a estátua de Lokimagus o Eternamente Produtivo. Sem pensar, James entrou na alcova e se escondeu acorocado atrás da estátua encurvada.

- Ele não pode ter ido longe, - uivou o garoto mais moreno. - Tu continuas. Irei recuar e verificar que não o perdemos. Aquele fedelho trouxa *pagará* por ter-se oposto à casa de Sonserina.

James segurou o fôlego até ter certeza de que já tinham ido. Finalmente, ele cambaleou para fora da estátua. Checou ambas as direções, e então se lançou ao corredor novamente. Ele esperava desesperadamente que não encontrasse mais

estudantes. Se fosse pego agora, nunca não conseguiria voltar através do Espelho Mágico; ficaria preso na Hogwarts antiga para sempre.

James rastejou sigilosamente em volta de uma grande passagem arcada, arfando. Ali, ao outro lado de um piso de mármore, estavam as estátuas gigantescas dos fundadores. Ele voltara à rotunda! Podia ver o lampejo do vidro emoldurado com prata atrás das estátuas. James trotou através do piso tão levemente quanto possível, determinado a voltar pelo espelho mesmo se Merlin ainda estivesse em seu escritório. Ele teria que aturar um diretor furioso e esperar que ele lhe desse a chance de se explicar. Esse mundo antigo era muito perigoso para perder tempo nele.

No mesmo momento em que James pensava, no entanto, algo começou a se mover detrás das estátuas. Alguém tinha estado aguardando nas sombras e agora estava saindo delas como se viesse ao seu encontro. James tentou parar, se escapular em outro lugar de refugio, mas não havia lugar algum para ir. Já era tarde demais. Salazar Slytherin sorria malevolamente para James, triunfante. Tinha sua varinha em sua mão direita e carregava algo debaixo do braço esquerdo, que estava coberto com um grosso tecido preto.

- Imaginei que encontrar-te-ia aqui, meu jovem amigo - disse Slytherin calmamente. - Sabes, estou começando a suspeitar que não tens nada de trouxa. Estou começando a pensar que és um espião. Quão ardiloso da tua parte, viajando através do Espelho. Eu tinha cometido o erro de pensar que era impossível.

James negou com a cabeça.

- Não é o que você está pensando! Eu apenas preciso...

A voz de Slytherin se tornou álgida. Ele mantinha a varinha erguida, mas não apontada para James.

- Posso prometer-te uma coisa, meu jovem amigo, - disse ele, virando - não cometerei o mesmo erro duas vezes.

Um raio de luz branca saiu disparado da varinha de Slytherin, atingindo o espelho emoldurado em prata que se explodiu em pedaços cintilantes. Os pedaços voaram entre as pernas de pedra das estátuas e tamborilaram para o chão.

- Não! - gritou James, caindo de joelhos. Estendeu a mão para pegar um dos cacos, mas já era inútil. O minúsculo fragmento não mostrava nada significativo. O portal estava destruído.

- *Dizem* que se seguem sete anos de azar àquele que quebra um espelho - comentou Slytherin ligeiramente. Seus passos estalavam quando pisava nos cacos do vidro quebrado enquanto ele caminhava em direção a James. Sorriu malevolamente. - Suponho que isso ilustra somente aquilo que sabem, de veras não?

James engatinhou, se afastando de Slytherin, forcejando para desprender sua varinha da enorme túnica. Slytherin andou casualmente atrás de James, balançando a cabeça em contento. Quando James finalmente encontrou sua varinha e a apontou para

ele, o bruxo careca moveu rapidamente a sua. Houve uma explosão aguda e a varinha de James voou para fora de suas mãos, aterrissando a vários metros de distância.

- Pensava que eu era um dos únicos homens vivos na terra a saber para o que servem os espelhos - disse Slytherin, ainda avançando para James. Com um abano hábil, ele tirou a capa preta do objeto que estivera segurando por sob o braço. Era outro espelho, pequeno e de forma oval, tinha moldura dourada moldada na forma de uma cobra enrolada. - Este aqui é particularmente interessante, especialmente para alguém numa situação como a sua. Não, sinto muito em dizer-te que não é um portal. É um pouco mais como... *sentido único*.

Slytherin segurou o espelho para que James pudesse se ver nele. O reflexo lhe mostrou um garoto com uma túnica pateticamente grande, com olhos selvagens e temerosos.

- Já ouviste falar sobre a superstição trouxa de que se encarares o teu reflexo por muito tempo, te transformarás no teu próprio reflexo? - perguntou Slytherin tranqüilamente, ainda segurando o espelho em direção a James. - Eles temem que se for o caso se afastar do reflexo, pois que vão simplesmente... desaparecer.

James tinha estado se aproximando lentamente de sua varinha, a qual estava deitada no chão a poucos passos além dali. Agora ele endureceu os nervos e disparou em direção a ela. Um instante depois, a dor se espalhou por seu braço, enfraquecendo-o. Caiu no chão, gritando. Desesperadamente, buscou o que tinha causado o ferimento, então ofegou em choque. Seu braço direito, desde o ombro, havia desaparecido por completo. Fitou o lugar onde ele deveria estar, não resistindo a tentar apalpá-lo com sua mão esquerda. Slytherin sorria alegremente. Aproximou-se de James outra vez, e enquanto o fazia, o braço de James voltou pouco a pouco à existência. A dor retrocedeu.

- Não há nada tão instrutivo quanto um exemplo prático, não mesmo, meu jovem amigo? - disse Slytherin, segurando o espelho para que James se pudesse ver nele de novo. - Como te acabei de ilustrar, se escolheres ficar ao alcance do reflexo do espelho, ficarás perfeitamente salvo. Se, caso contrário, tentares deixá-lo... bom, não preciso dizer nada mais, preciso?

Slytherin sacudiu sua varinha novamente. A varinha de James lançou-se para o ar, girando. O bruxo careca a pegou primorosamente e a segurou no alto.

- É curioso que uma varinha tão belamente moldada esteja nas mãos de um rapaz que mal sabe usá-la. Não és um estudante deste estabelecimento, mas parece conhecê-los. Logo tenho muitas indagações a fazer-te. E tu queres saber o quê, meu amigo? - Slytherin colocou a varinha de James no bolso e seus olhos se semicerraram e frios - Estou muito confiante de que *respondê-las-ás*.



Vários minutos depois, James se encontrava numa sala escura nas câmaras pessoais de Slytherin. O quarto era bem pequeno, com paredes de pedra, e rodeado por tapeçarias que descreviam cenas desagradáveis de esqueletos dançantes e montanhas flamejantes. Mesas em ambos os lados do quarto deram a impressão a James de que era o laboratório mágico de Slytherin. A mesa à direita estava carregada de livros, pergaminhos, penas, e tintas. A da esquerda exibia uma coleção fascinante de frascos, jarras e potes, todos bem arrumados em prateleiras volumosas que cercavam um imenso caldeirão. Unicamente uma vela queimava na sala, de cor vermelho-sangue e embutida em uma caveira humana. James teve a clara e incômoda sensação de que poucas pessoas tinham visto esta sala alguma vez. Estava sentado contra o muro mais afastado em uma cadeira muito reta e com um alto encosto tabuado. Era bem desconfortável, mas era a única cadeira da qual podia se ver no espelho oval. Slytherin havia posicionado o espelho em um cavalete enfrente da porta duplas, assegurando assim que James não poderia se aproximar da porta sem deixar de ver seu reflexo.

- Assim que puder, eu desfrutaria muito entrevistar-te imediatamente - tinha explicado Slytherin. - Sou um bruxo muito atarefado, e vieste em uma hora deveras imprópria. Embora deixa-me certificar-te que tão logo quanto termine meus afazeres noturnos gozarás da minha *total e completa* a minha atenção.

Com isso, Slytherin tinha empurrado as portas até quase fechá-las, mas não completamente. Através da brecha, James pôde ver uma pequena porção do escritório principal dele. Enquanto James esperava, podia ouvir o bruxo careca se movendo, embaralhando pergaminhos e resmungando sombriamente. Finalmente, veio uma única forte batida de fora da porta do escritório.

- Que pitoresco da tua parte fingir que ainda não estás no meu aposento, meu amigo - disse a voz de Slytherin. - Senti a tua chegada minutos atrás, mas assumi que seria grosseiro falar. Por favor, fica a vontade.

Através da fresta entre as portas duplas, James viu uma sombra se mover. Uma figura passou em frente à fresta. Houve um rangido produzido por um passo pesado, e então um suspiro profundo.

- Eu desprezo em absoluto as pedras deste lugar - uma profunda e murmurante voz disse. - Os remendos do chão são como facas para os meus pés. Invocaria os fogos

do centro da terra para que o consumissem se pudesse, e o teu maldito e miserável colégio.

Na escuridão do laboratório, James lutava por respirar. Ele reconheceu a voz do visitante de Slytherin. Era inacreditável, e agora tudo parecia se encaixar. Como não pôde ter feito esta conexão antes? Seu coração disparou e ele apurou os ouvidos para ouvir.

- Eu simpatizo contigo, Merlino - disse Slytherin. - Dever ser deveras inquietante voltar a casa aqui para ti. Ainda assim, não pensarias que permitiríamos que este castelo continuasse desocupado. Como podes imaginar, nenhum lorde trouxa desejava reclamá-lo após o desafortunado... *acidente* do lorde Hadyn. Ironicamente, eles pensam que o castelo é amaldiçoado em vez de magicamente fortificado. Contudo, me junto a ti em desprezar aquilo o que este lugar tem se tornado. Os meus colegas fundadores estão cada vez mais indecisos. Tornaram-se tolerantes com os não-mágicos e mestiços. Conspiram contra mim enquanto estamos conversando. Temo que o meu tempo aqui está próximo do fim.

- Que deplorável vergonha - disse Merlim, sua voz emanando desdém. - E uma vez pensaste que este colégio seria o alvorecer da tua utopia sangue-puro. Deves certamente estar desconsolado.

- A minha "utopia sangue-puro", como a chamaste, será realidade com a minha ajuda ou sem ela, meu caro - disse Slytherin. - É a natureza das coisas. Os governantes deste mundo viverão entre o gado antes de se sublevarem. O meu papel neste processo é insignificante, embora tenho de admitir que desejo viver para ver aquele dia chegar. E não pretendas repugnar as minhas palavras, Merlino. Tu és a maior prova das minhas afirmações mesmo se cismaste em ignorá-las.

- Acreditas que detesto os não-mágicos como tu fazes, mas não sou tão simplório - disse Merlim descartando a idéia. - Um lobo violento não justifica matar toda a matilha. Dominação é o teu único objetivo, não a justiça.

- É porventura errado dominar aqueles que não são dignos de igualdade? - replicou Slytherin, como se ele e Merlim já tivessem tido essa discussão muitas vezes antes. - Poder-se-ia dizer que é benevolência governar aqueles que não podem se governar a si próprios. Pelo outro lado... - aqui a voz de Slytherin tornou-se mais sedosa, - há mais que apenas um lobo violento, não há?

Houve um longo silêncio, e então Merlim disse:

- Não falarei de tais coisas contigo.

- Oh, mas não há necessidade de fazê-lo - replicou Slytherin. - Todos *sabem* agora a verdade sobre os fatos, não sabem? Afinal, aconteceu aqui mesmo, há quatro luas. Sim, é fuxico até mesmo entre os camponeses trouxas como o grande Merlino foi humilhado por lorde Hadyn e seus cúmplices. Deve ser de te ferver o sangue saber que o teu nome se transformou em estandarte para o amor insensato.

- Não falarei de tais fatos contigo - repetiu Merlim, com sua voz baixa e perigosa.

- Serei amigo o bastante para não recordar-te de que foste avisado a não se envolver com a mulher trouxa - continuou Slytherin, ignorando as palavras de Merlim. - Judite, acredito que era seu nome, não era? Conhecida comicadamente entre os camponeses como a *Dama do Lago*? Mesmo te implorei para não te rebaixares aos seus afetos. O amor faz de tolo todo aquele que se permite ser indulgente com ele, e quanto maior o homem, maior o bobo em que se transforma. Tu *eras* um muito *grande* homem, Merlino; e nem mesmo tu foste imune. O amor te cegou o engenho quando o teu bom senso deveria ter sido mais apurado. Quiçá, se não tivesses estado tão enamorado, tivesses enxergado a verdade.

- Hadyn me entregou o seu *cadáver* - grunhiu Merlim ameaçadoramente. - Prometeu devolver-ma. Foi a barganha com a qual concordou se eu dobrasse suas terras e fortificasse este mesmo castelo. Mas como poderia eu adivinhar que o homem ousaria me trapacear seriamente mesmo mantendo minha palavra?

- Ele te deu *um* cadáver - disse Slytherin pesarosamente, - mas deveste ter sabido que não era o dela. O corpo estava irreconhecível, mas tu és o grande Merlim. Poderias ter adivinhado a verdade se tivesses tentado, mas tu escolheste não fazê-lo.

- Ela ia ser a minha *esposa* - disse Merlim, e sua voz era como um trovão distante. Retumbava no solo debaixo dos pés de James. - Não pude suportá-lo. Nem mesmo podia *olhar* para aquele corpo dizimado.

- E Hadyn sabia que não o farias. E de outra maneira, como poderia ele ter empreendido tão óbvio ardil? Sabia que estarias muito chocado para verificar se o corpo era verdadeiramente o da tua Judite. E finalmente, quando arquitetaste a tua vingança, quando arrastaste a sua carroça pela floresta, até mesmo lá poderias ter visto a verdade. Poderias ter usado os pássaros e as árvores para enxergar o interior, para certificar-te quem estava dentro, mas não o fizeste. A tua ira, embebida em amor pela *pobre* mulher trouxa, te cegou, não mesmo? Se ao menos tivesses olhado terias sabido a verdade. Poderias tê-la salvado. Mas como todos sabem agora, lorde Hadyn também amava Judite. Ele a proclamou sua, e ela o autorizou a isso. Ele te entregou o corpo de uma serviçal morta e ficou com Judite para ele. Ela te traiu.

- Ela não teve *escolha*! - gritou Merlim, com sua voz rachando.

- Há *sempre* uma escolha, - insistiu Slytherin. - Ela poderia ter morrido pelo teu amor, não poderia? Mas não, ela ainda assim escolheu ficar com ele. Escolheu ficar com ele naquele mesmo dia, na carruagem.

- Ela era somente uma humana! Criou que eu iria buscá-la!

- Era somente uma humana - concordou Slytherin. - Uma imperfeita e fraca humana não-mágica, apesar de suas tentativas patéticas de ensinar-lhe as artes. E então, em nome da tua vingança cega pelo amor, ela converteu-se numa humana *morta*. Perdida por aí, junto com seu recente esposo, Hadyn, num acidente *misterioso* e trágico

de carruagem. Afundados, não foi? Dizem que a tempestade veio com a própria força de Júpiter, derrubando limpamente a carruagem para fora da ponte. Foi arrastada por um bom trecho dizem, e ficou em galhos. Se foi com cada uma... das pessoa que estavam dentro dela.

- NÃO falarei de tais COISAS CONTIGO! - rugiu Merlim repentinamente, estremeando até os muros. Houve um súbito relâmpago de fúria no momento em que cada vela e cada chama da lareira de repente explodiram em tochas azuis. A chama na vela vermelha no laboratório entrou em erupção, erguendo-se para cima, iluminando a sala brilhantemente por um momento aterrorizador. Então, tão repentinamente quanto havia acontecido, o momento passou. A sala mergulhou novamente na escuridão.

No silêncio que se seguiu, a voz de Slytherin voltou-se mansa e sedosa.

- Perdoa-me, amigo meu. Tenho decidido que é o meu dever recordar-te o que foi levado de ti, e quem o levou. Aconselhei-te para não confiar nos trouxas. São bestas, incapazes de ser nobres. A sua única função é a subserviência. Somos os seus mestres. Não é apenas o nosso direito comandá-los, é o nosso dever. Para o próprio bem deles e para o nosso.

- És uma cobra mentirosa, Salazar Slytherin - encolerizou-se Merlim.

- Posso ser uma cobra - Slytherin deu um risinho, - mas mentiroso não sou. Estás aqui porque concordas comigo, embora a tua consciência estúpida te leve a não admitir.

Merlim disse:

- De fato, estou aqui somente porque tu tens algo que necessito.

Slytherin suspirou.

- Sim, eu sei. Já tenho falado com teu pupilo, Austramaddux, e desta vez concordo com ele. O teu plano é o melhor. Este mundo já não te pertence, Merlim. Os reinos avançam com as suas civilizações. Escrutam a terra e a aram; derrubam as florestas e as transformam em choças. Estão domando a terra, assolando-a para ti. Eu unicamente sei o que isso faz com os teus poderes, pois tu és diferente dos outros bruxos, amigo meu. Nem mesmo és um bruxo. És um feiticeiro, quicá o último e o melhor da tua raça. Estou lisonjeado por teres aceitado a minha sugestão de sair deste plano de existência. Retornarás para uma época melhor. Austramaddux irá cuidar disto.

- Possa ser que não haverá semelhante época novamente - disse Merlim seriamente, - mas isto não importa. Tens razão sobre uma coisa: este mundo não é mais para mim, e nem eu para ele. Os dias estão obscurecidos diante dos meus próprios olhos, e por meio das minhas próprias mãos ensangüentadas. Eu tenho decidido me retirar do reino dos homens, mas pelas minhas próprias razões, Slytherin. *Tu* não as entenderias. O teu coração é tão negro quanto o piche.

- E ainda assim agora mesmo vens para falar de algo escuro, amigo meu - replicou Slytherin sem perder uma. - Adivinhei que fosse. A pedra sabe quando a buscam.

- Não zombes de mim, Slytherin. Sei que desejas que eu quebre as fronteiras dos mundos *sem* a pedra, pois aí controlarías aquilo que retorne comigo.

- Estás a falar da lenda da Maldição do Guardião? Não deverias levar tais coisas tão a sério. Quantos sonhos e elucubrações vagas podem os homens imaginar, não crês?

- Não sou ludibriado pelos teus estratégias. Tens a pedra, e o Saco Sombrio, pois és um amante de tais bugigangas das trevas. Se vou fazer o que nenhum outro homem deste mundo é capaz de fazer, o farei com ferramentas que nenhum neste mundo outro homem possa precisar.

- Diz-me, Merlino - disse Slytherin sociavelmente, - o que sabes sobre essas "bugigangas das trevas"?

- Como se as estórias deles não fossem comuns a qualquer criança, - suspirou Merlim. - O saco Sombrio contém o último resquício do puro nada deixado da aurora dos tempos. Suas utilidades são miríades e únicas. A pedra, contudo, é a única relíquia do pré-tempo. É um simples ônix preto, cuja origem é o Vácuo entre os mundos. É imune ao tempo; por conseguinte, é o chamariz do Guardião. O possuidor da pedra pode ser privilegiado com visões daqueles que passaram até a morte. Mas principalmente, quem possui a pedra seria o Embaixador do Guardião, se esta criatura alguma vez vier ao reino dos homens.

- Certamente não crês em tais coisas, - importunou Slytherin, e no entanto, James podia dizer que o próprio Slytherin acreditava nisso piamente.

- Creio que ninguém jamais ousou testar tais lendas - declarou Merlim sem rodeios, - mas apenas porque ninguém jamais esteve apto para tal. É pura especulação de que aquele que quebrar as barreiras entre os mundos por qualquer período de tempo, atrairá o Guardião do Vácuo, possivelmente trazendo-o de volta consigo. *Se* eu o fizer, e *se* retornar, desejo ser o encarregado por qualquer coisa que retornar comigo.

- Mas, por quê? - irritou-se Slytherin de repente, com sua voz ansiosa e gotejando ódio. - *Permita* que o Destruidor seja liberado sobre a terra! Se o homem é a escória deste mundo, reduzindo o teu poder pouco a pouco, consumindo-o como gafanhotos, então deixa que o Guardião desça sobre eles! É o que eles merecem! Se a minha predição está correta, para então o reino dos bruxos haverá sobrepujado ao dos trouxas nesse dia. O reino mágico será capaz de defender-se do Guardião, e até mesmo de *aliar-se* a ele! Apenas os insetos trouxas e os impuros serão destruídos pela sua mão, *e irão tarde!* A lenda diz que a Maldição do Guardião será o amanhecer de uma *nova era!* Uma era de pureza, de perfeição cristalina! Então deixa que aconteça, Merlino! Seja o arauto da maldição! Que forma mais oportuna/adequada para reclamar o título de *rei* de *todos os bruxos?*

- Se for o arauto da maldição, anseio controlá-la - replicou Merlim calmamente.

- Não faria de outra maneira, - respondeu Slytherin. - Sem a Pedra Chamariz, não poderás nem mesmo chamar a atenção do Guardião. Embora...

Merlim esperou silenciosamente, mas James, ainda sentado na obscuridade do laboratório, podia sentir o fervor do grande mago, sua ira expelindo-se através de seus poros como vapor.

Slytherin prosseguiu.

- A pedra é muito poderosa para ser removida completamente da face da Terra. Sabendo que este dia viria, contudo, eu providenciei que a pedra fosse dividida em duas partes iguais. As metades tem se tem engastado em dois anéis, um anel irá contigo e o outro ficará à mercê de mim.

- Não podes ludibriar-me, Slytherin - retumbou Merlim. - Desejas ter o controle do Guardiã na esperança de que ele desça. Tu desejas usá-lo na tua vingança contra os teus inimigos. Para então eles, igual que tu, estarão há muito mortos àquela época.

Slytherin sorriu tranqüilamente.

- Não te trará conseqüência nenhuma, amigo meu. A minha metade da pedra sobreviverá, apesar do meu próprio e curto tempo nesta terra. Será passada adiante. Quando e se retornares, sinalizando a descida da Maldição, a pedra encontrará o seu caminho para as mãos dos meus descendentes. Eu simplesmente desejo que estejam preparados. É justo, não concordas? Pelo outro lado, - continuou Slytherin, sua voz declinando, - se decidires abandonar o teu curso e *frustrar* o Guardiã, bom, não és Merlino o Terrível, o último da linha de Myrddred? Não és o maior feiticeiro de todos os tempos? Certamente, uma criatura como tu não precisa usar uma mera "bugiganga das trevas".

Merlim ficou em silêncio outra vez, e James sentiu seu fervor. Finalmente, disse:

- Como desejares, Slytherin. Proporciona-me a minha metade da pedra e deixar-te-ei em paz.

Veio então o som de uma gaveta sendo aberta, e depois o som metálico de uma pequena caixa. Um longo silêncio se seguiu.

- Eu poderia simplesmente tomar as duas metades de ti, "amigo" meu, - disse Merlim sem se perturbar, - Afinal, não sou Merlino o Terrível?

- Não te recordas das condições da tua lamentável barganha com Hadyn - replicou Slytherin. Houve o estampido da caixa fechando. - Não podes tocar sequer num fio de cabelo de qualquer um que esteja residindo neste castelo. As tuas ameaças são formidáveis, mas não surtem efeito aqui, afortunadamente. Eu, no entanto, aprecio as tuas intenções. Tens de considerá-las recíprocas.

O piso rangeu quando Merlim se levantou. James viu que as sombras mudaram no escritório enquanto Merlim se preparava para ir. Uma figura repentinamente bloqueou a visão através da fresta na porta dupla. Era Slytherin. Abriu as portas levemente e buscou James com o olhar. Um olhar pensativo perpassou seu rosto, estreitando seus olhos.

- E a propósito, Merlino - disse ele sem tirar os olhos de James, - se retornares em uma época futura acautela-te de inimigos. O teu desaparecimento provavelmente se tornará lenda. Alguns vão procurar por ti, e nem todos pretenderão te dar boas vindas.

- Estou bastante acostumado a lidar com inimigos - replicou a voz de Merlim, ecoando das profundezas do escritório ao lado.

- Todavia, se cruzares com um certo rapazinho... de olhos castanhos, com cabelos negros curtos e revoltos e aparência de constante insolência, tome cuidado. Ele é o teu inimigo. Previ isso. Deves livrar-te dele.

- Não me livro de ninguém sem um motivo justo - rosnou Merlim, - apesar de todas as tuas adivinhações, e inclusive aqueles que *merecem* tal tratamento ocasionalmente escorrem pelos meus dedos.

- Enquanto que alguns que *não* merecem estão sobre seu julgo - declarou Slytherin friamente, como se girasse uma faca. - Mas sintá-se a vontade, Merlino. Vigila o garoto. Ou ignora-o pela tua conta e próprio risco. Não me importo aquilo que escolhas.

Um momento depois, veio uma lufada de ar quente e o fedor de sujeira e coisas crescendo. Merlino tinha ido embora. Slytherin expôs seus dentes para James.

- Disseste que a *história* estava certa sobre mim - disse ele, sorrindo ferozmente. - De alguma forma, não acredito que a história vá sequer conhecer o teu *nome*, meu jovem amigo.

- CAPÍTULO 11 -

O Círculo dos Nove



Com um movimento hábil da varinha, Slytherin jogou novamente um pano preto sobre o espelho oval sobre do cavalete. James encolheu-se, temendo que ele fosse desaparecer no momento em que seu reflexo fosse escondido. Slytherin deu-lhe um olhar desdenhoso.

- Obviamente, o espelho seria inútil como uma prisão, se o preso não pudesse ser libertado pelo carcereiro, teu idiota - disse ele. - Se tivesses tentado, os teus medos teriam se tornado realidade, mas se o espelho fosse coberto por outra pessoa, estarás seguro. Estás vendo? Mesmo agora, eu sou o professor perfeito, e tu um aluno relutante. Vem comigo, meu amigo.

James balançou a cabeça, pressionando os lábios juntos com teimosia.

Slytherin suspirou tediosamente.

- Não vou te machucar, rapaz. Eu simplesmente exigo que fica junto a mim para que possamos desparatar juntos.

- Você não pode Desaparatar dentro de Hogwarts, - respondeu James. - Todos sabem disso.

- Eu não sei quem são “todos” que falas, mas estou começando a suspeitar que a Hogwarts que achas que conheces não é a Hogwarts que atualmente vives. Agora vem aqui.

James reforçou o seu aperto sobre os braços da cadeira de costa-alta.

- Não vou com você a lugar algum.

- Queres ir ao fundo desse mal-entendido, não? - perguntou Slytherin. - Nós dois queremos a mesma coisa, meu jovem amigo. Agora *vem*.

Quando Slytherin disse a última palavra, ele fez um movimento rápido com sua varinha. A cadeira de costa-alta pulou fora do chão, com James nela. Ela foi em direção a Slytherin e, em seguida, James foi jogado no chão nos seus pés. James se pôs de pé, olhando de lado para o mago careca.

- Por que você apenas não usa a Maldição *Império* em mim, valentão? - cuspiu James.

- Isso é uma maldição imperdoável, - disse Slytherin, inclinando a cabeça fingindo espanto. - Sou um professor, neste maravilhoso estabelecimento. Como tal, devo obedecer as leis da magia daqui. Eu nem sempre concordei com essas leis, mas mesmo assim...

Slytherin estendeu sua mão.

James o encarou, carrancudo e furioso. Ele sabia que se ele não obedecesse Slytherin, o homem iria apenas forçá-lo a fazer todo de algum modo. Algo dentro James dizia que ele preferia caminhar para qualquer lugar que seja do ser carregado. Com isso, ele olhou bem para o mago de olhos frios e, em seguida, pegou a mão estendida do mago.

Houve uma súbita, sensação de velocidade vertiginosa e depois as trevas. O chão parecia cair afastado dos pés de James. Um milésimo de segundo mais tarde, outra superfície se materializou abaixo dele. James tropeçou, e Slytherin o soltou com um empurrão, fazendo-o cair de joelhos.

- Não *desapartes* - disse Slytherin zombando dele, distante. - Sem *feitiços* úteis, sem compreensão da *astúcia* ou *criatividade*. Não sei de onde vieste ou quem és tu, meu jovem amigo, mas quem te tinha enviado devia estar verdadeiramente desesperado.

James ficou encolhido, lutando com um tipo de tontura residual. Onde quer que Slytherin o tenha levado, era muito escuro e frio. O vento soprou inquieto, empurrando

uma viga de nuvens suspensas. A lua parecia anormalmente estreita. Seu brilho gélido iluminando as redondezas, deste estranho lugar. James deu uma olhada ao redor. O espaço era circular com terraços de pedra levando para baixo para um piso de madeira. Em ambos os lados deste, dois tronos mármore de frente um para o outro. O coração de James afundou. Ele esteve aqui uma vez antes, em seu próprio tempo.

- Pareces saber muito sobre nós - disse Slytherin, elevando a sua voz sobre o gemido do vento. - Portanto, deves conhecer a finalidade da Torre Sylvven. Sua altura, dizem eles, o coloca fora do alcance das leis dos homens. Aqui, não existe tal coisa como uma maldição imperdoável. Aqui, meu jovem amigo, tudo pode acontecer.

Como se para enfatizar o ponto Slytherin, houve uma súbita sibilação e um turbilhão de fumaça negra. Parecia fluir sobre a torre fundindo-se em um ponto ao lado direito de Slytherin. Tomando a forma de um homem com um manto negro. Ele usava um capuz, com características afiadas e olhos cruéis. Slytherin sorriu, sem tirar os olhos de James. Mais redemoinhos apareceram, tomando forma, fazendo figuras em torno da circunferência do topo do terraço da torre. Cada figura usava um manto negro, a cabeça descoberta. Cada recém chegada figura virou-se para olhar para James, seu rosto frio e calculista.

- Conhece o meu Círculo dos Nove! - chorou Slytherin, abrindo os braços ao redor. - Companheiros magos que, como eu, reconhecem o inevitável futuro do mundo mágico, e que se juntam a mim nesse momento para iniciá-lo. Considere-se honrado por testemunhar isso, rapaz, poucos vivos sabem de nós, ou podia adivinhar que esse conselho existia. E agora, que começa o auge! Eu convoquei-vos esta noite, porque temos questões muito importantes para tratar...

Slytherin se moveu repentinamente através do topo da torre, voando, seus pés não tocavam o chão e o seu manto batia como couro semelhante a asas. Ele parou na frente de James, erguendo-se sobre ele, seus olhos ferozes e decididos.

- Tu és essa questão - disse alegremente com voz rouca. Estudou triunfantemente a cara de James, quase com carinho. Então, de repente, ele se afastou. Seus pés tocaram o solo e ele andou casualmente sobre o solo de madeira no centro da torre. James viu que o alçapão no centro estava fechado e aparentemente bloqueado. Não havia escapatória.

- Há instantes atrás, embaixo dos meus aposentos, eu era o professor e tu o aprendiz, rapaz - disse Slytherin, olhando sobre o muro baixo que rodeava a torre. - Vamos inverter os papéis. Os meus amigos e eu queremos aprender muito de ti hoje à

noite. Tens a honrosa tarefa de ensinar-nos. Vamos começar com algo simples. Qual é o teu nome?

James sentiu um forte desejo de não responder. Se respondesse até a pergunta mais básica, temia que acaba se respondendo todas elas. Uma idéia latente de bravura e nobreza insistia em que ele permanecesse em silêncio não importando o que Slytherin e seus amigos fizessem com ele.

- *Estás* pensando que é corajoso permanecer em silêncio, meu garoto - disse Slytherin astutamente, voltando a olhar para James sobre seu ombro. - *Estás* pensando que não matar-te-emos ou usaremos nossa arte para extrair o que queremos do teu cérebro morto. *Estás* pensando que tais coisas não acontecem a bravos garotos. E isso me prova, meu jovem amigo, que não estás familiarizado com esta época. Não sei o que acontece na época da qual vieste, mas aqui, coisas horríveis acontecem a garotos a cada dia que passa. Além disso, não és conhecido aqui. És um estranho. Ninguém sabe quem és, ou mesmo que existes. Se tu desapareceras, ninguém iria procurar-te. Ninguém notaria a tua ausência. Sabendo disso, realmente desejás arriscar a tua vida, na esperança de que eu, Salazar Slytherin, poderia ser demasiado generoso para executar-te esta noite?

James olhou Slytherin nos olhos. Eles brilhavam ao luar como moedas. Não havia alma neles. Neles, James poderia ver muito bem sua própria morte.

James engoliu e, em seguida, levantou-se.

- Meu nome é James - declarou ele, se esforçando para não trair o seu medo.

- Viste como foi fácil, James? - perguntou Slytherin, gesticulando exageradamente.

James viu que o mago tinha sua varinha em sua mão. Ele a movimentou, quase casualmente, e um feixe de atrozes dores percorreu a espinha dorsal de James. Ele tropeçou e caiu de costas arqueadas para trás, na pedra do terraço. A agonia foi monumental. Nele, James esqueceu onde ele estava. Sua visão ficou branca e opaca. Tudo o que importava era que a dor parasse. Pareceram-lhe durar horas ou dias. Então, de repente, ela tinha ido embora, e James sabia que tinha sido meros segundos. Seus olhos se arregalaram e viu Slytherin de pé sobre ele, sorrindo, com interesse.

- Eu não fiz isso porque só respondeste parcialmente à pergunta - disse Slytherin.

- Eu fiz isso porque hesitaste. Acredito que não vais deixar que isso aconteça novamente.

Slytherin se virou, como se a abordar todos os presentes.

- E agora, forte o suficiente para todos nós ouvimos, qual é o teu nome *completo*?

James debatia-se para se levantar, gemendo. Sentia seus joelhos muito fracos, mas se esforçou a levantar.

- James Sirius Potter - ele respondeu, odiando-se por ela. O pensamento de que a dor impressionante iria voltar novamente foi horrível. Ele faria tudo para evitá-la. E, além disso, ele pensava, o que é que isso interessa? O que Slytherin poderia fazer com qualquer informação que James poderia dar ele? Estava a mil anos no passado, certo?

Mas o futuro é construído sobre os alicerces do passado, uma voz parecia sussurrar na orelha de James. Ele pensava que era a voz de seu pai. Tenha cuidado, James. Seja astuto.

- James Sirius Potter - disse Slytherin. - Esse nome soa tão inocente. De onde és, mestre Potter? Quando é o teu tempo? O que podes dizer-nos dele? Cuidado, não deixes nada de fora.

- Sou do futuro - disse James sombriamente, ficando de pé novamente. - Mil anos a partir de agora. Eu sou um estudante desta mesma escola nessa época.

- Incrível - disse Slytherin, sua voz ansiosa. - E, no entanto, esta é obviamente uma mentira. Admiro a tua audácia, mas não te servirá muito bem. Responda-me sinceramente agora ou enfrentarás a Maldição *Cruciatu*s novamente. O que dirias?

- É a verdade - James respondeu, levantando sua voz. - Se você quer que eu invente algo para atender o que você quer ouvir, é só me avisar. Eu ficarei feliz de te contar qualquer historia que você quiser.

- Não nos tentes, James Sirius Potter. Se, de fato, Hogwarts existe a mil anos a partir de agora, então ela existe em um tempo onde o reino mágico finalmente subjuguou a multidão dos trouxas. Não haveria lugar, em tal colégio, um aluno como tu, um menino obviamente de habilidades pobres e mente fraca. Nesse colégio serias colocado no lugar ao qual pertencem: com os trouxas, sangues-ruins e cães. Conta-nos a verdade agora, ou morra com suas mentiras.

- Não estou mentindo! - disse James, entusiasmado. - Suas previsões não estão certas! No meu tempo, os trouxas coexistem com o mundo mágico. Eles nem sabem quem somos! O mundo mágico tem vivido em segredo entre eles ao longo dos séculos. Existem leis para certificar-se de que nenhuma bruxa ou bruxo fale para um trouxa sobre nós. Não só eu *sou* um estudante em Hogwarts, alguns dos meus colegas são os filhos de *trouxas*. No meu tempo, qualquer bruxa ou bruxo pode estudar em Hogwarts, não importa quem são seus pais. Seus planos estúpidos não vão chegar a nada! Na verdade, no meu tempo, você está ficando mais conhecido por ter sido expulso da escola, porque você era um louco com fome de poder!

- É mentira! - gritou Slytherin, saltando sobre James e elevando sua varinha. - Vieste aqui para semear engano e dúvida, mas foi desmascarado! Não tens a mínima centelha de prova de que este tempo que falas realmente existe, e as evidências da tua própria existência prova que mentes. O reino mágico nunca poderia afundar nas sombras do mundo trouxa. Seria uma blasfêmia e uma zombaria. Se essa época que descreves fosse uma realidade, seria um colapso sob o peso do teu próprio absurdo!

Slytherin se virou novamente, o seu manto voando ao vento e com os seus braços levantados.

- Meus amigos! Estamos frente a um mistério. Se o mundo que James Sirius Potter descreve é, de alguma versão do deslocamento das névoas do futuro, contra qualquer lógica, uma realidade, então, deve ser evitado a todo o custo. E se, como eu suspeito fortemente, este rapaz é uma fraude e um mentiroso, cuspiendo na cara da nossa tentativa de tratar-lhe como um cavalheiro, sendo assim, ele é o nosso inimigo mortal. De qualquer maneira, o nosso curso é claro...

Aqui, Slytherin se virou novamente e encarou fixamente James.

- O garoto deve morrer - disse ele, sorrindo cruelmente. Ele levantou sua varinha.

Sem pensar, James se agachou e pulou enquanto Slytherin pronunciava as palavras da maldição da morte. O raio verde passou sobre a cabeça de James. Ele engatinhou até um dos mais baixos terraços e se escondeu atrás de um dos dois bancos de pedra.

- Tende cuidado - gritou Slytherin, impassível. - Eu posso cuidar do garoto. Nenhum de vós precisa se incomodar.

James desejava desesperadamente que ele ainda tivesse sua varinha. Uma idéia ocorreu a ele e ele saiu.

- Ei! Como pode se chamar de cavalheiro? Não há muita nobreza em amaldiçoar um garoto, não é? Pelo menos me dê minha varinha!

Slytherin riu em deleite.

- *Finalmente*, o garoto mostra algum espírito - zombou ele. - Como quiser, mestre Potter. Vamos ao duelo. Dá um passo na frente e pegue sua varinha.

James andou com cautela rodeando o lado do trono. Slytherin viu e alargou o seu sorriso. Ele sacou a varinha de James de sua túnica e o ofereceu. James forçou a si mesmo a se por de pé novamente. Ele começou a atravessar o chão de madeira em direção Slytherin, com cuidado e rapidez, o seu coração batendo acelerado.

De repente, surpreendentemente, houve um forte baque diretamente abaixo dos pés de James. Ele saltou, assustado, e olhou para baixo. Ele estava de pé sobre o alçapão.

- Eles estão vindo, Salazar - chamou um dos magos com capa. - Eles têm percebido o nosso encontro. Temos que partir. Mata o garoto agora.

- Não - disse Slytherin, ainda sorrindo. - Eles não podem chegar até nós. A torre não pode ser violada pelo lado de fora até que a reunião esteja terminada. É a lei mágica da Torre Sylvven. Vamos terminar o nosso trabalho primeiro, e então lidar com os meus colegas fundadores. Chegou a hora de eles perceberem o erro que tinham cometido em planejar contra mim.

Vozes se elevaram abaixo e foi produzido outro golpe sobre a madeira do alçapão. A fechadura de ferro era velha mas agüentou o tranco.

- Toma a tua varinha, James Potter - disse Slytherin. - Vamos acabar com isto como homens.

James firmou e reforçou sua determinação e saiu do alçapão. Ele ouviu as histórias de como o seu pai havia enfrentado Voldemort de forma muito semelhante. Mas, como James tinha pensado muitas vezes antes, ele não era seu pai. James não teria qualquer chance contra o enorme poder maléfico de Salazar Slytherin. Pior, não havia lugar para correr ou se esconder. A torre era demasiado elevada para escapar. James nem sequer sabia como Desaparatar. Temerosamente, ele estendeu sua mão para pegar sua varinha. Slytherin a liberou, ainda sorrindo.

James limpou a garganta enquanto recuava, segurando sua varinha em frente a ele.

- Curvamos-nos primeiro? - perguntou ele.

- *Eu me curvo perante meus iguais* - disse Slytherin, mostrando seus dentes. - *Tu podes te curvar quando estiver morto.* - Ele varreu o braço a frente. - *Avada Kedavra!*

James pulou novamente e o feitiço atingiu o trono produzindo uma explosão de faíscas verdes. Uma pequena parte separada da mente de James percebeu que ele estava fazendo muito bom uso das técnicas corporais ele aprendeu na aula de Defesa Contra Artes das Trevas de Debellows. Ele quase suspirou em voz alta.

- *Usa magia, não acrobacia, rapaz!* - zombou Slytherin, agitando sua manga para trás. - *Deixa o teu corpo ser a primeira coisa que os meus companheiros fundadores verão quando se juntarem a nós aqui! Enfrenta-me e morre com um farrapo de honra!*

James estava apavorado. Ele rodeou o soalho madeira e se pôs de pé, acenando sua varinha freneticamente. Ele apontou, tentando desesperadamente lembrar o

encantamento. Foi um dos primeiros que havia aprendido, pois sua mente estava completamente em branco.

- Assim esta melhor! - disse Slytherin com voz rouca, avançando, indo ao encontro de James. Ele movimentou sua varinha casualmente antes dele, importunando James com ela. - Faze o teu melhor, garoto! Mostra-me o que eles te ensinam nessa a tua fantástica época! Faze agora!

James lançou o feitiço no momento em que entrou em sua cabeça. Slytherin falava sua maldição exatamente ao mesmo tempo. Ambos os raios explodiram sobre o piso de madeira, iluminando a sala. O raio verde de Slytherin atravessou a túnica demasiada grande de James, passando através dela e sob o braço direito estendido de James, errando por pouco. O raio amarelo de James acertou a fechadura do alçapão. Ele explodiu em uma explosão de luz e as portas se abriram, libertando um feixe de luz e o som das vozes.

- Esta aberto! - alguém falou. - Cuidado com armadilhas! *Protego!*

Slytherin berrou em fúria. Ele apontou sua própria varinha para a porta, mas era tarde demais. Um grupo de figuras emergiram das escadas de baixo, com as varinhas em prontidão. Feitiços explodiram em todas as direções, iluminando o pico da torre como fogos de artifício. James teve a oportunidade de mergulhar atrás do trono de mármore novamente. O ar estava cheio de repente do sibilar e turbilhão do círculo dos nove de Slytherin desaparecendo do topo da torre. Um deles permaneceu tempo suficiente para abordar James, floreando sua varinha. Ele tinha uma barbicha preta, que encrespou quando o homem sorriu.

- Belo truque, rapaz - ele elogiou - mas nós detestamos negócios inacabados.

Os reflexos de James ainda estavam aguçados por seu duelo com Slytherin. Antes de o homem terminar de falar, James sacou sua varinha e gritou:

- *Expelliarmus!*

Houve um acentuado crack e a varinha do homem saiu disparada de sua mão, girando na escuridão para além da parede da torre. A força do feitiço empurrou o homem para trás. Ele tropeçou e caiu em um dos terraços. Com um rugido de raiva, ele se virou para ver onde tinha ido parar a sua varinha. Percebendo que a tinha perdido, ele se virou, com suas mãos como garras e seu rosto contorcido de raiva.

- *Estupefaça!* - gritou James, arrastando-se para trás, pois sua pontaria havia falhado. O feitiço atingiu a parede de pedra à direita do homem.

- Morrerás por isso, rapaz! - rugiu o homem, saltando ao ataque como uma besta. Houve um flash de luz amarela o homem gritou. Ele aterrissou com força na frente dos pés de James, golpeando seu rosto com força suficiente para quebrar seu nariz. James ouviu um estalo e fez uma careta. Ele se levantou desajeitadamente, com olhos selvagens, acenando sua varinha desordenadamente.

- Detém-te, garoto! - uma voz ordenou. Uma mão subitamente agarrou o pulso de James, trazendo-o para cima. James lutou contra ele por um momento e, em seguida, olhou para ver de quem era a mão. A característica grave e estreita de Godrico Gryffindor olhava para ele.

- A batalha tem acabado, meu amigo - disse ele, liberando o pulso de James. - Quem quer que sejas, é um jovem bruxo extremamente afortunado.

- Ele não é apenas um bruxo - uma voz feminina disse, e havia uma insinuação de um sorriso divertido na mesma. James olhou e viu Rowena Ravenclaw jogar para trás a capa de seu manto azul. - Ele é o mais jovem clérigo no reino. E ele já havia enfrentado Salazar antes.

- Onde é que ele foi? - perguntou James repente, olhando ao redor do topo da torre.

- Desapareceu - respondeu gravemente Ravenclaw. - Escapou. Assumiu a sua forma verdadeira e vôou.

- Qual é a sua verdadeira forma? - perguntou James, estremecendo enquanto acabava sua adrenalina.

- Rowena esta brincando - Helga Hufflepuff respondeu, aproximando-se da parede baixa da torre e escutando na escuridão além. - Slytherin é um animago. Ela se referia que a sua forma animal e a sua verdadeira forma já que ela acredita que ele é indigno do título de homem.

- Ele é uma serpente? - perguntou James, unindo-se a Hufflepuff junto a parede e olhando para baixo.

- Curiosamente, não - respondeu Gryffindor. - A autêntica forma de Salazar talvez seja ainda mais apropriado, já que ele provou-se do mesmo modo cego, noturno e sanguinário. O animago de Salazar é, de fato, um morcego.

Um gemido lembrou a todos do homem de cavanhaque caído. Ele rolou sobre suas costas e se esforçou para sentar-se, com uma mão cobrindo seu nariz.

- Este homem não representa perigo sem sua varinha - disse Gryffindor, - graças ao pensamento rápido do nosso amigo aqui. - Para o homem, ele disse: - Eu não tentaria

Desaparatar se eu fosse tu, Lorde Morcant. Isso foi mais do que um Feitiço Corpo-Preso (no inglês: Bonelock Hex) que eu lancei em ti. Foi também um Encantamento de Contenção (no inglês: Lanyard Charm). Não chegarás mais longe do que uma pedra antes de ser arrastado para trás, e digo que isso pode ser muito doloroso.

- Quebraste o meu nariz! - gritou Morcant, mostrando-lhes a palma da sua mão. Estava manchada de sangue. - Eu matarei a todos vós por isso! Devolvi-me a minha varinha agora!

- Creio que não, meu senhor - respondeu Ravenclaw. - Eu suspeito que tu não segurarás uma varinha por algum tempo. Temos muitas perguntas para ti, e seria melhor que as respondesses.

- Vós torturar-me-eis, certo? - cuspiu Morcant, colocando-se de pé. - Não estou com medo do que vós fareis comigo! Eu nunca falarei. Fazei o vosso pior!

- Nós não precisamos de torturar-te - disse Hufflepuff razoavelmente. - Se tu optares por não responder às nossas perguntas, vamos simplesmente deixar-te ir.

Morcant estreitou seus olhos.

- Como atreveis vós a zombar de mim? Eu conheço o vosso tipo! As vossas mentiras não me enganar-me-ão!

- Nós conhecemos os da tua laia, Morcant - Ravenclaw disse, - e assumes que todo mundo é como tu. Vamos efetivamente libertar-te se recusares a responder as nossas perguntas, e nós não tocaremos nem um único pêlo da tua barba imunda. No entanto, deves ter cuidado, a tua libertação pode resultar que algumas pessoas tenham a impressão errada. Alguns observadores poderiam interpretar a tua incólume libertação como um sinal de que disseste-nos absolutamente tudo o que sabes.

Gryffindor levantou uma sobrancelha significativamente.

- O teu sócio, Salazar Slytherin, não apreciaria isso, estou certo? Ele tem fama de tratar severamente aqueles que o traem.

- Ele não iria acreditar em tais mentiras - resmungou Morcant - Ele sabe que eu sou confiável. Além disso, não tenho medo dele.

Gryffindor se aproximou a Morcant e se inclinou em direção a ele. Em um tom de voz conspirador, ele disse:

- Eu escutei rumores de que Salazar esta desenvolvendo uma maldição que explode os seus inimigos de dentro para fora. Tecnicamente, eu diria que era impossível, mas Salazar é um gênio quando se trata de tais coisas. Conhecendo ele, ele vai

simplesmente continuar tentando até conseguir. Ele está esperando que provavelmente vás traí-lo, só assim ele tem uma desculpa para usar a maldição como teste.

- Ele confia em mim! - insistiu Morcant novamente. - Ele sabe que eu nunca iria traí-lo!

Ravenclaw deu de ombros.

- Salazar nunca me pareceu do tipo de confiança - disse ela, - mas talvez o conheces melhor que nós.

- Por outro lado - disse Hufflepuff pensativamente, - se tu decidires ajudar-nos podemos proteger-te de eventuais represálias equivocadas.

Morcant zombou, e James ouviu o desespero na voz do homem.

- Vós? Slytherin tem o dobro da poder que todos vós juntos!

Gryffindor sorriu.

- Tenho a certeza que ele mesmo está convencido disso. Mas por que razão, então, ele se transformou em um roedor que voa no momento que ele viu a nossa chegada? Por que ele fugiu em vez de enfrentar-nos varinha a varinha? Slytherin não fará a si mesmo tais questões, mas deves, Lorde Morcant, pensar muito cuidadosamente nelas.

Morcant franziu furiosamente o rosto. Finalmente, através dos dentes ele disse,

- Ele quer ser livrar de todos vós. Ele deseja controlar toda a escola, e usá-la como a semente de um império mágico. Ele sabe que vós tendes estado conspirando contra ele. A sua intenção é atacar primeiro.

- Muito instrutivo - disse Gryffindor desagradavelmente. - Ele crê que temos conspirado contra ele. Mas continuaremos com isso em outro local. Rowena, Helga, talvez vós possais escoltar o nosso jovem misterioso amigo de volta para os salões principais do castelo? Acompanharei o Lorde Morcant a um local seguro. Podemos falar mais confortavelmente lá.

Hufflepuff e Ravenclaw concordaram. Um momento depois, houve um alto estalo quando Gryffindor Desaparatou da torre com Lorde Morcant.

- Retornaremos ao Salão Principal - disse Ravenclaw, voltando-se para James e Hufflepuff. - Deve estar deserta a esta hora da noite. Talvez o nosso amigo gostasse de comer algo enquanto conversamos?

Hufflepuff assentiu com a cabeça.

- Realmente. Temos de descobrir quem és, meu juvenzinho. E como fazer-te voltar para o lugar de onde vieste.

- Eu não posso imaginar como nós vamos fazer isso - respondeu James, recordando o portal do espelho quebrado. - Meu único caminho para casa foi feita em pedaços por Slytherin. Eu estou preso aqui.

- Certamente não é este o caso - disse Ravenclaw alegremente. - Pode não ser imediatamente visível, mas a solução aparecerá.

Hufflepuff sorriu para James.

- A resposta é quase sempre simples, juvenzinho, mas raramente é fácil.

James tinha começado a andar em direção ao alçapão aberto, mas quando Hufflepuff disse aquilo, ele parou. Onde ele tinha ouvido isso antes? Um momento depois, ele se lembrou. Merlim tinha dito algo parecido com isso na caverna, quando eles foram guardar suas coisas. *Fazer o correto quase sempre é simples, Merlim tinha dito, mas quase nunca é fácil.* E então, ligado a isso, James recordou algo mais que o grande Bruxo tinha dito, mais tarde, quando eles foram todos ao gabinete do diretor, observando como desempacotava seus equipamentos e parafernálias.

James deu meia volta, com os olhos arregalados, se perguntando. Não podia ser assim tão simples, poderia? Ele teria que descobrir, e rapidamente.

- Não - disse James entusiasmo - não ao Salão Principal. Temos que voltar aos aposentos de Slytherin! Agora mesmo, antes que ele volte!

Ravenclaw sulcou sua testa.

- Por que diabos devíamos ir ali?

- E o que te faz pensar que ele voltará? - acrescentou Hufflepuff, estudando a cara de James.

- Porque ele nunca deixaria todas suas coisas - respondeu James rapidamente. - Suas "bugigangas das trevas". Eles são demasiado importantes para ele. Ele vai voltar para pega-los, provavelmente, de imediato, antes que alguém se move alguma coisa. Temos que chegar lá primeiro. Se eu estou certo, ele tem uma coisa realmente importante. Pode ser a minha única chance de voltar ao meu tempo!

Ravenclaw meramente estudou James, seus olhos sérios e ponderando. Helga Hufflepuff, no entanto, sem hesitação assentiu educadamente com a cabeça, e ofereceu a sua mão.

- Nesse caso, caro rapaz, vamos deixar de usar as escadas. Rowena, varinha a postos. Se temos a intenção de apressar-nos, apressemo-nos como bruxas, e espero que Salazar não tenha sido mais esperto que nós esta noite. Quando eu conta três. Um... dois...



- Três!

James sentiu o solavanco desorientador da Desaparatação novamente quando Hufflepuff levou-o para longe da Torre Sylvven. Um momento depois, apareceu um corredor escuro em sua volta e seus pés tocaram um chão de pedra. Quase instantaneamente, houve um segundo e alto crack e Rowena Ravenclaw apareceu ao lado de James e Hufflepuff. Ambas as mulheres tinham suas varinhas em punho. Eles examinaram o corredor em ambas as direções. Sem uma palavra, Hufflepuff apontou. James olhou. Ele reconheceu esta sala como a que levava aos aposentos de Slytherin. Agora, com um calafrio, ele viu que a porta para o escritório do mago estava aberta. Havia luz saindo pela porta, e houve um esboço de um movimento silencioso.

- Qual é o teu nome, rapaz? - sussurrou Hufflepuff, sem tirar os olhos da porta.

- James Potter, - respondeu James o mais calmamente que ele podia.

Hufflepuff sussurrou:

- Tinhas razão, James. Salazar está aqui, retornou por suas coisas, tão ousado é. Ele sabe que o seu tempo aqui esta acabou. Rowena e eu iremos enfrentá-lo e tentar argumentar com ele. Se prevalecermos, vamos ajudar-te a procurar o que precisas. Se formos vencidas, então estou feliz por morrer sabendo o nome do nosso misterioso benfeitor.

- Podes argumentar se quiseres, Helga - disse calmamente Ravenclaw, obviamente ansiosa para uma luta. - Mas eu negociarei com a minha varinha. Tendo a ousadia de voltar essa noite, bem embaixo dos nossos narizes!

- Eu quero ir com vocês - sussurrou James, levantando sua varinha. - Esta é a minha luta também. Ele tentou me matar!

Ravenclaw estreitou os olhos para James, sorrindo levemente.

- Ele pode muito bem acabar o que ele começou, se você nos acompanhar, James Potter. Mas a escolha é tua.

James tinha esperado um pouco mais resistência do que isso. Ele sorriu um pouco nervoso. Honestamente, ele pensava, qual o pior que pode acontecer? A história prova que todos os quatro fundadores sobreviveram a esta noite. Evidentemente, como Slytherin tinha insinuado antes, a história não disse qualquer coisa sobre um rapaz de cabelo escuro, que poderia ter aparecido no meio do percurso.

- Eu irei na frente, sussurrou Hufflepuff, apontando na direção da porta de Slytherin. - Rowena, a minha esquerda. Segue-nos, James. Estupefaz Salazar se fosse necessário, mas nada além disso. Lembra-te que ele ainda é um dos fundadores do colégio, e é merecedor de respeito.

- Respeito que desaparecerá no momento que ele levantar sua varinha - murmurou Ravenclaw enquanto percorriam pouco a pouco o corredor.

- Ele com certeza não utilizava feitiços atordoantes sobre a torre - James sussurrou. - Basta olhar para a...

Um raio verde queimou o solo próximo ao pé da Ravenclaw.

- *Estupefaça!* - gritou Hufflepuff, apontando sua varinha para a porta aberta. Uma sombra pulou para o lado enquanto o feitiço atingiu a dobradiça da porta, explodindo em faíscas vermelhas. - Ele sabe que estamos aqui! Temos que atacá-lo! Estamos muito vulneráveis aqui!

James lutou para manter o passo quando Ravenclaw e Hufflepuff correram em direção do escritório de Slytherin, com as cabeças baixas e as varinhas disparando. Raios vermelhos atingiram a porta, forçando Slytherin de volta.

- Acaba com isso, Salazar! - gritou Hufflepuff. - Ainda não é tarde demais para abandonar esta linha de ação!

James ainda não tinha visto nem o rastro do seu antigo seqüestrador. Quando se lançou pela porta do escritório, agachando-se atrás de uma cadeira e uma estante de livros, uma sombra escura fugiu por uma porta, sibilando furiosamente.

- Cuidado com a sua forma! - gritou Ravenclaw, arquejando. - Ele pode ser pequeno e alado. Ele pode esconder-se!

Hufflepuff se assomou em torno da estante, sua varinha à frente dela.

- Ele não está à vista. Para a câmara principal.

James seguiu as bruxas que se movimentavam em toda a sala. Ele estava espantado com a sua movimentação. Eram graciosas e velozes, extraordinariamente rápidas, mas totalmente controlada. A mão da varinha os precedia, firme como pedra. O coração de James bateu em seu peito, fazendo sua própria varinha agitar em sua mão.

Ele olhou de soslaio para as portas duplas do laboratório. Elas ainda estavam ligeiramente abertas, mas o interior estava escuro.

- Varredura no quarto - disse Ravenclaw ao entrar no santuário de Slytherin. - *Ravaelio!*

Um feixe de suave luz lavanda se propagou da ponta da varinha de Ravenclaw, iluminando a parede. Lentamente, ela percorreu o aposento, fazendo com que a luz tocasse cada superfície. Finalmente, ela baixou a sua varinha, apagando a luz lavanda.

- Ele não está escondido aqui - disse ela, obviamente desapontada. - Ele fugiu mais uma vez, ao que parece.

James teve finalmente um momento para olhar ao redor. Esta era obviamente o quarto de Slytherin. Era surpreendentemente pequeno e bagunçado, com pilares por todo o lugar. Uma única janela estava bem fechada e bloqueada.

- Vamos aproveitar o momento, então - disse Hufflepuff, virando-se para James. - O que é que acreditas que Salazar pode ter em sua posse? O que instrumento pode ser útil para ti?

James tentou explicar sobre a época de que ele vivia, e como ele chegou nessa época acidentalmente desejando atravessar o espelho mágico, no gabinete do diretor. Ele descreveu aparecendo através do espelho emoldurado em prata pendurado atrás da rotunda estátua e sua posterior destruição por Slytherin.

- Eu supus que este era um espelho mágico também - disse James. - Mas agora eu não penso assim. Slytherin adora essas coisas. Ele nunca destruiria algo realmente mágico só para me manter aqui. Penso que o verdadeiro Espelho Mágico pode ver através de *qualquer* espelho, talvez até de qualquer coisa que reflete! Então o espelho atrás da estátua era apenas um espelho normal depois de tudo.

- Esse espelho era o resto da ocupação de Hadyn - ponderou Ravenclaw. - Não tinha nada mágico nele.

- Mas Slytherin sabia tudo sobre a viagem através de espelhos - continuou James. - Ele disse que achava que ele era um dos dois únicos homens na Terra que sabiam sobre isso. E então, só agora, quando estávamos em cima da Torre Sylvven, me lembrei do diretor dizendo algo como isso. Ele disse que o seu Espelho Mágico foi um dos únicos que haviam sido feito, e que o outro tinha pertencido a alguém que ele conhecia. Mas agora eu sei quem essa pessoa deve ter sido! Slytherin tem o outro Espelho Mágico! O gêmeo do que uma me trouxe aqui!

Os olhos de Ravenclaw haviam crescido e mostravam cautela. Ela olhou de relance para Hufflepuff.

- Pesquisaremos - disse Hufflepuff calmamente. - Então, teremos certeza.

Ravenclaw levantou a sua varinha e disse o mesmo encantamento de antes. A luz lavanda apareceu na ponta de sua varinha novamente. Ela virou lentamente.

- Na minha última passagem - ela murmurou, - eu estava apenas procurando por sinal de Salazar, quer como homem ou morcego. Agora...

Hufflepuff passeava ao redor da sala, observando o feixe jogar luz sobre as paredes.

- Ali - ela anunciou, apontando.

Ravenclaw parou, descansando o feixe sobre uma grande pintura. Era um retrato enorme de um mago de cara estreita e túnica Borgonha, e era quase em tamanho real. O retrato cerrou seus olhos para eles e zangado. James viu que, o feixe atravessa o retrato, iluminando o fraco esboço de uma porta oculta.

Ravenclaw guardou sua varinha e cruzou o chão do quarto. Ela agarrou a moldura da pintura e puxou, mas estava bem presa a parede. Hufflepuff juntou-se a ela, mas eles não conseguiram mover a pintura, nem mesmo com os três ajudando.

- Chega de criancices - disse Ravenclaw muito furiosa. Ela se afastou, tirando os outros do caminho. Ela apontou sua varinha para o retrato.

- Rowena Ravenclaw - o retrato zombou, - não sabes o que estás a fazer...

- *Convulsus!* - gritou Rowena, interrompendo o retrato. Houve uma explosão de cegante luz branca e o retrato e parecia evaporar. Um momento depois, uma vez que os olhos James tinham se reajustado à relativa obscuridade do quarto, ele viu que o retrato não tinha, de fato, sido completamente evaporado. O quadro tinha sido destruído, e a pintura tinha sido cortada ao meio deixando um grande buraco. A madeira na parte de trás da pintura tinha sido inteiramente arrancada, perdidos no espaço escuro mais além.

James, Hufflepuff, Ravenclaw adentraram o buraco no retrato cuidadosamente. James, entre as duas mulheres, podia ver um flash de luz piscar de volta para ele a bem no fundo da lona rasgada. No escuro da câmara escondida, a própria cara de James olhou de volta para ele.

- É lá - sussurrou James, um tanto exaltado e assustado. - Eu posso ver meu reflexo. É o Espelho Mágico!

Hufflepuff iluminou com sua varinha ao redor. Muito atentamente, ela atravessou a pintura para a escuridão da câmara por trás dela. Sua varinha iluminou o

espaço e refletiu sobre o espelho da moldura. Quando James entrou na câmara e se colocou ao lado de Hufflepuff, ele podia ver que este era a duplicata exata do espelho, que havia no escritório de Merlim, exceto que esse estava em pé em vez de estar deitado. Além disso, havia palavras gravadas sobre a moldura dourada do espelho de Slytherin. A inscrição não fazia qualquer sentido para James, mas a primeira palavra, esculpida em uma bonita e fluida caligrafia, foi "Ojesed".

- O espelho - disse simplesmente Hufflepuff. - Não foi destruído afinal de contas. Ele o tinha todo este tempo.

O rosto de Ravenclaw estava lívido de raiva.

- Devíamos ter desconfiado. Mas, e o seu Livro da Concentração?

- Podemos analisar estas coisas mais tarde, uma vez que tivermos dito a Godrico desta descoberta - disse Hufflepuff. - Por agora, James nos fez um segundo grande serviço. Desconfio que prefiras partir agora se podes.

- Gostaria, se você não se importa - concordou James. - Tem sido muito legal conhecer todos vocês. Bem, a maioria de vocês. Mas eu estou realmente ansioso para ver se posso voltar.

- James Potter - disse Hufflepuff, sorrindo, - nós teríamos uma infinidade de perguntas para ti, a menor delas é o que acontecerá conosco, e como é esta escola no teu tempo. Mas eu suspeito fortemente que quanto menos soubermos dessas coisas, melhor.

- Há uma coisa que devemos perguntar, porém, Helga - disse Ravenclaw. Ela virou-se para James, com o rosto sinistro e atencioso. - Se esta história que contaste-nos é verdadeira, e não tenho qualquer razão para duvidar de que seja, então, o diretor da tua escola, cerca de mil anos, portanto, se encontrou neste momento com Salazar Slytherin. James, responda-me essa pergunta o melhor que possas. Você sabe o nome verdadeiro do teu diretor?

- Claro - disse James, franzindo o cenho. - Eu pensei que eu já tivesse mencionado. É Merlim. Vocês provavelmente o conhecem como Merlino Ambrósio. Ele veio para o nosso tempo no ano passado, na noite do alinhamento dos planetas. Acho que você chamaria de a Travessia dos Titãs. Eu o vi esta noite. Bem, na verdade, o ouvi, quando eu estava preso nesse laboratório. Ele estava aqui mesmo, no escritório de Slytherin.

O rosto de Ravenclaw tinha ficado muito pálido. Estudou James e, em seguida, virou-se para olhar Hufflepuff.

- Ele esteve aqui esta noite - disse ela calmamente. - É tudo verdade. Apenas não acreditávamos.

- E esse garoto é a prova que ele tinha conseguido. É muito pior do que esperávamos. A lenda...

- Fica calada, Helga - disse Rowena gravemente. - James não precisa ouvir isso.

As duas mulheres olharam para James. A luz das varinhas, seus rostos pareciam muito pálidos e mortalmente sérios.

- Escuta-me agora, James Potter: Tem cuidado com Merlin - disse Ravenclaw, falando com grande ênfase. - O feiticeiro tem um feitiço que encanta aqueles que desejam confiar nele. Se ele alcançou a posição de diretor, então, ele já enganou muitos. Pode até ser tarde demais para o seu mundo. Mas podes ter sido enviado aqui esta noite para um grande propósito. Talvez vás servir com um aviso. O que Merlin atrairá sobre o teu mundo é um mal que nada na terra jamais conheceu. O Guardiã do Vácuo pode até mesmo estar solto, e Merlin é o seu Embaixador. Não tem como lutar contra o Guardiã, mas se tu podes encontrar uma maneira de destruir o Embaixador, James Potter, deves aproveitar e *fazê-lo*. Não deixes que ele ponha-te o seu encanto. Se o momento chegar, não vai ser o tempo de discurso ou hesitação. Será o tempo para a ação. Entendeste?

James olhou atentamente para Rowena Ravenclaw, séria e com cara pálida. Mesmo aqui, a mil anos de distancia dos eventos que ela estava descrevendo, ele ficou claramente apavorado. Lentamente, James assentiu.

- Como vós *ousais*? - uma voz chiou de repente, furiosa, fazendo todos se sobressaltarem. - O meu *escritório*! As minhas *coisas*!

Hufflepuff e Ravenclaw olharam pelo espaço apertado da câmara escondida. Elas apontaram suas varinhas quando uma figura escura rasgou o retrato. A voz gritava, e era um grito desumano. James de repente lembrou-se da porta ligeiramente aberta do laboratório, lembrado que ele devia avisar Hufflepuff e Ravenclaw para checar lá. Slytherin tinha enganado-os com uma sombra, e depois se escondido ali, provavelmente na sua forma de morcego. E agora, furioso por que haviam descoberto o maior de seus segredos, ele parecia meio aprisionado entre suas formas, metade homem e metade morcego. Sua voz zumbia horrivelmente. Grandes asas semelhantes a couro saiam de suas costas encurvadas.

- Vai, James! - gritou Hufflepuff, apontando sua varinha para a forma grotesca de Slytherin. Em sua fúria cega, ele bateu suas enormes asas de morcego, que golpeavam

contra a parede, impedindo-o de entrar. Ele voava furiosamente, balançando e atacando as mulheres com suas presas.

- Não! - chorou James. - Quero dizer, não sei como! Não consigo pensar!

Um raio vermelho queimou através do ar, atingindo Slytherin na asa. Ele gritava e sua asa batia desajeitadamente.

- Afaste-te do espelho! - gritou ele, as palavras soaram estranhas em sua meia-boca de morcego. - Toque-o e morrerá!

- Vai! - insistiu Ravenclaw desesperadamente. - Assim como fizeste antes!

Slytherin atacou novamente como fez antes, forçando finalmente o seu caminho através do dizimado buraco no retrato. Tanto Hufflepuff e Ravenclaw lançaram-lhe feitiços estuporantes, mas na sua forma mutante, eles apenas o deixavam ligeiramente enfraquecido. Ele batia seus dentes e rugia.

James se afastou e se lançou contra o espelho. No momento em que ele o tocou, seu reflexo se fundiu, revelando os familiares fumos prateados. Se redemoinhavam vertiginosamente em frente a cara de James.

- Vá, James! - chorou Hufflepuff. Houve um sibilante e horrível som de facada. Uma das bruxas gritava, mas James não sabia dizer qual.

- Gostaria de estar em qualquer outro lugar! - disse James em voz alta, então foi atacado pelo pânico e corrigiu isso. - Eu desejo estar em casa! Desejo estar no meu tempo! Agora mesmo!

Diretamente atrás dele, Slytherin rugiu, voz humana e animal. James sentiu o ar das asas de Slytherin e sentia as suas garras bem próximas.

E depois tudo desapareceu. A câmara oculta se desfez, sugada por um redemoinho de nevoa prateada. James sentiu a mesma estranha sensação de vertigem, como se ele estivesse sendo revertido através do espelho. Houve um rugido de velocidade do vento, e então ele estava caindo. Ele tombou para frente, sustentando se sobre suas mãos e joelhos, e sua varinha se chocou com o chão a sua frente.

James olhou para cima. Ele estava em uma pequena sala escura. Parecia estar cheio de baús poeirentos e caixas velhas. Ele deu a volta engatinhando, olhando na direção que ele havia tropeçado.

Aí, parecendo exatamente o mesmo, mas com uma espessa camada de pó, estava o espelho mágico Slytherin. A primeira palavra da agora antiga inscrição ainda era visível: "Ojesed".

- James? - a voz de uma menina perguntou, assustando ele. - É você? É ele! Acordem vocês dois! Já aconteceu!

- Rosa? - perguntou James, completamente perplexo. Ela apareceu das sombras perto da porta, desgrenhada e coberta de teias de aranha. James piscou para ela. - O que vocês estão fazendo aqui? Onde estou?

Ralf ficava em pé meio sonolento.

- Estamos no meio da bela noite. Onde mais?

- Ele sabia! - disse Rosa, quase saltando com entusiasmo. - Ele disse que você voltaria se mantivéssemos o espelho pronto, e você voltou! Nós três estávamos esperando aqui desde o jantar! Estávamos preocupados demais! James, o que aconteceu? Onde você esteve!

- Espere um minuto - disse James, ficando em pé. - Como Ralf saberia que eu apareceria aqui? Ninguém poderia saber isso.

- Nem eu - disse Ralf preguiçosamente, batendo nos ombros de James, - embora eu adorasse ter o crédito por isso. Não, isso foi tudo idéia *dele*.

Ralf apontou um polegar sobre o seu ombro. James olhou e viu um rapaz se levantando lentamente, com um sorriso cansado e torto em seu rosto.

- Bem em tempo, Potter - disse Escórpio. - Você tem feito um boa viagem?

- CAPÍTULO 12 -

Questão de Confiança



James decidiu que, mesmo que todos estarem com muita curiosidade, estava muito exausto para dar explicações mais detalhadas e intermináveis. Ele contou-lhes simplesmente que havia viajado de volta a época dos fundadores, e que havia descoberto sobre Merlim muito mais do que pretendia. Prometeu que explicaria com todos os detalhes na manhã seguinte que seria sábado. Relutantemente, os outros ficaram de acordo, e os quatro estudantes saíram furtivamente pela dispensa. James

permitiu que Ralf e Scorpius os conduzissem pelos escuros corredores ao Salão Principal.

- É verdade que *conheceu* os *fundadores*? - Rosa insistiu ansiosa com um sussurro rouco, negando-se esperar por os detalhes.

James assentiu com a cabeça cansadamente.

- Os conheci. Eram bastante mais... autênticos do que eu imaginava.

Rose sacudiu a cabeça assombrada.

- Como era Helga Hufflepuff? Ela é a de quem menos temos conhecimento.

- Ela era rude - disse James, - mas agradável. Queria discutir as coisas com Slytherin mesmo depois ele tivesse tentado matar a todos nós. Mas ela não era uma fracote. Nenhum deles era. Eles eram duros. Vou contar-lhe mais amanhã. Como todos vocês sabiam que eu me tinha perdido?

- Bom, passou um dia inteiro, certo? - Ralf disse em um sussurro. - Além disso, Cedrico me acordou na meia noite. Ele contou-me exatamente o que havia acontecido. Acredita que Merlim havia enfeitado a gárgula para que de alguma forma o alertasse, se alguém utilizasse a senha para subir para o escritório do diretor. Merlim tinha estado rondando por toda a escola, obviamente zangado como uma vespa, mas não tem dito nada. Rosa acha que ele está procurando algo.

- Creio que anda buscando o Espelho de Ojesed - exclamou Rosa - Aposto que ele pressentiu que estava aqui, escondido em algum lugar, mais ele não pode encontrá-lo. De algum modo, está protegido. Aposto que isso tem feito sua boca espumar!

- E como vocês o encontraram? - perguntou James quando estavam alcançando as escadas.

Ralf olhou para Scorpius, quem deu de ombros.

- Sabia para onde olhar - disse o menino pálido. - E quando. Mais ou menos.

Os quatro pararam ao pé das escuras escadas. No patamar mais próximo, a janela Héracles havia mudado de forma outra vez, a cara de Héracles estava parecida com a de Scorpius novamente. Filch ficaria furioso.

James negou com a cabeça.

- Simplesmente, não posso explicar, Scorpius. Como é possível que você o soubesse?

Scorpius soltou um profundo suspiro.

- Só me contaram. Meu pai sabe muito sobre isso. Ele tem estão estudando as escritas dos fundadores durante anos. É uma espécie de passa-tempo para ele. Queria saber mais sobre Salazar Slytherin, principalmente, para ver como ele realmente era, porém interessou-se mais pelos diários de Rowena Ravenclaw. Ela escrevia absolutamente *tudo* o que acontecia. Meu pai resolveu algumas das pistas e códigos que existiam nos diários de Ravenclaw. Aparentemente, ela *tinha a intenção* de que eles fossem descobertos. Ali descreve um menino que visitou ela e os demais fundadores,

um menino supostamente do futuro. Ela descobriu que se esse menino devia ter êxito para voltar através do espelho, alguém teria de prepará-lo neste lado, *neste* tempo. Decidiu que era seu dever se assegurar de que ocorresse, assim desenvolveu o códice e deixou as pistas para que a pessoa indicada resolvesse tudo. Ao que parece meu pai era essa pessoa. As pistas proporcionaram um período de tempo e instruções.

A cabeça de James dava voltas.

- Mas como ela pôde averiguá-lo? Como pode ela saber uma data exata?

Scorpius encolheu os ombros.

- Essa é uma pergunta pra meu pai. Não posso imaginar por que é tão importante. O fato que é que ela descobriu isso.

- É obvio - sussurrou Rosa. - Você tem devido dizer-lhe a época de que você vinha. Você tem devido lhe dar pistas.

- Não falei pra eles nada parecido! - disse James, mais ai lhe ocorreu algo. - Contudo, falei pra eles da reaparição de Merlim. Disse para eles que havia ocorrido faz um ano, na noite do alinhamento dos planetas.

- Nesse caso seria tudo o que ela necessitaria -contestou Rosa - Eles sabiam como rastrear esses tipos de acontecimentos. Ela provavelmente calculou a data exata do alinhamento, logo também somadas com outras pistas que você haverá mencionado, como o dia da semana ou o mês, ou o ano escolar, inclusive a fase da lua. Ela era mortalmente inteligente.

James assentiu.

- Sem dúvida foi isso. Mais ainda assim, como vocês encontraram o Espelho se nem o próprio Merlim não pôde encontrá-lo?

Rosa interrompeu Scorpius.

- Ravenclaw proporcionou uma espécie de mapa mágico! Ela embutiu um sinal encantado no Espelho de Ojesed, e listou o feitiço requerido para localizar o sinal. Tudo que tivemos que fazer então era segui-lo. Quando a encontramos, simplesmente tocamos o espelho e desejamos ter de volta o que foi perdido. E é isso que fizemos, e logo simplesmente esperamos. Finalmente, pum! Aqui você está outra vez.

- Bastante genial e fácil, né? - sussurrou Ralph, sorrindo. - E tudo graças a Scorpius aqui presente. Ou ao seu pai, na realidade.

Scorpius revirou os olhos.

- Se nos temos nos cumprimentados mesmo a nós, tenho planos para amanhã. Vocês três podem ficar aqui, e podem se deixar encurralar pela velha gata mágica do Filch se quiserem, mais eu vou para cama. - Ele deu meia volta e começou a subir trabalhosamente as escadas.

James despediu-se de Ralf, e depois seguiu Scorpius escadas acima, com Rosa ao seu lado.

Quando os três passaram pelo retrato, entrando na sala comunal da Grifinória, Rose sorriu cansada para James.

- Eu fico alegre de que tenha voltado, James. Não sabíamos aonde você havia ido, na realidade, ou se a informação de Scorpius era correta. Estava assustada a sério. Pensei que dessa vez Merlim havia pegado você, de algum modo.

James franziu a testa, pensando nas palavras que Rowena Ravenclaw havia lhe dito, encorajando-o e alertando para que ele não se deixasse intimidar por Merlim, advertindo-lhe que poderia ter que enfrentar o feiticeiro em um momento adequado. Ele tentou sorrir animadamente para Rosa.

- Estou bem - disse. - Mas foi por pouco. Vou contar a vocês todos amanhã. Contarei tudo, se quiserem de verdade saber. Por ora, durmamos. Estou caindo de sono. Disseram-se boa noite e subiram para suas respectivas escadas. Quando James chegou ao dormitório escurecido, Scorpius estava já em sua cama, de costas para James.

As vestes roubadas de clérigo de James não haviam atravessado o espelho com ela, assim que ainda usava seu pijama listrado. Cansadamente, colocou seus óculos e sua varinha de novo na mochila e subiu na cama. Ele permaneceu um momento ali, e depois se ergueu.

- Scorpius - sussurrou. O menino não se moveu, mas James sabia que ele estava escutando. - Não sei por que me ajudou, mais mesmo assim, obrigado.

James se acomodou. Passou apenas um minuto e já estava quase dormindo, mas então ele ouviu Scorpius mover-se. Na escuridão, o garoto contestou com um sussurro.

- Não me agradeça ainda, Potter. Pode chegar o momento que você desejará não ter regressado nunca. Pode chegar o momento em que você me *amaldiçoará* por ter feito isso.



James dormiu até tarde da manhã seguinte e despertou ao resplendor brilhante da neve tocando a janela de seu dormitório. Foi se lavar, vestiu-se, e correu escadas abaixo na busca de seus amigos. Finalmente, encontrou Rosa e Ralf na biblioteca, discutindo tranqüilamente sobre uma das perguntas dos deveres da professora Revalvier.

- Vocês dois são patéticos - disse James. - Fazendo deveres em plena manhã de sábado.

- Tecnicamente, apenas é manhã ainda - contestou Rosa. - Estávamos te esperando. Morrendo de curiosidade para saber o que aconteceu ontem.

Ralph fechou o seu livro em um só golpe.

- Além disso, está gelando lá fora. Inclusive o lago está congelado. Todos os veteranos estão sonhando com quem ir ao baile de Natal. Não há nada de mais para fazer. A propósito, recebeu o pato-mensagem de Zane?

James piscou.

- Quando? Ontem à noite?

- Não, esta manhã bem cedo. Hmm, ontem à noite para ele. Também quer saber o que aconteceu com você. Ele disse que fosse notificado via pato quando você pudesse falar sobre a sua aventura e que avisássemos onde ele nos encontraria.

James sacudiu a cabeça e sorriu.

- Isso é loucura!

- Assim que Zane é - Ralf encolheu os ombros.

- O que há com Scorpius? - perguntou James com relutância. - Deveríamos incluí-lo também?

Rosa parecia incomodada.

- Ele disse que já sabe todo o que precisa saber disso.

- Sei lá o que isso significa - acrescentou Ralf. - Oh, sim, isso me recorda algo. Você recebeu um berrador ontem à manhã.

- O quê? - disse James, franzindo a testa - Um berrador? De quem?

- De sua mãe - respondeu Rosa. - Foi entregue durante o café da manhã, mais você não estava lá para abri-lo. Tentamos tirá-lo do Salão Principal, mas estourou antes de podermos fazer. Receio que todos ouviram. Na realidade, você poderia nos ter contado disso, James.

- Do que está falando? - exclamou James. - O que dizia o berrador?

Rosa estudou a cara de James.

- Você não sabe mesmo?

- Droga, Rosa, você está me matando! O que dizia?

- Era a voz de sua mãe - disse Ralf. - Estava realmente enfurecida, e gritando como uma trombeta. Ela disse que você realmente não podia ser culpado que você os pegasse no ano passado, porque você é o filho de seu pai, mas que ela tinha esperado que você tivesse aprendido a lição. Disse que eram perigosos, e o que é mais, perigoso, que pertenciam ao seu pai, e também que ele estava muito decepcionado por que você tivesse pegado eles às escondidas de novo. Depois ela disse que esperava que todo mundo lá fora, incluindo os professores, tivesse escutado, assim todos saberiam que fica perambulando por aí com a Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto, e que deviam pôr fim nisso.

James gaguejou, mudo.

- Mas... mas, eu não os peguei! Estão ainda na casa, no baú de meu pai! Não os toquei desde o ano passado!

- Bem - disse Rose, afirmando o óbvio, - *não estão* em casa, no baú de seu pai, mesmo que você não tenha os tocados. Eles desapareceram e sua mãe parecia bastante segura que você é o culpado.

James se sentia furioso e magoado por igual. Como sua mãe poderia acusá-lo dessa maneira? Estava correto afirmar, que ele havia pegado emprestados a capa e o mapa no ano passado, mas havia boas razões para fazer isso. Ele tinha aceitado seu castigo, não? Não tinha nenhuma intenção de pegar emprestada a capa e o mapa esse ano. Mas, quem podia tê-los pegado então? E nesse momento, de sobressalto, James se recordou da manhã em que eles iam para o trem, quanto Alvo se tinha atrasado misteriosamente preparando seu baú.

- Esse *explosivzinho!* - resfolegou James, furioso.

- Quê? - pergunto Rosa. - Quem?

- Alvo! Seu diabinho sonserino! *Ele* os roubou! Só pôde ser ele! Na manhã que saímos para o trem, ele andava rondando por ali, com as bagagens quase prontas. Depois, de repente saio da sala uns minutos. Mamãe e papai estavam abaixo tirando o carro. Ele deveu ter furtado sorrateiramente até o quarto deles e roubou a capa e o mapa do baú de papai! Ele *sabia* que me culpariam a mim.

- Você não pode saber isso - admoestou Rosa.

- Não posso - disse James com raiva, concordando com a cabeça. - Mas sei. Espere até eu pôr as mãos nele. Obrigarei a ele enviar uma coruja para mamãe e papai confessando tudo. Vocês vão ver que sim.

- Tanto faz - interveio Ralf, - é que nós estamos mortos de curiosidade para ouvir o que aconteceu em sua disparatada aventura de ontem. Podemos deixar para trás esse detalhinho por um momento?

James estava muito furioso, mas concordou. Ele só iria ocupar de encontrar Alvo mais tarde. Talvez ele convenceria Ralf a escoltá-lo de volta para a Sala Comunal da Sonserina?

Ralf continuou:

- Estávamos pensando em tudo isso e achamos um lugar genial para nos encontrar com Zane e ouvir a sua história. Vai pegar a sua capa e vai nos encontrar na entrada da rotunda. E traga a sua varinha.

Alguns minutos mais tarde, James já estava reunido outra vez com Ralf e Rosa junto com os restos quebrados das estatuas dos fundadores. As portas da enorme rotunda estavam fechadas contra o frio do dia de inverno, mas havia uma pequena porta à esquerda que permanecia aberta. Rosa conduziu o grupo até ali.

Quando James cruzava o chão de mármore, sentiu-se muito estranho. Lembrou as estatuas como as havia visto pela última vez, intatas e novas. Olhou para acima

enquanto atravessava o arco principal. O cinzelado nome da escola estava gasto, quase perdido nos recantos escuros do teto abobadado. James imaginou que se ele fosse à base da estatua, ainda poderia encontrar pedacinhos do espelho de prata quebrado em fendas no chão. Ele tiritou.

Quando passaram através do pequeno portal, os três estudantes fecharam os olhos com luz ofuscante e a claridade nevoenta do dia. O lago estava certamente até a metade congelado, com a borda de gelo branco se desvanecendo no negro, perto do centro onde as ondas rompiam contra a superfície quebradiça. O vento estava afiado e áspero, levando os flocos de neve como se fosse areia. Nenhum dos três falou enquanto abriam passagem ao redor do castelo, encolhidos contra o frio, e James se divertiu em ver a cabana que caminhavam para o antigo celeiro de pedra em o qual Hagrid alojava a sua coleção de animais selvagens.

- Terá calor ali dentro - exclamou Ralf, puxando a porta para abri-la. - E podemos estar bastante seguros que ninguém mais vai vir aqui hoje. Frio demais!

Sem dúvida tinha calor no celeiro, graças a labaredas ocasionais de Norberta. As lanternas das paredes iluminavam o sujo solo alegremente, contrastando com a luz fria e branca que jorrava pelas pequenas janelas do celeiro. Os bestas em suas jaulas faziam ressoavam e ladravam quando os estudantes passaram.

- Há bancos em cima das jaulas maiores - mostrou Rosa. - Vamos sentar lá. Eu trouxe um frasco com chocolate quente e algumas baratitas de cereal.

- Caramba, Rosa - disse Ralf, apreciativamente. Você pensa em tudo!

Rosa abriu sua bolsa, pegando o frasco e alguns copos.

- O problema é Zane - comentou ela. - Ele não pode provar nada, não está aqui realmente.

- Trouxe minha própria comida - disse Zane alegremente, aparecendo no ar entre eles. Os três estudantes pularam para trás, e depois contemplaram a forma suspensa. Zane estava flutuando dois pés do solo, aparentemente sentado em nada e mastigando um pedaço de salsicha em um garfo. - Trata-se apenas do café da manhã aqui, vocês sabem, e normalmente eu não sou uma pessoa que acorda cedo. Mas não perderia isso por nada desse mundo. Fico alegre que você tenha logrado voltar, James.

- Er, obrigado - respondeu James. - Mas isso resulta um pouco estranho. Você está, er, *flutuando* um pouquinho.

Zane deu uma olhada ao redor, mastigando a salsicha.

- Ah, sim. Ei, Rafael, que fazemos quando o *doppelgänger* insiste em levitar?

Houve uma pausa enquanto Zane falava. Ele acenou.

- Eu sinto muito, galera. Aparentemente é a parte de intuição básica do *doppelgänger*. Quer aparecer flutuando. Supostamente é mais chocante aparecer assim. Talvez ele vá querer deixar isso logo se entediar.

- Você capturou um doppelgänger de você mesmo e está utilizando-o para projetar mensagens? - disse Rosa, incrédula.

- Você não o explicou para ela? - perguntou Zane olhando para James. - No entanto, é bem rápida, né?

- Mas isso é óbvio e completamente impossível! - balbuciou Rosa. - Os doppelgänger são simples mitos! Isso é pior que o caso do Efeito Borboleta!

- Um pouco tarde para afirmar que não funcionará, Rosinha - disse Ralf, mascando barulhentosamente uma de suas baratitas de cereal.

- Podemos manter isto quanto ao tempo que necessitarmos - disse Zane, soltando seu garfo. E esse pareceu flutuar em seu lado, sem apoio. - Ainda mais tempo se vocês me lançassem uma Azaração Ferreteante ou algo nesse tipo, só para estimular um pouco a magia. A verdade, Franklyn congratulou-se com a oportunidade de experimentar isto. Então, vamos, James. Conte-nos a todos nós tudo de suas aventuras na Idade da Pedra.

James mergulhou em sua narração, tentando recordar de tudo. Explicou a sua viagem através do espelho, e onde havia terminado, tornando-se contra todas as probabilidades, em o misterioso “fantasma do pedestal”, como Asla Doone havia dito em tom de piada. Isto requereu ter um pouco a mais de explicações, porque Zane nunca havia visto a foto dos fundadores e nunca tinha ouvido falar das conspirações sobre obscura e indefinida face escondida no fundo. James continuou logo a explicação de sua captura pelas mãos de Salazar Slytherin, e a subsequente conversa que ouviu às escondidas entre Salazar e Merlim. Descreveu o duelo no alto da torre de Sylvven, e a aventura de encontrar o espelho de Slytherin, e o gêmeo do de Merlim. Finalmente, repetiu as palavras de Rowena Ravenclaw, advertindo-lhe do que significava o regresso de Merlim e como ele era o Embaixador do Guardiã. Para cimentar as palavras dela, James pegou o recorte do jornal que Lúcia havia lhe mandado, obviamente referendo-se aos atos horríveis da entidade.

No momento em que James teve terminado, o chocolate quente e as baratitas de cereal tinham acabado fazia muito tempo, e os três haviam tentado disparar azarações ferreteantes contra Zane quase uma dezena de vezes.

- Soa como se tivesse acontecido alguma coisa com esse espelho lá no tempo dos fundadores. - comentou Zane, - pela forma em que Hufflepuff e Ravenclaw responderam quando você o encontrou.

- Isso é - estive de acordo Rosa. - Parece como se eles o conhecessem mais acreditavam que o tinham destruído de alguma forma. Obviamente, Slytherin encenou assim, para poder ficar com o espelho para ele. Finalmente, contudo, os outros fundadores o recuperaram, mas sem o Livro da Concentração, ao que parece que Salazar provavelmente escondeu em algum outro lugar. James, afetou a história.

- Ele não pôde ter feito isso - disse Ralf, franzindo a testa. - Está claro que eles haviam recuperado o Espelho de Ojesed das mãos de Slytherin, antes mesmo que James

viajasse no tempo. Parece muito importante na história de seu pai, não é verdade, James?

James concordou.

- Sim, eu ouvi falar disso um monte de vezes. Ele viu seus pais mortos nesse espelho. Realmente significou muito para ele. Quase *demais*, segundo Dumbledore.

- Por isso os vira-tempos foram sendo declarados ilegais - resfolegou Rosa. - A viagem no tempo é muito complicada e estranha. Quando James retornou ontem à noite, então nem dizer, porque ele já tinha existido antes o tempo todo. Ele foi a razão que o espelho foi recuperado das mãos de Slytherin, na noite que ele foi expulso.

Ralf enrugou a cara, se concentrado.

- Isso não faz nenhum sentido, em absoluto.

- Não, utilizar *doppelgänger* para transmitir mensagens pessoais por aí sim que não faz nenhum sentido - replicou Rosa, olhando de soslaio para a figura flutuante de Zane. Isso é simplesmente improvável e complicado.

- Mas averiguamos o que necessitemos saber sobre Merlim - disse James tristemente. - Não podemos confiar nele. Ele é o Embaixador desta criatura, o Guardião. Ainda poderíamos ter que enfrentar ele se esperamos mandá-lo de volta.

- Eu não - disse Ralf vigorosamente. - Minha varinha é parte de seu cajado. Provavelmente ela se voltaria contra mim.

Rosa sacudiu a cabeça.

- Isso não funciona assim, Ralf. Agora ela é sua. Obedece ao bruxo que a ganha - Pode que não se trate de enfrentar Merlim - disse Zane, com uma expressão pensativa. - Parecia como se Merlim não se entusiasmasse realmente com o descenso do Guardião, mas ele soubesse essa possibilidade. Ele pegou a Pedra Chamariz de Slytherin, para assim poder controlá-lo se o seguia. Talvez ele tenha a intenção de enviá-lo de volta. Depois de tudo, como disse antes, o fato de vocês três respirarem ainda, pode significar que não pode ser do todo malvado. Ele *sabe* que vocês sabem. Especialmente agora.

- Ele só tem a *metade* da pedra. - replicou Rosa. - Slytherin tinha a outra metade. Tinha a intenção de passá-la adiante, assim para qualquer um que estivesse ainda vivo para quando a *maldição* descendesse, pudesse controlá-lo. O fato é que nem Merlim nem essa outra pessoa podem controlar o Guardião completamente. Alguém teria que unir ambos os anéis para banir o Guardião de volta ao Vácuo.

- *Ou* para desatrelar ele completamente sobre nosso mundo - Ralph se estremeceu. - Esta coisa de esta aí fora agora mesmo? Isso foi o que vimos naquele dia no Espelho Mágico, falando com a estátua da tumba de Voldemort, não? Já está acontecendo!

- Então, talvez Merlim esteja tentando encontrar a outra metade da pedra - matutou Zane. - Simplesmente não posso aceitar que ele tenha passado para o lado escuro.

- Não necessitaria “passar” - disse James repentinamente. - Ravenclaw disse que ele era mortíferamente perigoso! Rosa tinha razão. Era um bruxo mercenário. Apenas deixou de matar e lançar maldições por dinheiro quando se apaixonou pela Dama do Lago. Então isso acabou horrivelmente e Merlim enlouqueceu pela vingança. Acabou matando ela sem sequer saber! Depois disso, odiava o mundo inteiro, bruxo e trouxa por igual, por isso pegou a Pedra Chamariz de Slytherin e consentiu com o descenso da única criatura que poderia acabar com tudo! Seria enganação se não acreditássemos nisso.

Zane sacudiu a cabeça, muito sério.

- Espero que esteja equivocado, James, mas se você não estiver, será melhor que vocês três tenham muito cuidado.

- O *mundo* inteiro vai ter que ter cuidado - falou James, rudemente. - Não é que importa muito. Há uma única coisa que podemos fazer para ajudar agora.

- O quê? - perguntou Rosa.

- Vigiar Merlim - respondeu James de modo significativo. - E tentar encontrar as duas metades da Pedra Chamariz.



Com o feriado do Natal se aproximando rapidamente, James descobriu que o tempo passava em um borrão. Ele tinha decidido que pediria a Ralf que o levasse para o salão comunal da Sonserina para poder enfrentar Alvo por causa do desaparecimento da Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto, mais cada tarde parecia que sumia e magicamente por causa das aulas e deveres, preparativos para a reunião semanal do Clube de Defesa, ensaios, testes e arranjos do figurino.

Na tarde do último jogo de quadribol do ano, James ainda não tinha falado com Alvo. Decidiu que faria isso essa noite depois do jogo. Tão logo como um cedo crepúsculo de inverno desceu sobre a Terra, nuvens escuras e ameaçadoras se aproximaram pelo leste. Quando James e Rosa se arrumaram em seus assentos nas arquibancadas da Grifinória, grossos flocos de neve tinham começado a cair. A neve formou uma espessa e branca cortina, transformando o campo num jogo de sombras fantasmagóricas. No outro lado do campo, arquibancada da Sonserina não era mais nada que um monólito cinza.

Os jogadores saíram do vestiário, poupando-se de suas exibições tradicionais de acrobacias aéreas com medo de se chocarem uns com os outros, por causa da nevasca antes de iniciar o jogo. Muito por embaixo, apenas visível, o capitão da Grifinória, Devindar Das, apertou a mão de Tábita Corsica, a capitã da Sonserina. Pouco tempo depois, os dois capitães deram o pontapé inicial, se juntado com seus times no ar. Cabe Ridcully, o juiz do jogo, em seguida soltou os balaços e o pomo de ouro e lançou a goles para os times que estavam em formação à espera. Os times entraram em ação e o jogo se pôs em marcha.

James assistia a um jogo muito difícil de observar, e não só pela espessa e cegante nevasca. Ainda doía seu fracasso ao fazer parte do time pelo segundo ano consecutivo, e especialmente porque simplesmente tinha ficado demasiadamente distraído para lembrar quando seriam as provas de admissão. Ele amaldiçoou-se a si mesmo repetidamente, pensando que deveria ser ele quem tinha que estar lá fora enfrentando Alvo como apanhador. Não havia nada mais humilhante do que ver Alvo se ostentando sobre a vassoura. Afortunadamente, sendo um grifinório, James podia legitimamente torcer pelo oponente de Alvo e vaiar o time dele sem que parecesse inveja. Quando Noé lançou um balaço bem colocado onde estava Alvo, golpeando-o nas costas e quase o derrubando da vassoura, James se pôs de pé em um salto, vaiando e gargalhando burlonamente. Um momento depois, lhe pesava ligeiramente a consciência. Logo recordou que, muito mais do que provavelmente, Alvo tinha pegado a Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto e tinha deixado que James levasse a culpa por isso. Vaiou algo mais, pedindo aos gritos que Noé apontasse direito na cabeça na próxima vez.

No final, apesar de ter sido um jogo muito igualado, Grifinória havia ganhado. Tara Umar, a apanhadora grifinória, deu uma volta de vitória ao redor das arquibancadas, com o pomo de ouro no alto, enquanto o ar retumbava com grito de ânimos e estridente comoção.

James desceu as escadarias pulando de dois em dois degraus, com a intenção de pegar Alvo enquanto ele ainda estivesse no campo. Correu sobre a grama coberta de neve, procurando da esquerda para a direita seu irmão. Finalmente, ele o viu com a vassoura apoiada sobre o ombro e a cabeça inclinada, aparentemente em uma profunda conversa com Tábita Corsica e Filia Goyle. Sentindo uma mistura de rancor triunfante e uma justa cólera, James gritou diretamente para onde eles estavam.

- Temos que conversar, Alvo - gritou sobre o ruído da multidão que se marchava.
- Mãe me enviou um berrador que deveria ter sido discursado a você, como sabe.

Alvo não respondeu, mas Tábita e Filia levantaram o olhar. Filia olhou com uma expressão carrancuda para James, mas os olhos de Tábita estavam estranhamente brilhantes e inexpressivos. Viu James chegando perto, mas não disse nada.

James se deteve a alguns centímetros de distância, com o rosto vermelho de raiva. Ele tinha a clara impressão de que estava interrompido algo, e se sentiu exasperadamente desajeitado. Supunha que ele devia ter a faca e o queijo desta situação na mão, não? Limpou sua garganta com força.

- Um momento - declarou Alvo sem dar a volta. Tábita afastou o olhar para a estranhamente silenciosa nevasca. Depois de um momento, apanhou a vassoura de Alvo e caminhou lentamente para o vestiário da Sonserina. Filia a seguiu, lançando um olhar malévolo na direção de James.

- Seu senso de oportunismo é bem ruim, James - Avo disse, virando-se, mas sem erguer os olhos.

- Bom, sinto muito. Devo marcar uma reunião com seu agendador? Suponho que "Tabby" esteja encarregada disso, não?

- Isso não é sobre mim, seu imbecil - disse Alvo, finalmente olhando para James. - Tábita está passando por uma época muito dura. A derrota dessa noite foi a gota d'água. Significava muito para ela. Mas tenho certeza de que isso não poderia lhe poderia importar mesmo a você. Para você só tem importância quando os *grifinórios* estão com problemas.

James estreitou os olhos e estendeu as mãos.

- Do que está falando, Al? A última vez que eu te vi foi desde quando você desapareceu nas masmorras da Sonserina! Quem exatamente não se importa com mais nada além de sua Casa, hem? E não é que importe muito a *você*, mas tenho muito boas razões para essa víbora de duas caras! Onde estava você no ano passado quando ela dizia que nosso pai era um mentiroso e uma fraude?

Alvo sacudiu a cabeça, sem olhar para os olhos de James.

- Então foi isso. A questão é, James, que *você é um grifinório*. Simplesmente não entende a forma em que ela foi criada e as coisas que ela teve que enfrentar. Mas é claro que tampouco estou de acordo com todo o que dizem lá embaixo, mas você tem que entender como foram educados. Eles têm razões para ficar zangados. Especialmente Tábita.

James mal podia acreditar no que estava escutando. Pisoteou no chão fortemente e quase amaldiçoou.

- Isso não importa! Alvo, só estão lhe *utilizando*. Como você não pode ver isso? Eles não têm coração! Não se preocupam com você. Especialmente essa insolente e descarada de língua prateada. Algum dia você lamentará ter deixado eles te enganarem! E não diga que não te avisei.

Alvo enrugou a testa e olhou duramente para James.

- Prometo que nunca direi que não me avisou, James. Mas agora mesmo te direi que Tábita falou comigo do jeito que *você* está falando agora. E nem nunca me falou de

você do mesmo jeito que você está falando agora dela. Ela é minha amiga. E para ser sincero, agora mesmo ela precisa de amigos... bem mais do que eu preciso de um irmão.

James quis bufar de raiva. Como Alvo poria ser tão absolutamente obtuso? Alvo o olhava com se esperasse simplesmente que James fosse embora.

- Você pegou a Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto - disse James finalmente, recordando ao único assunto que sabia sem dúvida que ele podia sentir-se indignado.

O rosto de Alvo mudou. Parecia verdadeiramente desconcertado e um pouco cauteloso.

- Do que está falando, James?

- Não se faça de inocente comigo, Al. Você já ouviu o berrador que a mamãe me enviou. Rosa disse que todo mundo no Salão Principal o ouviu no outro dia no café da manhã. Ela acredita que os roubei, só porque os tomei emprestados no ano passado. Você tem que contar a verdade para a mamãe.

- Qual verdade, James? - disse Alvo, bravo e exasperado. - Você é quem os pegou! Você! Eu nunca nem encostei neles!

- Você os pegou, sim, claro! Não minta para mim! Sempre sei quando o faz!

- Bom, então talvez você não me conhece tanto como acredita. Não me acusará de algo que não cometi, James. Não te deixarei você me transformar em alguém desprezível só porque você odeia que eu seja um sonserino.

James gaguejou.

- O quê? Isso não tem nada a ver com isso! É que somente não quero que nossa mãe pense...

- Tem *tudo* a ver com isso! - gritou Alvo, e sua voz soou curiosamente plana na espessa cortina de neve. O campo estava quase vazio naquela hora, exceto pelos meninos ali. - Você estava tão preocupado em entrar na Grifinória para poder ser como os queridos papai e mamãe. O tentou com tanta força que não permitiu a você ser *você* mesmo. Pois bem, eu sou eu, e *somente* eu. Alvo Severo Potter, um *sonserino*. Você pode estar tão zeloso como quiser, mas não me tente foder. Advertiram-me que você tentaria. Mas creia em mim, você lamentará se fizer isso.

Alvo virou-se e se afastou a passos largos, desaparecendo rapidamente na densa neve.

- Al, espere! - chamou James, começando a seguir seu irmão. Deteve-se depois de alguns passos. - Olhe, Al, isso saiu absolutamente errado. Não sei o que dizer sobre tudo isso, mas, que droga! Não há razão para que tenhamos que brigar, não é verdade? Não podemos deixar que uma estupidez como nossas Casas interponha-se entre nós.

James podia ver que Alvo havia parado. Era apenas uma forma cinza na silenciosa nevasca.

- Você é o único que tem problema, James.

- Olhe - disse James desajeitadamente. - Deixe pra lá, tá bem? Mas honestamente... De verdade você não pegou o mapa e a capa?

A forma cinza de Alvo se manteve em silêncio, voltando-se para olhar atrás, para James. Lhe pareceu que negava com a cabeça, mas James não pôde ter certeza. Então Alvo falou:

- Vai ir para casa nas férias?

James pestanejou.

- Por que não ia ir?

- Está claro que nossa mãe acredita que falamos mais do que o fazemos - disse Alvo, como se fosse uma explicação. - Enviou-me uma carta no dia que você recebeu o berrador. Venderam A Toca. A família a esvaziará nas férias. Esse é o único momento que todo mundo está livre e disponível para ajudar. Aproximam-se umas férias bastante horríveis, pelo que vejo. Eu disse para mamãe que vou ficar aqui. Não quero ver o mundo de meu vovô desmanchar-se pouco a pouco.

James sentia como se lhe tivessem dado um soco no estômago.

- Eles venderam A Toca?

A silhueta de nebulosa de Alvo pareceu dizer que sim desta vez.

- Um casal de anciões sobrenomeados Templeton a compraram. Pelo menos não são trouxas. Vão derrubá-la e construir uma pequena casa de campo veranista na propriedade. Mamãe disse que ao menos manterá o pomar.

Produziu-se um longo silêncio entre os dois irmãos. Finalmente, James disse:

- Não sabia. Nossa mãe não me disse nada.

- Como te disse, ela acreditou que eu contaria. E acabei de fazer isso. Não irei para casa pra isso. Estou fora. Feliz maldito Natal, né?

James não pôde evitar dar uma risada discreta um pouco afogadamente.

- Vai falar com Tábita, Al. Resolveremos tudo mais tarde.

Sem nenhuma palavra, Alvo deu a volta e desapareceu na neve, James olhou ao seu redor. As arquibancadas eram quase completamente invisíveis. Parecia-lhe estar em uma ilha de grama coberta de neve, rodeada por flocos de neve que caíam silenciosamente. E na obscuridade, a cortina de neve parecia mais com as cinzas. James deu de ombros e suspirou, e saiu trabalhosamente do campo.



Rosa se mostrou igualmente chateada pela venda d'A Toca, mas a relutantemente, parecia compreender que isso era necessário. Juntos, ela e James determinaram que também ficariam em Hogwarts durante as férias. Ela inclusive se arranjou para que parecesse uma divertida aventura. Imediatamente escreveu uma breve carta a seus pais lhes perguntado se não havia problema que ela ficasse. James adicionou uma nota na carta de Rosa, pedindo para que sua tia Hermione dissesse a seus pais que tinha decidido ficar também, como Alvo.

- Claro que nos deixarão ficar - assentiu Rosa enquanto selava a carta. - Eles sabem que seria terrível ver esse lugar ser despedaçado durante as férias, especialmente quando todos nós passamos já tantos momentos felizes ali nos Natais. Para ser honesta, provavelmente será mais fácil inclusive para eles se nós não estivermos lá.

Como uma distração, James voltou a sua atenção a ameaça do Guardiã e o mistério do envolvimento de Merlim nesse assunto. Recordou a Ralf e Rosa que deveriam procurar as duas Pedras Chamariz. Ele sabia que podia ser muito difícil rastreá-las, mas ao fim e ao cabo, a primeira metade da pedra havia sido bastante fácil de localizá-la.

James, Ralf e Rosa estavam tomando notas da última aula de Literatura Mágica antes das férias de Natal, quando Merlim chamou peremptoriamente na porta, interrompendo a professora Revalvier.

- Ah, diretor - disse Revalvier, sorrindo. - De certo modo, estávamos falando de você. Você vem surgindo de tempo em tempos nos livros dos reis; ainda que, estou segura, de forma muito exagerada.

Merlim se aproximou da escrivainha da professora.

- Com certeza. E é precisamente esse detalhe que tenho vindo a discutir, brevemente, se me permite.

O diretor baixou a voz de uma forma que somente Revalvier pudesse ouvi-lo. A turma presentiu uma falta de atenção, e imediatamente caiu em conversas silenciosas e troca de notas, preparando-se para marchar para o almoço.

Rosa cutucou James com força. James a olhou, irritado, e então viu seus olhos muito abertos e seu olhar furtivo. Seguiu os gestos dela. Merlim estava de pé muito perto da Prof. Revalvier, cujo sorriso havia desaparecido. A mão do diretor pendia ao seu lado, muito grande e de aspecto poderoso. Não trazia seu cajado consigo, mas isso não significava nada. Ele parecia capaz de fazê-lo aparecer se for necessário, como se o guardasse em um armário invisível que o seguia em todo lugar.

- O quê? - sussurrou James, sem ver o que Rosa lhe estava apontado. Então, com um sobressalto, viu o anel negro na mão de Merlim. Imitia um brilho apagado, como se a luz se refletisse nele relutantemente. Não deveria tê-lo surpreendido. Ele havia estado ali essa noite de mil anos atrás, quando Salazar Slytherin tinha lhe presenteado o anel. E, no entanto, vendo isso agora, lampejando macabramente no dedo do feiticeiro, parecia

muito real. Até agora, havia sido capaz de meio se convencer a si mesmo que tinha sido apenas algum tipo de sonho.

Revalvier acenava cortesmente, obviamente nada contente com o que Merlim estava lhe dizendo. Merlim virou e saiu sala sem esbanjar um olhar para os alunos na sala de aula.

- Parece que haverá uma pequena mudança na leitura obrigatória das férias - disse Revalvier, fechando o livro sobre a escrivãzinha. - O diretor considera que seria de mais benéfico para nós pularmos o último século da Idade das Trevas e proceder diretamente para o Renascimento. Ele poderia ter razão. O Renascimento é, como indica o seu próprio nome, a idade dourada da literatura mágica. Portanto, vocês podem fazer caso omissa do atual capítulo nos livros didáticos de vocês e omitir Hrynddvane de sua leitura designadas para as férias. Talvez possam então, para passar esse tempo, adiantando-se o começo o *Livro dos Contos Sem Nome* de Waddeljáv. Se é assim, podem levar um registro escrito dos nomes da história verdadeira já que seguramente trocariam para quando retomemos as aulas.

À medida que a turma precipitava-se para a porta, Rosa meteu-se entre James e Ralf.

- Vocês viram isso? - sussurrou ela.

- Sim - respondeu Ralf. - Suponho que já não há dúvida sobre Merlim e esse Guardiã, certo? Por que acreditam que ele não quer que leiamos as crônicas de Hrynddvane?

- Isso é óbvio - disse James com a voz baixa. - Sabe que nelas existem coisas sobre ele. Está tramando para manipular a imagem que todos têm do tipo de mago que ele é. Revalvier pode dizer todo o quizer sobre como essas histórias tem sido exageradas até se tornar em lendas, mas se as pessoas continuam lendo sobre como Merlim enterrou esse exército e inundou esse acampamento e tudo mais, alguns começaram a questioná-lo. Como Ravenclaw disse, ele tem uma forma de extasiar e encantar aqueles que querem confiar nele. Ele tem que se assegurar de que todo mundo siga *querendo* pensar que ele é nobre e bom.

Enquanto os três cruzavam a biblioteca, Ralf se desviou para um estreito corredor, girando-se para encarar James e Rosa.

- Portanto, se Merlim tem a pedra, isso significa que já está tudo feito?

- Não exatamente - disse Rosa. - Lembre-se, há dois anéis, cada um com a metade da Pedra Chamariz. Quem tenha o outro anel também tem certa influência sobre o Guardiã. Enquanto Merlim não ter as duas metades, não poderá desempenhar plenamente seu papel de Embaixador.

- Assim que nossa única esperança é que a outra metade da pedra esteja nas mãos adequadas - replicou James. - Enquanto o portador da pedra esteja tentando conter o Guardiã, seu poder será limitado.

Rosa parecia preocupada.

- Durante um tempo, sim. Não tive a oportunidade de contar-lhes o que averigüei desde a última vez que falamos disso. Segundo todas as lendas, uma vez que o Guardião encontre um hospedeiro humano... um hospedeiro que tem matado voluntariamente para demonstrar seu valia e mérito... as pedras já não terão nenhuma influência. A Pedra Chamariz é a âncora do Guardião nesse mundo, mas só até que ele se tornar um com seu médium humano. Quando isso ocorrer, não necessitará das pedras. *Nada* será capaz de enviá-lo de volta.

- Quando você leu isso? - perguntou Ralf, sua cara estava empalidecendo.

- Ontem à noite. Eu estive lendo tudo que podia encontrar sobre a Maldição do Guardião. Comparei com as anotações da prima Lúcia via coruja, e ela tinha razão. Muito disso é horrível e fantástico demais, mas todos os acordos concordam com os detalhes principais: A Pedra Chamariz convocará o Guardião quando seu portador esteja suspenso no Vácuo o tempo suficiente; o Guardião seguirá ao portador da pedra até nosso mundo, e o portador se converterá em seu Embaixador; o Embaixador poderá utilizar a Pedra Chamariz para devolver o Guardião ao Vácuo, mas isso só poderá ser feito enquanto o Guardião não esteja em seu hospedeiro humano. Uma vez que isso acontecer, a Pedra Chamariz será inútil e a Maldição do Guardião se desencadeará sobre a Terra. E assim que isso acontecer, nada poderá detê-lo.

James ergueu as sobrancelhas, tentando analisar a lenda de diferentes pontos de vista.

- Então, já que a pedra foi partida em dois, nenhum dos dois portadores poderia enviá-lo de volta mesmo se quisesse.

- Mas o que é o que quer o Guardião? - perguntou Ralf a Rosa. - Por que quer destruir tudo?

A cara de Rosa também tinha empalidecido.

- Na realidade, é muito simples. Odeia-nos por que existimos. Sempre acreditou que fosse o único ser vivo. Agora que descobriu o mundo dos seres humanos, ele se nega a compartilhar a sua existência com nós. Além disso, e ainda muito mais devastador, se alimenta do desespero e a agonia como se fosse o maior faminto do mundo, e o mais poderoso dementador. Mas onde os dementadores só invocam as próprias recordações das piores coisas que lhe aconteceram a você, o Guardião cria outros novos sentimentos. Pode manipular a mente de uma pessoa ao nível mais básico, criando um pânico bárbaro, medo e uma agonia cruéis e irracionais. Isso foi o que líamos nos artigos que Lúcia nos enviou. Estava tentando compreender os humanos, tentando encontrar um melhor meio de produzir o que o alimenta. Por hora só pode afetar poucos seres humanos por vez. Mas uma vez que conecte com seu médium humano e passe a formar parte da comunidade humana, será capaz de afetar milhares e milhões a cada vez. Sugará o terror a todo o mundo até que não reste nada, logo só

deixará como cascas ocas, vazias e seguirá seu caminho. Percorrerá a Terra até que não reste absolutamente ninguém sobre ela.

- Ninguém a não ser o médium - chiou Ralf.

- Nem sequer o seu médium - sussurrou Rosa. - No final, se voltará contra ele também. Deseja estar completamente sozinho. Ao final, quebrará sua própria ferramenta. O mais aterrorizador é que pode que o hospedeiro seja totalmente consciente da dor, da tristeza e do ódio e que não vai se importar. Pode até que o deseje.

- Quê, James? Parece que você acabasse de engolir um ovo de hipogrifo.

- Meu sonho - respondeu James, tocando a sua testa. - O que está dizendo se parece muito com as palavras da voz no meu sonho. A uma figura com uma túnica escura de pé no canto, falando o tempo todo, lhe diz para pessoa de meu sonho que a justiça será servida e que o dia do equilíbrio está chegando, e sempre disse ao protagonista de meu sonho, que será a mão que irá trazer esse equilíbrio se estiver disposto, se está à altura da tarefa requerida para demonstrar seu valor. E a pessoa de meu sonho parece estar disposta. Parece estar muito triste e aborrecida, tudo ao mesmo tempo. É como se tivesse tido uma perda tão grande que deixou seu todo mundo sem sentido. Pior ainda, como se sentisse que o mundo inteiro devesse deixar de existir, por que é no mundo onde lhe aconteceu esta tragédia. É uma sensação de vingança, ódio e desespero, mas sobre tudo triste, tão triste que é como uma parede negra que segue e segue para sempre sem portas, nem esquinas e cumes para escalar.

- Talvez a pessoa de seu sonho seja o médium do Guardiã - disse Ralf com os olhos muito abertos. - Quase parece com Merlim, não? Quero dizer, acabou matando a mulher que mais amava no mundo. Você disse que decidiu abandonar a sua própria época porque já não podia suportar viver sem ela, convivendo com o que tinha feito, não é verdade? Talvez ter chegado a essa época não melhorou a situação para ele! Talvez ele adoraria que o Guardiã destruísse tudo e todos, incluindo ele mesmo!

Rosa acenou com a cabeça lentamente.

- Sem dúvida nenhuma, soa como o que ele poderia estar sentindo. O hospedeiro do Guardiã não *tem* que ser seu Embaixador, mas ninguém disse nada sobre que ele não poderia ser.

James estava pensando intensamente, tentando lembrar seus sonhos. Sacudiu a cabeça.

- Contudo, no meu sonho, não é Merlim. Nunca eu vi o rosto desta pessoa, mas tenho certeza que não é ele. Simplesmente tenho a sensação de que não é. É alguém mais jovem. E diferente. Definitivamente não é Merlim.

Rosa soltou um grito sufocado e cobriu a boca com ambas as mãos, seus olhos saíram de órbitas. Ralf saltou para trás por causa de seu repentino movimento.

- Quê? - exclamou ele.

- A linhagem! - disse Rosa com uma voz muito alta. - Inclusive o mencionaram nessa cena no espelho, na tumba de Tom Riddle, não se lembram? O Guardião ia à busca do melhor hospedeiro que pudesse encontrar, e pressentiu o corpo de Voldemort. Não sabe quase nada dos humanos, assim não deu conta que Voldemort estava morto até quando chegou ali. Então fez falar a estátua, e de alguma maneira convocou o fantasma de Voldemort. A estátua disse ao Guardião que havia um outro hospedeiro para ele, um com o sangue de Voldemort nas veias. Se lembram? É evidente! O hospedeiro do Guardião tem que ser o herdeiro de Voldemort!

- Mas quem? - perguntou Ralf. - Não sabemos isso, assim que voltamos à estaca zero.

- Não sabemos *ainda* - disse Rosa, sorrindo um pouco nervosamente. - Mas temos uma forma de averiguá-lo - Olhou para James.

- Minha cicatriz fantasma. Mas nem sequer sabemos de aonde ela provem e também se podemos confiar nela.

Rosa encolheu os ombros.

- Isso é tudo o que temos. Tudo o que podemos fazer é esperar que não seja um truque de algum gênero. Preste atenção nos seus sonhos, James. Provavelmente sejam a nossa única pista. Talvez finalmente você consiga dar uma boa espiada de quem quer que seja e nos informaremos quem é o herdeiro.

- E também de quem é essa voz misteriosa acrescentou Ralf de forma significativa.

- Sim, isso também - concordou Rosa. - Bem dito, Ralf. Quem sabe seja o próprio Merlim, não parece?

Ralf soltou um grande suspiro.

- Não sei. Espero que não. Mas a alternativa poderia ser pior, não? Digo, um inimigo conhecido é melhor que um desconhecido, certo?

Depois do almoço, James apressou-se a atravessar o castelo até o anfiteatro onde as aulas de Estudos dos Trouxas se reuniria durante o resto do ano. Quando chegou ao arco principal que conduzia as filas de assentos, ficou bastante surpreendido ao sentir o ar quente apesar de que lá fora estava caindo alguns flocos de neve como uma cortina sobre os montes ao longe.

Damian Damascus se uniu com James perto da base do cenário.

- Por sorte - disse ele, sorrindo, - Cury não está tão empenhada a fazer as coisas como os trouxas, como para não estar disposta a encantar um pouco a atmosfera para que podemos trabalhar. Agradável, não é? Agora tenho só que me acostumar com tudo isso. - Segurava um martelo e o estudava ao outro lado de seu braço. - É um pouco estúpido, você não acha?

A atmosfera ao redor do cenário era estranhamente agradável. James se tirou a capa e jogou-a sobre um banco da primeira fila. Levantou o olhar, sorrindo maravilhado.

O céu estava carregado de nuvens cinzas à deriva; nevava, mas a neve parecia se desintegrar no ar e cair sobre o anfiteatro. A luz perto do cenário inclusive parecia estar mais brilhante, como se um raio de sol errante tivesse se esquivado d camada de nuvens e saltado diretamente para a concha do anfiteatro. James se lembrou de suas aulas de Tecnomancia do ano passado, e soube que em algum lugar, estranhamente, uma pequena e escura nevasca estava caindo em uma cálida e ensolarada ladeira.

- Ah, James - exclamou Cury, atravessando energeticamente o cenário. - Meu pequeno Treus, você está aqui depois de tudo. Confio em que você tenha seu roteiro. Une-se a nós. Simplesmente estamos ensaiando cenas separadas agora, mas ajuda ter que ler as frases para ir sincronizando-nos.

Enquanto James repassava em voz alta suas linhas e caminhava, interpretando com um dos outros atores, descobriu que realmente estava se divertido em pensar apesar de suas antigas preocupações sobre Merlim e o Guardião. Ele sentia-se um pouco estranho representando seu papel em meio dos estrépitos e gritos da trabalhosa equipe de contra-regra de Jason Smith. Enquanto James repassava o roteiro de umas falas com Noé Metzker que fazia de Donovan, Damian e outros três membros da equipe estavam levantando uma gigantesca maquete de madeira que representava a parede de um castelo completada por uma muralha, um torreão e um balcão. Seus gritos e grunhidos de esforço quase sufocavam as palavras de James e Noé.

Enquanto se moviam pelo cenário, Curry os seguia com um rolo de grossa fita amarela. Ocasionalmente, ela movia James pelos ombros, localizando corretamente no seu lugar do palco.

- Essa é sua marca quando leia esta frase - lhe instruí, enquanto inclinava-se para colocar um X no chão do cenário. - Fixaremos um holofote nessa posição. Sr. Metzker, vá para frente e se assegure de não dar as costas para o público.

- Mas James está por ali - disse Noé, gesticulando. - Se supõe que estou falando com ele, não?

- Você é ator, Sr. Metzker - gorjeou Curry. - Antes de mais nada, você se dirige a audiência.

Noé ergueu as sobrancelhas e olhou para os assentos principalmente vazios.

- Mas não são eles aqueles que ameaçam com escapar com Astra, não são?

Curry suspirou.

- Leia as frases, Sr. Metzker. Resolveremos quem escapa com quem depois.

Enquanto se preparavam para repassar a segunda cena, James percebeu que tinha estado sentindo uma amolecida vibração na testa. Recordou-se a si mesmo não esfregá-la, mas definitivamente no pior por momentos. Lançou um olhar pelos assentos do anfiteatro, entrecerrando os olhos pela luz deslumbrante dos holofotes. Ali, sentado na parte de trás, quase perdido nas sombras, estava Merlim. James não podia destingir a face dele, mas podia ver com facilidade a grande forma do homem. Merlim pareceu dar-

se conta que James estava o olhando. Levantou uma mão e bateu na testa levemente, como se estivesse dando um sinal. Os olhos de James escancararam devagar, e depois, repentinamente, sua testa ardeu. Era como se estivessem pressionado contra ela um braseiro ainda vermelho em chamas. James apertou os olhos com força, dando a volta.

Ele tropeçou em alguém, quase os derrubando.

- James? O que está acontecendo - chamou-o Curry. - Quase você tira a sua protagonista do cenário.

James levantou o olhar, a dor da testa e voltou a esvanecer. Petra o estava olhando com uma expressão preocupada.

- Você está bem, James?

- São só as luzes - mentiu James. - Estão muito fortes. Já estou bem. - Tentou sorrir e encolheu os ombros.

Curry se virou e começou a chamar o resto dos artistas para a segunda cena. Petra aproximou de James e disse em voz baixa.

- Sei o que quer dizer sobre as luzes - disse ela, sorrindo. - Estes holofotes elétricos trouxas são como raios mortíferos, certo? Lastima não ter tido um no ano passado para usá-lo com o Foguetim.

James sorriu e se ruborizou.

- Sim - disse ele, e depois não soube o que mais dizer. - Hmm, já sabe todas suas frases?

- Que nada - admitiu Petra. - Francamente, me sinto um pouco mal por causa de como consegui o papel. A pobre Josefina se viu obrigada a trabalhar no figurino. Ela também não pode costurar grande coisa. Eles só a têm para rasgar costuras algo para fazer quando os outros erram. Eu ouvi que a Azaração de Tonteira é tão forte ainda que ela nem sequer pode subir as escadas. Ela está dormindo na enfermaria até que averiguem como fazê-la subir para seu dormitório.

A voz de Petra parecia preocupada, mas James via que ela estava sorrindo um pouco. James compreendia que era quase divertido. Josefina tinha ficado bastante insuportável para conseguir o papel de Astra, e James tinha a impressão de que Petra seria melhor de todos os modos. Ele decidiu dizer isso a ela.

- É uma lástima para Josefina, suponho - disse ele, - mais eu fico alegre de que você conseguiu o papel, a sério. Eu interpretarei Treus melhor com você do que com ela.

- Todos aos seus postos - gritou Curry. - Sr. Potter, Srta. Morganstern, por aqui, por favor.

Petra distanciou o olhar quando ouviu a voz de Curry.

- Vamos lá, James - disse ela, se afastando a passos largos, - nosso público nos espera.

James se sentiu corar. Observou Petra atravessando o cenário e então correu para alcançá-la.



- Vocês têm certeza que não querem vir comigo para o apartamento de meu pai essas férias? -perguntou Ralf para James e Rosa, enquanto os três andavam e estreitavam pelos corredores no último sábado pela manhã. - Eu passei com você o Natal passado, assim seria um trato justo. Papai vai cozinhar um ganso e tudo mais. Mas é claro, não haverá cabeças de elfos cantando ou Arranques e Brocas ou nada parecido.

- Não tem problema, Ralf - respondeu James. - Prefiro um Natal *sem* cabeças de elfos cantando, na realidade. Mas a sério, acredito que seria melhor para nós ficarmos aqui.

- Está tudo bem não ter magia no Natal. Não há porque ter vergonha de que seu pai seja um aborto - disse Rosa, pondo a mão no ombro de Ralf que foi o máximo de seu alcance. - É um homem muito importante no mundo mágico esses dias. Chefe de Segurança e Interferência Preventiva de Hogwarts, do Beco Diagonal e até mesmo do Banco Gringotts, certo? Ninguém mais poderia fazer isso melhor do que ele, por que ninguém mais entende de eletrônica trouxa e magia como ele.

- Sim, eu sei - disse Ralf, sorrindo timidamente. - E ele é muito bom nisso. Está ajudando ao Ministério a desenvolver um novo tipo de Feitiço da Desilusão que só funciona com os dispositivos de posicionamento global trouxa. Quero dizer, o maior defeito do Feitiço de Desilusão comum é que um dispositivo GPS não tem cérebro para enganar. Ele chama o novo feitiço de "Azaração de Inépcia Artificial". Ele estava acostumado a trabalhar com software de inteligência artificial, assim diz que este é o seguinte procedimento lógico. Uma vez que a azaração está posicionada, faz que qualquer aparelho de posicionamento trouxa marque desvios, barreiras, tráfego pesado, também até mesmo ciclones e inundações, ao redor de qualquer lugar mágico. Dessa forma, esses lugares mágicos serão invisíveis tanto para os trouxas quanto para sua tecnologia.

- Isso é brilhante - disse Rosa. - Digo, as antigas gerações de magos nunca poderiam ter predito a invenção de coisas como satélites, os dispositivos GPS e os videogame portáteis com capacidade para salas de bate-papo *online*. O mundo mágico realmente necessita de um homem como seu pai para inventar proteções mágicas contra coisas assim. Realmente ele é uma dádiva dos céus.

- Ainda assim - disse Ralf, virando o rosto levemente, - papai adotou seu antigo nome de novo. Dolohov. Ele diz que não vai deixar que o egoísmo de seu pai lhe roube sua herança mágica, mas eu conheço um pouco dessa herança mágica e não é tão ótima.

- Seu pai tem razão - disse Rosa firmemente. - Você não é responsável de nada de que seus parentes distantes fizeram. Eu acredito que é bem legal o modo de que seu pai está mudando o jeito que as pessoas vêm o sobrenome Dolohov.

Ralf encolheu os ombros.

- Não está mudando para *todos*. Muitas pessoas ainda odeiam o sobrenome Dolohov. Alguns deles estão aqui mesmo na escola. Todos sabem o que aconteceu aqui. Quero dizer, meu tio matou o pai de Teddy Lupin ali mesmo nas escadas. Dolohov é um sobrenome de assassinos e traidores.

- É terrível que alguns de seus familiares tenham um passado tão ruim. - respondeu Rosa, - mas isso foi há muito tempo. As pessoas não deveriam culpar você por isso.

Ralf suspirou.

- Suponho que não, mas o fazem. E, honestamente, não posso culpá-los. Essa é a razão por que ainda levo o sobrenome Deedle. Odeio meus próprios avós, apesar de já estarem mortos. Papai se lembra deles, e quer acreditar que eles não eram tão malvados como pareciam. Está de certo modo, dividido entre odiá-los ou amá-los. Mas, que tipo de pais abandona o filho por que ele é deferente? Que tipo de pessoa faz esta criança jurar que nunca iria procurá-los, ou mesmo falar deles?

Rosa não tinha resposta para isso. Os três vagaram entre os corredores sem um rumo fixo, passando junto a altas janelas, entrando e saindo de poças de fria luz solar invernal. Depois de uns minutos, James falou para Ralf e Rosa de sua conversa com Alvo depois da última partida de quadribol.

- Ele diz que não tomou a Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto? - disse Rosa. - Você acredita nele?

James deu de ombros.

- Não sei. Parecia honesto a respeito. Mas ele estava realmente mal-humorado. Ao que parece, ele está muito unido a Tábita e seus camaradas do tal Colmilho e Garras, e estão dizendo para ele que eu tenho ciúmes dele, que vou intentar metê-lo em confusão, de algum jeito.

- Você tem ciúmes? - perguntou Ralf.

- O quê? - replicou James. - Oh, sim. Ainda esqueço você também é um sonserino. Não, Ralf. Não tenho ciúmes de Al, e não vou tentar sabotá-lo. O que não quero é que ele caia em nenhuma das mentiras de Tábita. Ela já o tem convencido que ele a precisa porque está atravessando uma misteriosa tragédia pessoal.

Rosa ergueu as sobrancelhas.

- A sério? Qual tragédia?

- Não sei. Estava muito afetada depois da partida, e não foi porque perderam.

- Ultimamente ela estive bastante desagradável e chata na sala comunal - disse Ralf. - Não está sendo mais a cortês e fria rainha de sempre, com certeza. Responde com brutalidade as pessoas, e anda por ali, ou senta sozinha em um canto, ruminando entre os livros e pergaminhos. Inclusive eu vi ela expulsar Filia e Tom Squallus. Mas ela não faz isso com Alvo. É um pouco singular, na verdade. Quero dizer, que ela é setimanista e é trinta centímetros mais alta do que ele. Não é um par parecido, na minha opinião.

- Curioso - disse Rosa, quase fechando os olhos. - Me pergunto o que aconteceu com ela.

- Mas, o que aconteceu com a Capa e o Mapa? - perguntou Ralf. - Se Alvo realmente não os pegou, e *you* tampouco, James, então quem?

James caiu em si.

- Não sei. Para ser honesto, não me importa. Talvez papai os extraviasse de algum modo. Talvez Monstro os escondeu no seu armário. Ele costumava fazer isso o tempo todo, no Largo Grimmauld, com todas as antigas coisas da Sra. Black.

- Você deveria dizer para sua mãe para que verifiquem ali - disse Rosa.

- Não é meu problema, Rosa - rosnou James bruscamente.

- É seu problema se ela continua pensando que você os roubou - respondeu Rosa de um modo chato. - Mas como quiser. Talvez você *prefira* deixar que todos acreditem que você é um ladrão.

Eles detiveram-se junto a uma janela com vista para pátio. Na parte inferior das escadas da entrada, Hagrid estava carregando troncos e bolsas em um carrinho de mão, preparando-se para transportar ao grupo de estudantes ao Expresso de Hogwarts que os levaria para suas casas. James suspirou.

- Será melhor que eu vá fazer as malas - disse Ralf. - Papai me pegará na estação hoje à noite. Passaremos a noite em Hogsmeade para que ele possa reunir-se com alguns proprietários do lojas de lá, e depois regressaremos para Londres pela manhã.

- Soa divertido, Ralfidilo - disse James, tentando encorajar um pouco. - Que tenha umas boas férias. Mantenha-se longe da Casa dos Gritos.

- Conte com isso - concordou. - Evitarei qualquer coisa com a palavra "gritos".

- CAPÍTULO 13 -

Natal em Hogwarts



No dia seguinte, a escola já se tinha praticamente esvaziado. Os corredores pareciam assustadoramente escuros e silenciosos com a maioria das salas de aula fechadas e trancadas. À medida que James seguia o seu caminho em direção ao café da manhã no domingo de manhã, viu o fantasma de Cedrico Diggory ao fundo de um longo corredor. Ele parecia estar conversando com a Dama Cinzenta. Ambos estavam flutuando lentamente ao longo do corredor longe dele. James decidiu não os interromper. Seria possível que Cedrico gostasse da Dama Cinzenta? Ela era bastante bonita, de uma forma fantasmagórica, e não aparentava ser muito mais velha do que Cedrico, em termos humanos. Num outro sentido embora, era vários séculos mais velha que Cedrico, mas talvez isso não fizesse diferença no reino dos fantasmas. De qualquer forma, era muito bizarro para James pensar nisso. Ele prosseguiu no seu caminho para o café da manhã, abanando a cabeça.

No Salão Principal, Rosa estava sentada na mesa sonserina com Alvo. Assim que se lhes juntou, ouviu-os falando da venda da Toca. Era uma conversa profundamente deprimente, e James manteve-se fora dela. Depois, sugeriu que os três saíssem para construir um boneco de neve no pátio. Esta idéia foi bem recebida, e os três passaram a hora de almoço rindo felizes e brincando na neve. Eles tiveram sucesso na construção de um boneco de neve ridiculamente grande, usando as suas varinhas para levantar as enormes bolas de neve para a sua posição uma vez que eram pesadas demais para eles levantarem. James e Rosa tentaram levantar Alvo por conta própria até à cabeça do boneco de neve para ele colocar um nariz de cenoura, mas eles foram incapazes de mantê-lo estável. Alvo rolou até estar de pernas para o ar. O seu chapéu caiu e caiu na neve três metros além dele.

- Não me deixem cair! - gritava ele, batendo os braços como uma ave lerda. No chão, de varinhas no ar, Rosa e James riam com tanta força que lágrimas formaram-se nos seus olhos e rolaram pelas suas bochechas coradas.

- A cenoura, Al! - chorou Rosa sem fôlego.

- Prenda-a! Qual é o problema? Você não consegue voar?

- Me passe uma vassoura e eu voarei. - resmungou Alvo, batendo com as pernas para se virar direito outra vez. - Na próxima, *voce* fica encarregado da cenoura, Rosinha.

Os três finalmente entraram no castelo enquanto o sol se punha no horizonte com uma brilhante cor laranja e rosa. Deixaram que as suas capas de neve, chapéus e luvas fizessem um rasto gotejante à medida que seguiam para o Salão Principal para um chocolate quente e lanche. James estava contente pela folga e pelo tempo passado em família. Propositadamente ele tinha evitado falar de Merlim e da Capa da Invisibilidade e o Mapa dos Marotos desaparecidos.

- Deveríamos fazer outra vez isto o próximo ano - disse Rosa, sorrindo por cima do seu chocolate quente, com as suas bochechas encarnadas. - É divertido ter o lugar só para nós. O ano que vem o podemos fazer com o Hugo e a Lúcia e toda a galera que anda conosco.

- E o Luís? - perguntou Alvo, com um sorriso burlão.

- Ele também pode ficar, suponho eu, enquanto ele não falar. - disse Rosa magnânimamente.

- Ele provavelmente não quereria. - comentou James. - Ele foi para casa com a Vitória este ano, vocês sabem. É claro que ela quer ver o Teddy. O Luís é só pra completar.

- Eles estão passando o tempo todo na Toca arrumando e empacotando? - perguntou Rosa.

Alvo encolheu os ombros melancólico.

- Toda a bagagem está feita. Vovó Weasley arranjou-se sozinha. Quer dizer, quão difícil é a embalagem para uma bruxa como ela. O trabalho é dividir as coisas todas. Vovó e vovô tinham um terrível montão de coisas. E depois é preciso tratar do vampiro.

- Quem é que vai ficar com isso? - perguntou Rosa, franzindo a testa com um pouco de desgosto. - É melhor que não acabe por ficar no sótão dos meus pais.

- Aposto que fica ali. - replicou James, girando o seu chocolate. - De fato, aposto que os seus pais vão pô-lo no seu quarto enquanto você está na escola. No final de contas, ainda se parece muito ao tio Ron quando tinha a nossa idade. Eles até mesmo podem acabar por gostar mais dele do que de você.

Rose revirou os olhos.

- Você terá que fazer melhor do que isso para me irritar, James Potter.

- Aposto que já está no seu quarto. - disse Albus pensativamente. - Usando a sua maquiagem e experimentando as suas calças.

Rose quase que entornou o seu chocolate quente ao arremeter contra Alvo. James e Alvo choraram de rir, recebendo um olhar chateado de um elfo doméstico que fazia limpezas numa janela próxima.



O tempo movia-se surpreendentemente devagar à medida que o Natal se aproximava. James, Rosa e Alvo passaram o tempo jogando Arranques e Brocas em ambas as salas comunais, explorando os terrenos cobertos de neve, e visitando Hagrid na sua cabana. As refeições eram efetuadas na companhia dos poucos estudantes e professores que restavam, entre eles estavam Fiera Hutchins, Hugo Paulson, e, para surpresa de James, Josefina Bartlett, cujas vertigens ainda só estavam ligeiramente melhores. Ela conseguia sentar-se à mesa corvinalina, apesar de que se deixasse cair um pedaço de pão ou um garfo, era completamente incapaz de se dobrar para apanhá-lo. James sentiu um pouco de pena dela, mas depois viu-a a gritar para um dos elfos domésticos que ele fosse buscar um novo garfo para ela e ele determinou que a sua arrogância e intolerabilidade geral não tinham sido muito afetados pela sua difícil situação.

Na manhã de Natal, James estava um pouco chocado por ser acordado pelo cheiro de uma peixada fresca e uma voz grossa e distante de rã-touro.

- Um feliz Natal para você, mestre James - disse a voz. - Dorme ali como uma pedra, ele dorme, como se o seu café da manhã fosse simplesmente ficar quente por magia até ele se decidir se está pronto para comê-lo, coisa que ele fará, claro, mas apenas porque o Monstro trabalhar tanto dia e noite para desenvolver o melhor Feitiço de Aquecimento para isso...

- Monstro? - perguntou James com a visão turva, esfregando os seus olhos e sentando-se na cama. Um tabuleiro com um café da manhã imaculadamente preparado estava pousado sobre as suas pernas. Uma rosa preta e uma bengala doce saiam projetadas de um vaso em alabarda estavam no canto do tabuleiro. - O que você está fazendo aqui?

- Fui enviado pela sua querida mamãe, mestre James - disse Monstro, dando uma reverência. Ele estava de pé ao fundo da cama de James, vestindo apenas a sua antiga toalha de chá apesar do frio do quarto. - Já servi o café da manhã ao mestre Alvo e à mestre Rosa. Os seus presentes esperam por você lá em baixo.

- James! - chamou Alvo do fundo das escadas do dormitório. - Anda lá! O Monstro não nos deixa abrir nada enquanto não estivermos todos juntos! Ordens da mamãe, claro. Portanto anda lá!

James deu algumas dentadas no salmão defumado da peixada e bebeu do seu suco de abóbora, agradeceu ao Monstro, e depois lançou-se para fora da cama. Rosa e Alvo estavam sentados perto da lareira, bebendo chá e usando chapéus verdes com sinos tilintantes nas pontas. A Rose franziu a testa e acenou, fazendo soar os ornamentos.

- Festivo, né? Foi a minha mamãe que os enviou. Ela sabia que não tínhamos decorações nem nada. Ponha o seu na cabeça!

Ela lançou um dos chapéus para James. Ele sorriu e colocou-o na cabeça. O Monstro veio lentamente pelas escadas. Ele também tinha colocado um dos chapéus, apesar de ele usar como se pesasse cem toneladas. O chapéu cobria-lhe os olhos. Puxou-o para cima com o polegar, espreitando para James, Rosa e Alvo com um olho.

- Todos presentes e dispostos - ele disse para si mesmo. - Feliz Natal, mestres.

Estalou os dedos. Houve uma mudança na iluminação da sala e James sentiu uma espécie de barreira protetora sendo removida do monte de presentes. Alvo festejou e lançou-se do sofá, atacando o maior presente com o seu nome. James sorriu muito contente e se lhe juntou.

Monstro permaneceu com os três até que todos os presentes fossem abertos, então, zelosamente, recolheu todos os papéis e fitas de presentes. Ele revirou o material, comprimindo-o dentro de uma bola colorida consideravelmente densa, e então, estranhamente, enfiou-o dentro de seu chapéu verde decorado. Ele pôs o chapéu de volta na cabeça enquanto Rosa se esforçava para não soltar risadinhas devido a insanidade da coisa.

- Foi pedido ao Krecher que informasse a vocês que os seus pais irão falar com vocês através da Rede de Flu - estrilou o elfo. - O Kreacher vai partir agora, mestres. Tenham umas férias felizes.

- Você também Kreacher. - disse Rose por entre uma bruxa de gengibre entre os dentes.

- Terei. - replicou Kreacher. Levantou o seu braço esguio e estalou os dedos. O elfo desapareceu numa rajada de fumo verde.

- Sempre gostei deste elfo. - proclamou James. - Ele sabe como manter as coisas, pois sabe. Não vale a pena chover no molhado.

Rosa disse,

- Tenho um bocado de pena dele. O que é que ele recebe pelo Natal?

- Oh, Rosa, você é pior que a sua mãe - replicou James. - Há dois Natais, o pai e a mãe tentaram dar uma prenda de Natal ao Monstro. Era só um pequeno cesto com uma almofada para ele dormir ali. A compraram numa loja de mascotes dos trouxa, porque essa criaturazinha se recusa a dormir numa cama normal. Ele não o queria aceitar, e quando insistiram que ele o aceitasse, ele nem sequer o usou para o que era suposto. Ele o tem usado desde aí como um cesto para andar carregando a roupa suja!

- Sinceramente, Rosa - concordou Alvo, - o Monstro não *foi feito* para ser feliz. Nós tentamos. A sério que tentamos. Especialmente o meu pai. Ele e o Monstro têm uma espécie de história.

- Eu sei. - disse Rosa - Mas é que ele parece tão miserável.

- Ah! - exclamou James. - Isto é excitante para o costume do Monstro. Ouvi dizer como é que ele era quando meu pai o herdou. Monstro lhe enviou uma caixa de larvas como presente de Natal.

- Não acredito! - espantou-se Rosa, cobrindo a boca.

Alvo puxou de um cachecol artesanal verde e prateado das suas caixas por abrir. Ele o pôs ao seu pescoço.

- Acredite em nós, Rosinha. Esse era o Monstro feliz. Se não estivesse, teríamos sanguessugas para o café da manhã em vez de peixe defumado.

Nessa tarde, Alvo levou James e Rosa às masmorras e lhes mostrou o campo de treino de feitiços dos Sonserinos. Exatamente como Alvo o tinha descrito, a sala era longa e baixa com bonecos girando no sentido dos ponteiros do relógio instalados contra a parede do fundo. Alvo ilustrou como o campo funcionava manobrando a varinha e lançando uma Azaração Ferreteante a um dos bonecos. O boneco levantou os braços e acenou numa imitação de dor, como se estivesse sendo picado por ferrões de abelha. Alvo repetiu a azaração, rindo-se. James também se riu, mas um pouco nervosamente. Rosa nem sequer se riu. Ela olhou com desgosto para Alvo e cruzou os braços.

O jantar de Natal no Salão Principal estava tão resplandecente quanto qualquer outro em que James tinha estado, apesar do fato de só estar preenchido a um quinto. O professor Cnossos Shert e Lúcia Heretofore, a nova professora de Poções e chefe da Casa sonserina, estavam sentados na mesa sobre a plataforma. Hagrid estava sentado entre eles, falando alto e parecendo-se com o que ele era: um meio-gigante entre duas pessoas normais e magras. Heretofore parecia obviamente descontente com Hagrid, apesar de que o mascarava por detrás de um sorriso fraco. Para surpresa de James, Petra Morganstern estava sentada a meio da mesa grifinória, sorrindo ligeiramente enquanto Hagrid tentava liderar os seus colegas professores para cantar canções de Natal.

- Não sabia que você tinha ficado para o Natal. - disse James, sentado na mesa de frente para Petra.

- Verdade - concordou Rosa. - Onde você tem estado?

- Fui para Hogsmeade durante uns dias - respondeu Petra. - Fiz algumas compras. Não há motivos para andar por aí deprimida durante as férias todas.

- Por que é que você não foi para sua casa passar o Natal? - perguntou Rosa.

Petra encolheu-se, ainda sorrindo para a plataforma.

- Não valia a pena, na verdade. Já tive o meu presente, não foi?

James levantou a sobrancelha.

- Você está falando da caixa que chegou do Ministério por coruja no mês passado? Estávamos nos perguntando sobre isso. Veio do seu papai?

Petra acenou e sorveu a sua cerveja de manteiga.

- A Madame Rosmerta enviou isto do Três Vassouras para esta noite. Sabiam disso? Falei com ela ontem.

- Então o que é que você recebeu no Natal? - perguntou Alvo. - Eu tive um cachecol novo, uma caixa de chocolates, e um Lembrol. Sinceramente, minha mamãe deveria ter dado o Lembrol ao James para que ele se lembrasse de ir às provas de quadribol. - sorriu para James.

Petra olhou para Alvo, ainda sorrindo.

- Eram apenas algumas coisas. Não teriam significado para alguém a não ser para mim.

- Então por isso é que você fugiu para ir abrir sozinha - comentou Alvo. Rosa deu-lhe um pontapé por debaixo da mesa.

Petra encolheu os ombros.

- É bom ter algum tempo para nós mesmos, não é? Estou aproveitando o tempo para aprender as minhas linhas. Você gostaria de ensaiar um pouco, James? A Prof. Curry provavelmente inclui-nos no testamento se voltarmos de férias sabendo todas as linhas.

- Claro! - disse James, um pouco entusiasmado demais. Moderou o seu tom de voz e acrescentou: - Quer dizer, tanto faz. Se você quiser. Não tenho nada planejado.

- Você Não tem *mais* nada planejado. - sorriu Alvo de maneira marota. - Quê, você tem uma entrevista com o Ministro da Magia de que não sabemos nada? Ai! E Rosa, você já pode parar de me dar pontapés por baixo da mesa?

Petra sorriu para Alvo e depois para James.

- Te vejo mais tarde na sala comunal. Traga o seu guião e vamos ler tudo, tá bem?

James assentiu, não confiante em si próprio para falar. Petra saiu, andando devagar, pesarosamente.

- O James está apaixonado pela atriz principal - gozou Alvo, fazendo sons de beijos.

- Não estou apaixonado por ela, seu imbecil - James levantou a sobrancelha, fingindo que era a coisa mais ridícula que já tinha ouvido.

- Oh, James, você não engana ninguém - disse Rosa, abanando a cabeça. - É óbvio. Até mesmo, é quase fofo.

- Cale a boca! - disse James, corando de fúria. - Só porque tenho que fingir que estou apaixonado por ela na atuação da obra, não significa que seja realidade! Talvez eu seja só muito bom ator!

Rose tentou esconder um sorriso maligno.

- Bem, então, você entra mesmo no seu papel, né? Eu não fazia idéia que você era tão dedicado à arte. Ainda bem que no seu papel você não tem que matar ninguém. James revirou os olhos dramaticamente.

- Vocês dois estão completamente pirados. Pensem o que quiserem.

Alvo estudou James por um momento, e depois fez mais sons de beijos para ele.

- Oh, Petra, eu sou só um menino, mas você me faz sentir como um *homem*!

James segurou um pãozinho e atirou-o a toda a força para Alvo, que caia numa deliciosa gargalhada.



Quando James voltou à sala comunal um pouco mais tarde, tendo deixado Rosa e Alvo cantando canções de Natal com Hagrid no Salão Principal, estava contente e um pouco frustrado por encontrar Petra sentada numa cadeira perto do fogo, com o guião na sua mão. Ele correu pelas escadas até ao dormitório, pegando na sua cópia da mochila, e voltou pelas escada abaixo, dizendo a si mesmo a toda a hora que ele não ia ser estúpido, que Rosa e Alvo não poderiam ter razão sobre ele ter-se apaixonado por

Petra, e acima de tudo, que mesmo *fosse* verdade, era inconcebível pensar que os sentimentos eram recíprocos. Ela era quase cinco anos mais velha do que James, tão inteligente como possível, e absolutamente linda. Garotas como a Petra simplesmente não gostavam de garotos mais jovens que ainda não tinham dominado o Encantamento Anti-Borbulhas. A face de James corou quando se juntou a Petra, saltando para um sofá perto do dela.

- Ai de mim!, meu querido Treus - citou Petra, virando uma página do seu guião, - tu fazes tremular o meu coração. Começamos do início?

James começou a responder, mas a sua voz saiu como um guincho. Ele limpou a sua garganta.

- Sim. Claro. Leio a vez da pessoa com quem você estiver falando e e você faz o mesmo para mim.

- Eu consigo fazer bem de Donovan - concordou Petra. - Até considerarei tentar ficar com esse papel.

- E eu suponho que o Noé podia ter feito de Astra? - brincou James.

Petra assentiu.

- Há um século atrás, os homens faziam freqüentemente o papel de mulher neste tipo de peças de teatro. Em alguns lugares nem sequer deixavam as mulheres atuar de maneira nenhuma. Olho por olho, e dente por dente, diria eu. Além disso, às vezes acho que seria divertido fazer a parte do mau da fita com poderes impressionantes. As mulheres são sempre os peões nestas histórias.

James pensou que ela era possivelmente o peão mais bonito que ele jamais tinha vista, mas determinou não dizê-lo. Limpou a sua garganta novamente e começou a ler em voz alta. Duas horas mais tarde, assim que terminaram a leitura, James notou que Alvo e Rosa tinham entrado na sala comunal. Eles estavam sentados numa mesa mais atrás com Hugo Paulson, que estava ensinando a Alvo algumas técnicas de Arranques e Brocas. James apanhou Rosa a olhar para ele furtivamente, com um pequeno sorriso nos lábios.

- Ei, James - chamou Alvo, enfiando a varinha no bolso. - Lembre que era suposto falarmos com os pais via a Rede de Flu esta noite. Ou devo lhes dizer que você tem assuntos pendentes mais importantes para tratar?

James olhou de relance para Alvo, que simplesmente lhe sorriu de volta.

- Está tudo bem, James - assinalou Petra, fechando o guião. - Já estava cansada disto por hoje, de qualquer forma. Vou para cima escrever algumas cartas de Natal. Obrigada pela ajuda.

- Foi divertido - concordou James. - Te vejo por aí, Petra.

À medida que James olhava para Petra atravessando a sala até ao dormitório das garotas lá em cima, Rosa se juntou a ele no sofá.

- Você devia mesmo ter cuidado, James - disse numa voz tranqüila.

James mal a ouvia.

- O que você quer dizer?

- O que eu *quero dizer*, é que a Petra não está numa posição de te responder da maneira que você quer.

- Não sei do que você está falando - insitiu James, finalmente virando-se e fechando o seu guião. - Estávamos apenas ensaiando.

- Não é só a diferença de idades, sabe? Não é esse o maior problema a longo prazo. Você tem que perceber que o coração da Petra obviamente pertence a outro lado. James franziu a sobrancelha e olhou para Rosa.

- O que é que *isso* quer dizer?

- Bem, é óbvio, James - disse Rosa, baixando ainda mais a voz. - A Petra não foi para Hogsmeade para fazer compras, independentemente do que ela disse. Ela estava à espera de apanhar o Teddy antes dele ir para a Toca.

- Por que é que ela faria isso? - perguntou James, piscando os olhos.

Rose revirou os olhos e abanou a cabeça.

- Ela ainda está *apaixonada* por ele, seu imbecil. Está de coração partido por ele tê-la deixado pela Vitória.

- Mas o Noé disse que ela nunca o amou - disse James, franzindo a testa. - Ele disse que ela sempre soube que ele não era um bom partido para ela.

- Ela pode *dizer* isso, mas o coração faz o que quer, não é? Ela ama o Teddy. É óbvio. Só não quero que você faça ou diga alguma coisa que possa arruinar a sua amizade com ela. Não quero te ver saindo magoado.

James enconstou-se contra o sofá.

- Quem é que você acha que eu sou, Rosa? Um perfeito idiota? Mesmo que o que você diz fosse verdade, eu nunca diria nada sobre isso à Petra.

- Desculpa, James. O amor não correspondido é um veneno na alma, não é?

- Hã, hã - replicou James, - Essa a linha de Treus no segundo ato. Você tem muita piada.

- Olhem - gritou Alvo, saltando da mesa ao canto. - A chaminé! Olá, papai! Feliz Natal!

- Feliz Natal para você também, filho - a face de Harry Potter irrompeu num sorriso através das brasas na lareira.

- Olá, tio Harry - repetiu Rosa, levantando-se do sofá e colocando-se de joelhos à frente da chaminé. - Como estão as coisas na Toca?

Harry pareceu encolher-se.

- Tão bem quanto esperado, suponho. Não é a maneira que qualquer um de nós preferiria passar as férias, mas hoje não foi mau. A Lily ficou com a Andrômeda Tonks, e toda a gente cá mandou cumprimentos. O Monstro diz que vocês pareciam bem. Gostaram dos presentes?

- Adorei o cachecol - replicou Alvo. - E o Lembrol. E os doces todos foram ótimos também.

- Não me diga que já os comeu todos, filho.

- Comi, mas não diga à minha mamãe. Sou um menino em crescimento, papai. Tenho que botar corpo para o quadribol!

Alvo e Harry passaram alguns minutos discutindo a temporada de quadribol, e Harry felicitou Alvo por ser o apanhador sonserino apesar de ter admitido que estava contente por os grifinórios os terem batido no torneio.

- Está aqui uma cambada de gente que quer dizer olá a vocês - disse Harry. - Pare de empurrar, Hermione!

A face de Harry desapareceu das brasas e foi substituída momentos depois pelos traços distintos e pelo cabelo espesso de Hermione.

- Feliz Natal, Rosinha - chorou. - E para vocês também, James e Alvo. Está tudo bem?

- Tudo em ordem - disse James. - Tem sido um ano louco até aqui. É muito para explicar.

Rosa sorriu para a sua mãe.

- O James tem razão. Temos tanta coisa para lhes contar. Na nossa primeira semana aqui, o Merlin nos levou para um passeio de cem milhas através dos bosques para irmos até e buscar uma caixa mágica e as coisas dele, e...

- Só um momento, Rosinha - disse Hermione. - Rony, eu perguntarei em um minuto. E você realmente quer comer esse biscoito de chocolate? Quantos é que você comeu?

A face de Hermione desapareceu da chaminé. Um segundo depois, o sorriso de Ron veio à superfície.

- Oi, Rosinha! Esses dois estão tratando bem de você? É que se não estiverem...

- Olá, tio Rony - disse Alvo felizmente. Rony sempre tinha sido o favorito de Alvo. - Sou um sonserino!

- Olá, papai - sorriu Rosa. - Como está o Hugo?

- Está todo mundo bem por aqui, dadas as circunstâncias - disse Rony, o sorriso desaparecendo. - Teddy e Carlinhos discutiram sobre qualquer coisa que a Vitória disse, apesar de ninguém ter a certeza do que foi. Jorge bebeu uísque de fogo um pouco demais, tropeçou no vampiro, e quebrou o dedo mindinho em uns troços. E a sua vovó ou está gritando para toda a gente ou se desfazendo em lágrimas. Tem sido um Natal glorioso. Agora que penso nisso, vocês têm aí uma cama a mais? Acho que vou até querer te fazer companhia nos dormitórios sonserinos, Al.

- Sim! - concordou Alvo de imediato. - vem pelo Flu! Voce pode ficar na cama do Ralf!

Por detrás de Ron, a voz da tia Fleur disse, - Você não vai a lado nenhum, Rony Weasley.

- Era uma *piada*, Fleur. Caramba.

O rosto de Rony desapareceu das brasas. Pareceu haver algum movimento, depois Gina apareceu.

- Olá, meninos! Olá, Rosa! Feliz Natal! - disse sorrindo.

- O que acontece aí, mamãe? - perguntou Alvo. - Parece ter um reboliço.

Gina suspirou.

- Vocês os três têm sorte por não estarem aqui. Não é a melhor maneira de passar o Natal. Felizmente, a maior parte das coisas já está empacotada, trasladadas e de cá para fora. Deixamos as camas para o fim para que pudéssemos passar cá a noite, mas amanhã de manhã, também as levaremos. Como é que vocês estão se portando?

James, Rosa e Alvo disseram a Gina que estavam portando-se bem. Rosa perguntou, - Então como é que é? Me custa pensar na Toca completamente vazia. O que é que a avó vai fazer?

- Está tudo bem, na verdade - disse Gina, mas não muito convincente. - Quer dizer, sim, é triste. A maior parte de nós tem vivido cá toda a vida. Mas é o melhor, na verdade. Toda a gente sabe isso. Vovó Weasley ficará conosco pelos momentos. Temos espaço demais, especialmente agora que vocês os dois estão fora de casa - ela indicou James e Alvo com os olhos. - Mas ainda assim, o seu papai empacotou a garagem do avô completamente sozinho. Eu não conseguia sequer olhar para aquilo tudo. Ele estava muito determinado sobre isso, no entanto. Eu estou... estou muito orgulhosa dele.

Gina parou abruptamente. Fungou e olhou para baixo durante um momento. Depois, com uma expressão diferente, olhou para cima de novo.

- Como é que os sonserinos estão te tratando, Alvo? Eles te alimentam bem?

Alvos riu-se.

- Mamãe, nós comemos todos juntos no Salão Principal. Você sabe isso. Não é como que os sonserinos tenham uma sala de jantar secreta ou coisa do género.

- Bem, eu nunca estive nas salas sonserinas, você sabe. Também não sabia que tinham um campo de treino de lançamento de feitiços. Mas eles estão tomando bem conta de você?

- Claro, mamãe - disse Alvo sorrindo. - Eu gosto de estar lá.

- E você, James? - perguntou Gina virando-se para o filho mais velho.

- Estou bem. - respondeu James moderadamente. - Recebi o seu berrador. Mais ou menos.

- Sinto muito, James - disse Gina. - Eu estava muito zangada quando mandei aquilo. Era muito mais do que a Capa e o Mapa desaparecidos. Agora eu sei. Isto é um momento muito estressante para todos nós aqui. Apenas não era um bom momento para vocês armar uma daquelas de novo.

- Eu não os peguei, mamãe! - disse James de repente, desesperadamente desejando que Gina acreditasse nele. - Pensei que Alvo o tivesse feito, mas ele diz que tampouco não os pegou!

Gina estudou o rosto de James por um longo momento.

- Bem, se nenhum de vocês os pegou, para onde é que foram? - perguntou razoavelmente.

- Como é que eu vou saber? - respondeu James, um pouco ofendido. - Talvez Monstro os tenha escondido no armário. Você sabe como é que ele costumava fazer isso com as coisas velhas da Sra. Black quando pensava que precisava de protegê-las. Você já olhou lá?

Gina expirou pesadamente.

- Não. Sinceramente, não me passou pela cabeça. Espero que você tenha razão, James. Você tem a certeza absoluta do que você me está dizendo é verdade?

- Sim, mamãe! Eu juro! Nem lhes toquei desta vez!

- E você, Alvo? Você não sabe nada sobre isto?

Alvo encolheu os ombros.

- A primeira vez que soube disso foi quando o berrador de James explodiu ao café da manhã. Depois James praticamente me atacou no fim do jogo de quadribol, me acusando de lhe ter armado uma armadilha. É tudo que eu sei, mamãe.

Gina acenou com desdém.

- Então tenho a certeza que irão aparecer. Perguntarei ao Monstro. Talvez ele tenha levado também o seu boneco, James. Pode ser que ele os tenha todos juntos lá em baixo na sua pequena coleção.

- Meu boneco? - perguntou James.

- Sim - respondeu Gina, distraída por qualquer coisa que acontecia na Toca. - O pequeno boneco James que você me deu no fim do ano passado. Desapareceu ao mesmo tempo que a Capa e o Mapa, mas parti do princípio que o tinha perdido. Não me preocupei muito com isso. Quer dizer, por que você quereria levar esse boneco para a escola?

Rosa tinha-se virado para olhar para James, as suas sobrancelhas estavam levantadas em sinal de alarme.

- Oh, e James - disse Gina, interrompendo-se a si mesma, - você já falou com Zane?

James pestanejou, os seus pensamentos corriam.

- O quê? Com Zane? Ultimamente não.

- Ele apareceu aqui na Toca hoje à manhã. Bem, eu digo "apareceu". Ele como que se, er, *materializou*. Tínhamos que lhe atirar com Feitiços Estuporantes para mantê-lo visível. Aqueles americanos têm alguns métodos de comunicação mesmo curioso, não têm? De qualquer forma, ele pensou que você estivesse aqui com Rosa. Ele disse que

precisava realmente de falar com você. Ele me pediu pra te dizer que você tivesse atenção.

James assentiu.

- Certo, mamãe.

- Bem, eu tenho mesmo que ir. - disse Gina. - Vovó lhes deseja um feliz Natal e ela adoraria conversar, mas enpacotamos o tapete e se ajoelhar nas pedras da lareira é muito duro para os joelhos dela. Cuidem uns dos outros. Rosa, certifique-se que estes dois comem alguma coisa verde de vez em quando. E vocês os dois, estudem muito, tá bom?

- Sim, mamãe - disseram Alvo e James em uníssono.

Gina riu-se chorosamente.

- Os amo, os três. Boa noite e feliz Natal!

Rony e Hermione fizeram mais uma aparição na chaminé cada um, despedindo-se. Finalmente, Harry apareceu mais uma vez. Sorriu fatigado.

- Têm cuidado, os três. Vocês não estão se metendo em confusões, ou estão?

- Não nos metemos em nada que você não se metesse - sorriu maliciosamente

Alvo.

- Papai - disse James, - Eu não peguei o Mapa nem a Capa esta vez.

- Eu sei, James. A sua mamãe já me disse. Acredito em ti.

- Mas, então quem foi?

- Deixa isso comigo - sorriu Harry. - Sou o Chefe dos Aurores, você lembra? Que tipo de auror eu seria se deixasse algo como a Capa da Invisibilidade escapar de minhas mãos? Se você não os tem, então está provavelmente perdidos debaixo da cama na casa, ou no fundo do cesto da roupa. Eles aparecerão.

- Mas, papai - disse James, baixando a voz, - e então o meu boneco vodu que o Prof. Jackson me deu o ano passado? Sou eu! Mamãe diz que também está desaparecido!

Harry pareceu compreender a preocupação de James.

- Essas coisas não funcionam como mostram nos filmes trouxas, filho. Você estará bem. A sua mãe gostava dele, no entanto. Ela o abraçava todas as noites.

- Eu sei - disse James, sorrindo disfarçadamente. - Eu sentia os abraços dela, um pouco.

O sorriso de Harry abriu-se.

- Não se preocupe com isso, James. Irão aparecer. As coisas aparecem sempre, não importa o quão desaparecidas pareçam. É uma regra da vida.

James assentiu.

- Obrigado, papai.

- Boa noite, para todos. - disse Harry. - Feliz Natal. Agora vão ver se descansam.

- Você também - respondeu Rosa. - Mande cumprimentos para todos. Dê um abraço à Lílian quando você estiver com ela.

Harry assentiu.

- Assim farei, Rosa. - Olhou de relance para James e Alvo, sorrindo de orgulho, e depois desapareceu. As brasas reverteram para um fogo aleatório.

- Parece que fizemos a escolha certa em ficar aqui - comentou Alvo, pondo-se a pé. - Me pergunto o que irá acontecer com as coisas de vovô. E o Ford voador?

James acenou.

- O que se importa? O avô era o único que dava sentido àquelas coisas. Sem ele, são simplesmente... coisas.

Alvo cravou o seu olhar em James, mas pareceu não saber o que dizer.

Rosa levantou-se e sacudiu os joelhos.

- Tenho a certeza de que o seu pai não vai simplesmente jogá-las fora. - disse calmamente. - Vovô passou anos colecionando aquelas coisas. Faz parte da memória dele. O tio Harry encontrará um lugar para aquilo tudo.

- Ninguém encontrou um lugar para a *Toca* - disse Alvo suavemente. - Agora está vazia, e em breve, será demolida. - Não houve resposta para isto. Um momento depois, Alvo prosseguiu, - Eu vou lá para baixo. Vejo vocês amanhã.

- Boa noite, Alvo - replicou Rosa, acenando. Assim que Alvo desapareceu pelo retrato, Rosa virou-se para James, com os olhos arregalados.

- Seu boneco vodu também desapareceu! Isto pode ser sério!

- Você ouviu o meu pai. Ele diz que estaria tudo bem. Ele diz que não funcionam como nos filmes trouxas. Não é como se quem o encontrasse possa usá-lo para puxar os meus braços fora ou me obrigar a fazer coisas que não quero.

- O vodu é uma arte mesmo secreta - disse Rosa, abanando a cabeça. - E madame Delacroix é uma das melhores bruxas que há nessa área. Você não sabe de que o boneco é capaz, nem seu pai. Na realidade não sabem. Você tem que ter mesmo muito cuidado com essas coisas.

- O que você acha que vou fazer, Rosa? Não posso simplesmente encontrar essa coisa maldita por magia. Provavelmente só caiu para trás da cómoda no quarto de meus pais.

- Eu não estaria disposta a correr esse risco se eu fosse você - disse Rosa gravemente. - Pelo menos até você ter a certeza do que o boneco é capaz de fazer.

- Você fala como se aquilo estivesse vivo - disse James, sorrindo nervosamente. Rosa meramente pôs as mãos no quadril e inclinou a cabeça como que dizendo: *como é que você sabe que não está?*

- Pesquisarei - disse uma voz por detrás de Rosa, fazendo-a salta no ar.

- Zane Walker! - chorou ela, virando-se e pondo a mão sobre o seu coração. - Para de fazer isso! Você me pregou um susto de morte!

- Desculpa - disse Zane, - é difícil bater à porta com mãos de Doppelgänger. Elas simplesmente passam através das coisas.

- Oi, Zane, feliz Natal - sorriu James, virando-se no sofá para encarar a forma semi-transparente. - Precisas de um raio?

- Sim, se você não se importar. Estou mantendo esta mensagem completamente sozinho. Não queria que mais ninguém a ouvisse.

James sacou a sua varinha e lançou Azaração Ferreteante para Zane. O Doppelgänger pulsou para algo semelhante a uma forma sólida.

- E então? A tia Gina no disse que você estava à nossa procura na Toca - disse Rosa, saltando de volta para o sofá. - O que era tão importante para você precisar de nos interromper no dia de Natal?

- Estava preocupado com vocês - disse Zane sério. - Queria lhes avisar, mas então descobri que vocês ficaram aqui na escola, e soube que tudo estaria bem. Por agora, pelo menos.

James franziu a testa.

- Do que você está falando? Por que é que não estaríamos a salvo? Quer dizer, relativamente falando, considerando que o Guardiã está solto na Terra e isso tudo.

O rosto de Zane estava pálido e grave.

- Você se lembram de quando falamos no celeiro há umas semanas? Rosa, você me contou tudo sobre como Merlim tinha enganado aquele cara, Hadyne, há mil anos. Ele disse que Merlim teria a sua noiva de volta se dobrasse as terras de Hadyne e fortificasse o seu castelo, fazendo com que nem Merlim pudesse atacar alguém lá dentro.

- Sim - disse James, encolhendo os ombros. - E então?

- *Então*, Merlim sabe que alguém entrou no seu escritório há algumas semanas atrás. Ele sabe que essa pessoa entrou pelo Espelho Mágico dele e provavelmente descobriu algumas coisas não tão boas sobre ele. E Merlim provavelmente sabe que essa pessoa era você, James. Então, você não se tinha perguntado por que é que ele não te assustou sobre nada disto?

- Bom - respondeu James devagar, - como você disse naquele dia no celeiro, se Merlim fosse malvado, teria vindo atrás de nós. O fato de ele não o ter feito tem que significar que ele não é tão mau quanto poderia ser. Talvez, de alguma forma, ele esteja do lado dos bons e saiba que também estamos. Talvez nos esteja a deixar em paz porque sabe que estamos ajudando a combater o Guardiã. - Mesmo à medida que James dizia isto, soava-lhe a falso. No seu coração, não acreditava nisso, mas não conseguia pensar em outra razão para Merlim não ter vindo atrás deles.

Zane estava abanando a cabeça.

- Isso era o que eu pensava na altura. Mas então pensei na conversa que ocorreu entre Slytherin e Merlim, quando ele te tinha preso no seu laboratório. Você disse que eles falaram sobre o trato com que Hadyne tinha enganado Merlim, e então fez questão

de dizer que *Hogwarts* era o castelo em que Hadyn vivia quando *fez* o trato. Você não vê o que isto quer dizer?

Os olhos de Rosa desorbitaram-se.

- Significa que *Hogwarts* é o castelo que Merlim fortificou. Não pode ser alcançado pelo exterior - disse, assentido. - Isso explicaria porque é que Voldemort e as suas forças foram mantidos do lado de fora durante tanto tempo durante a batalha. Os feitiços protetores de Merlim ainda estavam efetivos, apesar de estarem um pouco enfraquecidos depois de mil anos.

- Também explicaria como é que as entradas secretas se abrem de novo com o passar do tempo - concordou James. - Como a que está por baixo do Salgueiro Lutador! É como se o próprio castelo se curasse quando estivesse danificado! As fortificações mágicas de Merlim ainda funcionam depois de todos estes séculos! Até mesmo as partes novas parecem tê-las. Até as partes que foram construídas *depois* de Merlim ter lançado as fortificações sobre o castelo! Os pedaços novos tem herdado a proteção dele!

Zane continuava sacudindo a sua cabeça sombriamente.

- Vocês ainda estão falhando na parte mais importante. Temos estado assumindo que Merlim não lhes tem atacado aos três porque estava do seu lado ou que ele lhes estava deixando perceber as coisas por alguma razão. Assumimos que ele lhes estava deixando em paz porque seria essencialmente bom. Mas nos esquecemos da parte mais interessante do trato que Hadyn fez com Merlim.

Rosa arquejou e gritou de repente e cobriu a boca. Os olhos de James se arregalaram, lembrando. Tinha estado à frente dele o tempo todo. O próprio Slytherin o tinha dito, naquela noite no seu escritório há mil anos atrás: *não és capaz de tocar no cabelo de ninguém que resida dentro do castelo, Slytherin tinha dito, as tuas ameaças são formidáveis, mas felizmente, não têm qualquer efeito aqui.*

- Ele não pode magoar ninguém que esteja dentro do castelo - sussurrou James. - Era a última parte do trato com Hadyn, porque Hadyn sabia que Merlim tentaria se vingar dele. Foi por isso que o Merlin teve que esperar até que o Hadyn estivesse em viagem na sua carruagem. Só aí é que Merlim poderia atacá-lo.

James olhou para Rosa. As mãos dela ainda cobriam a sua boca e o seu rosto tinha-se esvaído de cor.

- Deixe-me me atrever a sugerir - disse Zane, olhando significativamente para ambos - que nenhum de vocês parta em aventuras por enquanto?



A primeira preocupação de James tinha sido Ralf, que estava, de fato, fora nas férias, no apartamento de seu pai em Londres. Zane lhes assegurou que já tinha ido ver Ralf, avisando-o para manter a varinha à mão e tentando não ficar sozinho.

- Ele não ficou muito feliz com isto - explicou Zane, - especialmente sendo a sua varinha um pedaço do cajado de Merlin. Ele acha que não será capaz de usá-la contra Merlin se chegar a isso. Ele poderia ter razão, mas não lhe quis dizer isso.

- Mas é a varinha *dele* agora - insistiu Rose. - Ele a ganhou. É dele para usá-la como desejar.

Zane não tinha tanta certeza.

- Isto é magia *antiga*, Rosa. Não é como se Ralf tivesse batalhado com Merlin e ganhado a sua varinha. O cajado foi partido, e o Ralf apenas ficou com uma parte dele. Ele ainda se lembra de como é ser uno, e sabe que Merlin ainda é o mestre do resto. Você pode estar certa, mas não podemos assumir que o que seja verdade para uma varinha inteira o seja para parte de um cajado.

- Definitivamente, não diga isso a Ralf - disse James. - Ele já está nervoso o suficiente, e nunca saberá a verdade a não ser que tudo se resuma a uma batalha. Seria melhor que ele acreditasse verdadeiramente que a varinha é inteiramente dele. E isso pode até ajudar a que se torne verdade.

Zane assentiu.

- No entretanto, perguntarei à Madame Delacroix sobre o boneco vodu. Vou tentar que ela me diga o que aquilo pode fazer. Afinal, foi ela que fez aquilo.

Rose perguntou, - Você pode falar com ela?

- Claro. Ela está aqui mesmo nos terrenos, no andar psiquiátrico da Universidade Médica de Poe. Eles a mantêm fechada a sete chaves, mas são permitidas visitas. Está um bocado alucinada depois de toda a experiência na Fortaleza da Gruta, mas aposto que se lembra de mim. *E* de longa data.

- Duvido que cheguemos a isso *outra vez* - disse Rosa, revirando os olhos. - Mas pode ajudá-la a soltar a língua. Afinal, foi um dos seus presidentes que disse que *fale com suavidade e tenha na mão um grande porrete*.

- Sim - concordou Zane, - porretes grandes são uma especialidade minha. Depois disto, Zane desejou a James e Rosa uma boa noite e um feliz Natal. Aparentemente ele tinha uma festa de Natal para ir também, uma vez que era muito

mais cedo onde ele estava. Começou a cantar uma canção de Natal bastante rude e desapareceu a meio do coro.

James e Rosa disseram boa noite também e seguiram os seus caminhos, subindo as escadas para os seus respectivos dormitórios. Passou pela cabeça de James que teria o dormitório dos secundanistas só para ele durante as férias, e isso preocupava-o um pouco. Ele lembrou-se a si próprio de que se Zane estivesse certo, Merlim não o poderia magoar dentro das paredes de Hogwarts. Ainda assim, o pensamento de que Merlim pudesse realmente *desejar* magoar James, assim como Rosa e Ralf, era um pouco assustador. Era uma coisa ter um inimigo genérico e turvo flutuando à solta pelo mundo, mas era outra coisa completamente diferente ter um inimigo específico debaixo do mesmo teto que ele, e saber que esse inimigo era um dos mais poderosos magos de todos os tempos. Felizmente, depois das atividades daquele dia na neve e do estresse das conversas com Petra e com os seus pais, James estava exausto o suficiente para não se importar. Além disso, James tinha a sensação vaga de que Cedrico estaria cuidando dele. Se Merlim viesse atrás de James, Cedrico encontraria uma maneira de lhe avisar antes. Pensando nisso, James caiu num sono profundo.

Ele teve aquele sonho outra vez, e foi mais claro que nunca. Ouve um lampejo e um som de lâminas e o roncar de maquinaria antiga. Ali estava a piscina gotejante e os rostos tristes de um homem e de uma mulher jovens. Ainda pior, ouvia-se a voz cortante, constantemente sedutora, penetrante e instrutora. Uma sensação de profunda tristeza prevalecia no sonho, mas por debaixo da tristeza, como facas afiadas debaixo de um cobertor macio, havia raiva. Era uma fria e pulsante raiva, larga como o céu e profunda como o oceano. E finalmente, pela primeira vez, James viu a sua companhia. A figura estava refletida na piscina, uma silhueta e uma pista de uma face. Ainda ele não sabia onde estava essa piscina ou onde é que este sítio secreto estava escondido e enterrado, mas ele finalmente sentiu quem seria esta pessoa atormentada. Olhos azuis penetrantes eram atravessados por um cabelo comprido e preto. Aqueles olhos eram como carvão: duros e frios, mas escondendo um fogo que poderia queimar tudo e todos.

- Você tem amaldiçoado - disse a voz alta e fina. - Você testou as águas, sim. Mas você tem que realizar o ritual extremo para se tornar verdadeiramente merecedora e digna. Você tem que fazer um sacrifício tão grande que não haverá volta. Você tem que tirar a quem te tirou. Será uma senda difícil e dolorosa, mas só você pode percorrê-la, mas é o preço do equilíbrio. Você tem que estar disposta a percorrer esse caminho por todos aqueles que virão depois de você. E por esse sacrifício, eles honrarão a sua memória. Irão cantar sobre você. A sua história se tornará uma lenda. E através dessa lenda, você viverá para sempre, independentemente do que acontecer à sua forma mortal. Através de suas provas e seus juízos, a justiça será alcançada. Aqueles que você perdeu serão devolvidos. O seu sangue será pago da única maneira que pode ser: com mais sangue. É o seu dever e o seu honor.

- É meu honor - disse a figura de cabelo preto numa voz calma e fria. Uma lágrima caiu do queixo da figura e atingiu a piscina, onde se vaporizou.

James continuou dormindo. E de manhã, mal se lembrava do sonho. Mas a sua cicatriz fantasma pulsava preocupantemente, e James interrogava-se sobre isso, sabendo que significava algo, mas não percebia o quê. Ele desceu para tomar o café da manhã, e quando entrou no Salão Principal, a dor na sua testa tinha desaparecido completamente.

Alvo e Rosa estavam sentados na mesa grifinória com Hugo e Petra, e todos estavam envolvidos numa conversa embrenhada. James se juntou a eles, sorrindo alegremente.

Quando o café da manhã acabou, ele já tinha esquecido totalmente aquele sonho.

- CAPÍTULO 14 -

Artis Decerto



As férias de natal terminaram de forma estranha para James. Já que Rosa, Alvo e ele não tinham ido para algum lugar, não houve uma triste viagem de retorno. Em vez disso, parecia como se a escola tivesse voltado para eles. No domingo quando a maioria dos estudantes voltava de suas viagens, James e Rosa estavam sentados em um banco ensolarado na janela que dava para o pátio. Silenciosamente, observavam grupos de companheiros descarregando suas malas e baús, levando para cima das escadas da entrada principal. O enorme boneco de neve que James, Rosa e Alvo tinham erguido tinha derretido um pouco depois do degelo que

aconteceu repentinamente. Seu nariz estava pendurado tristemente e umas de seus galhos que se fazia como braço estava caído. A neve derretida gotejava sem parar nos telhados e varandas do castelo. James se sentia bastante satisfeito de que o natal tenha acabado e estava ansioso para que as aulas e os ensaios da obra voltassem.

Estranhamente, no entanto, nenhum deles tinha visto Merlim em todo o feriado de natal. James havia passado junto a Prof. McGonagall no corredor fora de seu escritório, e ela lhe havia informado de que, pelo que sabia, Merlim havia passado o natal no castelo.

- Não é como se o diretor tivesse família - ela comentou. - E só podemos assumir que as suas tradições de natal são bem diferentes de nós, de qualquer maneira. Além do mais, o diretor Ambrosio é um homem muito reservado, como você haverá notado. Se ele tinha quaisquer planos, duvido que teria dito qualquer um de nós.

As aulas começaram de novo e James percebeu que a segunda metade do ano tinha um tom muito diferente da primeira. Especialmente entre os estudantes maiores, havia uma atitude notavelmente mais séria para com os deveres e os estudos. Todo isso significava que James estava contente de não ter idade suficiente para prestar os exames N.O.M.s e N.I.E.M.s.

Quando retomaram as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas, o Prof. Debellows introduziu técnicas de uma forma de arte marcial mágica chamada *Artis Decerto*. A atitude de James tinha mudado bastante depois de seu encontro com Salazar Sonserina no alto da Torre Sylven, onde foi surpreendido pelo ter encontrado grande utilidade nas técnicas de defesas de Debellows. Prestou muita atenção nos novos movimentos, que se pareciam muito com uma dança, mais era na realidade um método de manter o corpo rápido e flexível, permitindo esquivar uma imponente variedade de feitiços. Como exemplo, Debellows convidou a sala para formar uma fila e preparar as varinhas. Um por um, cada estudante tentaria desarmar, estuporar e azarar Debellows.

- Quando quiser - disse o professor, sorrindo e saltando ligeiramente de pé em pé.

- Finalmente, isto está ficando interessante - resmungou Trenton Bloch, empunhando a sua varinha.

Quando os primeiros feitiços começaram a ser disparados, Debellows os esquivou com uma assombrosa facilidade e quase sem esforços. Apenas parecia estar observando a fila de estudantes. Simplesmente olhava de vez em quando para cada pessoa na fila, depois girava, se agachava, saltava e até realizava piruetas e cambalhotas, deixando que os feitiços passassem ao seu lado sem lhe fazer dano e por apenas alguns centímetros dele não o pegavam. James teve de admitir que foi uma exibição bastante surpreendente, mas estava determinado a dar seu feitiço sobre o alvo. Decidiu que ele miraria os pés de Debellows, por que eles estariam, normalmente, grudados no chão. Quando chegou sua vez, James levantou a sua varinha, momentaneamente apontou para o tórax do professor, tão depois rapidamente como ele pode, apontou a sua varinha para baixo e disparou. Quando o feitiço saía de sua varinha, Debellows já estava no ar, girando ligeiramente. O Feitiço Estuporante de James se perdeu na sombra de Debellows. Um momento depois, o professor caiu sobre as pontas dos pés e as mãos, como se estivesse fazendo flexões. Com um suspiro e um rosnado, se lançou de novo para cima, aterrissando facilmente sobre seus pés. Rapidamente, ele pegou a sua varinha, que tinha sido lançada para cima durante o salto.

- Demônios! - gritou Graham Warton. Um aplauso começou em onda sobre estudantes.

Kendra Corner levantou a sua mão.

- Quando em breve poderemos fazer *isso*?

- Paciência, estudantes - buzinou Debellows, rindo arrogantemente e secando-se o suor de sua testa com uma toalha. - A *Artis Decerto* é um estudo para toda a vida. É muito mais que uma arte física, é uma disciplina mental. Incorpora as habilidades de levitação, adivinhação e até mesmo Aparatação, permitindo que o bruxo saber quando e onde atacará a seu oponente e assegurar-se de não estar ali quando isso ocorrer. Só os bruxos mais desajeitados confiam somente na força de seus feitiços. O bruxo que é capaz de jogar bem cartas, não necessita somente de feitiços.

James decidiu, mesmo que não gostasse muito de Debellows, a *Artis Decerto* era uma técnica que valia a pena aprender. Ele prometeu a si mesmo que praticaria os treinamentos e exercícios mentais que Debellows dava mesmo que pareciam desesperadamente difíceis e estranhos.

- Conhece a o seu oponente melhor do que ele mesmo - ordenou Debellows. - Isso não requerer anos de estudos; a maiorias dos bruxos se conhece muito pouco de si mesmo. Avaliem-lhes em um instante. Tomem-lhes as medidas. Se vocês tiverem êxito nisso, sempre terá a varinha ganhadora, e saberão o que vão fazer antes de eles mesmos. Já estará preparada a sua defesa, e eventualmente, seu contra-ataque.

- Quando chegaremos nessa parte? - disse Trenton, baixando a varinha com frustração. - Estou cansado de tentar ler a mente dos outros. Quero fazer alguma magia.

- Tudo há seu tempo, senhor, hmm, jovenzinho - replicou Debellows, erguendo uma mão. - Primeiro, vocês devem entender a logística da batalha. Não devem tomar nenhuma ação a menos que já vocês tenham previsto as conseqüências. Planejar e deliberar são a chave! A magia é uma das opções disponíveis para um bruxo esperto. Mais em um cenário de uma batalha há três opções disponíveis para um guerreiro escolher. A primeira escolha é amaldiçoar o seu oponente.

Kevin Murdock apontou a varinha para seu companheiro de duelo e fingiu lançar uma maldição assassina.

- Cabuumm! Você está morto! Isso é o que estamos esperando - disse alegremente.

- Uma resposta sistemática e descuidada, meu amigo - disse Debellows. - Talvez queira tentar essa técnica comigo.

A cara de Murdock ruborizou-se ao se lembrar a forma que Debellows tinha esquivado o estrupício de feitiços. Sacudiu a sua cabeça e rapidamente baixando sua varinha.

Debellows acenou uma vez.

- Boa escolha, menino. Você acabou de demonstrar a segunda opção de que um bruxo pode escolher em uma batalha: esperar e observar até que seu oponente faça o primeiro movimento. Um guerreiro astuto poderá explorar as ações de seu oponente e utilizá-las contra ele. Se algum de vocês estiver em uma batalha, provavelmente encontrarão inimigos destreinados e indisciplinados: um inimigo que acredita que só a coragem, o poder, ou o entusiasmo são suficientes para dar-lhes a vitória. Avaliem esse

inimigo, esperem que ele faça o primeiro movimento, e reconheçam o momento em que ele o faça. Se tiverem êxito nisso, então a batalha já esta em suas mãos.

Trenton Block ficou com os olhos brancos, obviamente insatisfeito.

- Quando é a terceira opção então?

- A terceira opção, meus amigos - disse Debellows, levantando suas sobrancelhas - , é dar a volta e ir embora.

- A terceira opção e se dar por vencido? - perguntou Morgana Patonia, franzindo a testa.

- Em absoluto. Um autêntico guerreiro nunca se rende. Mais um autêntico guerreiro sabe quando a batalha não vale a pena. Pode ser por que o inimigo seja muito forte, porque seja muito fraco. Em qualquer caso, não existe valor de tal batalha. O verdadeiro valor, meus alunos, é saber quando *não* lutar.

- Inspirador - balbuciou Trenton, sem deixar-se impressionar. James fitou para ele, depois para Debellows. Ele entedia o mal-estar de Trenton, mas mesmo assim, depois de enfrentar Salazar Sonserina num passado distante, James compreendia que não podia descartar tão rapidamente como ele tinha aplicado antes os métodos de ensino de Debellows.

A primavera começou a descer sobre os terrenos da escola, Neville Longbottom começou dar suas aulas de Herbologia em longos passeios pelo campo, ensinando como identificar certas plantas e arvores mágicas em estado natural. A turma avançava em movimento por trás dele com relutância e dificuldade durante a condução, ao longo do perímetro da Floresta Proibida e da pantanosas margens do lago.

- Muitas plantas se têm adaptado ao ambiente trouxe disfarçada como algo muito mais inofensivo - falava Neville alegremente, ajoelhado em volta ao lago. - Por exemplo, esta variedade de *espinácea* se acostumou à vida junto a zonas de trouxas disfarçando-se de *urtiga baionesa* e assim assegura que os trouxas não tentem arrancá-la ou colhê-la. Vocês podem ver a diferença à ligeira coloração púrpura na raiz da folha. Uma vez de se colheu-la, no entanto - Neville agarrou o talo e tirou gentilmente, tirando a raiz da terra

úmida, - podem ver que as primeiras características da raiz da espinácea, útil para várias porções e elixires.

- Eu não vejo a raiz primaria - disse Asla Doone, examinando a parte alta da raiz da planta em suas mãos. - Só uma raiz grande demais.

Neville levantou o olhar para ela.

- Hmm, isso é porque essa planta em particular, Srta. Doone, não é uma espinácea disfarçada de urtiga baionesa, senão é uma urtiga baionesa disfarçado de, er, si mesmo.

- Auch! Ai! - chorou Asla, deixando a planta cair e passando as mãos violentamente contra a túnica.

- Vamos a enfermaria - anunciou Neville, suspirando. - Madame Curio tem um balsamo que elimina todos os óleos da urtiga, mais você deve se apressar se não ardera durante semanas.

Ralf e James observaram Asla correndo para o castelo, com a túnica balançando ao ar.

Ralf disse a James: - Todos prontos para o Clube de Defesa hoje à noite?

- Suponho que sim - respondeu James. - Apenas vi Escórpio desde o feriado de natal. Francamente, acho que está esgotando-se de coisas para nos ensinar.

- Você crê? Eu tenho aprendido um montão de feitiços úteis com ele. Esse você dele deve ser bom mesmo.

- Sim, bom, esse vovô dele era uma das piores pessoas que meu pai jamais conheceu - respondeu James. - Lúcio Malfoy era um Comensal da Morte. Alem, é um dos que nunca renego isso, embora o velho Voldy tenha sido há muito tempo morto. Agora está escondido, provavelmente esperando para o acesso de um império de sangue puro. Ele sabe bastante de magia das trevas, incluindo as três maldições imperdoáveis.

Ralf encolheu os ombros.

- Bom, aprendera onde aprendera Escórpio, eu me alegro que eu fiz. Considerando o que está acontecendo com Merlim e esse Guardiã, fico alegre de aprender tantas maldições e azarações quanto puder.

- Não sei - disse James, baixando a voz. - Eu estou começando a me perguntar se não estaremos nos equivocando com tudo isso.

- O que quer dizer?

- *Quero dizer* - disse James, suspirando, - e se Debellows tem razão em quanto ao que faz um grande lutador? E se passássemos tempo demais aprendendo somente maldições e azarações e feitiços para desarmar? Talvez devêssemos começar a praticar essa técnica *Artis Decerto* que ele nos está mostrando.

Ralf sacudiu a cabeça.

- Eu não posso fazer essas coisas, James. Olha pra mim. Eu sou uma parede de ladrilhos.

- Você não é maior do que Debellows, e já viu o que ele fez; se esquivou de todos esses feitiços, movendo como se ele soubesse exatamente onde seria feito cada tiro. Ele o fez parecer realmente fácil!

- Sim, sei que essas coisas parecerem fáceis. Mais o resultado é que não são. Ele disse que a *Artis Decerto* é um estudo para a toda a vida.

- Que mais tem você planejado fazer durante o resto da sua vida? - perguntou James, sorrindo. - Quer ser grande em algo ou o quê?

Ralf sorriu burlonamente.

- Você acredita que Escórpio nos ensinará alguma dessas coisas?

- Só a uma forma de descobri-lo - respondeu James, arqueando uma sobrancelha.

Mas Ralf e nem James viram Escórpio durante o resto do dia. Embora caminhando para o ginásio para o reencontro de Defesa Clube, Rosa estava muito animado com a idéia de praticar no clube a *Artis Decerto*.

- Já sabem que ele ensina pouco as meninas - protestou. - Debellows é um cretino idiota de primeira quando se trata do papel das mulheres em combate. Alguns dos melhores lutadores da historia foram bruxas! Ele não tinha ouvido de Cloris a Severa? Ou Gaia von Guggenheim? Ou já que falamos disso, Bellatrix Lestrange e a mulher que a derrotou, vovó Weasley?

- Pode eu *não* ter ouvido falar da vovó Weasley - respondeu Ralf pensativo. - Mais você esta muito certa.

- Uma mulher tem, sem dúvida, mais chance de ser boa em *Artis Decerto*. - prosseguiu Rosa. - Somos mais graciosas por natureza. E mais intuitivas.

- Talvez você deva ensinar, então - disse James com uma cara seria.

- Talvez eu devesse - replicou Rosa, fuzilando-o com o olhar.

Os três entraram no ginásio, e se detiveram. A maioria dos membros do grupo estava torcendo e gritando, reunidos em multidão vociferante em volta de uma linha de manequins. Lampejos verdes iluminavam o grupo, mais James não podia ver de aonde saíam.

James e Rosa entraram, se metendo no meio da multidão. James, sendo mais alto que Rosa, viu o que acontecia primeiro. Uma assembléia de alunos havia se formado um semi-circulo ao redor de Tábita Corsica, Filia Goyle e Alvo. Os três sonserinos sorriam alegremente enquanto soltavam raios verdes em um dos manequins mecânicos. O boneco saltava e se retorcia, cuspidando pequenas engrenagens e molas, liberados da sua moldura.

- Chega - chiou Rosa, com as bochechas vermelhas. - O que vocês estão fazendo? Pare nesse estante!

Tábita sussurrou um encantamento, disparando um feitiço a mais no boneco, e depois levantou a sua varinha com facilidade. Ela girou para olhar sobre o ombro os recém-chegados.

- Boa tarde, Rosa, James - disse. - Há um pergaminho que teremos que assinar para assistir? Odiaríamos pular qualquer formalidade necessária.

- Que classe de feitiços era esses? - exigiu Rosa, plantando os punhos na cintura.

- Calma, Rosa - disse Alvo, guardando a sua varinha. - Só estamos nos divertindo um pouco. É só um boneco, você sabe. - Estavam utilizando *Maldições da Morte* - disse Rosa, virando para Alvo. - Como se atreve? Você não pode vir a esse clube e começar a utilizar *Maldições Imperdoáveis*, especialmente essa! Tentando que nos expulsam todos!

- A lei é bem vaga quando se trata de prática de *Maldições Imperdoáveis*, em objetos inanimados, Rosa. - disse Tábita, sorrindo indulgentemente. - E a mais, pra que serve um clube de Defesa se não é pra praticar técnicas de defesa úteis?

- Matar alguém é sua idéia de técnica defensiva? - cuspiu James.

Tábita piscou para ele, adotando uma cara de surpresa.

- Você conhece uma mais efetiva? - perguntou.

- Ela tem razão - gritou Nolan Beetlebrick, um dos companheiros sonserinos de Tábita, entre a multidão de estudantes. - Debellows é um incompetente. Não nos ensina nada útil. Eu quero aprender lutar de verdade.

Houve um coro em acordo.

- Não queremos usurpar o controle de seu clube. - disse Tábita, guardando sua varinha. - Estamos aqui para aprender, como o resto de vocês.

- Mas se alguém não nos ensina como fazer uma maldição *Cruciatu*s básica - interveio Filia, - como esperam que vamos tratar aqueles que não pensaram um segundo antes de utilizar uma Maldição da Morte em vocês?

A multidão de estudantes balbuciou em acordo excitado.

- Tá certo - disse alguém. - Você tem de estar pronto para combater fogo contra fogo!

- Todos os sonserinos estão pirados? - declarou uma voz. James olhou e viu que era Jose Torrance empurrando para chegar a mais perto do grupo. - Assim sempre foi, né? Diretamente para a magia das trevas. Todos vocês são uma galera de pôneis com um único truque.

Houve outro barulho em resposta da multidão. Uns poucos se afastaram de Jose como se acreditassem que Tábita poderia lançar uma maldição nele ali mesmo.

- Sim é um truque suficientemente poderoso - disse Tábita, com o seu sorriso mais encantador, - pode ser tudo o que o pônei necessita.

- Já é o bastante! - gritou James quando a multidão começou a se agitar. Levantou suas mãos, girando para onde estavam reunidos os alunos do clube. - Nós começamos esse clube, Ralf, Rosa e eu, e *se supôs* que é só para pessoal de primeiro e quarto ano - disse se voltando a olhar para Tábita e Filia. - Debellows está ensinando magia defensiva aos maiores, como vocês. O clube pretende ser um lugar onde podemos praticar as *bases* da magia defensiva. Nunca pretendeu ser planejado para aprender nenhuma Maldição Imperdoável.

- Por que não? - interrompeu Beetlebrick, com uma expressão de pedra. - Porque o mundo inteiro está tentando se certificar que você não conheça a forma de se defender?

Um coro em acordo e argumentos veio da multidão. James pediu ordem, mais o barulho era bastante alto. O grupo parecia a ponto de se dissolver em um completo caos.

Um sonoro estalo ecoou através da sala, surpreendendo todos os presentes. James levantou o olhar, para ver onde tinha vindo o estalo. Um rastro de fumaça foi dissolvido, levando ao corredor onde ficava Escórpio de pé, com os olhos quase fechados e com um sorrisinho curvando seus lábios.

- Querem praticar *Maldições Imperdoáveis*, não? - falou arrastadamente. Por acaso se vocês se tinham esquecido, eu sou o professor deste clube. Os sonserinos são novos, por isso vou deixar passar, mais seguramente vocês não querem que nada tenha uma impressão de que estão tentando tomar o controle.

O sorriso de Tábita se converteu em um sorriso de tubarão com as palavras de Escórpio.

- É verdade, então? O *primeiranista*, Escórpio Malfoy, vai nos ensinar tudo o que sabe. Isso inclusive inclui como ser um traidor à tradição e aos valores de sua família?

Escórpio suspirou e entrou na sala.

- Não até o próximo curso que vir - respondeu ele jovialmente. - Embora que na referencia a armadilhas e apunhaladas pelas costas, odiaria repetir qualquer coisa que vocês já soubessem. Talvez possam pular esse capítulo.

Escórpio se dirigiu para o centro do grupo, colocando-se entre Tábita e Alvo, que olhava para o menino pálido sem esconder seu desdém.

- Perdão - disse Escórpio, empurrando Alvo com o ombro. E girando-se na frente para o resto do grupo, sacou a sua varinha de sua capa com um floreio. - Vocês disseram que desejavam aprender as maldições mais poderosas, não é? Querem saber como se defender, e inclusive mais, acabar com o inimigo, certo? Bom, ao contrario de que vocês podem pensar, *eu* não os deterei. Aprenderemos essas coisas. E *eu* serei que vai lhes ensinar. - Escórpio entrefechou os olhos de novo, fitando duramente para James, como desafiando-lhe para discutir. - *Pode* que eu só seja um aluno primeiranista, mas a tradição de minha família, como "Taby" já mencionou, é rica em artes mortíferas. Os ensinarei como me ensinaram a mim e a meu pai e meu avô.

- Pequeno rato - xingou Filia - Nós levamos anos praticando magia defensiva! Que pode nos ensinar um repulsivo vira-casaca grifinório como você?

- O primeiro que posso te ensinar é fechar a boca quando o professor está falando - Escórpio disse, voltando-se para Filia com gesto resolvido - Fora dessa sala, você pode ser uma estudante de quinto ano e eu um "repulsivo vira-casaca grifinório", mais aqui dentro dessa sala, você é estudante e eu sou o instrutor. Ou talvez você deva pensar melhor antes de querer pertencer a este clube?

O rosto de Filia se tinha transformado em vermelho de raiva.

- Eu te ensinarei a me chamar assim...

- Chega, Filia - interrompeu Tábita, divertida. - Escórpio tem razão. Este é o seu clube. Devemos acatar as regras. Enquanto estivermos nessa sala. Veremos o que ele pode nos ensinar, pois aparentemente ele já foi bem ensinado.

Escórpio olhou friamente a Filia, desafiando-a opor-se a Tábita. Depois de um momento, o rosto de Filia se endureceu. Ela guardou a sua varinha e cruzou os braços.

- Como pensava - disse Escórpio, girando-se outra vez para os membros do clube.
- O primeiro por primeiro. Vocês devem aprender a se defender, esquivar e estuporar antes que possam aprender a dar um bom uso a nada mais poderoso. Pulem o básico e vocês acabarão sendo uns imbecis quaisquer com uma varinha. Ainda bem que estamos bem avançados nessas habilidades, e só espero que nossos novos amigos sonserinos estejam a nossa altura. Mais tarde, uma vez que vocês dominar essas técnicas, estarão prontos para... aprender isso.

Escórpio girou sobre seus calcanhares e ergueu o braço, apontando sua varinha para o boneco rompido.

- *Avada Kedavra!*- rugiu, mostrando os seus dentes. O raio que saio da sua varinha foi tão brilhante e tão verde que iluminou toda a sala. Golpeou o boneco no peito, e seus braços e pernas se agitaram, tremendo violentamente. Então, com um estrondo e um tamborilado, o boneco soltou de sua fixação. E caiu no chão numa pilha.

Escórpio fitava, com os olhos convertidos em uma ranhura e os dentes ainda descobertos.

Nolan Beetlebrick separou-se do perímetro da multidão e chutou o boneco com seu pé. Uma engrenagem saiu dele e rolou pelo solo.

- Sim - disse o garoto, acenando com a sua cabeça, - definitivamente você o matou.

Houve uma rodada de aplausos nervosos e escassos. Rosa olhou para James, com os olhos muito abertos e preocupada. Sua expressão parecia perguntar: "o que fizemos?" James simplesmente negou com a sua cabeça lentamente.

- Isto até poderia melhor do que eu pensava - disse Alvo, cutucando James. - Bom trabalho, irmazão.

Quando abandonaram o ginásio, um tempo depois, James alcançou Ralf.

- O que aconteceu com você? Onde estava você? - exigiu.

Ralf olhou para James na defensiva.

-Que? Estava ali o tempo todo!

- Não falou uma palavra quando Tábita e Goyle apareceram e começaram matar os bonecos!

- Bom - replicou Ralf, encolhendo os ombros e caminhando rapidamente, - me pareceu que Rosa e você tinham tudo sob controle.

- Tudo sob controle? Falar que perder completamente o clube é ter tudo “sob controle”? Escórpio está planejando ensinar maldições imperdoáveis!

Ralf não disse nada enquanto caminhavam. James o encarou furiosamente, entrefechando os olhos.

- Você quer aprender também, né? - exigiu.

Ralf apertou seus lábios, negado-se a contestar. James colocou-se na frente dele, detendo-lo no corredor, mas Ralf falou primeiro.

- Não, James - disse, baixando o olhar e sacudindo a sua cabeça. - Olha, você era meu melhor amigo na escola, mais nós viemos de mundos diferentes. Vocês os grifinórios podem mostrar toda a inocência e valentia sobre as coisas como as Maldições Imperdoáveis, mas francamente, sim, para mim tem muito sentido em aprendê-las. Desculpe-me.

A boca de James se abriu pouco em pouco.

- Ralf, por algo elas se chamam “imperdoáveis”. Nem poderíamos usá-las lutar contra o Guardião se chegarmos a isso! Essa coisa não é nem humana! Portanto, não há desculpa para usar-las.

- Não - disse Ralf. James sabia que Ralf odiava os enfrentamentos, mas o menino maior se obrigou a olhar para James nos olhos. - Está-me dizendo que não haveria utilizado uma Maldição Imperdoável para evitar que Voldemort matar seus avós?

James retrocedeu um passo, sem palavras. Começou a responder, mas Ralf seguiu, falando antes e isolando-o.

- E o que quando meu tio estava pronto para matar ao pai Teddy Lupin? Teria utilizado uma Maldição Imperdoável nele a fim de evitar que o fizesse? E inclusive conta meus próprios avós quando estavam levando meu pai para o orfanato de trouxas

dizendo-lhe que não o queriam, que nenhum aborto poderia ser bom o suficiente para ser seu filho? E se alguém lhes tivesse lançado uma maldição *Imperio*, e lhes tivessem obrigado que levasse ele de volta para casa, e fazer que eles gostassem de meu pai como todos os pais gostam dos filhos? Está me dizendo que haveria decidido não fazê-lo porque só as pessoas “más” utilizam *Maldições Imperdoáveis*?

James gaguejou, chocado com a ferocidade nos olhos de Ralf.

- Ralf, eu... não...quero dizer...

Ralf sacudiu a cabeça e distanciou o olhar.

- Não posso culpá-lo por não entender, James. Mas honestamente, se utilizando uma Maldição Imperdoável você pudesse recuperar a pessoas que já se foram para sempre, não o faria? Se você pudesse recuperar as coisas que as pessoas estúpidas e egoístas lhe tiraram... não o faria? - Ralf olhou James de novo, com os olhos brilhantes. - Porque eu sim, James. Com certeza que eu o faria. Sem pensar nem mesmo um segundo.

Com isso, Ralf empurrou James e entrou no caminho escuro do corredor. James sabia que não adiantava nada segui-lo, mas ele se assustava pelas coisas que Ralf lhe tinha dito. Ele nunca havia visto tanta paixão naquele garoto antes, mas aparentemente tinha estado lá o tempo todo, só abaixo da superfície.

Rosa alcançou James, negando com sua cabeça preocupada.

- Teremos que enquadrar Escórpio na sala comunal - disse. - Ele ainda está ali, rodeado de gente. Ele está mostrando como fazer o feitiço *Levicorpus*. Que acontece?

James sacudiu a cabeça, ainda olhando para Ralf.

- Não sei, Rosa. Nada está sendo como se supõe que deveria ser. E para dizer a verdade, não tenho nenhuma idéia de que devemos fazer a respeito.

- Eu te digo o que você tem que fazer, James - disse Rosa seriamente.

James a fitou fixamente, franzindo a testa.

- E o que seria isso?

- O que você fez no ano passado quando se meteu em problemas - replicou Rosa, arqueando as sobrancelhas. - Ir pedir ajuda a alguém que saiba mesmo o que fazer.



No começo da semana seguinte, James não tinha falado ainda com Escórpio sobre seu discurso na última reunião do Clube de Defesa. Não é que não houve oportunidade; mais bem simplesmente não sabia o que dizer. Ele conhecia Escórpio o suficiente para saber que se lhe exigia que ele não ensinasse as maldições imperdoáveis no clube, provavelmente começaria com elas na seguinte reunião. Considerou eliminar simplesmente Escórpio como professor, mas o fato era que ele era um ótimo professor, e parecia saber muito.

A pior parte era que James era incapaz de discutir o problema com Ralf já que ele parecia *querer* aprender as maldições. James podia entender mais ou menos o que Ralf tinha falado, mas as razões que ele tinha dado para aprender as maldições imperdoáveis já estavam no passado. Aprender as maldições agora não traria de volta os avós de James nem o pai de Ted. Talvez Ralf estivesse pensando em tragédias que virão e quisesse estar preparado para elas. Fora como fora, resultava preocupante. Ralf estava de mau humor e calado desde que eles conversaram no corredor, e James decidiu q era melhor deixá-lo em paz por um tempo.

Afortunadamente, se detraiu por completo de tudo isso durante um tempo curto na aula de Trato das Criaturas Mágicas de terça-feira. Hagrid conduziu os alunos à parte atrás do celeiro, fazendo-lhes calar e mantendo-lhes atrás dele com sua mão enorme.

- Gripe o esta fazendo bem demais - sussurrou Hagrid, - mas não queremos distraí-lo. É um trabalho espinhoso, passear com um dragão.

Enquanto o grupo se arrastava ao redor do celeiro, James se pendeu para além de Ralf, tentando ver. A pouca distância, direto na borda da floresta, Grope caminhava muito lentamente, voltando a olhar sobre o ombro. Parecia ter algo parecido como uma porta de ferro amarrada ao seu antebraço esquerdo como um escudo. Uma cadeia muito grossa que partia de sua mão direita levantada, terminava em um colar sobre o longo pescoço de Norberta. Assombrosamente, o dragão perambulava docilmente atrás de Grope, farejando as árvores e, ocasionalmente, enterrando o seu focinho no solo, escarvando algo.

- A Norberta gosta de toupeiras bem gordas - sussurrou Hagrid. - E ela pode cheirá-las através da terra. Seria ótimo para o controle de pragas se acender fogo de vez em quando nas árvores. Hoje se está comportando bem, porém, assim pensei que seria seguro lhe dar um passeiozinho.

- O que acontece se queimar Grope? - perguntou Morgana Patonia. - Para isso é aquela porta de ferro?

Hagrid chacoalhou a sua cabeça.

- Ela o adora mais do que a mim. Nunca o queimaria. O escudo é só medida de segurança extra. No ano passado a diretora McGonagall insistiu em que ele sempre o levasse quando a Norberta fosse passear. Agora é só um hábito.

Grope lançou a cadeia quando Norberta ficou atrás, cheirando um tronco de árvore. Ela inclinou-se fortemente sobre a árvore e esfregando-se contra ele, como coçando uma coceira. A árvore tremeu e abalou-se um pouco, inclinando-se consideravelmente.

- Eu fico me perguntado quem ganharia em uma briga - sussurrou Graham, sorrindo. - O Salgueiro Lutador ou Norberta?

- Isso é uma estupidez - replicou Asla, sacudindo a cabeça.

- *Eu* pagaria para ver isso - disse Graham. - Batalha de Titãs Mágicos. Imagine.

Asla revirou os olhos.

- Eu estou imaginando, e é uma estupidez.

- Não a deixe derrubar a árvore, Grope - gritou Hagrid tão alto como pode, e colocando as mãos na boca como um alto-falante para ficar mais alto o som de sua voz. - É um tiranossauro. Não já existem muitos desses.

Grope lançou com mais força a cadeia, mas Norberta era teimosa. Raivosa, golpeou o seu rabo contra a colina, produzindo um tremor perceptível na terra. Parecia estar fungando alguma coisa no perímetro perto da terra. Arranhando o chão, arrastando Grope e separando as árvores com seus maciços ombros. Ela resfolegou e houve uma explosão de chamas amarelas.

- O que estará cheirando? - perguntou Hagrid preocupado. - Er, talvez devíssemos voltar ao estábulo. Só por segurança.

Nenhum dos estudantes obedeceu. Em vez disso, empurraram os que estavam na frente curiosos para ver o que estava acontecendo, ainda que ninguém se aventurou a se adiantar ao próprio Hagrid.

- Calma Grope! - gritou Hagrid com uma voz estranha e estrangulada. - Não muito forte! De só um puxãozinho. Não queremos que se aborreça agora. Que...?

Algo pequeno e amarelo tinha surgido de repente entre as árvores, como se tivesse se assustado pelos arranhões de Norberta. Avoaçou em suas pernas e se arqueou para a cima, remontando e rastreando no céu cinzento.

- Oh, não - disse Hagrid com uma voz preocupada, - eu me perguntava onde estaria.

Com um violento e sinuoso puxão, Norberta deu-se a volta, seu corpo inteiro rabeando com a sua cabeça para trás e suas mandíbulas abertas e ferozes. Os pés de Grope foram totalmente tirados do solo, negando soltar a coleira. Aterrissou com um enorme, deslizado e atolado baque na grama molhada, empurrado pelo selvagem puxão de Norberta.

- Todo mundo para dentro - berrou Hagrid, erguendo os dois braços protetoramente. - É um *gatonário* que consegui de Vítor Krum, e Norberta se enlouquece quando vêem eles. Perdeu-se há alguns dias, mas imaginei que estaria já a meio caminho da Bulgária. Grope! Prenda-a! Não a deixe escapar, não importa o que se passe!

A terra estremeceu-se quando Norberta se lançou atrás da criatura amarela, arrastando Grope junto com ela. Grandes filões enlameados ficavam na encosta a sua esteira. Nenhum dos estudantes tinha-se movido. James observava fixamente o espetáculo, com os olhos bem abertos, inseguro sobre se devia estar divertindo-se ou assustado. O gatonário tinha o tamanho de um gato, mas era de cor amarela canária e com as quatro asas tremulantes. Uma longa calda trançada lhe pendurava atrás, assoviando no ar. James pensou que a criatura parecia quase impossivelmente fofinha. Norberta se agitava e pulava, batendo as mandíbulas selvagemmente, apenas falhando a rápida e acrobática forma. Arrastado para trás, Grope se atirou heroicamente em cima da coleira, tentando alcançar o pescoço de Norberta.

- É isso aí, Grope - torceu Hagrid, e incerto começou a correr para cima da colina.
- Eu vou agarrar o rabo se puder. Você continua segurando-a pelo pescoço! Oh!

De repente o gatonário se jogou para cima, sobrevoando o céu fora do alcance de Norberta. Com uma enorme graça, o dragão abriu as asas e baixou com uma estrondosa e única puxada. Saltou do chão, rugindo e levando Grope com ela.

- Eu pensava que ela não podia voar - exclamou Graham. Os estudantes começaram a mover nervosamente, dirigindo-se para o relativo refúgio do celeiro.

Como perspirando um esconderijo, o gatonário se arqueou e voou para baixo de novo, dirigindo-se para a multidão de estudantes. Norberta bateu as asas e se lançou. Era assombrosamente rápida para seu tamanho, a pesar de sua asa machucada. Os estudantes se dispersaram para todas as direções quando sua sombra escureceu no céu ao alto. Hagrid corria para lá e para cá, com os braços estendidos, como se pretendesse pegar o enorme dragão.

- Agüente firme, Grope! - gritava a seu meio-irmão, que se balançava perigosamente no fim da cadeia, deixando estelas gotas de lama. Você a tem! Não a solte!

Norberta rugiu de novo, lutando para permanecer no ar. Sua calda se agitou enquanto esvoaçava, golpeando a chaminé do celeiro e fazendo voar vários pedaços de pedra. O gatonário girava em círculos se sacudindo em pânico. Finalmente, a criatura amarela pareceu pressentir que Norberta não podia voar com propriedade. Lançou-se para cima, apontando para as nuvens distantes.

- Grope! - gritou Hagrid de repente. - O escudo! Vai cuspir fogo!

Norberta deu o último adejo de asas, esticou o seu longo pescoço e rugiu. Desta vez, o rugido saiu junto com um jato de chamas que era azulado-branco. O calor chamuscou o cume da colina. James sentiu seu cabelo sendo esquentado. E então, com uma trombada retumbante, o dragão aterrissou com as quatro garras. Grope chegou ao lado dela e estava sujo de barro e cheio de grama no corpo. E, instantaneamente, colocou seus braços ao redor do pescoço do dragão, segurando-a. O dragão não parecia preparado para tentar alçar voo de novo. Levantou a cabeça em toda sua altura, com suas mandíbulas abertas. Um momento depois uma pequena forma negra caiu do céu, deixando um rastro de fumaça. Aterrissou diretamente na garganta de Norberta e ela engoliu fazendo um barulho.

Hagrid sacudiu a cabeça.

- Que ruim - disse, - os gatonários são difíceis de se encontrar. Adverti disso, sim. Ah, bom, alguém ficou ferido? Grope está bem?

Grawp soltou timidamente o pescoço do dragão e se afastou, mas mesmo ainda segurando a cadeia. Olhou para Hagrid.

- Grope com lama no nariz - disse pesadamente.

- Eu sinto, Grope. Vamos voltar e meter essa velha menina no curral, né? - Olhou para trás onde estavam os estudantes, com os rostos vermelhos e implorantes. - Provavelmente seja melhor que, er, que fique isso só entre nós, se não se importam.

James olhou desconfiadamente para Trenton, que antes havia ameaçado de escrever para seus pais sobre a aterrorizante coleção de animais de Hagrid.

- Isso - disse Trenton, notando o olhar de James, - foi extremamente assombroso.

Quando James e Ralf voltavam do celeiro, passaram junto às estufas onde a classe do primeiro ano de Herbologia do Prof. Longbottom acabava de terminar. James espreitou Escórpio.

- Te vejo no almoço, Ralf - gritou James afastando-se enquanto corria. - Tenho que ir para outros lugares para ir e pessoas para ver.

Ralf não replicou, e James soube por quê. O outro garoto sabia o que ele estava tramando. Escórpio olhou James aproximando-se e parou, girando.

- Me perguntava quando você ia aparecer, Potter - disse, levantado o olhar para as nuvens baixas.

- Sim, bom, queria falar com você sobre o Clube de Defesa.

- Pois não - sorriu Escórpio fracamente. - Você veio aqui para me fazer mudar de opinião sobre eu ensinar feitiços fortes, não?

- Na realidade, não - respondeu James. - Eu venho pensando nisso. Eu não posso evitar que você ensine às pessoas as coisas que você aprendeu na sua família, e também, se não irem aprender com você, aprenderão pelo Corsica e Goyle. Eu vim para...

James não podia acreditar no que iria dizer. Ele sabia que o conselho de Rosa tinha sido acertado, mas não sabia como e nem quando tinha que utilizar essa alternativa. Agora sabia. Finalmente, tomou fôlego e disse entre seus dentes rilhados.

- Eu vim aqui pedir a sua ajuda.

- Minha ajuda? - respondeu Escórpio suspeitosamente - Para o quê?

- Para manter a Tábita e os outros sob controle - respondeu James. - Olha, você sabe que o faz melhor que eu. *Eles* não querem aprender feitiços e maldições para lutar contra os bruxos malvados. Só querem utilizá-los para fazer maldades e conseguir poder para dominar as pessoas. O Clube de Defesa foi proposto para que nos tivéssemos uma forma para aprender feitiços e técnicas de defesas básicas, mas acredito que possa ser até mesmo outras coisas além disso. Creio que poderíamos utilizar isso para praticar as coisas que o Prof. Debellows nos ensina sobre os *autênticos* duelistas. Podemos praticar as técnicas de *Artis Decerto* que ele tem mostrado para a gente e podemos ficar realmente bons nelas. Depois podemos unir essas habilidades com os outros feitiços que já aprendermos, e então, quando tudo mundo estiver pronto para saber como usá-las... - James engoliu em seco, - você pode ensinar as maldições imperdoáveis se ainda quiser.

- Vamos ver se eu entendi - disse Escórpio. - Você começou o Clube de Defesa porque não gostava da forma em que Debellows ensinava magia defensiva. E agora quer converter o clube em um lugar para praticar a estupidez que ele ensina?

James suspirou.

- Sim, certo, você faz isso soar realmente estúpido. Mas há muita verdade nisso. De qualquer modo, se Corsica e Goyle, e até Alvo continuarem vindo ao clube e matando os manequins, vão impor as maldições imperdoáveis e passaram por cima de outras coisas. Talvez alguns conseguíssemos usar as maldições imperdoáveis, mas nem todo mundo vai conseguir. E definitivamente não, sem aprender primeiro o básico.

- Então os tire - Escórpio encolheu os ombros. - Você dirige o clube. Decide quem pode estar nele. Não é meu problema.

- Não posso tira-los - disse James, exasperando. - Todo aquele que quiser pode entrar no clube. Mas você sabe falar com eles! Foi absolutamente genial como os dominou na ultima reunião. Você está familiarizado com a forma de pensar dos sonserinos! Eu preciso que me ajude a evitar que eles tomem o controle.

- Escórpio estreitou seus olhos.

- Só porque meu pai me convenceu para que ajudasse a atravessar o Espelho de Ojesed, isso não significa que eu seja seu amigo, Potter. Ensino em seu clube porque quero, não porque vocês me pediram. Quem é você para decidir quem pode conhecer as maldições imperdoáveis ou quem não pode?

James olhou para Escórpio pensativamente.

- Eu acredito que nem você acredita no que disse. - disse. - Só você está tentando entrar em conflito comigo, e não sei nem por quê. Se você acreditasse nisso, que todo mundo pode aprender essa maldição assassina, já você a teria ensinado na ultima aula, o teria deixado que Corsica e Goyle o fizessem. Em vez disso, você inverteu o tempo todo distraindo todo mundo com essas coisas como o feitiço Levicorpus. Admita ou não, você está de acordo comigo, Escórpio.

- Você está delirando, Potter - disse Escórpio, virando-se em seu calcanhar- Por que ia estar de acordo com você?

- Porque - gritou James, enquanto observava o garoto pálido andando - você também é um grifinório. E eu acredito que o Chapéu Seletor sabia o que fazia.

Escórpio não se deteve. Simplesmente continuou andando, dirigindo-se para o castelo. James o observou durante um pequeno momento, depois suspirou e o seguiu. Só podia pensar, que apesar da atitude de Escórpio, ao menos tenha pensado em seu pedido.



Finalmente, Alvo contou a James como havia ocorrido.

Chegou a noite de quinta-feira, Tábita, Filia e Albus iam ao caminho do ginásio para o Clube de Defesa. Quando eles estavam a poucos corredores de distancia, Escórpio se encontrou com eles e vindo da outra direção.

- Dêem meia-volta e caminhem comigo - disse ele com a voz baixinha, tentando colocar seus braços ao redor de Tábita e Alvo.

- Tira essa mão daqui, ou recolha-a onde ela vai cair - disse Tábita, apontando a sua varinha para a mão de Escórpio.

- Sai, sai! - respondeu Escórpio, afastando as mãos - e eu aqui tentando ajudar vocês.

Albus zombou.

- Como se nós precisamos de sua ajuda, seu verme.

- Embora pareça mentira, eu realmente estou os salvando de um monte de problemas - grunhiu Escórpio, olhando para Alvo nos olhos. - O pequeno clube de seu irmão está a ponto de ser desfeito, e creio que isso não faça nada bem para aqueles que estiverem quando isso ocorrer.

A cara de Filia estava marcada pela suspeita.

- O que quer dizer?

- *Algun* preocupado individuo tem alertado ao professor Debellows de que os estudantes estão aprendendo magia defensiva e maldições por conta própria, tudo isso com a intenção de derrubar a sua técnica educativa. Eles até escaparam o deslize de dizer que alguns estudantes foram vistos praticando a Maldição da Morte.

Tábita estudou o rosto de Escórpio.

- Que perfeitamente desonesto. Diga-me uma coisa, por que você faria isso?

- Disse que havia sido eu? - perguntou Escórpio inocentemente.

- Ele está mentindo - disse Alvo - não faria isso aos seus parceiros de Casa.

- Pode ser que você queira dar um passo para um lado um momento - disse Escórpio, lançando um olhar para o corredor. Umaz vezes aproximavam-se rapidamente. Debellows apareceu por um canto conduzindo Rosa diante dele. Ela parecia estar visivelmente preocupada.

- Assim que você e James Potter são os responsáveis por isso, não é? -disse Debellows bruscamente. - O filho do Chefe dos Aurores do Ministério, certo? Eu deveria ter sabido que seria um problema. Embora que tinha pensado que vocês eram três.

- Bom - a voz de Rosa tremia, - sim, algo assim, em uma maneira de falar. Suponho que não faz mais sentido ocultá-lo. Você verá por si mesmo em breve.

Quando Debellows e Rosa passaram ao lado de Escórpio, ela lançou um olhar murcho. Escórpio sorriu burlonamente.

Quando eles já estavam longe, Alvo olhou furiosamente para Escórpio.

- Por que fez isso com meu irmão?

- É assim que me paga pela minha advertência? Suponho que o sangue é mais espesso do que a água, não é verdade?

- Por quê, Escórpio? -perguntou Tábita, - só está tornando as coisas mais difíceis com seus companheiros de Casa.

- Meus *companheiros de casa* são uns arrogantes mariquinhas - rosnou Escórpio. - Eles não têm o necessário e a força de vontade para aprender a magia autêntica. Isso ficou evidente pra mim na semana passada, que *vocês* são os únicos com que necessito me relacionar. Sim, sim - disse, levantando a sua mão quando Filia abriu a boca, - sou um grifinório. Que importa os nomes? Se os nomes fossem tudo, o Alvinho teria que enfrentar vocês em um duelo mortal. Os sonserinos e os Potter sempre têm sido inimigos mortais, não? Obviamente, nós já superamos tudo isso, e por uma boa causa. Não peço pra formar parte de seu estúpido clube Colmilho e Garras. Estou simplesmente sugerindo que até podemos começar um novo grupo, e talvez nos reunirmos na sala de pratica da Sonserina, onde poderíamos sentir-mos livres para praticar qualquer coisa que quisermos, em segredo.

- E você se dignaria a nos ensinar? - exigiu Filia, sorrindo desagradavelmente.

- Creio que não - contestou Escórpio. - O fato é que eu não poderia assistir regularmente. Além disso, imagino que seria mais como uma sessão de pratica em grupo. Todos nós poderíamos aprender um pouco um com o outro, e não haverá ninguém ali dizendo o que não deveríamos aprender. Porém, eu *teria* que ter acesso aos aposentos sonserinos. Parece um pequeno pagamento pelo favor de hoje. E também, como disse na semana passada, Tábita, minha família tem um histórico de sonserinos bastante impressionante.

- Seu rato traidorzinho - disse Filia. - Tudo isso somente por que você odeia ter sido jogado na Grifinória.

- Ter um anel não o torna membro da casa Sonserina - disse Tábita, inclinando a sua cabeça e sorrindo. - Nenhum grifinório tem permitido o acesso livre aos nossos aposentos. Porém, não vejo problemas de nós chegarmos ao um agradável acordo.

- Isso é tudo o que eu peço - contestou Escórpio alegremente. - E agora eu deveria ir andando. Parecerá bastante suspeito que não eu não esteja ali quando bater o martelo para fechar o pequeno clube de James. Nós falaremos.

Tábita, Filia e Alvo observaram Escórpio virar-se e trotar na mesma direção que Rosa tinha sido conduzida por Debellows.

Alguns minutos mais tarde, Escórpio passou a portão fechado do ginásio. Ele podia ver através da janela pedregulhada que estava escuro no interior. Deteve-se e escutou. Um momento mais tarde, ouviu vozes perto, ecoando. Ele as seguiu, girando a esquerda no corredor próximo. Acabou em um vestíbulo de tampo alto e com janelas do lado. James e Rosa estavam com Debellows no centro do chão de mármore. Todos olhavam fixamente para cima, esticando seus pescoços. Debellows trazia a sua varinha levantada em punho, cuidadosamente apontando para cima. No alto, Ralf estava pendurado pelo tornozelo, suspenso a uma grande altura no meio do ar.

- Só estávamos experimentando - explicou James. - Se chama feitiço *Levicorpus*. Não sabia que precisava de um contra-feitiço para pôr ele no chão novamente.

- Aguarde um minuto, Ralf! - gritou Rosa, retorcendo as mãos de preocupação.

Debellows sacudiu a cabeça, aborrecido.

- Esta é exatamente a razão de que não ensino magia defensiva nos primeiros anos - exclamou - Nenhum conceito de possíveis conseqüências. Melhor que não tenha acidentalmente aprendido a Azaração para Reverter Bicho-papão. Era um dos preferidos no meu tempo. *Liberacorpus!* - Debellows ondeou a sua varinha e fez Ralf girar para a uma posição vertical. Um momento mais tarde, o garoto pousava-se tortamente no solo.

- Uau - disse Ralf tremendo. - Estou tonto.

- Sinto muito, Prof. Debellows - disse Escórpio desde a porta. - É minha culpa. Aprendi esse feitiço com meu avô. Eu deveria ter mais cuidado e não ter mostrado como fazê-lo. Tenho certeza agora que aprendi a lição.

- Espero que sim - disse Debellows asperamente. - Se eu fosse um homem mais descrente, eu tiraria pontos, sem importar qual fosse a sua Casa, mas aceitarei a sua palavra que isso não irá acontecer novamente. Vocês interromperam um cachimbo perfeitamente bom. Você terá que saber, juvenzinha. Mas deixa pra lá! Mais algum *outro* contratempo mágico antes que eu possa voltar para meus aposentos?

- Os quatro estudantes sacudiram as cabeças, entusiasmados.

- Obrigado professor - disse Rosa ofegantemente - realmente é um prazer ver alguém de sua estirpe em ação.

- Bom - contestou Debellows, alisando a túnica - claro que, o entendo. Boa noite, estudantes. E como já disse, não me chamem de “professor”. Meu nome é Quêndrico.

- Quêndrico - disse Rosa. - Obrigado, senhor. Boa noite.

Quando Debellows finalmente foi, Escópio se aproximou a Rosa, James e Ralf.

- Acho que vou vomitar - disse.

- Deixa eu te falar - concordou Ralf. - Era suposto que era só parecer agradecida, não que beijasse a terra que ele pisa.

- Não foi nada - disse Rosa, como se tivesse sido elogiada, - dominei essa técnica anos atrás com meu pai.

James arreganhou os dentes.

- Você me dá um pouco de medo, Rosa. Vamos! Voltemos ao ginásio. Escópio, como foi a coisa com Tábita, Filia e Alvo.

- Segundo o planejado - disse Escópio. - Não voltaram.

James foi o primeiro que alcançou a porta do ginásio. Puxou dela, dando um passo no interior, iluminando com a sua varinha. Na escuridão, os membros do clube estavam sentados em grupos, sussurravam freneticamente. Eles levantaram o olhar quando o quarteto entrou.

- Bem - disse James, sustentando a sua varinha acima de sua cabeça. - Oi a todos. Como disse há alguns minutos, temos um anúncio hoje para dar. Depois da semana passada, foi falado muito de aprender as três maldições imperdoáveis. Escópio é o professor, por isso o que aprendemos é decisão dele. Mas antes de chegarmos a qualquer coisa realmente horripilante e poderosa, vamos melhorar o que já *sabemos*, e passar algum tempo praticando a técnica de que o Professor Debellows está ensinando em D.C.A.T.

- Por que diabos vamos fazer isso - disse Nolan Beetlebrick, colocando-se de pé. - Eu pensava que o objetivo desse clube era aprender o que não nos era ensinado.

Escórpio contestou:

- O objetivo desse clube é aprender técnicas defensivas e nos sairmos bem nelas quanto pudermos. Alguém de vocês só quer aprender algumas maldições e conjurações rápidas? Suponho que sim. Mas se pensarem que serão capazes de duelar bem contra o resto de nós que dominarmos o tipo de habilidade que Debellows nos mostrou outro dia, acredito eu que vocês acabaram bem desapontados.

Ralf assustou James falando alto.

- Sei que não é muito excitante praticar todos os treinamentos e exercícios que Debellows nos tem mostrado. Por isso vamos seguir nos dedicando aos feitiços e à magia também. Mas James tem razão. Temos que aprender tudo junto. É a única forma de que realmente sermos melhores do que podemos ser. Mas talvez algum de vocês não concorda com isso. E se não, só lembre que isso é simplesmente um clube, não uma classe de aula. Podem ir embora quando bem entender.

Nolan Beetlebrick ainda estava de pé. Viu que todo mundo estava olhando para ele. Raspou os pés no chão.

- E quem vai ensinar essa coisa da *Artis Decerto*? Ele? - exclamou, assinalando para Escórpio, - duvido que seu avô lhe ensinasse algo disso.

- Não - disse James, olhando para Escórpio. - Teremos outro mestre para isso. Ele mesmo não estudou, mas trabalha com alguém que conhece muito bem. Juntos, dirigirão essa parte do clube de agora em diante.

- Sim? - disse Beetlebrick, colocando as mãos na cintura, - e quem é?

- Eu - contestou uma voz. Beetlebrick saltou e deu passo para trás quando dos fantasmas atravessaram rapidamente a parede no seu lado. - E ela.

James sorriu quando Cedrico se deslocou ao centro da sala, emanando uma fina luz no lugar escuro. Ao seu lado, a Dama Cinzenta flutuava suavemente.

Beetlebrick se sentou em seu lugar outra vez, fitando e com medo de Cedrico e da alta e pálida mulher.

Rosa limpou a garganta.

- Talvez fosse de ajuda que explicarmos um pouco o pano de fundo, Cedrico.

Cedrico voltou a olhar para trás onde estava Rosa e inclinou a sua cabeça.

- Claro - disse ele aos reunidos membros do clube. - Sou Cedrico, e suponho que todos saibam quem é ela. Esta é a Dama Cinzenta. Ele disse que preferia que não dissesse o seu verdadeiro nome. O que importa é que ela conhece a *Artis Decerto*. Aparentemente era comum das damas aprenderem as artes defensivas na sua época, e... bom, e sua mãe pensou que seria muito útil estar muito bem treinada.

A Dama Cinzenta falou com sua voz fina e distante.

- Fui ensinada pelo maior mestre de magia marcial desse mundo. Ele me confessou que eu era uma dos seus alunos mais dotados.

A maioria dos alunos que estavam na sala tinha visto a Dama Cinzenta flutuando taciturnamente pelos corredores, mas poucos tinham escutado sua voz alguma vez. Graham Warton levantou a mão com hesitação.

- Quem te ensinou *Artis Decerto*, senhorita?

A Dama Cinzenta olhou e inclinou a cabeça rapidamente.

- Meu pai. Ele inventou a arte.

- Olhe - disse Beetlebrick. - Não quero faltar com o respeito, mas tenho que perguntar. Se você era tão ótima esquivando feitiços e maldições como Debellows no outro dia, como então lhe mataram tão jovem?

A Dama Cinzenta pareceu impecável ante a pergunta de Beetlebrick. Abriu seu xale espectral, revelando uma parte na frente de seu vestido. Uma desagradável ferida feita por uma faca manchava o vestido, ainda tão vermelho quando no dia que foi infligida.

- Como pode ver - contestou, - não foi um feitiço que me matou.

James se inclinou para perto de Rosa.

- Seu desejo está cumprido, Rosa - sussurrou. - Teremos uma mulher nos ensinando a Artis Decerto depois de tudo.



- Na verdade desfruto das coisas novas que estamos aprendendo no Clube de Defesa, James - disse Cameron Creevey, enquanto seguia James escadas abaixo na ultima hora da manhã do sábado. - Quem poderia pensar que a Dama Cinzenta tinha o sétimo grau de domínio de magia marcial! Ela sempre tinha parecido tão tranqüila e frágil, não tinha?

- Sim, Cameron - disse James, caminhando o mais rápido que podia, - fico muito alegre que você está gostando do clube.

Eles passaram junto a um grupo de estudantes mais velhos nas portas principais, e todos estavam vestidos de calças jeans, suéteres e jaquetas, balbuciando animadamente. A Prof. McGonagall estava de pé no começo da fila, aceitando e inspecionando os pequenos pergaminhos que cada estudante lhe oferecia.

- Sim, sim, Sr. Metzker, não venha fazer uma historia espetacular disso - disse quando Noé fez uma encenação com sua permissão. - Deixe e vá. E se atrapalhar mais alguém com esses horríveis feijões balísticos peruvianos, posso lhe assegurar que ganhará algo mais que pontos descontados da sua Casa. Quem é seguinte?

- Uma pena você não poder vir, James - disse Damian quando James passava junto a fila, saindo do pátio. - Os fins de semana em Hogsmeade são apenas para os terceiranista em adiante, você sabe - agitou as sobrancelhas e sorriu abertamente. Sabrina lhe cotovelou no estômago.

- *Oxalá* eu pudesse ir a Hogsmeade - disse Cameron tristemente, olhando direitinho para a fila de estudantes que iam. - De todas as formas, estou seguro de que a uma boa razão para não deixar os primeiranistas e segundanistas ir.

- Sim - disse James, chegando a entrada do pátio e virando-se para o menino mais jovem. - Bom, de qualquer forma, Cameron, estou seguro que você tem outras coisas para fazer hoje. Permita que eu não te entretenha.

Cameron negou com a cabeça felizmente.

- Não, na verdade eu não tenho nada para fazer. Esperava que...

- James! - chamou Rosa, ofegando enquanto corria através do pátio para encontrar-se com ele. - Ralf vem a caminho. Ele insistiu em pedir emprestado o bisbilhoscópio a Trenton Bloch, esse cretino. Está claro que essa advertência de Zane o tem posto em alerta, especialmente hoje, a que...er. Olá, Cameron.

- Olá Rosa - sorriu Cameron alegremente. - O que houve?

Rosa olhou de relance para James, franzindo um pouco a testa.

- Oh. Que? Nada. Você sabe. Sábado, isto e o outro. O habitual. Chatos e maçantes, na realidade.

- Para que necessita um bisbilhoscópio seu amigo Ralf?

James rodeou Cameron com o seu braço, tentando conduzi-lo de volta para a entrada.

- Sabe, Cameron? Hoje seria um grande dia para praticar adentro um pouco alguns treinamentos e exercícios. O ginásio vai estar aberto o dia todo. Aposto que lá você pode encontrar outros membros do clube para juntar-se a você.

- Bom, porque *vocês* três não se juntam a mim? -disse Cameron, agachando-se sob o braço de James. - Já que vocês não têm planos para hoje.

Rosa limpou a garganta.

- Não que não tenhamos planos exatamente, Cameron. Eles são, só eh...

- Secretos - exclamou James, exatamente no mesmo momento que Rosa disse: - Chatos.

- Planos secretos, hmm, e chatos - seguiu James, acenando com a cabeça, - coisas do clube. Programar e contar membros e... e...

- E planejar excursões! - disse Rosa, animada.

- Vamos ir de excursão com o Clube de Defesa? - perguntou Cameron, enrugando a testa.

- Certo - contestou James. - É secreto, assim que o guarde só pra você. Mas nós vamos ir para, eh...

- Eh - replicou Rosa, - para a Floresta Proibida, com Hagrid, para praticar a *Artis Decerto* contra alguns...

- Alguns centauros! - James forneceu, acenando com a cabeça.

Cameron parecia vagamente desorientado.

- Os centauros conhecem a *Artis Decerto*?

- Certo - disse Rosa com segurança. - Praticamente a inventaram. Quero dizer, na realidade eles não a inventaram, obviamente, mas praticamente... seja como seja, é um grande segredo, assim ainda não fale nada disso com nenhuma pessoa, você quer?

- Olá a todos - disse Ralf quando estava já perto, levando sobre o ombro a sua bolsa, - estamos todos prontos para ir...

- A cabana de Hagrid - interrompeu James, inclinando a cabeça veementemente para Ralf. - Para falar sobre a excursão. Sim, suponho que nos estará esperando para um momento ou outro. Então, até mais, Cameron.

Cameron olhou para James, Rosa e Ralf um atrás do outro, os olhos ligeiramente fechados, logo sorriu alegremente.

- Sim! Claro. Guardarei o segredo. Nunca vi um centauro em pessoa. Será espetacular!

- Centauros? - disse Ralf, virando para onde estava James, - você nunca me disse nada sobre...

- Legal! - interrompeu James. - Sim, obrigado, Cam. Muito secreto, certo? Nós nos vemos por aí.

Cameron abaixou cabeça e retrocedeu. Finalmente, virou-se e voltou para trás, onde estava a entrada para o castelo.

- Que diabos foi tudo isso? - perguntou Ralf quando os três passaram correndo pela esquina da entrada.

- O admirador secreto de James - disse Rosa, - nós tivemos que tirar um coelho da cartola rápido ou se não ele ficaria na nossa cola o dia todo.

- Acredita que você conseguirá lembrar o nó secreto? - perguntou James, trocando de assunto.

Rosa contestou:

- Gennifer tinha posto uma marca de tinta verde. Parece musgo de longe. Deveria ser bastante fácil encontrá-la se saber o que procurar.

Quando eles alcançaram a colina e conseguiram ver o Salgueiro Lutador, James encontrou um graveto comprido baixo uma bétula. Sorriu, mostrando-o Ralf e Rosa. Rosa inclinou a cabeça seriamente.

- Você esta encarregado do nó secreto então, James - disse. - Só dê um empurrão bem forte. Te seguiremos a entrada entre as raízes uma vez que o Salgueiro esteja imóvel.

James agarrou o graveto e aproximou-se à árvore. O Salgueiro parecia pressentir as suas intenções. Jogou para trás suavemente, guinchando suas raízes, e chicoteando seus galhos mais finos ameaçadoramente.

- Mantenha-se abaixado - disse Ralf, - você precisará entrar justamente na sombra da árvore para chegar perto do nó. Os galhos grandes não podem te alcançar, mas esses raminhos verdes podem, se você estiver muito alto.

James se agachou o máximo que pôde, até que estava engatinhando. A árvore rangia e gemia sobre ele. Um ramo verde como um chicote lançou um golpe, tentando tirar o graveto que estava na sua mão. Falhou, mas James sentiu o cortar do ar muito perto dele.

- Cuidado - gritou Rosa com a voz fraca. - Justo ali! Devagar!

James chegou tão perto como pode, olhando para a ponta de seu graveto fina e vacilante. Ele podia ver a pintura verde aplicada anteriormente durante o curso de Gennifer Tellus. De perto, ele podia ver que ela tinha pintado uma pequena cara sorridente. O Salgueiro Lutador chiou mais forte e trabalhosamente do que antes e James sentiu sua sombra crescendo sobre ele. Então ele prosseguiu cravou o graveto, golpeando o nó pulcramente.

- Isso aí - gritou Rosa.

James olhou para ambos, Ralf e Rosa, correndo para lá em frente. Esbarrou, escorregando na grama molhada. Desajeitadamente, ele começou a descer pelo buraco, entre as enormes raízes do Salgueiro. Aterrorizou-se com um ruído surdo debaixo da árvore no buraco mofado. Um momento depois, olhou e sentiu a entrada de Ralf e Rosa. Eles caíram um em cada lado dele, e não o tocando no escuro e úmido lugar. James riu de alívio. Começava a se pôr de pé, quando uma quarta figura lançou-se pela entrada, caindo diretamente sobre James. Um dos joelhos bateu contra seu peito, deixando-o sem ar por causa do golpe. Houve um coro de gritos nervosos, irritados e surpresos.

- Que diab...? - chorou Ralf, levantando-se apressadamente e lançando-se sobre o intruso. Catou a figura pelo pescoço enquanto Rosa pegava a sua varinha.

- *Lumus!* - gritou ela, mantendo-a no alto.

A luz da varinha mostrou a face magra de Cameron Creevey, detido e suspenso pelo agarramento de Ralf. O menino estava sujo e com pedaços de casca do Salgueiro na sua cara. Sorriu bravamente.

- Olá, pessoal - disse ofegando. - Uma excursão, hein?

A saída de Hogsmeade



- **E**u não pude evitar - dizia Cameron enquanto os quatro percorriam o túnel. - Eu *sabia* que vocês estavam preparando algo emocionante! Vi vocês se aproximando do Salgueiro Lutador e me lembrei que havia uma passagem secreta ali nos tempos dos nossos pais. Eles disseram que havia sido selada após a batalha, mas ainda assim eu sabia que vocês três poderiam encontrar uma maneira de atravessá-la se quisessem. Então eu os segui. Estava prestes a chamá-los, mas a árvore parou de se mover e todos correram para ela! Eu fiz a primeira coisa que passou pela minha cabeça e corri atrás de vocês. Por pouco! O Salgueiro voltou à vida bem quando eu me enfiei por baixo dele! Me atacou e falhou por um triz!

- Estúpida e preguiçosa árvore - balbuciou Ralf.

- Cameron, isso foi muito imprudente da sua parte - disse Rosa com reprovação, ainda mantendo a varinha no alto para iluminar o caminho.

- Bem, vocês não podem me culpar, certo? - Cameron protestou estridentemente, eu li todas as histórias de Harry Potter pelo menos três vezes! Quando os vi escapulindo, soube que estavam envolvidos em alguma grande aventura secreta! Eu só queria ver pessoalmente. Prometo que não os perturbarei!

- Essas histórias são todas bobagens, Cameron - praguejou James, mas sem realmente acreditar. - Até o meu pai disse para não ler todas. Eles fazem com que tudo pareça com um excitante passeio pelo campo, mas na verdade era de dar medo na maior parte das vezes e pessoas morriam e tiveram muita sorte!

- Oh, eu sei! - Cameron se entusiasmou. Acredite, eu entendo tudo isso. Sei que os livros de Revalvier são um pouco distorcidos. Isto é, foram escritos como histórias para crianças. Mas de qualquer maneira, meu pai diz que eles entenderam bem as partes principais. E o seu pai realmente *lutou* contra Voldemort e o derrotou, tudo por conta da proteção que a mãe dele lançou quando morreu para salvá-lo. Essa parte não foi inventada, certo?

- Olha, Cam - James começou um pouco irritado, mas Rosa limpou a garganta e lhe deu uma cotovelada.

- Nós não fomos os únicos a perder parentes na luta contra Voldemort - disse ela suavemente.

James se lembrou. O tio de Cameron, Colin, havia morrido durante a Batalha de Hogwarts. James suspirou.

- Tudo bem, Cameron, suponho que você tem tanto direito de vir quanto qualquer um de nós. Mas confie em mim, não haverá nenhuma grande aventura.

- É *melhor* que não - disse Ralf misteriosamente.

- Eu te disse Ralf, - respondeu Rosa - o túnel para Hogsmeade é tecnicamente parte de Hogwarts. Está sob a proteção fornecida por Merlim ao castelo. Estamos seguros aqui.

Ralf não parecia particularmente aliviado.

- Sim, ótimo... E o que me dizem sobre quando chegarmos a Hogsmeade? Você vai me dizer que de alguma maneira toda a cidade é tecnicamente parte de Hogwarts?

- Discutível, mas poderia ser - ela respondeu. - É provavelmente o último vestígio do feudo que uma vez rodeou o castelo. Mas de qualquer maneira, haverá um monte de

gente lá. Nem mesmo... er, alguém realmente poderoso nos atacaria com todas essas pessoas ao redor. Além disso, ninguém tem visto o diretor da escola em quase duas semanas, certo?

- Eu vi ontem mesmo - interveio Cameron. - Estava no corredor de fora da sala comunal, apenas caminhando como se estivesse passeando.

James olhou para Cameron por cima do ombro.

- Você viu Merlim no castelo? Tem certeza de que era ele? Pensei que ele estava ausente, viajando em algum lugar. Pelo menos é o que o professor Longbottom disse.

- Acho que ele voltou, certo? - replicou Cameron. O quê? Pensei que todos vocês gostavam do diretor Merlim.

- Claro, Cam - disse Rosa. - Nós gostamos muito dele. Mas é que, er, não queremos ser pegos fora dos terrenos da escola.

Cameron sorriu abertamente.

- Oh, vocês não serão... Isso não seria uma boa história, certo?

James estava começando a se irritar com Cameron.

- Isso não é uma "história", sabe? Merlim *sabe* quando as coisas estão acontecendo na escola. Se ele está aqui...

- Não vamos ficar nervosos - disse Rosa apaziguadoramente. Não estamos fazendo nada de tão terrível. Só queremos dar uma olhada em Hogsmeade, só isso. Não vai acontecer nada de ruim. Cameron está provavelmente certo. Não seria uma história muito boa se nos encontrassem a nós ou descobrissem que fomos horrivelmente despachados por algum inimigo à espreita na Casa dos Gritos... - sua voz desvaneceu com preocupação. - Er... certo?

- Depende do tipo de história que seria - disse Ralf pessimista.

Eles caminharam em nervoso silêncio por um tempo. Finalmente, o túnel começou a inclinar-se para cima; Terminava em uma confusão de caixas quebradas de madeira e peças de mobiliário, todo coberto de poeira e teias de aranhas. Além disso havia apenas uma espessa escuridão.

- Devemos estar na casa - disse Rosa em um sussurro. - James, podemos avançar?

- Dificilmente, só se movermos para o lado algumas dessas tranqueiras velhas - James começou a empilhar cautelosamente algumas caixas de madeira caídas. A poeira levantou-se diante de seus esforços, nublando a luz da varinha de Rosa. As aranhas corriam pelas paredes.

- Então, estamos na Casa dos Gritos? - Ralf perguntou com voz vacilante. - Deveríamos esperar para, vocês sabem, começar a gritar?

Rosa respondeu:

- Não funciona assim, Ralf. É uma longa história, mas não há nada a temer aqui. Pelo menos, não mais.

Ralf engoliu saliva.

- Então por que você está sussurrando?

- Ali - disse James, secando a testa com a manga. - Posso ver através disso. Está muito escuro, mas se vocês abaixarem aqui, podemos nos espremer para a próxima sala.

James tomou a liderança, escalando através da pequena abertura com suas mãos e joelhos. Ele podia ver que a entrada do túnel uma vez tivera sido maior, mas a Casa dos Gritos havia se deteriorado significativamente desde que o túnel fora utilizado há muitos anos. Grande parte da parede se tinha desmoronado em torno da abertura e o teto baixo possuía trincas e desmoronamentos parciais.

- Uau - disse Cameron com surpresa quando os quatro estudantes sacudiam a poeira. - Aqui é onde tudo aconteceu! Este é o lugar onde Harry Potter descobriu a verdade sobre Sirius Black! Aposto que foi lá onde Black quase matou o rato, Pedro Pettigrew!

- Obrigado pelos detalhes, Cam - resmungou James. - Vamos sair...

Cameron gritou, fazendo todos pularem.

- Deve ser aqui mesmo onde Voldemort ordenou que sua cobra atacasse o Prof. Snape! - disse Cameron arquejando. - Provavelmente ele morreu onde está agora, Ralf!

- Você poderia parar de falar sobre quem matou quem nesta sala, Cameron? - exclamou Ralf. - Não é como se o lugar precisasse de *mais* energia negativa.

- Ah, - disse Cameron timidamente - sim. Er, sinto muito.

Lentamente, os quatro fizeram o seu caminho para cima, movimentando-se cuidadosamente através do amontoado de móveis quebrados, paredes e telhados desabados. A deterioração da Casa dos Gritos era suficientemente grave para fazer com que James temesse que tudo ruísse sobre eles. O vento assobiava e gemia através das fissuras das paredes, fazendo a casa inteira ranger. Quando eles chegaram ao primeiro piso, janelas partidas permitiram a entrada de claridade suficiente para que, finalmente, Rosa pudesse apagar sua varinha.

- Ali está a porta - disse Cameron, apontando. A antiga porta ainda estava notavelmente intata e encaixada tão bem em sua moldura curvada que os quatro tiveram que puxar simultaneamente a maçaneta para abri-la.

- Claro que eu amo estar aqui fora - disse Ralf, descansando em uma pilastra inclinada. Acho que a única coisa que faz este lugar continuar em pé é a força do hábito.

James virou seu olhar para a Casa.

- Vamos esperar que agüente mais algumas horas...

- Ocorre-me - disse Ralf, olhando para James e Rosa - que este é um caminho bastante horrível de se seguir apenas para nos apossar de alguns chicletes de baba e bola e dizer um olá para Teddy.

Rosa negou com a cabeça e trotou ao longo da estrada que conduzia ao povoado.

- Ah, vá lá, Ralf. Onde está o seu senso de aventura?

- Acho que o gastei todo no ano passado.

James sorriu.

- A pior parte está atrás de nós, Ralfidilo. Vamos, vai ser divertido!

- Apressem-se, rapazes! - Cameron chamou, a meio caminho entre Rosa e os dois meninos. - Tenho que usar o quartinho!

Ralf revirou os olhos e, em seguida, sorriu abertamente para James.

- Vamos lá, vamos apostar uma corrida!



James, Ralf, Rosa e Cameron encontraram o caminho para a rua principal de Hogsmeade e perambularam por ela, felizes e encantados pelas várias lojas e a movimentada multidão. James e Ralf debateram se deviam visitar primeiro a Dedosdemel ou as Gemialidades Weasley quando Rosa exclamou com deleite, apontando.

- Escribas S/A?- disse James quando Rosa disparou adiante - Você quer ir primeiro à loja de penas?

- Eu sei que não posso comprar muito - respondeu Rosa, abrindo a porta e fazendo a campainha tocar, - mas eu não posso esperar para ver como são as novas Heddelbums auto-recarregáveis de pontas articuladas. Ah, olhem! Eles têm a autêntica Caneta de Trabalho Recorda-Tudo. Memoriza tudo o que você escrever com ela e pode duplicar perfeitamente depois!

- Isso *sim* que seria útil - disse James, com os olhos bem abertos. - Uma caneta que pode fazer os exames para você. Quanto custa?

Rosa respondeu para James com um olhar desdenhoso.

- É realmente assombroso o quanto você se esforça para evitar as tarefas mais simples, James.

- Sim, - respondeu James - tio Rony ficaria orgulhoso.

Os quatro passearam pelas ruas, entrando na maior parte das lojas ao longo da estrada. Cameron comprou uma nova bolsa para sua varinha na Couraçaria Hiram e Blattwott's e imediatamente guardou a varinha dentro dela. Ele mostrou-a para James e Ralf.

- Protege o acabamento e simultaneamente reforça as propriedades mágicas! - proclamou Cameron com altivez, lendo diretamente o rótulo. - O interior está revestido de couro de veado e enriquecido com betume e o Lustra Varinhas e Realça-Feitiços Wymnot. Limpa minha varinha e fortalece seu poder cada vez que a saca!

- Legal, Cam - assentiu Ralf. - Ei, parece realmente elegante além de tudo!

- Obrigado! - Cameron sorriu abertamente. Ei, podemos parar em uma banca de jornais? Quero ver se a nova publicação de *Estórias Estupendas* está disponível.

A banca de jornais estava na esquina da rua principal com a Avenida Guddymutter, e era a única banca de jornais de dois andares que James já tinha visto. Uma adicional escada em caracol de madeira conduzia a um estreito corredor de ferro forjado que rodeava o segundo piso. O corredor estava cheio de bruxos e bruxas folheando inimagináveis tipos de revistas e jornais. O mesmo topo da banca era um ruidoso e pequeno corujal onde pássaros de diversos tamanhos piavam e faziam algazarra. Pareciam estar indo e vindo a cada momento, cada coruja era assistida por um homem pequeno instalado em um escrivânia redondo no meio do recinto. Quando chegava uma coruja, o homenzinho girava na poltrona para recuperar o seu pacote. A maior parte do que recebiam parecia ser pequenas tiras de pergaminho enrolados como rolos de papel e inseridos em tubos dourados que eram fixados nas patas das corujas. Quando o homem recebia a mensagem, se voltava para uma espécie

de tubo acústico e lia seu conteúdo. O tubo acústico levava a voz do homem através de um complicado conjunto de tubos e alto falantes, que finalmente difundiam cada palavra à Rua Principal.

- Boletim informativo da Turquia - leu o homem com uma voz surpreendentemente profunda de barítono¹, - o Grão-Vizir do Califado Mágico, Raja Hassajah, está inesperadamente morto, e será substituído interinamente por seu assistente, Ahmed Al-Mustaphus. A autoridade internacional do banco dos bruxos congelou todas as transações com o Califado até que a situação seja satisfatoriamente solucionada. Vamos mantendo-os informados à medida que as notícias forem recebidas.

- Oh, vejam quem está na capa d'*O Pasquim* este mês - disse Rosa, pegando uma cópia da prateleira mais baixa. James se inclinou sobre o ombro de Rosa, estudando o artigo do tablóide nas mãos dela. A FILHA DO FUNDADOR D'O PASQUIM SE CASA, lia-se como manchete ao lado de uma foto de Luna Lovegood aceitando feliz o anel de seu novo namorado, Rolf Scamander. A foto fora obviamente encenada, mas o sorriso de Luna era bastante verdadeiro e genuíno, e o olhar de feliz afeto na cara de inseto de Rolf estava inconfundível. Na imagem, Luna aceitava o anel, e depois o mostrava à câmera. Parecia feito de âmbar com um minúsculo inseto incrustado.

- Agora é fato - Ralf inspirou pelo nariz.

- Bem, estou feliz por ela - disse Rosa, tornando a colocar o jornal na prateleira. - Luna tem desejado casar-se há muito tempo. Ela quer uma família.

- Como você sabe? - perguntou James, enrugando a testa. - Conheço Luna a vida inteira e nunca a ouvi dizer nada disso.

Rosa parecia distante.

- Isso é porque *você* não tem ouvido as conversas certas.

Acima de suas cabeças, o locutor da banca de jornais falou através do aparelho amplificador.

- Em uma atualização para os relatórios anteriores, os misteriosos avistamentos de enxames de dementadores no centro de Londres só tem aumentado, nenhuma pesquisa foi capaz de definir claramente a origem da colméia, ou prever os futuros pontos de opressão. Além disso, a extensão da infestação parece estar aumentando a cada dia, estendendo-se aos bairros próximos em ritmo alarmante. As reportagens feitas pelos trouxas sobre os incidentes estão ganhando fama, embora as descrições dos efeitos

¹ Barítono: Voz de homem entre o tenor e o baixo(soprano).

são extremamente variadas. Em uma inesperada reviravolta, o Ministério da Magia, anunciou a criação de um sub-departamento de aurores para identificar, reduzir e controlar a colméia. Entretanto, muitos cidadãos do mundo mágico estão, preocupados, abandonando a área cêntrica de Londres até que os inexplicáveis ataques estejam sob controle. Continuaremos mantendo-os informados a respeito do desdobramento dos acontecimentos.

O rosto de Ralf empalideceu.

- Eu ouvi algo parecido com isso quando estava em casa de férias, mas não relacionei. Parece que se agravou consideravelmente. Vocês acham que está relacionado com o descenso do Guardiã?

- Tem que estar - disse James, recordando sua anterior conversa com o diretor. - Merlim me disse que os borlins eram basicamente bebês dementadores. Talvez o Guardiã seja como um dementador-chefe. Talvez o Guardiã tenha reunido todos os dementadores não capturados e esteja usando-os para fazer o seu trabalho na Terra!

Rosa estremeceu.

- Esse é um pensamento horrível! Se estiver certo, James, então nossos pais poderiam estar em perigo, uma vez que trabalham no Ministério. Especialmente o seu pai. Se ele se encarregar do sub-departamento de aurores, estará perseguindo o Guardiã e nem sequer o saberá! Temos que avisá-lo!

James sabia que Rosa estava certa. Ele assentiu com a cabeça.

- Eu vou enviar uma coruja para o meu pai assim que voltarmos esta noite. Contarei tudo o que sabemos por enquanto.

- Mas porque o Guardiã utilizaria dementadores? - questionou Ralf - pensei que poderia afetar diretamente os seres humanos?

Rosa respondeu:

- *Pode*, mas apenas alguns de cada vez, por enquanto. Ele se alimenta de medo e terror, por isso está utilizando dementadores para obter o que precisa. Mas isto prova que ainda não encontrou um hospedeiro humano. Uma vez que tenha um hospedeiro, não precisará dos dementadores. Estará diretamente ligado à comunidade humana. Poderá afetar um grande número de pessoas de uma só vez, e nada poderá detê-lo.

- Precisamos de ambas as metades da Pedra Chamariz antes que isso aconteça - disse James efusivamente. - Quem quer que tiver *toda* a pedra, mesmo poderá mandar o Guardiã de volta ao Vácuo, certo?

- Não sabemos onde está a metade da pedra de Slytherin - lamentou-se Ralf. - E a outra metade, a que sabemos se encontra no dedo do mago mais poderoso do mundo. Isso faz de roubar a mala de Jackson parecer um passeio pelo parque.

James estava impassível.

- Ao menos sabemos onde está o anel de Merlin. Só temos de descobrir quem poderia ter recebido de herança o anel de Slytherin.

- Bem, nenhum problema - disse Ralf, sarcasticamente. - Só temos de rastrear um anel das trevas, maligno e místico através de três gerações de dezenas de bruxos das trevas. É como comer um bolo!

- Qual anel maligno e místico? - Cameron perguntou, voltando com um saco da banca de jornais.

Rosa revirou os olhos.

- Nenhum, Cameron. Só estamos tentando salvar o mundo aqui. Fazemos isso todos os dias, você já sabe.

- Oh - disse Cameron, franzindo um pouco a testa. - Pensei que talvez vocês estivessem falando do anel da família Gaunt que o diretor Dumbledore deu para o pai de James.

Como se fossem um, James, Ralf e Rosa olharam para Cameron. Ele os olhou de volta piscando um pouco nervoso.

- *Que* anel, Cameron? - indagou Ralf.

Cameron sorriu largamente, como se eles estivessem pegando no pé dele.

- Vocês sabem. O anel que tinha a Pedra da Ressurreição. Era uma das Relíquias da Morte no último livro. O diretor Dumbledore o encontrou e deu para Harry Potter dentro do pomo de ouro. *Vocês* lembram-se disso, uh... não?

Rosa, Ralf e James trocaram olhares. Rosa disse:

- Poderia ser realmente assim tão simples?

Os olhos de James se abriram pensativamente.

- Cameron, você já decorou estes livros, certo? Conte-nos tudo o que se lembra sobre este anel.

Cameron olhou para James, um pouco confuso, e depois deu de ombros.

- Bem, segundo a lenda, o anel uma vez pertenceu à Morte, permitia que o portador visse e falasse com os mortos. Passou por gerações de parentes de Salazar Slytherin até que chegou a família Gaunt. Voldemort tomou o anel e o usou como uma, eh, *Horcrux*. - Cameron sussurrou a última palavra como se fosse uma espécie de

palavrão. Ele continuou com sua voz normal. - Mais tarde, Dumbledore conseguiu o anel e destruiu a pedra com a espada de Gryffindor, deixando-a inutilizável para Voldemort. Após sua morte, Dumbledore testou a pedra a Harry Potter, escondendo-a em seu pomo de ouro. No livro, Harry usa a Pedra da Ressurreição para falar com os pais mortos quando vai enfrentar Voldemort na Floresta. Depois disso, ninguém sabe o que aconteceu com a pedra. Seja como for, quando você disse algo sobre um misterioso anel das trevas, pensei que poderia estar falando sobre isso. Desculpe.

- Cameron, - disse Rosa seriamente - poderia te beijar, seu estúpido cerebrozinho. Isso é brilhante!

Cameron ruborizou ferozmente e agarrou-se ao seu saco, sorrindo muito.

Ralf perguntou:

- Você acha que a Pedra da Ressurreição e a Pedra Chamariz são as mesmas?

- É claro, tudo parece encaixar - respondeu James. - Era preta, estava incrustada em um anel e foi deixada de herança desde Salazar Slytherin através de várias gerações.

Rosa acrescentou:

- E permitia ao portador ver e comunicar-se com os mortos porque provinha do Vácuo através do qual passam todas as almas ao morrer.

Ralf estremeceu.

- Então, onde acabou? O que aconteceu com ela depois desta noite na Floresta?

- É exatamente como Cameron disse, - suspirou Rosa - ninguém sabe. Se bem me recordo, foi deixado propositalmente fora dos livros a fim de que ninguém se sentisse tentado a ir em busca da pedra outra vez. Supõe-se que se perdeu para sempre. Ninguém sabe onde está, ou se sequer existe.

James apertou os olhos, pensando. Optou por não dizer nada, mas conhecia ao menos *uma* pessoa que sabia o que havia acontecido com a Pedra da Ressurreição. E James era uma das poucas pessoas do mundo que poderia perguntar a essa pessoa e possivelmente obter uma resposta.

Finalmente, o quarteto se pôs a caminho do Três Vassouras, carinhosamente chamado entre alguns dos estudantes mais velhos como o "Três Palitos". Pediram cervejas amanteigadas e desfrutaram de uma pequena ceia. Os estudantes de Hogwarts abarrotavam as mesas, falando inquietamente e chamando-se entre si. Sabrina, Damian e Gennifer Tellus atravessaram a porta quando James terminava sua salsicha. Damian sorriu abertamente enquanto abria espaço pela multidão com alguns empurrões.

- Pelo que vejo vocês conseguiram - declarou Damian. - Estou com um pouco de inveja, vocês sabem. Nós descobrimos esse túnel primeiro. Eu esperava ser o primeiro em ver o interior d'A Casa dos Gritos. Como se parece?

- Apenas se mantém em pé - respondeu James, - você terá sorte se estiver inteira quando for visitá-la.

- Onde está Noé e Petra? - perguntou Rosa.

Gennifer revirou os olhos.

- Ah, eles estão tendo uma discussão de namorados na Casa de Chá Madame Puddifoot. Eu disse a eles que isso só daria problemas caso se comesçassem a sair.

- Na realidade, eles não estão saindo - disse Sabrina, puxando uma cadeira e sentando. - Simplesmente estão se beijando. Não é exatamente a mesma coisa.

James levantou o seu olhar vivamente, surpreso por, de alguma forma, ter perdido este acontecimento.

- Quanto tempo faz que estão, eh, se beijando?

- Começaram mais ou menos uma semana antes do Natal - respondeu Sabrina. - Provavelmente de tanto ensaiarem como amantes para a peça de teatro acabou dando nisso. Só se pode fingir um tempo antes que tudo passe para a vida real.

- James sabe muito sobre isso - disse Ralf, levando à sua boca o que restou da salsicha. James suspirou.

- Então por que eles estão discutindo? - perguntou Rosa.

Damian gesticulou dramaticamente.

- Noé viu Petra tendo alguma conversa séria com Teddy nos fundos da Gemialidades Weasley. Ela estava chorando, e Teddy também não parecia muito feliz. Noé é na verdade um tipo meio ciumento, você sabe.

- Ele deveria saber no que estava se metendo, ficando com a ex-noiva de seu melhor amigo - declarou Gennifer pomposamente. - Isso cheira problemas a quilômetros de distância.

Sabrina disse:

- De qualquer maneira, simplesmente não entendo o que o Teddy vê em Vitória. Ele tinha sorte de namorar Petra. Vitória é uma dondoca vaidosa não importa a forma como você julgar. Sem ofensas.

Rosa acenou com uma mão.

- Ah, você não tem que pedir desculpas para nós. Pensamos o mesmo, a maior parte do tempo.

James se sentiu repentinamente alterado e com raiva. Ficou olhando fixamente pela janela, confuso com seus próprios pensamentos e emoções. Alguma coisa no fato de que Noé e Petra estavam saindo, de repente o incomodava fortemente. Ele sempre havia se dado bastante bem com Noé, mas agora, subitamente, queria ir ao encontro do garoto mais velho e derrubá-lo com um soco. A ironia era que ele *sabia* onde encontrar Noé: estava sentado em frente a Petra neste exato momento, logo no fim da rua na ridiculamente rosada e fofa Casa de Chá da Madame Puddifoot. Pior ainda, ele sabia com absoluta certeza que Noé não era o problema principal. Tal como havia dito Rosa, estava claro que Pedra continuava apaixonada por Ted Lupin mesmo que este tenha continuado com Vitória. Toda a história era irremediavelmente complicada, e frustrava-o saber que não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Finalmente, a conversa tomou outro rumo. James, Rosa, Ralf e Cameron se despediram dos Malignos e fizeram seu caminho pela estrada. A tarde esfriava a medida que o sol se escondia, trazendo um agitado vento que fazia estremecer o povoado. Pedacos de jornais e papéis de doces cruzavam a estrada enquanto os estudantes começavam a viagem de volta ao distante castelo. O quarteto se dirigiu até a Casa dos Gritos, detendo-se apenas uma vez pelo caminho para entrar na Gemialidades Weasley, onde esperavam cumprimentar Jorge e Ted.

- O velho túnel está aberto, hein? - disse Jorge, sorrindo abertamente sobre o balcão da frente. - Excelente. Fred e eu só testamos essa rota uma vez, desde então todo mundo ficou com medo dos fantasmas. Não o percorremos inteiro, mas fomos longe o suficiente para deixar nossas grafites nas paredes, se me lembro bem.

Rosa assentiu com a cabeça.

- Sim, acredito que os vi. A caricatura do professor Snape em particular é muito engraçada.

- Oh, esses eram do Fred - disse Jorge suspirando. - Era bom em caricaturas rápidas. Ele dizia que tudo dependia do nariz adunco e aquilino.

James perguntou:

- Como vão os negócios?

- Ah, realmente excelente. Desde que compramos todas as ações da Zonko's, tudo anda muito bem. Tinha uma clientela bastante leal, vocês sabem. Inclusive considerei fazer desta aqui a loja principal das Gemialidades, ao invés da loja no Beco Diagonal, mas Rony disse que não deveríamos. Ele disse que a localização original continua sendo a melhor.

Rosa olhou em volta apreensivamente.

- Aposto que é encantador para Teddy trabalhar aqui. Este lugar é feito sob sua medida.

- Sim - concordou Jorge. - É bom tê-lo por aqui. É um bom trabalhador e tem algumas boas idéias para alguns produtos novos. Alguns desses novos feijõezinhos de todos os sabores foram idéia dele, embora eu mesmo tenha criado a linha com o novo sabor chamado "guanomole". Mas hoje ele não me serviu para nada. Estes fins de semana em Hogsmeade são como uma reunião familiar para ele. Tem entrado e saído o dia todo fazendo sabe-se lá o quê.

Houve um forte estalo. James e Rosa se viraram para ver Cameron agitando violentamente a mão, tentando livrar-se de algo que aparentemente havia se prendido na ponta do dedo.

- Se você o quebrar, terá que pagar, amigo - disse Jorge jovialmente enquanto saía de trás do balcão. - Na verdade, só estava brincando. Isso são os Galeões Pega-Dedos. Sempre muito engraçados. Simplesmente deixe um no chão e espere até que algum ingênuo venha pegá-lo.

- Eles parecem muito com os verdadeiros - admitiu Cameron quando Jorge tirou o galeão de seu dedo, - digo, até o momento em que te morde. É, eh, ótimo. Obrigado.

- Se você gosta desses, nossa Bomba Sumidoura de Calcinhas te encantará - disse Jorge, conduzindo Cameron para outra prateleira. - Agora com um alcance expandido de efetividade de três metros! Excelente para festas.

Enquanto dava uma olhada pela loja, James se aproximou da cortina de trás da loja e viu Ted sentado sobre uma pilha de caixas de madeira. Ultimamente, ele costumava usar suas habilidades de metamorfomago para trocar uma e outra vez a aparência de seu cabelo, como quando era bebê. Hoje estava usando-o bem longo. Como se fossem cortinas negras, escurecendo parcialmente seu rosto. James pensou que se parecia um pouco com o há muito tempo desaparecido Sirius Black.

- Ei, Teddy - disse James. - Como vão as coisas?

Ted levantou o olhar, no entanto, nem assim James pôde ver seu rosto.

- Ah, olá James. Tudo bem.

- Praticando para a Seleção Nacional de Quadribol?

- Hmm? - disse Ted. - Ah, sim. Tudo bem, suponho. Tenho estado realmente ocupado aqui na loja, mas tirando isso, sim, vou bem.

- Teddy - disse James, atravessando a cortina. - er, o que aconteceu?

A voz de Ted soava estranhamente plana.

- O que quer dizer?

- Me refiro a Petra. Sei que não é da minha conta, mas...

- O que *você* sabe sobre isso? - perguntou Ted, com a voz um pouco aguda. - Sei que Metzker está nervoso por conta disso e que o mais provável é que o resto dos Malignos estejam falando sobre o assunto, mas não achei que você também estivesse metido nisso.

- Metido em quê? - perguntou James, parando bem no meio da cortina dos fundos. - Olhe, eu...

- Seja o que for o que as pessoas digam, é tudo mentira, James. Simplesmente todos têm que deixar Petra em paz, principalmente Metzker. E você pode dizer que fui eu quem disse.

- Teddy - começou James, mas na realidade não sabia o que dizer em seguida. Ted se remexeu, ficando em pé.

- Vejo que trouxe Dolohov com você. Mas ainda ele é seu amigo, né?

James encarou Ted duramente.

- Você se refere ao Ralf? Sim, ele é. Suponho. Por quê?

- Oh, por nada, na verdade. Além do mais, não foi a laia dele que matou os *seus* pais.

James negou com a cabeça.

- Teddy, você... não pode culpar Ralf por isso. Ele nem sequer tinha nascido até então. O pai dele era apenas uma criança quando aconteceu a batalha.

Ted suspirou cansadamente.

- Não me diga a quem posso e não posso culpar, James. Olhe, sinto muito ter tocado no assunto. Não estou de muito bom humor esta tarde. Talvez você, Rosa e seu amigo deversem voltar para o túnel. Está escurecendo.

James assentiu lentamente com a cabeça.

- Sim, suponho que você tenha razão. - virou para sair, e então olhou para trás. - Até logo, Teddy.

Ted acenou com a mão.

- Vejo você por aí, James. Tenha cuidado.

Quando o quarteto saiu da Gemialidades Weasley, o sol já se tinha mergulhado no horizonte, deixando para trás um intenso céu púrpura e alaranjado. Rapidamente, eles fizeram o caminho de volta para a Casa dos Gritos. A cerca de proteção ao redor da

propriedade havia caído há muito tempo. James abriu caminho através da mesma abertura na cerca que haviam usado mais cedo. No alto da colina, a casa abandonada estava às escuras, erguendo-se sinistramente.

- Realmente eu *esperava* chegar aqui antes de escurecer - disse Ralf ferventemente.
- Nem sequer posso ver a porta principal.

- Está logo ali - disse Rosa, acendendo a sua varinha e apontando. - Exatamente como a deixamos...

A voz de Rosa apagou quando a luz de sua varinha iluminou a frente da casa. Apesar de suas palavras, a porta, de fato, não estava como a tinham deixado.

- Pensei que havíamos fechado a porta - disse Cameron curiosamente. - Não empurrámos a...?

- Sim, Cam - interrompeu James. - Tenho certeza que não a deixamos *assim*.

A porta principal havia sido aberta com tal empurrão, que a dobradiça superior havia se quebrado. A porta agora estava inclinada toscamente nos batentes. Mais além da entrada havia uma obscuridade impenetrável.

- Parece como se alguém tivesse *entrado* ou *saído*? - perguntou Ralf, tentando manter a voz firme.

- Que importância tem isso? - perguntou James.

- Bom, em primeiro lugar, nos diria se fomos seguidos ou se estamos indo para uma armadilha - respondeu Ralf racionalmente.

Cameron perguntou:

- Quem tentaria nos fazer uma cilada?

- Ninguém - respondeu Rosa firmemente. - Vamos. Provavelmente foi somente um animal ou algo do gênero. Vamos acabar com isso.

Ela subiu a varanda inclinada e iluminou com a luz da varinha o escuro portal. James subiu junto com ela, o coração batendo com força. Juntos passaram através da porta com Ralf e Cameron seguindo os outros dois bem de perto. O interior da casa obviamente havia sido perturbado. Alguns velhos móveis haviam sido colocados a um lado por empurrões, deixando arranhões no poeirento chão. Pior ainda, a escadaria que conduzia ao sótão parecia ter algo errado. A entrada estava trincada, lascada e torcida, e os degraus mais adiante pareciam estar muito íngremes.

- Espere - disse James, segurando o braço de Rosa. - Isso não está certo. Olhe lá em baixo.

Os quatro estudantes se abaixaram e olharam com atenção para adiante da escadaria desvencilhada. Com o fulgor da luz da varinha de Rosa, puderam ver claramente que o quarto de baixo havia virtuosamente desaparecido. Pedacos rotos de parede e partes do teto derrubado tomavam os degraus da escadaria, bloqueando-a completamente.

- Como isso pôde acontecer justamente hoje? - perguntou Ralf aflitamente. - Quero dizer, se manteve firme durante vinte anos e então decidiu cair *logo depois* de nós termos atravessado?

- Talvez a tenhamos afetado ou deslocado de alguma forma - raciocinou Cameron.

James negou com a cabeça.

- Não, isso foi feito por alguém. Alguém que sabe que estamos aqui e nos está forçando a voltar por outra rota.

Cameron olhou para James, sorrindo enigmaticamente.

- Por que iriam fazer isso?

- Porque querem nos manter fora do túnel - respondeu Ralf em voz baixa. - Porque o túnel faz parte de Hogwarts.

- Tá brincando - disse Rosa rapidamente. - Se nos apressarmos, poderemos alcançar alguns dos demais estudantes que estão voltando.

Cameron pareceu alarmar-se.

- Mas nos pegarão quando voltarmos - exclamou ele. - A professora McGonagall nos verá voltando com os estudantes maiores! Nos meteremos em problemas!

- Esperemos *sinceramente* que isso seja o pior que possa nos acontecer, Cameron - disse Ralf, seguindo Rosa pela dizimada porta dianteira.



Tão rápido quanto puderam, os quatro retomaram seus passos pela Rua Principal. Enquanto caminhavam, James podia ver de vez em quando os pináculos e os

torreões do castelo de Hogwarts, que pareciam olhar zombadoramente para o escurecido céu. Uma encruzilhada no fim do povoado parecia tomar a direção certa. James guiou o grupo pela estrada, através de um pedaço de floresta.

- Isso não parece estar certo James - disse Ralf preocupado. - Não há uma vereda que leva diretamente ao castelo?

James respondeu:

- Sim, temos que estar perto dele. Olhe entre as casas.

- Me pergunto onde estão os demais - comentou Cameron, virando para olhar a estrada estreita e deserta. Um cachorro latiu próximo, e alguma coisa guinchou no vento fresco. - Não deveria haver outros estudantes voltando por esta rota?

- O fim de semana em Hogsmeade acaba oficialmente ao entardecer - disse Rosa quietamente, - Já eles estavam voltando quando paramos para ver Jorge.

- Que será que foi isso? - perguntou Ralf, girando sobre os calcanhares para olhar em seu redor.

- O quê? - sussurrou James, com o cabelo arrepiado.

Os olhos de Ralf se precipitaram na direção da estrada.

- Eu... acho que ouvi algo atrás de nós.

Rosa negou com a cabeça.

- Acalmem-se, os dois. Provavelmente foi um simples cachorro ou algo assim.

- Eu também ouvi - disse Cameron. - Veio dessa ruela.

- Ah, essa não - disse Rosa firmemente, arrastando os garotos maiores pelas mangas. - Vocês estão me assustando, e eu já estava bastante assustada. Vamos!

Alguns minutos mais tarde, a rua lateral girava em uma esquina acentuada na direção errada. James deu uma olhadela entre as pequenas casas de campo, buscando algum sinal do castelo.

- Há uma pequena trilha - disse ele. - Serpenteia através de algumas árvores.

- É o caminho para a escola? - perguntou Ralf.

- Não sei. Mas vai na direção certa. Vamos tentar.

James conduziu o bando entre as casas, passando próximo a um pequeno jardim cercado, e na escuridão causada por um grupo de árvores. A trilha serpenteava entre arbustos e grama alta.

- Cara, isso vai de mal à pior - disse Ralf fracamente. - O principal não era não ficarmos nunca sozinhos?

- Não estamos sozinhos - disse James enquanto se arrastava pelo caminho. - Temos Cameron conosco.

- E quem quer que esteja nos seguindo também - completou Cameron alegremente.

- Cameron! - advertiu Rosa.

A preocupação de James ia aumentando. A trilha serpenteava adentrando em um pedaço de floresta que separava Hogsmeade dos terrenos Hogwarts. As árvores bloqueavam a luz do céu que adquiria aspecto de anoitecer, reduzindo o caminho à um escuro beco de sombras. Ocasionalmente, James pensava ouvir o som de passos em seu encaixe durante o caminho ou mais adiante, mas decidiu não prestar atenção. Ele sacou a sua varinha e acendeu-a, segurando-a o mais alto possível. A luz da varinha iluminou completamente as árvores próximas, mas só fez com que as profundidades à frente parecessem mais escuras quando comparadas o contraste. Ninguém falou durante vários minutos enquanto caminhavam. Ao final, agradecidamente, o caminho se voltou para uma zona de árvores mais escassas. Através delas, James poder ver o céu noturno de cor anil e o pálido brilho amarelo da lua cheia.

- Vejam - disse Rosa, apontando, - logo lá na margem das árvores, acho que são os portões da escola. Posso ver a silueta dos dois javalis.

James semicerrou os olhos. Ele não trazia os óculos, logo, na realidade, não conseguia distinguir as distantes formas na escuridão.

- Sim - disse Ralf, - consigo ver. Uau! Que vista. Vamos!

Enquanto os quatro estudantes avançavam trotando, as árvores se separavam no alto, revelando o céu noturno e um sem número de estrelas. A lua derramou sua pálida luz amarela por todas as partes. Sem dúvida nenhuma, a antiga muralha e os portões abertos estavam próximos, os famosos javalis de pedra arqueavam as costas para o céu, deixando descobertas suas presas. James deu um grande suspiro de alívio. Em poucos minutos, estariam outra vez ilesos dentro dos terrenos de Hogwarts.

- Hã, hã! - riu Cameron nervosamente. - Vêem? Eu lhes disse que seria uma grande aventura! Esperem até eu contar pro meu pai sobre...

A voz de Cameron cortou-se quando um ruído de rápidas pisadas se aproximou velozmente. O garoto se virou para olhar para trás, suas feições curiosas. Algo grande e pesado surgiu ameaçadoramente da escuridão, voando baixo perto do chão.

Rosa berrou, jogando-se para trás e tentando alcançar sua varinha. Ralf e James se agacharam quando a figura se lançou sobre eles. Aterrissou no caminho entre James e os

portões, derrapando na terra e virando-se para encará-los. Soltou um grunhido baixo e feroz e começou a avançar.

- *Estupefaça!* - gritou Rosa, apontando com a sua varinha, mas estava muito escuro para fazer uma boa pontaria. O raio vermelho golpeou o chão na frente da criatura, iluminando-a por uma instante. James viu dentes a mostra ao longo de um focinho estreito e olhos brilhantes e terríveis.

- É um lobo! - gritou, esbarrando para trás. O lobo respondeu à suas palavras com um forte grunhido. Se contraiu, agachando no chão, e então saltou. James cobriu o rosto, protegendo-se dos dentes e das garras, mas em vez de ser destroçado por golpes da besta, foi lançado brutalmente para o lado. Depois, diretamente de trás dele, surgiu um ruído de uma luta violenta e um grito de dor. Era Ralf. James se levantou de um salto, tentando pegar a sua varinha. Com um arquejo, percebeu que havia deixado-a cair quando a besta atacara.

- Estupore-o, Rosa! - gritou James.

- Não posso! - chorou Rosa, apontando a sua varinha freneticamente. - Não consigo diferenciar um do outro! Se eu estuporar Ralf, a fera vai matá-lo!

O lobo rodou com Ralf enquanto forcejavam. Parecia ter seus pulsos presos entre as mandíbulas. Chacoalhava a cabeça violentamente, rasgando o braço de Ralf. Ralf gritou outra vez, tentando livrar-se das patas da enorme besta.

Sem pensar, James se lançou sobre a criatura. Prendeu os braços nos pêlos emaranhados de seu pescoço, puxando o mais forte que ele pôde. De repente, com grande intensidade, a cicatriz fantasmal de James ardeu. Apertou os olhos para combater a dor, disposto a não soltar o pescoço do lobo. A besta lutou e se retorceu, sem libertar o braço de Ralf. James podia sentir os músculos palpitando debaixo da pelagem do lobo, e podia sentir o cheiro úmido debaixo de sua peliça. Subitamente, ele colocou uma pata no peito de James. Cravou suas garras e lhe deu uma pancada, rasgando em tiras o pulôver de James que sentiu algo quente e pegajoso empapar imediatamente sua camisa, mas não sentiu dor. Em vez disso, a batida em sua testa zumbia e palpitava, distraíndo-o. O lobo espancou outra vez, golpeando James sem muita precisão. Este se afastou engatinhando, mas o lobo era demasiado rápido. A pata golpeou, errando por pouco o rosto de James.

De repente, havia outra voz gritando.

- Não, Teddy! Pare! Esse não é o caminho! Solte-o!

James girou e se pôs de joelhos. Olhou ao redor selvagemmente, entrecerrando os olhos para ver além da dor em sua testa, e viu uma figura alçando-se sobre o lobo. Estava demasiado aturdido para reconhecer imediatamente quem era. O recém-chegado puxou as orelhas do lobo, forçando-o a soltar Ralf. A besta agitou violentamente a cabeça para frente e para trás, mordendo.

- Já chega, Teddy! - chorava a recém-chegada, e James finalmente reconheceu Petra. - Você não sabe o que está fazendo! Esta não é a forma de concertar as coisas! Aqui não, agora não!

O lobo se libertou poderosamente, livrando-se de Petra, mas não voltou a atacar Ralf. A besta grunhiu, e se afastou com um salto, rosnando, balançando a cabeça para os lados e respingando o sangue de suas mandíbulas. Parecia confuso, quase como se estivesse lutando consigo mesmo. Finalmente, levantou a cabeça e uivou longa e sonoramente. O som congelou o sangue de James porque podia sentir a humanidade neste uivo, quase como se a voz de Ted estivesse sepultada sob o uivo do animal, gritando de angustia e desespero.

Petra se pôs em pé de um salto e lentamente se aproximou do grande lobo. Corajosamente, se ajoelhou próxima a ele e acariciou sua pelagem. Falou-lhe tranqüilamente, apaziguadoramente.

- Ralf! - gritou Rosa, deixando-se cair ao lado do garoto grande. - Você está bem? Está muito machucado?

Ralf gemeu e rolou, lutando para ajoelhar-se. James se arrastou até ele.

- Acho que meu braço está quebrado - disse Ralf com notável tranqüilidade. - Sinto-o todo mole e quente.

James podia ver o rasgo na munheca de Ralf. O sangue empapava sua manga despedaçada.

- Ralf - exclamou James, - você tem um aspecto horrível!

- Você também não está muito bonito - disse Ralf. - Por acaso todas as suas tripas estão aí dentro?

- Acho que sim, eh, espero que sim - respondeu James, avaliando seu peito ensangüentado.

- Deixe-me ver seu braço, Ralf - disse Petra de repente, aninhando-se junto dele. Ralf sustentou o braço no alto. Petra afastou com cuidado o tecido despedaçado, revelando o antebraço.

- *Artemisae!* - disse ela, tocando com a sua varinha os cortes e os hematomas. - Isso irá conter a hemorragia até que possamos levá-lo para Madame Curio.

- O que você está fazendo aqui, Petra - perguntou James quando ela virou para examinar seu peito.

- Estava caminhando sozinha de volta - respondeu secamente. - Eu tinha acabado de chegar aos portões quando vi o que estava acontecendo.

Rosa tremia visivelmente.

- Mas... como você soube que o lobo era... era...?

- Há lua cheia, Rosa. E Teddy e eu... conversamos bastante. Ele me contou sobre sua... condição.

Petra realizou a mesma técnica com os aranhões de James, que lhe assegurou que tinham um aspecto bem pior do que eram na verdade. Finalmente, Rosa e Petra ajudaram James e Ralf a porem-se em pé.

- Onde será que o lobo foi? - perguntou Ralf, agitando-se. - Será que foi embora?

Petra assentiu com a cabeça, dirigindo seu olhar para a floresta.

- Foi embora.

Rosa bufou e cobriu a boca com as mão.

- O que há com Cameron? - disse entre os dedos.

Depois de uma rápida busca encontraram Cameron estendido de cara na grama, a bolsa de jornais lhe cobria a cabeça. Ele tinha a marca de uma pata muito grande e enlameada nas costas, mas estava completamente ileso.

- O que aconteceu? - perguntou aturdido enquanto o arrastavam para a posição vertical. - Acho que desmaiei. Desmaiei mesmo? Perdi absolutamente tudo!

James suspirou, finalmente sentindo alguma dor no peito a medida que as feridas se esticavam.

- Te contaremos tudo mais tarde, Cam. Vamos voltar para o castelo.

Mancando e ensangüentado, o grupo de cinco atravessou os portões, indo em direção ao brilho acolhedor das janelas do castelo. Um minuto depois, James voltou para trás trotando, com uma mão sobre o peito. Olhou ao redor por uns instantes, xingando baixo. Finalmente, encontrou sua varinha em uma moita de grama. Ele guardou-a no bolso de trás de sua calça e voltou correndo, gritando para que os outros o esperassem.

Na escura distância, entre os portões e o povoado de Hogsmeade, um lobo uivou uma longa e triste nota.

- CAPÍTULO 16 -

Confrontos Inesperados



Assim como Cameron tinha temido, a professora McGonagall aguardava os estudantes que estavam de regreso. Ela estava sentada numa cadeira portátil com uma caneca de chá e o seu xale com tecido escocês de lã, e um pergaminho comprido ao longo do seu colo. Petra foi a primeira a subir até ao pórtico. McGonagall olhou para cima quando que Petra penetrava na luz desde as sombras.

- Você está um pouco atrasada, Srta. Morganstern. O seu nome é o último na minha lista. Talvez você... - a voz da professora apagou-se enquanto viu os outros subindo lentamente os degraus. Os seus olhos estavam assustados, imediatamente fixos na camisa sangrenta de James e no pulso torcido de Ralf. Levantou-se com um salto, derramando o seu chá.

- Sr. Potter, Sr. Deedle, o que raio significa... - começou a falar mas parou. - Srta. Morganstern, por favor vá chamar a madame Curio no Salão Principal e peça-lhe que nos encontre imediatamente na ala hospitalar.

- Era um... - começou Ralf, segurando o seu pulso à sua frente.

- Alguma espécie de animal selvagem - interrompeu Petra - Veio dos bosques quando estávamos no caminho de volta. A culpa foi minha, professora. Provavelmente a criatura sentiu o cheiro dos restos do minha sanduíche de carne que eu trouxe da loja de madame Puddifoot. Eu devia saber disso.

- Iremos determinar quem deveria saber o quê mais tarde, Srta. Morganstern - reagiu McGonagall, encaminhando o grupo para a ala hospitalar. - Por agora, por favor, despachem-se! Madame Curio!

- Madame Curio se juntou a eles pouco depois de terem chegado. Estalou a língua à medida que amaldiçoava James com o olhar, virando-se depois para Ralf.

- Srta. Morganstern, fez um trabalho muito satisfatório para parar a hemorragia destes rapazes - disse de uma forma profissional. - Você faria o favor de me ajudar? Quando as enfermeiras chegarem, provavelmente teremos terminado. Me passa essa garrafa de Arterrosê e essa caixa de pensos Curaderme por favor. E talvez, você seria amável de limpar as feridas do Sr. Potter?

Petra lavou as mãos e encheu uma bacia. James praguejava por entre os dentes à medida que ela começava suavemente a limpar os seus arranhões.

- Você não deve contar a ninguém sobre o Teddy - sussurrou Petra à medida que trabalhava. - O mundo não é um local muito permissivo para lobisomens, nem mesmo para um híbrido como o Teddy.

- Eu sei - respondeu James baixinho. - Ele me contou no fim do ano passado. Mas na altura ele não se transformava. Ficava com insónias e esfomeado quando estava lua cheia.

Petra assentiu.

- Ele ainda não se transforma muito. Apenas tem metade do sangue de lobisomem. Se ele tivesse sido um lobisomem *completo*, eu não teria sido capaz de dissuadi-lo de atacar o Ralf. Ele só *parece* um licantropo completo porque ele também é um metamorfomago, como sua mãe.

- Você quer dizer que ele se transformou *de propósito* para se parecer com um lobo?

Petra abanou a cabeça, mas mais em gesto de confusão do que de negação.

- É muito complicado. Não me parece que ele realmente queira fazê-lo assim. Normalmente, ele consegue se controlar, mas quando chega a lua cheia, parte do Teddy *quer* transformar-se num lobo ainda que o sangue de seu pai não seja o suficiente para forçar a alteração física. No entanto, sendo filho da mãe dele, ele pode *se transformar*. E quanto mais chateado ele está, mais difícil é para se controlar.

James suspirou, e isso doeu-lhe no peito. Ele ia perguntar porque é que Ted apenas tinha atacado o Ralph, mas ele já sabia a resposta. Ted tinha deixado muito claro quando James tinha falado com ele naquele dia. Em vez disso, perguntou:

- Você acha que foi o Teddy quem destruiu a entrada do túnel da Casa dos Gritos?

- Petra encolheu os ombros ligeiramente.

- Talvez tenha sido. Ele... ele tinha razões para estar chateado hoje. Tenho medo que o tenha feito lembrar da sua perda, apesar de eu não ter tido essa intenção. Eu só precisava falar com ele.

James estudou a face de Petra, mas conseguia perceber que ela não iria dizer mais nada. Na verdade, James não queria falar mais. A sua testa ainda pulsava de maneira preocupante, e tudo o que ele queria mais que tudo era simplesmente descansar.

Madame Curio insistiu que James e Ralf passassem a noite na ala hospitalar, dormindo nas magníficas camas encantadas. Nenhum dos garotos se importava, uma vez que significava um café da manhã na cama no dia seguinte. Também adia o encontro inevitável com o diretor, onde teria que explicar a sua desventura. O peito de James tinha sido coberto de ligaduras com bastante densidade, mas podia dizer que os cortes do lobisomem já estavam curando bem. Faziam comichão à medida que a pele se juntava. Viver no mundo dos bruxos era uma coisa notável, pensou ele. No entanto, apesar de todas as magias e poções, lembrou que o avô Weasley tinha morrido de um estúpido ataque cardíaco. James não se importaria de lidar com semanas de convalescência lenta e dolorosa se os alquimistas que tinham inventado os pensos de sutura Curaderme tivessem passado o seu tempo à procura de uma cura mágica para o ataque cardíaco.

- O que é que vamos dizer ao Merlim? - sussurrou Ralf para James enquanto comiam o café da manhã na cama.

James acenou com sua cabeça, nervoso.

- A verdade, suponho. Exceto a parte do Teddy. Como disse Petra, no que diz respeito às outras pessoas, fomos atacados por um animal selvagem qualquer. Só isso.

Ralf encolheu os ombros.

- Pensei que ele me ia deixar em pedacinhos.

- Bem que parecia que ele queria fazer - admitiu James. - Ralf, o Teddy não estava bem da cabeça. Ele estava translobado, em parte por causa do sangue lobisomem de seu pai e em parte por causa do sangue metamorfomago de sua mãe. Digo, é como disse Petra, ele ainda era o Teddy lá no fundo, mas sem qualquer controle do próprio Teddy. Ele não estava mesmo tentando *te matar*. Ele estava tentando vingar os pais dele. Você apenas é a coisa mais parecida com alguém para culpar que ele tem.

- Eu sei - respondeu tristemente Ralf. - A sério, eu não o culpo. Mas espera aí, isto quer dizer que eu também me vou tornar um lobisomem?

- Não - replicou James. - O Teddy não é lobisomem o suficiente para se transformar completamente sem usar as suas capacidades de metamorfomago. Definitivamente, ele não é lobisomem o suficiente para originar *mais* lobisomens. Você foi sorteado.

Ralf assentiu pensativamente.

- Ainda assim, acho que não me vou sentir muito confortável da próxima vez que o vir. Como é que é suposto ver a alguém depois de quase te terem arrancado o braço fora com os dentes?

- Se preocupa com isso quando chegar a hora, Ralf. Já temos que chegar para lidar no momento.

Mais tarde naquela manhã, madame Curio deu alta a James e Ralph de volta aos seus dormitórios, apesar de eles deviam voltar no dia seguinte para lhes removerem as ligaduras. Ainda não tinham acabado de sair da ala hospitalar quando se cruzaram com Rosa.

- Fomos convocados ao escritório do diretor - disse, com o seu rosto muito pálido. - Já. Venham logo.

Silenciosamente, os três percorreram o castelo, finalmente chegando à gárgula que guardava a escada em espiral.

- Senha - disse a gárgula, como se ela estivesse aborrecida.

- Hmm, eles a mudaram - disse Rose a James e Ralf. - A professor Heretofore disse-me a nova quando me disse que fomos convocados. Deixem-me pensar. Oh, sim... *Certh Hwynwerth*.

- Caramba - disse Ralf enquanto os três subiam as empinadas escadas. - Eu nunca lembraria *disso*.

Rosa assentiu com gravidade.

- Presumo que seja esse o objetivo.

- Talvez nem sequer esteja aí o Merlim - sussurrou James esperançoso. - Ele tem estado sempre viajando ultimamente. A Prof. McGonagall tem estado o substituindo.

Rosa olhou para James, um pouco desesperada. Bateu na grande porta de madeira que dava para o escritório do diretor.

- Entrem - respondeu uma voz funda, em eco. James e Ralf engoliram em seco simultâneamente. A porta abriu-se ponderadamente, crepitando um pouco. James ficou tenso, à espera que a sua cicatriz fantasma ardesse, mas isso não aconteceu, pelo menos não muito. Ele resistiu em tocar-lhe. Merlim estava sentado na sua escrivaninha massiva. À frente dele, sentado numa cadeira, James surpreendeu-se por ver Damian Damascus. Damian parecia escarmentado e dúctil, mas James não podia ter a certeza se ele parecia sincero ou se seria uma actuação. - O Sr. Damascus e eu temos estado discutindo a partida inesperada de ontem - disse Merlim, inclinando-se para trás na cadeira e entrelaçando seus dedos. - Ele tem sido amável de vir até mim por sua própria conta, proclamando alguma responsabilidade pelas suas ações. É possível que vocês os três possam comprovar a sua história?

- Er... - começou James, olhando de Merlim para Damian. - Er... sim?

Merlim assentiu lentamente.

- Continue, então. Conte-me a sua versão dos acontecimentos, Sr. Potter.

O olhar de Merlim veio de encontro a James, e no entanto James não reconheceu nenhuma malícia naqueles olhos fixos. James limpou a sua garganta, dando uma olhada a Ralf e Rosa à procura de apoio. Rosa assentiu para ele, com os olhos bem abertos. James disse:

- Bem, nós apenas queríamos ver Hogsmeade, senhor diretor. Sabíamos que não temos idade para ir nos fins de semana a Hogsmeade, mas não pensávamos... quero dizer...

- Não pensaram que as regras se aplicassem a vocês. - proferiu Merlim. - É essa a base da sua história, não é, Sr. Potter?

James engoliu através de um nó na sua garganta. O seu rosto enrubesciu.

- Eu... suponho que sim, diretor.

- Diga-me - proferiu Merlim, sentado para a frente de novo na sua cadeira, - como é que vocês arranjam maneira de entrar na vila sem serem vistos?

James olhou de relance para Damian de novo. O seu rosto permanecia uma máscara de arrependimento. De repente, James lembrou-se de qual era o papel de Damian nos Malignos; tinham discutido aquilo no início do ano. Damian era o bode expiatório oficial dos Malignos. Até agora, James ainda não tinha percebido exatamente o que isso significava.

- Hm... Damian nos mostrou o caminho? - disse James, ainda olhando para Damian e franzindo a testa nervosamente. - Ele encontrou a passagem secreta... hmm, certo?

Merlim suspirou.

- Sim, foi assim que o Sr. Damascus me contou.

Damian assentiu miseravelmente.

- Eu os instiguei, diretor. Eu lhes disse que não tinham a coragem para se esgueirar até à vila no próximo fim de semana em Hogsmeade. Eu simplesmente não estava pensando. Eu deveria ter suposto que eles seriam apanhados. Eu deveria *ter sabido* que eles seriam atacados por uma besta feroz e selvagem no caminho de volta, tudo por causa de metade de um sanduíche de carne! Estou doente com a culpa!

Damian desmoronou-se, enterrando a sua face nas mãos e chorando com arrependimento. Merlim simplesmente ficou a olhar para Damian, com os seus olhos penetrantes moderados, e as suas sobrancelhas levantada ligeiramente. Depois de um longo momento, retornou o seu olhar para James.

- Independentemente do desafio disparatado do Sr. Damascus, vocês os três deveriam ter pensado melhor. Não estou inclinado a ser gentil com vocês. Este tipo de comportamento descuidado não pode ser tolerado numa instituição que se orgulha da ordem.

Merlim olhou do alto da sua escrivaninha novamente, tomando com a caneta algumas notas. James deu uma olhada para Ralf e Rosa. Certamente iriam ter pontos deduzidos às suas Casas, e embora isso fosse mau o suficiente, não era o fim do mundo. Damien olhou para James de soslaio, ainda conseguindo parecer contorcer-se com culpa.

Sem olhar para cima, Merlim disse,

- Seu castigo será a dissolução do seu auto-proclamado Clube de Defesa, com efetividade imediata.

James olhou hesitante para Merlim, de queixo completamente caído. Rosa falou primeiro.

- Não pode fazer isso, diretor! - exclamou. - Isso seria punir todos os membros do clube tanto quanto a nós!

- Se bem me lembro, convenceram um primeiranista do clube a lhes acompanhar na sua aventura de ontem - afirmou Merlin, olhando com ferocidade.

- Cameron? - perguntou Ralf. - Ele *nos seguiu!* Tentamos nos livrar dele!

- Em qualquer caso, isto não faz com que eu me incline para confiar nas suas habilidades de liderança para tal clube.

James franziu a testa irritado.

- Mas não é justo para o resto do clube!

- *Justo* é um conceito estranho que esta era parece elevar acima de todo o resto - disse Merlin, acenando. - Na era de onde venho, uma "justa" era um lugar onde os animais da quinta e os servos eram trazidos e vendidos. Vocês podem querer se lembrar do que a palavra significa para *mim* antes de usá-la de novo.

- Mas diretor... - começou Rosa. Merlin a silenciou com um erguer da sua mão.

- Foi a minha palavra final - disse de forma absoluta. - Vocês podem ir. Isto lhe inclui também, Sr. Damascus.

Rosa virou-se, e Ralf seguiu-a. Damien levantou-se. Parecia que ele queria dizer algo ao diretor mas depois pareceu que tinha pensado melhor no assunto. Quando ele se virava para sair, lançou-lhe um olhar de aviso para James. Merlin observava James, com o seu rosto impenetrável. Finalmente, James também se virou e seguiu na direção da porta.

- James - disse uma voz moderada da fileira de retratos dos antigos diretores. James olhou para cima. O retrato de Severo Snape estava vazio, mas o retrato de Alvo Dumbledore tinha levantado a sua cabeça. Dumbledore olhou para James através dos seus óculos em meia lua, sorrindo com um sorriso pequeno e curioso. - Espere um momento, se você puder. Creio que o diretor queira falar com você a sós.

A porta do escritório ressoou enquanto se fechava, fazendo James saltar. Ele virou-se e Merlin estava logo atrás dele, como se fosse uma torre sobre ele.

- Tenho andado para ter uma conversinha com você, rapaz - disse o homem alto, a sua voz era baixa e temível. - Os seus amigos podem acreditar que sabem o que está acontecendo, mas suspeito que você concorda que a principal questão existe entre você... e eu.

James não sabia o que dizer. Olhou para cima para a cara impávida de Merlin, o seu coração começou a bater depressa. Merlin prosseguiu.

- Como sem dúvida você suspeita, muito pouco acontece dentro destas paredes de que eu não saiba. Você passou através do espelho, e eu só posso imaginar o muito que você aprenderia sobre mim e sobre o que aconteceu neste castelo. Além disso, você me apanhou em desvantagem, enquanto eu andava de e por entre esta nova era, aprendendo muito e gostando de pouco, e a única coisa de que *não posso* ter a certeza são as suas intenções e convicções. Você me preocupa, rapaz, e disso não há dúvidas. Não porque tenha medo de você, senão porque tenho medo do que você possa escolher crer. Há apenas uma coisa que me impede de te impedir no seu caminho neste preciso instante. Você gostaria de saber o que é?

A pergunta era retórica. James nem se preocupou em responder.

- É isto. - retumbou Merlim, levantando a sua mão e apontando diretamente à testa de James. - Sim - assentiu - eu consigo vê-la. Não sei de onde vem, nem porque arte foi conjugada. Talvez signifique que você é meu aliado, por estranho que pareça. Mas também talvez, te marca como meu inimigo. É essa questão e só essa questão apenas que existe entre nós, James Potter. Essa questão, pousada como um alavanca no fulcro de uma pedra muito pequena. E você sabe qual pedra é essa?

James não sabia. Começou a abanar a cabeça, mas depois lembrou-se de algo. Talvez viesse diretamente do olhar do diretor, uma vez que era uma memória de um outro tempo em que ele e Merlin tinham estado assim, falando em privado. Tinha sido na caverna do esconderijo de Merlim, depois da provação do cordão de ouro.

- Confiança. - disse James, a sua voz era muito seca. Soava acertado. Merlim assentiu devagar, significativamente.

- Eu estarei observando, James Potter. Como sabes, tenho olhos em *todo o lado...* - olhou para o lado, indicando o retrato vazio de Severo Snape. - A confiança apenas pode durar até à prova final ser revelada. Eu vou estar *procurando...* por essa prova.

Houve um clique suave e a porta do escritório do diretor abriu-se com um rangido. James olhou para ela. Ele estava dispesado, mas não conseguia levar-se a ir já. Olhou para o diretor, endurecendo-se com coragem.

- É verdade que não pode machucar ninguém dentro destas paredes?

Merlim sorriu muito ligeiramente para James. Virou-se de volta à sua escrivaninha, gesticulando em direção ao espelho mágico, acenando para sua moldura, coberta pelo denso pano escuro.

- Pergunta ao Lorde Hadyr - disse, atravessando a sala. - Depois, numa voz mais baixa, acrescentou - Ou à Lady Judith.

O pano negro vÔou de repente para fora do espelho, revelando a espiral de fumo mercurial. O fumo começou a clarear enquanto as páginas do Livro da Concentração se viravam de repente por conta própria, passando como se atacadas por ventos fortes.

- *Corra*, James - sussurrou o retrato de Dumbledore com violência. - Você não quer ver isto. *Corra!*

James virou-se tão rápido quanto pôde e abriu a porta. A porta bateu depois de ele passar, abanando a entrada. Ele parou no topo das escadas em espiral, ofegante e assustado. Estava completamente confuso com o que Merlim tinha dito. O diretor parecia pensar que James podia ser o seu inimigo, e no entanto não ele tinha a certeza. Certamente era terrível saber que a única razão pela qual Merlim não o atacara fora por causa da sua misteriosa cicatriz fantasma na sua testa. De alguma forma, Merlim conseguia vê-la, e não sabia de onde vinha. Mas se Merlim não a estava provocando-a, então quem estaria? E o que é que lhe estaria tentando dizer sobre o diretor?

- James? - chamou a voz de Rosa do fundo das escadas em espiral. - O que você está fazendo? Por que é que você demorou tanto?

James deu uma olhada de novo à porta fechada do diretor. Ele não sabia o que significava, mas tinha o terrível pressentimento de que tudo iria se tornar claro muito em breve. Esse fato por si só assustava-o mais do que qualquer outra coisa.

A pensar nisso, ele desceu a escada em espiral para se juntar aos seus amigos.



Nessa noite, James sentou-se na mesa no canto da sala comunal e tirou uma folha de pergaminho. Mergulhou a sua caneta, pensou por um momento, e então começou a escrever.

Querido pai,

Como estão as coisas em casa? Espero que a avó esteja se divertindo por estar no meu quarto. Certifique que ela não olhe embaixo da minha cama porque foi aí que eu e o Al escondemos aquelas taturanas que encontramos, e não me parece que as tenhamos chegado a limpar. Diz-lhe também para não olhar na prateleira de cima do armário. De fato, se ela não se aproximasse do armário no geral, todo mundo seria mais feliz.

Eu tenho ouvido as notícias sobre os ataques dos dementadores por toda a Londres, e ouvi dizer que o Ministério vai criar um novo departamento de Aurores para os parar. Ouve, é demasiado para eu explicar numa carta, mas esse trabalho vai ser muito mais perigoso do que parece. Uma coisa mesmo malvada chamada de Guardiã voltou com o Merlim, e pensamos que isso esteja usando os dementadores para se alimentar do medo das pessoas. Se você quer saber mais sobre o assunto, pergunta à prima Lúcia. Ela foi pesquisar à biblioteca mágica por nós, portanto ela sabe um monte sobre isso. Você tem que ter cuidado porque é mesmo, mesmo poderoso, muito mais poderoso do que qualquer outro dementador... e está à procura de um hospedeiro humano para obter o poder de que precisa para ficar por aqui e destruir tudo.

A propósito, pai, você se lembra de um anel que o Dumbledore te deu? Poderia não ter sido um anel, senão uma pedra. Acho que já ouvi falar sobre ele, quando você andava nos bosques lutando contra o V. Alguém me disse que tinha lido sobre ela naqueles livros que foram publicados sobre a sua vida, e diz que era chamada de Pedra da Ressurreição. De qualquer forma, preciso te perguntar... o que é que lhe aconteceu? Rosa, o Ralf e eu achamos que pode ser mesmo muito importante para nos livrarmos do Guardiã. Prometo não contar a ninguém. Exceto à Rosa e ao Ralf. E talvez ao Zane se pensarmos que ele pode ajudar. E talvez ao Cameron Creevey uma vez que foi ele que nos lembrou disso naqueles livros. Mas mais ninguém, tá bem?

Obrigado pai,

Te amo,

James.

P.S.: Você e a mãe já encontraram o Mapa M., a Capa I. e o meu boneco vodu?

James selou a carta dentro de um envelope e começou a metê-lo na sua mochila. Parou subitamente, ponderando se teria tempo par mandar a carta naquela noite em vez do dia seguinte. Verificou o relógio e viu que ainda só eram nove. Ele tinha tempo de ir ao corujal e sabia que iria dormir melhor sabendo que a carta já estava na pata de Nobby, no caminho de casa de seus pais. Rosa já tinha ido para a cama e Ralf estava nos aposentos da Sonserina, portanto James decidiu ir sozinho. Ele enfiou a carta no bolso e passou pelo buraco do retrato.

Quando James subiu os degraus estreitos para o Corujal, a lua tinha-se tornado uma grande e completa esfera. A sua face gelada iluminava o interior do corujal com luz prateada, brilhante o suficiente para se ver as redondezas. James encontrou Nobby e parou para afagá-la.

- Tratam você bem aqui em cima? - perguntou James.

Nobby fechou o bico e abanou as penas luxuosamente. James notou que os cantos do chão do corujal estavam repletos de esqueletos de roedores.

- Parece que você se dá bem aqui em cima, né? - disse James, sorrindo. A grande ave pareceu concordar. Baixou a cabeça por baixo da mão que a afagava, limpando o bico. Após um minuto, James tirou a carta do bolso. Colocou-a cuidadosamente na pata de Nobby com um pedaço de fio.

- Isto é muito importante, Nobby - explicou James. - Leva-a ao papai assim que possível, certo? E espera para ver se ele escreve de volta. Se ele escrever, traz a resposta com você quando voltar.

Nobby bateu com o bico outra vez e abanou-se no poleiro, obviamente ansiosa pela partida. Assim que James soltou a sua pata, Nobby abriu as asas. Balançou por um momento, e depois deu impulso para cima, batendo as asas em direção às enormes janelas do corujal. Deu uma volta, perturbando algumas das outras corujas nos seus poleiros, e então, com um movimento da sua cauda parecido com o de um leme, desapareceu.

James sentiu-se muito melhor. Retrocedeu os seus passos para fora do corujal e desceu a escadaria estreita. Quando chegou ao corredor abaixo, parou. Os corredores estiveram praticamente desertos durante a sua caminhada para o corujal, mas agora alguém estava de pé no corredor escuro, olhando através de uma das janelas altas. James pensou que era particularmente estranho porque o corujal não ficava perto de nenhuma das salas comunais. A figura era uma silhueta contra a luz da lua cheia do lado de fora da janela. James apenas conseguia dizer que a figura era uma garota com

um cabelo longo. Sentiu uma estranha e efêmera sensação de esperança de que fosse Petra, mas não lhe pareceu que fosse. Ele percorreu o caminho ao longo do corredor e a garota não se moveu à medida que ele se aproximava. Quase que a tinha passado quando ela falou sem se virar.

- Um pouco tarde para enviar correio - meditou. - Deve ser bastante importante, James.

O sangue de James congelou. Era Tábita Corsica.

- E o que você se importa? - perguntou sem sair do lugar. Ele planejava deixá-la com isso, mas as suas palavras seguintes o fizeram parar.

- O Guardiã não vai ser parado, você sabe - disse ela casualmente, dando meia volta para olhar para James por cima do ombro. - Não importa a quem você o diga. É tarde demais para isso.

James estava estupefato. A sua mente corria tanto que ele não sabia o que dizer. Como é que a Tábita Corsica poderia saber do Guardiã? Nem ele, Rosa ou Ralf tinham dito a ninguém sobre isso. Mas enquanto ele se perguntava, apercebeu-se que a resposta era muito óbvia. Tábita sabia do Guardiã porque fazia parte do complô para controlá-lo, para soltá-lo na Terra. Simplesmente não havia outra explicação.

Tábita virou-se em direção à lua. Ela enconstou-se confortavelmente na base de pedra da janela.

- Você acredita que controla o que está acontecendo, certo? Você se convenceu de que entende todas as implicações da Maldição do Guardiã. - riu suavemente. - É isso que eu adoro nos Potter. Vocês vêm todo o mundo da maneira mais simples. De alguma forma, falham os pormenores essenciais e a visão global. Nunca foi mais óbvio do que agora.

James começou a falar, mas a sua voz soava fria e assustada. Limpou a garganta e tentou de novo.

- Você está aqui para me impedir?

- Impedir você? - replicou Tábita, ainda sem se virar. - Impedir você do quê? Você não me ouviu? É tarde demais para parar alguma coisa. A descida do Guardiã foi conseguida. O seu dia está para chegar. Só há mais uma tarefa a ser completada, e essa tarefa já está praticamente concluída. Só estou aqui para me vangloriar, James. Queria ver a sua cara quando você descobrisse que o seu mundo está prestes a acabar.

Finalmente, Tábita virou-se completamente. James deu um passo involuntário atrás. Ele nunca tinha visto Tábita assim. Seu cabelo estava esticado e a sua face parecia

muito pálida, até mesmo magra. Os seus olhos estavam tingidos de vermelho, ávidos e famintos.

- Sim - suspirou, inclinando-se ligeiramente para a frente. - É essa a expressão de que eu esperava. Você consegue ver agora, não consegue? A Maldição do Guardiã finalmente está prestes a realizar-se, mas não é uma maldição para *todos*. Vai acabar com o seu mundo, e com o deteriorado mundo dos trouxas, mas não será uma maldição para aqueles que têm permanecido puros de coração. Será uma *bênção* para nós. Salazar Slytherin sabia no seu tempo, quando orquestrou este dia. A descida do Guardiã obedece à era da perfeição dos sangue-puro! Nunca mais seremos algemados pelas leis de governos fracos, nunca mais viveremos à sombra dos indolentes trouxas, escondidos como escaravelhos debaixo de uma rocha. Para nós, o Guardiã é o mensageiro da *supremacia!*

James deu outro passo atrás, enfraquecido pela ferocidade naquele olhar maléfico.

- Você... você não pode realmente acreditar nisso - gaguejou. - *Ninguém* controla o Guardiã. Ele trará a perdição para tudo e todos. Até o seu médium será morto no fim.

Tábita sorriu lentamente.

- É curioso que você acredite que ninguém possa controlar o Guardiã. No entanto, eu sei o *porquê* você está preso a essa crença. Você persiste confiante em Merlino Ambrósio, cuja presença nesta época é um feito *seu*. Você se convenceu de que, no fim das contas, ele *não* estaria de *nosso* lado. Isto te oferece um fio de esperança, não é?

James assentiu. Não o sabia até àquele momento, mas Tábita tinha razão. Na parte mais funda do coração de James, ele *confiava* em Merlim. Ele não sabia exatamente porquê, mas fazia-o. Apesar das suas dúvidas e medos e apesar de todas as provas em sentido contrário, James simplesmente não acreditava que Merlim usasse a Pedra Chamariz para o mal. Acreditava que Merlim a usaria para batalhar com Guardiã mesmo que fosse uma batalha perdida.

Tábita sorriu indulgentemente.

- Cultive essa esperança por tanto tempo quanto você possa James - disse ela, quase sussurrando. E quando o Guardiã for nosso, quando o Merlim entregar a pedra e se juntar a nós, espero que eu possa estar lá para ver a luz dessa esperança morrer nos seus olhos. Espero mesmo.

James finalmente começou a sentir alguma raiva. Levantou-se a toda a sua altura e deu um passo em frente.

- Você está mentindo - disse firmemente. - Você está só tentando me assustar. Você sabe que os seus planos *podem* ser parados também. E *ainda* não é tarde demais, independentemente do que você possa dizer. Você pode contar a quem quer que seja que te tenha metido nisto que você já me passou a mensagem, por todo o bem que fez. Mas não vou desistir. Encontraremos outras maneiras de ter a outra metade da Pedra Chamariz.

O sorriso de Tábita desvaneceu enquanto James disse isto. Ela olhou para ele como que desorientada. E então, devagar, o sorriso voltou, amanhecendo no seu rosto como o nascer do sol.

- A *outra metade* da Pedra Chamariz? - disse com divertimento na voz. - Você ainda não percebeu, não é? Não importa que você esteja cheio de vitalidade e vigor! Meu querido James, *nós já temos* a outra metade da Pedra Chamariz! Tem estado na nossa posse há anos! Usamos nossas artes para procurá-la. Não foi particularmente difícil, você sabe. O seu pai simplesmente deixou-a cair na Floresta Proibida. Ele deixou-a para qualquer um a encontrar se tivesse alguma pista de onde procurar. Eu estava aí na exata noite em que foi tirada da terra! - Tábita riu de novo, ligeiramente, e ainda assim James ouvia um som de loucura nele. Ela parou, inspirou e abanou a sua cabeça. - Você é terrivelmente desafortunado, James. Mas, hã! Era sobre *isso* que era a carta para o seu pai, não é? Você estava lhe perguntando onde estava a pedra! Oh, realmente tenho pena que você tenha desperdiçado o seu tempo. Mas agora você vê o quão precária é a situação, não é? É apenas uma questão das famosas lealdades instáveis de Merlim. Isto deve ser deliciosamente excitante para você!

A fúria de James não se abalou frente a esta revelação. Se tinha acontecido algo, se teria intensificado.

- Não acredito em você, Corsica. Você dirá qualquer coisa só para me impedir de trabalhar em contra você. Não resultará! Mesmo que vocês tenham *realmente* a metade da Pedra Chamariz, Merlim não irá se juntar a vocês. Eu não deixarei! Portanto, diga aos seus parceiros que eu recebi sua mensagem, e que eu lhes digo para a enfiar lá onde o sol não bate.

Com isto, James girou nos calcanhares e começou a sair dali. Depois de alguns passos, parou e olhou para trás.

- E te direi mais uma coisa, e isto é só para ti, Corsica: sei que você pensa que tem o meu irmão embrulhado à volta do seu dedo, mas se você o envolver nisto de alguma forma, eu irei *pessoalmente* atrás de você. E não pense que eu não o farei.

- O Alvo? - disse Tabitha, o sorriso de novo ficou desaparecido da sua face. - Acho que ele já é grande o suficiente para tomar as suas próprias decisões, não te parece?

James semicerrou os olhos e assentiu devagar.

- Você pode crer que ele o é.

À medida que James se virava de novo e seguia, Tábita chamou para ele:

- Alimenta essa esperança, James... Alimenta-a por tanto quanto você possa...

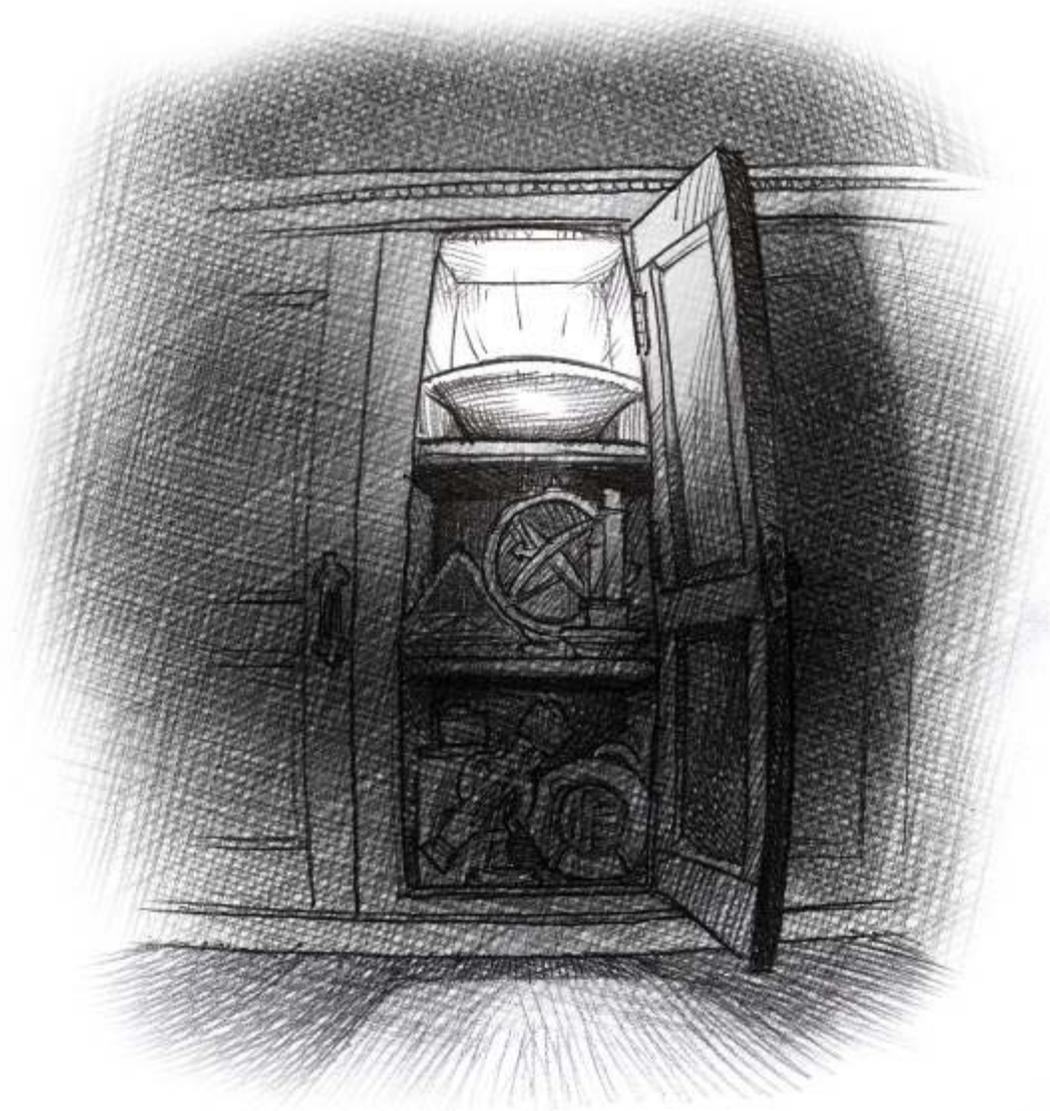
James estava tremendo quando trepava de novo pelo buraco do retrato. O encontro com Tábita tinha-o enervado profundamente apesar das suas palavras corajosas. Era tudo muito avassalador. Seria verdade que o pai de James simplesmente teria deixado cair a Pedra da Ressurreição na Floresta antes do seu confronto com Voldemort? E se a Tábita e a sua corte de companheiros secretos já tivessem realmente a metade da Pedra Chamariz, que esperança haveria? James apercebia-se agora que, apesar de tudo, *confiava* em Merlim não se alinharia do lado do mal. Mas seria Merlin digno de confiança, ou que James simplesmente não conseguia enfrentar a possibilidade de que o famoso mago pudesse trai-los? Com um arrepio, ele lembrou-se que Judith, a Dama do Lago, também tinha confiado em Merlim, até ao ponto em que ele a tinha matado. Estranhamente, perante tudo isto, tudo o que James queria era ir para a cama e dormir.

Subiu até ao dormitório, despiu as roupas e meteu-se na cama. A lua brilhava através da pequena janela ao longo de todo o quarto, apontando aos seus olhos. James rolou para o lado, puxando a almofada para cobrir o seu rosto. Só quando estava quase adormecido, precisamente quando todos os seus pensamentos começavam a parar, que uma pergunta final e estranhamente preocupante lhe surgiu. James levantou-se, olhando pela janela para a luz prateada da lua, enquanto a pergunta se repetia na sua mente: *como é que a Tábita Corsica sabia que ele estava no corujal?*

James fixou o seu olhar na lua, mas esta não ofereceu quaisquer respostas. Voltou-se para a sua almofada. Finalmente, eventualmente, adormeceu.

- CAPÍTULO 17 -

A Linhagem



A semana seguinte pareceu passar como se impulsionada pela inércia de um trem de cargas. À medida que o final dos estudos chegava ameaçadoramente, a biblioteca estava cada vez mais cheia. Os estudantes mais velhos movimentavam-se como uma espécie de nevoa acelerada, estudando e praticando um com o outro, temas que James apenas podia entender. Inclusive os Malignos pareciam

tensos. Noé, Sabrina, Damian e Petra estavam sentados no sofá na frente do fogo, rodeados por pergaminhos soltos, livros e pacotes de doces. James acenou para eles quando passaram a seu lado, no caminho da biblioteca.

- Ei, Damian - disse ele, - obrigado pelo outro dia no escritório do diretor.

- Somente fiz meu trabalho - resmungou Damian, com a cara enfiada em um livro enorme de gráficos de estrelas.

Enquanto ia para a biblioteca, James repassou os acontecimentos dos dias anteriores. Todo se passava tão rápido que estava difícil seguir os acontecimentos. Na segunda-feira, James havia informado para Escórpio que a ele, Ralf e Rosa lhe foi ordenado fechar o Clube de Defesa como castigo por ter fugido para Hogsmeade. Escórpio se mostrou estar estranhamente imperturbável.

- Uma pena que não vocês possam seguir assistindo - disse despreocupado, olhando por cima de seus óculos e do livro que estava lendo.

- Não acredito que o entenda - disse James, sentando-se. - O clube foi desmontado. Merlin ordenou.

Escórpio baixou o seu olhar de novo para o livro, mudando de página.

- Eu entendo muito bem como desejo. Por que até o meu conhecimento, vocês três estão proibidos de liderar o clube. Como co-professor, não tenho nenhuma intenção de fechá-lo. Posso até trocar o nome se for necessário. O chamaremos, de, oh, a "Armada de Escórpio".

- Isso não tem graça - disse James, sacudindo a cabeça.

- Não? - replicou Escórpio. - Ora, e eu que levei a noite toda pensando nisso. Que idiota.

James pensou durante um momento, e depois perguntou quedamente.

- Você estava falando sério quando falou que vai seguir ensinando no clube? Mesmo que Merlin acredite que já esteja fechado?

- Certamente não sei o que você quer dizer - respondeu Escórpio. - Se o diretor determinou que o Clube Defesa deve ser desfeito, então ele deixará de existir. É uma pura e simples coincidência que eu, junto com o Espectro do Silêncio e a Dama Cinzenta, fosse ensinar em um clube completamente *novo* que se reunira no mesmo lugar e no mesmo momento para estudar os mesmos temas. Estou seguro que o diretor reconhecerá a diferença.

James chacoalhou a cabeça, sorrindo torvamente.

- Na realidade, filho de peixe, peixinho é, né? Você é tão liso como um bagre.

- Ser assim liso como um bagre como você disse é só ter a capacidade de pensar rodeando os recifes - disse Escórpio, voltando para o seu livro. - Isso me foi ensinado por meu pai.

James começou a se levantar, mais logo se deteve e voltou a olhar para o menino pálido.

- É verdade que Cedrico o faz chamá-lo de o "Espectro do Silêncio".

Escórpio arrumou os óculos.

- Quem sou eu para discutir a escolha do nome de um fantasma?

Ao que parece, Escórpio tinha palavra. Na terça-feira à noite James, Rosa e Ralf estavam andando nos corredores pelo caminho do ginásio. Como era de se esperar, quando passaram junto à porta de cristal esmerilado e polido, podiam ouvir os sons do clube, praticando e ensaiando debaixo da paciente tutela da Dama Cinzenta.

Os preparativos para *O Triunvirato* também aceleraram o passo. Os tramoieiros de Jason Smith estavam trabalhando no dobro, tendo que construir a maioria dos cenários e elementos de adereços, incluindo uma enorme maquina de vento que funcionava a pedais. Gennifer Tellus comandava fervorosamente sua equipe de figurinistas, fazendo todos os ajustes, alterações e detalhes de ultima hora. Josephine Bartlett tinha se recomposto depois de sua azararão de vertigem o suficiente para subir ao cenário, embora não pudesse se aproximar da borda sem ficar atordoada. Porém, um contingente de meninas corvinais tinha começando uma campanha bastante irritante para restaurar Josefina no papel de Astra. Para isso, elas tinham pintado um monte de cartazes e colocado abaixo-assinados em vários quadros de avisos. Os abaixo-assinados não tinham acumulado muitas assinaturas, no entanto, com exceção da comitiva de Josefina, inclusive o resto dos corvinais apoiavam Petra para o papel em segredo. Na sua opinião, James ficou impressionado ao compreender que tive aprendido quase todas as suas frases. Houve um tempo que ele considerasse que isso seria quase impossível, mas os persistentes ensaios e leituras noturnas aparente tinham funcionado. Noé e Petra pareciam ter momentos carinhosos e outros momentos frios durante os ensaios, obviamente refletindo a sua tumultuosa relação em andamento. James ainda não tinha praticado a sua cena do beijo com Petra, mais eles tinham lido as frases uma dezena de vezes. A professora Curry asseverava que não tinha necessidade de um beijo real, somente eles encostariam-se na bochecha do outro. Eles estariam contra a luz para o publico, e as luzes se pagariam no momento do beijo, terminando assim o terceiro ato. No entanto, para grande desilusão de James, se via obrigado a obedecer às diretrizes de

Tábita Corsica sempre que a professora Curry não estava perto. Ela parecia sentir um perverso prazer em obrigar James a recitar seus monólogos uma e outra vez, criticando-o constantemente e menosprezando-o na frente dos outros atores e a equipe. Enquanto James suava pelo calor das luzes do cenário, relendo o seu discurso pela décima vez, sua aversão ao bonito e arrogante rosto de Tábita se intensificava ao ponto de chegar a um ódio intenso.

A temporada de quadribol tinha acabado finalmente com uma esmagadora vitória de Lufa-Lufa contra Grifinória, dando como resultado dias de implacável zombaria da parte dos lufa-lufanos e respostas rabugentas dos grifinórios. Para comemorar a primeira temporada de apanhador sonserino, Tábita ao que parece tinha lhe presenteado aquela vassoura com a que ela tinha voado toda a temporada, a mesma vassoura misteriosamente amaldiçoada que tinha causado tantos problemas para James, Ralf e Zane no ano passado. James apenas podia acreditar que Tábita tinha renunciado à sua vassoura, mais ele também sabia que o propósito de todo o assunto era unir mais Alvo com os seus comparsas de Casa. E também, se Tabitha tinha regalado algo tão poderosa como essa vassoura, isso só podia acontecer por que ela estava com algo mais poderoso em suas mãos.

E então, na mesma manhã, James recebeu finalmente uma resposta por carta de seu pai. Ele a leu no café da manhã desarrumado já que Ralf e Rosa estavam pregados no seu ombro.

Querido James,

Lamento pela tardia resposta, mais tendo estado terrivelmente ocupado com esse novo departamento de aurores. Nós chamamos Kingsley para que nos de uma ajuda, e tem sido de grande ajuda organizando e preparando as equipes de campo com quem ele contará. Você acredite ou não, até Q. Debellows tem oferecido a sua ajuda. Pois resulta que os Harriers se enfrentaram uma vez a uma colméia similar de dementadores na Hungria. Vítor tem seu esquadrão preparado, se acaso precisar, assim que isso é um alívio.

Isso nos leva ao assunto desse Guardião. Nossos investigadores do Ministério já começaram a reunir detalhes. Temos o velho Dunga Fletcher em custódia preventiva, e ele nos comunicou por escrito que a gente que orquestrou a

conspiração do ano passado e perseguia coisa grande como isso. Temos bastante confiança de que toda essa estória de “A Maldição do Guardião” não seja mais que um invento para assustar a população. O E.P está trabalhando secretamente ainda para desestabilizar o mundo mágico, e o que melhor que fazer do que inventar uma nova e grave ameaça que o Ministério não seja capaz de deter, né? Não se preocupe. Teremos os melhores nisso, incluindo a mim. Até mesmo desse modo, não vamos correr risco, não é verdade? Se realmente há alguma coisa detrás disse aparte de um monte de dementadores rebeldes e trapaceiros, teremos cuidado e vamos averiguar. Ao que refere a Pedra de R., sempre você pode perguntar para mim tudo o quiser, James. Diga a seu amigo Cameron tem razão sobre a pedra e que me recordo bem de seu tio. Depois que a usei na Floresta aquela noite, a deixei cair. Eu já não a necessitava mais e estaria melhor para o mundo mágico estar perdida. Suponho que ela ainda esta por aí fora em alguma parte, mas provavelmente nem mesmo eu poderia encontrá-la outra vez. Recomendo-te ferreamente que não vá para a Floresta a procurá-la. Só lhe traria problemas. Deixe a seguir perdida, tudo bem?

*Com amor,
Seu pai.*

P.S.: Não, ainda não há nem rastro do desaparecido, mas honestamente, não tenho tido muito tempo para procurar isso. Mamão e a vovó lhe mandam lembranças. A sua avó fica no quarto de Alvo, assim que você não tem no que se preocupar. Te verei em algumas semanas.

James chegou à escura biblioteca e vagou através dos corredores e prateleiras até encontrar Ralf e Rosa, que estavam absortos em uma profunda conversa. Deixou cair a sua bolsa na mesa e sentou ao lado de Rosa.

- Nós estávamos falando com Zane faz pouco tempo - anunciou Ralf. - Apareceu aqui mesmo na biblioteca. Ele fez a professora Heretofore ficar com uns dez tons de raiva. Ela negou a nos deixar lançar-lhe algum feitiço para manter sua proteção, mais pelo menos ele pôde passar uma rápida mensagem.

James se inclinou para frente.

- Qual era?

- Ao que parece foi ver Madame Delacroix em pessoa - disse Rosa com a voz baixa. - Está bastante pirada, mas ele obteve dela alguma informação útil sobre o que poderiam fazer as pessoas incorretas com seu boneco de vodu.

- O quê? - perguntou James, ansioso. - Conta logo!

- Exatamente isso - replicou Ralf, curvando a mão até que esta tomou a forma de um zero.

- Mais ou menos - adicionou Rosa, olhando fixamente para Ralf. - James, seu pai tinha razão quando disse que o vodu funciona de maneira diferente do que nos filmes de trouxas. Ao que parece, é principalmente psicológico. Furar um boneco vodu no coração não mata o sujeito, mas pode fazer sentir triste e sozinho.

- O que lhe dê pirose - Ralf gracejou.

Rosa revirou os olhos.

- A questão é que nada pode fazer danos físicos com o boneco vodu. Pôde fazer você *acreditar* que sente dor, ou certas emoções, mas somente isso.

James exalou um enorme suspiro.

- Bom, isso é um grande alívio, suponho.

- Mesmo assim - perguntou Ralf, - quem você acredita que possa ter isso?

- Provavelmente ninguém - respondeu James. - Não estava com a Capa e o Mapa. Estava simplesmente no criado-mudo de minha mãe. Provavelmente só se perdeu em casa, como disse meu pai.

- Talvez Tábita o tenha! - sussurrou Rosa conspiradoramente. - Talvez ela não saiba que não pode te fazer dano com ele! Provavelmente esta ficando louca se perguntado por que não funciona!

James sacudiu a cabeça.

- Esse é uma idiotice, Rosa. Tábita não teria alguma forma de consegui-lo mesmo que saiba que exista. Nunca falei nada dele a ninguém tirando a vocês e Zane. Além do mais, Tábita não precisa de um boneco vodu para chegar a mim. Poderia ter lutado comigo nessa noite no corredor. Obviamente ela não tem intenção de atacar-me com magia ou coisa assim.

- Pelo menos ainda não - resmungou Ralf. De repente, um assobio baixinho atravessou o ar. Não era particularmente alto, mas o suficiente para perturbar os alunos que estudavam perto. Na mesa do lado, Asla Doone levantou o olhar com curiosidade, buscando a fonte do barulho.

- O que é isso? - ofegou Rosa. - Ralf, acredito que vem da sua mochila!

Ralf levantou-se da cadeira para pegar a sua mochila. Tão logo ele a abriu, o barulho ficou muito mais alto.

- É o bisbilhoscópio de Trenton! - disse Ralf, pegando o instrumento de sua mochila. O barulho aumentava em tom e volume.

- Senhor Deedle - chamou estridentemente uma voz. James virou-se e viu a Prof. Heretofore aproximando-se pelo corredor, com os seus traços agudados enrugando a sua testa. - Quantas vezes você vai insistir em bagunçar a biblioteca?

- Desculpe-me - disse Ralf, ainda manuseando o bisbilhoscópio. - Deve estar quebrado. Não quer desligar!

A professora Heretofore sacudiu a cabeça com desdém. Sacou a sua varinha e a ondeou habilidosamente. O bisbilhoscópio emitiu um súbito chio e ficou em silêncio.

- Aí está - disse ela venenosamente. - Apagado. Agora, por favor, vocês três abandonem a biblioteca. Se eu ver vocês durante o dia, serão descontados pontos de suas Casas, incluindo você que é membro de minha casa, Sr. Deedle. Agora, vão embora.

- Estúpido pedaço de lixo - resmungou Ralf quando eles se dirigiam para porta. Meteu o bisbilhoscópio na sua mochila e a colocou no ombro.

- Não estava funcionando mal - disse uma voz. James levantou o seu olhar quando Escórpio colocava junto a eles, saindo da biblioteca. - Fazia exatamente o que ele tinha que fazer.

- Nos enxotar da biblioteca? - perguntou Ralf zombadoramente.

Escórpio baixou a voz.

- Não, Deedle. Alertar da presença de gente que não é de confiança.

James franziu a testa para Escórpio.

- O que você quer dizer?

- Aqui não - disse Escórpio. Sigam-me. Contarei o que puder no caminho.

Durante vários minutos, Escórpio conduziu James, Ralf e Rosa através de corredores silenciosos. Finalmente, chegaram à parte velha do castelo que raramente era utilizada. Cheirava sutilmente muito a mofo. Eles não se encontraram com mais ninguém nos corredores.

- Tenho o conhecimento que você teve uma conversa muito reveladora com "Tabby" - disse finalmente Escórpio, olhando para James enquanto caminhavam.

- Como sabe disso?

- Ouvi coisas - respondeu Escórpio vagamente. - Tábita de algum modo se convenceu de que eu sou um sonserino disfarçado. Ela acredita que eu detesto todos vocês e por conseqüência estou do seu lado.

- Também você *me* enganou durante um tempo, você sabe? - admitiu James. - Minha cama ainda tem gravado "Estúpido Potter Chorão".

- Aonde vamos, Escórpio - perguntou Roa com receio. - Parece como se nós fossemos para o mesmo lugar onde encontramos o Espelho de Ojesed.

Escórpio assentiu com a cabeça.

- Lá vamos, Weasley. Você não deixa nenhuma passar.

- Escórpio - disse James, entrecerrando os olhos, - se não te conhece-se bem, eu diria que você está nervoso.

Escórpio parou repentinamente no corredor. E girou de cara para os outros três.

- O que vou fazer vai contra meu bom juízo - disse com a voz baixa e seria. - Se meu avô souber o que estou a ponto de mostrar para vocês, provavelmente me mataria, e não é exagero.

- Quê, Escórpio? - perguntou James, baixando a sua própria voz, ficando na mesma altura do menino pálido. - Sabe de algo?

Escórpio afastou o olhar.

- Vocês se lembram quando disse que eu não tinha visto meu avô fazia mais de um ano? Que se escondia, até do resto família?

James e Rosa afirmaram. James disse.

- Não está certo? Não está escondido?

- Sim, ele está escondido. Mas não está certo que eu não o tenha visto. Eu tenho lhe visto bastante.

Escórpio suspirou e olhou para James, Ralf e Rosa.

- Começou faz dois anos. Eu odiava a forma que meu pai estava dando de costas na sua criação. A razão de que ele começasse estudar os fundadores foi averiguar a verdade sobre Salazar Sonserina. Ele havia sido criado acreditando que Sonserina era um pensador revolucionado e um herói, mas quanto meu pai estudava, mais ele começava acreditar que Sonserina era simplesmente um louco e ávido por poder. Quando eu era muito jovem, meu pai e meu avô tiveram uma séria briga a esse respeito. Eles terminaram com varinhas em mão. Para mim era desgostoso que meu pai tenha renegado a sua herança familiar. Uma vez que meu avô deserdou meu pai, se mudou para uma localização oculta, decidi unir-me a ele e mostrar a minha lealdade. Minha

mãe ajudou a localizar meu avô Lúcio. Ele se alegrou bastante de que eu fui visitar em segredo. Me falou de seus planos. Sim, sei o do Guardiã, e como chegou a descer sobre o mundo. Sei que meu avô acredita que levava a solução final de Salazar Sonserina, dando à luz um mundo perfeitamente de sangue-puro. Mas quanto mais eu escutava meu avô, mais compreendia que ele tinha ficado completamente louco. Ele e seu sócio, Gregório Tyrannicus. Gregório foi uma vez membro da realeza mágica na Romênia, mas perdeu o poder e encheu as paciências de sua própria família e o enxotaram. Ele e meu avô Lúcio farão o que seja para recuperar esse poder, e mais ainda. Realmente eles pretendem controlar um novo reino de sangue-puro com o Guardiã como seu braço forte.

- Eles acreditam mesmo que podem controlá-lo - ofegou Rosa. - Estão loucos!

- Estão loucos, sim - respondeu Escórpio. - Mas quem disse que não podem controlá-lo? Sim podem ficar com as duas metades da Pedra Chamariz, podem, de fato, serem capazes de protegerem a si mesmos e a seu reino do Guardiã, e mesmo ainda que este lhe odiasse eles, e se não serem cuidadosos, serão rapidamente destruídos por ele.

- Então o que você quer nos mostrar-nos? - perguntou James, reafirmando a mandíbula. - O que é que seu avô não quer que nos saibamos?

Escórpio parecia lutar consigo mesmo. Seus olhos estavam fixos em James, e seus lábios apertados. Finalmente, sinalizou com a cabeça.

- Vamos - disse, e deu a volta rapidamente.

Eles caminharam um pouco mais até que chegarem a uma enorme e pesada porta. Escórpio pegou uma chave de latão enferrujada e com ela girou a fechadura.

- Meu pai me deu essa chave para que eu pudesse ajudar você para voltar através do espelho, Potter - explicou Escórpio, empurrando a pesada porta. - Não sei como chegou à posse dele, mas suspeito que tem algo a ver com uma das menos conhecidas tendas de uma escura esquina da Travessa do Tranco. Ainda assim, duvido que nem meu pai suspeita a que mais essa chave me daria acesso.

- Qual é a grande coisa de tudo isto? - perguntou Ralf, enquanto eles entravam de novo no incômodo armazém. O espelho de Ojesed mostrava seus reflexos e sua superfície cheia de pó. Ao redor havia caixas de madeira, baús e armários fechados à chave.

- Não olhem atenciosamente demais o espelho - disse Escórpio, passando por ele e aproximando-se a um dos armários. - Sem seu Livro da Concentração, só mostrará distrações. A verdadeira surpresa está aqui.

- O que *são* todas essas coisas? - perguntou Rosa, olhando lentamente ao redor. - Eu acreditava que era somente um monte de coisas velhas quando estivemos aqui pela última vez, mas isso foi antes de saber quanto era poderoso o espelho e de onde vinha. Ninguém teria encaixotado um montão de coisas velhas aleatoriamente.

Escórpio girou um trinco solto de um dos armários e abriu a porta.

- Tudo isso - ele disse, virando-se para olhar para Rosa, - é o conteúdo que estava no escritório de Alvo Dumbledore quando ele era diretor. Testou a maior parte ao seu irmão, Aberforth, mas quando Aberforth morreu, ele o testou de volta à escola. E tem estado armazenado aqui desde então, até mesmo escondidos dos novos diretores de acordo com as instruções de Aberforth. O velho Aberforth não era o tipo mais confiante de que você poderia encontrar. Nunca o teríamos encontrado se não tivéssemos utilizado sinal de Corvinal para localizar o espelho.

- Uau - suspirou James com respeito. - Aposto que meu pai se encantaria de saber desse lugar. Ele e Dumbledore eram muito unidos. Olhem. Este é o poleiro de Fawkes, a fênix? Aposto que sim!

- Estas coisas devem ser realmente valiosas - disse Rosa, pegando um pesado livro de uma mesa. - A maioria desses livros são os únicos de sua espécie. Estão impressos em mão e ilustrados...

- Todo isso está muito bom - disse Escórpio, chegando para um lado e gesticulando para o armário. - Mas isso é pelo qual eu os trouxe aqui.

Ralf e James bisbilhotaram mais perto do armário, confusos pela exposição de ferramentas empoeiradas e antigos dispositivos e artefatos. Um grande objeto de forma de tigela em uma estante acima emitia um brilho pálido. Rosa arquejou, com os olhos muito abertos.

- Isso é a Penseira? - sussurrou ela. A Penseira de Dumbledore?

Escórpio concordou com a cabeça.

- Eu vim aqui uma vez pela minha conta, na noite anterior da volta de James. Eu escapuli do dormitório e utilizei o sinal de Corvinal para encontrar este lugar. Queria ter certeza que realmente existia. Quando a encontrei, explorei um pouco e achei a Penseira. Contem muitas das lembranças do diretor Dumbledore, e de Severo Snape também, já que aparentemente, Snape a guardava no escritório do diretor e a utilizou depois da

morte de Dumbledore. Eu sabia que as lembranças estavam bastante desbotadas e nebulosas agora que Dumbledore e Snape estão mortos, mas havia algumas lembranças das que eu sentia uma particular curiosidade. Meu avô Lúcio já me tinha contado o seu lado da história, mas eu queria ver se as versões de Dumbledore e Snape eram diferentes. E eram... um pouco.

James baixou um pouco a voz.

- Quais eram essas lembranças, Escórpio?

Escórpio olhou de novo para James nos olhos. Ele não piscou enquanto respondia.

- Eram algo que meu avô e Gregório chamam de “a linhagem”. Sobre quem é a linhagem de Voldemort e como chegou a ser.

Houve então um momento de perfeito silêncio, e depois, firmemente, James disse:

- Quero ver.

Escórpio concordou.

- Pensei que gostaria de ver - gesticulou para a lustrada tigela que brilhava amavelmente.

- Como funciona? - perguntou Ralf, seguindo relutantemente James e Rosa para frente. É como um filme, ou algo assim? Como sabe qual lembrança queremos ver? Dói?

- Cala a boca, Ralf - disse James, não muito amavelmente. - Pega minha mão. Você também, Rosa. Acredito que só temos que ficar olhando. Isso é tudo.

Lenta e cuidadosamente, James, Rosa e Ralf se inclinaram sobre a tigela de pedra. A superfície do líquido dentro da Penseira se parecia desconfortavelmente ao remoinho do Espelho Mágico de Merlin, exceto que este brilhava muito mais. Iluminava as faces dos três estudantes. E então, algo começou a surgir das profundezas da Penseira. Parecia chegar de muito mais profundo do que a simples profundidade da tigela. James conteve o fôlego enquanto a luz se intensificava. O redemoinho aumentou, se tornando maior enquanto o líquido da tigela se agitava. Encheu a visão de James e então, veloz e indoloramente parecia agarrá-lo. Em um instante, James, Rosa e Ralf caíram na Penseira como se tivesse crescido até igualar o tamanho de uma piscina. Logo os engoliu completamente, e para o bem ou mal, não houve volta. Eram partes das lembranças descoloridas de Alvo Dumbledore e Severo Snape.



Cada um o experimentou de uma forma única e separada. Quando James aterrissou no meio da primeira lembrança, nem Ralf nem Rosa à vista. Como Escórpio tinha dito, as lembranças estavam desbotadas e nebulosas; James sentia-se como se estivesse sonhando-as em vez de estar vivendo-as. Enquanto o mundo da lembrança materializava-se ao seu redor, ele se encontrou de pé no escritório do diretor, mas não como a tinha conhecido antes. Ondulava-se ou movia-se, como uma cena presenciada debaixo da água, mas então começou solidificar-se. A fênix Fawkes alisava-se em seu poleiro, provando para James que estava vendo o lugar como tinha sido na época de Dumbledore quando era diretor.

- Devemos estar preparados para tal eventualidade, Severo - estava dizendo Dumbledore, sem olhar para Snape, que estava de pé junto à janela, olhando o céu negro. - Não se pode assumir que Voldemort seja demasiadamente orgulhoso para recorrer a uma tática semelhante. Se ele chegar a temer que seus planos... e por tanto sua vida... estão em perigo, devemos assumir que preparará um sucessor de algum tipo.

- O Lorde das Trevas não faz preparativos pensando no fracasso, diretor - disse Snape. - Sua vaidade não permitirá admitir a possibilidade de derrota. O próprio número de Horcruxes que ele tem preparado é a prova de sua segurança.

- Discordo nisso - disse Dumbledore, unindo as pontas dos dedos enquanto se sentava ante a sua escrivaninha.

James viu que uma das mãos do diretor estava muito horrivelmente enegrecida, magra e doentia.

- Uma Horcrux seria suficiente para um vilão confiante. A substancial coleção de Voldemort prova todo o contrário. Ele vive com o terror de sua morte, acreditando que nada exceto as medidas mais extremas a prevenirão. Isso não é um comportamento de um homem confiante na sua imortalidade. Sim, com o tempo, temesse que até mesmo a sua coleção falhará, e procurará por medidas mais desesperadas ainda. Você o saberá quando esse momento chegar, e se chegar, o seu dever estará claro.

Snape se distanciou da janela e se aproximou à escrivaninha.

- É difícil para mim admiti-lo, mas essa tarefa é quase demais para mim, diretor. Você está muito mais preparado para ela do que eu.

Dumbledore acenou lentamente e sorriu.

- Não discutirei isso, Severo, mas ambos nós sabemos que é improvável que eu esteja vivo quando esse momento chegar. A tarefa recai sobre você por consequência. Contudo, confio bastante em sua habilidade de fazer o que seja necessário. Apesar do que você pensa de si mesmo, você tem qualidades bastante úteis para esse tipo de trabalho...

Enquanto Dumbledore dizia isso, a lembrança se dissolveu lentamente. O lugar caiu na escuridão e Snape e Dumbledore desvaneceram-se. Pareceu passar uma quantidade indeterminada de tempo, e então James encontrou que outra lembrança se solidificou ao seu redor. Estava na sala de estar de uma grande casa, ainda que parecia que a casa era bastante velha e seus melhores dias tinham sido há bastante tempo. Um grande lustre despedaçado em pedacinhos jazia no chão como um cadáver. Cacos de cristal se espalhavam por todos os lugares, faiscando na luz do fogo.

- Potter - disse uma voz alta e sedosa. James girou-se e viu uma horrível figura de pé e com capa diante da chaminé. Parecia um homem, só que não totalmente. Debaixo do capuz, havia um rosto com a pele tão branca que quase resultava translúcida. Não havia nenhum nariz, exceto que existiam duas grotescas e flamejantes ranhuras, e os olhos eram vermelhos brilhantes com finas pupilas verticais. Os joelhos de James tremeram de medo, já que a figura olhava para ele friamente, mas então afastou o olhar, e soslaiou uma mulher encolhida no final de um sofá próximo.

- Acredito que fui bastante claro - seguiu a voz alta e fria, James reconheceu agora quem era a figura. Esta era o próprio Voldemort, em carne e osso. - Não devia ser aborrecido por nada além de Harry Potter. Bellatrix me assegura que eu fui, certamente, bastante específico sobre esse requerimento. E ainda assim, ela é a mesma responsável por interromper meu trabalho sem que Harry Potter esteja presente na minha chegada.

Bellatrix soluçou e rolou fora do sofá, lançando-se no chão aos pés de Voldemort.

- Estava aqui, Milorde! Te asseguro: era meu prisioneiro quando eu te convoquei; de outro modo, nunca me atreveria! Lúcio e Narcisa podem atestar o que eu falo! Mas fomos traídos no ultimo minuto... - Bellatrix lançou um braço para um homem que James não tinha percebido até agora. Estava de pé entre as sombras, com a sua cara mortalmente pálida e em branco. Seu cabelo era comprido e branco.

- Diga-o, Lúcio! - implorou Bellatrix. - Diga a Lorde das Trevas que tínhamos o Potter em nossas mãos - Como o homem não respondeu, o rosto de Bellatrix se transformou em uma fúria desesperada - Então talvez você devesse contar como foi *superado* pelo menino Potter. Conte, Lúcio, como foi atordoado momentos depois que se lançaram sobre nós! Fale!

- Severo - disse Voldemort, ignorando os devaneios da mulher, que protestava soluçando, - esta desafortunada ocasião me tem pressionado para considerar uma opção que esperava que fosse desnecessária.

James virou-se e viu Snape de pé na frente da porta fechada da sala de estar. Sabia que nem Snape e nem Voldemort podiam vê-lo, e ainda assim, ele sentia-se muito desconfortável ao estar ali de pé entre eles enquanto estavam falando. Ele andou para o canto oposto da figura de Lúcio Malfoy. Snape simplesmente ficou de pé e esperou, olhando sem se assustar para a horrível face de cobra.

- O fato de ter-lhes convocado é o mesma qual eu ter expulsado Narcisa, Greyback, e o filho do Lúcio. Ninguém mais precisa conhecer a tarefa encomendada a vocês. O próprio Lúcio vai ter seu papel se ele escolher aceitá-lo; tenho a esperança de que ele esteja ansioso para provar o seu valor depois dos recentes acontecimentos. Mas você, Severo, terá um papel muito importante neste acordo.

- O que você desejar, Milorde - disse Snape, sem alterar o tom da voz.

Voldemort seguiu, distanciando-se da lareira.

- Como sabe, Severo, eu preparei Horcruxes, criando uma corrente inquebrável e intata de imortalidade durante minha ascendência...

Enquanto Voldemort cruzava lentamente o lugar, o lustre se ergueu do solo silenciosamente, deixando espaço para passar por baixo dela. Os cacos de cristal foram levantados com ela, girando e cintilando no ar como gotas de água.

- Confio bastante em que essas Horcruxes me servirão bem; no entanto, no extremamente improvável caso que de qualquer maneira alguma delas sejam destruídas...

- Nunca, Milorde! - chorou Bellatrix, ainda jogada no chão como uma serva. - Isso é impossível!

- ...e eis que preparei a Horcrux *final* - seguiu Voldemort, ignorando completamente a barulheira de Bellatrix. - É bastante especial e único. De fato, acredito que nunca antes fora criado algo igual.

Quando Voldemort alcançou o centro da sala, parou. Enquanto o lustre quebrado estava ainda girando sobre ele, meteu a mão lentamente em sua capa e sacou uma adaga longa e estreita. Era singularmente feia, feita de prata e com um cabo que tinha incrustações de jóias. A lâmina estava manchada de um tom escuro, como se tivesse sido esfregada com fuligem.

- Esta adaga - seguiu Voldemort, girando-se lentamente para onde estava o fogo, - é bastante especial para mim. Ela tem estado viajando comigo por um grande tempo, e me serviu em muitas ocasiões. Pode parecer interessante vocês saberem que uma vez pertenceu ao meu pai. A tomei como herança de sua mão morta. Por tanto é bastante apropriada que essa adaga, Severo, seja a última e talvez a mais importante das minhas Horcruxes. Eu a confio em suas mãos para que guarde dentro da proteção de Hogwarts até que chegue o momento de utilizá-la.

- Eu a protegerei com a minha vida, Milorde - disse Snape, inclinando a cabeça. - Me sinto honrado que me confie uma tarefa que prolongará a sua vida.

- Ai de você, Severo, espere - disse Voldemort, puxando a adaga de volta, como se estivesse relutante a entregá-la. - Este não é *esse* tipo de Horcrux. Com esta relíquia, estou pensando somente nas gerações *futuras*. Que nunca se diga que o seu senhor não é magnânimo e indulgente, pois essa Horcrux não vai servir para mim mesmo. Como já lhes disse, esta Horcrux é *especial*. A parte da minha alma contida nessa adaga está separada de mim para sempre. Não posso reclamá-la. Além disso, se, em um notável e *inimaginável* caso de que todas as minhas Horcruxes forem destruídas exceto essa, ela não seguraria minha sobrevivência.

Bellatrix ofegou, mas seus olhos estavam enormes e ávidos enquanto observava Voldemort. Seu olhar nunca abandonou a adaga enquanto esta movia-se e tremeluzia na mão pálida.

- A parte da minha alma selada dentro dessa adaga é um *presente*, meus amigos. Ela tem que ser *legada*. Lúcio, meu fiel servidor, eu tenho pedido você que permaneça aqui porque conheço o seu desesperado e justificável... desejo de provar seu valor diante a mim. Será o seu dever e sua honra conceder essa adaga como presente se chegar o dia em que isso for necessário.

Pela primeira vez, o rosto de Lúcio Malfoy voltou à vida. Ele pestanejou para Voldemort, e depois cambaleou até perto dele, sem a atrever-se a tocar seu mestre.

- Obrigado, Milorde! É uma honra! Não falharei!

- Tenho certeza que você não o fará - disse Voldemort suavemente, quase amavelmente. - Porque se, por alguma razão, você perdesse a adaga, ela lhe encontraria. Ela está unida a você, e a sua família, eu fiz isso. Se a caso acontecer algum acontecimento infeliz ao diretor Snape, você deve recuperá-la. Ela estará te esperando. E se chegara o momento em que você deve usá-la e se não completar exatamente o seu papel, ela te procurará com intenções próprias. Chegará a você e a sua família. Confio que você entendeu.

- Sim, Milorde - ofegou o homem enquanto acenava com a cabeça. - Efetuarei qualquer tarefa que me confie. Eu juro, mestre!

Voldemort assentiu com a cabeça lentamente.

- Sendo assim, o seu trabalho começa neste dia, Lúcio. Encontre para mim um recipiente digno. Encontre uma família cujo sangue seja puro, mas suas lealdades nunca tenham sido inquestionáveis. Quando chegar o momento, açaude à mulher dessa família que esteja grávida. Ela deve tomar a adaga por vontade própria, e com a sua própria mão, utilizar a adaga para traçar o meu símbolo –a primeira inicial do meu nome– sobre a gravidez do seu filho não-nascido, desenhando-o com seu próprio sangue. Deixe que a sua boa vontade infunda com a vida da adaga no sangue dessa mãe, levando-o até a criança. Assim, essa relíquia de minha alma passará. O menino levará minha essência, renovada e pronta para prestar serviço a outra geração. É esse seu dever e sua promessa diante a mim, Lúcio. Jure.

- Prometo-lhe, Milorde! - disse Lúcio, caindo sobre um joelho.

- Milorde! - Bellatrix chilreou sem fôlego, engatinhando sobre os joelhos e implorando com uma mão. - Escolha-me! Permite-me que seja eu o recipiente de seu presente para as gerações futuras! Criarei o menino a sua imagem e semelhança! Estou disposta! Estou ansiosa!

- Sim, minha leal Bellatrix - disse Voldemort suavemente, sem virar-se para ela. Cacos do lustre de cristal ainda giravam no ar entre eles. - Mas sua lealdade é a sua qualidade mais irrecusável para essa tarefa. Ninguém deve suspeitar em que ventre vai renascer a minha alma. Apesar de seu grande desejo, essa tarefa não pode ser executada por você.

Bellatrix soluçou.

- Então por que você me mantém aqui, Milorde? - chorou desesperadamente. - Por que me obrigou a ficar aqui para ver meu maior desejo se escapar entre meus dedos?

Voldemort suspirou indulgentemente.

- Sua pergunta mesmo contém a resposta, querida Bellatrix. Mas tente ver pelo lado bom: eu tinha considerado em matá-la simplesmente porque Harry Potter escapou de suas garras esta noite. Em vez disso, simplesmente matou o seu maior sonho.

- Nãooooo! - chiou Bellatrix, derrubando-se, e o pêlo de James ouriçou-se. Ele nunca tinha ouvido um grito tão desesperançado e desapontado.

Voldemort se adiantou a passos largos, sorrindo como se o pranto de agonia de Bellatrix fosse a mais doce das músicas. Ele ofereceu a adaga ao Snape. Quando Snape pegou a adaga, o lustre suspenso caiu novamente. Colidiu ruidosamente contra o chão atrás de Voldemort, estilhaçando-se como uma bomba e afogando as penosas lamentações de Bellatrix Lestrange.

A lembrança se estilhaçou também.

Houve um lampejo e uma fumaça redemoinhada, e depois uma cena mais se materializou, nadando fora da névoa como um sonho doentio. Nessa lembrança, James viu Severo Snape de novo. Ele estava passeando-se no escritório do diretor, que era seu próprio escritório nesse momento.

- Parece que você está equivocado, Alvo - dizia Snape, falando aparentemente com o retrato de Dumbledore na parede do escritório. - *Não* será um pedido. Slughorn é o homem responsável de que o Lorde das Trevas /tenha a habilidade para criar Horcruxes em primeiro lugar. Ele entende melhor sobre elas do que eu. *Deve* ao mundo uma compensação por sua tão estrambótica falha.

- Se apenas isso fosse possível, Severo - replicou o retrato de Dumbledore, - mais não é. Você pode destruir a Horcrux, sim, mas ninguém pode simplesmente incapacitá-lo. Além disso, parece que me lembro que as minhas intrusões foram simplesmente envenenar o instrumento, assegurando assim que mataria a mãe e o filho que pretende infiltrar.

- Não posso destruir a adaga enquanto o Lorde das Trevas esteja ainda vivo - replicou Snape. - E graças a ele, ela está atada a Lúcio Malfoy, ele saberá que está em perigo, e minha lealdade será revelada.

- Então faça o que lhe indiquei - insistiu Dumbledore com impetuosidade. - Envenene a lâmina. Está dentro de suas habilidades. Existe um grande número de venenos indetectáveis nesta mesma sala. Deixe que o instrumento que carrega essa alma escura também carregue a sua perdição.

- Pode que você tivesse sido capaz de passar por alto o assassinato dessa mulher e seu filho “pelo bem maior”, Alvo, mas eu temo que essa habilidade escape de mim.

O retrato respondeu tristemente.

- Então você é um tolo, Severo. O fruto dessa Horcrux pesará na *sua* cabeça, *não* sobre a cabeça de Horácio Slughorn.

Snape exalou lentamente, pensando. Finalmente levantou o olhar.

- Talvez não - disse, como se fosse para ele mesmo. - Talvez haja outro modo.

- Você está equivocado, Severo - replicou Dumbledore. - O meu modo é o único método responsável. De outra maneira, o menino nascerá com a ameaça do próprio Voldemort batendo em suas veias.

Snape sorriu lenta e friamente.

- Talvez não... - disse ele de novo.

- Seguramente você não duvida que a adaga transmitirá o remanente da alma de Voldemort.

- Não - disse Snape, semicerrando os olhos. - Mas talvez não for transmitida em um *menino*...

Dumbledore suspirou pacientemente.

- Este não é o momento para conspirações, Severo.

- Seja indulgente comigo - respondeu Snape lentamente. - Somente estou especulando. O Lorde das Trevas acredita que sua alma passará para um menino. Ele é, no seu coração, o mais arrogantes de todos os homens, e acredita inquestionavelmente na superioridade de seu próprio gênero. Mas se o julgamento de Lúcio esteja enfraquecido? E se as previsões dele estejam erradas? E como resultado, que há se a Horcrux, no final, seja transferida para uma *menina*?

- Não existe prova de que sua alma não possa dominar a personalidade dessa menina. Ainda ela estaria influenciada pela sua essência vital.

- A sua quintessência da essência *masculina* - resmungou Snape, apenas escutando o retrato. - Mas como isso se equilibraria contra a inesperada polaridade de um coração feminino? Como...?

O retrato interrompeu amavelmente.

- Isso é uma tolice especulativa, meu amigo. Volto a te dizer: envenene a adaga, se você não pode, destrua-a quando chegar o momento.

Snape levantou o olhar para onde o retrato estava entrecerrando os olhos. Sacou a adaga de sua túnica e sustentou-a entre suas mãos. Rutilava escuramente, tão feia como a última vez que James a tinha visto. Snape respondeu sim com a cabeça.

- Sim - esteve de acordo. - Claro que você tem razão, Alvo. Quando chegar o momento. Não posso destruir a Horcrux ainda, existe muito em jogo para pôr em dúvida para quem eu tenho minha lealdade. Enquanto isso, porém, talvez eu vá experimentar. Lúcio Malfoy está unido a essa adaga. Quem sabe, eu possa *usar* este vínculo, corrompê-lo, fazer que a sua mente fique nublada no caso que essa coisa sobreviva. Se Lúcio tiver êxito em utilizar a adaga, ele a utilizará “acidentalmente” em uma menina não-nascida, frustrando assim os desejos de seu mestre. Talvez, somente talvez, isso será o suficiente para manter o equilíbrio. De outro modo, destruirei a Horcrux eu mesmo quando chegar o momento adequado.

- Perdoe-me, Severo - disse Dumbledore, olhando-o conscienciosamente, mas se você não viver tanto?

- Tenho mais de uma razão para permanecer vivo, Alvo - respondeu Snape, guardando novamente a adaga no interior de sua túnica. - E como bem sabe, destruir este misterioso objeto sequer não é a mais importante. Confie em mim, *serei* cuidadoso.

Com a última palavra de Snape –*cuidadoso*– a lembrança se tornou ondulada, empalideceu e esvaiu-se. Um redemoinho de fumaça prateada encheu a visão de James e este compreendeu que estava inclinado sobre algo duro. Era incômodo, assim ele colocou-se para trás. Quando o fez, afastou a cara da Penseira de Dumbledore, desorientado e estonteado. Ralf e Rosa afastaram-se no mesmo momento. Seguraram-se firmemente uns nos outros, lutando para permanecerem erguidos.

- Viram? - perguntou Escórpio. James piscou, recobrando o equilíbrio. Escórpio estava sentado em cima de um baú no canto do armazém, apoiado languidamente contra a parede. - Viram a adaga?

- Sim - disse James. - E você, Rosa? Ralf? - Não vi nenhum de vocês ali.

Rosa sacudia a cabeça com consternação.

- Eu vi tudo. Vi o diretor Dumbledore e o professor Snape falando de uma possibilidade de algum tipo de sucessor. E então... eu vi *ele*. Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Era horrível.

- Eu não entendi muito do que ele dizia, mas acredito que capturei a essência do assunto - disse Ralf, com a cara pálida. - Essas Horcruxes, suponho que guardavam um

pedaço da alma de Voldemort, assim mesmo que lhe matassem ele não morria na realidade, não?

- Mas a última Horcrux, o que estava incrustado na adaga de seu pai, era diferente - assentiu Rosa. - Ele não *podia* voltar a reclamar essa parte de sua alma. Teria que ser passada para um bebê, inserindo esse pedaço de sua alma em uma nova vida.

James franziu o rosto.

- Por que alguém tão obcecado com a imortalidade desperdiça uma Horcrux com a vida de algum *outro*?

Ralf encolheu os ombros como se a resposta fosse óbvia.

- Talvez ainda seria a sua vida, mas oculta. Quem suspeitaria? Enquanto Voldemort estivesse dentro de Voldemort, todos os magos bons desse mundo o perseguiriam. Ele sabia que no final uns poucos, como seu pai, James, nunca se deteriam até que a última Horcrux estivesse destruída e cada retalho de Voldemort estivesse morto. Ocultar o último pedaço de sua alma em uma criança anônimo foi um engenho legal. Quero dizer, já você viu o aspecto de Voldemort. Não é como se ele pudesse passar despercebido entre a multidão, não é? Mas se era parte de uma criança, quem o buscaria ali? Esse é um disfarce perfeito.

- Mas ainda assim, ele não *seria* essa criança - disse Rosa, enrugando a cara com desgosto. - Esse pedaço de sua alma teria que competir contra a alma *inteira* da pessoa onde fosse implantada.

- Ou *trabalhar* junto dela - disse Escórpio. - Se encontrasse alguma fragilidade na alma desse médium, podia explorá-la, inclinando-a de algum modo a vontade de Voldemort. Até mesmo uma árvore pode ser dobrada sendo manipulada desde que era apenas um broto. Voldemort era muito paciente e astuto. Sua essência teria seu tempo para submeter e impor a sua vontade nessa nova alma.

- E o que aconteceu com a adaga - perguntou Rosa, sentando-se numa caixa. - Temos que assumir que o Prof. Snape foi assassinado antes de ter a oportunidade de destruir a Horcrux. Mas ele teve êxito em amaldiçoar a adaga para enganar seu avô?

- Não segundo ele - disse Escórpio, sorrindo sombriamente. - Meu avô não sabe nada das lembranças que estão contidas na Penseira. Ele conta a história de um modo muito diferente, claro que...

Escórpio se lançou a relatar o resto da história como **a** conhecia.



No começo, explicou a morte de Severo Snape pelas mãos de Voldemort, assassinando não por que o Lorde das Trevas suspeitava que a sua lealdade estivesse dividida - Escórpio próprio nem sequer o sabia até que o descobriu nas lembranças armazenadas na Penseira, - senão pela noção equivocado por que Snape devia morrer para que a Varinha das Varinhas, um instrumento mágico invencível, pertencesse completamente a Voldemort. Snape não tinha esperado isso e, portanto não tinha destruído a adaga Horcrux. No entanto, ele tinha sido muito astuto o suficiente como para esconder extremamente bem a adaga e não ter revelado a ninguém a sua localização. Pouco tempo mais tarde, depois de que o próprio Voldemort tivesse morrido e seus Comensais da Morte tinham se dispersado, Lúcio Malfoy foi atrás da adaga, tentando freneticamente completar o seu dever com o seu mestre morto. Ele se introduziu às escondidas na escola pouco depois que a batalha tivesse acabado, enquanto suas defesas agora estavam muito debilitadas. Utilizou todas as artes de que tinha acesso naquele momento, para buscar a adaga, mas mesmo assim que sentia a sua presença, foi totalmente incapaz de encontrar seu esconderijo. Ele voltou louco de medo e fúria, por que ele acreditava que se falhava, o Lorde das Trevas concluiria a sua vingança mesmo depois de ir para a tumba.

Enquanto ainda buscava no escritório do diretor Snape, a presença de Lúcio no castelo foi detectada. Ele fugiu, camuflado e amaldiçoando tudo e a todos no seu passo. Enquanto ele escapava através da Floresta Proibida, porém, seus sentidos estavam aguçados e detectaram um objeto mágico muito poderoso perdido ali. Não tinha tempo para procurar o objeto, mas ele estava decidido a voltar o mais rápido quanto possível, convencido que por acidente tinha tropeçado no esconderijo da adaga.

Passou o tempo, no entanto, e Lúcio foi incapaz de voltar para a Floresta Proibida. A maioria de seus companheiros Comensais da Morte estavam escondidos ou já tinham sido capturados e aprisionados. Lúcio cobriu seu rastro excepcionalmente bem, mas vivia com o medo abjeto de estar sendo vigiado, de que a qualquer momento,

seria encontrado e prendido. Sua esposa, Narcisa, lhe tinha abandonado pouco depois da batalha, e inclusive o seu filho, Draco, parecia pouco desejoso de saber dele, assim Lúcio seguiu escondido. Utilizou a última parte de seu dinheiro para comprar um pequeno solar no povoado de Canerônio, protegendo-a com os melhores métodos de sigilo que ele conhecia. Ali, sozinho, começou a planejar o seu retorno ao castelo de Hogwarts para recuperar a adaga.

Para seu azarar, com o passar do tempo, Hogwarts tinha sido reconstruída e fortificada. Não havia forma de alguém como Lúcio entrar nos terrenos sem ser detectado. Ele necessitava de sócios e também de dinheiro. E então, encontrou as duas coisas em uma pessoa chamada de Gregório Tyrannicus, um refugiado mole, mas dominado pelo ódio, expulsado pela sua própria família real mágica da Romênia. Gregório chegava com uma pequena fortuna em ouro, proporcionada pelo seu pai em um esforço para assegurar que ele partisse em silêncio e não voltasse jamais. Gregório ficou encantado instantaneamente pelas histórias de Lúcio sobre seus tratos com o famoso Lorde das Trevas, e prometeu gastar cada galeão de seu tesouro na busca da misteriosa adaga. Em troca, simplesmente pediu a sua própria posição de poder uma vez que o reino de sangue-puro fosse instaurado. Lúcio aceitou cortesmente o apoio de Gregório, aumentando também a paixão obsessiva do homem por colecionar relíquias da vida do Lorde das Trevas.

Juntos, reuniram um pequeno grupo de ladrões e assassinos, treinando-os para o assalto à morte ao castelo de Hogwarts. Na realidade, Lúcio não tinha intenção de acompanhá-los no cerco. Planejava utilizar a distração criada por ele para esgueirar-se para a Floresta Proibida e buscar a adaga escondida. Apesar do treinamento, Lúcio esperava que eles fossem capturados e mandados para Azkaban. Francamente, enquanto eles proporcionavam a pequena distração que ele precisava, não lhe importava. Seria somente um pequeno sacrifício no trabalho progressivo que lhe fora dado pelo sucumbido Lorde das Trevas.

Contudo, o assalto nunca se realizou. Menos de uma semana antes da planejada viagem ao castelo de Hogwarts, Lúcio estava sozinho na sua casa no povoado de Canerônio, quando um dos ladrões que tinha sido contratado para a equipe, um jovem chamado Malcolm Baddock, saiu das sombras, com uma faca reluzindo em sua mão. O homem sorriu malevolamente, ordenando a Lúcio que entregasse todo o ouro que guardava em algum lugar do solar.

- Me dê se quiser e talvez eu só lhe corte a língua, velho caduco - Baddock tinha dito.

Lúcio simplesmente tinha suspirado. Fechou o livro que estava lendo e, quase preguiçosamente, pegou a sua varinha. Ele a apontou ociosamente, sem dirigi-la realmente para Baddock.

- E que faz pensar, jovenzinho, que você não acabara morto aí mesmo onde está de pé por obra desta mesma varinha?

O sorriso de Baddock se ampliou ansiosamente.

- Por que esta é a minha faca da sorte, vê - disse ele, mostrando reluzente a lâmina escurecia. - Não me falhou ainda. Ela lhe matará três vezes antes de que você bata no chão, velho biruta. Nenhuma varinha nunca será párea contra ela, e a sua não será diferente. Agora me dê o ouro!

Os olhos de Lúcio se semicerraram.

- Diga-me uma coisa, meu amigo - disse sedosamente. - A sua faca da sorte sabe quando um mago vai fazer *isto*?

Com um movimento hábil, Lúcio deu um peteleco no ar. Uma fina linha vermelha rasgou a garganta de Baddock, recuou e fez um movimento brusco. O sangue começou borbulhar do corte. Gotejava pela sua garganta e Baddock tentava olhá-la, franzindo a face de uma maneira bastante cômica. Sua cara se transformou de raiva e retrocedeu, pegando a faca pela ponta. Quando ele abriu a boca para falar, no entanto, sua cabeça caiu tranqüilamente para trás de seus ombros, separando-se finamente em uma comprida linha de sangue. Caiu no chão como uma lenha.

Lúcio já estava guardando a sua varinha e se perguntado se contaria ao resto da equipe o que tinha acontecido com Baddock quando algo cravou em seu estômago. Baixou o olhar com curiosidade e percebeu o cabo da faca de Baddock sobressaindo de sua túnica. Um momento depois, ele ouviu o corpo sem cabeça do homem sobre o chão, morto. Verdadeiramente, era uma faca da sorte se Baddock tinha conseguido terminar o lançamento que tinha começado enquanto a sua cabeça ainda estava parcialmente colada ao seu corpo.

Lúcio estendeu a mão onde estava a faca para extraí-la de seu estômago. Doía, mas não era fatal, não para um mago como ele. Ele deteve-se, mas, porém, antes que seus dedos tacassem o cabo. Seus olhos se abriram lentamente enquanto o olhava. O pedaço do cabo, que podia ver sobressaindo das lentamente escurecidas pregas de sua túnica, era bastante feio e incrustado de jóias. Lúcio a reconheceu. Devagar, fechou os

dedos em/à roda do cabo de prata e tirou a lâmina de suas entranhas. Apenas sentiu. Caiu de joelhos, sustentando a adaga no alto, girando-a, e observando a luz do fogo chocar com sua escura e ensangüentada lâmina. Ele começou a rir.

- Obrigado, Milorde! - chiou através de seus risos. - Ainda morto, suas palavras continuam sendo verdade! Sua Horcrux final me achou! Obrigado! Não falharei! Sua petição final será comprida!

Lúcio riu até ficar rouco, só então recordando de curar a ferida de seu estômago quando notou que a parte da frente da sua túnica estava ensopada de sangue e gotejava no chão.

Tinham se passado dois anos depois da Batalha de Hogwarts, desde a inconcebível morte do Lorde das Trevas, mas Lúcio finalmente era capaz de completar a sua tarefa. Falou com Gregório da surpreendente aparição da adaga, e eles demitiram o resto da equipe do assalto com uma pequena quantia em ouro, advertindo-lhes que se contavam a alguém o que sabiam, eles iam experimentar o mesmo destino que tinha recaído sobre seu colega, Baddock.

Lúcio já tinha decidido fazia tempo a família que serviria de anfitrião para o “presente” do Lorde das Trevas. Eram sangues-puros, mas muito humildes e pobres. Lúcio tinha-lhes espionado e tinha descoberto que uma jovem da família tinha acabado de ficar grávida. Seu nome era Liana Agnellis e seu marido tinha sido recentemente preso pelo Ministério, suspeito de estar envolvido com o baixo nível dos Comensais da Morte nos últimos dias do reinado do terror de Voldemort. Lúcio conhecia vagamente o homem, cujo nome era Vilfredo. Ele tinha sido, de fato, uma de ferramenta dos Comensais da Morte, ainda que ele apenas ele o sabia. O jovem tinha sido extremamente simples e ingênuo, e o próprio Lúcio o tinha utilizado como mensageiro. Havia sido Lúcio quem anonimamente tinha informado ao Ministério das escuras conexões de Vilfredo, sabendo muito bem que o patético homem nunca poderia comprometer ninguém pelos seus nomes; Lúcio e seus consortes tinham sido muito cuidadosos quanto a isso. Vilfredo foi interrogado pela Suprema Corte dos Bruxos e finalmente apressado em Azkaban até o momento em que estivesse disposto a divulgar os nomes de seus supostos cúmplices.

Depois do encarceramento de Vilfredo, Lúcio visitou a jovem grávida no seu pequeno apartamento. Ele congraçou-se com ela, alegando ser um amigo preocupado e antigo sócio de seu marido preso. Liana lhe convidou para um chá e sentaram-se na desproporcionada mesa da cozinha. Lúcio explicou que tinha dinheiro e influências para

conseguir soltar seu marido, *se* ela estava disposta a prestar um pequeno serviço em favor dos benfeitores de seu marido. Liana estava desesperada: se lançou sobre Lúcio, soluçando e prometendo que faria o que for para conseguir que Vilfredo voltasse para casa. Ela perguntou para Lúcio o que ele precisava dela, e ele recusou-se, sugerindo que ela o pensasse duas vezes antes que ele contasse para ela o que era. Ela pediu que desse um tempo para ela pensar enquanto ela voltava a servir mais chá.

Enquanto ela voltava ao fogão, chorando e limpando os olhos, Lúcio olhou com atenção a xícara vazia da moça, examinando os restos de folhas do chá espalhadas no fundo. Ele tinha que se assegurar de que o filho no útero dela era um menino; certamente, Lúcio era um mago bastante competente para verificar de algo tão simples como isso. Olhou atentamente, quase fechando os olhos, mas por alguma razão, as folhas do chá borraram-se ante seus olhos. Pestanejou, tentando focar e se concentrar. Na sua túnica, a adaga Horcrux parecia estar vibrando. Ele a sentia estender-se em sua mente, chamando-o. Estava lhe distraíndo. Ultimamente, Lúcio não ia a nenhum lugar sem a adaga, mas agora se arrependeu de não ter deixado-a em casa. E então, justamente quando Liana estava voltando, e logo colocou a xícara de Lúcio na mesa, a mistura de folhas murchas ficou clara. Lúcio olhou fixamente, inclusive estendendo o braço para onde estava a xícara da mulher e inclinando-a para a luz. Sim, aí estava. Não havia dúvida: o bebê na barriga da mulher era um menino. As folhas o provavam. Lúcio suspirou e sorriu com alívio. A adaga na sua túnica voltou a ficar imóvel.

- Quê? - disse Liana nervosamente, voltando a se sentar. - O que você vê nas folhas? Vou recuperar meu Vilfredo?

Lúcio a olhou com gentileza brilhando em seus olhos. Colocou a sua mão sobre uma dela, reconfortando-a.

- Vocês estarão juntos muito logo - prometeu, - se fazer o que pedimos. Pode fazê-lo hoje, esta mesma tarde se quiser. Eu lhe ajudarei. Mas deve fazê-lo sem vacilar e sem perguntas. Pode surpreendê-la, e também pode doer, mas só um pouquinho, e acabará em minuto. Você pode fazê-lo, minha querida senhora Agnellis?

Ela assentiu com a cabeça nervosamente, mas com grande resolução.

- Sabia que os chefes de Vilfredo não eram gente muito agradável, e que as coisas que lhe faziam fazer eram algumas vezes horríveis. Eu disse ele como estou dizendo agora, senhor: não quero saber nada disso. Farei o que você quiser que eu faça, mas não me faça saber mais a respeito do que eu realmente preciso. Só quero de volta meu Vilfredo, e depois disso, todos vocês desapareçam, se não lhe importa.

Lúcio concordou compreensivamente, dando palmadinhas na mão dela, mas Liana não parecia ter mais nada para decidir nem dizer. A fina linha de sua boca provou a Lúcio que era uma mulher de mente simples, que tinha decidido que faria quase qualquer coisa para recuperar seu marido. Ela parecia pressentir que seria bastante horrível, mas tinha um olhar na cara que Lúcio conhecia bem. Era um olhar que dizia: *Farei o que quer que eu faça, e nunca mais voltarei a falar ou pensar nisso. Ninguém o saberá, e eu mesma o esquecerei. Já estou esquecendo. Minha mente está em branco. Por favor, acabamos com isso.*

Quando Lúcio estava bastante seguro que o olhar de resolução se solidificava completamente no rosto de Liana, buscou lentamente em sua túnica, mantendo sua expressão de amável preocupação. Pegou um pedaço de pano negro dobrado e deitou sobre a mesa.

- Desenrole-a, Sr. Agnellis - disse calmamente. - É para você.

Ela estendeu a mão e tocou o pedaço de pano enrolado. E abriu e olhou pálida para a feia faca de prata.

Lúcio continuou sorrindo para ele.

- Só doerá um momento - disse, encorajadoramente. Ele começou explicar-lhe o que devia fazer.



- Isso é absolutamente horrível - disse Rosa, sua voz tremia, - Seu avô é um monstro.

Escórpio não respondeu. Afastou o olhar, observando para o empoeirado Espelho de Ojesed.

Ralf franziu a testa.

- Então como conseguiu o tal Baddock a adaga Horcrux?

- Era um estudante do setimanista de Hogwarts justamente no ano da batalha - disse Escórpio. - Meu avô acredita que de algum modo a adaga *permitted* que Baddock a encontrasse, sabendo que poderia usá-la para chegar onde ela queria.

- Pobre estúpido - disse Rosa, suspirando.

- Mas se a adaga estava com Baddock - perguntou James, - então qual era o objeto mágico que seu avô pressentiu na Floresta Proibida? - Parou de falar repentinamente quando a resposta chegou a ele. Os olhos de Rosa desorbitaram-se quando também fez a conexão.

- A Pedra da Ressurreição! - disse ela. - Assim é como a encontraram! Ele teve a sorte de estar perto dela quando seus sentidos estavam muito alerta! Sentiu a Pedra da Ressurreição perdida e a confundiu com a adaga!

- Ele também deve tê-lo compreendido - acenou James gravemente. - Provavelmente não sabia o que era, mas depois que Baddock tentou atacar ele, soube que o que havia na Floresta não podia ter sido a adaga. No final, se escapuliu para a Floresta para buscá-la. Droga! Seguramente se urinou quando viu que era a metade da Pedra Chamariz de Slytherin!

Escórpio negou com a cabeça.

- Não sei nada dessa parte, mas sim, faria todo o sentido.

- Então - perguntou James, - esse é o fim da história? Essa pobre Liana se arranhou a inicial de Voldemort na barriga e deu a luz um bebê com parte da alma de Voldemort em seu interior?

Escórpio assentiu, ainda esquivando os olhos dele.

- Estava enojada e com asco pelo o que tinha feito, e claro, meu avô não fez nada para ver que seu marido fosse liberado de Azkaban. Não é que na realidade ele podia fazê-lo ainda que também não tivesse a intenção de tê-lo feito. Tudo isso foram mentiras. Finalmente, quando Wilfredo não foi libertado, Liana se convenceu que tinha feito uma coisa terrível, e sem razão alguma. Ficou muito doente e tiveram que levá-la para o hospital St. Mungus. Nessa noite, ela morreu trazendo ao mundo a seu bebê.

Os lábios de Ralf estavam pressionados em uma fina linha. Sacudiu a cabeça e disse:

- É horrível. Não preciso saber mais nada sobre isso.

Rosa levantou o olhar, e os seus olhos brilhavam.

- O que aconteceu com o pai do bebê?

- Vilfredo permaneceu por anos em Azkaban. Sabia que sua esposa tinha morrido dando à luz a sua criança, mas nunca ele viu o bebê. Ele exigiu que lhe deixassem sair para que criasse sua criança. Se tornou irracional e foi posto em confinamento na solitária. Pouco depois, foi encontrado morto na sua cela. Meu avô acredita que foi lançado ao poço dos dementadores por algum dos guardas.

- O poço dos dementadores? - disse Ralf, sentindo calafrios.

Rosa respirou superficialmente.

- Os dementadores costumavam ser os guardas de Azkaban. Quando se mostram indignos de confiança, a maioria deles foram rodeados e encarcerados ali mesmo, em uma habitação virtualmente privada de luz no subsolo/porão. Como os borlins, os dementadores são criaturas de sobra: sem luz que lhe contraste, estão indefesos. O poço escuro de Azkaban os aprisiona e enfraquece até ficarem loucos de fome. Se um humano for jogado ao poço com eles, essa seria uma morte extremamente horrível.

Ralf perguntou:

- Mas por que os guardas lançariam esse pobre homem no poço?

- Vingança - disse Escópio simplesmente. - Acreditavam que ele se conservava firme, protegendo os piores Comensais da Morte, os que ainda não tinham sido capturados. Eles tinham visto a quantidade de gente assassinada pelos Comensais e não teriam piedade de alguém que acreditavam que estava protegendo os responsáveis. Porém, não pode se provar nada.

- Assim o bebê ficou órfão - disse James calmamente. - Como meu pai.

Escópio acenou com a cabeça.

- Para grande fúria de meu avô, o bebê era uma menina. Nessa altura, ele não tem a menor idéia que a maldição de Severo Snape, enganou o seu juízo, trabalhando através da própria adaga. Se nega a referir-se a menina como a "ela", e a chama ao invés disso de "a linhagem" ou até mesmo "aquilo". Simultaneamente ele a despreza e está obcecado por ela, sabendo que porta o último vestígio de seu mestre morto. O bebê foi criada pelos pais de Liana, que não eram particularmente amorosos. Meu avô os tem espionado com regularidade ao longo dos anos. Os avós nunca foram abertamente cruéis, mas meu avô acredita que em segredo eles culpam a menina da morte de sua filha.

Rosa sacudiu a cabeça.

- Parem. Não quero ouvir mais nada. É horrível demais.

A cara de James se tinha estado endurecendo e cada vez mais decidida. Olhou para Escórpio.

- Não - disse ele. - Você tem algo mais a nos dizer. Agora diga a parte mais importante. Conte-nos quem é a linhagem.

- Eu acreditava que já vocês tinham alguma suposição - respondeu Escórpio. - É a única menina órfã conhecida atualmente em Hogwarts, ainda que nunca não fala disso. Ela tem o cabelo escuro de sua mãe e a altura de seu pai, mas tudo o outro, vem da persistente e escura influência da adaga Horcrux, o último fragmento da alma de Voldemort. Ela estava justamente perto de vocês esta tarde, escondida atrás de uma estante na biblioteca, os escutando a vocês três. Foi sua presença a que disparou o bisbilhoscópio na mochila de Ralf. Sabem a quem eu me refiro. Diga-me o seu nome porque eu não posso me obrigar pronunciá-lo em voz alta. Meu avô me mataria, e provavelmente ele utilizaria essa estúpida adaga para fazê-lo.

James olhou para Rosa e Ralf, analisando suas caras, e depois olhou para Escórpio.

- A linhagem de Voldemort é Tábita Violeta Corsica - disse firmemente. - De algum modo, eu já o sabia o tempo todo.

- Então você sabe de alguma coisa mais também - disse Escórpio, suspirando e se colocando de pé.

- O quê? - disse Ralf, olhando um a um todos os ocupantes da sala.

Rosa respondeu com calma.

- Sabemos que é a linhagem, sendo assim também sabemos quem vai ser o médium do Guardiã. Ambos são Tábita.

James balançou a cabeça lentamente.

- A única coisa que *não* sabemos - disse, - é como e quando vai ocorrer e o que podemos fazer para detê-la.

- CAPÍTULO 18 -

O Triunvirato



No último ano, durante uma aventura bastante dolorosa na Floresta Proibida, James tinha se encontrado algo chamado de “dríade”, o espírito vivente de uma árvore. A dríade era bastante bela, de uma forma triste, hipnótica, e tinha avisado James que o sangue do maior inimigo do seu pai batia em um novo coração, a menos de uma milha de distância. A dríade também tinha dito que James deveria ter cuidado: *a batalha de seu pai terminou, assim lhe tinha contado, a sua começa.*

James não tinha percebido o que a dríade queria dizer com aquilo, mas ele fizera a preocupante idéia sobre quem era a linhagem de Voldemort. Ele sempre suspeitara de Tábita Corsica, apesar de que outros lhe terem dito que ela era simplesmente inteligente, se bem que duvidosa e desonesta garota, com umas ilusões malévolas sobre a história recente. Agora que James sabia que Tábita era, de fato, a linhagem de que a dríade o

tinha avisado, sentia-se cada vez mais impotente. Não havia nada que ele pudesse fazer para deter o plano de Tábita, principalmente porque ele não sabia o que envolvia o plano. Escórpio insistia que o seu avô nunca lhe tinha dito especificamente os detalhes como é que a linhagem se transformaria no hospedeiro do Guardiã exceto que seria através de um teste que provaria a vontade e compromisso de Tábita no propósito do Guardiã. James teria gostado de perguntar sobre isto a Merlim, mas a sua última entrevista com o diretor só tinha aumentado suas preocupações e receios acerca do grande feiticeiro. Do mesmo modo, James poderia ter escrito uma carta ao seu pai explicando tudo e pedindo ajuda, mas o seu pai já tinha as mãos cheias com a venda da Toca, providenciando para a nova casa da avó Weasley, e dirigindo o novo sub-departamento para reprimir os movimentos de dementadores em Londres. Além disso, em sua última carta, o pai de James tinha admitido que acreditava que o todo este caso do Guardiã era um complicado estratagema criado pelos inimigos do Ministério para semear medo e instabilidade. Como poderia James pedir ao pai para ajudá-lo a prevenir e defender-se de algo que o seu pai acreditava ser imaginário? Cada vez mais, James dava por si pensando nas palavras finais da tríade: esta não era a batalha de Harry Potter; era a de James.

Escórpio tinha sugerido que o melhor que podiam fazer era simplesmente vigiar Tábita de tão perto quanto possível, uma tarefa que era cada vez mais difícil assim que o fim do curso se aproximava. James via-a regularmente durante os ensaios para *O Triunvirato* uma vez que Tábita era o diretor assistente e cada vez era mais responsável pelos ensaios enquanto a Prof. Curry se dedicava ao planeamento final da produção. As críticas maliciosas de Tábita nas performances de James não tinham parado. De fato, ela até estava mais severa com ele, sempre desculpando-se por fazê-lo repetir as suas frases na frente do resto do elenco, como se estivesse tentando assumir responsabilidade cortês pela sua aparentemente deplorável apresentação. *Depois de tudo*, James havia ouvido Tábita comentando reservadamente à professora Curry, *eu consenti, juntamente com a bancada de distribuição de papéis, em dar o papel a ele. Todavia, visão retrospectiva é sempre melhor, como costumam dizer...*

A principal tarefa de observar Tábita cabia a Ralf, uma vez que partilhava a mesma Casa que ela. Aparte da sua disposição geral se manter, Ralf não conseguia reportar nada anormal acerca da conduta de Tábita. Para James, ela parecia tanto vagamente impaciente ou até mais intrinicamente educada do que nunca.

As aulas começaram a passar voando assim que a atuação final se aproximava. Muitos pais e famílias viajavam para assistir ao espetáculo, incluindo a mãe e a irmã de James. O seu pai, para seu descontentamento, era preciso em Londres para o primeiro ataque da repressão feito pela brigada anti-dementador e por isso não podia assistir ao espetáculo. Gina, no entanto, prometera gravar a atuação de James com uns onióculos emprestados para que Harry pudesse ver posteriormente. À luz da grande audiência espetante, a intenção da Prof. Curry de conduzir uma produção inteiramente não-mágico, do tipo trouxa, tinha sido manchada e ofuscada pelo desejo crescente de seus alunos de montar um espetáculo absolutamente sensacional. James tinha visto evidência de melhoramentos secretos mágicos em quase todos os aspectos de produção, desde máquinas de vento a pedal que funcionavam misteriosamente sem que alguém estivesse na fonte de energia, até focos do palco elétricos desligados que ainda brilhavam. De fato, uma vez que o castelo de Hogwarts não possuía energia elétrica, vários pequenos geradores trouxas tinham sido proporcionados à escola para providenciar energia para as luzes. Porém, até a Prof. Curry, tinha falhado ao compreender que os geradores tinham que ser abastecidos constantemente com gasolina para funcionar. Por conveniência, Damian tinha sub-repticiamente encantado os geradores para emitir um som abafado industrial e, só pelas aparências, tinha plugado cabos elétricos neles. A professora Curry tinha sabiamente parado de perguntar pelos geradores e dedicado a assuntos mais importantes.

O horário das aulas de Petra parecia consistentemente entrar em conflito com o de James pelo que ele raramente tinha tido a oportunidade de ensaiar com ela no palco. Isto era desafortunado, a Prof. Curry admitia, mas não era grande problema já que Tábita Corsica tinha arranjado uma substituta para Petra quando ela não podia estar nos ensaios com James. A tonteira de Josefina Bartlett havia diminuído ao ponto de ela poder ler as frases em vez de Petra, e tendo sido originalmente escolhida para desempenhar o papel de Astra antes do seu infeliz “acidente”, ela era a escolha lógica para servir de substituta de Petra. Ela fazia-o com um fervor um tanto resignado, apanhada entre a vergonha de ter que servir de substituta e seu desejo de provar o quão melhor teria sido como Astra. Ela vagueava pelo cenário, com os braços cruzados e mal notando qualquer outro ator, até as linhas de Astra chegarem. Nesse ponto, ela lançava-se nas suas leituras, mudando da apatia para o completo melodrama em um mero piscar de olhos, e então mudando novamente para a apatia no momento em que as linhas de Astra acabavam. Ela mal parecia notar a presença de James no palco, apesar de muitas

das suas linhas lhe serem dirigidas. Pela sua parte, Tábita parecia satisfeita com o descontentamento de Josefina, sorrindo presumidamente quando suas linhas surgiam. James sentia-se especialmente enervado por ter que praticar a cena do clímax do beijo final com Josefina, especialmente porque ele que nunca tinha ensaiado com Petra.

Não se atreva a tentar me beijar, seu pirralho, - resmungou Josefina à medida que se inclinava, sorrindo misteriosamente.

- Nem sonhe, - grunhiu James através do seu carinhoso sorriso. - Tente apenas não cair sobre mim, quer? Você parece ficar um pouco calibrada.

Ele fez questão de falhar os lábios de Josefina por uma larga margem. Um momento depois, as luzes extinguiram-se e Tábita anunciou uma pausa de dez minutos enquanto que a equipa de palco recarregava a máquina de chuva.



Nessa noite, James teve o sonho mais uma vez, apesar de desta vez, ele sentiu que o sonho era autêntico e não uma visão direta na realidade de outra pessoa. Começou como sempre, com o lampejo, o chiar de lâminas e as vibrações e o estalar de madeira antiga. A figura no sonho caminhou até o poço ondulado e olhou para dentro. Como sempre, duas faces nadavam por entre as profundezas, um jovem homem e uma jovem mulher. Desta vez, no entanto, pareciam diferentes. Ele os reconheceu vagamente como seus avós há muito falecidos, os pais do seu pai. Eles não pareciam estar olhando para a garota com cabelos longos e escuros. Pelo contrário, parecia que olhavam diretamente para James, onde ele flutuava na escuridão perto dela. Suas faces pareciam graves e preocupadas, e apesar de não puderem falar, comunicavam com os olhos: *Tenha cuidado, neto; observa de perto e caminha com cautela/precaução. Tenha cuidado...*

A garota de cabelo escuro virou-se para longe das faces no poço, e James olhou para ela. Mesmo agora que sabia que era Tábita Corsica, o seu rosto permanecia perdido nas sombras. James tentou falar, dizer-lhe para não se esconder mais, que não valia a pena, mas seus lábios permaneceram como se estivessem costurados. Moveu-se ao lado

dela à medida que ela passava pelo poço, e assim que ela se movia, o sonho mudou. As paredes escuras e musgosas desvaneceram-se através da distância e foram substituídas uma brisa fria num topo de colina com capim. Uma grande lua cheia ardia por cima de sua cabeça, amarela e inchada, como se fosse cair sobre ele. A forma de Tábita continuou andando, e James viu que estavam em um cemitério. Uma cerca de ferro escancarada marchava cambaleante e erradamente à direita, englobando uma coleção de túmulos gastados, lápides e criptas.

- Nunca eu estive aqui antes, - disse a voz de um jovem. James olhou e mal conseguia perceber uma silhueta alta caminhando ao lado da forma de Tábita. A própria Tábita parecia mais alta também, e a sua voz parecia bastante diferente à medida que falava.

- Por que você teria vindo aqui antes?

- Meus avós estão sepultados aqui - disse a voz do jovem sombriamente. - Não tenho memória de visitar suas tumbas.

- É triste pra você. - disse a forma de Tábita.

- Se assim você o diz.

Eles chegaram a uma luz na profundidade de um vale. Emanava de uma lanterna presa em um poste. Perto dela, um homem encurvado estava cavando e retirava terra da tumba. Ele endireitou-se assim que eles se aproximaram, sondando-os com um olhar frio, apreensivo, como se estivesse à espera deles.

- De quem é esta tumba? - perguntou a forma de Tábita.

O jovem expirou, e de repente James reconheceu quem era.

- É minha. - respondeu Alvo, virando-se para a forma de Tábita. James finalmente olhara bem para ele ao brilho da lanterna. Ele parecia ter dezessete ou dezoito anos, bonito, mas amarelado, macilento e magro, como se não comesse durante alguns dias. - Você sabia que este dia chegaria - disse, tirando a varinha de suas vestes. - Todos os lados foram escolhidos. Ele presente que você está aqui; ele está vindo agora, voando como o vento. Mas há algo que você deve fazer primeiro.

E então Alvo entregou a sua varinha à figura de Tábita.

Mesmo sabendo que era um sonho, James tentou chorar, advertir Alvo, mas seus lábios não lhe obedeciam. Não conseguia fazer mais nada a não ser observar. A figura de Tábita ergueu a varinha de Alvo, apontando-a para o céu. Ela fungou, e seus ombros tremeram, como se chorasse. Então, sem prévio aviso, houve uma explosão de luz verde e um horrível assobio. O homem encurvado com a pá olhou primeiro, depois a figura de

Tábita. Alvo não levantou os olhos. Finalmente, James descobriu que podia olhar para cima. Espalhando-se por cima de sua cabeça estava uma forma brilhante, faiscante. Era um enorme crânio verde, com a boca aberta. Para fora da boca da caveira uma maliciosa cobra fluía, a sua mandíbula aberta, desfigurada e ameaçadora. O brilho tenebroso da Marca Negra iluminou todo o cemitério. Em uma das lápides mais próximas, James viu seu próprio nome e o de sua irmã. Seu sangue congelou apesar de saber que eram os nomes de seus avós falecidos.

Houve um grande estalo, e outra figura apareceu, já com a varinha de fora e apontando.

- Parem! - gritou a figura, e James pensou que a voz soava estranhamente familiar. - Vocês dois! Sei que pensam que vocês têm que fazer, mas não é a maneira! Alvo, não tem que acabar assim!

- Faça-o - disse Alvo, mas James não conseguia dizer se estaria falando para o recém-chegado ou para a figura de Tábita.

- Não! - chorou o recém-chegado, e havia uma ponta de desespero em sua voz. - Há mais a caminho, e eles não vão perder tempo em palavras! Só temos alguns segundos! Alvo, não seja um idiota!

- Sinto muito, - disse Alvo, ainda olhando para a figura de Tábita. Acenou com a cabeça devagar para ela. Ela baixou a varinha, apontando para ele.

O recém-chegado avançou, gritando o nome da figura de Tábita, apelando-lhe.

- Por favor, não o faça! Você não é assim na realidade!

- Tem razão, James - disse calmamente a figura de Tábita, quase com tristeza. - A partir desta noite, serei conhecida por um nome completamente diferente.

Houve um grito ensurdecido e uma explosão de luz esverdeada, obliterando tudo. James caiu nessa luz, lutando para se manter no sonho, mas este partiu-se como vidro, como uma vislumbrada cena fugindo de um estilhaçado espelho.

James acordou, ofegante e encharcado em suor. Passou para uma posição sentada na cama, com o coração aos saltos. A cicatriz fantasmal em sua testa doeu com tanta força que parecia que abriria a sua cabeça a meio. Ele levou uma mão até ela, assobiando por entre os dentes. Depois de um minuto, a dor começou a recuar, mas muito lentamente. Quando se obrigou conseguir fazê-lo, James virou-se para se sentar no lado da cama. Abriu a sua mochila na escuridão e enfiou lá a mão, procurando pela pena e por um pedaço de pergaminho. Finalmente, assim que o suor no seu corpo começava arrefecer no ar noturno do dormitório, inclinou-se sobre a mesinha-de-cabeceira e

rabiscou três palavras. Olhou fixamente para sua escrita à luz da lua. Não fazia qualquer sentido. Provavelmente não tinha significado. Apenas tinha sido um sonho, e não como aqueles sonhos que a sua cicatriz fantasma induzia. Mas era errado numa maneira fundamental e muito preocupante. Por razões que ele não conseguia admitir a si próprio, sentiu que era importante se lembrar disso.

Finalmente, agora tiritando e com arrepios, James enroscou-se de novo nos cobertores. Não fazia idéia de que horas eram. Amanhã seria a função oficial d' *O Triunvirato*, e depois disso, a última semana de aulas. Algures lá fora, talvez não muito longe, o Guardiã estava à espreita, à espera do seu hospedeiro humano. E ali, dentro daquelas muralhas, estava a hospedeira, preparando-se para a tarefa que a faria merecedora. E por alguma razão, era certo que James fora predestinado a impedir que tudo isso acontecesse. *A batalha de seu pai terminou, dissera a dríade, a sua começa.* Estas não eram palavras reconfortantes, mas eram as palavras que ecoavam em sua cabeça, seguindo-o à medida que ele descia, devagar, para um sono sem sonhos.

Na proximidade, Escórpio Malfoy jazia acordado, observando, não falando nem se mexendo. Quando ele estava certo que James havia finalmente adormecido, se deslizou de sua própria cama. Nas pontas de pés, atravessou o quarto, passando à frente da janela e projetando sua sombra sobre James. Escórpio inclinou-se com cuidado, de cócoras e vesgueando. Ele não tinha os seus óculos, mas a luz da lua era muito brilhante e Escórpio conseguiu perceber as palavras escritas à mão por James. Ficou carrancudo ao olhar para elas por um bom tempo, sem se mover sob o luar. Finalmente, Escórpio percorreu o caminho de volta para a sua cama.

Ao contrário de James, Escórpio não dormiu o resto da noite.



- Hoje é o grande dia! - proclamou Noé, sentando-se em um lugar ao lado de James à mesa do café da manhã. - Coma lá, "Treus". Você não pode desmaiar no cenário, não é? No fim de contas, *você* não tem um substituto.

James resmungou. As mesas pareciam estranhamente atafolhadas esta manhã já que algumas das famílias que planejavam assistir à atuação tinham chegado na noite anterior. O pai de Ralf, Dêniston Dolohov, estava sentado com ele à mesa da Sonserina, sorrindo inseguro perante a multidão ruidosa. Os pais de Noé sentavam-se à cabeceira da mesa da Grifinória com o Estevan, seu irmão.

- Você não deveria estar com sua família? - perguntou James, rabugento.

- Má sorte, parceiro. - disse Noé com sabedoria, batendo do lado do seu nariz. - Se supõe que ninguém da família deve ver você antes da atuação. É tradição, né?

Sabrina abanou a cabeça, bamboleando a pena que estava presa no seu cabelo ruivo.

- Você tá falando em casamentos, seu imbecil. É dito que os noivos não devem se ver antes do casal.

- Bem, onde é que você acha que eles tiraram a idéia? - perguntou Noé com a boca cheia de torradas. - No fim de contas, o que é um casamento senão passa de uma grande atuação na vida real.

- Você não está nervoso, ou está, James? - perguntou Sabrina, ignorando Noé.

- Talvez esteja um pouco - admitiu James. - Quer dizer, nunca esperei que fossemos preencher o anfiteatro. Vêm muito mais pessoas do que eu imaginava. Parece que a família de toda a gente vai estar cá, não é?

- Minha mãe vem - disse Sabrina, concordando. - E meu tio Hastur. Ele andou em Hogwarts há cem anos e esta será sua primeira vez de volta.

Graham interrompeu:

- Meus pais vêm, apesar de eu ser apenas um pajem. Só tenho uma frase, mas eles agem como se fosse a estrela de todo o espetáculo.

- Queria que fosse você o protagonista desta peça - disse James, se encolhendo de braços fechados.

- Será que alguém tem medo do público? - questionou Rosa vivamente, sentando-se num assento em frente a James.

- Ele não está muito bem, - disse Noé, acotovelando James. - A este ritmo, ele não vai servir para nada quando as cortinas subirem. Ainda vou ter que fazer os dois papeis! Ainda bem que posso, felizmente.

- A luta de espadas entre o Treus e o Donovan poderia ser bem um desafio, - sugeriu Graham, semicerrando os olhos pensativamente.

Em um esforço para mudar de assunto, James perguntou:

- Onde está a Petra esta manhã? Os pais dela vêm?

- Vi-a na sala comum esta manhã, - respondeu Noé. - Ela parecia estar ainda treinando as falas. Estava estudando arduamente. Não a interrompi. Presumo que a sua família venha, mas ela não tem falado muito disso.

- Perguntei a ela ontem se os pais dela viriam, - afirmou Sabrina. - Ela disse que veria os dois esta noite. Vai ser legal conhecer as famílias de todos, não acham? Na outra vez que temos chance de ver é na plataforma nove e meia, e é sempre é sempre uma correria.

- Sim - disse Graham, revirando os olhos. - Não há nada que eu goste tanto como ter a avó dos *outros* beliscando minhas bochechas.

- Se ao menos suas bochechas não fossem tão róseas e fofas - disse Noé, esticando-se sobre a mesa. Graham enxotou-o, erguendo as sobrancelhas.

James achou muito difícil se concentrar em suas aulas. De fato, com tantos pais e membros de família a chegando ao longo do dia, poucos professores pareciam esperar muito das suas aulas, de qualquer modo. No entanto, James estava satisfeito com as distrações. Tentou muito tomar notas durante Adivinhação apesar do fato de a Prof. Trelawney não gostar nada de qualquer outra coisa do que demonstrações práticas.

- A Adivinhação é um *instinto*, não um *estudo*, Sr. Potter - sibilou, parando perto de sua mesa e batendo em seu pergaminho com uma unha longa e púrpura. - Seu trabalho é limar as arestas da habilidade latente no interior do bruxo ou bruxa dotado, não meramente repetir técnicas e teorias. Livrem-se das amarras e permitam-se a realmente *ver*, meu rapaz. Que destino adivinha para si nas oitocartas?

James piscou os olhos olhando para Trelawney, de seguida desviou o olhar para o molho de cartas octogonais na mesa à sua frente.

- Ah, hmm, vejo este que tem uma estrela, - disse ele, puxando uma carta aleatoriamente. - Estrelas representam a dor, e, ah... Natal. Significa que vou ser atropelado por um caminhão nas próximas férias natalinas, mas que não vou morrer, só vou ficar muito, muito, muito machucado - Ele olhou para Trelawney de novo, avaliando a sua resposta. - Provavelmente morrerei semanas depois, em um hospital... hmm... certo?

O rosto de Trelawney transformou-se para um sorriso perplexo e mexeu-se o cabelo indulgentemente.

- Você está tentando demais, querido rapaz. Você escolheu uma estrela porque é o que será esta noite. - Trelawney suspirou misticamente e deslizou para a frente da

sala. - Poucas pessoas sabem, mas eu era uma atriz bastante dotada em minha juventude. Ainda há quem fale da minha atuação como cantora na produção dos Atores de Hogsmeade d'O *Maravilhoso Espetáculo dos Espetáculos de Ahazrial*. Ai de mim, em vez disso me submeti ao chamamento opressivo da clarividência e de professora, assim restringindo minha carreira no palco. Tenho toda a certeza, no entanto, que sua atuação desta noite, Sr. Potter, será um deleite tanto sublime como impressionante. Já o previ. - Sorriu de volta para James, seus olhos ampliados ridiculamente em seus enormes óculos.

James olhou de relance para Ralf, cuja cara estava tão pálida e preocupada como a de James. Considerando o registro de previsões da professora Trelawney, suas seguranças sobre o espetáculo eram tudo menos reconfortantes.

Durante o resto da tarde, James não podia evitar recitar as suas frases vezes sem conta na sua cabeça. Estava aterrorizado em pensar que entraria em palco e esquecer-se completamente até a última palavra. Não ajudava nada que toda a gente parecia pensar que ele devia estar apreciando a excitação. À medida que ele se movia nos corredores, até os alunos mais velhos sorriam e lhe davam palmadas nas costas, desejando-lhe boa sorte e dizendo "quebre uma varinha".

Ele viu sua mãe e irmã de soslaio depois de jantar quando ia a caminho do anfiteatro. Tinham acabado de chegar ao castelo, tendo tomado o trem em Londres. Lílian tinha os olhos bem abertos, tão apaixonada que estava pelo castelo e pela azáfama de alunos que mal reparara em seu irmão mais velho. Sua mãe, por outro lado, parecia quase impossivelmente orgulhosa de James.

- Oh, você se tornou cá um homem - disse, escovando seus ombros e endireitando a sua gravata. - Você vai estar fenomenal, James. Não está nervoso, ou está?

- Pela quantidade de pessoas que me dizem o quão brilhante eu vou ser e as que me perguntam se estou nervoso - disse James, - começo a me perguntar por que é que me voluntariei para este papel.

Gina estalou a língua.

- Você se voluntariou porque sabia que podia fazê-lo, e obviamente, toda a gente concorda. Agora só tente relaxar. Não está fazendo favor nenhum ao se preocupar.

- É fácil para você dizer - resmungou James.

- Por acaso é - concordou Gina, sorrindo para o seu filho. - Porque ao contrário das outras pessoas que aqui estão, eu sei *exatamente* daquilo que você é capaz, James. Relaxa, você se lembrará desta noite para o resto de sua vida. Tente curtir o momento.

James acenou.

- Você trouxe os onióculos, mãe?

- Seu tio Rony é que os tem, - respondeu Gina, revirando os olhos. - Ele insiste em ser ele a gravar a peça. Eu disse-lhe que ele podia fazê-lo se deixava que Hermione o ajudasse. Eles pararam em Hogsmeade para se encontrarem com o Jorge, Angelina e Teddy. Deveriam chegar aqui em meia hora, ou isso, e também trazem uma surpresinha para você.

James tinha-se esquecido da quantidade de pessoas da família e amigos que iam estar na assistência. Sentiu outra pontada de medo nervoso, mas suprimiu-o. Na verdade, agora que o momento estava quase em cima dele, sentia-se um pouco melhor com respeito à da peça. De uma maneira ou de outra, acabaria em breve. Depois da produção, a Prof. Curry tinha organizado algo chamado “festa de despedida” no Salão Principal, com ponche, coquetéis, pudins e doces de abóbora. Todo o elenco e equipa de produção estriam lá assim como as suas famílias. Era um grande alívio saber que em menos de três horas, James estaria ali também, comendo bolo e dando os parabéns a Petra, Noé, e aos outros pela sua atuação terminada. Pensando nisso, James deixou a sua mãe e irmã, dizendo que as veria depois. Gina sorriu e acenou, enxotando-o.

Os lanterninhas no exterior da entrada principal do anfiteatro viram James aproximando-se. Hugo Paulson, resplandecente em seu casaco vermelho e boina, abriu a porta para ele.

- Curry estava à sua procura, - disse à medida que James passava. - Querem te pôr a barba assim que possível. Gennifer insiste que poderia te enfeitiçar para que cresça uma a sério para esta noite, mas Cury não alinha. Parece que você vai ter que levar com cola e pêlos de cabra, afinal.

James assentiu com a cabeça, mal escutando Hugo. Parou enquanto entrava no anfiteatro e olhou para o palco. Fervilhava com atividade à medida que a equipa de palco montava o cenário do castelo no seu lugar e a professora Curry marchava às voltas, testando os focos e gritando por ajustes de último momento. No palco, Petra levantou o olhar e viu James. Sorriu e acenou-lhe. James sorriu de volta, e pela primeira vez, sentiu um entusiasmo de deleite não contagiado de medo de fazer parte de uma produção tão elaborada. Ele correu às pressas pelo corredor principal, descendo as escadas de duas em duas.

- Cá está nosso Treus - reconheceu Curry à medida que James subia para o palco.
- Seu figurino está no camarim. Vista-se e depois vai para a maquiagem, Sr. Potter. Sua barba espera você.

James olhou ao redor, mas não havia sinal nenhuma de Tábita Corsica. Ela estaria provavelmente nos bastidores supervisionando os vestiários e a maquiagem. Esperava não vê-la enquanto se agachava por trás do cenário do castelo, dirigindo-se aos camarins.

O camarim dos garotos estava lotado de personagens agitados lutando por se enfiarem em seus casacos justos, collants, e calças folgadas. Cameron Creevey parou James enquanto este passava.

- Esse chapéu está bem colocado? - perguntou ele, virando a peça estranha para um lado e para o outro. - É um chapéu de cinco cantos, certo? Mas qual canto é que é para frente? Isso importa?

- Você vai ter que perguntar a Gennifer, Cam. Não faço a mínima idéia. Parece-me bem tal como está.

- Gennifer está ocupada no camarim das garotas - Cameron inquietou-se. - Eu só não quero passar por idiota em frente a todo o pessoal!

Noé chamou-o da frente do espelho de três lados:

- Sinceramente, acho que você o tem virado do avesso, Cameron. Experimenta girá-lo ao contrário.

James parou Cameron enquanto o garoto lutava para inverter o chapéu.

- Ele está mexendo com você, Cam. Deixe as coisas como estão.

- E você tem sua faixa de seu *smoking* no lugar errado - acrescentou Noé. - Supõe-se que tem que usá-la à volta do rabo como uma fralda. Você está vendo como Graham está usando a dele?

James revirou os olhos e tirou vantagem da confusão geral para fugir de Cameron. Com certeza, encontrou o seu figurino em um cabide perto do seu armário. Seu nome estava em um pedaço de pergaminho que tinha pregado com alfinetes. A cortina ia subir quase dali uma hora, mas James não podia evitar sentir que precisava apressar-se. Estava abotoando o ultimo dos muitos botões do seu colete quando uma voz falou diretamente para ele, sobressaltando-o.

- Oi, James! - chilreou Zane. - Pode me dar um minutinho aqui?

James virou-se exasperado e confuso.

- Zane! Você tem que parar de aparecer assim! - Impacientemente, James lançou uma Azaração Ferreteante ao garoto loiro, que gritou de dor e deixou cair o grande buquê de flores que tinha na mão.

- Aaaiii! - chorou Zane, esfregando o traseiro. - Esta doeu mesmo a sério! Porque é que você fez isso?

- Zane? - disse James, esticando-se para tocar no amigo. - É *mesmo* você? Pensei que fosse outra mensagem maluca por Doppelganger! O que você está fazendo aqui?

- Bom, *estava* tentando chegar àquele vaso na prateleira, - disse Zane, revirando os olhos. - Mas agora estou pensando em apenas deixar este buquê de boa sorte aqui no chão, o que você diz?

- É mesmo você! - disse James, lutando para não se rir. - Peço mesmo desculpa, colega! Pensei que você precisava de um impulso mágico como das outras vezes. Na realidade eu não pretendia te azarar no... mas, como é que você veio até aqui?

Zane encolheu os ombros e forçou um riso.

- Eu saí da escola antes de ontem. Quando conversei com sua mãe sobre as férias, ela me perguntou se eu gostaria de vir com eles pra ver sua grande atuação. Como poderia recusar? Meus pais deixaram então vim por Rede de Flu pra sua casa em Londres de manhã cedo. Que você acha disso?

- Isso é excelente! - exclamou James. - E quanto tempo você fica?

- O resto da semana, se o velho Merlim Calça-mágica concordar. Vocês ainda estão brigados?

James abriu a boca para explicar, e então abanou a cabeça.

- Não sei. É complicado. Pergunte-me depois do espetáculo, tá bem?

- Você é quem sabe, - consentiu Zane. - É melhor eu voltar lá pra frente. Sua mãe está guardando um lugar pra mim, mas vai ser só pra ficar em pé, e alguns daqueles pais lá podem se tornar bastante agressivos por causa dos assentos. A propósito, provavelmente é melhor que você não se chegar muito perto das flores vermelhas com pontas amarelas. Essas são de Jorge, e ele sorria feio demais enquanto as olhava.

James acenou seriamente, olhando para o buquê de flores.

- Entendido, obrigado.

Damian Damascus se apressou em direção aos garotos, com um carneiro de enfeite debaixo do braço.

- James, anda! - chamou ele. - Gennifer vai ter piripaque se você não estiver já usando um cavanhaque em cinco minutos. Ei, Zane, precisa de um empurrãozinho?

- Não, já é o bastante por essa noite - disse Zane, acariciando seu traseiro. - Vejo vocês na festa, pessoal!

James seguiu atrás de Damian, lutando por apertar os últimos botões e já cheio de calor nas suas meias e colete. Um momento depois, parou, voltou correndo, e agarrou a enorme espada de adereço e a bainha. Ressoando-as e tinindo, correu para a maquiagem, o seu medo do palco praticamente esquecido na correria de simplesmente ficar pronto e a felicidade de ver o seu amigo outra vez.

Gennifer estava segurando o cavanhaque postiço de James nas mãos quando ele chegou correndo e saltou para a cadeira dobrável.

- Honestamente - disse ela, pondo uma cola amarelada de um cheiro repelente na barba, - à quantidade de trabalho que os trouxas têm que enfrentar para montar um espetáculo como este, estou surpreendida que o façam.

- Talvez seja por isso que eles assistam muita televisão. - comentou Vitória de uma cadeira próxima. - Minha mãe diz que as crianças trouxas passam mais tempo em frente à tevê do que dormindo.

Damian ainda estava por perto. Expirou e torceu o nariz:

- Mas não tanto tempo quanto a Vitória passa na frente do espelho todos os dias, portanto está tudo certo.

Vitória zombou, ignorando as risadas que se seguiram.



Cinco minutos mais tarde, James saiu dos bastidores ao lado de Petra, que estava bonita, se bem que um pouco recheada no seu enorme vestido cor-de-rosa e cachos. James espreitou cuidadosamente à volta do canto da cortina. O anfiteatro estava, de fato, quase cheio, com ainda muitas pessoas entrando, procurando de lugares para se sentar e conversando entusiasticamente. James sondou a multidão, finalmente avistando a sua mãe na seção do meio, dez fileiras para trás. Tia Hermione e tio Rony estavam sentados à sua direita, aparentemente discutindo sobre quem iria manusear os onióculos. Ted

Lupin sentava-se ao lado de Rony. Ele cortara seu cabelo novamente, apesar de ainda ser mais longo do que jamais fora no ano anterior na escola. Sua aparência parecia muito melhor que na última vez que James o vira, ainda que estiver ligeiramente desalinhada e descabelada. À esquerda de Gina, Lílian se sentava bem reta com seu bonito vestido amarelo. Ela espiou James e sorriu, acenando excitadamente. James sorriu em resposta para ela e acenou clandestinamente, tentando não atrair a atenção de mais ninguém. Pôs um dedo sobre os lábios em um gesto que pedia silêncio, e ela assentiu, fingindo fechar os lábios. À medida que James observava, Zane deslizou sigilosamente por um grupo de pais chateados, dirigindo-se para o lugar vazio entre Jorge e Lílian. Satisfeito, James virou-se outra vez para Petra e para os atores reunidos. Na proximidade, Escópio estava vestido com um traje de soldado parecido com o de James. Ele não parecia estar desfrutando.

- Nervoso? - perguntou Petra baixinho.

- Sim - assentiu James, - mas empolgado também. E você?

Petra virou-se para olhar para o palco escuro atrás das cortinas. Abanou a cabeça lentamente.

- Já não estou. Tudo acabará esta noite, aconteça o que acontecer.

Jason Smith trotou da escuridão dos bastidores, com a sua varinha acesa.

- Alguém viu a Corsica? - sussurrou asperamente, procurando cara a cara.

James negou com a cabeça.

- Ela não está na frente? Supõe-se que ela deveria estar controlando os lanterninhas.

- Ninguém a viu? - perguntou Jason, ignorando James. - Droga!

À medida que ele se ia embora, praguejando na respiração, Henrietta Littleby encolheu os ombros.

- Eu a vi há uma hora, mas foi antes da hora de qualquer um de nós chegarmos aqui. Suponho que isso não conta, pois não?

- Onde é que ela estava? - perguntou James, virando-se para Henrietta.

- Estava no banheiro das garotas do segundo andar - respondeu Henrietta. - Não fiquei por lá quando a vi. Ela me dá arrepios, se dá.

James franziu o cenho, pensativo.

Henrietta, cuja reputação como fofoqueira era bem conhecida, continuou:

- O que era estranho é que ela não estava usando o banheiro. Pelo menos não da maneira que as pessoas normais usam. Ela apenas estava de pé ali se olhando em um

dos espelhos, falando. A primeira coisa que pensei foi que ela estivesse ensaiando as frases dela, mas então me lembrei que ela *não tem* quaisquer linhas, não é? Ela é a encenadora assistente. - Henrietta deu risadinhas.

- Ela estava falando sozinha? - perguntou James curiosamente. - O que é que ela estava dizendo?

Henrietta piscou os olhos para ele.

- Como você quer que eu saiba? Não fiquei lá tempo o suficiente para perceber. Mas soava como um bocado estrangeiro agora que penso nisso. Que estranho isso, né? Muito estranho, se querem saber.

- Sim - concordou James pensativo. - Estranho.

Perto de pé, Escórcpio semicerrou os olhos.

- Aos seus lugares, toda a gente! - ralhou Curry repentinamente, aproximando-se do bando amontoado de estudantes embonecados. - Atrás da cortina! Vamos lá, está quase na hora!

James seguiu Petra enquanto ela se agachava atrás das cortinas, colocando-se na sua marca de abertura. James encontrou o pequeno X de fita adesiva no chão, que marcava a sua posição para o início do primeiro ato. Seu coração palpitava, mas já não estava nervoso. De algum modo, ele deixara o medo do palco nos bastidores. Agora que estava ali na frente, à espera que a cortina subisse, simplesmente sentia excitação. Palpitava nos seus braços e pernas como se fosse magia, e nesse momento, pensou que compreendia porque é que até os trouxas se davam a todo este trabalho para montar um espetáculo como este. Uma pessoa poderia acabar por se apaixonar por esta sensação se não tivesse cuidado. Engoliu em seco e olhou para o lado. Petra o viu e dedicou-lhe um sorriso torto, acenando uma vez. Do outro lado do palco, Noé e o resto dos atores arrastavam os pés nervosamente até seus lugares, perdidos na semi-escuridão atrás da cortina grande e grossa. Através dela, James ainda conseguia ouvir o borbulhar de centenas de vozes. Então, finalmente, houve o ressoar do sapateado da Prof. Curry atravessando o palco do outro lado da cortina. Um foco ligou-se, enquadrando-a. James podia ver sua sombra na parte de trás das cortinas, engaiolada no centro de um círculo perfeito de luz. A multidão silenciou-se e uma ronda educada de aplausos aflou no ar. Soava muito perto. Curry levantou as mãos e cumprimentou com a cabeça.

- Obrigada, senhoras e senhores, - disse ruidosa e claramente, não usando a sua varinha para amplificar a voz - e obrigada também por estarem aqui esta noite. Sei que muitos de vocês vêm de bastante longe, e em nome dos estudantes que têm trabalhado

tão arduamente para preparar o espetáculo desta noite, muitíssima obrigada. Meu nome é Tina Grenadina Curry, como muitos de vocês devem saber, sou a professora de Estudos dos Trouxas de Hogwarts. Acredito que a representação desta noite será particularmente interessante, não só por ser um conto clássico do mundo mágico, mas também, como um exercício a longo prazo para a minha turma de Estudos dos Trouxas, esta produção será apresentada como um espetáculo inteiramente não-mágico. Como tal, preparem-se, queridos amigos, para ser deslumbrados, entretidos e deleitados, pelos métodos extremamente criativos e não convencionais que temos implementado para representar esta adorada história. E agora, senhoras e senhores, sem mais demora, deixem-me apresentar-lhes os seus filhos e filhas, irmãos e irmãs, amigos e parentes, à medida que eles lhes apresentam esta interpretação de Estudos dos Trouxas de Hogwarts de... *O Triunvirato!*

Houve outra ronda de aplausos, ensurdecidora desta vez, enquanto Damian Damascus e Ralf começavam a abrir as cortinas. De uma maneira tonta, o veludo vermelho elevou-se, e à medida que o fazia, os aplausos aumentaram. As luzes de palco acenderam-se, escolhendo os elementos de palco a ser revelados. Uma delas brilhava para James, cegando-o temporariamente e escondendo-o a audiência. Lutou para não semicerrar os olhos, permanecendo perfeitamente imóvel até a cortina estar inteiramente erguida. E então, finalmente, à medida que os aplausos diminuía até ao silêncio, a cena no palco foi lançada em movimento. Todos se moveram em uníssono, circulando, pululando e passando em frente uns dos outros, formando uma representação plausível de uma praça medieval movimentada. E então, exatamente como estava planejado, a voz de Noé ergueu-se, articulando as suas falas com um cuidado meticuloso e volume.

- É um bom dia para avaliar as tropas, meu rei, - retumbou ele, percorrendo o palco ao lado de Tom Squallus, que tinha uma almofada recheando dentro de seu colete, criando uma barriga gorda por cima das suas pernas esqueléticas.

- De fato, - rosou Squallus, virando-se e colocando as mãos sobre as ancas. - E melhor ainda para sossegar a curiosidade e assombro da minha filha pela vida dos camponeses. Mas vê, a minha Astra vem aí!

E Petra moveu-se para a vista, saindo detrás de uma fortificação de madeira pintada para a luz de uma lâmpada dourada. James não tinha que agir como se estivesse maravilhado com o quão bonita ela estava. Ela sorriu efêmera para o rei gordo, e depois se virou para James, permitindo o seu sorriso se tornar mais genuíno. A multidão riu

dissimuladamente e começou a aplaudir de novo. Muitos deles conheciam bem esta cena, e conheciam seu significado; este era o momento em que a princesa via pela primeira vez o capitão do exército por quem em breve se apaixonaria. James, por sua vez, saiu da linha de soldados e fez uma reverência, inclinando-se sobre uma perna estendida, e tirando o chapéu com magnificência. Os aplausos eram deliciados e divertidos, e James decidiu subitamente que atuar era muito mais fácil do que tinha esperado.

O primeiro ato procedeu quase sem esforço, com velocidade e facilidade. James encontrava suas frases saindo facilmente pela sua língua, e pronunciava-as alto e com cuidado, sendo ciente de se virar sempre para a audiência e de manter o queixo erguido. Durante o famoso discurso de Donovan às tropas, James permitiu ao seu olhar percorrer a multidão. Mal conseguia ver através do brilho dos focos do palco, mas ele podia imaginar o sorriso de alegria e deliciado e a postura reta de sua mãe, a concentração cerrada de Lílian à medida que tentava seguir a história, e o cenho meio que zombador de Zane.

Durante a mudança de cenografia para o segundo ato, James foi rapidamente retirado de seu colete e lhe foi dado um lenço de marinheiro. Conforme se movia no palco, preparando-se para pronunciar seu entusiasta – e muito bem conhecido – e encorajador discurso, viu Graham e Jason Smith manejar os pedais da máquina de vento. Ele lançou-se no discurso, tentando juntar a mesma raiva e determinação que possuía quando foi fazer a audição para obter o papel no início do ano.

- Bruxos e homens, desembainhai as varinhas e a sagacidade, - gritou, desabotoando sua bainha e deixando-a cair no chão. Retirou a sua varinha de adereço descomunal e ergueu-a. - para lutar contra os mares violentos esta noite, que pela manhã manteremos a vitória, ou deitarmo-nos nas camas de areia oceânica: o santuário da nossa glória sofrida!

Nos bastidores, Graham e Jason pedalavam furiosamente à medida que a multidão rebotava em aplausos e mesmo haviam zoadas e assobios. A vela de adereço abanava com o aumento de vento mecânico como se fossem prenúncios da tempestade que se aproximava, e o enorme cenário pintado rodava lenta e ruidosamente, revelando uma paisagem furiosa desenhada com nuvens em tons azuis e púrpuras.

A apresentação marchava com a sua inércia estranha própria de palco, fervilhando sobre a miríade de pequenos acidentes, frases esquecidas, e entradas perdidas que a Prof. Curry tinha prometido que aconteceriam – e assegurado que o

público mal as notaria. Graham apareceu no palco para sua cena, com sua cara vermelha beterraba e os olhos tão redondos como pratos. Ele havia estado tão preocupado em não falhar a entrada de sua própria fala que interrompeu a fala anterior, respondendo à pergunta que ainda não tinha sido formulada. Tom Squallus gaguejou, tentando fazer sentido de sua resposta no roteiro, enquanto Graham sorria de alívio, olhando para a audiência e lutando para não acenar aos seus pais. Um pouco mais tarde, Asla Doone realizou uma apresentação tão entusiasta da Bruxa Verrugenta que James ouvia crianças chorando na assistência. E então, durante a luta mágica de espadas entre Treus e Donovan, que se desencadeava no ar, com eles suspensos por um complicado sistema de cordas, roldanas e polias, a espada de James foi arrancada acidentalmente de sua mão durante um golpe particularmente entusiasta. Bateu no chão retinindo e tanto James como Noé olharam embasbacados para ela com um olhar torto por um momento. Então James, num ímpeto de inspiração, furiosamente desafivelou a bainha e a brandiu triunfantemente acima da cabeça. Noé riu e então finalizaram o duelo embainhando ruidosamente as espadas enquanto a multidão ria e ovacionava.

Finalmente, o ponto culminante do terceiro ato estava sobre eles. O rei tinha morrido, Donovan estava derrotado, e Treus, ferido mortalmente, mas agarrando-se à vida, tinha resgatado Astra da vingativa poção de sono da Bruxa Verrugenta. O castelo tinha sido atingido por um relâmpago e estava desmoronando-se em chamas à medida que uma tempestade mágica se abatia sobre ele, e James sentia-se com bastante certeza de agora saber o porquê de esta história ser referida como uma tragédia. Arrastou-se mancando pelo palco, dirigindo Petra para o grande portão do cenário. O portão lançava-se para trás e para frente à medida que Ralf e Sabrina estavam atrás dele, balançando-o com todas suas forças. Jason e Graham manejavam de novo a máquina de vento, ondulando as bandeiras do castelo com uma boa imitação de uma ventania mágica; focos alaranjados ondulantes imitavam o efeito de chamas e trovões. James tropeçou dramaticamente enquanto conduzia a sua amada Astra para o portão.

- Avance! Estamos quase livres - chorou Petra, caindo sobre um joelho perto de James, como se lhe estivesse implorando. - O castelo está condenado, mas a esperança prevalece! Ó, Treus, não o amaldiçoes!

James suava por debaixo do figurino, isso dava a seu rosto um ar dramático adequado à luzes tremeluzentes. Sorriu fracamente para Petra e lançou-se para embalar à sua face.

- Não amaldiçôo a esperança - disse, e depois tossiu. – Tenho enfrentado a cólera úmida da tempestade e caído no poder dos feiticeiros. Os tenho maldiçoado a todos eles para olhar para a sua adorável face, mas, esperança? Que vida eu tenho que me reste, vivo em barricadas de esperança. Apesar de o próprio Deus poder abanar este mundo para que caia sobre si mesmo, o meu amor e a minha esperança prevalecem. Parta, minha querida e deixa-me agora: caminho para a morte em paz!

- Não rogues, adorado meu! - chorou Petra, e até James estava impressionado pela mescla de raiva e desespero naquelas palavras. - Por meses e anos só tenho ansiado por ti: os meus devaneios, lar do teu desesperado amor! Não partirei de meu lugar ao lado do teu corpo! Para que os sonhos não consumados dislacerem minh'alma!

- Então, dá-me agora um testemunho do teu amor - disse James firmemente, lutando por se pôr de pé e puxando Petra para si. - Um beijo para curar as dores da morte, este deve erguer-se e suportar por tudo!

Petra hesitou, seus olhos brilhavam de emoção, e James estava impressionado com a atuação dela. Por um momento efêmero, ele estava bastante contente por nunca terem ensaiado esta cena juntos, porque se sentia seguro de que a química espontânea deste momento só poderia acontecer uma vez. Petra inclinou-se para ele, ainda segurando sua mão direita. Ela fechou os olhos enquanto as luzes começaram a diminuir e a máquina de vento chegou à sua máxima potência, fazendo esvoaçar o seu cabelo longo. E então, enquanto James fechava os seus olhos, mal se lembrando de falhar os lábios de Petra, um lampejo de dor cegante perfurou a sua testa. Queimava pela sua cicatriz fantasmagórica pior que qualquer coisa que havia sentido até agora, e ela tropeçou largando a sua mão de a de Petra para colocá-la na sua testa. As luzes piscaram e o palco ficou submergido na profunda escuridão.

A máquina de vento não tinha parado, no entanto. De fato, parecia estar muito mais forte do que James alguma vez tinha sentido. Empurrou-o assim que ele cambaleava, e caiu no chão no meio da escuridão, com a mão direita ainda apertada contra a testa. Houve um rangido longo e agourento rangido que não pressagiava nada de bom e em seguida um estrondo ressoante. Cegamente, James percebeu que a máquina de vento tinha explodido sobre o portão do cenário e que o tinha falhado por pouco.

- Petra! - gritou ele, lutando por se pôr em pé. Havia movimento por todo o palco, e mesmo agora, a máquina de vento não tinha parado de funcionar. Alguma coisa estava muito errada. Varinhas estavam acesas no palco, e James tinha a sensação que o

pessoal dos bastidores estava correndo, lutando por evitar que o cenário todo explodisse. Ele apoiou-se nos joelhos, tentando tirar sentido do que estava acontecendo.

- Desligue-a! - ofegou alguém desesperadamente.

- Não consigo! Está funcionando sozinha!

- Está se sacudindo toda! Cuidado!

De repente, os focos iluminaram o palco outra vez, cegando James. Nesse instante, a máquina de vento deu um grande solavanco e chacoalhou. Uma das palhetas do ventilador soltou-se e cortou pelo ar, enfiando-se na pequena torre do cenário. Desequilibrada, a máquina abanou violentamente e virou-se ao contrário. Os tramoieiros dispersaram-se enquanto a máquina ameaçava lentamente e se despenhava no chão do palco, finalmente parando com um estrondo.

Surpreendentemente, ninguém se tinha machucado. James virou-se, procurando Petra. Como ele tinha suspeitado, o enorme portão do cenário tinha caído aos seus pés. Por um momento, James tinha a certeza que Petra estava por baixo dele. Ajoelhou-se, mas não conseguia encontrar sinal nenhuma dela. Ela deveria ter caído ileso do outro lado.

As luzes da sala ligaram-se novamente assim que a professora Curry corria apressadamente para o palco. A audiência balbuciava com preocupação. Muitas pessoas estavam de pé, espreitando ansiosamente para o palco, gritando e chamando pelos filhos e familiares.

- Por favor, acalmem-se - chamou a Prof. Curry, mas a sua voz perdeu-se no meio do caos. - Ninguém está ferido! Voltem para seus lugares, está tudo sob controle...

O grito de uma mulher percorreu o anfiteatro e James afligiu-se. A multidão caiu em silêncio à medida que todas as pessoas procuravam pela fonte do grito. James, de seu lugar privilegiado no palco, estava entre os primeiros a vê-la, e seu sangue congelou.

Gina olhava para o assento vazio ao seu lado, petrificada e com os olhos perdidos.

- Ela desapareceu! - chorou desesperadamente, tentando não entrar em pânico. - Lílian desapareceu! Onde é que ela iria! Ela estava aqui há um momento atrás! Onde está a minha filha?!

Zane olhou para o lugar vazio entre ele e Gina. Procurou para James, fazendo contato visual com ele, e então se agachou. Reapareceu um segundo depois segurando um par de sapatos amarelos. Seus olhos estavam mortalmente sérios enquanto os

levantava no alto. Algo tinha levado Lílian, tirando-a do anfiteatro precisamente no momento do caos escuro. Gina pegou os sapatos da mão de Zane e olhou ao redor, com os olhos pleiteantes.

- Lílilaan! - guinchou compulsivamente e de repente, a voz quebrando-se. Como se estivessem à espera, a assistência explodiu em um movimento frenético, esbarrando para as saídas, precipitando-se para o palco, chamando por nomes e balbuciando estridentemente em um caos de vozes.

James saiu disparado como uma seta do palco, despindo o seu casaco enquanto saía. Na obscuridade confusa dos bastidores, conseguia mal ver a porta que conduzia para a área das poltronas. Ele tinha que chegar até à sua mãe e descobrir o que tinha ocorrido. Apontou em direção à porta, mas algo se moveu na escuridão, bloqueando seu passo. James olhou para cima, tentando parar, quase atropelando a larga e escura forma.

- Venha comigo, rapaz, - ressoou uma voz, e uma mão muito forte prendeu o ombro de James. Instintivamente, James tentou soltar-se, mas a mão manteve-se firme.

- Solte-me! - exclamou James, com raiva e pânico misturados na sua voz.

- Você tem que vir comigo - respondeu Merlim, a sua voz era baixa e calma. - O Guardiã aproxima-se, James Potter, e está à sua procura. Venha comigo.

- Não! - chorou James, e puxou com toda a sua força. Retorceu-se para se livrar do aperto de Merlim e lutou para sacar a sua varinha. Merlim lançou-se atrás dele, e James viu que o diretor levava seu cajado consigo. Não havia como lutar contra ele. Sem pensar, agachou-se e passou por debaixo do braço de Merlim.

- James! - o chamou Merlim atrás dele, mas James recusou-se a ouvir. Lançou-se através da porta e se submergiu na multidão, derrubando várias pessoas no seu caminho.

- Mãe! - gritou ele, subindo para um dos assentos e sondando a multidão. - Mãe!

Uma mão puxou com força repetidamente pela manga de James e este se inclinou, caindo sobre o assento e aterrissando sobre uma figura larga, que gemeu.

- Ai! Você é mais pesado do que parece! - resmungou a figura, lutando por sair debaixo dele.

- Ralf! - chorou James, logrando levantar-se. - O que está acontecendo?

Zane apareceu ao lado de Ralf, ajudando-os a levantar-se.

- Temos que sair daqui - disse sobre o ruído da multidão. - Este lugar está uma confusão, e sabemos que Lílian não está aqui. Rosa mesmo está nos esperando dentro do castelo. Vamos lá!

- Onde é que está minha mãe? - chamou James enquanto os três se dirigiam pela multidão.

- Seu tio Rony e sua tia Hermione a levaram para o interior do castelo também - respondeu Zane. - Jorge e o Teddy já estão planejando fazer uma busca pelo castelo. Uma vez que é impossível desaparecer nos terrenos da escola, Lillian tem que estar algures por aqui.

O rosto de Ralf estava tenso de fúria.

- Quem fez isto? Você acha que era isto que a Corsica andava planejando? Terá alguma coisa a ver com o Guardião?

- É a única coisa que faz sentido - respondeu James enquanto os três corriam pela passagem em arco que conduzia ao interior do castelo. Rosa estava esperando pela chegada deles. Saltou para se juntar a eles, a sua cara pálida e assustada. Ofegando, James aproveitou o momento para lhes contar de seu encontro com Merlim.

- Ele disse que o Guardião está procurando por você? - perguntou Rosa. - O que quer dizer? Por quê?

James abanou a cabeça.

- Quem sabe? O que importa é que ele sabe que algo em grande vai acontecer esta noite. Ele quis-me fora do jogo!

- Ninguém viu Tábita a noite toda - interrompeu Ralf. - Ela não chegou a aparecer. Curry estava completamente chata com isso. Ela *teve* que estar por detrás do desaparecimento da Lillian!

- Ela está envolvida, sem dúvida - respondeu uma nova voz. James virou-se para ver Escórpio aproximando-se, com seu rosto tenso e ansioso. Abanou a cabeça. - Olhem, isto não é como meu avô disse que aconteceria... está tudo errado. Vim pra ajudar, se puder.

Rosa falou.

- Mas *você* disse que o seu avô nunca tinha te *dito* como é que era suposto que Tábita se tornaria o hospedeiro do Guardião!

- Sim - disse rapidamente Escórpio, enfrentando o olhar de Rosa. - Bom, eu sei um pouco mais do que o que deixo transparecer, certo? Posso explicar agora ou podemos começar a procurar pela irmã do James. Que você acha, Weasley?

- Que mais é que você não nos tem contado? - exigiu James, avançando para Escórpio.

Escórpio desviou o olhar impacientemente.

- Vejam, tudo o que eu sei é que não foi assim que o plano me foi explicado. Não conheço os detalhes, mas sei que está algo saiu errado. Quanto mais tempo demormos aqui discutindo, maior o perigo que sua irmã enfrentará. Você entende?

James semicerrou os olhos.

- Você deve ser Escórpio - interveio Zane, estendendo a mão. - Ouvi falar muito sobre você. Sou Zane. Posso ter que te amaldiçoar mais tarde, portanto achei que era melhor arrumar com as apresentações já e terminar com isso.

Ralf revirou os olhos impacientemente.

- Vamos lá! Vamos para o Salão Principal! Foi para lá que sua mãe foi com todo mundo. Podemos ajudar no pelotão de busca.

- Não - disse James, ainda olhando para Escórpio. - Só temos um lugar para procurar, não é? O banheiro das garotas do segundo andar, onde Henrietta viu a Tábita pela última vez.

Rosa franziu o cenho.

- Porque é que ela haveria de estar lá?

- Pensei a mesma coisa quando Henrietta me disse - respondeu James, já liderando o caminho para o corredor abaixo. - Mas então me lembrei: é aí que vive Murta Que Geme.

- Murta Que Geme? - repetiu Zane. - Quem é ela?

- Ah, ela é um dos fantasmas residentes - respondeu Rosa. - Vive no banheiro porque foi ali que ela foi morta há umas décadas.

Zane fez uma careta estranha enquanto andava.

- Ela morreu na privada? Isso parece pouco improvável, não?

- É complicado - respondeu Rosa fatigada. - Não é apenas um banheiro. Também é um portal de entrada para... - Rosa arfou. - James, é isso!

James olhou para ela por cima do ombro, assentindo com a cabeça. - Henrietta disse que Tábita estava lá falando consigo mesma ao espelho, usando uma espécie de língua estrangeira.

Os olhos de Rosa desorbitaram-se.

- Claro! A linhagem falaria a língua de cobra, como Voldemort! Ela seria capaz de abrir a Câmara Secreta apesar de ter sido fechada e selada todos estes anos! Ela teve que levar Lílian para aí!

- Eu a tenho visto em meus sonhos este tempo todo - disse James. - Se ao menos a tivesse reconhecido antes!

- Ei! - chamou uma voz de repente, fazendo pular os cinco em seus lugares. James petrificou, esperando que Merlim aparecesse saído a passo largo das sombras, com seu cajado preparado. Em vez disso, duas figuras surgiram da obscuridade, uma pequena e magra e outra alta e desgrenhado e desarrumado.

- Alvo! - chilrou Rosa. - Teddy! É você?

- Sim - arfou Ted. - Sua mãe enviou-me, James. Está preocupadíssima com todos você.

- E eu vim principalmente porque me escapuli enquanto a mãe não estava olhando - proclamou Alvo. - Eu não podia ficar ali sentado e não fazer nada.

- Teddy, como você nos encontrou? - perguntou Zane, levantando a sobrancelha. Ted expirou profundamente.

- Eu tenho habilidades... - bateu de leve no nariz. - habilidades de lobisomem, se quer saber. Entre o sabonete de Rosa e as pastilhas de hortelã no bolso de Ralf, vocês são mais fáceis de farejar, do que um *grindylow* morto.

- Diga à mãe que vamos procurar a Lílian - disse James, endireitando-se. - Sabemos onde ela está e quem a tem.

- Vocês *sabem*? - respondeu seriamente Ted. - Isso é muito surpreendente considerando que a sua tia e seus tios estão neste momento revistando o castelo a procurando. O que é que sabem?

- É muita coisa para explicar - disse Rosa. - Limite-se a passar a mensagem. Nós vamos buscá-la e a traremos de volta.

- Nada disso - disse Alvo, sacudindo a cabeça. - Ela também é minha irmã. Se vocês sabem onde ela está, eu vou com vocês.

- Alvo, *Corsica* é que a tem! - exclamou James.

- Tábita Corsica levou a Lily? - interrompeu Ted. - Por que é que ela faria isso? Vocês têm a certeza?

- Temos a certeza - respondeu Ralf consentindo. - E não temos muito tempo.

- De que estamos esperando, então? - Alvo disse com rigidez. - Não me interessa *quem* a tenha. Esclareceremos os detalhes depois de voltarmos, tá bem? Vamos!

O grupo caminhou energicamente ao longo do corredor, agora correndo a toda velocidade. Quando se alinharam para subir as escadas, James ouviu Ted falar atrás dele, falando através da respiração entrecortada.

- Desculpe-me, Ralf... pela coisa de tentar te arrancar seu braço...

- Você não tem problemas - resfolegou Ralf. - Não há de quê.

- Eu estava chateado... - continuou Ted, - Petra e eu... quando falamos naquele dia... simplesmente trouxe tudo de volta... já que ela estava passando quase o mesmo... tipo de coisa...

James interrompeu.

- O que você quer dizer, Teddy? Pensei que vocês estivessem falando sobre o porquê de você ter terminado com ela.

Chegaram ao topo das escadas e Rosa dobrou no canto, liderando-os para o banheiro.

- Eu? - disse Ted. - Quem disse a você isso? *Ela* é que terminou *comigo* há meses atrás. Pensava que toda a gente sabia isso.

- Não - disse James, - todos pensávamos que ela tinha ido a Hogsmeade naquele dia para tentar voltar com você!

- Vocês achavam que foi *disso* que estávamos conversando? - cortou Ted com um risinho secamente. - Nem mesmo. Falávamos dos pais dela. Pensei que todos vocês soubessem disso. Vocês viram o pacote que ela recebeu do Ministério, não viram?

James estava prestes a responder quando Rosa se virou, empurrando a pesada porta do banheiro das garotas do segundo andar. Ela movimentou-se rápido para ele, seguida de Ralf e Escórpio. Um lampejo vermelho brilhou subitamente pela entrada e houve um grito. James empurrou Zane para baixo enquanto se agachava. Outro raio jorrou pelo ar por cima das suas cabeças. Ted lançou-se pela porta, rolou, e aterrissou em um joelho, com a sua varinha estendida e apontando.

- Pare! - gritou ele.

James ainda está agachado na porta aberta do banheiro. Levantou a cabeça e viu Ralf espalhado inconsciente no chão de ladrilho. Tábita Corsica estava em pé sobre ele no meio da sala, sorrindo ironicamente e sem humor. Seu cabelo estava todo para um lado, e seu olhar era selvagem. Ela tinha um braço enrolado ao redor do pescoço de Rosa, quase levantando a menina no ar. Com a outra mão, apontava a sua varinha à têtêpora de Rosa.

- Bem! - exclamou Tábita grosseiramente. - Isto não é uma festa? Eu não esperava tantos de vocês, nem tão cedo, mas não é como se eu estivesse desprevenida, certo?

- Tábita! - disse Escórpio, adiantando-se, com a varinha estendida. - O que você está fazendo?

- Como se você não soubesse, Escórpio Malfoy - berrou, rindo um pouco. - Poderia te perguntar a mesma coisa! Quando vi que você acompanhava esta pequena comitiva, admito que ponderei suas intenções.

- Não era assim como se supõe que ia acontecer - disse Escórpio, dando outro passo em frente. - Nunca concordei com nenhum seqüestro.

- Seu avô sabia que você não tinha estômago para fazer o que esta noite realmente requereria, Escórpio! - declarou Tábita triunfante. - Mas você também nunca foi necessário, de qualquer jeito! Desde o pequeno *serviço* que realizou no verão passado, você foi meramente um *peão*. Seu avô me disse isso ele próprio!

- *Que serviço?* - exigiu James, levantando-se e tirando a sua própria varinha. - Do que você está falando, Escórpio?

- James, *abaixe-se!* - exclamou Ted, sem tirar os olhos de Tábita. - Todos vocês, saiam enquanto podem!

- James - murmurou Rosa, retorcendo-se e tentando afastar-se da varinha de Tábita, - vai!

- Conte-lhes, Escórpio! - mandou Tábita, renovando o aperto ao redor do pescoço de Rosa. - Conte-lhes o quanto você tem sido um "amigo digno de confiança"! Diga-lhes como você tem estado jogando com eles, fazendo-os passar por idiotas!

A varinha de Escórpio tremava em sua mão enquanto a apontava para ela. Olhou de relance para James, com os olhos brilhantes e assustados.

Tábita riu de novo.

- Mais vale fazer um favor a você próprio, James Potter, em te perguntar como é que eu sabia que tantos de vocês viriam, e exatamente quando. Pergunte-se como é que eu estava tão bem preparada para a sua chegada. Você consegue adivinhar? Até mesmo eu acho que *sim!*

Foi Alvo que respondeu, chamando por cima do ombro de James.

- Você tem o mapa do maroto! - disse ele, tanto chocado como desapontado. - Mas Tábita, por quê?

- Oh, meu querido Alvo, a questão importante não é "por quê", senão "como" - respondeu Tábita. - Vê, Lúcio Malfoy tem um pequeno bom ladrão ao seu serviço. *Não é, Escórpio?*

Escórpio sacudiu a cabeça com raiva, interrompendo-a.

- Certo! Mas cale a boca, Corsica! Se você insiste, *eu* lhes contarei. Fui *eu* que peguei o Mapa e a Capa! Está contente? - baixou a varinha e virou-se para James, a cara

torturada. - Ouça, eu menti. Fui eu. Fui com meus pais no dia do funeral de seu avô. Eu lhes disse que esperaria no carro, mas... isso não foi exatamente o que eu fiz. Quando eles desceram, sai furtivamente do carro e entrei de penetra na casa. Encontrei o quarto de seus pais e procurei tão rápido quanto pude. *Roubei* o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade, tudo a mando de meu avô. Você tem que entender, James, estava confuso! Eu queria impressionar meu avô, e provar a mim mesmo que era um Malfoy e um sonserino! Eu queria lhe demonstrar que seria melhor do que o vira-casaca de meu pai. Mas eu não esperava que chagasse a isto! Juro!

James estava completamente chocado. Sem poder respirar, perguntou:

- E o boneco?

Escórpio não conseguia enfrentar mais o olhar de James. Baixou os olhos e acenou.

- Isso não fazia parte do plano. O avô não sabia da sua existência. Vi-o na mesinha-de-cabeceira e pensei que poderia ser útil. Pensei que impressionaria o avô. E *impressionou*, ah, sim. Ele tinha grandes planos para o boneco, apesar de não funcionar como ele queria.

- *Sabia* que você não prestava! - gritou Alvo, lançando-se para a frente. - Farejei você a uma milha de distância!

James segurou o seu irmão, e surpreendentemente Alvo cedeu.

- Mas por que não nos contou de Tábita? - perguntou James. - Por que é que nos mostrou as lembranças na Penseira?

- *Não* responda a isso, Escórpio! - disse Tábita. - Chega de conversa. É tempo do verdadeiro trabalho desta noite começar. Todos vocês, daqui para *fora*! Ou a Weasley morre. Se vocês pensam que estou alardeando ou mentindo, já saberão isso quando ela estiver morta no chão e eu estiver descendo para a Câmara. Agora, *vão* embora!

- Tábita, você está tão iludida como meu avô! - gritou furiosamente Escórpio. - Deixa-a ir! O que você pensa que está fazendo?

- *Estou fazendo o trabalho para o qual fui criada!* - chorou tresloucada, espetando a varinha na têmpora de Rosa. - Um plano de milhares de anos chegou até aqui! *Sou* o gume da lâmina da vingança! *Sou* a mão do equilíbrio! *Sou a linhagem de Lord Voldemort!*

- Você? - troçou Escórpio, avançando corajosamente, sem sequer levantar a varinha. - Se você acredita nisso, estão está tão enganada como eu estou! Ambos devíamos saber que meu avô não diria a ninguém o seu plano. Baixe a varinha e deixa-a ir!

- Nãaaaao! - chorou Tábita, e pareceu desmoronar-se. Seus olhos eram selvagens e penetrantes. - Eu *sou* a linhagem! É meu dever descer à Câmara de meu antepassado! Eu sou a hospedeira do Guardiã!

- *Você não é* - declarou firmemente Escórpio. - Se você *fosse*, teria sido capaz de abrir a Câmara sozinha. Mas você não conseguiu, pois não? Independentemente do quanto você tentasse. Porque *você* não é ofidioglota! Você não é mais do que uma conveniente distração! Era por isso que o meu avô queria que eu lhes mostrasse as lembranças e lhes fazer crer que você era a linhagem: para distraí-los da *autêntica* linhagem!

- NÃAAAAO! - gritou de novo, fechando os olhos e desvairando. Sua varinha ondulou e o seu aperto sobre Rosa afrouxou. De repente, impulsivamente, apontou a varinha para Escórpio.

- *Avada Kedavra!* - gritou ela, a sua face retorcendo-se de raiva. Luz verde emanou de sua varinha.

Escórpio desviou-se, virando-se instintivamente de lado, como tinham treinado no Clube de Defesa. O feixe de luz verde falhou-o por centímetros, indo acertar na parede por trás dele e explodindo numa chuva de faíscas. A manobra de Escórpio lhe causou perder o equilíbrio, no entanto, e golpeou-se a sua cabeça com força na beira de uma pia quando caiu. Nesse momento, James viu a boca de Rosa apertar-se e ela lançou-se para trás, chutando e acertou na canela de Tábita. O gemido de raiva da garota alta se tornou em choro de dor e ela cambaleou. Rosa agachou-se para fora do braço de Tábita e Ted lançou-se para a frente. Capturou Tábita assim que ela colapsou, mas a luta tinha acabado para ela. Tábita largou a varinha e caiu sentada ao chão, escorregando por entre os braços de Ted.

- Ele está bem? - perguntou Rosa, saltando para o lado de Escórpio.

- Se não estiver morto - anunciou Alvo, percorrendo a sala a passos largos e apontando a sua varinha, - eu o matarei.

James afastou gentilmente o seu irmão do menino que sangrava no chão.

- Recue, Al. Pode lidar com ele depois. Acho que ele ficará bem.

Houve um rugido enquanto Ralf se levantava, esfregando a sua cabeça.

- O que aconteceu? - resmungou ele. - Estou morto?

- Tábita estuporou você - respondeu Zane, ajudando Ralf a levantar-se. - Sente-se contente por ter sido só isso. Ela ficou maluca há um pouco atrás e estava perdendo a cabeça.

- Eu *sou* a linhagem - soluçava Tábita. - Eu *senti* a mão guiadora de Lorde das Trevas guiando-me! Me foi prometido! Meus pais serão vingados! Mais ninguém cumpre os requisitos! Eu sou a única órfã dentro destas paredes! *Devo* ser eu!

Ted olhou azedamente para Tábita.

- *O que* você disse?

- Eu sou a única órfã que resta, Ted Lupin! - chorou, erguendo o olhar com raiva para ele. - Agora que *você* já não está dentro destas paredes, *tenho* que ser eu! As profecias são claras quando dizem que um filho da tragédia seria o médium do Guardiã. Meus pais *morreram* há muitos anos! E Lúcio Malfoy o confirmou! Ele *me disse* como o Ministério matou o meu pai, e minha mãe morreu quando eu nasci!

Ted abanava a cabeça devagar.

- Isso não é verdade. - disse ele. Olhou fixamente para James, a sua expressão era grave. - Então, nenhum de vocês sabem, né? Presumi que ela os tinha contado, como me contou a mim.

James abanou a cabeça.

- Quem? Dizer-nos o quê?

- Naquele dia em Hogsmeade - respondeu Ted. - Ela precisava falar comigo porque tinha acabado de descobrir sobre os pais dela. Ela queria falar com alguém que tivesse passado pelo mesmo tipo de perda. Ela nunca soube até ao pacote chegar. Era demasiado para ela agüentar... descobrir tanto, em tão pouco tempo...

- Petra? - disse James, dando um passo em frente. - Quer dizer o pacote do pai dela?

Ted franziu a testa e abanou a cabeça.

- James, não era *do* pai dela. O *Ministério* o enviou. Eram os pertences do pai dela. Deixou pra ela no seu testamento quando morreu em Azkaban há muitos anos. Quando ela fizesse dezessete anos, e o Ministério os entregaria para ela. Ela nunca soube nem sequer que ele tinha estado encarcerado. Por entre as velhas camisas e sapatos, havia um bilhete. Estava adereçado à sua filha bebê que ele nunca conheceu. Ele lhe dizia que acreditava que os guardas em breve o matariam, mas que não podia fazer nada para evitá-lo. Pensavam que ele estava a proteger os seus antigos patrões Comensais da Morte, mas na verdade ele não estava. Ele não sabia nada sobre eles; eles nunca lhe tinham dito os nomes nem sequer mostrado o rosto. Ele queria que Petra soubesse que ele teria entregado seus chefes se tivesse podido, e que... bom, que a amava, e que estava muito arrependido de nunca poder estar lá para ela.

- Foi Petra? - sussurrou James, mal se permitindo considerar a hipótese. - Não pode ser!

Ted acenou com a cabeça seriamente.

- Ela mesma duvidava disso. Foi ver Merlin sobre isso, e lhe mostrou a carta. Ele se ofereceu para lhe mostrar a verdade no Espelho Mágico dele, mas a avisou que ela poderia não gostar realmente de saber. Ela viu de qualquer forma, e viu tudo, exatamente como aconteceu. Eles atiraram o seu pai para o poço dos dementadores. Foi... foi horrível. Ela ficou completamente devastada.

Rosa olhava de James para Ted, os olhos bem abertos.

- Mas ela nunca contou a ninguém que era órfã, certo? Todos partimos do princípio que tinha mãe e pai como todos nós!

- Petra foi criada pelos avós, mas nunca nos falou disso - respondeu Ted. - Os Malignos e eu, quando os vimos na estação, assumimos que eram os pais dela e que a tinham tido mais tarde na vida. Ela nunca falava deles, e todos pensávamos que ela não teria uma vida lar muito feliz. Eles apenas lhe tinham dito que a sua mãe tinha morrido no parto. Eles tampouco nunca falaram de seu pai, de modo algum, e Petra aprendeu a não perguntar.

- Eu deveria saber disso - disse James, tocando na testa. - Eu a vi em meus sonhos uma vez ou outra. Eu acreditava que era Tábita porque não conseguia ver a face, mas tudo encaixa agora. A voz... falava sobre restaurar as pessoas que ela tinha perdido. Dizia-lhe que lhe seria permitido vingá-los, e até mesmo recuperá-los. Eu até os vi... os pais dela, refletidos em uma espécie de piscina verde brilhante! Petra acredita que o Ministério matou o pai dela, e que a sua mãe morreu por causa disso, e agora vai fazer o que for preciso para trazê-lo de volta! A voz em meus sonhos, dizia que só havia uma maneira de fazê-lo... sangue por sangue!

- LÍlian! - arquejou Rosa, cobrindo a boca.

- Ela não o faria! - disse Alvo, abanando a cabeça. - Petra nunca magoaria a LÍlian. Pois não?

- Morganstern!?! - disse Tábita, meio que soluçando. - Impossível!

- Na realidade, não - uma voz diferente respondeu com tristeza. - Se pensarem nisso, quero dizer.

Todo o mundo se virou para a figura fantasmal sentada na janela ao canto.

- Murta! - chorou Rosa. - Há quanto tempo você está aí?

- *Aquela é que é a Murta Que Geme?* - perguntou Zane, arqueando a sobrancelha.

- Eu esperava algo mais... hmm...

- *É má educação* falar das pessoas como se elas não estivessem aqui - ralhou tristemente a Murta. - Mesmo que, tecnicamente falando... não estejam aqui. Mas não se preocupe, estou... *habituada*. - Suspirou ela dramaticamente.

James falou.

- Desculpe, Murta, mas isto é muito importante. O que é você sabe sobre esse assunto?

- Ah, *agora* toda a gente vem falar com a Murta, não é? "O que é que você viu, Murta?" "Conte-nos tudo o que sabe, Murta". Mas eu sei como é tudo: no momento que eu contar, você esquecerá a pobre e patética Murta Que Geme. Foi a mesma coisa com o seu pai, James Potter. Seu irmão se parece muito com ele também, apesar de não ele ter essa estúpida cicatriz falsa na testa.

- Do que é e ela está falando, James? - perguntou Alvo pelo canto da boca.

James sacudiu a cabeça.

- Desculpe, Murta, mas isto é mesmo sério. Nossa irmã está em perigo. Você tem que nos ajudar!

- Eu sei - arrulhou Murta. - Coitada da pequena Lílian. Talvez até ela me faça companhia aqui no banheiro.

- Murta! - gritou James, exasperado, mas Rosa colocou a mão no peito dele, parando-o. Ela virou-se para a figura fantasmal, com uma expressão pensativa.

- Sabe, Murta, se você nos ajudasse, aposto que o pai da Lílian ficaria muito agradecido. Aposto que ele até viria te visitar, te dizer o quanto aprecia sua ajuda.

Murta olhou petulantemente para Rosa.

- Harry? Ele não o faria. Ou sim? Ele provavelmente já nem se lembra de mim.

- Tenho a certeza que ele se lembra - disse Rosa confiante. - Ouvi-o falando de você. Ele provavelmente ficaria muito grato se, hmm... pusesse conversar um dia com você.

Murta parecia estar animando-se um pouco.

- Você acha mesmo que sim? Oh, já passou tanto tempo, mas eu sabia que ele voltaria um dia. Sempre tive um lugar especial para ele.

- Sim, - concordou Rosa. - Mas primeiro, diga-nos. O que você viu? O que é sabe sobre Petra?

- Ah, sim. - Murta respondeu melancolicamente. - Coitadinha. Ela nunca falou pra mim, sabem, de todas as vezes que esteve aqui. Ela provavelmente achava que não a conseguia ver por baixo da Capa da Invisibilidade, mas essas só funcionam nos vivos.

Zane deu um passo em frente.

- *Petra* tem a capa! Quando é ela esteve aqui, Murta? O que é ela fez?

Murta deslizou perto de Zane e pousou um braço fantasmal sobre ele.

- Oh, com *frequência*. Ela passava a maior parte do tempo lá em baixo durante as férias, quando poucas pessoas estavam na escola. Mas ela tem ido lá pelo menos uma vez por semana ultimamente. Não sei o que ela faz lá, claro. Eu, ahm... não a sigo. Mas então, ainda há vinte minutos atrás, ela passou por aqui com Lillianinha. Mesmo antes de Tábita aparecer com aquele estúpido mapa.

- Aonde Petra levou Lílian, Murta? - pergunto Ted impaciente. - Elas foram para a Câmara Secreta?

- Mas é claro, seu garoto estúpido - disse Murta, batendo a cabeça coquetemente. - Onde mais elas poderiam estar?

Albus sacudiu a cabeça, exasperado.

- Por que você não disse a ninguém?

Murta espreitou para ele misticamente.

- Porque ninguém me perguntou - respondeu simplesmente.

James virou-se, voltando para o centro da habitação.

- Como é que chegamos lá? - exigiu ele. - Onde fica a entrada?

- Hã! - exclamou Tábita, ainda amarrotada no chão sob o olhar atento de Ted Lupin. - Nunca vocês a atravessarão! Se não consegui abri-la, ninguém consegue! Só a verdadeira linhagem pode pronunciar o encantamento para abrir a Câmara Secreta!

- É verdade, Murta? - perguntou Rosa, virando-se para o fantasma outra vez.

- Oh, não - respondeu Murta, abanando a cabeça lentamente. - Não, não, não. Um monte de pessoas tem aberto a Câmara. Aquele horrível Rony Weasley a abriu há uns anos, apenas imitando os sons que Harry Potter tinha feito. Se *ele* conseguiu, *qualquer um* consegue.

- Sua pequena gato-sapato desprezível... - chilrou Tábita, endireitando-se. - Todo aquele tempo você me via tentando-o... você me fez fazer figura de tola!

- Não precisava de *minha* ajuda - atirou Murta.

- Murta - disse James seriamente, avançando com cuidado em direção ao fantasma. - Não temos muito tempo. Pode nos dizer o encantamento?

- Você não se *atreva!* - exclamou Tábita, a sua voz tornando-se ameaçadora.

- Já chega, Corsica - advertiu Ted, erguendo a sua varinha. - Cale a boca ou vou te estuporar. É o mínimo que você merece.

- É um som *horrível* - disse Murta, ignorando Tábita. - Me dá arrepios ouvir, e eu *estou morta*. Sempre eu pulava para dentro do cano da minha privada antes de Petra dizer o encantamento.

- Por favor, Murta - suplicou Rosa. Como é? *Temos* que chegar lá abaixo.

Murta olhou de esguelha para Rosa, erguendo uma sobrancelha.

- Você realmente acha que Harry vai vir me fazer uma visita? Você promete?

- Prometo - assentiu Rosa. - Por favor, conte-nos.

Murta suspirou e volteou devagar até ao centro da divisão. Cuidadosamente, abriu a boca e produziu um som horrível e sibilante. Era gutural, quase gorgolejante. Fez o cabelo de James eriçar-se.

Quando acabou, Zane olhou ao redor e perguntou:

- Então, quem vai fazer isso? Eu sei que não posso produzir um som destes.

Ralf respirou fundo.

- Eu tentarei - anunciou, suspirando com resignação. - Afinal de contas, sou um sonserino.

Ninguém argumentou. Ralf abriu a boca e imitou o som tão bem quanto pôde. James pensou que ele tinha feito um notavelmente bom trabalho já que os sons da boca de Ralf ainda mandavam arrepios pela sua espinha abaixo. Tão depressa quanto ele terminou, um grande estrondo chilreante sacudiu o banheiro. A pia diretamente atrás de Ralf começou a descer, recuando no chão. Tábita ofegou e moveu-se para o lado, seu rosto pálido era uma máscara de espanto e inveja.

- Vamos lá - disse Ted sombriamente. - Temos que nos apressar.

- Você não pode ir, Teddy - disse Rosa, tocando no braço de Ted. - A não ser que você planeje trazer também Tábita com você. Ela é setimanista. Eu poderia até vigiá-la, mas me sentiria muito melhor se fosse você.

Ted contorceu-se de frustração, olhando para outro lado e manuseando com os dedos na varinha. Finalmente virou-se para trás.

- Vão - disse ele relutantemente. - Eu fico vigiando Corsica, mas não sairemos daqui até vocês voltarem, beleza? Além do mais, é Petra sozinha que está lá embaixo, né? Vocês serão capazes de lhe meter o bom senso de novo. Ela nunca machucaria alguém.

James acenou, mas não tinha tanta certeza de que Ted tinha razão sobre isso. Ted não tinha tido os sonhos.

- Certo. Vamos. - Respirou fundo e virou-se para a escadaria antiga.

- E James, - chamou Ted, - diga a Petra o mesmo que ela me disse a mim! Diga-lhe que esse não é o caminho! Diga-lhe que eu disse isso, tudo bem?

James assentiu com a cabeça, e então desceu os degraus de pedra, com seus amigos seguindo-o de perto.

- CAPÍTULO 19 -

O Sacrifício



James iluminou sua varinha enquanto descia a velha escadaria de pedra. Rosa e Alvo seguiam-o, com os olhos muito abertos, com Zane e Ralf em sua cola. A cicatriz fantasmal de James tinha-lhe doído desde esse horrível estalido de dor quando ele tinha se movido para beijar Petra, e agora, enquanto entrava naquela câmara escura, o ardor se incrementou até se converter num pulso palpitante.

- Eu já tinha estado antes na Câmara Secreta - chamou Rosa, sua voz ecoava no escuro e cavernoso espaço - Há muitos anos, quando eu estava em uma visita guiada por Hogwarts. Meus pais negaram-se a entrar comigo porque, claro, já a tinham visto antes, e eles não queriam reviver nada disso, assim eu fui com o tio Jorge. Na realidade, não tinha muito para ver, já que tinham tirado o basilisco morto fazia anos. Era mal um espaço subterrâneo aberto. Quase tudo se tinha derrubado.

James soltou um grito sufocado e tropeçou até deter-se, fazendo sinais com uma das mãos para advertir ao resto e sustentando sua varinha no alto com a outra.

- Isto fazia parte da visita quando estive aqui, Rosa? - perguntou sem fôlego.

Rosa deteve-se depois dele, com os olhos bem abertos. Por trás dela, Ralf e Zane também se detiveram subitamente.

O chão terminava aos pés de James como se tivesse desprendido. E para além, um consistente espaço escuro indicava um abismo de profundidade inimaginável. Ominosos e repulsivos sons sibilantes desprendiam da escuridão, e quando James levantou a varinha, sua luz cintilou nos fios de enormes facas que se balançavam no ar.

- Não - ofegou Rosa, - *definitivamente* isto não era parte da visita. De onde saiu?

- Eu diria que é recente - disse Zane, assinalando algo. - Olhem!

James viu o que Zane assinalava. Ao outro lado um par de enormes portas de pedra abria-se a ambos custados, com vistas ao profundo abismo que havia ante ele.

- Como as abriria Petra? - perguntou Rosa incredulamente - Devem pesar toneladas!

- Estou mais interessado em saber como ela cruzou isso - disse Ralph, gesticulando para o abismo e as enormes e oscilantes facas - *Nunca* seremos capazes de segui-la!

James agachou-se e alçou uma rocha de tamanho médio. Suspendeu-a cuidadosamente em sua mão e depois a lançou para o abismo tão forte quanto pôde. Esta caiu na escuridão, girando lentamente e então se produziu um lampejo e uma chispa quando uma das facas mágicas desceu em picado. A rocha ficou pulverizada no ar, e depois, foi sugada pela escuridão.

James olhou de esguelha a Rosa e Ralf, com os olhos muito abertos. Ralf deu de ombros impotentemente.

Alvo solto um profundo suspiro.

- Acho que poderia ter uma maneira de cruzar isso - disse ele como se temesse admiti-lo.

- Quê, Al? - perguntou James, mas seu irmão já se tinha girado. Alvo afastou-se uns quantos passos até que se deteve outra vez na base dos degraus de pedra. Deu uma olhada para trás.

- Papai me ensinou isto - disse ele. - Uma vez salvou-lhe a vida. Talvez possamos utilizá-lo para salvar a Lílian. - Deu-se a volta de novo para as escadas, levantou sua própria varinha, e tão forte como pôde, gritou: - *Accio vassoura!*

Quase um minuto depois, James estava começando a duvidar de que o feitiço tivesse funcionado quando uma exclamação de alarme ressoou para abaixo pelos degraus de pedra.

- Não! - chorou a voz Tábita. - Minha vassoura não! Não pode!

Ted gritou por cima dela.

- Aí vai!

A vassoura mergulhou-se para os degraus e deteve-se junto a Alvo. James, que estava de pé perto, podia ouvir o ténue zumbido da vassoura. Recordava muito bem sua frustrada tentativa de se apoderar dela no ano passado.

- Não pode falar sério - disse Zane, adiantando-se e examinando o cabo da vassoura. - Esta é a vassoura de Tábita! O falso cajado de Merlim do ano passado. Você não vai tentar montar para atravessar o abismo, ou vai?

- Agora é minha vassoura - disse Alvo seriamente. - Tábita me deu, ainda que ela pode que se esteja se arrependendo.

Rosa declarou:

- Mas você não pode voar através sem mais nem menos. Já viu o que lhe aconteceu à rocha! Não sei como Petra fez para cruzar com Lílian, mas deve ter algum outro caminho!

Alvo aproximou-se a passos largos da beira do abismo e montou na vassoura.

- Esta não é uma vassoura comum, Rosa. Não sei de onde Tábita a comprou, ou como funciona, mas *sabe* onde tem que estar. Em certo modo, é todo o contrário à Thunderstreak de James. Sabe onde estar, e o põe na mente do ginete. A vassoura não permitirá que nos façam em pedaços. E além do mais, não temos alternativa. Sobe por trás de mim, James, e agarra-se tão forte como possa.

James engoliu saliva em seco e subiu à vassoura, envolvendo os braços com firmeza ao redor da cintura de seu irmão.

- Esperem! - exclamou Rosa. - É uma loucura!

- Por isso não *podemos* esperar, Rosa - disse James, rilhando os dentes. - Se esperarmos, compreenderemos a absoluta loucura que é isto. Adiante, Alvo!

James sentiu a Alvo esticar-se. Juntos, se contorceram, e enquanto Rosa lançava-se para diante para agarrar a James, com a cara aterrorizada, Alvo inclinou-se para frente, levando James e a vassoura com ele.

A vassoura despencou sob o peso tanto de James como de Alvo, e James fechou os olhos com força, abraçando o seu irmão enquanto este se inclinava ao longo do cabo, lutando para mantê-lo direito. A vassoura corrigia-se rapidamente, inclinando-se para acima e acelerando. James ainda tinha acendida sua varinha no punho. Ele agarrava Alvo com seu braço esquerdo e segurava sua varinha no alto, lutando contra a força da velocidade. A luz da varinha refletiu-se em uma grande lâmina afiada quando esta passou junto a eles, cerceando o ar. Alvo cambaleou de lado quando a vassoura a esquivou, e James quase deixara cair a sua varinha, lutando para permanecer agarrado. O ar assobiava por todos os lados enquanto as facas enormes e curvas cortavam a escuridão, caindo como espadas e lhes falhando por pouco. Surpreendentemente, a vassoura parecia determinar o curso por si mesmo, esquivando com velocidade relampagueante através da cintilante e mortífera barreira. James lutou para agarrar-se, tentando manter seu corpo o mais perto possível da vassoura e de Alvo. Ouviu-se um

som alto e áspero quando uma das facas cortou uma impecável abertura em sua túnica, e James sentiu passar o frio do metal por sua pele. Uivou de dor e apertou-se, empurrando à vassoura ligeiramente fora de seu curso.

Alvo disse um palavrão, tentando corrigi-lo, mas foi inútil. A vassoura parecia ter perdido sua orientação. Empurrava-os para acima embaixo deles, e James teve a sensação de que estava se aproximando do outro lado do abismo. De repente, uma áspera parede de pedra apareceu à vista, como se estivesse caindo sobre eles. Alvo atirou-se para acima, tentando ajudar à vassoura a atingir a saliência, mas estava demasiado alto. A vassoura brigou, voando quase verticalmente, ainda ziguezagueando entre as facas que passavam. E então, subitamente, havia luz e espaço, e James estava escorregando da vassoura, balançando os braços à procura de algo para que pudesse agarrar-se. Aterrissou duramente sobre pedra, rodou e levantou-se cambaleando, com o queixo arranhado e sangrando, mas pelo resto estava ileso.

Alvo estava tendido a quatro metros de distância, perigosamente perto da beira do abismo que acabavam de atravessar. Ele gemia e agarrava-se fortemente a cabeça.

- Al! - chamou James, cambaleando até ele. - Você esta bem?

- Acho que nos espatifamos - respondeu Alvo, sacudindo a cabeça para esclarecê-la. - Foi uma loucura não? Ai!

James baixou os olhos.

- Oh, não! Acho que quebrou!

- Minha perna? - perguntou Alvo, examinando-se sua canela criticamente. - Ai! Estou bastante seguro de que não se supõe que deva se dobrar dessa maneira, mas não é nada que Madame Curio não seja capaz de solucionar, verdade?

James piscou para a perna torcida de Alvo.

- Oh. Humm. Não, não foi isso o que eu quis dizer. Sente-se, Alvo. Referia-me *àquilo* - Apontou ao pau da vassoura, que estava quebrado em duas partes.

- Ah, não! Isso dói inclusive mais do que a perna! Agora como vamos voltar? - exclamou Alvo, recolhendo um dos pedaços.

James sacudiu a cabeça.

- Como você disse, simplesmente resgataremos a Lílian, e nos encarregaremos do resto mais tarde.

Alvo começou a arrastar os pés e então urrou de dor, caindo para trás.

- Não estou nada bem, James. A não ser que planeje levar-me nas costas, estou detido aqui.

- Vamos não poderei fazê-lo sozinho! - disse James, sentindo um súbito e imponente enjôo.

- Bem, se você não nos tivesse feito perder o controle lá acima, eu não estaria nestas condições, seu estúpido imbecil!

- Eu? Em primeiro lugar, de quem foi a idéia de montar na “vassoura do inferno” para atravessar o abismo?

- Bom, está claro que a você não se lhe ocorreu nenhuma outra brilhante idéia, não?

- Ssh! - vaiou James repentinamente, meio que se virando.

- Não mande me calar, seu grande idiota! - gritou Alvo – Se minha perna não estivesse já quebrada, chutaria você com ela!

- Sssssh! - insistiu James, agitando uma mão freneticamente. Inclinou a cabeça, escutando. Alvo deteve-se e escutou também, enrugando o cenho.

- É uma voz - sussurrou. - Algo assim. Soa arrepiante.

- Vem dessa gruta de lá - assinalou James. Quando seus olhos se adaptaram à penumbra, pôde ver uma luz verdosa pestanejando que emergia da boca da gruta.

- Veia James - sussurrou Alvo com urgência. - Traga Lílian de volta se ainda você pode. E se não pode, juro que te matarei.

- Está bem. Só espero que ninguém se adiante.

James assentiu.

Soltou um profundo fôlego, ainda olhando fixamente ao verde resplendor da boca da gruta, e depois começou a caminhar para ele.

A cicatriz fantasma de James começou a cantar uma longa e alta nota de dor. Zumbindo em seus ouvidos, vibrando com força com o constante retumbar das batidas do seu coração. Na realidade Petra não machucaria Lílian, certo? Na verdade, ele queria crer que não recordava os sonhos, mas recordava as palavras persuasivas, consoladoras e provocadoras da voz fantasmal. Esta tinha prometido que Petra podia recuperar os seus pais só se estava disposta a fazer a eleição mais difícil de todas para compensar sangue por sangue. Petra obviamente estava fora de si. Estava em alguma espécie de transe, não? Ela estava sob o controle daquela horrível voz, e da última fibra da alma de Lord Voldemort que batia em suas veias. Mas inclusive enquanto ele aproximava-se à entrada da gruta, soube que isso não era completamente verdadeiro. Petra estava sendo influenciada, sim, mas não estava sendo *forçada* a fazer nada. Esse pedaço de Voldemort não era suficiente para controlá-la totalmente, só podia influenciá-la, a persuadi-la e estimulá-la, seduzi-la. A maior influência dentro de Petra era seu próprio coração partido, sua profunda e silenciosa raiva e a desesperada e inesgotável ânsia de justiça para aqueles que lhe arrebataram a seus pais. Sendo escrava dessas emoções, James sabia que Petra poderia fazer quase qualquer coisa se estivesse convencida que isso satisfaria essas necessidades. Pensando nisso, James se estremeceu. Entrou-se na boca da gruta e viu tudo.

Havia um poço verde resplandecente, alumiado e aluindo desde dentro, e ali estava Petra, ainda vestida com seu vestido rosa. Os cachos tinham começado a desprender-se de seu penteado e sua maquiagem tinha escorrido, formando faixas em

suas bochechas. No entanto, seus olhos estavam secos agora. Tinha levantado a varinha, apontando para Lílian, que estava de pé na frente dela, inexpressiva e flácida como um fantoche. Uma voz alta e horrível estava balbuciando e James só agora pôde distinguir as palavras.

- O jovem James chegou! - disse a voz, com deleite. -Contempla-o, querida! Chegou, tal e como predisse!

James soltou um grito afogado, ouvindo seu nome pronunciado por essa horrível voz, mas então Petra virou-se para ele, e seu grito se converteu num violento calafrio enquanto a dor de sua testa atravessava-lhe. Os olhos de Petra estavam estranhamente mortos. Com o resplendor do poço verdoso, sua cara parecia uma máscara. Ela sustentava o boneco vodu em sua mão livre, e James pôde ver que alguém tinha desenhado um tosco relâmpago verde em sua frente.

- James - disse ela inexpressivamente, ainda apontando com sua varinha para Lílian, - você não deveria ter vindo. Já é tarde demais.

James se cambaleou para frente, adentrando-se na luz da gruta.

- Petra, o quê... o que está fazendo?

Petra encolheu os ombros ligeiramente, e depois voltou seu olhar fixo para Lílian.

- Aquilo para o que se me criou - respondeu, soando alarmantemente como Tábita Corsica. Assentiu com a cabeça para Lílian e disse-lhe:

- Já você sabe o que tem que fazer querida.

Sem pestanejar, Lílian rodeou lentamente o poço incandescente, seus pés descalços não faziam ruído sobre a pedra. Ao outro lado do poço, James viu que uma série de degraus baixava até a água. Muito devagar, Lílian começou a descer a escadaria. James compreendeu com horror que sua irmã estava sob a Maldição Imperius.

- Lamento isto, James - disse Petra. - Sei que você não pode compreender por que tem que passar por isto. A princípio também para mim parecia horrível, mas agora sei que é a única forma. Para valer é o melhor para todos, inclusive para Lílian. Você tem que confiar em mim.

- ... confiar em mim - ecoou a horrível e penetrante voz. Parecia estar falando constantemente, murmurando por baixo das palavras de Petra, quase como se lhe estivesse apunhalando-as dentro dela.

- Lílian! - chamou James, avançando. - Pare aí!

Os olhos de Lílian não faziam bem mais que pestanejar. Ela deu outro passo no interior do horripilante poço verde. James procurou desesperadamente sua varinha, mas não estava em seu bolso. Demasiado tarde compreendeu que a devia ter deixado cair quando ele e Alvo tinham se espatifado da vassoura. Ele correu para frente, com intenção de arrastar a sua irmã fora do poço, mas justo quando já a tinha em seu alcance, algo o repeliu. Foi lançado para trás pelo ar, como se alguém tivesse atirado de um

sensato nó em sua cintura. Golpeou a bolorenta parede de pedra e caiu, o golpe deixou-o sem respiração.

- Um de cada vez, James - disse Petra tristemente, ainda apontando a varinha para Lílian. - Lamento. Por favor, não tente de novo. Sinceramente não quero ferir a nenhum dos dois antes de tudo tenha acabado.

James ofegava violentamente, e a cicatriz fantasmal de sua testa ardia como um ferro em brasa. A arrepiante voz ecoava com cada palavra de Petra, e pela primeira vez, James se perguntou se Petra era sequer consciente dessa voz. Era possível que ela não se desse conta de como estava sendo persuadida? Ele deu uma olhada ao redor, procurando pela origem da voz. Como em seus sonhos, parecia emanar de uma figura misteriosa em um escuro canto. Esta estava perfeitamente imóvel, aparentemente vestida com um velho chapéu-coco e uma capa empoeirada. Os braços penduravam desajeitados aos lados, enquanto observava.

James lutou para levantar-se, mas sentia-se débil e pesado, como se algo lhe estivesse pressionando contra o solo. Era o terrível peso de uma nova presença, enchendo a habitação de fumaça negra e escurecendo-a. Era o Guardião. Silencioso e inquietantemente invisível, descia à Câmara, observando e preparando-se para meter-se dentro de Petra, uma vez ela tivesse completado o rito voluntário de aceitação: assassinar Lílian.

Lílian deu outro passo para o interior do poço. Seu vestido amarelo começou a flutuar a seu redor, afundando-se na água turva, e enquanto descia algo mais parecia estar ascendendo no outro extremo do poço. James reconheceu a figura. Era a jovem que ele tinha visto tantas vezes em seus sonhos: a mãe de Petra. Enquanto Lílian submergia-se no água, Liana surgia de seu próprio reflexo, sorrindo para sua filha e alçando as mãos. Os olhos de Petra brilhavam enquanto observava à figura em movimento.

- Petra! - chamou James, recuperando o fôlego. - Essa não pode ser realmente sua mãe! É uma armadilha! Não é real!

- Não o escute - sussurrou a voz aguda, enrolando-a. - É o filho daqueles que a deixaram morrer. Está cheio de mentiras e engano. Mas sua voz se apagará para sempre, e com morte dele, você trará de volta o seu pai também! Então tudo estará preparado; o equilíbrio será restaurado. A Nova Era do Juízo está perto, e tudo por seu sacrifício...

- Todo por meu sacrifício - disse Petra tranquilamente, caíam lágrimas pelo seu rosto outra vez, escorregando sua maquiagem.

O queixo de Lílian tocava a superfície do poço. Uma gota de água pendurava-lhe ali, e então se moveu para diante novamente, e sua boca submergiu-se baixo da superfície. Seu cabelo estendeu-se ao seu redor, flutuando na água como uma auréola. A figura fantasmal de Liana Agnellis pôs um pé na pedra seca. Nem sequer estava molhada.

- Isso não é real! - gritou James desesperadamente, lutando com seus pés. - Tudo vem dessa voz! O que ela é?

- Não há nenhuma voz - cantou Petra ligeiramente, balançando a cabeça de um lado a outro. - Não há nenhuma voz diferente da do meu pai morto. Como você vê, trouxe suas coisas aqui, onde esperaram por ele. Seu chapéu, seus sapatos e seu casaco. Inclusive sua Capa de Invisibilidade, que usei eu mesma em tantas destas visitas. Ele se alegrará de vê-las de novo, não parece?

James sacudiu a cabeça fervorosamente.

- Essa é a capa do *meu* pai, Petra! Você esta sendo enganada!

Petra não parecia ouvi-lo. Seus olhos olhavam fixamente como em transe à figura de sua mãe, mas apontava ainda Lílian com sua varinha enquanto ela descia o último degrau, se deslizando abaixo da superfície da água. A pesada e escura sensação da presença do Guardião aumentava. Tudo estava a ponto de se cumprir; Lílian logo estaria morta e o Guardião unindo-se a Petra, sua hospedeira. Assim que não teria forma de lhe enviar de volta, não teria forma de evitar que devastasse a Terra. James desejava voltar a lançar-se para o poço, arriscando-o tudo para arrancar sua irmã da água, mas inclusive em seu desespero sabia que Petra o repeliria facilmente outra vez. Não havia nenhuma esperança, e mesmo assim, James se dava conta que esta era sua última possibilidade de atuar. Olhou, freneticamente, de sua irmã que se afogava para a figura misteriosa do canto. Ele podia ver agora que não era uma figura, senão simplesmente um conjunto de roupas... Os pertences do pai de Petra, colocadas como um espantalho. A voz provia de dentro deles, oculta de alguma maneira. Repentina e horrivelmente, James soube o que tinha que fazer.

- Isto não é do seu pai - exclamou ele, engatinhando para cruzar o aposento, beirando o poço para salvar sua irmã agonizante. - Petra, *olhe!*

Antes que Petra pudesse detê-lo, James agarrou o braço vazio da capa. Atirou tão forte quanto pôde, arrancando o casaco. Este se desprende da figura à que tinha mantido em pé, derrubando o seu chapéu-coco também e a horrível voz gritou de fúria.

- Não! - berrou. Rapaz asqueroso! Como se *atreve* a me tocar!

James se desequilibrou para trás, quase desmaiando com a intensidade da dor em sua testa.

Petra ofegou e sua varinha vacilou.

- James... O que você tem...? - exclamou ela e então sua voz mudou, parecendo agora ligeiramente duvidosa. - Pai?

O casaco tinha camuflado um retrato em uma moldura. James pode ver imediatamente que o retrato tinha sido severamente danado, quase totalmente destruído e depois tinha sido costurado sistematicamente de novo e repintado. As partes repintadas não se moviam muito bem, mostrando uma cara retorcida e com um olhar mutilado, mas James podia ver claramente a quem representava a pintura. Um

olho olhava fixo e inexpressivamente enquanto o outro lhe seguia malevolamente, brilhando de cor vermelha e com pupilas verticais como os de uma serpente.

A face de Petra encrespou-se com um nojo involuntário.

- Você não é meu pai... você é... é...

- *Termine a tarefa!* - sussurrou o retrato furiosamente. - Mate a Lílian Potter primeiro! E depois a James Potter! Corrige meu único erro fatal! Não importa quem eu seja! Tudo o que importa é o que lhe roubaram, e fazer os responsáveis pagar! É a única forma de recuperar tudo o que você perdeu!

- Corrigir seu erro? - disse Petra, sua expressão dissipava-se lentamente ante da espantosa revelação. - Mas eu cria...

- *Meu único erro!* - chilreou o retrato de Voldemort com urgência. - Matar a James Potter primeiro, deixando o *mais forte* para proteger o garoto! Era magia antiga, mas magia muito *poderosa*, e esqueci! Ela deveria ter morrido primeiro, deixando ao homem e ao menino definhando diante de minha varinha! Foi meu único e fatal erro! Eu fui um estúpido, sim, mas *agora* o círculo se fechará! Você, o recipiente final de minha alma, matara a menina, Lílian Potter, e depois o garoto, James Potter, e depois... - a voz se reduziu a um cobiçoso e enfurecido silvo. - Harry Potter virá, e finalmente... *finalmente...* o mataremos.

- Harry Potter? - sussurrou Petra.

- O *boneco* pretendia convocá-lo - disse o retrato rapidamente. - O plano parecia tão simples: acrescentar uma cicatriz à sua testa, fazendo-a o pai em lugar do filho. E sem dúvida, uma vez a cicatriz de Harry Potter voltasse a acordar, viria e então, seria *nosso!* Mas em lugar disso, atraímos o garoto, James, lhe concedendo a *ele* a cicatriz fantasmal e a capacidade de conhecer nossos planos, e isto, minha querida, é muitíssimo melhor! Eu teria que tê-lo previsto! Meu único erro será retificado, a ordem inversa! Lílian Potter morre, *depois* James, e depois, por último, Harry Potter jazerá morto aos nossos pés!

Admirada, Petra disse:

- Mas meus pais... a promessa de equilíbrio e perfeição... você me usou... - sua voz elevou-se, tornando-se enojada. - Usou-me!

- Por isso que em seu coração você e eu somos o mesmo! - disse com voz áspera o horrível retrato. - Sua alma viva porta o último vestígio da minha, como a chama em um lampião. Desejamos as mesmas coisas, mas desde diferentes perspectivas. Afinal, chegaremos ao mesmíssimo lugar: *a vingança!*

Petra sacudiu a cabeça tristemente.

- O que eu tem feito? Eu não queria vingança - disse ela. - Tudo o que queria era justiça... - lhe deu as costas ao retrato e olhou para a mulher que estava de pé à beira do poço tremeluzente e verdoso. A mãe de Petra sorriu de novo entristecida, e acenou. Petra soluçou.

- Justiça... e recuperar meus pais - disse, com voz rachada. Ela levantou sua varinha. - *Vingardium Leviosa!*

- Nãoooo! - berrou o retrato, tão forte que pareceu fazer tremer as paredes.

Lílian saiu voando do poço, flácida como um farrapo e jorrando água. A figura de Liana Agnellis desabou-se sobre si mesma, voltando à água. Salpicou o chão de pedra e desapareceu no poço.

- *Mamãe!* - gritou Petra, incapaz de resistir-se e estender a mão para a figura desaparecida e com lágrimas brilhando em seus olhos. - Sinto muito, mamãe! Papai! Sinto muito! Não podia fazer isso!

James correu para a figura suspensa de sua irmã. Chegou e se atirou nela, abraçando-a. Ela estava tão flácida e fria que parecia estar morta. Com delicadeza, estendeu-a no chão, e colocou o ouvido em seu peito.

- Seu coração continua batendo! - gritou ele.

- Sua garota estúpida! - rugiu o retrato com o rosto grotescamente distorcido. - É a única forma! A parte de mim em seu interior se rebela inclusive agora! Você própria corre o risco ao resistir-se! Mate à menina! Ainda você está em tempo!

Petra abanou a cabeça lentamente, aproximando-se do retrato.

- Não pode destruí-lo, Petra - gritou James, balançando Lílian entre seus braços. - Olhe isso, outros já tentaram! Os retratos somente podem ser destruídos por seu pintor, lembra?

Petra ainda estava abanando a cabeça, com lágrimas caindo por seu rosto, mas sua expressão era uma máscara severa e decidida.

- Isso não é completamente verdadeiro, James - disse tranqüilamente. Com ambas as mãos, agarrou a pintura pela moldura e o alçou.

- *Você é a hospedeira do Guardião!* - proclamou a alta e fria voz de Voldemort com urgência. - Agora mesmo espera por você! Pode sentir sua presença! Você tem sido eleita desde os tempos do mesmíssimo Salazar Slytherin! Centenas de anos de profecias conduzem a você! Não *pode* dar as costas ao peso desse destino! Isso te esmagará! Reconsidera-o! Tudo não está perdido ainda! Não é demasiado tarde!

- Há *duas* pessoas que podem destruir um retrato, ainda que a segunda pessoa estranhamente esteja disponível para fazê-lo - disse Petra, falando para James e ignorando a voz delirante. Segurava o quadro com ambas as mãos, sustentando-o acima da ondeante superfície do poço. - Um retrato só pode ser destruído por seu pintor, ou se o destino permitir, um retrato pode ser destruído... pelo sujeito.

- NÃOOO! - chiou o retrato, e James viu como a tela se inchava ligeiramente pela força do grito. Petra soltou o retrato e este caiu em cima de seu refletor, respingando pesadamente. A voz de Voldemort pintado continuou gritando furiosamente, borbulhando enquanto flutuava durante uns instantes. Horrivelmente, o rosto pintado começou a correr-se e desfazer-se, como se o líquido do poço fosse ácido em lugar de

água. A pintura sangrava sobre a tela que afundava e se misturava com a água resplandecente, diluindo-se, desintegrando-se, desenhando garranchos negros na profundidade. A voz borbulhou e desvaneceu-se, ficou sem fôlego, ofegou desesperadamente e depois morreu, deixando mal seu eco na Câmara Secreta. A moldura do retrato afundou-se, desaparecendo da vista e perdeu-se para sempre na profundidade do poço.

- Está respirando? - perguntou Petra, deixando-se cair de joelhos junto a Lílian.

- Não sei! - exclamou James, abraçando o úmido e ligeiro corpo. - Está muito fria!

Petra assentiu e apontou sua varinha à garganta de Lílian.

- *Expelliaqua* - disse Petra firmemente.

Alguns segundos se passaram, e James tinha certeza de que o feitiço não tinha funcionado, mas então, subitamente, Lílian se sacudiu entre seus braços. Tossia profundamente e vomitou certa quantidade de água. James ajudou-a sentar-se e reincorporar-se, golpeando-a suavemente nas costas. Ela tossiu mais água e ofegou, inalando um enorme e irregular fôlego. James estava tão preocupado que mal notou a sensação do Guardiã desaparecendo da Câmara. Seu hospedeiro tinha fracassado na prova final. Petra não tinha matado por ele. Enfraquecido e silencioso, o Guardiã se desintegrou.

- James? - coaxou Lílian, olhando indolentemente a sua cara. - Onde estou? O que aconteceu?

James sacudiu a cabeça e riu com alívio, brotaram-lhe lágrimas dos olhos.

- Você esta comigo, Líl. Isso é tudo o que importa.

- Oi, Petra - disse Lílian frouxamente, olhando para um lado. - Você ficou legal. Chorei quando você bebeu a poção de sono da Bruxa Verruguenta.

Petra sorriu com cansaço.

- Obrigado, Lílian.

James e Petra ajudaram Lílian a se pôr em pé e James colocou um braço ao redor dela, tirando-a da gruta. Petra recolheu a Capa de Invisibilidade, mas deixou a horripilante coleção de roupa de seu pai. Olhou para trás só mais uma vez, ruborizada e triste.

- Ei, Petra - disse Alvo corajosamente enquanto eles aproximavam-se. - Já você se sente um pouco mais você mesma, não?

Petra acenou com a cabeça, mas não respondeu. No silêncio, ajoelhou-se junto a Alvo e examinou sua perna.

- Você é muito boa nisto - disse James, observando a Petra arrancar uma fita de seu vestido. Cuidadosamente, ela usou a fita e um pedaço da vassoura quebrada para enfaixar e imobilizar a perna de Alvo. Quando já estava feito, atirou Alvo para lhe pôr em pé.

- Ei - disse Alvo, surpreendido. - Sento-a muito melhor. Como você fez?

- É uma espécie de talento - respondeu Petra, afastando o olhar. - Nada demais, era só uma fratura. Você estará bem em um dia mais ou menos, uma vez que Madame Curio veja essa perna.

James não disse nada, mas teve a clara sensação de que Petra estava mentindo sobre a ferida de Alvo. Sem dúvida, tinha sido bem mais que uma fratura. O mesmo James tinha visto o feio ângulo baixo do joelho de Alvo. Agora ele estava de pé com a ajuda de uma simples tala. Era como se Petra tentasse compensá-los pelo que tinha acontecido, mas em segredo, e usando um tipo de magia bastante extraordinária.

Petra pôs-se em pé novamente, recolhendo o boneco vodu e a Capa de Invisibilidade. Olhou para eles em suas mãos.

- Isto não é meu - disse ela, e depois lhos entregou a James. - Nem sequer eu estive consciente do boneco até que o retrato o mencionou. Eu o levava comigo o tempo todo, mas de alguma maneira, mal o sabia. Sinto muito, James. Não sei mais o que dizer.

James aceitou o boneco e a Capa.

- Você estava sendo ludibriada - respondeu simplesmente.

Petra assentiu tristemente e deu uma espiada para além do abismo.

- Sim - estive de acordo ela. - Mas acima de tudo, eu estava enganando a mim mesma. Isso eu não posso negá-lo.

- Você tinha razões para estar zangada e doída, Petra - disse James tranqüilamente. - Essa não era a forma de tratar isso... Teddy queria que eu dissesse a você... mas há outras. Os sentimentos são reais. Só tem que descobrir o que fazer com eles, não?

Petra o admitiu com a cabeça lentamente. Na escuridão, James viu uma lágrima mais deslizar-se por sua bochecha.

- Ainda você está em um pedaço, Líl? - perguntou Alvo a sua irmã, olhando-a de cima a abaixo. - Por que está toda molhada?

Lílian franziu o cenho e olhou para baixo para seu vestido amarelo empapado.

- Sinceramente, não tenho nem idéia.

- As explicações depois - suspirou Alvo efusivamente, pulando num só pé, aquele que tinha ileso. - Primeiro como fazemos para voltar cruzando *isso*? - Gesticulou para o escuro abismo.

- Da mesma forma em que cheguei aqui - respondeu Petra suavemente. - Caminharemos.

Alvo fez uma careta.

- Caminhando? O que você é? Acaso, um fantasma?

- Não - respondeu Petra quase para si mesma. - Aparentemente, sou a linhagem de Voldemort.

Ela deu um passo adiante, caminhando diretamente para além da borda do precipício. James arfou, horrorizado, mas incapaz de afastar o olhar. No entanto, Petra

não caiu. O pé dela estava apoiado numa pequena plataforma rochosa, quase como um degrau de pedra que tivesse aparecido de lugar nenhum. Ela olhou para trás, ainda com um pé na borda do abismo.

- Mantenham-se perto e tentem com todas suas forças não pensar no que vocês estão fazendo. - disse, e James se estremeceu. Não soava totalmente convencida de que isso funcionaria, mas, que outra opção eles tinham? James hesitou, mas depois compreendeu que, pela primeira vez em quase toda uma hora, a cicatriz fantasmal de sua testa não lhe doía. Suspirou e seguiu Petra, arrebanhando e empurrando Lílian e Alvo para que fossem na frente dele.

- Isto é completamente absurdo - comentou Alvo.

- Não olhem para abaixo - respondeu Petra. Sem pausa, começou a caminhar. Alvo, Lílian e James começaram a segui-la lerdamente. Com toda probabilidade, nenhum deles caiu enquanto avançavam acima das profundidades do abismo. Nem as balançantes e sibilantes facas desceram sobre eles. Os passos de James pousaram-se sobre ásperos degraus de pedra, cada um do tamanho de um grande prato de mesa, e no momento em que seus calcanhares se separavam de cada degrau, este se afundava rapidamente, caindo na escuridão.

Tenuemente, James ouvia o tamborilado e tinido de uma maquinaria, e reconheceu-o. Era o mesmo som que ele tinha escutado nos sonhos deste lugar, agora já sabia o que era. De algum modo, as pedras levantavam-se mecanicamente, operadas pela pura magia dos passos de Petra. Talvez o mecanismo somente podia ser convocado pela linhagem, ou talvez simplesmente respondesse a qualquer que conhecesse o talismã adequado, como evidentemente ocorria com Petra. De qualquer modo, definitivamente ajudava não pensar no que um estava fazendo ou olhar para abaixo. Quando James deu seu último passo sobre a borda oposta, foi acolhido pelos ansiosos braços de Rosa, Ralf e Zane, e não pôde resistir-se de olhar para trás. O último degrau de pedra caiu na escuridão, chocando contra um complicado mecanismo de engrenagens e espirais de ferro. Chiou e crepitou enquanto se recolhia e dobrava, e depois desapareceu, como se nunca tivesse estado ali em absoluto.

- Petra! - exclamou Rosa, com fraco alívio. - Lílian! Todos estão bem!

Zane sorriu incredulamente.

- Eu achava que estavam os dois seguramente já eram caso perdido. O que aconteceu?

- James fez que nos espatifássemos. - interveio Alvo, sacudindo a cabeça. - Daí minha perna quebrada. E ainda bem que Petra é excelente em enfaixar.

- Sim, é legal tê-la por perto em uma emergência médica - Ralf concordou, olhando para Petra um pouco preocupado.

- Lílian, está ensopada! - exclamou Rosa, rindo e limpando uma lágrima do olho. - Vamos, deixa-me te ajudar.

Rosa sacou sua varinha e apontou para Lílian num gesto complicado. De repente, surgiu um ar quente da ponta, secando o vestido de Lílian e fazendo-lhe cócegas.

- O que ocorreu ao Guardiã? - Zane perguntou a James enquanto o grupo abria espaço para a escadaria de pedra e para luz de mais além.

- Foi embora - respondeu James. - Senti-o partir.

- Pra sempre?

James encolheu os ombros.

- Não consegui que Petra fosse seu médium. Ela não estava disposta a matar por ele, não ao final. Já não tem mais nenhum apoio aqui. Acabou.

Zane assentiu, erguendo um pouco a sobrancelha.

- Se você o disse, camarada. Saíamos daqui. Este lugar me dá calafrios o tempo todo.

- Sim. Por alguma razão a de chamam de Câmara Secreta - concordou Alvo.

James assentiu, dando uma última olhadela para trás. Fervorosamente, ele disse:

- Espero que este tenha sido o *último* de seus segredos.



- E essa é a história assim como posso contá-la - disse James, sentado na cadeira em frente à do diretor. Era o dia seguinte, e a luz brilhante do sol e o canto dos pássaros da manhã atravessavam gentilmente a janela aberta. - Subimos até o banheiro das garotas do segundo andar e Ted deixou a Tábita diretamente aqui, em seu escritório. O resto de nós levou Lílian até o Salão Principal para se reunir com mamãe. Ela chamou a tia Hermione, tio Jorge, e tio Rony para que abandonassem a busca e todo mundo decidiu seguir adiante com a festa de celebração depois da função, ainda que fosse bem mais uma celebração do retorno de Lílian que tinha chegado nesse momento.

Merlim acenou devagar, unindo à polpa dos dedos de ambas as mãos diante dele. Compartilhou um olhar com Harry Potter, que se encontrava de pé em um lado, com os braços cruzados e fitando o chão.

- E a Srta. Morganstern assistiu à festa? - perguntou Merlim.

James negou com a cabeça.

- Não, acho que pensou que seria melhor para ela não estar ali. Digo, considerando-o tudo.

Harry falou sem levantar a cabeça.

- Não foi sua culpa. Ela estava sendo enganada.

- Não foi *inteiramente* sua culpa. - corrigiu Merlim, sombrio. - Estava sendo enganada, sim, mas ela estava *permitindo* que o engano tivesse lugar. Ela mesma admitiu. O fato de que no final fosse capaz de descartar o engano isso é prova de que *pôde* ter feito isso em qualquer momento, se assim o tivesse elegido.

- Esta é maldita com o último rastro fantasma da alma de Voldemort em seu sangue - disse Harry, finalmente alçando os olhos. - Ele era um astuto mentiroso e um mestre da manipulação. Bruxas e bruxos muito mais poderosos que Petra Morganstern sucumbiram a seus enganos.

Merlim concordou.

- E também eles foram responsáveis pelas decisões que tomaram como resultado disso.

James jogou-se para frente de sua cadeira.

- O que você está dizendo? Você acredita que Petra é malvada só porque ela teve a má sorte de ser escolhida por essa estúpida adaga Horcrux?

- Não, James - disse Merlim amavelmente. - Por isso, é verdadeiramente azarada. Até que grau Petra se permite ser influenciada por essa alma abominável, no entanto, já que ainda pode escolher o que fazer, é o que a faria, de fato, malvada. Ela admitiu que fosse *ela* a quem amaldiçoou a Josefina Bartlett com a Azararão de vertigem, sabendo que todo mundo culparia à Srta. Corsica, só para se provar a si mesma que podia fazê-lo. Ontem à noite ela esteve bem perto de escolher o mal definitivo e quase condenar toda a humanidade no processo. Se você não tivesse estado ali no momento adequado, revelando o misterioso retrato, bem poderia tudo estar perdido.

- Isso não se sabe - disse James, mas inseguro.

- Oh, mas sei, James - disse Merlim, olhando para James nos olhos. - E por isso, te devo uma desculpa.

- Uma desculpa? Por quê?

Merlim suspirou profundamente.

- Eu estava muito equivocado com você, James Potter. - O grande homem se deteve, como se não desejasse se espriar mais. Ele olhava fixo diretamente adiante, e James compreendeu que estava olhando para além dele, para algo na parede traseira. James virou-se e olhou por cima do ombro. O retrato de Alvo Dumbledore sustentava o olhar de Merlim. Sorriu ligeiramente e acenou com a cabeça. Então, quase imperceptível, Dumbledore piscou um olho para James. James franziu a sobrancelha e virou para Merlim.

- Eu fui *advertido* - disse Merlim risonhamente, - que devo evitar a tentação de guardar segredos ou dizer médias verdades. Alvo Dumbledore e eu discutimos o tema amplamente, e admito que, até pouco tempo atrás, não concordava muito com ele. Apesar disso, eventos recentes têm demonstrado a validade de seus argumentos. James

Potter, na presença de seu pai, lhe contarei a você toda a verdade. - Merlim suspirou novamente e pôs-se em pé. Saiu de atrás de sua escrivaninha, passando na frente de Harry. - É verdade - explicou. - Eu estava bem consciente da possibilidade de que o ente chamado o Guardiã me seguisse no meu regresso da longa viagem fora do tempo. Salazar Slytherin deixou-me muito claro. Ele esperava e o tinha planejado, e meu coração estava em tal estado que não me importava muito. "Maldito o mundo", pensava eu. "Se o Expurgador está por vir, então o destino salvará ou não à humanidade". Lavei minhas mãos. No ano passado, quando voltei ao mundo dos homens, desprezava esta época. Decidi que se o Guardiã, de fato, tinha me seguido, eu não utilizaria o menor dos poderes a minha disposição para mantê-lo na linha. - Merlim levantou a mão, mostrando o brilhante anel negro. - E então descobri a presença dos borlins. Minúcias, na realidade, o equivalente mágico das baratas, e mesmo assim isso me provou que algumas *coisas* me tinham seguido, de fato, desde o Vácuo. Se os borlins estavam aqui, então seguramente o Guardiã estava também. Decidi capturar aos borlins utilizando a melhor ferramenta para essa tarefa: o Saco Sombrio, a qual, como você sabe, contém o último vestígio terreno de pura obscuridade do Vácuo. Aprisionei os borlins dentro dela, ainda que nesse momento eu não tivesse podido dizer por que decidi fazê-lo; parecia simplesmente o mais correto e responsável. A verdade é que eu estava começando a conhecer esta época, e ainda que haviam muitas... e ainda as há... coisas que acho desprezíveis, descobri que não a odiava tanto como eu tivesse pensado. Ainda mais importante, eu tinha começado a me preocupar com algumas pessoas desta época. Principalmente, por você, Sr. Potter, e por seus barulhentos, travessos e irreverentes amigos.

"Quando compreendi isto, soube que só me restava uma opção: eu devia fazer o que pudesse para livrar o mundo do Guardiã, cuja presença nesta esfera foi minha responsabilidade. Tendo decidido isso, descobri que tinham alguns neste mundo que conheciam o Guardiã, e desejavam *utilizá-lo*. Estes eram os discípulos de Slytherin, que, como ele, enganavam a si mesmo ao acreditar que o Guardiã podia ser controlado e utilizado como uma ferramenta de vingança. Eu conhecia a existência da outra metade da Pedra Chamariz, e pressenti que estava em posse destes indivíduos corruptos. Segui seus progressos enquanto eles localizavam ao Guardiã. Observei e esperei, usando este mesmo espelho. - Ele tocou o espelho Amsera Certh, que jazia coberto, ali bem perto. - Meus artefatos podem pressentir eventos de forças de magia das trevas, indicando sua localização. Quando isso ocorria, eu o observava no espelho. Finalmente, cheguei a envolver-me, viajando ao lugar onde os agentes de Slytherin se encontraram com o Guardiã. Suspeito que você foi uma testemunha disso, Sr. Potter, junto com a Srta. Weasley e o Sr. Deedle. Encontrei-os em uma floresta ilocalizável, ante a tumba de Tom Riddle. Ali, o Guardiã tinha revivido a memória de Voldemort, forçando-o a falar através da estátua da a tumba. O Guardiã exigiu ser conduzido até o humano que lhe

serviria de hospedeiro. A estátua lhe falou do garoto que tinha vencido Voldemort, e o Guardião assumiu que aquele garoto, Harry Potter, seria a opção mais lógica como seu hospedeiro. Pressenti que se dirigiria a você, Harry, introduzindo-se em seu interior... - Merlim olhou para o pai de James. - Te localizou sem sequer abandonar a tumba. Te senti na rede da humanidade, e determinou que não poderia te ter. Sentí que ele te modificava a belprazer, sentí que ele te desprezara, não por ser indigna, mas por ser indomável. Soube que nunca poderia te curvar a seus propósitos.

Harry tremeu visivelmente.

- Me lembro disso - disse ele com uma voz baixa e vacilante - Eu estava nos escritórios dos aurores no Ministério, falando com Kirkham Wood. De súbito, foi como se eu estivesse fora de mim mesmo, olhando para baixo de meu corpo, como se eu tivesse sido empurrado para o lado enquanto algo borboleteando através do conteúdo de meu cérebro. Só duro uns poucos segundos, e então de repente, acabou. Kirkham não se deu conta de nada. Decidi que eu tinha imaginado tudo, ou que só tinha sido um pouco de estresse. Mas deve ter sido essa... *coisa*... examinando-me.

Merlim assentiu.

- Se tem que ser um mago muito poderoso para senti-lo. O Guardião entorpece a sua presa de forma que poucos recordam sequer seu passo. Seguramente, já só esse fato foi em parte a razão pelo que eu soube que nunca poderia te reclamar, Harry. Assim que procurou outro. Ainda enquanto esse demente de Lúcio Malfoy falava disso, tratando de atrair sua atenção para que lhes unisse, dizendo-lhe que tinha preparado um herdeiro para ser seu hospedeiro, eu o senti se mover, Harry, procurando para além... procurando a *você*, James.

- A mim? - exclamou James, surpreso. - Por quê?

- Tem muito sentido se você pensar desde a perspectiva do Guardião. Todas as profecias dizem que o hospedeiro do Guardião seria o filho de uma grande perda, ou um órfão. Procurou a Voldemort, o órfão que melhor representa os propósitos do Guardião, e lhe encontrou como cadáver. Então, logicamente procurou a quem tinha sido o bastante poderoso para ter superado a Voldemort, e então encontrou outro órfão, Harry Potter. Ele, contudo, era forte demais, e, portanto tão imprestável como o morto Voldemort. Assim que procurou um pouco para além, ao primogênito de Harry Potter. E encontrou, curiosamente, o garoto que recentemente tinha experimentado sua própria tragédia, a repentina perda de seu avô. Averiguou, que era o mesmo garoto que tinha estado presente na noite de sua chegada na terra, e que o próprio James Potter tinha ajudado a facilitar sua chegada.

- Mas eu não pretendia fazer! - James deixou escapar. - Eu estava tentando detê-lo!

Merlim levantou uma mão.

- Isso não significa nada para o Guardiã. Senti-o chegar a você, aprender de você, tudo nesse momento na tumba, inclusive enquanto Lúcio Malfoy falava com ele. Senti a você em seus pensamentos, James, e adiantei-me para distraí-lo. Chamei-o, me identificando como o portador da Pedra Chamariz. Ele se recordava do tempo em que estive no Vácuo. A primeira coisa que fez foi perguntar por você, James. Eu lhe disse tão firmemente como pode que você não sabia nada dele, que você nunca consentiria ser seu hospedeiro. Mas riu. Disse-me que você *já* o conhecia, e que você o estava vendo nesse exato momento. Lúcio olhou e te viu, refletido na janela de uma cabana abandonada próxima. Lúcio apontou para você, e o Guardiã sorriu. Tinha notado que você estava observando desde o momento em que dirigiu sua atenção a encontrar você, James. Virei e eu mesmo vi seu reflexo. Eu sabia que tinha que voltar, e te advertir, mas você fechou o Livro da Concentração, me deixando fora. Levei grande parte do dia para voltar ao castelo por outros meios, e para então, desgraçadamente, já tinha formado uma opinião muito bem diferente sobre você.

- Você tinha decidido acreditar que eu estava do lado do Guardiã? - perguntou James, perplexo.

- Não conscientemente - respondeu Merlim. - Não mais do que Petra Morganstern estava. Decidi que você estava sendo manipulado por ele, e por teus próprios anseios. Lamento admitir isto, James, mas temi que seu desejo de ser como seu pai estivesse sendo explodido, utilizado pelo Guardiã e as forças do caos. Quando o berrador de sua mãe chegou, dizendo a todos que ela acreditava que você tinha roubado a Capa de Invisibilidade e o Mapa do Maroto, isso me terminou de convencer que você estava, de fato, trabalhando a favor dos objetivos do Guardiã. Decidi observar e esperar, com a esperança de estar equivocado sobre você. E então, quando sua própria irmã desapareceu na noite da obra, soube que este era o momento da verdade. Quase eu não podia achar que você pudesse lhe causar dano, mas até alguns têm feito coisas piores do que matar sua irmã, envolvidos em uma teia de aranha por engano. Eu planejava tirar você da escola, afastando você de qualquer plano que o Guardiã tivesse para você. Você esquivou-me, claro, pelo simples fato de ser jovem e veloz. Mesmo assim, pude ter pegado você se realmente eu tivesse desejado. No fundo de meu coração, no entanto, tinha decidido confiar em você... e no destino. Foi minha própria provação do cordão, muito parecida à sua, James, lá na gruta de meu esconderijo. Você decidiu segurar o cordão de ouro ainda quando soltá-lo tivesse sido parecesse muito mais fácil. Assim, também eu decidi me aferrar ao único pequeno fio de confiança em você. Se o que eu fazia era uma tolice, então o mundo não perduraria o suficiente para me culpar. Pelo contrário, no entanto, constata-se que esse momento de confiança foi efetivamente sábio. De fato, acho que salvou a todos nós.

James soltou um suspiro.

- Uau. Era por *isso* que estava tão misterioso e horripilante nesse dia em seu escritório.

- O retrato me disse que era um erro - admitiu Merlim, olhando para o lado. - Dumbledore não aprovava minha atitude com você, e me disse depois que você foi.

Por trás de James na parede, a voz de Dumbledore falou.

- Não foi senão desde o mais estrito dos respeitos, Merlino. Mas sim, te adverti que duvidar do garoto era um erro de sua parte.

Merlim assentiu.

- Sim, você deixou isso muito claro, se não me engano.

- Estou maldito com a carga de ajudar aqueles que me substituam para que não cometam os mesmos erros que eu. - disse Dumbledore, olhando para Merlim e depois para Harry. - Eu mesmo aprendi estas lições só poucos dias antes de minha morte. Muito tarde para que supusesse uma grande diferença, ainda que eu fiz o pouco que podia fazer.

Harry acenou com a cabeça, sério.

- O que faremos com Petra Morganstern, então?

Merlim encolheu os ombros, voltando para sua mesa.

- É culpada de posse de uma propriedade roubada na forma da Capa de Invisibilidade e do seqüestro de Lílian Potter. Como chefe dos aurores, dono da Capa, e pai da menina, sou eu que deveria te *perguntar* isso precisamente.

Harry pensou-o seriamente durante um longo momento. Finalmente, olhou para James.

- Não apresentarei nenhuma acusação. - disse - James, você concorda?

James concordou com a cabeça.

- Ela não sabia o que estava fazendo, pai. E quando lhe mostrei como estava sendo enganada, repensou realmente rápido. Ela não queria machucar ninguém.

- Sejam muito precavidos com o que vocês estão fazendo, meus amigos - disse Merlim cuidadosamente. - A senhorita Morganstern é uma jovem muito complicada.

- Mas ela não é malvada - disse James com ênfase.

- Não mais do que você, James, ou seu pai, ou eu. E mesmo assim, pelo menos eu, causei um grande mau, tudo em nome do amor. Todos nós somos capazes de fazer o mau, dependendo das decisões que tomamos e das filosofias que abraçamos. Quanto maior for a tendência para o bem em nós, maior será a tendência reversa para a maldade. A senhorita Morganstern tem, por dizer pouco, um grande... *grande* potencial. A única pergunta é como ela escolherá investi-lo.

- Mas ela fez o correto. - disse Harry. - Com a experiência que tenho, aqueles que decidem fazer o correto normalmente se tornam viciados nisso. A alma de Voldemort tem uma posição vantajosa nela, sim, isso ela não pôde evitá-lo. Mas ela demonstrou que não é o suficiente para governá-la.

- É suficiente para *dividi-la* - contestou Merlim. - Ela nunca vencerá essa pequena parte dela que lhe pertence a ele. Sempre estará aí, persuadindo, seduzindo, envenenando, tentando, mentindo. Além do mais, o poder *dele* é o poder *dela*. Ela já mostrou que utiliza esse poder que lhe foi dado, para o bem, até o momento, por exemplo, sarando a perna de Alvo... Mas até quando ela será capaz de controlá-lo? Agora mesmo, abandona estas paredes para voltar para uma vida amarga e sem amor. Ela negou a si mesma a voltar com seus próprios pais para que Lílian e você, James, pudessem viver. Enquanto isso, ela vê vocês voltando a uma casa com pais amorosos e a uma vida com a que ela só pode sonhar. Não ache que, apesar de suas ações, não descansará, acordada em noites frias e solitárias, anelando sem esperança seus pais mortos, e se perguntando, se naquela crucial noite na Câmara Secreta, tomou a decisão *incorreta*.

James sacudiu a cabeça, sem querer crer nisso.

- Ela nunca pensaria isto. Petra é boa.

- Ela *quer* ser boa. - admitiu Merlim. - Isso eu reconheço, James. Esperamos que seja o suficiente.

Harry aproximou-se de James e posou sua mão nos ombros de seu filho.

- Escórpio aceitou nos ajudar a localizar seu avô Lúcio. Na realidade, ele mostra-se tão entusiasmado ao respeito que me faz sentir confortável, para dizer a verdade, mas as mentiras e manipulações de seu avô transformaram o garoto em um aliado valioso para nós. Mesmo assim, - disse, voltando sua atenção para Merlim - o que acontece com Tábita Corsica? A parte de estuporar Ralf, tecnicamente ela não fez nada de mau, apesar de seus melhores esforços. Não tenho jurisdição sobre ela em absoluto.

- Deixe-a para mim. - respondeu Merlim, se sentando de novo diante de sua escrivaninha. - Ela não chegou tão longe para que não possa ser ajudada. Conheci uma vez alguém como ela.

- Você está zombando! - disse James, levantando-se enquanto seu pai preparava-se para ir. - Você acha que Petra se tornará toda do tipo "Lady das Trevas", mas acha que ainda há esperança para *Corsica* só porque conheceu alguém como ela?

Merlim olhou para James, com uma sobrancelha erguida.

- Talvez eu não me explicasse bem - disse ele, com sua voz retumbante. - O que eu pretendia dizer é que uma vez *fui* alguém como ela.

James fitou para o diretor, franzindo a testa com consternação, mas Harry conduziu-lhe para a saída com a mão.

- Vamos, filho - disse ele, sorrindo um pouco. O diretor tem muito que fazer. Vi sua atuação nos onióculos, a propósito. Você é todo um atorinho. Você me faz me perguntar pela vez que me disse que não tinha tido nada a ver com o relógio quebrado da sala, hein?

James mudou de assunto o mais rápido que pôde.

- Assim que você vai diretamente para casa?

- Na verdade, não - respondeu Harry, fechando a porta de Merlim. - Vou dar uma olhada no Alvo nos aposentos da Sonserina. E depois eu, er, devo visitar alguém, ao que me parece.

James começou a descer trotando a escada em caracol.

- Quem?

- A Murta que Geme? - suspirou seu pai, sorrindo. - Rosa insistiu. Ela diz que prometeu. Mas, venha me procurar se eu demorar mais de uma hora lá, de acordo?

- CAPÍTULO 20 -

A Longa Viagem para Casa



A última semana na escola passou como um forte sopro de vento. Zane ficou na escola, passando as últimas noites com James e Ralf em seus respectivos dormitórios, dormindo em camas de armar improvisadas pelos elfos domésticos, e ficando o resto do tempo em seu antigo dormitório. Os corvinalinos se alegraram em vê-lo, e Horácio Birch orgulhosamente o nomeou membro vitalício da Corvinal: - Desconsiderando o fato de que você é um ianque arrogante e um bebedor de café, mesmo que todo mundo saiba que os verdadeiros corvinais vivem a base de chá e cerveja amanteigada.

Para grande contento de James, apareceu uma crítica d'O *Triunvirato* no *Profeta Diário*, mencionando cuidadosamente o seqüestro de Lílian como um "incidente infeliz envolvendo uma menina temporariamente perdida" uma vez que a garota havia retornado na mesma noite aparentemente ilesa e perfeitamente alegre. A crítica tinha qualificado a obra como "uma produção incrivelmente criativa e divertida do teatro acadêmico" apesar das controvertidas técnicas trouxas de produção utilizadas pela diretora, a professora de Estudos dos Trouxas, Tina Grenadina Curry. Mas isso foi despreocupadamente perdoado quando o repórter descobriu que os geradores trouxas, que aparentemente estavam sustendo as luzes do cenário, estavam trabalhando misteriosamente sem uma única gota de combustível em seu interior, portanto deixando as pretensões de produção não-mágica praticamente como algo irrelevante.

- Vamos lá - disse Rosa, mostrando o jornal no café da manhã do último dia de aula. - "James Sirius Potter, atuando como o querido Treus, provou que nem a juventude nem a inexperiência podem impedir um desempenho tão encantador de alguém tão bem treinado e claramente inspirado. O surpreendente talento dramático e tés piano do jovem senhor Potter leva este repórter a considerar que, se for o caso, quem sai aos seus não degenera, mesmo em campos vocacionais tão diferentes".

- Esta é a quinta vez que você lê isso. - disse James, forçando um sorriso e corando.

- Como se você não ligasse, né? - disse Zane, cutucando o amigo.

Ralf perguntou:

- Que ele quis dizer com "campos vocacionais diferentes"?

- Quer dizer que James tem tanto talento como seu pai - proclamou Rosa, dobrando o jornal. - Só que de um jeito de diferente. Ninguém poderia sequer imaginar Harry Potter atuando em uma peça, não acha?

- Acho que não - concordou James, ainda sorrindo timidamente. - Mas acho que já chega de encenação pra mim.

Zane sacudiu a cabeça.

- Isso é o que você diz agora, mas espera pra ver. Daqui a pouco vai sentir falta dos holofotes. Já sabe, meu pai trabalha na indústria do cinema trouxa. Ele provavelmente poderia te arrumar um papel em algum filme. Até mesmo há propostas de refazer filmes baseados em livros sobre o mundo mágico e você seria perfeito!

- De jeito *nenhum* - insistiu James, mas viu-se abafado pelo coro entusiasmado de acordo. Decidiu não retrucar, e no final, todo mundo concordou que, de fato, Alvo provavelmente seria melhor para o papel do que Zane falava apesar de que não podia atuar tão bem como James.

- Eu faria. - disse Alvo seriamente. - Até faria meus próprios feitiços! Acham que permitiriam?

Zane agitou a cabeça enquanto todo mundo ria.

Na mesma noite, James pediu a ajuda de Zane para eliminar a cicatriz do boneco vudú. Zane utilizou sua varinha cuidadosamente para apagar magicamente a marca da pequena testa de tela. Estranhamente, James pôde sentir todo o processo. Formigava, e o formigamento diminuía à medida que a cicatriz desaparecia. Finalmente, Zane passou a James o boneco, assentindo ante um trabalho bem feito.

- Limpa como a neve virgem. - proclamou.

James examinou-o. Com certeza não havia rastro de que uma cicatriz já estivera ali. Cobriu o boneco com um pano e o pôs no fundo de seu baú. Ele não tinha certeza do que faria com ele agora que sabia que podia ser usado para fins muito mais perigosos; suspeitava que fosse acabar devolvendo-o a sua mãe. Agora que ela sabia que teria que ficar de olho nele, se sentiu confiante em saber que ninguém o cuidaria melhor.

No jantar do último dia de aula, Grifinória foi premiada com a Taça das Casas, principalmente graças a uns pontos finais acrescentados por Merlín pelas atuações de James e Petra na peça. James estava muito contente pelo prêmio, e enquanto a mesa da Grifinória explodia em aplausos, parabenizando a James e Petra, sentiu-se, talvez pela primeira vez, à altura da lenda de seu pai como membro de sua Casa. No final da mesa da Grifinória, flutuando vagamente, mas com um sorriso nervoso em seu rosto, o fantasma de Cedrico Diggory acenou com a mão para ele. A Dama Cinzenta flutuava junto a ele, com seu pálido rosto inescrutável, mas aparentemente feliz.

Como espetáculo da noite, os lufa-lufanos montaram um magnífico espetáculo de marionetes interpretando *O Triunvirato*, fazendo afetuosa gozação de todos os envolvidos. James riu até que lhe caíram lágrimas dos olhos. Quando olhou para compartilhar a piada com Petra, no entanto, encontrou sua cadeira vazia. Não a viu or nenhum lugar pelo resto da noite.

Finalmente, na manhã seguinte chegou a hora da viagem de retorno a casa. Zane levava sua pequena mala tão apinhada que assobiava ligeiramente enquanto James arrastava seu baú até as escadas de entrada.

- Vai ser legal viajar no trem de novo - disse Zane, sorrindo alegremente. - Sinto falta da senhora do carrinho de doces. Não estava lá quando viajei a Hogsmeade com sua mãe, sabe? Ao que parece, só trabalha nas viagens oficiais do Expresso de Hogwarts. Margem de lucro maior, eu acho.

- É isso! - disse James, deixando-se cair sobre seu baú. - Não sabia disso.

- Aposto que estará lá com mais freqüência, quando inaugurarem a nova rota. Vi o lugar onde estão expandindo o caminho através das montanhas. Conectará um novo povoado mágico ao outro lado de algum desfiladeiro. Não consigo lembrar o nome do desfiladeiro ou do povoado, mas sua mãe disse que uma vez terminado o o novo caminho, a travessia possibilitará economia tanto de tempo quanto de pó de flu aos viajantes. Estou certo de que aí a senhora do carrinho de doces terá muito mais clientes.

- Tenho certeza de que ela ficaria lisonjeada com a sua preocupação com o bem-estar dela - disse James, girando os olhos.

- Não posso evitar - aceitou Zane. - Sou simplesmente o tipo de pessoa que se preocupa com os outros. Oh, sim, isso me lembra, acho que descobri o segredo da vassoura louca de Tábita.

James se animou.

- Sim? O que era?

Zane procurou dentro do bolso de suas calças e tirou um pequeno envelope.

- Alvo deixou que eu desse uma olhada no pedaço de vassoura que estava utilizando como tala. Eu abri e Gennifer e Horácio me ajudaram a fazer alguns testes. Olhe. - Lhe passou o envelope para James.

James conseguiu abri-lo e olhou dentro. Continha um pequeno pedaço de tecido negro.

- Eu não tocara - disse Zane. - Eu o fiz acidentalmente, e ainda me sinto bastante chulo.

- "Chulo"? - disse James, devolvendo o envelope a Zane.

- Sim. Termo técnico que aprendi com Rafael em casa. Infeliz. Horrorizado. Completamente fora do espectrômetro.

- Compreendo - assinalou James. - Mas, de que se trata?

Zane sentou-se no baú junto a James.

- Lembra no ano passado quando me falou das vassouras trucadas?

James assentiu.

- Claro. Quando um jogador de quadribol acopla algo mágico dentro de sua vassoura, transformando-a basicamente numa varinha gigante.

- Sim, bem, pois não estávamos tão enganados a respeito de Corsica - replicou Zane. - Achávamos que estava trucada porque era o cajado de Merlim, mas obviamente, era uma distração. Estava trucada porque continha uma grande e longa tira da capa de um dementador.

- Um dementador? - exclamou James, voltando a olhar para Zane. - Como isso é possível?

Zane encolheu os ombros com facilidade.

- Não faça a menor idéia, mas não há dúvida sobre isso. Talvez o povo de Corsica esteja tão ligado a essas coisas que puderam obter uma de segunda mão. Afinal, você disse os dementadores que eram leais a Voldemort e seus seguidores.

- Não eram tão leais a ele, pois eram tão maus quanto ele, mas enfim... poderia ser verdade.

- Faz sentido - assentiu Zane. - Se o que Merlim te disse é verdade, os dementadores têm a mesma origem dos borlins. Vêm de fora do tempo, e podem manipulá-lo um pouco. Se parece muito com o que a vassoura de Tábita parecia fazer,

não? Conhecia o suficiente do futuro para saber onde tinha que estar. Felizmente para você e Alvo, se dobrava aos propósitos de seu dono.

- Uau - exalou James, olhando para o envelope na mão de Zane. - Sei que essa coisa salvou minha vida e a de Alvo, mas mesmo assim, tenho que dizer que estou satisfeito que tenha sido destruída. Trucada com a capa de um dementador! Isso é super arrepiante.

- Chulo, até mesmo. - aceitou Zane, guardando o envelope. - Alvo disse que podia ficar com isso. Darei ao reitor Franklin quando eu chegar em casa para ele poder estudá-lo. Aposto que ganho pontos extras por isso daqui para o Juízo Final.

James sacudiu a cabeça, sorrindo diante da irreprimível ousadia de seu amigo.

Pouco depois, Ralf, Rosa e Alvo também empurraram seus baús até os degraus, para esperar as carruagens de Hagrid que os levariam até a estação. James sorriu à luz do sol. Ia ser uma divertida viagem para casa.



- Na realidade, você ainda não nos contou o que aconteceu no outro lado do abismo - disse Ralf enquanto o trem ganhava velocidade, abandonando a estação de Hogsmead. - Digo, o que foi que realmente aconteceu com Petra? Estava sob a maldição Imperius ou algo assim?

James negou com a cabeça.

- Não, não, nada disso. Estava sendo enganada. Ela não tinha idéia de que era a linhagem de Voldemort. Lúcio Malfoy arranjou isso para que a Capa de Invisibilidade, meu boneco vudú e o retrato de Voldemort fossem colocados na caixa com as coisas do pai dela antes de deixar Azkaban. Ela estava cega pelo retrato, enganada por essa pequena parte de Voldemort em seu sangue. Depois, quando ouviu a voz do retrato na gruta, pensou que era a voz de seu pai morto. Soa um pouco maluco, mas acho que ela se *sentia* um pouco louca de todas as formas após descobrir tudo a respeito de sua mãe e seu pai.

- Então nenhuma das coisas que vimos na Penseira se tratava de Tábita afinal, não? - disse Ralf. - Todas aquelas lembranças se referiam a Petra. Escópio nos deixou acreditar que Tábita era a linhagem, porque isso era o que seu avô lhe mandou fazer, somente para nos distrair da verdade, é isso?

- Não me importa o que todos digam - disse Alvo decidido, - essa pequena lula escorregadia nos dará problemas. Será melhor que se mantenha afastado do meu caminho.

Rosa fechou o livro em seu colo e levantou o olhar.

- Admito que começou muito mau, roubando a capa, o mapa, o boneco, e depois mentindo para nós a respeito da linhagem, mas tudo isso foi sob ordens de seu avô. Não podem culpá-lo por querer estar à altura do legado de sua família; não conhecia nada melhor. Além do mais, ainda no momento em que nos mostrava as lembranças da Penseira, ele estava começando a ter dúvidas sobre o plano de seu avô. Por isso nem sequer pronunciou, de fato, o nome de Tábita. Ele meio que esperava que descobríssemos que era Petra, afinal.

- E ele *fez* o certo no final. - acrescentou James. - Nunca soube que fazer mal a Lilían era parte do plano. Quando Lilían foi seqüestrada, renunciou totalmente a seu avô e a Tábita. Nunca saberíamos a verdade sobre Petra se Escórpio não estivesse lá no banheiro com a gente.

- Acho que vocês *dois* estão enganados a respeito dele - disse Alvo severamente. - Essa ladainha de "sou só um pobre garoto desencaminhado" não funciona comigo. Algum dia, ele e eu vamos terminar o que começamos no trem no caminho para cá.

- Eu se fosse você teria cuidado, Alvo. - comentou Zane, levantando as sobrancelhas. - Vi Escórpio na última reunião do Clube de Defesa e mostrou-se bastante hábil com essa coisa do *Artis Decerto*. Estava o tempo todo "encerando e esfregando" como um garoto ninja.

Alvo girou os olhos.

- Tanto faz.

Ralf levantou-se e se debruçou na porta do compartimento.

- Ah, isso me lembra: em qual direção estão Luís e Vitória? - perguntou, olhando o corredor do trem de cima a baixo. - Luís tem um livro sobre magia defensiva do Oriente Médio e me disse que podia me prestar durante o verão.

- Vitória ficou em Hogsmeade. - respondeu Rosa. - Ficará hospedada com Jorge e Teddy até o casamento de Jorge e Angelina. E geralmente faço de tudo quanto possível para não saber onde Luís está.

Ralf espreguiçou-se e disse.

- Vou caminhar um pouco e tentar encontrá-lo. Quem vem?

- Eu vou - respondeu James, se levantando. - Vou dormir se continuar aqui. Não devíamos ter ficado acordados até tarde jogando a Arranques e Brocas ontem à noite.

- Vou perguntar à senhora do carrinho de doces quantas horas ela trabalha - exclamou Zane, abrindo a porta do compartimento.

- *Luís* tem um livro de artes marciais mágicas? -perguntou Rosa a Ralf enquanto os cinco saíam para o corredor.

- Ele está realmente engajado nisso - assentiu Ralf. - Tem pôsteres por todo seu dormitório, dos Harriers e de famosos feiticeiros especialistas em artes marciais e tudo o mais. Até pediu que sua mãe lhe comprasse um desses capuzes com buracos para os olhos para poder parecer misterioso.

- O *nosso* Luís? - exclamou Alvo, suprimindo um sorriso. - Eu devia saber que havia um lutador por baixo de toda essa pompa.

- Debellows diz que ele tem um talento nato. - disse Ralf, encolhendo os ombros. - Claro que disse o mesmo de você, James.

- E eu levei notas máximas no meu ensaio de Literatura Mágica. - disse Rosa explicitamente, desviando a conversa do professor Debellows, por quem ela ainda sentia pouco respeito. - A Prof. Revalvier disse que minha visão sobre a idade de ouro da produção literária bruxa era...

De repente James deteve-se no corredor, obrigando a todos a se abarrotar atrás dele.

- Ai! Ralf, o de baixo é meu, seu maldito carrinho de mercadorias! - queixou-se Alvo. - Quê acontece?

- Conseguem ver? - sussurrou James rapidamente, apontando. Todos pararam e ergueram a cabeça na direção que o dedo de James apontava.

- O que estamos procurando? - perguntou Zane após um momento.

Rosa disse:

- Eu não vejo nad...

- Alí! - interrompeu Alvo, apontando por cima do ombro de Zane.

Algo se moveu dentro da rede de sombras pestanejantes perto do final do corredor.

- É como uma sombra viva. - disse Ralf.

- É o último borlim! - declarou Alvo, empurrando e passando James. - E é meu!

- Nada de magia! - advertiu James. - Lembra? Foi assim que cresceu da última vez.

O borlim pulou entre as sombras em movimento enquanto o trem atravessava a floresta. Zombava e fazia piruetas. Como se implorasse para ser amaldiçoado. De repente, a porta ao final do corredor se abriu, permitindo a entrada do ruído das rajadas de vento e o barulho das rodas. Os cinco estudantes gritaram alarmados, tropeçando uns nos outros, mas o borlim aproveitou a abertura e saltou através da porta enquanto esta uma vez mais era fechada.

- Quê curioso! - disse com voz profunda um recém-chegado. James levantou os olhos e então os girou. Era Merlim, vestido com sua capa de viagem, com seu cajado ao lado.

- Merli... er, diretor! - exclamou Rosa, empurrando para frente. - Acaba de ir nessa direção!

- O borlim! - acrescentou James apressadamente. - O último! Deve ter estado no trem todo este tempo!

O rosto de Merlim escureceu-se ligeiramente.

- Não devemos nos arriscar desta vez, meus amigos. *Eu* o seguirei e capturarei. Senhor Potter, conhece a aparência do Saco Sombrio, não? Está na minha cabine, a dois vagões de distância, número seis. Poderá entrar. O baú embaixo do assento abre com esta chave. Venha ao meu encontro o mais rápido possível. - O grande homem tirou uma chave dourada numa longa corrente e ofereceu a James. James tomou-a, sentindo-se bastante importante.

- Rápido senhor Potter - animou Merlim. - Não temos tempo a perder.

James virou-se abruptamente e correu de volta por onde tinham vindo, lutando contra a desorientadora sensação de correr o máximo que podia num trem oscilante e em movimento. Passou através de duas conexões e chegou ao compartimento marcado com o número seis. As janelas estavam esfumadas, mas a porta estava desbloqueada. James entrou rapidamente e encontrou o baú do diretor embaixo do banco do lado esquerdo. Deixou-se cair de joelhos e o aproximou da luz. A pequena chave dourada encaixou perfeitamente na fechadura e girou-a com um estalinho. Quando abriu o baú, se surpreendeu ao ver que a única coisa no interior era o Saco Sombrio, perfeitamente dobrado no fundo de madeira do baú. Com certeza, compreendeu ele, era um daqueles baús mágicos que quando abertos revelavam conteúdos diferentes dependendo da chave que os abrisse. Levando em conta a grande importância e o perigo em potencial que o Saco Sombrio representava, pois aprisionava o resto dos famintos borlins em sua ininterrupta escuridão, James sentiu-se particularmente honrado pelo fato de ter sido escolhido para resgatá-la. Tocou nela um pouco temerosamente, lembrando das advertências de Merlim, mas parecia perfeitamente normal. Só era uma longa e pesada saco negro de pano, fechada com um cordão dourado e sustentando uma longa alça na parte de cima. Assegurando-se de que era relativamente seguro segurar o saco, James a atirou ao redor do pescoço e ombros usando-a como uma carteira. Fechou abruptamente o baú, pendurou a chave no pescoço e saiu correndo de volta para frente do trem.

Estava completamente sem fôlego quando se reuniu aos outros. Estavam reunidos na ponta do primeiro vagão, fitando a porta firmemente. Merlim olhou para ele assim que entrou; uma expressão rígida preenchia seu rosto, mas James pôde sentir um contentamento no semblante do grande homem, o diretor estava se divertindo com a caça.

- O encurralamos aqui! - disse Zane sorrindo - Deslizou pela fenda na porta, mas o próximo vagão é o carvoeiro. Fim da linha!

- Senhorita Weasley - disse Merlim, virando-se para ela, - você abrirá a porta ao meu sinal. Senhor Deedle, sua varinha tem propriedades muito únicas, como já sabe. Se o borlim passar por mim, então você, e só você, tratará de estuporá-lo. Seu feitiço não o

deterá, mas ira distraí-lo e o atrairá, me dando o tempo que preciso. Vou botar o borlim em transe. E é aí Senhor Potter que precisarei do Saco Sombrio.

Ralf engoliu em seco, tirando sua grande varinha.

- Entendi - disse Rosa, sem fôlego. James acenou, mostrando compreensão.

Alvo adiantou-se.

- Da última vez, estava de pé no pedaço de ferro que unia os dois vagões - explicou ele. - Então aponte para baixo.

- Obrigado - assentiu Merlim, sorrindo ligeiramente.

Rosa segurou a maçaneta e todos respiraram fundo. Merlim assentiu para ela e a garota empurrou, puxando a porta até abri-la e permitindo que uma rajada de vento quente e barulhento entrasse. James semicerrou os olhos diante do vento e da fumaça velozes, e então ofegou; o estômago deu um giro. Merlim recuou um pouco e abriu os braços sinalizando para todos ficarem atrás dele.

- Pode ser que não sei do que estamos tratando - disse Zane debilmente, com os olhos arregalados, - mas tenho quase certeza de que esses não são borlins.

De fato, o borlim estava exatamente onde esperavam que estivesse. Dançava sobre o enorme nó de ferro que conectava o trem com o vagão de carvão, zombando deles. Sobre ele, no entanto, escurecendo o ar ao redor do vagão de carvão, se aglomerando como uma maligna nuvem viva, havia dezenas... talvez centenas... de dementadores.

- É a colméia inteira! - gritou James sobre o som das rodas barulhentas e do vento ruidoso. - Tão longe de Londres! Por que estão aqui?

Merlim não tirava os olhos do horrendo enxame.

- Acredito - disse ele lentamente, - que a resposta a essa pergunta está muito clara.

Rosa olhou de Merlim à enorme porta aberta e uivante.

- O Guardião está bem logo ali - disse, assentindo em direção à locomotiva, que era apenas visível atrás do vagão de carvão e o enxame de dementadores.

Repentinamente, o apito do trem soou, emitindo uma nota ensurdecidora e longa. Rosa levou as mãos aos ouvidos, retrocedeu e fez uma careta. Simultaneamente, a locomotiva deu uma guinada para frente ganhando velocidade. James cambaleou quando o trem fez uma curva, atravessando-a em uma velocidade perigosamente alta.

- Olhem! - exclamou Zane, agarrando a porta aberta e apontando. James debruçou-se de lado, olhando através da lacuna entre os vagões. As árvores se transformavam em borrões ao passar, e logo outras coisas também passavam tintilantes e desvaneciam: placas de madeira, montes de seixo e as travessas da ferrovia.

- É o novo ramal! - gritou Zane, com a cara muito pálida.

- O novo o *quê*? - gritou Rosa, balançando a cabeça.

- Não leu a placa? - disse ele, irritado. - É a nova extensão que atravessa o desfiladeiro de Sparrowhawk! Abandonamos a via principal! Fomos colocados na nova extensão.

- Não me diga. - berrou Ralf, com desalento. - a extensão ainda não está terminada, não está?

- Não! A ponte sobre o desfiladeiro ainda está pela metade! Só vai ser concluído no ano que vem!

Alvo assentiu seriamente.

- Isso é mau. Muito mau.

Merlim deu um passo adiante, com o rosto decidido e pondo seu cajado na frente dele. O vento açoitava sua túnica e fluía através de seu cabelo e barba. Instantaneamente, a nuvem de dementadores se condensou, atirando-se à porta e bloqueando-a. Os estudantes retrocederam tropeçando, aterrorizados e caindo uns sobre outros. Os dementadores sibilavam e bramiam, e James sentiu seu sangue congelar-se diante do som. Nunca ele soubera que dementadores podiam falar.

O garotooo... sibilavam em uníssono, e suas vozes eram horríveis, zumbindo como as asas de uma vespa. Jamesss Siriuss Potttterr, o garoooto devvve virrr...

Merlim não tinha recuado diante do enxame furioso. Agora, no entanto, ele se girou ligeiramente, olhando por sobre o ombro a James. Seu rosto estava frio, seus olhos chispavam como diamantes.

- Pareceria que você está sendo convocado. - disse ele, sua voz se ouvia facilmente sobre o ruído do vento.

- Não! - gritou James. - Não quero ter nada a ver com isso!

- O Guardião não pensa assim. - replicou Merlín. - E vai matar todos is ocupantes no trem se você não atender ao seu chamado.

James negou com a cabeça determinadamente.

- Não posso enfrentar essa coisa sozinho! - exclamou ele, aterrorizado.

- Você não irá sozinho - respondeu Merlim, sorrindo sem humor - eu te acompanharei!

James olhou para o rosto do feiticeiro. O que ele viu foi absoluta confiança e determinação. Os dementadores até poderiam tentar deter Merlim, mas não o conseguiriam. James assentiu vagarosamente e se levantou.

Enquanto ele aproximava-se hesitantemente da porta escancarada, a nuvem de dementadores recuou, dando-lhe espaço. Aglomeravam-se agitadamente como na metade de um fervedouro e a visão disso fez James ter calafrios e tremer.

- Não vá! - disse Rosa, agarrando a manga de James. - Deve ter outro jeito! Não vá James!

James sacudiu a cabeça.

- Acho que tenho de fazê-lo, Rosa. Vai ficar tudo bem!

- Não! - chorou ela - Tá doido?! Não pode vencer algo como isso!

James encolheu os ombros.

- Tenho que tentar ao menos.

Zane colocou a mão sobre o ombro de Rosa e Alvo esticou-se para pegar um mão dela.

- Não faça nada de tão estúpido, irmãozão! - disse Alvo.

- Tome! - gritou Ralf de repente, forçando caminho para frente. Ofereceu sua varinha a James, com a empunhadura na frente.

James sacudiu a cabeça.

- Não, Ralf, é sua! Não poderia!

- Cale a boca, James! - disse Ralf, e James se impressionou ao ver a ferocidade nos olhos do outro garoto. - Merlim tem razão! Minha varinha tem poderes únicos! Você pode precisar dessa vantagem! De qualquer jeito, não é pra você *ficar* com ela, estou só te *emprestando*! Entende?

James acenou solenemente e aceitou a enorme varinha de Ralf.

- Te devolvarei quando voltar - concordou.



Agoraaaaa..., silvaram os dementadores em um só tom aterrador. *James Sirius Potter...*

- Vistam os capuzes! - murmurou James nervosamente, saindo ao vento e as cinzas maleáveis. A parte de atrás do vagão de carvão tinha uma escada de ferro. James começou a subir, lutando contra o uivo do ar e as emanções de fumaça da locomotiva. Abaixo dele, as vias passavam num borrão, e o tamborilado das rodas era bastante alto para prejudicar seus ouvidos. Antes que Merlim pudesse lhe seguir, no entanto, James decidiu tentar a coisa mais corajosa que lhe ocorreu. Sacou a varinha de Ralf e apontou ao grande nó de ferro que conectava o vagão do carvão com o resto do trem.

- *Convulsis!* - gritou ele, tentando o feitiço de destruição que tinha visto Rowena Ravenclaw utilizar na pintura nos aposentos de Salazar Slytherin. O feitiço atingiu o nó e explodiu brilhantemente. Quando as faíscas aclaramram-se, no entanto, James pôde ver que não tinha surtido nenhum efeito sobre a conexão.

- Ótima tentativa - gritou Merlim, levantando o olhar para James. - Mas o Guardião previu tais medidas.

James acenou, desanimado, e continuou subindo pela escadinha. Os dementadores se amontonavam ao seu redor, mas mantinham a distância. James engatinhou pela borda do vagão e saltou sobre a pilha irregular de carvão.

Atrás dele, ouviu a voz de Merlim gritar firmemente:

- *Chrea Patronym!*

Houve um jorro de luz prateada e o enxame de dementadores se dispersou, repellido pela força do clarão. James olhou para trás e viu Merlim trepando pela pilha de carvão depois dele, com o cajado brilhando esverdeado em sua mão. Na frente de Merlim, entre ele e James, havia um grande chacal fantasmagórico. A luz prateada emanava dele, e mostrava seus dentes ferozes e brilhantes em um rosnar silencioso, forçando os dementadores a retroceder. James sentiu-se um pouco melhor vendo a ferocidade do Patrono, e não ficou surpreso pela forma que havia tomado. Deu a volta e começou a abrir espaço ao longo do vagão, lutando contra os pedaços irregulares de carvão preto. As árvores passavam depressa, e James pôde ver que este trecho do caminho não lhe resultava familiar. Não tinha idéia de quanto tempo teria antes que o trem chegasse à ponte inacabada. O pânico tentou dominá-lo, mas James resistiu, se concentrando na tarefa que tinha em mãos.

Finalmente, encontrou-se no outro extremo do vagão e passou dificultosamente através de uma portilha de ferro aberta. Uma pá chacoalhava sobre a plataforma atrás da locomotiva, mas não havia ninguém a vista. Merlim atravessou a porta depois de James, mas seu Patrono saltou para a parte da frente do vagão de carvão, aterrissando na plataforma, torvado e pronto para lutar. O barulho da locomotiva era muito alto para falar. Merlim apontou com a cabeça para a porta fechada na parte de trás da locomotiva. Estava pintada com um vermelho brilhante, assim como o resto da locomotiva. De lado a lado, em letras douradas, estavam as palavras “Apenas Maquinistas do Expresso de Hogwarts”.

James estendeu a mão para a maçaneta da porta e abriu-a. Estava escuro como breu dentro do compartimento da máquina. Respirou fundo, se acostumou com a escuridão, se equilibrou em meio à oscilação e velocidade da plataforma e entrou na obscuridade que lhe aguardava.

O vento e o barulho desapareceram instantaneamente. Não havia percepção de velocidade ou movimento. E o espaço interno na cabine não era quente ou enclausurado, como James esperara. Parecia enorme, silencioso e assustadoramente frio.

- James - disse uma voz confortavelmente, - que bom que você tenha vindo.

James olhou ao redor, mas não pôde ver ninguém. Não havia sinal algum de Merlim ou de mais nada que importasse. O espaço parecia completamente escuro e vazio sem rasgos sobressalientes, exceto por uma fonte de luz fosca sob a qual James estava.

- Onde estou? - perguntou ele, reunindo valentia. - Onde está Merlim?

- Perto - disse a voz rispidamente. Um tipo interessante, este Merlino, não acha? Foi o primeiro humano que conheci, sabe. Seu medo tem um gosto particularmente picante. - A voz suspirou, satisfazendo-se. - E quanto a onde você está agora, bem... essa é uma pergunta mais difícil de responder. Não queria que você se preocupasse com seus amigos, por isso nos trasladei longe... Fora do tempo. Fora de... bom, de tudo, para falar a verdade.

- Onde você está? - exigiu James, olhando ao redor.

- Ah, sempre esqueço! - disse a voz, rindo suavemente. - Vocês humanos não gostam muito dessa sensação de "voz celestial vinda do nada", não é mesmo? Estou bem aqui.

Na palavra *aqui*, a voz se localizou. James se virou na direção do som e viu uma figura de pé diante dele. Era exatamente a mesma figura que tinha visto no espelho mágico de Merlim, ainda com a mesma túnica esfarrapada e o capuz negro e sem cortes ou troços. James recuou longe dela, ofegando.

- Peço perdão mais uma vez mais - disse a figura, erguendo uma mão. - Talvez assim seja melhor.

A figura do Guardiãto tocou no capuz e o jogou para trás. James ficou com medo de olhar, mas não se conteve. Fez uma careta diante da forma revelada, e depois franziu um pouco a testa.

- Você é o Guardiãto? - perguntou, adiantando-se um passo. - Você parece um pouco... com meu *pai*. Mas não precisamente.

- Esta com certeza não é a minha verdadeira aparência - disse a figura imediatamente. - Ainda estou aprendendo coisas sobre os humanos, admito, mas penso que entendo sobre os tipos de aparências que vocês acham aceitáveis - O Guardiãto sorriu de modo apaziguador. - Você esperava algo horrendo, presumo? Mil olhos e uma longa cauda pontuda e bifurcada? Esse tipo de coisas?

James concordou com a cabeça, e depois negou.

- Não é o que eu esperava. Não importa mesmo. O que você quer?

- Direto ao que importa. - disse o Guardiãto, assentindo rudemente, ainda sorrindo. - Isso é que respeito em você, James Sirius Potter. Nada de sentimentalismos. Direi o que quero. Quero te ajudar.

James negou com a cabeça.

- Não me engana. É um mentiroso. Quer que eu seja seu hospedeiro para poder ficar aqui na terra e destruir tudo. Sei tudo sobre você. Só quer me usar.

- Ora, Ora - disse o Guardiãto, erguendo um pouco a sobrancelha, - entenda assim, soa um pouco ruim, não é? Digo, nas aparências...

- Bom... - disse James, um pouco inseguro, - sim, isso mesmo.

O Guardiãto acenou, apertando os lábios.

- Suponho que isso encerra o assunto, então. Você me diz não, fico sem hospedeiro humano. E em pouco tempo, perco minhas raízes neste plano terreno e sou forçado a voltar para o Vácuo. Você venceu. - A figura encolheu os ombros, como se estivesse levemente desapontada.

- Sim... - James concordou hesitantemente, - suponho que é isso mesmo, então.

- Nesse caso, se importa se conversarmos mais um pouquinho, James? Não trará dano algum, não é mesmo?

- Er, suponho que não.

- Você gosta da senhorita Morganstern, não? - disse o Guardiã, erguendo uma sobrancelha para James e piscando um olho. - Não te culpo. Não mesmo. Uma garota encantadora. Nós deveríamos supostamente estar... muito *unidos*. Tenho que admitir, no entanto, que tinha minhas dúvidas a respeito dela. Seu Voldemort morto tem seus seguidores muito fiéis e devotos e eles *insistiam* de que ela era a hospedeira perfeito para mim, mas eu suspeitava outra coisa. E, claro, eu tinha razão. Sempre tenho razão, James. Sem falsa modéstia, você sabe. Incerteza é a marca transcendente das criaturas limitadas ao tempo. Eu vejo a história como um livro aberto, do princípio ao fim. Sei como as coisas vão acontecer porque, metaforicamente falando, já pulei para últimas páginas. - O Guardiã suspirou indolentemente. - Deixe-me perguntar algo, James. Sabe quem eu realmente sou? - perguntou inclinando a cabeça para o lado.

- Você é o Guardiã. - respondeu James cuidadosamente. - É malvado.

- Sim, sim - disse a figura, ondeando uma mão impacientemente. - Mas *a parte* disso tudo. Tenho muitos outros nomes além desse, sabe? Há um que particularmente gosto muito. Acho que lhe maravilhariá.

James sacudiu a cabeça, sentindo-se progressivamente cauteloso.

- Não sei o que você quer dizer.

- Então me deixe esclarecer as coisas, James - disse o Guardiã, aproximando-se repentinamente de James e ficando de joelhos. Olhou atenciosamente, seus olhos faiscando com malícia. - James, meu rapaz, lembra da história? A que seu amigo Ralf nos presenteou na classe de Literatura Mágica? Lembra, não lembra?

James acenou com a cabeça, perplexo.

- Claro, mas não vejo...

- Não você o vê porque não olha! - interrompeu o Guardiã. Baixou a voz e disse num sussurro conspirador: - Eu, James, sou *o Rei dos Gatos!*

James retrocedeu enquanto o medo formigava por suas costas.

- Pensa nisso - insistiu o Guardiã, se levantando de novo e o seguindo. - *Eu*, sentado na base dos degraus, guardo o portal entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Eu determino quem atravessa o Vácuo, quem atinge a Eternidade. E, devo dizer, também decido... *quem* volta!

O Guardião estalou habilmente os dedos. Um novo poço de luz apareceu e James não pode evitar olhar para ele. Uma figura colocava-se em pé no poço de luz, olhando ao redor com surpresa e maravilha. James arfou e seu coração deu um salto.

- Vovô... - disse, dando um passo a frente.

- James! - disse Arthur Weasley rindo um pouco. -Quê você está fazendo no Ministério? E que diabos estou fazendo no chão? Devo ter tropeçado, como sou lerdo.

- Vovô! - exclamou James, com intenção de correr para ele, mas o Guardião colocou uma mão sobre o ombro de James, lhe detendo.

- Não pode tocá-lo, James - disse o Guardião com pena. - Ainda não. Talvez com o tempo.

- Mas como...? - chorou James.

Arthur Weasley inclinou a cabeça e sorriu zombadoramente.

- Isto faz parte do segredo de sua avó? - perguntou ele. - Não é mesmo? Se que ela está planejando algum tipo de festa surpresa. Nunca foi capaz de me enganar, se bem que a deixo achar que sim, minha querida. Onde estão todos os outros?

- Ele não pode me ver. - disse o Guardião, se voltando e olhando para Arthur. - Os que atravessam nunca podem.

- Você é... é real? - gaguejou James, uma frívola excitação fluía de seu interior. - É realmente você, vovô?

- Que tipo de pergunta é essa, James? - disse Arthur, olhando ao redor. - Aliás, Onde estamos? Aqui não é mesmo o Ministério. Tenho que admitir que estou um pouco perplexo. Escolhi a lareira errada na Rede de Flu?

- Não, vovô! - chorou James. - Você está... teve um...

- Shh - disse o Guardião. - Não conte.

- Por que tá fazendo isso? - exigiu James subitamente, olhando para a entidade na frente dele. - Esse não pode ser realmente meu avô! Ele está morto!

- A morte é só uma passagem - explicou o Guardião, encolhendo os ombros. - Mas só você nunca soube que era uma passagem de duas vias. Você ama o seu avô, não?

- Que você sabe disso tudo? - exigiu James, lutando contra as lágrimas de frustração e fúria.

- Admito que o conceito me parece estranho. - respondeu a entidade, - mas aprendi o suficiente dos humanos para saber o grande poder que tenho sobre vocês. Você traria de volta o seu avô se pudesse, não?

James mordeu os lábios, suas emoções aflorando. No segundo poço de luz, Arthur estava com as mãos nos bolsos distraidamente, como se procurasse algo.

- Endereço errado. - murmurava, rindo um pouco nervosamente. - Onde eu pus meu pacote de emergência de pós de Flu? Molly sempre faz questão que eu o leve. Vai ficar repetindo durante dias o fato de que finalmente precisei.

- Sim! - choramingou James, as lágrimas inundavam seus olhos. - Amo meu avô. Mas ele se foi! Não pode me enganar! Não farei o que você me pede nem mesmo se isso pudesse trazê-lo de volta.

- Altruísmo. - disse o Guardiã com seriedade, concordando com a cabeça. - Uma qualidade respeitável. O admiro, de verdade. - Levantou uma mão e estalou os dedos de novamente.

Um terceiro poço de luz apareceu. James se virou para olhar, piscando em meio a um borrão causado pelas lágrimas. Uma figura pareceu tropeçar para trás onde o poço de luz estava. Era alta e magra, vestia túnicas pretas, seus longos cabelos pretos estavam sujos, emaranhados e suados. Recuperou o equilíbrio e girou onde estava com a varinha para fora. Com olhos selvagens fitou James e então parou, respirando pesadamente, obviamente confuso.

- Harry? - chamou ele, franzindo a testa em consternação. Você não é o Harry, é? Quem é você?

James não podia acreditar nos próprios olhos.

- Sirius? - arfou ele. Você é Sirius Black!

- Dez pontos para você - Sirius respondeu. - Onde estou? Onde estão Remo e Harry e todos os outros? E onde se encontra a maldita Bellatrix, só pra saber? Não terminei com aquela bruxa.

- Sirius! - chamou James, engolindo o choro, inteiramente perplexo. - Aca... acabou! Você foi assa...

- Os mortos não desejam saber tais coisas - O guardião interrompeu, silenciando James. - Mas certamente você pode ver quem é. Sirius Black. Mais importante, é o padrinho de seu pai que há muito se perdeu.

James assentiu, mal conseguindo ouvir.

O guardião se antecipou.

- Negue a si mesmo a possibilidade que deseja, James. Devolva seu avô ao reino dos mortos. Mas você será capaz de viver sabendo que desperdiçou a chance de dar de volta ao seu pai o homem cujo amor ele sente saudades todos os dias da vida dele? Você ainda será capaz de olhar seu pai nos olhos novamente, sabendo que o negou seu mais profundo desejo: ter seu padrinho devolvido a ele?

A mente de James estava inebriada.

- Mas eles não são reais!

- O que isso significa mesmo, James? - exigiu o Guardiã. - *Olhe para eles!* Eles nem mesmo conhecem seus próprios destinos! Para eles, nenhum tempo se passou. Eles *acreditam* que são reais! Quem é você para lhes dizer o contrário?

- Eu não sei! - gritou James, agarrando-se a cabeça.

- É tão simples, James - acalmou o Guardiã avançando para ele. - Eu sou o Rei dos Gatos. Você pode se juntar a mim e ver todos aqueles que você perdeu retornarem

para você. Seu avô, o padrinho de seu pai, até mesmo os seus avós que morreram há tanto tempo. Sem prejuízos, James, apenas um pequeno preço. Um preço que você nem vai se importar de pagar, eu te garanto. Um preço que você ficará feliz em pagar!

- O que é? - James não se conteve e perguntou, olhando de Sirius para o avô Arthur.

- Uma coisa mínima, uma ninharia - Falou o Guardião, esticando-se para James e pondo suas mãos nos ombros do garoto. - Na verdade, um favor para o mundo.

- Não vou matar ninguém - disse James balançando a cabeça, lágrimas caíam de seu rosto.

- Olhe - sussurrou o Guardião amavelmente, girando James. - Olhe antes de responder.

Atrás de James havia outro poço de luz. Uma última figura estava de pé nela, parecendo bastante surpresa por estar lá. Longos cabelos brancos caindo dos dois lados da face muito pálida e magra, e os olhos cheios de ódio. James pôde ver na hora a semelhança familiar. Era Lúcio Malfoy.

- Que está acontecendo aqui? - Lúcio ofegou. Procurou por sua varinha nos bolsos, mas pareceu não encontrá-la. - Onde está minha varinha? - disse ele olhando de James para o Guardião. - Eu exijo saber onde você me trouxe, sua criatura asquerosa!

- Esse é o homem - sussurrou o Guardião por sobre o ombro de James. - Que nas mãos leva o sangue de muitas pessoas. Foi ele quem planejou que você e sua irmã morressem na Câmara Secreta. Ele é o responsável pela morte dos pais de Petra Morganstern, e foi por sua vontade que ela foi amaldiçoada com a alma demente de Lord Voldemort. Agora mesmo, esse desgraçado impiedoso, está tramando assassinatos e morte. O coração dele é uma caixa negra de ódio. Mate-o, James. Livre o mundo desse louco. Com certeza ele o merece. Mate-o. Faça-o, agora mesmo. - Enquanto falava o Guardião recuava, meio que dando espaço a James.

James planejava recusar. Um “não” estava na ponta de sua língua, mas de repente, viu que não poderia obrigar-se a fazê-lo. O Guardião estava certo. Lúcio Malfoy merecia morrer. Ele era imperdoável. James sentiu a varinha em suas mãos antes mesmo de perceber que estava procurando por ela. Era a de Ralf. Parecia quente e grande em sua palma. Parecia mortífera.

- O que significa isso? - Lúcio bramiu, estreitando os olhos. - Você mandou um menino para acabar comigo? Eu conheço esse aqui, ele é tão fraco quanto seu pai é estúpido. Não o fará. Ele não é forte o bastante.

- Ele te insulta - disse o Guardião suave e avidamente, com sua voz uma vez mais ressoando por todas as partes. - Demonstre o quão errado ele está. Mate-o.

A mão de James tremia ao levantar a varinha de Ralf. Parecia zunir em seu punho. Queria matar Lúcio tanto quanto ele queria. E então, quando a tarefa estivesse cumprida, e Lúcio estivesse morto aos pés de James, ele teria seu avô de volta. E Sirius

Black poderia ser o padrinho de seu pai novamente, como sempre deveria ter sido. James olhou para trás, e viu tanto Sirius quanto Arthur olhando para ele. Os dois estavam franzindo as sobrancelhas levemente, como se não pudessem ver direito o que estava acontecendo.

- James - disse Arthur com voz preocupada. - Tenha cuidado, filho.

- James? - Sirius disse a si mesmo, olhando de relance para Arthur. Depois olhou de volta para James, começando a entender. - Estamos mortos - disse ele sem se afetar. - E de algum modo, por alguma razão, você é o filho de Harry, não é? Quem é aquele além de você...? Lúcio Malfoy! Cuidado, James Potter!

James virou-se de volta, olhando para o rosto presunçoso de seu adversário.

- Faça - sibilou o Guardiã. - Mate-o agora!

Lúcio rosnou.

- Você não consegue! Você é fraco!

- Não sou! - gemeu James. Pôs todo o seu ser na varinha e apontou diretamente para o coração do homem alto. E então, com uma felicidade súbita, a segurança o tomou. Ele não era fraco. Ele podia fazer exatamente o que tinha que fazer. Em sua mente, ele ouviu as vozes de Helga Hufflepuff e Merlin: *"A coisa certa a se fazer é sempre simples, mas nunca fácil"*.

- Eu sou um guerreiro - sussurrou James para si mesmo, rilhando os dentes. - E a marca de um guerreiro de verdade... é saber quando não lutar.

Com isso, James abaixou a varinha. Ele a largou, e então deu as costas a Lúcio Malfoy. E, vagorosamente, começou a se afastar.

- James Sirius Potter! - chiou o Guardiã. - Você não pode se esquivar! Mate-o! Você deve isso ao mundo! Você deve a si mesmo e ao seu pai! *Você não pode recusar o poder que estou te oferecendo!*

James olhou tristemente para seu avô, com o coração quebrantado. Arthur sorriu orgulhosamente e acenou para ele.

- Forte esse garoto - disse Sirius, os olhos negros e cintilantes. - Exatamente como o pai dele.

Lentamente, os poços de luz começaram se desvanecer. Arthur e Sirius desapareceram na penumbra.

James continuou andando. Estava quase na borda do seu próprio círculo de luz quando ouviu a voz de Lúcio Malfoy atrás dele.

- Se você não irá matar para se tornar o hospedeiro do Guardiã - ele disse, sua voz transbordando ódio, - Então eu vou! - James soube nesse momento que Lúcio tinha pegado a varinha de Ralf. E sentiu que esta estava apontada para ele. Parou de súbito, sem se virar.

- *Avada Kedavra!* - Lúcio sibilou, saliva jorrou de seus lábios com a força de sua ira. A faísca de luz verde fluiu pelo ar e acertou James diretamente nas costas. James

sentiu sua força, esta puxou-o para frente levemente. Ainda assim, ele não se virou. Ficou em pé exatamente no limite entre a luz e a sombra.

Lúcio fitava o garoto, seus olhos se estreitaram e uma expressão de ódio dominou seu rosto. O garoto deveria ter caído agora, ele estava morto. Lúcio esperou, segurando a áspera varinha de ponta verde, ainda apontando para o garoto.

Houve um fraco som de algo rasgando. Um longo e desigual rasgo apareceu no tecido do Saco Sombrio nas costas de James, entendendo-se a partir do ponto onde a Maldição da Morte havia atingido. James sentiu movimento dentro do Saco Sombrio. Algo estava acordando lá dentro. *Muitas* coisas, na verdade, e elas estavam famintas.

- Que tipo de truque é esse? - Lúcio falou lenta e nervosamente, dando um passo atrás. Olhava fixamente o corte no Saco Sombrio no momento em que o barulho começou a emanar dela. James tomou coragem, fechando as mãos em punhos. O ruído começou a aumentar, transformando-se num alto e inquieto zumbido. E então o Saco Sombrio estourou violentamente. borlins emanaram do buraco onde a maldição de Lúcio havia rasgado. Havia provado o vívido gosto da maldição, e agora queriam mais. Jorraram pelo ar na direção de Lúcio como uma nuvem de morcegos.

Os olhos de Lúcio se arregalaram com a visão dos borlins que vinham. Por instinto, ondulou a varinha, mostrando-a a eles, disparando feitiços em todas as direções. Jatos de luz surgiram da varinha, e os borlins foram em meio a uma fúria sedenta, vorazes e fortalecidos pela magia. Eles caíram sobre Lúcio como uma nuvem.

James finalmente se virou, deixando os restos do Saco Sombrio escapular de seus ombros. Quando olhou de volta, Lúcio estava completamente engolfado com os borlins. Eles haviam se peneirado ao redor dele, devorando-o vivo. Ele gritava enquanto banquetevavam-se com ele, sugando sua magia, como vampiros. Ele parecia estar minguando. Caiu de joelhos, invisível através da massa inquieta, escura e revolta. Era horrível, ainda assim, James não podia tirar seus olhos deles. Finalmene, o corpo de Lúcio pareceu se desfazer completamente. Ele se dissolveu em algo como cinzas que se esfarelavam e murchou até o chão, seu último grito soando estridente, ecoando em meio ao nada. Satisfeitos, os borlins se dispersaram, guinchando e desvanecendo-se desordenadamente em meio da obscuridade. Em segundos, desabareceram, se foram perdidos no Vácuo.

James deu um passo à frente. O que restara de Lúcio Malfoy entornou de suas mangas e da gola de sua veste na forma de pó de cinzas. James se ajoelhou e, muito cuidadosamente, retirou duas coisas das mãos esfareladas de Lúcio. Enquanto se levantava, pôs no bolso uma delas: a varinha de Ralf. A outra, ele segurou com a mão, sentindo o pequeno poder negro dela.

- Largue isso - ordenou o Guardião, e sua voz tinha mudado, se tornando grave e mais profunda, menos humana. - Você não sabe o que acabou de fazer.

James negou com a cabeça.

- Sei exatamente o que eu fiz - disse ele.

- *Você não pode me desafiar!* - rosnou o Guardiã, e pela primeira vez se revelou. Já não tinha aparência humana, mas sim a de uma nuvem giratória de fumaça e cinzas. Seus olhos apinhavam-se através da nuvem, tão furiosos que brilhavam vermelhos. - Ninguém pode desafiar o Guardiã! Libere a pedra! Você não pode reter seu poder!

- É verdade - falou James, sem sentir mais medo do Guardiã - Mas conheço alguém que pode.

Ele se virou, sabendo de alguma forma que Merlim estaria por perto. Talvez até por intermédio de James próprio ele estivesse lá. Ele caminhou em direção ao grande bruxo e estendeu sua mão. Nela, o anel cintilava vivamente. Dardos de luz faíscavam das faces negras da Pedra Chamariz.

Merlim sorriu um riso lento e inexpressivo. Gentilmente, pegou o anel e o colocou em seu dedo, ao lado de seu gêmeo.

- E agora - disse Merlim, levantando a mão, - como seu Embaixador terreno e portador da Pedra Chamariz *completa*, eu controlo você! Esse não é o seu mundo! Nem irá ocupá-lo! Vá! Besta do Abismo, Guardiã do Vácuo! Eu expulso você para o nada que deverá ser seu eterno lar! Parta agora, e nunca retorne!

A nuvem de cinzas e fumaça rugiu. Quis cair sobre Merlim, desejando consumi-lo, mas repentinamente, uma enorme fenda de luz vívida apareceu em meio à escuridão, expandindo-se. O rugido do Guardiã se transformou em um berro no momento em que era puxado para cima, em direção à fenda. Lutou contra a força, girando e se retorcendo, e por um momento James pensou que era um ciclone invertido. E então, com um feixe ofuscante e com uma trovoadas, sumiu, banido de volta ao Vácuo de onde tinha vindo.

James piscou no silêncio. Tomou fôlego e se virou para Merlim, exausto.

- Se foi? - perguntou ele. - Se foi definitivamente?

Merlim assentiu vagarosamente.

- A porta entre os mundos está lacrada.

Estava acabado. James se virou para olhar atrás novamente, curioso, pois queria ver se havia algum sinal remanescente da fenda ofuscante na qual o Guardiã tinha se desvanecido. Não havia nada além de escuridão e silêncio. E então...

Houve um lampejo de luz e James cambaleou, luz e barulho explodiram ao seu redor. Ele semifechou os olhos respirando com dificuldade no repentino barulho e a lufada de ar; ele estava de volta à parte traseira do Expresso de Hogwarts novamente, como se nunca tivesse saído dali. Árvores passavam a toda pressa, se transformando em borrões ao longe, exatamente como antes, mas quando James olhou para fora do vagão carvoeiro atrás dele, o ar estava claro e limpo.

- Os dementadores se foram! - falou para Merlim.

- Mandados de volta ao Vácuo com seu mestre - Merlim concordou, assentindo.

James riu em alívio, e de repente lembrou a direção perigosa em que o trem estava indo.

- Temos que parar o trem! - gritou ele, seus olhos se expandindo. - Está indo na direção da ponte inacabada! Todos a bordo vão morrer!

Merlim concordou novamente, com o rosto sério. Mais uma vez, James abriu a porta do compartimento da locomotiva. Em vez de escuridão, contudo, dessa vez encontrou um estreito espaço interior, sufocantemente quente. Na frente do compartimento estava uma mesa cheia de incompreensíveis alavancas e medidores. Acima, dois largos vitrôs mostravam o caminho por vir.

- Qual delas faz o trem parar? - James gritou, examinando as válvulas e alavancas desesperadamente.

- A maior das alavancas no soalho - Merlim respondeu arregaçando as mangas. - Segure a manivela e puxe-a o mais forte que puder, James. Não importa o que aconteça, não largue.

James pôs as mãos ao redor da grande alavanca, que era quase tão alta quanto ele. Girou para empurrá-la, mas então cometeu o erro de olhar para fora da janela. As árvores haviam se aberto, revelando um amplo panorama montanhoso. A travessia perante eles, atravessando um estonteante, profundo e rochoso desfiladeiro, mas somente parcialmente. A menos da metade do caminho, a ponte interrompeu-se, inacabada. Os joelhos de James enfraqueceram.

- *Puxe-a*, James! - ordenou Merlim, levantando seus braços, com a face dura como granito. - Não a solte em circunstância alguma!

James respirou penosamente e puxou a alavanca com tanta força quanto podia com ambas as mãos. As engrenagens abaixo do chão da locomotiva guincharam e retiniram enquanto os mecanismos de freio começavam a trabalhar. Vapores foram liberados explosivamente pelas caldeiras nos dois lados da máquina, criando grandes nuvens brancas. O trem tremeu, guinou e começou a reduzir a velocidade, mas James sabia que não haveria forma de pará-la a tempo.

Próximo a ele, Merlim levantou seus braços. Estava murmurando rapidamente por sob a respiração, com os olhos fechados. James o olhou de onde estava, largando a alavanca do freio. O grande feitiço estava tremendo levemente, quase vibrando. A luz do sol repentinamente entrou pela janela da locomotiva, e James soube que já tinham passado através das poucas árvores na beira do penhasco. O trem havia começado sua viagem sobre o desfiladeiro, se aproximando rapidamente do fim da ponte. Atrás de James e Merlim, quase todos os estudantes e professores de Horgwarts estavam nos corredores colidindo e se esbarrando uns nos outros, sem fôlego, possivelmente ignorantes de seus destinos. O trem continuava freando, suas rodas se resvalavam, rangendo, guinchando, acendendo fagulhas, mas sem utilidade. James esticou seu pescoço para olhar através da janela, e viu o fim do trilho se aproximar alarmantemente

rápido. Um X tinha sido talhado em madeira e erguido através do caminho para evitar que trabalhadores se dirigissem acidentalmente para o abismo. Mostrava-se pateticamente frágil ao ser atingindo a todo vapor pela gigantesca locomotiva carmesim. E então, velozmente, James viu movimento no fim do trilho. Algo verde estava se movendo justo do outro lado, tão rápido que ele mal podia ver. Enquanto James observava, no entanto, o fim do trilho desapareceu debaixo da sacada da janela da locomotiva. Ele cerrou os dentes, puxando a alavanca do freio com todas as forças, e esperando pela longa e nauseante queda.

A locomotiva balançou-se, guinando ruidosamente como se tivesse batido em algo invisível, e James quase perdeu seu apoio na alavanca do freio. Perto dele, Merlim cambaleou, mas permaneceu ereto, com as mãos levantadas, ainda murmurando sob a respiração. Surpreendentemente, o trem não caiu. Seguiu movimentando-se adiante, impulsionado pelo peso dos vagões atrás dele, reduzindo a velocidade quase imperceptivelmente. Como Merlim, a locomotiva repentinamente pareceu vibrar. Como se gradualmente estivesse perdendo sua força, a vibração se incrementou, se tornando num barulhento e discordante estremecimento que ameaçava com quebrar e separar a locomotiva por os parafusos do nó. Uma das janelas explodiu, espalhando uma poeira faiscante e salpicando o interior do compartimento com cacos cintilantes. James recuou enquanto pedaços de vidro e ar quente de outono perpassavam, sovando-o. Um momento depois, se esticou para olhar através da janela quebrada, com os olhos dilatados e descrentes enquanto o desfiladeiro surgia debaixo do trem que avançava. A locomotiva freava, matraqueando e crepitando até que finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, se deteve de supetão com um abalamento. A súbita cessação da inércia lhe fez perder o equilíbrio e James tropeçou, caindo de joelhos, ainda aferrado na alavanca do freio.

O silêncio desceu sobre a locomotiva, atingindo-a surpreendente após o barulho e o caos. Envolveu os ouvidos de James. Estremecendo-se, respirou fundo, lutando para ficar em pé, balançando a cabeça para livrar-se de cacos de vidro.

- Isso foi... - ele começou, e então saltou para cima, colocando seu ombro embaixo dos braços de Merlim quando o grande feiticeiro sofria um colapso, desmoronando-se. - Ufa! Você... unf...! que pesado! O que saiu errado?

Merlim esforçou-se para ficar de pé. Ele gemeu e colocou a mão contra a cabeça como para mantê-la firme no pescoço. Lentamente, ele conseguiu se apoiar, e se encostou na parede do compartimento da locomotiva. James o fitou, franzindo as sobrancelhas com curiosidade, e então observou mais atenciosamente.

- O que aconteceu com o senhor? - perguntou ele sem fôlego. - Você parece... velho!

O rosto de Merlim, que não tinha sido exatamente jovem desde o princípio, estava marcado com rugas. Havia grandes e escuros círculos abaixo de seus olhos. Até

mesmo sua barba e cabelos pareciam ter crescido e se acinzentado. Ele olhou para cima cansativamente, viu o semblante preocupado de James, e sorriu melancolicamente.

- Vinte anos em trinta segundos - disse ele com a voz seca e gasta. - Perder duas décadas que rapidamente tendem a pedir algo em troca e trazer conseqüências.

James hesitou para ele atônito.

- Onde o senhor as perdeu?

- Lá bem embaixo desse trem - Merlim disse revigorando-se e girando. - Venha. Não posso assegurar que vai agüentar muito mais. Precisamos tirar todos do trem, e rapidamente.

James seguiu o grande feiticeiro, e enquanto o fazia, sentiu amais estranha das sensações; parecia que a locomotiva estava oscilando levemente, como o tronco de uma árvore mexendo durante uma ventania forte. Enquanto eles saiam do vagão carvoeiro e entravam no primeiro compartimento de passageiros, retornando aos cumprimentos jubilosos de Rosa, Ralf, Zane e Alvo, James não pôde evitar baixar os olhos. As rodas do trem pareciam se chocar contra folhas e videiras. Borboletas esvoaçavam-se em meio a elas, suas asas lampejando no sol do entardecer.

Meia hora depois, James estava de pé, juntamente com o resto dos passageiros do trem, a um quarto de quilômetro, ao longo da beira do desfiladeiro. Estavam esperando por um segundo trem, que havia sido despachado para transportá-los o resto do caminho para casa.

Zane chutou uma pedra além da beira do precipício e a observou quicar para baixo até as árvores abaixo.

- Como a coisa foi lá na locomotiva? - ele perguntou para James.

- Horripilante - disse James com sensibilidade. - Pensei que íamos morrer, sem dúvida nenhuma.

Rosa perguntou:

- Você o viu fazer?

- Eu o vi fazer *alguma* coisa. Mas eu não sabia o que ele estava fazendo.

- Envelhecer vinte anos em trinta segundos - disse Alvo admiravelmente. - Eu não acreditaria se não estivesse vendo.

- Isso é o que mais me impressiona - comentou Ralf, perturbando-se com o desfiladeiro, - é que ele conseguisse que as árvores brotarem em *forma* de trilhos!

Mais uma vez, James olhou para o desfiladeiro arborizado entre as montanhas. Desse ângulo, podia vê-lo claramente. A ponte inacabada do trem terminava quase na metade da travessia. Brotando ao final da ponte, contudo, completando outro terço da travessia, estava o que parecia uma sequóia gigante encaixada perfeitamente no trilho. A árvore estava exuberante com sua folhagem, ondulando levemente com a brisa refrescante. O Expresso de Hogwarts posou em cima dela, vapores ainda exalando de suas caldeiras em uma longa faixa branca.

- Ele usou vinte anos de sua própria vida para fazer aquela árvore crescer - disse Rosa, balançando a cabeça em descrença. - Isso é que é ser íntimo da natureza.

Zane concordou.

- É. Ele justo ainda está lá no abismo, “palestrando” com o espírito daquela sequóia. Ainda bem que é Merlim quem está explicando àquela árvore como ela cresceu tão rápido - disse ele, arreganhando os dentes - E porque ela tem uma trem exalando vapor em seu tronco.



James, Rosa e Alvo estavam sentados no gramado do pátio, piscando inconsolavelmente ao sol do amanhecer. Ali perto, Harry, Gina, Rony e Hermione estavam de pé, conversando calmamente. James levantou os olhos, observando ao longo do caminho lamacento.

- Você vê alguém? - perguntou Alvo pisando na grama com os calcanhares.

James negou com a cabeça.

- Ninguém, estão atrasados.

- Por que deveriam se apressar? - queixou-se Alvo. - Já pagaram por ela, tudo que eles têm a fazer é assinar os papéis e pegar a chave. Não que um dia irão precisar dela.

- Eu desejo que acabe logo - disse Rosa, suspirando tristemente. - Eu sei que foi idéia minha vir e se despedir d'A Toca, mas agora que estou aqui, eu nem consigo olhar para ela. Só em saber que os novos donos vão derrubá-la...

- A vovó e Lílian estão procurando por um apartamento na cidade - comentou James. - Poderia ser legal. Vai ser fácil para ela cuidar, e poderemos vê-la quando quisermos.

Alvo resmungou.

- Não vai ser a mesma coisa. Não sem A Toca.

James suspirou. O casamento de Jorge e Angelina fora no dia anterior, e, não obstante, como é lógico, tinha sido uma festa muito animada. Todo mundo estava lá, incluindo Hagrid, Neville, até mesmo a professora McGonagall. A antiga diretora até tinha dançado um pouco, o que deixou os estudantes boquiabertos de espanto. Em contraste, estar sentado no jardim d'A Toca pela última vez, esperando que os novos donos cheguem e tomarem posse, parecia particularmente desanimador. *“Um começo quase sempre significa um fim”*, o papai de James tinha dito enquanto se preparavam

naquela manhã, mas James não tinha se sentido reconfortado com aquilo. Não pela primeira vez, James se encontrou lembrando do último sonho que tivera enquanto estava com a cicatriz espectral em sua testa; o sonho no qual um Alvo de alguma forma mais velho deu sua varinha a uma jovem... Petra?... no cemitério, a qual tinha decidido conjurar a Marca Negra e então dirigiu a varinha para ele. Obviamente, aquilo nunca tinha acontecido, e ainda assim James não conseguia imaginar que isso poderia ser um tipo de predição ou profecia. Tábita havia dito que Alvo era um garoto de grande potencial, e isso, James tinha certeza, não tinha sido um blefe. Tábita acreditava mesmo. O que isso significava? James fitou seu irmão à luz do sol... seu irmão, que sustentava os nomes de um grande grifinório e de um grande sonserino, e que tanto parecia com seu pai, o menino que sobreviveu.

- Aí vem eles - disse Rosa taciturnamente.

James seguiu o olhar atento de Rosa e viu uma nuvem de poeira se aproximando no fim da estrada.

Os três se levantaram e se limparam enquanto o veículo se aproximava. Caminharam vagarosamente para ficarem ao lado de seus pais. Harry piscou e ajustou os óculos.

- Eles estão com um carro diferente do qual foram ao banco - ele comentou.

Gina disse,

- Sabia que você iria perceber, Sr. auror.

- Deve ser legal - resmungou Rony. - Comprar uma casa e um carro novo na mesma semana.

- Shh - disse Hermione, mas sem muito sentimento.

Harry estava franzindo as sobrancelhas levemente. - Não é exatamente um carro *novo*. Na verdade... - de repente seu rosto se encheu com um sorriso de surpresa. - Que me parta um raio...

- O quê? - perguntou Alvo, se colocando na ponta dos pés e cobrindo os olhos da luz solar.

James também olhou e enquanto o veículo se aproximava ainda mais, pôde ver que aquele certamente não era um carro novo. Era, de fato, um carro muito antigo, mas cuidadosamente restaurado. O carro saltava, quicava e vinha em ritmo lento no caminho irregular, refletindo luz solar de seu cromado e enorme pára-choque e vidro dianteiro.

- É o Anglia! - gritou Rosa, saltitando e batendo palmas. - O Anglia do vovô! Mas como?

Harry estava balançando a cabeça, sorrindo. Rony franzia a testa, estremeceu, no momento em que o carro parava com um guincho exatamente na frente deles. A porta do motorista se abriu e uma enorme silhueta saiu por ela. James não reconheceu o homem ao princípio uma vez que ainda não estava acostumado com ao rosto inesperadamente envelhecido.

- Merlino! - disse Hermione, dando um passo à frente para cumprimentá-lo. - O que você está acontecendo aqui? Como recuperou o carro de Arthur?

- Fico feliz em dizer - Merlim respondeu, - que isso veio com a casa. Esse é o endereço correto, não é mesmo? Assumo que eu não encontraria vocês todos em frente a nenhuma outra casa que está prestes a ser readquirida.

Rony riu.

- Esse é o local, suponho, mas o que aconteceu? Onde estão os Templetons?

- Acho que estão alegremente negociando a venda de um condomínio em Kensington Knob. - Merlim respondeu, fechando cuidadosamente a porta do Anglia. - Depois da muito indecorosa e impróprio quantia de dinheiro que paguei a eles por esse charmoso domicílio, desconfio que tiveram a possibilidade de aumentar, e muito, o seu orçamento para a compra de um lar.

- *Você* comprou A Toca? - exclamou James, com um sorriso nascendo em seu rosto.

- Mas por quê, Merlim? - perguntou Harry, balançando a cabeça demonstrando estar maravilhado.

Merlim olhou surpreso.

- Eu pensava que a resposta para essa pergunta fosse óbvia o bastante. Ainda sou muito novo nesta época e preciso de um lar para mim. Os escritórios da escola são confortáveis, mas bruxos com meu temperamento anelam um quarto para relaxar e propagar-se. Achei que esse chalé se adéqua perfeitamente às minhas necessidades, embora seja um pouco grande *demais*. Por isso esperava persuadir e convencer a antiga proprietária a ficar, dessa maneira me ofereceria companhia e cuidaria do lugar durante o período escolar.

- Você quer que a vovó Weasley venha morar aqui novamente? - gritou Rosa alegremente. - Hurra! É maravilhoso!

Rony perguntou,

- Tá falando sério? Você quer que a mamãe realmente continue morando aqui?

Merlim assentiu vagorosamente.

- Quem sabe ela possa ser condescendente comigo e me fazer uma xícara de chá de vez em quando. E eu, em troca, posso ajudá-la a manter magicamente o lugar limpo. Parece um acordo justo, não?

Hermione sorriu felizmente.

- Você vai ter que trancar a Molly no sótão para fazê-la parar de lhe dar xícaras de chá. Na realidade, Merlino, isso é mais do que poderíamos esperar. Mas aonde arranjou o dinheiro?

Merlim entrefechou os olhos em tom de conspiração.

- Vocês sabiam que o banco Gringotts foi fundado há mais de doze séculos? É certamente notável como um pequeno investimento pode render em mil anos. Digamos apenas que não vou precisar de rendimentos por um bom tempo.

- Você fez um depósito antes de zapear no tempo? - exclamou Rony, seus olhos se alargando. - Isso é genial!

- Qual seria a graça de ser um feiticeiro se não pudesse manipular as aberturas temporais ao seu favor/benefício? - Merlim concordou, sorrindo com Rony em uníssono.

- Vamos buscar a vovó e LÍlian! - disse Alvo, excitado. - Antes que cometa algo estúpido como alugar algum apartamento na cidade! Nós podemos trazê-la de volta hoje, certo? Né?

- Não vejo porque não - riu Harry. - Se Merlim estiver de acordo.

- Não pensaria de outro jeito - O grande homem replicou. - De fato, podemos até ir no maravilhoso carro de seu avô. Acredito que todos caibamos dentro dele se não nos incomodarmos se não nos importa ficar um pouco apertados.

- No Anglia? - perguntou James no momento em que todos começavam subir ao antigo carro. - Vai levar a eternidade para chegarmos à cidade nele.

- Acho que você se surpreenderá - Merlim respondeu subindo ao assento do motorista e sorrindo enigmaticamente. - Todos segurem-se de algo. Até pode ser um percurso um pouco sacolejante e esburacado.

Cuidadosamente, Merlim pressionou um botão largo no painel do carro. Com um arranco e uma pancada, as longas asas de tecido surgiram das laterais do carro, sobressaindo de um ponto detrás de onde estava a cabeça James ao estar sentado no banco traseiro. Ruidosamente, as asas começaram a esvoaçar para cima e para baixo, obtendo um ritmo estável e uniforme.

- As asas funcionam! - riu Alvo. - Você conseguiu que as asas funcionassem. Excelente!

Lentamente, acompanhados por uma crescente nuvem de poeira trazida pelo vento, o carro deslizou para fora da estrada. Ronny berrou pela janela do assento do lado do passageiro em que estava quando Merlim pôs o carro no ar, dirigindo-o em direção ao horizonte ocidental. Com o som de animados risos e o grito de feliz espanto de Hermione, Merlim pisou no acelerador, puxando-o mais para baixo. As asas zumbiram, e o carro mergulhou no ar para baixo, voando como um abelhão sobre o jardim d'A Toca e projetando sua sombra na garagem enquanto passava.

Por muitas milhas em volta, as crianças trouxas olharam para cima, perguntando-se o que fora aquele misterioso som de risos que perpassava tão depressa, velozmente sobre suas cabeças.

Caro Leitor,

Bem, este foi o segundo livro. Muito obrigado por ler!

Do mesmo jeito que *James Potter e A Travessia dos Titãs* foi recontagem da estória de terror *Essa Força Oculta*, eu descobri que *A Maldição do Guardião* é foi bastante inspirada pelo segundo trabalho da própria J.K Rowling, *Harry Potter e A Câmara Secreta*. Como sempre, eu tiro meu chapéu com grande respeito a Sra. Rowling, cuja imaginação gerou um universo tão fértil e inspirador para alimentar a imaginação de tantos outros. Da mesma forma, tenho certeza de que não sou o primeiro autor a perceber que minhas tendências literárias refletem o trabalho de seja quem for que eu esteja lendo no momento, assim sendo eu devo estender meus agradecimentos a Orson Scott Card e Stephen King, cujas idéias e temas também estão salpicados pela obra. Se fan-fictions são simplesmente restos requentados da criação de outros escritores, espero pelo menos que esta estória seja uma caçarola.

Agradecimentos especiais devem ser dados a todos os meus amigos do Grotto Keep Forum, cujo constante encorajamento e inspiração são primordialmente responsáveis pela existência desta estória.

Também gostaria de mencionar Juliana So, que editou este trabalho exatamente como escrevi: sem recompensa alguma, e simplesmente pelo amor à estória. Seu esforço meticuloso e amor pelo universo de Harry - e James. - Potter foram inestimáveis durante todo o processo de edição. Cada detalhe correto nesta estória pode ser creditado a ela; cada detalhe incorreto é provavelmente o resultado de eu ter ignorado suas sugestões.

Também de grande auxílio foi o Sr. Derek Kelley, cuja compreensão da língua, história e tudo o mais que for inglês foi de imensa ajuda. Além de muitas outras coisas, ele é o responsável pela tradução shakespeariana de todas as passagens d'*O Triunvirato*, dando às minhas desajeitadas linhas a métrica da verdadeira poesia.

E finalmente, claro, muito obrigado à minha esposa que suportou minhas leituras de cada novo capítulo para ela a cada noite enquanto os finalizava, e cujo sincero entusiasmo e opiniões foram o primeiro passo para ajudar tais estórias a se tornarem reais.

Com toda a honestidade, eu não tinha certeza de que haveria realmente uma seqüência para *James Potter e A Travessia dos Titãs*, mesmo enquanto escrevia o primeiro livro, eu sabia que aquilo era parte de uma estória muito mais longa, e agora que terminei este segundo, vejo que ainda há muito para se contar. Irá Escórpio ganhar a luta contra o torpor da sua linhagem puro-sangue? Como Ralf irá lidar com o contínuo peso do seu sobrenome? E quanto a Petra, cuja luta entre sua própria bondade e o último resqúicio do Lorde Negro espelha tão bem a luta que nós mesmos temos em

nossos corações? James será capaz de encarar Petra se ela deixar que as trevas a dominem? E o mais importante de tudo, qual foi o significado do misterioso último sonho de James, no qual Petra e Alvo estavam à beira da recém-cavada sepultura abaixo da Marca Negra restaurada?

Sentado aqui, dois meses antes do lançamento de James Potter e A Maldição do Guardiã, eu fico me perguntando como esta estória será recebida. As pessoas ficarão com raiva pelo que acontece com Arthur Weasley? Elas vão odiar a estória, uma vez que é tão diferente da primeira? Ou elas irão perguntar, ao acabarem, “O que vem a seguir? Haverá um terceiro livro?”

E haverá? A resposta a esta pergunta é: Eu não sei. Tenho uma idéia de como esta estória deve se desenrolar, claro, mas é cansativo escrever estórias geradas na criação de outra pessoa. Não porque as idéias não vêm, mas porque as sementes não são minhas. Elas pertencem a Sra. Rowling. Não posso vender tais estórias, e haverá montes de restrições legais sobre o que pode ser feito mesmo com distribuição gratuita. Em suma, não há muitos benefícios práticos em escrever mais estórias de James Potter. Deveria escrever algumas estórias próprias, não acha? Isto me assusta um pouco, mas acho que consigo. Acho que o *farei*.

Quer saber de um segredo, caro leitor? Estou quase certo de que irei, com o tempo, de alguma forma, desenvolver e escrever o resto da estória de James Potter, mesmo que nunca a lance. Por que? Porque eu mesmo quero saber o que acontece! Você pode estar rindo, mas é verdade. Sei do esboço básico, mas não sei nada dos detalhes, e estou muito, muito curioso mesmo para descobrir. O crescente amor de James por Petra a conquista? Alvo muda a Sonserina, ou a Sonserina o muda? E o que, o que, realmente acontece naquela cena no cemitério abaixo do assustador brilho da Marca Negra? Algum dia, em algum lugar, acredito que escreverei o restante destas estórias, porque eu mesmo quero descobrir. E se o fizer, provavelmente compartilharei.

Provavelmente....

(Sorriso perverso)

G. Norman Lippert

27 de Junho de 2008